O
MINHO
PITTORESCO.

Ao seu bom
amigo o douto e pro-
ficiente medico
Dr. Antonio Elysio Teixeira
de Vasconcelos
off.
José Ferreira Soares

2 n 15
6.811.20

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

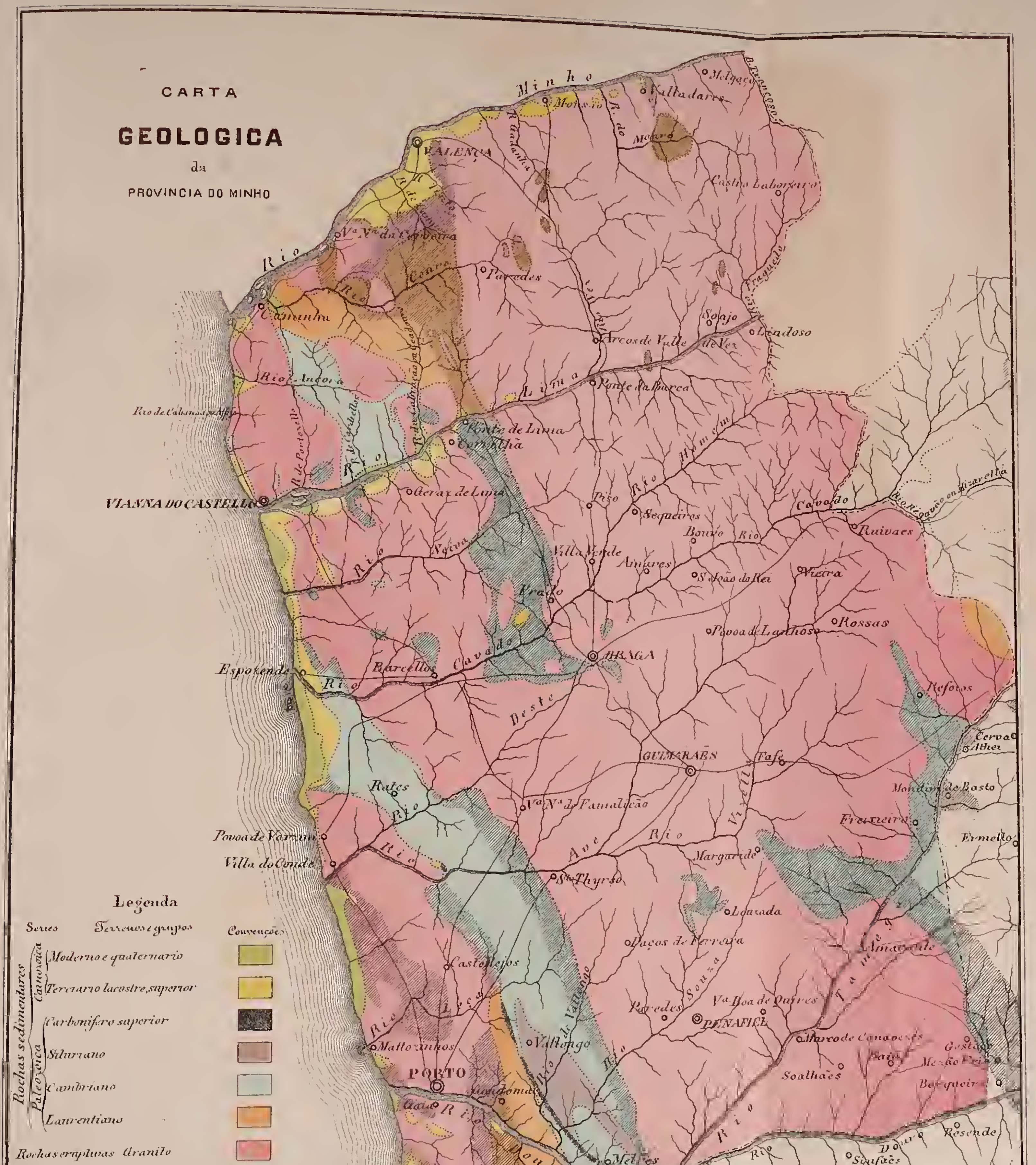
O MINHO PITTORESCO

*Edição de luxo,
illustrada com mais de tresentos desenhos
de João de Almeida,
gravados pelos mais celebres artistas nacionaes e estrangeiros:
magnificas estampas em chromo representando costumes:
e seis mappas da provincia,
(geologico, dos arvoredos e terrenos incultos, dos rios e montanhas,
e chorographicos do districto de Vianna, do districto de Braga
e do districto do Porto) expressamente gravados*

TOMO I

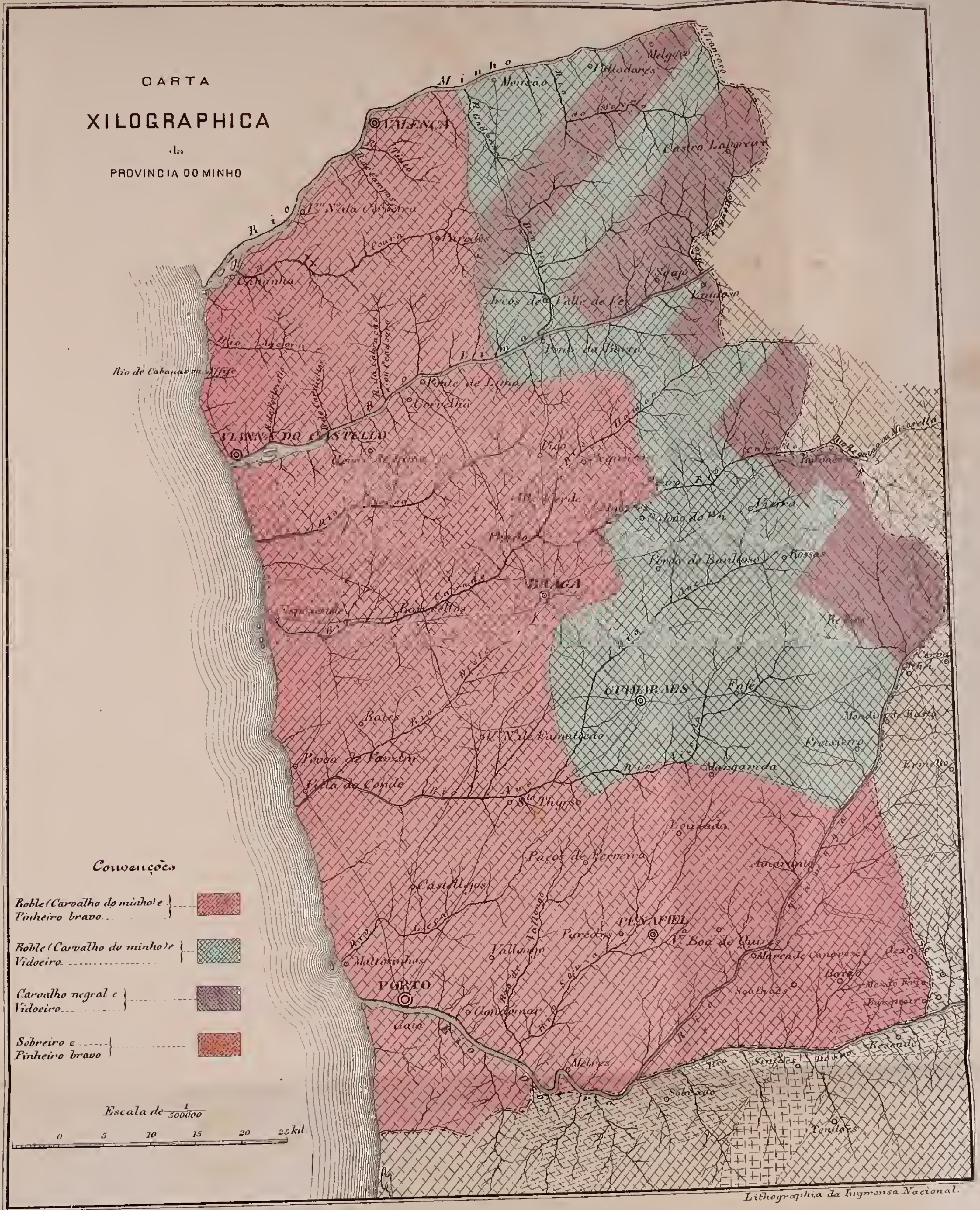
LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor
50 — RUA AUGUSTA — 52
1886

Typographia e Stereotypia Moderna, Apostolos, 11 — Lisboa



Samora, gr.

Lithographia da Imprensa Nacional.



Carvalho J.or gr.

Lithographia da Imprensa Nacional.

INTRODUCÇÃO

INTRODUCÇÃO

O Minho!

O jardim de Portugal!

Quantas vezes, leitor, tens tu ouvido designar assim essa formosa provincia, d'entre todas as suas irmãs a mais populosa e a mais activa, a mais pittoresca e a mais hospitaleira, seio uberrimo das tradições que individualisam uma nacionalidade, terra onde a vegetação é luxuriosa e onde os espiritos conservam as qualidades affectivas d'esse genio celta, que foi o nosso *fiat* genesico, e d'essa alma grega, que foi a nossa iniciação artistica.

Berço, onde se embalou a nacionalidade portugueza, o Minho tem sido o tabernaculo sagrado das nossas tradições ethnicas, subversivo e revolucionario no momento das grandes crises nacionaes, cultivador da terra na tranquillidade bucolica da paz, amoroso de raça, emigrador e fecundo por condições de meio.

Elisée Reclus na sua *Géographie Universelle* confirma com a sua auctoridade de distincto ethnographo estas qualidades brilhantes da raça do norte do paiz, quando escreve: — «Segundo o testemunho universal são os minhotos os melhores habitantes de Portugal, tanto pela sua doçura de caracter, como pela sua alegria e cordealidade; as suas danças e canticos fizeram já com que um auctor os houvesse comparado a verdadeiros pastores de Theocrito.»

«Tem-se observado ainda, — accrescenta o sabio francez, — que o exito das revoluções nacionaes e a fortuna dos partidos dependem principalmente da attitude tomada pelas energicas populações do Norte.»

Pela sua posição topographica e pelas suas condições de vegetação e de clima, de humidade do sólo e de hygrometricidade atmospherica, o Minho é como que um intensissimo viveiro da planta humana, fadado não só a assegurar a nossa missão colonial pela emigração, como a nossa independencia pela força numerica e pela da tradição.

Em toda a peninsula, é esta a provincia que maior contingente de emigrantes fornece, sendo curioso o facto, de que não só aqui, mas em todas as regiões europeas, fócos notaveis de emigração, as condições de constituição cosmica são analogas ás do Minho; o que leva bem a concluir, que emquanto esta formosa provincia tiver nas suas frescas montanhas e nos seus valles pittorescos esse determinismo physico de fecundidade, que a torna um viveiro humano, a nossa nacionalidade conservará a força viva da tradição e da lingua, e o povo portuguez terá na communhão luminosa do progresso o seu logar independente e honroso.

Por uma estatistica feita nos annos de 1872 a 1881 vê-se que o districto de Vianna deu 6:911 emigrantes, o de Braga 12:780 e o do Porto 31:840, ao todo 51:531, sendo 46:697 homens e 4:834 mulheres. D'estes emigrantes eram maiores de 14 annos 41:961 e menores 9:570, e dirigiram-se para a Asia 1, para a Africa 156 e para a America 51:374.

Elisée Reclus, diz ainda ácerca d'esta intensidade de população:

«Os habitantes da parte cultivada das bacias do Minho e Douro são muito numerosos, proporcionalmente á superficie do solo. Na provincia comprehendida entre os dois rios, a população é mesmo muito mais densa que na provincia limitrophe de Pontevedra, a mais rica em homens de toda a Hespanha. Se a França fosse relativamente tão povoada como a provincia do Minho, teria perto de 70 milhões de habitantes. Para encontrar n'este espaço estreito o alimento sufficiente, é preciso que os portuguezes do Norte trabalhem com muito zelo, e a sua provincia é com effeito a melhor cultivada da peninsula.»

O distincto sabio explica este facto pela razão de serem proprietarios quasi todos os minhotos, o que é verdade, pela dos *aforamentos*, o que nos parece de problematicos resultados, e por uma terceira razão, — a da transmissão da pro-

priedade a um filho unico, que indemnisa os irmãos por uma somma fixa,—antiga lei dos morgadíos.

«Graças a essa enfeudação do solo, escreve o geographo citado, quasi todos os valles e collinas da Lusitania do norte são cultivadas como um jardim.»

Um jardim, realmente, o Minho, alcandorando-se a nascente nas serras da Peneda, Gerez, Cabreira e Marão, por onde confina com Traz-os-Montes, e que como que o isolam do systema orographico continental, e quebrando-se, a occidente, na curva suave das planicies, contra a orla d'esse grande lago azul—o Atlantico, que o embala com o murmurio das suas vagas e lhe transmitte todas as suas qualidades de gentileza e de força, fadando esse povo para as luctas da vida e para os lances da aventura, communicando-lhe o sentir artistico e o bello instincto do amor. E como que não satisfeito ainda d'essa isolação, os rios Minho ao norte e Douro ao sul, separam-o, aquelle da Galliza e este da Beira-Alta, como se para a sua missão de colmeia humana as grandes correntes d'agua tivessem de ser o vehiculo appropriado para essa raça energica de aventureiros, cujo nome teria um dia de abrir-se a buril de ouro nas largas paginas da historia.

A historia do paiz...

A historia do Minho, póde dizer-se quasi, porque é d'este quadrilatero norte do territorio, que sae, mercê de condições ethnicas e politicas, a autonomia do velho condado portucalense, a qual principia a consolidar-se,—coincidencia gloriosa ainda,—no celebre recontro de Guimarães, entre os homens de Affonso Henriques e os de sua mãe D. Thereza.

Mas não é um facto isolado, que imprime de per si vida historica a uma nacionalidade que desponta; e não seria de certo esse encontro entre as tropas do filho revoltado e as da mãe ambiciosa, que marcaria a nossa iniciação historica, se as qualidades ethnicas, as condições de meio e as circumstancias de momento não houvessem de assignalar essa hegemonia politica. Foi o que succedeu então.

A largos traços esbocemos esse grande acontecimento, porque elle é só de per si a grande gloria historica da provincia, que vamos jornadear.

Está feita a erupção dos Pyreneos; e d'esse relevo orographico, que tanto ha de influir na vida da peninsula, destaquemos a parte que diz respeito á provincia.

Dos tres systemas orographicos de Portugal, o transmontano, o beirense e o transtagano, basta enunciar o primeiro para descrever a orographia do Minho.

As serras mais notaveis que n'elle se encontram, são: no Minho, Gerez, Peneda e Cabreira; em Traz os Montes, Marão, Larouco, Nogueira, Alturas, Cabreiro e Bornes. A orographia das duas provincias tendo intima ligação com a

orographia da Galliza, podem considerar-se as suas serras, como contra-fortes da de S. Mamede, ponto de ligação com a grande cordilheira dos Pyreneos asturianos.

Entre os rios Minho e Lima levanta-se a Peneda a 1:446 metros e prolongando-se para O. liga-se com as serras da Bolhosa e Arga, formando a divisoria entre as bacias d'aquelles dois rios.

A sul, entre o Cavado e o Lima, ergue-se o Gerez a 1:442 metros na direcção nordeste-sudoeste, indo ligar-se com as serras de Mourilhe e Larouco, em Traz-os-Montes, e despedindo um contra-forte, que com os nomes de Amarella, Oural, Nora, etc., divide as bacias dos dois rios.

A Cabreira, com 1:276 metros, unindo-se nas Alturas ao grande planalto de Barroso, e formando a divisoria das bacias do Cavado e Tamega, destaca tres contra-fortes: o primeiro dirigindo-se para Oeste com o nome de serra da Oliveira até ás nascentes do Deste, bifurca-se em dois ramos, um que segue para norte até ao monte de S. Felix, onde termina, separando assim as bacias do Cavado e Ave; o outro que segue para o sul, formando a serra da Falperra, entre o Deste e o Ave.

O segundo contra-forte dirige-se para SO., entre os rios Ave e o Vizella.

O terceiro vae para o sul fazendo a divisão hydrographica entre as bacias do Tamega e as do Ave e Souza; e com os nomes de serra do Crasto, Luzim, Mousinho, etc., termina sobre o Douro na confluencia do Tamega. Nas origens do Souza um contra-forte se destaca, alongando-se pela margem esquerda do Ave, até ao monte de Santa Eufemia, formando as serras de Barrosas e Citania, e limitando a sul a bacia do rio. De Barrosas um braço dirigido para SO. vae formar a serra de Vandoma entre os rios Souza e Ferreira; e da Citania um prolongamento com o nome de serra de Agrella dirige-se para a serra de Vallongo.

Tal é a orographia especial da provincia.

A sua hydrographia e a sua geologia, as suas arvores e o seu clima são outras tantas condições elementares, que temos de esboçar a largo traço para melhor comprehender a sua historia.

Ahi estão diante de nós essas largas fitas sinuosas, de cambiantes argenteos e esverdeados, desenrolando-se desde os flancos das montanhas até á arena immensuravel do mar; são os rios, os grandes e os primeiros amigos do homem, que iniciou com as suas aguas o seu baptismo de civilisação.

Ahi está o Minho, cheio de margem a margem e melancholico entre a sua longa fila de salgueiros; o Lima, sorrindo para as suas areias fulvas e para as suas paysagens buliçosas; o Cavado, sentimental como o sonho d'um lyrico; o Ave, gentil como uma noiva de vinte annos; o Douro, estuado como um trabalhador em lucta. E, depois, muitos outros pequenos cursos d'agua, uns affluentes,

outros gosando da sua pequena independencia de bacias littoraes e vindo directamente beijar o Atlantico, como são o Ancora, o Neiva, o Leça.

Cada um de per si:

BACIA DO MINHO.—Contorno: Serras da Peneda, Corno de Bico, Arga e monte do Faro; superficie da bacia (em Portugal) 871^{kq},87.

Curso.—Desce dos montes Cantabricos na Galliza, entra em Portugal acima de Melgaço, banha Monsão, passa entre Valença e Tuy, costeia Villa Nova da Cerveira e entra no Oceano perto de Caminha, tendo percorrido 236 kilometros, 65 dos quaes em Portugal e d'estes navegaveis 40 de Monsão para baixo. A direcção é de NE. para SO.

Affluentes.—O principal é o Coura, que desde da serra de Bico e termina junto de Caminha.

BACIA DO LIMA.—Contorno: Ao norte é formado pela mesma linha divisoria do rio Minho até á serra de Arga e d'esta até ao Oceano pelas serras de Perre e Santa Luzia; ao sul pelas serras da Amarella, Nora e Faro.

Superficie em Portugal 1:034^{kq},37.

Curso.—Nasce em Hespanha na serra de S. Mamede, entra em Portugal pouco acima de Lindoso, banha Ponte da Barca, Ponte de Lima e Vianna do Castello junto á sua foz. Começa a ser navegavel em Ponte da Barca pelo espaço de 37 kilometros. O seu curso é de 110 kilometros, dos quaes 58 em Portugal com a direcção NE. a SO.

Affluentes.—O mais notavel é o Vez, que desce da serra da Peneda, passa junto dos arcos de Valle de Vez e termina em frente da Ponte da Barca.

BACIA DO CAVADO.—Contorno: E limitado ao norte pelas serras de Oural, Amarella, Gerez, Mourilhe e Larouco; ao sul pelo planalto de Barroso, serra da Cabreira e Oliveira, alturas de Braga, serra de Airó e collinas até Fão.

Superficie da bacia 1:587^{kq},50.

Curso.—Nasce na serra de Larouco, na raia, corre junto a Montalegre e Barcellos e entra no Oceano formando o porto de Esposende. O seu curso é de 100^{k}, sendo 12 navegaveis. A direcção é a de NE. a SO.

Affluentes.—Rabagão, na margem esquerda, vindo do planalto de Barroso; e Homem, na margem direita, nascendo na serra do Gerez e confluindo no Vau de Bico.

BACIA DO AVE.—Contorno: Ao norte, desde o monte de S. Felix até á serra da Cabreira, tem a mesma divisoria do Cavado; a leste e sul os contra-

fortes da serra da Cabreira até Margaride, e serras de Barrosas e Citania até ao norte de Santa Eufemia.

Superficie da bacia 1:368^{kq},12.

Curso. — Nasce na serra da Cabreira, banha Santo Thyrso, e termina no Oceano junto a Villa do Conde, tendo percorrido 73 kilometros, e sendo apenas navegavel proximo da sua foz. Tem duas direcções principaes: uma de NE. a SO. da origem até á confluencia com o Vizella; a outra de E. a O. d'esse ponto até á sua foz.

Affluentes. — Vizella, na margem esquerda, começa na serra de Cabeceiras, e passa perto de Vizella; Deste, na margem direita, nasce na Falperra, banha os campos de Braga e termina defronte da Retorta.

BACIA DO DOURO. — *Contorno:* Em Portugal abrange, á direita, quasi toda a provincia de Traz-os-Montes e é limitada a NO. pelas alturas do Porto, serras de Vallongo, Agrella, Citania e Cabreira e planalto de Barroso. Á esquerda, é limitada por uma das principaes linhas orographicas da Beira, formada pelas serras de Mezas, Malcata, Sortelha e Fragas até á Guarda, na serra da Estrella, e pelas de Trancoso e Aguiar, planalto de Ferreira, serra da Freita e collinas da Feira até á serra de Santo Ovidio.

Superficie em Portugal 18:758^{kq},06.

Como o seu curso, sob o nosso ponto de vista, não necessita descrever-se, basta dizer que navegavel já, quando entra na provincia, recebe n'esta os dois

Affluentes: o *Tamega,* que entra em Portugal, fertilisando a bella veiga de Chaves, passa em Mondim de Basto e Amarante, e conflue no ponto de Entre-os-Rios; e o *Souza,* que nasce no planalto de Felgueiras, passa entre Penafiel e Paredes e termina na foz-Souza.

Estes os rios principaes, os grandes estuarios, em que a vida mais se condensa; outros porém, que mencionámos já, vão directamente ao mar, e são:

Entre a foz do Minho e do Lima, o *Ancora,* que nasce da serra de Arga e termina em Gontinhães, freguezia de Ancora, uma das mais formosas praias portuguezas.

O *Neiva,* entre Lima e Cavado, nascendo na serra do Oural.

O *Leça,* que nasce na Citania, e termina entre Mattosinhos e Leça da Palmeira.

Á hydrographia dos rios segue naturalmente a hydrographia da costa.

É facil esse esboço, leitor.

Uma chalupasita a vapor espera-nos a ambos, ali, ao norte, frente a Caminha, embalada pelas aguas d'esse rio, que tira, ou que dá, o nome á provincia.

Á direita, a ponta da Barbella fica-nos já em territorio de Hespanha, dominada pelo monte de Santa Tecla, emquanto á esquerda a ponta do Cabedello, arenosa, nos leva foz em fóra, tendo o rio entre ambas a largura de 250 metros.

A costa segue até á Ponte Ruiva, a 300 metros da qual ficam os ilhotes denominados Insua, separados por um estreito canal chamado Travesso, ou Carreiro Gallego.

É a nossa primeira vedeta maritima esse punhado de terra coroado por uma fortaleza em ruina, sobre cujas ameias a bandeira portugueza tremúla, confiada a uns pobres velhos militares reformados.

Sigamos, que ali está a pequena ribeira do Ancora, beijando os pés a uma povoação pittoresca e logo a ponta do Monte Dor, formando restinga e depois a costa plana, chã, até Vianna, flanqueada sempre pela serra de Santa Luzia.

Estamos em frente do Castello e as aguas do Lima apparecem.

A sua foz conta na baixamar 90 metros de largura entre o Bugio, na ponta do paredão norte e o Cabedello ou ponta sul, e 300 metros na preamar. A barra abre ao SO. e tem a profundidade 3,3 nas maiores baixamares. Da ponta do norte sae uma restinga de pedras, que abriga o canal e na qual ha duas estreitas passagens, a que chamam as Portas.

Depois a S.17.°E. a costa segue até á foz do Neiva, 5 milhas a sul da barra de Vianna, sendo quasi toda de praia de areia, havendo porém alguns recifes de pedras.

Mais 4,3 milhas a sul, a barra de Esposende abre-se a pequenas embarcações. Ao sul da barra e ao longo da costa descobrem-se as restingas de pedra, conhecidas pelo nome de *Cavallos de Fão.*

E vae seguindo a orla até á ponta de areia, em que fica a pequena povoação de Abramar, voltando depois para S.30°E. até á Povoa de Varzim, onde uma pequena enseada serve de abrigo aos numerosos barcos de pesca da localidade.

Tres milhas a sul a foz do Ave recebe navios de pequeno lote e d'ahi a costa segue formando as celebres praias de Pampelido e Mindello, até á pequena abra da Senhora da Boa Nova, onde os barcos de pesca encontram algumas vezes abrigo, abra sobre que fica eminente o penhasco cortado a pique da Senhora da Boa Nova, cuja capella alveja no alto do rochedo.

Da capella até á foz do Leça a costa é de rochas baixas e praias de areia, e assim continua até á barra do Douro, havendo apenas a uma milha de distancia os recifes de Leixões, onde hoje estão postas as esperanças da segunda cidade do reino, attendendo a que d'um porto ahi em formação resultará a sua grande prosperidade maritima, visto que a barra actual, apezar de muito desobstruida das perigosas pedras que tanto lhe difficultavam o accesso, é ainda incapaz pelas suas pessimas condições de dar entrada a navios de alto bordo.

Chalupa ao caes, que é tempo de conhecer de perto essa indistincta massa confusa, cujos contornos apenas tivemos ensejo para esboçar.

Geognosticamente o Minho é, á excepção de tres faxas de schistos dirigidas proximamente de NO. a SE., uma terra plutonica, uma grande massa de

granito, de variedades differentes. O porphyroide é o mais abundante e fórma a longa faxa oriental da provincia desde o rio Minho até ao Marão, passando pelos Arcos de Valle de Vez e Guimarães, até se internar em Traz-os-Montes. Na Peneda e Valle do Cavado encontra-se um granito fino com mica preta; e no monte do Airó um granito de mica branca, muito empregado nas construcções em Braga. No Gerez o granito apresenta uma fórma de transição para as pegmatites, e encontra-se ahi uma variedade com feldspatho côr de rosa.

Na parte occidental do baixo Minho ha uma faxa de granitos e gneiss, desde a Povoa de Varzim até ao Porto, prolongando-se ainda para o sul do Douro até Grijó. O resto da provincia é formado pelos schistos mais ou menos modificados pelas erupções graniticas e dioriticas.

Das tres faxas schistosas, a mais septentrional começa em Braga, passa em Ponte de Lima, e alargando successivamente, estende-se d'um lado até Caminha e do outro até Valença, circumdando o pequeno retalho granitico da serra de S. Paio na margem do Minho.

A mais occidental começa ao norte de Esposende, passa por Vallongo, e atravessando o Douro vae encostar-se á grande massa granitica da Beira.

A ultima, um pouco central, começa nas terras de Basto, no valle do Tamega e segue para o Marão.

A faxa occidental, formada de schistos do terreno silurico superior, inclue ainda uma outra estreita faxa de schistos, psammites e conglomerados da serie carbonifera, com depositos de hulha, faxa que se prolonga com varias interrupções, pela Beira Alta até ao Bussaco.

Os caracteres climatologicos e agricolas subordinam-se fatalmente ás condições de terreno, que havemos descripto. A proximidade do Oceano, a constituição geologica, o abrigo das serras dão ao Minho um clima temperado, e necessariamente humido. O posto meteorologico do Porto fornece-nos as seguintes indicações geraes: Pressão media, 754,72. Temperatura media, 15,66; chuva, 1.523,1; humidade relativa, 75,8; numero de dias de chuva, 114,7. O numero medio annual de dias de nevoeiro é de 37,5; de neve ou geada, 0,3; de trovoada, 3. As medias do ozone são: no inverno, 3,8; na primavera, 4,1; no verão, 3,5; outomno, 3,9. Os ventos dominantes são: no inverno, E. SE. S. SSO. ESE.; primavera, NO. O. SO. N. NNO.; estio, SO. NO. NNO. N. ONO.; outomno, O. SO. E. SSO. NO. A tensão media do vapor atmospherico é a seguinte: inverno, 8,14; primavera, 10,21; estio, 14,63; outomno, 11,58.

É, pois, essencialmente um clima temperado e humido, o que deve constituir o determinismo d'essa fecundidade animal, que já fizemos sentir, e da grande fecundidade vegetal, que a sua flora nos vae patentear.

Como região agricola o Norte é sobretudo caracterisado pelo centeio e milho; pela vinha, que não chegando a amadurecer completamente o fructo, ou me-

lhor que abeberada pela humidade do solo, o acidifica e torna d'um paladar picante, e produz os famosos vinhos verdes de Monsão, Amarante e Basto; pela larangeira, que nos valles do Lima e Cavado se desenvolve bem; e sobretudo pelo roble *Quercus Robur*, o carvalho de folha lisa com fundos recortes, a que a vinha se enlaça em vistosos pampanos, e pelo pinheiro, o *Pineus Pinaster*, as duas essenciaes arvores florestaes da provincia.

Mas além d'estas, que predominam e que formam por assim dizer o relevo xilographico, a cultura tem tornado numerosissimas todas as arvores fructiferas, taes como o pecegueiro, a pereira, a macieira, a cerejeira, a ameixieira, etc., de que ha infinitas variedades.

Como fauna especial da provincia pouco temos a notar; ainda assim um mammifero gentil e elegante destaca entre todos os que povoam as serras e as florestas do Minho; é a cabra do Gerez, typo infelizmente hoje quasi extincto.

Dos habitantes dos rios apenas o salmão se faz notar por apparecer unica e exclusivamente nas aguas do Minho, do Lima e Cavado.

Eis ahi fica o meio.

As condições cosmicas estão agrupadas para que o homem appareça; a vida historica principia pois; e a historia do Minho, dissemol-o já, não é senão a primeira pagina gloriosa da historia do paiz.

Determinando os elementos da nacionalidade portugueza, o sr. Theophilo Braga, um dos nossos mais eruditos escriptores criticos, escreve na *Revista dos Estudos Livres:* «O primeiro facto que resulta das explorações geologicas, é que o territorio de Portugal, e consequentemente da peninsula, teve habitantes anteriormente a todas as invasões de outras raças asiaticas, que penetraram e se estabeleceram na Europa. Pelas camadas geologicas em que se acham as ossadas e pela sua fórma anatomica, se restabelece a historia d'essa raça, que as invasões proto-aricas e indo-europeas não destruiram, mas com as quaes se assimilaram, como affirma Broca e outros eminentes anthropologistas. O que os estudos anthropologicos fazem ainda concluir tambem é, que duas raças diversas, de differença craneana, vieram uma do norte da Europa para o seu centro, outra do norte d'Africa para a orla occidental. Essa differença persiste nas raças da peninsula entre o euskariano e o ibero, e principalmente no caracter dos monumentos ante-historicos.»

O nosso paiz não deixou de conhecer essas duas raças differentes e naturalmente o norte foi primitivamente invadido pela que vinha em marcha do centro da Europa, o sul pela que atravessara o Mediterraneo. A archeologia prehistorica confirma-o; assim é que as achas de bronze são muito aperfeiçoadas no Minho, tendo anneis e meia canna na parte superior, ao passo que no Alemtejo são simples e no Algarve raras.

Do cruzamento d'essas raças resultou uma civilisação rudimentar, em que

se manifestaram certas aptidões artisticas, que mais tarde se desenvolveram sob a influencia romana, como se prova pelas estatuas de pedra achadas em Lezenho (Traz-os-Montes), Vianna do Castello e Galliza.

Para o nosso ponto de vista de historia local, essa civilisação rudimentar é a primeira pagina gloriosa da provincia, visto que não só as ossadas demonstram a superioridade craneana da raça do norte, como ainda os seus productos artisticos revelam a sua maior capacidade intellectual. O escriptor a que nos referimos accrescenta: «A parte mais rica de monumentos prehistoricos é o Minho, que apresenta além de numerosissimos vestigios da epocha de pedra polida, as duas chamadas Citanias de Briteiros e de Sabrosa, desde longo tempo conhecidas; Contador d'Argote considerava-as como construcção arabe, fazendo-se echo do preconceito popular, que considera todos os vestigios archeologicos do passado, indistinctamente, como do *tempo dos mouros*.

«O norte da peninsula hispanica foi o ponto de entrada d'uma outra raça mais civilisada, o euskariano; ou pelo menos, o contacto do norte da Hespanha com os iberos da Italia e sul da França, pelo triangulo da Aquitania, como explicam Broca e outros anthropologistas, estabeleceu uma communhão de progressos, que se revelam na grande resistencia dos aquitanos contra as invasões das raças aricas na Europa occidental, e mais tarde na simultaneidade do desenvolvimento das tradições poeticas provençaes na França meridional, Italia e Galliza. É tambem por estes precedentes que a Galliza foi o principal fóco de cultura durante a edade media na Hespanha, e que no seu territorio se manifestaram as tendencias de autonomia social, que determinaram o momento historico da formação da nacionalidade portugueza. Esta differença ethnica, que observamos no solo ante-historico de Portugal, leva a dividil-o em duas zonas, uma verdadeiramente *gallíziana*, desenvolvida pela entrada dos ramos aricos, sendo os luzitanos os primeiros representantes d'essa migração; e outra *algarvia*, que se desenvolveu precocemente pela vinda dos phenicios á exploração metallurgica, e constituiu ao sul do territorio, que veiu a ser Portugal, a notavel civilisação bastulo-phenicia.

«Ao norte da orla maritima estabeleceram-se colonias gregas, emquanto que ao sul se fixavam colonias lybio-phenicias. A Beira era o ponto de contacto e é por isso que todos os antigos escriptores consideravam a Beira como, por assim dizer, o centro dos costumes nacionaes e das tradições portuguezas e da vernaculidade da linguagem, ao passo que a organisação do facto politico da nova nacionalidade só começou proximo do rio Minho, isto é, na Galliza.»

Deixando o estudo, aliás curioso, de todos os nossos antepassados iberos, celtas, etc., o que é verdade é que a fusão das raças se foi pouco a pouco estabelecendo e quando as invasões posteriores dos romanos, dos wisigodos, dos arabes se succederam, uma confusão maior se fez ainda, sem que todavia se extinguissem de todo os vestigios das cepas primitivas, vestigios que a provincia do

Minho mais que nenhuma outra conservou e que são, por assim dizer, o esqueleto em que se veste a carne do nosso viver nacional.

D. Antonio da Costa, um escriptor moderno e primoroso, diz no seu livro *No Minho*, fallando dos montanhezes do Soajo: «Na serra da Amarella se apascentam de maio a agosto os gados dos habitantes em commum, substituindo-se de tres em tres dias os pastores, tirados de cada familia, para vigiarem o gado e o livrarem das féras.» E mais abaixo: «As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas familias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa executa-as de um ao outro extremo a communidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão.» Áparte umas pequenas incorrecções, que em outro logar d'este livro teremos de rectificar, quem não vê n'esses factos e n'outros do mesmo genero, que na provincia superabundam, a tradição ethnica transmittida de herança em herança desde o celta que teve a vida da tribu até ao lavrador da actualidade, que ainda em commum executa os seus mais importantes trabalhos, como as beçadas, os linhares, as esfolhadas, etc.?

A verdade pois é que n'esse tempo ante-historico o nosso baptismo de civilisação principiou pelo norte do paiz, do que são prova, além da ethnographia, as ruinas de Citania entre Guimarães e Braga, e outras que teremos occasião de visitar.

As successivas invasões adiantaram e desenvolveram esses rudimentos primevos; e, quanto ao Minho, o facto que citamos já, e que o nosso grande historiador Herculano refere, de se terem estabelecido nas fozes dos seus rios importantes colonias gregas, deixa prever que o cruzamento de raças impulsaria essa civilisação, dando aos habitantes d'esse ponto qualidades superiores para a grande lucta pela vida.

É um facto notavel ainda hoje o da belleza esculptural das mulheres da orla maritima da provincia, nomeadamente as de Vianna, Maia até Aveiro, e é de certo a esse cruzamento tambem, que a aptidão artistica dos minhotos é devida, especialmente a d'aquelles que demoram pela beira-mar. Um pequeno trabalho de estatistica, incompleto, feito por nós mesmo, demonstrou-nos que quasi todos os nossos architectos, mestres d'obras, esculptores, estucadores, que trabalham actualmente nas duas capitaes do paiz, procedem de familias originarias d'esses pontos do norte, onde a historia diz terem existido as colonias gregas.

É uma aptidão aliás que os proprios estrangeiros confessam, como fez o grande artista Roquemont, e mais o critico Raczinscky, que diz ter observado quanto o povo do norte de Portugal se distingue pelo seu genio architectonico, o que elle attribuia ao facto geologico da abundancia da pedra.

Ahi, pois, onde o elemento arico predominava, ahi devem buscar-se as causas da nossa precoce aggregação nacional e é significativo o facto de todos os geographos antigos traçarem como limite sul da Lusitania as margens do rio Douro.

Em vista d'esse predominio do elemento arico, caracterisado segundo Renan pela capacidade de organisação social, comprehende-se como o conde D. Henrique pôde appropriar-se de todas essas forças a que faltava apenas a cohesão do momento e por meio d'ellas estabelecer a independencia do condado de Portugal.

«A população da Beira, diz o sr. Theophilo Braga, sendo realmente um solido nucleo de differenciação nacional, só veiu a constituir um estado pela iniciativa de Entre-Douro e Minho, o centro incontestavel d'onde irradiou a independencia patria.» Desde esse facto, que marca o inicio da nossa vida independente, a historia do Minho é a historia corrente do paiz.

Quizemos apenas, esboçando as suas origens prehistoricas a largos traços, affirmar esse caracter de raça, que ha de explicar-nos ainda tantos outros factos sociaes, como nos explicou a organisação definitiva das tendencias autonomicas, que no seculo XII se tornaram um grande facto historico.

As paginas gloriosas, que a historia da provincia nos offerece depois da separação do condado portucalense, como ainda as que pertencem a periodos anteriores e que não tivemos ensejo de esboçar, havemos de uma vez por outra enquadral-as nos brazões fidalgos das localidades que formos percorrendo, e a quem mais de direito pertencem.

Para historia geral da provincia cremos que não são poucos os florões, com que lhe temos engrinaldado os largos porticos. Umas noticias ainda sobre a sua geographia politica para empunharmos com segurança o bordão de viajante,—o unico e singelo bordão a que nos pretendemos apoiar n'esta peregrinação de *touriste* atravez da formosissima provincia. Porque, digamol-o antes de encetar as nossas jornadas, não é outro o intuito da presente publicação senão este de percorrer canteiro por canteiro o grande jardim de Portugal, colhendo de cada um a nota que nos parece mais interessante e mais adequada, ou seja sob o ponto de vista da arte, da paysagem, da historia, como da ethnographia, da estatistica, etc., mas sem que tenhamos a respeito de qualquer a velleidade de tentar resolver problemas, que só aos eruditos pertencem e que só em livros de outro genero se podem desenvolver com profundeza.

Comprehendendo as nossas excursões todo o antigo territorio de Entre-Douro e Minho,—o que constitue verdadeiramente a «provincia»,—n'este trabalho incluiremos por isso o districto administrativo do Porto, embora hoje o Minho seja considerado apenas o territorio dos districtos de Vianna e Braga.

Cada um dos concelhos respectivos constituindo um capitulo em separado d'este livro, no fim de cada um apresentaremos a sua divisão em freguezias e distribuição de logares, com todas as notas estatisticas da sua população.

No momento actual basta que apresentemos, segundo o censo de 1878, a estatistica geral da população de cada um dos districtos.

DISTRICTO DE VIANNA

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
98:444	114:136	212:580	53:979

DISTRICTO DE BRAGA

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
149:720	180:391	330:111	80:391

DISTRICTO DO PORTO

VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
219:655	253:048	472:703	113:802

O que dá para somma total de população da provincia 1.015:394 habitantes, sendo 467:819 homens e 547:575 mulheres.

Como se vê, o sexo fragil predomina e é devido a isto que o trabalho dos campos é feito no Minho em grande parte pela mulher, a quem a lucta pela existencia torna necessariamente laboriosa.

O algarismo total da população da provincia, n'um paiz de 4.348:551 habitantes, é realmente a grande caracteristica do Minho, que só de per si contribue com a quarta parte para o recenseamento geral.

Um viveiro da planta humana, na verdadeira accepção da palavra!

«E se o mundo, como diz D. Antonio da Costa, não é outra coisa mais que a população, se é a ella que deve a sua existencia, a sua felicidade, o seu progresso, a sua civilisação, a sua vida emfim multiplicada em milhares de ramos», ao Minho, á formosa e fecundissima provincia, deve naturalmente o paiz a maior contribuição da sua autonomia. Poder-lhe-hão outras dar maior riqueza; nenhuma lhe dá mais generosamente o seu sangue. Que, não é ainda assim a provincia aquella que menos concorre para a prosperidade da nação, pois todo esse formigueiro humano se entrega decididamente ao trabalho, se devota laboriosamente á cultura da terra e ao desenvolvimento da industria.

Deixando para cada um dos concelhos, que formos percorrendo, a nota esta-

tistica da sua producção mais activa, ou da sua industria predominante, apenas algumas palavras proferiremos ácerca da agricultura da provincia, attendendo a que é sobretudo este ramo do trabalho humano o que o minhoto cultiva com mais interesse e com mais amor.

«O solo bastante accidentado da provincia, diz o sr. Pery na sua *Geographia*, a que nos temos soccorrido para estas largas notas de proemio, é, na maior parte, proveniente da decomposição dos granitos. O terreno cultivado é portanto arenoso, contendo os elementos do feldspatho e da mica, á excepção de algumas terras anateiradas das estreitas varzeas que orlam as margens das ribeiras.

A cultura estende se pelas encostas dos montes e serras, até onde a penedia lhe não oppõe barreira insuperavel. Póde dizer-se que n'esta rica provincia todo o terreno aravel está submettido á cultura. O resto ou é rocha nua, improductiva, ou maninhos que o lavrador aproveita na producção dos mattos para o fabrico de estrumes, e na pastoreação do gado miudo.»

As irrigações são feitas por levadas ou galerias abertas nos flancos das montanhas. É ahi que o lavrador minhoto dispende o seu capital, e são as irrigações tambem a materia que mais contingente dá á criminalidade da provincia, visto que a agua é disputada sempre palmo a palmo, e... quantas vezes marmelleiro a marmelleiro.

Laborioso e assiduo, o minhoto cultiva a terra com uma grande sollicitude amorosa, e o seu systema de cultura seria o melhor do paiz, se a esses extremos de cuidado correspondesse a perfeição dos processos modernos e o emprego das machinas agricolas, com uma instrucção pratica bem diffundida, e sobretudo intelligentemente adequada á cultura local, visto que a grande divisão da propriedade no Minho, que o fôro esgota ainda como um cancro economico, obsta ao emprego de recursos faceis em outros pontos do paiz.

Um dos ramos que vae adquirindo largo desenvolvimento é o da creação e engorda do gado bovino; mas n'isto mesmo, quantos esforços mal dirigidos e quanto mal comprehendida é a economia agricola.

A vinha cultiva-se hoje mais intensamente; predomina o systema das *latadas* e o das *uveiras*, ou arvores a que os pampanos se enlaçam, segundo o antigo processo romano, e a que se chama na localidade a *vinha de enforcado*.

Paremos.

Como n'um vôo de phantasia perpassou diante dos nossos olhos, emmoldurada na fugitiva linha da sua viridente paysagem, a perspectiva encantadora, ao mesmo tempo historica e pittoresca, d'esse jardim de Portugal. É tempo de percorrer as suas aleas, de examinar canteiro por canteiro, de escutar os segredos das suas florestas, ouvir o murmurio dos seus rios, os canticos das suas aves, as tradições do seu povo, a historia dos seus monumentos.

De norte a sul.

DISTRICTO
DE
VIANNA DO CASTELLO

MELGAÇO

Uma choça em Castro Laboreiro — Desenho do natural por João de Almeida

—◇—

Um velho burgo feudal, que se transforma, á força de desejar a luz fecundissima da civilisação. Aquella torre de *menagem,* erguida como recordação do passado no meio das muralhas em ruina e das casarias, que affloram á côr do branco, tem ainda um aspecto de rude tristeza selvagem; é triste, e é forte, como um antigo guerreiro da Lusitania. Olhando para essa fita de macadam que lhe chega do sul, e para essas tiras d'aço da via ferrea, que vê desenrolar-se na margem gallega, dir-se-ia que ella sonha talvez com as escaladas nocturnas, as luctas peito a peito, os combates singulares da edade medieval, o scintillar coruscante das armaduras dos guerreiros.

E comtudo, quando avistamos de longe o seu vulto sombrio e glorioso, erguendo-se altivo por sobre a povoação, a nossa pupilla fixa um ponto branco nas suas ameias, como bandeira de paz, que substituiu os estandartes da guerra.

—É um marco geodesico,—verificamos quando chegamos perto,— isto é, um padrão que attesta o trabalho moderno da sciencia, mas que os

angulos da torre sustentam, sem manifesto ciume do seu passado de luctas. E eis ahi o que é Melgaço:—a vontade firme de progredir com o desejo de conservar as suas tradições honrosas, de que essa torre, melhor que nenhum outro monumento, representa o symbolo aos olhos dos contemporaneos.

Collocada no centro d'um amphitheatro de verdura, onde a vinha enche com a sua côr de esmeralda clara quasi todas as bancadas, d'esse logar avistam-se as freguezias do concelho, que se estendem pela ribeira Minho e cujos campanarios recortam, com as suas arestas pittorescas, a espessura dos arvoredos. Ao sul, a montanha como que nos dá ainda a sua sombra fresca; e em baixo, ao norte, na garganta das collinas, o Minho vae açodado, espelhando apenas um ou outro sorriso, quando vê na margem um esboço de planicie namoral-o com a sua inclinação de leito suave, que o convida a descançar um pouco.

A encosta gallega com as suas vinhas, as suas arvores, os seus casaes, as suas torres desmoronadas e vicejantes de hera, o anil recortado do alto das suas montanhas succedendo-se em gradações insensiveis, completa a paysagem, tão bella nas suas linhas simples, tão formosa na sua melancholia fugitiva.

De fundação antiquissima Melgaço, ignora-se quem fosse o seu primeiro fundador e qual fosse tambem o seu primeiro nome; sabe-se apenas que os arabes, se não os romanos, tiveram aqui uma fortaleza consideravel, chamada o *Castello do Minho,* que era já ruinas no tempo do conde D. Henrique.

Modernamente, a sua fundação é coeva do principio da monarchia portugueza e foi Affonso Henriques que a ella procedeu, em 1170, como se vê d'uma inscripção na porta do norte da actual muralha, sendo todavia a torre e fortaleza mandadas edificar por D. Pedro Pires, prior do mosteiro dos cruzios de Longosvalles, e á sua custa, como diz D. Sancho I na carta de couto que deu ao convento em 1197.

D. Diniz ennobreceu tambem Melgaço com a cinta de muralhas, de que hoje ainda se encontram os vestigios e que eram de pouco mais de dois metros de altura.

O primeiro foral foi dado á villa por D. Affonso Henriques em 1181, dando já então aos seus moradores a aldeia de Chaviães. Este foral foi, em S. Thiago, confirmado por D. Affonso II em agosto de 1219; e, pela segunda vez, em Guimarães por D. Affonso III a 9 de fevereiro de 1261. Este mesmo rei lhe concedeu ainda outro foral, em Braga, a 29 de abril de 1258 e novo foral lhe deu mais tarde em Lisboa D. Manuel a 3 de novembro de 1513.

A villa actual entra decididamente no caminho da civilisação.

A estrada, que a liga a Monsão e Valença, é hoje a sua principal arteria, mas os melgacenses desejam ainda, e com justiça, que as povoações que lhe ficam mais a norte como são S. Gregorio, por um lado, e Castro Laboreiro, pelo outro, communguem egualmente no grande banquete de progresso e luz, a que teem direito.

Pobres parias os tristes filhos da serra, para chegar aos quaes urge atravessar as mais desabridas montanhas, por caminhos intransitaveis, espiados pelos olhares cubiçosos dos lobos, que são os unicos guardas campestres d'aquelles solitarios terrenos.

Melgaço possue um hospital em condições muito regulares e ha pouco tempo tambem concluiu o seu cemiterio. A linha telegraphica foi inaugurada no meio do maior regosijo em novembro de 1874. Comprehendia o antigo e glorioso burgo a importancia d'essa via de communicação, que o relacionava com o mundo inteiro.

Hotel, em Melgaço, escusas de procural-o, meu amigo; o proprietario da Hospedaria Melgacense, entendeu e entendeu bem, que não precisava abastardar a lingua patria com mais um gallicismo inutil para baptisar a sua casa de hospedes. Podes todavia entrar sem receio n'essa hospedaria honesta e limpa, porque, se te falta na taboleta o sabor francez da palavra *Hotel,* não te faltará em compensação á meza o sabor dos appetitosos bifes de presento que ali te servem, como um prato especial da terra!

O presunto de Melgaço!

Que epopeia seria necessaria para descrever-lhe o paladar fino e delicado, o aroma gratissimo, a côr de rosa escarlate, a frescura viçosa da fibra!

Houvera-o provado Brillat-Savarin com aquella boa vontade de almoçar que eu e os meus companheiros de viagem levavamos depois d'uma alta madrugada com boas oito horas de trabalho e marcha, e a sua *Physiologia do gosto* teria hoje de certo o mais succulento e o mais brilhante de todos os seus capitulos!

Alimento solido e forte, puxavante do verde, que na localidade não tem já o avelludado de Monsão, o presunto de Melgaço, conhecido em todo o paiz, é por assim dizer a synthese da physiologia local.

Valido, robusto, agil, com o sangue puro bem oxygenado a estalarlhe nas bochechas rosadas, o melgacense genuino destaca-se dos habitantes dos outros concelhos proximos, a ponto de ser entre estes vulgar a phrase de:—Ter cara de presunto de Melgaço—quando se falla de alguem com as boas côres da saude.

Apezar, porém, de todas as tuas deliciosas qualidades, ó appetitoso quadril suino, força é esquecer-te, como a todas as cousas boas ou más d'este mundo, a fim de nos bifurcarmos no sellim duro dos magros rocinantes, que á porta da hospedaria nos esperam para nos conduzir a Castro Laboreiro.

*
* *

Eram meus companheiros de excursão João de Almeida, o artista que illustra o maior numero das paginas d'este livro e Abel Seixas, aspirante da alfandega de Vianna, então licenceado e conhecedor pratico da localidade, porque na delegação de Melgaço havia feito serviço.

O guia, calçado com os grossos tamancos, cujo specimen se encon-

Tamancos de Melgaço — Desenho do natural por J. de Almeida

tra na gravurasinha de texto, ia secundado por um valente rapazito, que teve a audacia de aguentar a pé a ida e a volta, para se não separar do cavallito rinchão que nos havia alugado.

O dia, não obstante estarmos em pleno verão, apresentára-se um pouco fresco, o que nos animava á longa caminhada através das asperezas da serra.

— Tres leguas, — nos dizia o guia, que tinhamos a percorrer, mas se tu sabes, leitor, o que são as antigas leguas da provincia, podes bem calcular, que teriamos pelo menos na nossa frente uma distancia de 25 kilometros por detestaveis veredas!

A ascensão principia logo ao sahir de Melgaço, amenisada na encosta pela frescura viçosa do arvoredo, arida e fatigante depois que se está em plena serra.

Atravessamos o pittoresco logar de Cavalleiros, onde existe a capella

da Senhora das Dores, cuja festa se realisa em setembro, e que domina um pequeno mas formoso valle, e assim vamos caminhando, levando á esquerda a montanha, e á direita os pequenos taboleiros arrelvados, que descem até ao regato de Souto dos Loiros, sobre cujas margens se levantam frondosos soutos de castanheiros. Passamos em Cabana e vêmos na baixa as pastagens de Lobió, d'um verde esmeralda macio e tenro.

Estes logares pertencem a *ROUSSAS*, cuja parochial egreja nos fica á direita.

Egreja de Fiães, segundo um «croquis» do sr. José Pedreira

Roussas era padroado da antiga casa do Paço de Roussas e no logar —chamado do *Paço*— se vêem ainda as ruinas do antiquissimo edificio, em parte ainda hoje habitado. Este padroado passou depois para Manuel Pereira (o mil-homens) de Monsão e o solar para os Castros de Melgaço, e mais tarde para os arcebispos de Braga.

O territorio da freguezia abrange 7^k de comprido por 5^k de largo, estendendo-se desde a encosta O. da serra de Pernidello até junto das muralhas de Melgaço, cujas primeiras casas lhe pertencem. Os seus valles são fertilissimos e é precioso o seu vinho verde de Barreiras e Valle de Cavalleiros, em nada inferior ao de Monsão. N'esta freguezia e sobranceira

á villa está a grande quinta, que foi do mosteiro de Fiães e que é uma bellissima vivenda.

A egreja matriz é uma das mais amplas do districto, tem altar-mór e quatro lateraes, sendo as imagens de boa esculptura, especialmente a da Senhora da Soledade, de tamanho quasi natural e offerecida á freguezia pela benemerita familia Salgado, aqui residente. A torre é bastante elevada, com dois sinos; no coro, de espaço regular, existe um pequeno orgão. Por uma inscripção em lapide existente na parede exterior da capella-mór se vê, que o templo foi fundado em 1690 pelo abbade Braz d'Andrada Gama. O sitio é formoso, os horisontes largos; e na festa da padroeira, a 18 de julho, a romaria, concorridissima de gente dos arredores e da Galliza, que á santa vem trazer grande numero de offertas para que os preserve de sezões, espalha-se alegremente pelo vasto terreiro ao sul da egreja, assombreado por castanheiros gigantes.

Além da capella que já mencionámos, Roussas tem ainda as seguintes: *Santa Rita,* em Villela, com missa aos domingos e dias santificados. É publica. *Nossa Senhora da Conceição,* no Cotto do Preto. Tem uma bem esculpida pedra d'armas sobre a porta principal. É particular. *Santo Antonio*, no logar da Corga, particular. *S. João Baptista,* no logar do Fêxo, idem. *Nossa Senhora da Graça,* a poucos metros da antecedente e a melhor de todas, tanto pela sua posição eminente á villa, como pela magnifica pedra de cantaria de que é construida. Do monte, em que ella assenta, sae todo o granito para as construcções dos arredores.

A ermida foi fundada em 1594 pelo abbade Tristão de Castro em cumprimento d'um voto, cuja lenda é analoga á de D. Fuas Roupinho, pois ha para assustar o cavalleiro e o cavallo um phantasma monstruoso, que faz desatinadamente correr o animal por soutos e ravinas, com grave risco da integridade anatomica do padre.

Serra acima, o horisonte é encantador para os lados de Melgaço e Galliza, e como que *á vol d'oiseau* se dominam as encostas e pequenos valles, onde os campanarios destacam as suas agulhas brancas. O Minho corre em baixo, como serpente em voltas sinuosas; e, para o norte, as serras de Galliza vão-se indistinctamente fundindo no indigo esfumado da atmosphera.

Dobramos a montanha; o horisonte largo desapparece e logo na encosta *Villa de Conde,* logarejo pertencente a *FIÃES,* principia a dar o toque de melancholia ás nossas impressões, até ahi cheias do verde-claro da vegetação, dos sussurros da agua, do espelhar dos rios, do pittoresco das aldeias.

Parece que entramos n'uma região inhospita e selvagem; os cães re-

cebem-nos com latidos furiosos, as casas escondem-se como choças humildes na sua côr escura, a vegetação rareia.

E assim vamos, ora subindo, ora descendo pelos torcicolos da montanha, até que ao fundo, n'um valle estreito, Fiães se nos apresenta, brumosa e triste, carregada na côr, como uma velha ruina abandonada.

Em frente fica o logar da Jogaria, a ella pertencente, mas um pouco mais alegre com os seus tons verdes de prados humidos: vadeamos um regato e eis-nos no terreiro orlado de vidoeiros e olmos, de castanhos e robles, com bancadas de pedra e chafariz de optima agua, contiguo ao

Ruinas do mosteiro de Fiães, segundo um «croquis» do sr. José Pedreira

adro do antiquissimo mosteiro e onde se faz em 11 de julho a mais estrondosa romaria das povoações serranas.

A industria de Fiães é agricola e pastoril; recolhe algum centeio, milho miudo, nabos, castanha, e tem muitos gados e caça grossa e miuda, especialmente na floresta das Ramalheiras.

Uma nota... de Savarin.

O presunto, aquelle magnifico presunto de Melgaço, cujas deliciosas qualidades te descrevi, leitor amigo, é especialmente curado em Fiães, onde o preparam sem sal, receita talvez d'algum monge epicurista, que a graves locubrações se entregou para mimosear o paladar delicado de qual-

quer D. Abbade do mosteiro, ou de algum dos principes ou infantes, que ahi estivera de visita.

Pinho Leal, um trabalhador infatigavel que a morte arrebatou antes que lograsse ver o fecho do seu colossal *Diccionario* a que muitas vezes, fique dito para sempre, iremos buscar valiosos subsidios, diz que a palavra Fiães vem do portuguez antigo *Fian, Fiaã, Fiaam, Ffia, Sfiaã* ou *Fiada,* e significa vaso de barro chato e redondo, a que depois se chamou *Almofia*. Servia antigamente para pagar certa medida de cereaes e tambem de manteiga. 16 fiães faziam um alqueire. É provavel,—accrescenta,—que aqui se pagasse este fôro, pelo que se dizia *terra de Fiães,*—ou que houvesse aqui oleiros que fabricassem as *fians,* especie de alguidar de barro, com a capacidade para dois quartilhos.

O que, porém, tornou Fiães notavel, foi o seu mosteiro, de que hoje só por assim dizer o templo attesta a munificencia.

Foi na volta de Castro Laboreiro, quando o luar espargia a sua melancholia doce sobre a serra, que visitámos essa gigantesca ruina, testemunha coeva da antiga piedade christã.

A architectura gothica pura revela-se clara nas formosas columnatas da entrada principal e nas arcarias elegantes que sustentam o tecto da egreja vasta e ampla, áquella hora phantasticamente illuminada pelos raios do luar, de dia naturalmente com a penumbra pallida dos velhos templos gothicos.

As cornijas e cimalhas são ornadas de differentes figuras mais ou menos phantasiosas.

Junto do altar de S. Sebastião está o elegante tumulo de Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde da Cerveira.

O mosteiro, de frades bentos a principio, é antiquissimo; pois em 851, no tempo de Ramiro II e sua mulher Paterna, se encontra já noticia d'elle. Consta que era o mosteiro mais rico das Hespanhas; tinha fóros e rendas no Minho, Traz-os-Montes e Galliza. Na egreja havia *Lausperenne,* na rigorosa accepção da palavra, isto é, exposição ininterrupta do Sacramento durante o dia e noite; 80 religiosos de missa, além dos conversos, minoristas, etc., colmeavam o riquissimo mosteiro, onde alguns principes, infantes e muitos fidalgos gallegos e portuguezes tiveram sepultura, e a que fizeram doação de rendas e propriedades.

O primitivo edificio, que mais de tres seculos existiu em grande prosperidade, foi destruido por um pavoroso incendio, sendo depois reconstruido por Affonso Paes e mais seus dois irmãos, que o doaram aos religiosos d'Alcobaça. Como no incendio ardessem todos os papeis do cartorio, muitos foreiros sonegaram depois os seus titulos, sendo preciso que

a energia de Alvaro d'Abreu arcasse com os mais poderosos para restituir essas rendas ao mosteiro.

Em 1151 a ordem passou a Bernardos, e, para se instruirem nos preceitos do novo instituto, mandaram buscar um religioso a Alcobaça, fundando, em honra da villa capital da ordem, o proximo logar de *Alcobaça,* com a sua capella de S. Bento. O convento era coutado talvez do seu principio, pois já o nosso primeiro rei lh'o confirmou, assim como seu filho Sancho I.

O D. Abbade tinha jurisdicção episcopal metropolitana com recurso sómente para o Pontifice. O provisor, nomeado pelo D. Abbade, recebia directamente os breves apostolicos. O arcebispo de Braga não podia aqui fazer visitas, nem na Ourada de Melgaço; e tão pouco o bispo de Tuy as podia fazer em Azureira e Lapella, que, apezar de serem logares do seu bispado, estavam sujeitas ao mosteiro, como ainda hoje o estão para os effeitos ecclesiasticos, apezar de pertencerem á Galliza para os effeitos civis.

As quintas da Ourada e Cavalleiros foram doadas em 1166 ao convento, sendo abbade D. João, pela condessa D. Frovilla.

Ainda no fim do seculo XVI tinha este convento a apresentação de vinte abbadias, entre as quaes Lamas de Mouro, Christoval, Chaviães, Santa Maria da Porta da Villa e Villela dos Arcos; tinha tambem a de Paderne, na Galliza, e muitos coutos, que os commendatarios aforaram a varios fidalgos.

A casa de Bragança pagava ao mosteiro um *florim d'ouro* pelas aldeias de Villarinho, Fezes de Juzão e Mondim e pelos padroados das egrejas d'estes logares, proximo a Monte-Rei.

Na Galliza tinha o couto de Freyxomo, junto de Alhariz, que ao mosteiro doára Fernão Peres, aqui fallecido, e pelo qual recebia annualmente 600 maravedis de prata. Possuia ainda ahi os coutos de Coginha, Asperello, Gancêros, Requeixo e Rio Frio, em Vigo, afóra fazendas e granjas, dispersas em varios pontos.

O D. Abbade tinha, *de direito* de condado, todas as cabeças da caça real morta no couto; e os moradores d'este eram isemptos do pagamento de *fintas* ou *pedidos,* ainda mesmo feitos pelo rei. Essa riqueza prodiga, que dera causa á affirmação popular de que n'estes reinos ninguem, depois do rei, era mais rico que o D. Abbade de Fiães, foi-a pouco a pouco reduzindo o tempo, esse verme destruidor das grandes obras do homem, e a indifferença, o abandono e o scepticismo do seculo completaram o anniquilamento do vetusto mosteiro, onde o incenso ardia noite e dia, os canticos dos religiosos se misturavam continuamente ao som plangente

do orgão, e o povo concorria nas tribulações cruciantes da sua fé e nos regosijos intimos da sua piedade.

Não somos nós, homem novo, que lamentamos esses tempos de santa e candida ignorancia, em que o trabalho era o latego do villão e a riqueza o patrimonio de poucos. Abre-se hoje livremente o horisonte a todos os esforços dignos, a todos os luctadores com fé na nova religião do trabalho; mas o que não podemos deixar de censurar é que por isso mesmo, que tem tantos reflexos de oiro a bella aurora da liberdade moderna, se votem a um desprezo vandalico esses documentos vivos das civilisações derruidas, e que os governos façam, como a respeito do mosteiro de Fiães, a *venda por todo o preço* e mesmo a retalho, em hasta publica, da pedra das paredes, das columnas, arcarias, telhados, portas, janellas, varandas, grades, etc.!

Monstruoso simplesmente!

E assim é que a ruina, a devastação e o silencio cobrem hoje com a sua nota de desolação triste o velho mosteiro de Fiães, á hora em que o visitámos mais triste ainda, mergulhado, como estava, nas poeticas sombras do luar, que se entornava pela serra na sua melancholia casta.

A oeste do convento rebenta um manancial de aguas ferruginosas, não analysadas ainda e a que os povos d'ali attribuem virtudes medicinaes, tendo havido em tempo uns tanques para banhos, que a auctoridade teve de mandar fechar por causa dos conflictos a que dava logar a concorrencia.

Deixando Fiães, continuamos a ascensão da serra de *Pernidello,* ramificação da Peneda, e do alto da qual se avista grande parte da Galliza na extensão d'uns 40 kilometros, chegando a divisar-se Orense ao norte e Tuy ao sul, e a descobrir-se a oeste uma larga extensão do Oceano, comprehendendo-se ainda n'esse largo panorama as villas de Melgaço, Monsão, Valença e Caminha.

Magestoso!

Apezar de ser verão, o frio na serra principiava a atravessar muito pouco cerimoniosamente a nossa pelle.

Uma neblina densa corria dos lados da Peneda e a chuva era já por nós esperada, como o capitulo final d'essa ameaça brumosa.

O caminho era estreito, tortuoso, pessimo; á nossa direita a montanha subia sempre; á nossa esquerda os planos inclinados da aba da serra, as ravinas profundas, os abysmos insondaveis faziam-nos vigiar cuidadosamente qualquer mau passo dos animaes, que podia precipitar-nos no fundo d'esses leitos de morte. Foi então que presenciámos um dos mais brilhantes phenomenos atmosphericos de que temos idéa.

O sol batia de chapa nas montanhas da Galliza, que nos corriam parallelas e quando a chuva principiou, o effeito da refracção da luz solar atravez d'essa neblina gelada, cahindo sobre a vegetação montesinha, accendeu uma como que immensa cupula phosphorescente, suavissima de côr, e a que só podemos comparar um immenso foco electrico de Jablokoff com a sua luz pallida coada atravez d'um globo roxo.

Esplendido, unicamente esplendido, a ponto de nos fazer esquecer a chuva que já cahia grossa e os abysmos que nos ficavam aos pés.

Toda a serra fronteira mergulhava n'esse banho de luz electrica d'um roxo suave, e como que envolvidos n'esse manto feerico os humildes logares de Pousa-folles e Porto Carreiro, ao fundo, na garganta da montanha, onde o rio Trancoso limitava a raia dos dois paizes, pareciam significar-nos na sua humildade obscura uma boa saudação fraternal, a nós viajantes, mais encendrados por certo na grande luz da civilisação, mas incomparavelmente inferiores na posse d'essa outra luz tão formosa, que alimentava a sua vida de humildes — a boa e grande natureza.

Descendo a serra, chegamos a uma encruzilhada para a esquerda da qual nos fica Alcobaça, cuja origem já conhecemos, povoação modesta, como todas as da aba da montanha, mas um pouco superior a algumas d'ellas ainda assim, visto que as mulheres se entregam aos trabalhos de tecelagem e são as melhores tecedeiras d'aquelles sitios.

No logar festeja-se em agosto a Senhora da Vista.

* * *

Tomando pela direita da encruzilhada e deixando o caminho de Castro, por um pouco, vamos dar a *LAMAS DE MOURO,* cuja egreja foi dos Templarios, sendo os moradores d'aqui privilegiados da ordem.

Nasce na freguezia o Rio de Mouro, pequeno confluente do Minho, provindo-lhe o nome de ter as suas origens n'uma coutada que ahi possuia para caçar o emir arabe Juzão, a que em outro logar teremos de fazer referencia.

Lamas de Mouro foi o campo de combate em que Affonso o Casto, de Leão, ou melhor o seu parente e vassallo Bernardo del Carpio desbaratou a Ali-Atou, rei de Cordova, causando-lhe uma perda que os historiadores crendeiros calculam em 70.000:000 homens!

O sitio da batalha ainda hoje conserva o nome de *Lucto* ou *Lagrimas de Mouro.*

É tradição tambem, que por esta freguezia entrou em Portugal Af-

fonso VII de Castella, em 1129, para dar a celebre batalha, em que ficou derrotado—a da Veiga da Matança—junto a Arcos de Val-de-Vez, e que é uma das primeiras datas da independencia portugueza. A essa tradição teremos de referir-nos no capitulo dos Arcos.

Por Lamas de Mouro entrou egualmente Vicente de Gonzaga, quando veiu sitiar Valença em 1657.

Da egreja para o sul fica a Portella do Lagarto. E já agora, meu amigo, que nos desviámos do caminho directo para Castro, vou dar-te uma descripção succinta das outras freguezias montesinhas do concelho, que o Rio de Mouro separa, tendo sobre a margem esquerda Parada de Monte e Gave, e sobre a sua direita, embora muito na serra, Cubalhão e Cousso.

A egreja de *PARADA DE MONTE* fica um kilometro ao sul do Rio de Mouro e dista de Melgaço uns dez kilometros; foi reitoria que o reitor de Riba de Mouro apresentava e pertencia ao extincto concelho de Valladares. A freguezia é montanhosa e especialmente se entrega á industria do gado ovino, sendo muito apreciada a sua lã para a fabricação dos bureis e cobertores. Em Valle de Poldras, limites da parochia, houve um couto, que marcou e defendeu Paio Rodrigues de Araujo e que no anno de 1720 era ainda possuido pelo seu 6.º neto Manuel de Araujo Caldas, de Valladares, mas já muito desfalcado das regalias e privilegios antigos.

GAVE, fica ao norte de Parada, em terreno accidentado, e, como esta, sobre a margem esquerda do Rio de Mouro, de que dista approximadamente um kilometro. Foi vigararia, que o reitor de Riba de Mouro apresentou, e como Parada pertenceu tambem ao extincto concelho de Valladares.

Tomando a estrada antiga que de Castro Laboreiro seguia para esta villa sobre a margem direita do rio de Mouro, mas já em plena serra, encontra-se na confluencia d'essa estrada com a que segue para Melgaço, *CUBALHÃO,* que outr'ora pertenceu tambem ao concelho de Valladares e foi curato do mosteiro de Paderne, recebendo o cura apenas os *benesses.*

No sitio do crasto encontram-se vestigios de fortificação antiga, que, por não estudados ainda, não se sabe a que epocha attribuil-os, sendo porém provavel que sejam mais um marco da civilisação romana na peninsula.

A freguezia e apenas fertil em centeio.

Um pouco mais adiante, estende-se n'um pittoresco e fertil valle *COUSSO* ou *COUÇO.*

Era tambem do termo de Valladares, mas da comarca de Valença.

O prior dos cruzios de Paderne apresentava annualmente o cura,

que recebia 6$000 réis do prior, 2$000 réis da commenda de S. Pedro de Riba de Mouro e as rendas do pé d'altar.

O riacho Estadella atravessa Couço e vae lançar-se no Rio de Mouro.

A palavra Couço parece vir do arabe *cançou,* arco, que servia para arremesso das settas. Os latinos escreviam *Kauso.*

*

* *

Retrocendo pelo caminho andado eis-nos de novo junto de Alcobaça e d'esta vez em direcção seguida para Castro Laboreiro.

O rio Trancoso esgotou-se já e a raia secca principia, delimitada de distancia em distancia por uns marcos quadrilongos de granito.

Que impressão fez em nós essa pedra humilde, collocada entre as estevas da serra, ao mesmo tempo hespanhola e portugueza!

A raia liquida parece ainda uma separação natural; a gente comprehende a sua independencia; o nosso pensamento como que vae formulando a phrase:

—De cá nós! de lá vós!

Mas quando essa fronteira natural termina, e quando em plena serra se encontra apenas um ou ourto marco collocado pela mão do homem, sem que a vegetação se differenceie, ou sem que a paysagem seja diversa, o espirito mal póde seguir essa linha ideal de separação, e como que desejaria que aquelle curso d'agua, ainda ha pouco tão humilde, tivesse continuado a acompanhar-nos para murmurar a cada passo, na voz ciciante da sua corrente, a palavra patriotica de Independencia.

—Além está Castro!—apontou-nos o guia—aquillo é o castello!

Estavamos n'um alto; a vegetação luxuriosa do Minho era para nós um sonho já; nem uma arvore de fructo, nem uma pequena matta de pinheiros; o cavallo era rachitico, um metro apenas de altura, as urzes estendiam-se por toda a parte, onde as fragas lhe não impediam o desenvolvimento.

Penedos caprichosos, agglomerações graniticas de fórmas phantasticas á direita e á esquerda, em frente de nós e pela rectaguarda. Uma verdadeira garganta de granito. E lá ao fundo, como um vulto sombrio, o castello de Castro, eriçado nas suas arestas agudas.

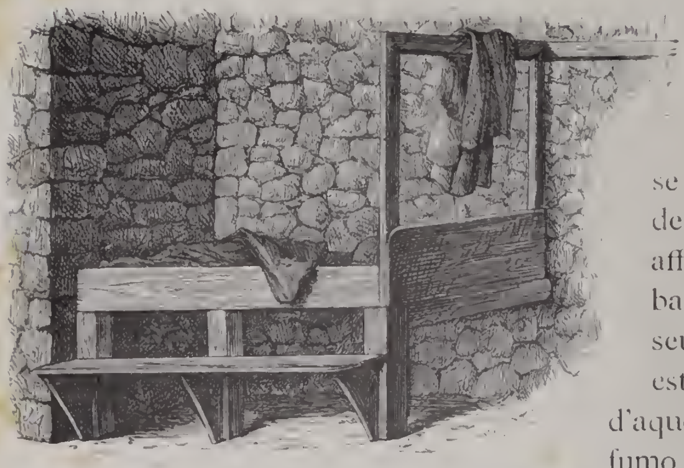
A paysagem melancholica, o céo brumoso, a pedra afflorando por toda a parte, um ou outro boisinho barrozão equilibrando-se por entre as estevas! Nem o gorgeio d'uma ave, nem o cantico pantheista da agua corrente.

Atravessamos a Portelinha, cujas casas são já como as de Castro

cobertas pelo colmo e giesta; e depois, n'um piso mais regular, em dois ou tres kilometros de valle, serpenteado por um riacho, em cuja margem apenas os vidoeiros vegetam, alcançamos as primeiras casas de *CASTRO LABOREIRO,* da villa, como nos indicou orgulhosamente o primeiro castrejo que encontrámos.

A nossa casa de refugio foi o posto fiscal; graças á obsequiosidade d'esses humildes funccionarios, ali desterrados, conseguimos alojar os animaes e relacionarmo-nos com aquella pobre gente semi-selvagem e desconfiada, que nos olhava como a personagens raros e curiosos, e que se perguntava uma á outra — o que iriamos nós ali fazer — como se gente civilisada não visitára a sua terra, senão para attentar contra alguma immunidade local.

O tempo urgia e emquanto João d'Almeida, o desenhador d'estas paginas, se curvava sobre o seu album para apanhar um grupo de creanças e duas ou tres raparigas que se prestaram a *poser,* rodeado pelos mirones que affluiam em volta do seu banco de trabalho e dos seus lapis coloridos, eu estudava o interior d'uma d'aquellas cubatas, onde o fumo quasi me asphyxiou a principio e conversava com uma pobre mulher doente, coberta com o seu manto de burel, sentada ao lar, onde se aconchegava estupidamente com fortes calafrios de febre.



Leito usado em Castro — Desenho do natural por J. de Almeida

Nada mais sordido que um d'esses interiores de Castro e nada mais humilde tambem! N'um angulo da parede, quasi sempre uma rocha viva, fórma-se o leito, o mais economica e singelamente que é possivel; dois barrotes de madeira unidos entre si em angulo recto, formam com as paredes um quadrilatero, sobre que elle assenta. A um d'esses barrotes está appenso um banco, ao outro um quadrado que serve de guarda-roupa, formando tudo como que uma só peça inteiriça, de que a gravura dá uma idéa bem clara.

N'esses leitos não havia lençoes! É um luxo de civilisação, que o castrejo ainda não conhece; as mantas grosseiras de burel constituem as unicas roupas, com que se cobre!

MELGAÇO — *Desenho e gravura de J. R. Christino, segundo um «croquis» do sr. José Pedreira*

A um dos lados, n'uma cova aberta na terra, está o lar, á volta do qual ficam os escabellos, em que a familia se senta para conversar ou comer; como os tectos são de colmo ou giesta e não ha tiragem por meio de chaminés, usam, para evitar os incendios, alguns ramos interpostos entre o fogo e o tecto, que recebem as primeiras faiscas de lume, onde ordinariamente se convertem em fuligem, e que rapidamente são retirados, se acontece de incendiarem-se.

Annexo a este interior, o que ha de mais sordido, de mais negro pelo fumo, e de mais anti-hygienico, ficam as côrtes para os gados.

A castreja, com quem conversavamos, assim como todas as que se relacionaram comnosco, era de tracto affavel e simples, modesta e com uma physionomia expressiva. Em todos encontrámos uma regularidade de traços, formando um conjuncto agradavel e sympathico, repellente apenas pela porcaria, que era principio estabelecido e commum. O vestuario é grosseiro, burel ou *picoto,* segundo o termo local e tecido ali mesmo; as de Alcobaça são, como já vimos, as melhores tecedeiras, e n'esta localidade usa-se por isso a roupa branca nas camas.

O nosso chromo dá uma ideia exacta do costume, cujas peças mais originaes são a *mantela,* especie de lenço para a cabeça, o collete, o manteu largo deitado desde os hombros até aos joelhos, as piugas e os tamancos, que dão á castreja a pequenez do pé, como acontece na China com os borzeguins das altas damas. Chamam-lhe na linguagem local *alabardeiros* e d'elles dá uma idéa exacta a nossa gravura de texto.

Perguntámos por industria local; não havia senão a da cultura da terra nas proporções miseraveis que logo veremos.

—E manteiga não fabricam?

—Isso, sim senhor, mas só nas povoações do alto.

—Boa?

—Bonita e fresca, como olho de gallo—respondeu-me em imagem pittoresca e viva.

—E o pão, como fabricam vocês o pão?

—É com centeio e algum milho; as mulheres amassam em casa, fazem as bôlas e levam-nas depois para casa do padeiro.

Pedimos para ver uma; eram de fórma mamillar, e grosseiro o seu fabrico. Depois de amassadas, collocam-as n'uma taboa e conduzem-as á cabeça para a casa do forno, que é commum á povoação, concorrendo todos para o seu concerto, quando d'isso elle necessita.

Além d'estas boroas fazem ainda no rescaldo do lar uns bolos, que servem emquanto não chega o pão do forno.

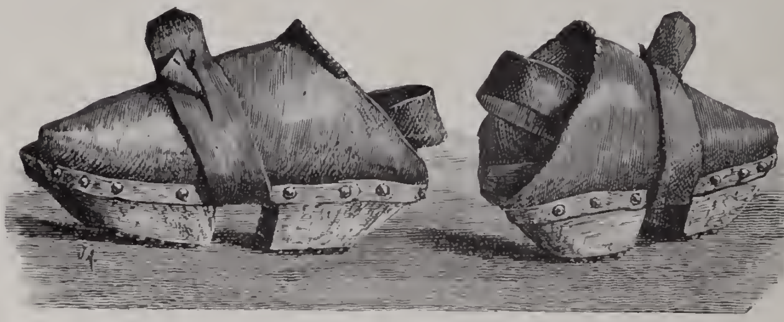
Almeida tirara já os seus *croquis* e eu desejava mais tempo para os

meus; precisavamos, porém, d'um esboceto do castello e roia-nos o desejo de visitar essa velha ruina da civilisação romana, que tinhamos a uns 500 metros da povoação. A tarde avançava e o nosso estomago principiava a revelar umas certas impaciencias pelo abandono a que o votavamos.

O grito geral era, porém, — Ao castello! — e força foi que por esta vez o estomago condescendesse.

Chegados á base do gigantesco môrro, Almeida fez o esboço e nós enchemo-nos entretanto de coragem para fazer a ascensão d'essa mole de granito, ameaçadora e bruta, que quasi a prumo se erguia sobre as nossas cabeças.

Era pela chamada porta do Sapo, a do norte, mal distincta na nossa gravura, que teriamos de penetrar no castello; para lá chegar porém, necessario era subir uns estreitissimos degraus abertos na rocha viva, o que



Tamancos de Castro Laboreiro — Desenho do natural por João de Almeida

fizemos com a agilidade de que disporiam valentes animaes trepadores, luctando ainda contra o frigidissimo vento que nos açoutava, ameaçando a cada momento desequilibrar-nos.

Chegados acima, uma sensação de terror nos gelou a medulla; entre nós e a porta, uma pequena rocha estreita, de poucos decimetros de largura, era a unica passagem a transpor, e essa passagem dava sobre um abysmo que media approximadamente 500 metros de alto.

Bastava o escorregar d'um pé, um ligeiro desequilibrio, um nervosismo impertinente para nos fazer conhecer essa distancia respeitosa, ao fim da qual a morte seria a consequencia indubitavel.

Retroceder seria, além de pouco praticavel, uma verdadeira nodoa nos nossos brios de excursionistas! Avançámos, pois, e soltámos um profundissimo ah! de satisfação e allivio, quando transpozemos essa porta, que para nós representava a realisação d'um desejo e a certeza da salvação d'um perigo tão proximo!

Os escriptos, que temos lido sobre Castro, dizem que essa porta é estreita e fazem-a quasi uma fresta que se torna necessario atravessar de rastos; não é verdade isto; um homem a pé passa por ella perfeitamente á vontade, e onde o rastejar é quasi uma necessidade, é apenas na tal passagem a que nos referimos.

O castello, que o povo attribue aos mouros, é evidentemente construcção romana; dentro encontram-se ainda vestigios de quarteis e ha egualmente um poço, que os antigos dizem ter possuido agua nativa. Os muros actuaes, arruinados bastante, são baixos e como que apenas coroam o castello natural da penedia. Duas portas dão entrada para este recinto; a do norte por onde penetrámos, e a do sul, de accesso um pouco mais facil, mas ainda assim perigoso.

D. Affonso Henriques rodeou de muralhas o primitivo castello, como consta d'uma doação que este principe fez ao couto de Paderne; mas a fortificação actual é obra de D. Diniz, que a ella mandou proceder por ter um raio, cahido no paiol, causado uma explosão formidavel.

O aspecto da paysagem é triste e arido. A penedia rendilha todas as montanhas e desponta por todas as encostas, tomando as fórmas mais variadas e mais caprichosas.

No inverno um lençol de neve cobre o seu dorso escuro e pardacento, no verão apenas destaca do desolado da rocha um ou outro talho de centeio verde-amarellado e os vidoeiros que se erguem no fundo do valle estreito, como sentinellas perdidas do grande exercito vegetal. Os carvalhos não passam de rachiticos arbustos e servem, assim como as giestas, apenas para lenha. Nem uma unica arvore de fructo, nem o mesmo pinheiro bravo se divisa n'um ponto unico da serra.

Apezar de ser verão, o céo era brumoso, com uma ou outra nodoa de azul esparsa na cupula celeste; renques de neblina corriam dos lados da Peneda, quebrando-se em vapor humido contra as arestas das rochas e contra os muros do crasto. No fundo o ribeiro Fraguedo serpenteia, como ondeante cobra, indo perder-se além, entre as serras de Lindoso, que d'este ponto se avistam, para confluir no Lima. Foi sobre as margens d'este regato que seguiu a pé D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando visitou esta isolada freguezia da sua diocese.

A vol d'oiseau ficam-nos á esquerda as *Inverneiras*, escondidas n'uma profunda garganta, e á direita a villa de Castro Laboreiro, *Castrum Laporetum*, de *lapis*, penhasco, constituida pela agglomeração de choupanas cobertas de giestas e colmo, d'entre as quaes apenas a egreja e uma ou outra casa destacam os seus telhados negros e paredes esfumadas.

A egreja foi primitivamente vigararia da matriz de Ponte de Lima,

depois abbadia do bispo de Tuy, que João Fernandes Sotto Maior trocou em 1308 com o nosso rei D. Diniz; era commenda da ordem de Christo.

A villa tinha foral velho dado por Affonso III em Lisboa em 1271, e D. Manuel lhe deu outro em 1513, dando-lhe n'este foral o nome de Castro Laboreiro.

Varios reis concederam aos castrejos muitos privilegios, que D. João V confirmou, e entre estes o de se não fazerem aqui soldados.

A fundação de Castro attribue-se a S. Rosendo, neto de Hermenegildo, a quem D. Affonso III doou estas terras de Lima, como premio de ter vencido o conde Witiza, senhor d'estes logares e que se revoltara contra elle. Hoje a villa está annexada á comarca e concelho de Melgaço e não haveria realmente fundamento para a considerar com os antigos privilegios, visto ser uma povoação decadente e miseravel.

—Só por desgraça é que a gente vive aqui, meu senhor—dizia-me uma pobre mulher castreja, com quem conversavamos,—ainda se o governo nos fizesse a esmolinha de mandar para cá uma estrada!

A terra é fria e pouco fertil; as aguas d'uma deliciosa leveza e frigidas de neve.

No inverno os castrejos, principalmente os de serra acima, abandonam as povoações do alto e recolhem ás suas choças no fundo dos valles, as *Inverneiras,* para as quaes transportam o seu limitado trem de cosinha, os instrumentos do trabalho, as roupas e os gados. Chegada a primavera deixam as suas casas de inverno e voltam para as do alto.

Nos fins de S. Miguel os homens robustos e validos emigram para o Douro e Beiras, onde vão fazer paredes nos mattos e campos; chamam-lhes n'essas provincias os *tapisas* ou *tapias.* Ficam apenas as mulheres, os velhos e as creanças.

—Não ha quem deite a mão a qualquer coisa, senhor.—Se acontece de a neve entulhar as portas dos curraes, mal nos avímos (havemos) para poder tirar o gadinho.

Qualquer homem que não siga o destino dos outros e que se deixe ficar na povoação, o que é raro, é considerado *desprezado* e as mulheres evitam-o sempre, não o attendendo as raparigas nos seus requestos, visto ser um *calaceiro* e não dar boas garantias de marido trabalhador.

No mez de junho regressam aos seus lares e fazem os trabalhos agricolas da colheita do centeio e batata, a apanha das lenhas e dos mattos para as córtes dos gados, compram ou vendem nas feiras algum animal, concertam as choupanas, e, quando o inverno chega, depois de deixarem feitas as sementeiras do centeio barrozo, emigram novamente.

A cultura d'esta graminea é feita roubando á serra pequenos cantei-

ros de esteva por meio do incendio; chamam a isto uma *lavoura* e é n'esse rescaldo adubado pelas cinzas vegetaes, que, depois de lavrado, se lança a semente.

Nenhuma curiosidade offerecem os seus outros trabalhos agricolas; n'elles, como em quasi todo o Minho, o auxilio mutuo é quasi um principio tradicional. Assim nas malhadas, por exemplo, os jornaes não se pagam a dinheiro e são os visinhos que reciprocamente se ajudam.

Pinho Leal descreve o uso das comesainas mortuarias em casa dos doridos, e falla dos enterros, nos quaes diz ser o feretro conduzido por mulheres, por não haver muitas vezes homens na freguezia, e ser seguido por uma comitiva d'ellas, umas com boroas, outras com açafates de bacalhau e diversos alimentos, que na egreja entregam ao parocho.

Perguntámos por esse uso, mas disseram-nos que não existia, pelo menos tal como o descreve o auctor mencionado.

É certo que á falta de homens o feretro é conduzido muitas vezes por mulheres, e que uma vae na frente do prestito levando um cesto com uma boroa. Mas não existem depois os banquetes, como ainda são de uso em outras partes da provincia, e que teremos occasião de vêr.

Avisinhava-se a noite a largos passos e affiançavam-nos os guardas e os do povoado, que era temeridade a horas taes emprehender a marcha atravez da serra, pois nada mais facil que o encontro pouco amigo de qualquer alcateia de lobos.

O nosso guia, porém, que detestava Castro, fallava-nos como um poeta lyrico das blandicias do luar, e informava desfavoravelmente sobre a *villa,* onde não havia pouso para os animaes, nem alojamento para nós.

—E que hão de os senhores comer?—perguntava sollicitamente, como se a pergunta não devera ser antes formulada:

—Que havemos nós de comer?

O pobre homem tinha apenas almoçado algumas cerejas com pão de milho e, ás 7 horas e 30 minutos da tarde, é crivel que o seu estomago tivesse exigencias fortes, visto que o nosso se revoltava intransigente contra a perspectiva d'umas novas cinco leguas a cavallo, sem ter conhecido o *menu* de Castro.

Apezar da minha boa vontade de ficar, para passar uma noite conversando á lareira com as castrejas, cujos usos se me offerecia occasião asada para conhecer, não houve remedio senão ceder ás instancias da caravana e dizer por aquella vez adeus ás cantigas que esperava recolher, ás lendas, aos contos de carochinha da tradição local, a todos os apontamentos emfim que poderiam alçar a minha individualidade obscura aos olhos ávidos do *Folk-lorismo* nacional.

Percorremos rapidamente as ruellas estreitas da villa e parámos para ver a egreja, cujo portico se achava de lucto por ter pouco antes morrido o velho parocho da freguezia. O templo nada offerece de notavel.

Quando estavamos n'esse ponto, um adventicio, que não era evidentemente um castrejo, se acercou de nós pedindo esmola; cumpre dizer que ninguem de Castro, mulher, homem ou creança, nos incommodou n'esse sentido.

Quando mesmo Almeida tirava o *croquis* do rapazito trabalhador, que encontrámos no regresso do castello e que figura no primeiro chromo, só depois de instado este acceitou de nós algum dinheiro, não obstante ser pouco remuneradora a sua profissão de carvoeiro, visto que o pobre rapaz ia com uma irmãsita e com o seu jumento para a serra n'um dia, colhia a urze e fazia o carvão no outro, e no immediato ia vendel-o a Melgaço, onde lhe pagavam 400 réis pela carga! Durante esses tres dias o seu alimento era boroa e agua pura do monte. Educadas no trabalho tão de novo, as creanças tinham o orgulho de não mendigar.

Quem era então esse estranho, que appellava para a nossa caridade? Imagina tu, se pódes, meu leitor benevolo, que não te dá por certo a imaginação a chave do segredo.

Era um degredado!... Um degredado authentico, que as justiças de Chaves haviam condemnado a desterro d'um anno, ali cumprido em Castro, pelo roubo de 2$000 réis, de que o individuo se dizia innocente e depois de ter estado dois annos na cadeia d'aquella villa á espera de julgamento!

Ó inimitavel justiça da nossa terra!

Era um rapaz de 18 annos, não mais, mal vestido e mal alimentado, e com as mãos ainda sangrentas do trabalho de rachar lenha; vivia livremente na povoação, tendo apenas de oito em oito dias de apresentar-se ao regedor. Como a justiça o condemnara sómente, sem se lembrar de que teria necessidade de pão para comer, ou da taboa d'um leito para dormir, o rapaz vivia da caridade hospitaleira d'aquella pobre gente, á qual retribuia com o seu trabalho.

Deu-se finalmente a ordem para a partida e emquanto o guia nos preparava os animaes e o tamanqueiro da terra construia essa pesada machina de madeira e sola, que o castrejo calça com o nome de *chanca* ou *alabardeiro,* pensámos nós em satisfazer o estomago.

Era tempo já.

Sentámo-nos extenuados na soleira d'uma porta e arranjou-nos um dos guardas vinho e boroa, o unico alimento que se podia conseguir em taes alturas.

CASTELLO DE CASTRO LABOREIRO — *Desenho do natural por João de Almeida*

O vinho era detestavel e escandalosamente aguado, a boroa grosseira e aspera, como toda aquella natureza selvatica.

Foi assim mesmo saboreada, que não admittia a fome escrupulos de epicurismo; e se o meu estomago resistia, como o de bom Minhoto, o de Almeida, que tinha a dyspepsia dos Lisboetas, custava-lhe a resignar-se com o *menu*.

Só o outro companheiro se conservou sem enthusiasmo perante aquella boroa, que eu principiava já a achar deliciosa!

Era caso para scismar, quando era elle o que possuia o mais valente estomago da caravana! mas nem o nosso egoismo pensou em resolver o problema. Só á ceia, em frente já do appetitoso presunto de Melgaço, é que elle nos desvendou aquelle seu mysterioso recolhimento de Castro!

Tinha visto comprar a boroa na unica tenda da terra, e a immundicie, se era um privilegio de todos os outros interiores, chegava a ser um cumulo no unico estabelecimento commercial da villa! Nada viramos, porém, e melhor nos fôra assim!

Montando a cavallo seguimos o mesmo caminho para Melgaço. Era já crepusculo quando passavamos á Portellinha e resolveramos tirar todo o partido dos animaes para chegar o mais cedo possivel. Mas na Portellinha um grupo de mulheres se acercou de nós e nos fez parar.

—O senhor doutor medico, o senhor doutor medico? perguntavam.

Tudo esperavamos, menos ir fazer clinica em Castro Laboreiro!

O guia, porém, designou-nos como discipulo de Galeno, e não houve remedio senão acceder ao pedido d'aquella gente para vêr uma mulher enferma!

Grassavam então epidemicamente as febres typhoides, e tinham-nos até em Melgaço tentado dissuadir da viagem por causa da epidemia.

Apeámo-nos e entrámos n'uma d'essas choças de selvagem, sendo preciso accender uma candeia para conseguirmos vêr a doente, que tremia com o calafrio da febre no meio dos grossos bureis do leito, onde não havia um unico lençol! e que mergulhava n'uma atmosphera asphyxiante de fumo, aromatisada ainda pelas emanações que sahiam do curral annexo. Nem aceio, nem ar, nem sequer luz!

Aberto o caminho não tivemos remedio senão condescender com mais alguns pedidos e vêr ainda outras doentes!

Como aquella pobre gente vivia longe de todos os recursos da sciencia medica, quasi nos queria deter á força para que percorressemos o logar inteiro!

O guia é que se dava a perros com isto, e quando uma outra mulher o interrogava a nosso respeito, mentiu descaradamente dizendo, que não

veriamos mais doente algum sem previamente sermos pagos d'uma libra por cada visita.

—Uma libra!... e a pobre mulher, cujos intentos só pelo caminho soubemos, não teve coragem para nos fazer pedido identico ao das outras.

Livres da nossa clinica accidental, apenas um ou outro cão de gado, specimen d'essa valente raça chamada de Castro, e que fóra d'aquellas asperas penedias se abastarda ou morre nostalgica, nos cumprimentava de longe a longe.

O luar illuminava-nos o caminho e quando n'um ou n'outro cotovello a sombra d'algum picoto nos mergulhava no escuro, mais profundo era o contraste com essa meia luz suave e pallida, que reverberava melancholicamente sobre as serras, as grandes columnas d'esse magestoso templo gothico—a natureza silenciosa e casta.

Fiães, essa pobre ruina d'um passado morto, affigurou-se-nos então um tumulo sagrado, sobre que o archanjo da soledade derramava as suas lagrimas de pranto.

E tal era o doce recordar d'essas physionomias emaciadas dos velhos monges, da sua vida monastica e dos seus habitos religiosos e profanos, que ao rocinante magro nos entregámos descuidosos, sem esperar que elle nos viesse tirar d'estes arroubos mysticos, chapando-se como um sendeiro que não comprehende philosophias a horas mortas da noite, e fazendo-nos ájoelhar nas urzes, talvez pela intenção firme de nos fazer penitenciar, como os bons frades com que iamos sonhando.

Meia hora depois o nosso appetite congratulava-se com a sopa fumegante da hospedaria e com os bifes classicos do presunto.

*

* *

Para de manhã se destinou a excursão a S. Gregorio e foi preciso que o sol entrasse gloriosamente pelos quartos dentro, e que á porta nos batesse inexoravelmente o guia, para virmos á realidade de que o nosso primeiro somno era ainda aquelle cujas delicias gosavamos desde 5 horas!

Eis-nos já em caminho e encantados com a vista panoramica da ermida da Senhora da Ourada, que fica a 1 kilometro da villa, n'uma collina dominando uma varzea fertilissima, a norte beijada pelas aguas azuladas do Minho.

O templo, sob cujas arcarias passa a via publica, foi até 1834 da jurisdicção dos monges de Fiães, por doação de D. Sancho I, que o herdara de seu pae.

É tão antiga a sua fundação, que se suppõe ter existido no tempo dos Godos. Affonso Henriques, achando-o em ruinas, o mandou reedificar em 1170, como constava d'uma escriptura de doação feita por D. Sancho em Santarem e assignada pelo rei e seus filhos e prelados do reino. Esta escriptura, que até 1834 se conservou em Fiães no *Livro das Datas,* desappareceu por essa epocha, como tantos outros documentos preciosos.

A Senhora da Ourada é a primeira intercessora d'estes povos junto do throno celico de Jehovah!

Desde o dia da Ascenção até á festa do Espirito Santo, vinham aqui em romaria todas as freguezias do concelho, e muitas do de Monsão, offerecer á Senhora o residuo do cirio paschal, em cumprimento d'um antigo voto feito por occasião de peste. Cada uma d'essas freguezias trazia então o seu *clamor,* e ainda hoje se conserva o uso tradicional, sendo apenas menos numerosos esses *clamores,* ou procissões com musicas festivas, que em maio acodem ao sanctuario da Ourada.

Preces ad petendam pluviam como *ad petendam serenitatem* não são no céo bem attendidas, se não forem por intervenção d'esta Senhora, que em tempos mais calamitosos resgatou miraculosamente tambem muitos captivos das terras dos mouros, que ás portas do templo vinham dar ainda com os seus grilhões e cadeias.

Pinho Leal fallando da estrada publica, orlada de casas, hortas, pomares e fontes, chama-lhe um bonito passeio, como quem póde desafogadamente gosal-o! Triste engano geometrico, que me fez tremer mais d'uma vez pela minha integridade muscular, visto que era tão estreito por vezes o caminho, que era necessario a cada passo, ao avistarmos um qualquer viandante a cavallo, repetir a famosa anecdota de Calino:

—Se o seu cavallo é egua affaste-o já para o lado—attendendo a que tinha todos os vicios desordenados d'um sangue quente o cavallo em que eu ia montado!

Inferior á Ourada, n'um outeirinho elevado á margem-rio, vê-se d'aqui, entre verdes soutos de castanheiros, *CHAVIÃES,* freguezia antiquissima a que já nos temos referido e que tem como orago Santa Maria Magdalena.

Vae a estrada seguindo orlada pela vegetação luxuriosa dos soutos de castanheiros, de onde á onde matizados pelo escarlate vivo das cerejeiras em fructo, passa-se a capellinha de Gondufe e logo principia, n'uma bella ravina humida das aguas de rocha, a freguezia de *PAÇOS,* pelo logar de Marelhe que atravessamos.

O povoado acantona-se em baixo e a egreja fica-lhe sobranceira, n'uma pequena collina cheia de vegetação.

O seu principal ramo de actividade é o da creação dos gados, e nos seus montes ha bastante caça.

Chegámos emfim a S. Gregorio, o mais importante logar da freguezia de *CHRISTOVAL,* cuja egreja occulta por detraz da encosta, onde assenta S. Gregorio, é o templo que fica mais ao norte em territorio portuguez.

S. Gregorio apresenta o aspecto d'uma pequena villa inclinada sobre o rio Trancoso, que ali voltámos a cumprimentar, como a nossa primeira arteria internacional, arteria que junto a Cebido, ultimo logar de Christoval, vae desaguar no Minho e cuja confluencia marca egualmente o ponto em que este formoso rio se interna em plena Galliza, ou melhor, em que elle, ao vir de lá, beija pela primeira vez a terra portugueza.

S. Gregorio é, por assim dizer, uma rua unica, uma rua *verde,* em ladeira ingreme até á ponte da Varzea, essa ponte que o nosso desenho representa, e que é a primeira ponte internacional lançada entre os dois paizes, se não quizermos fallar nas poldras de Pousa--folles, mais ao nascente, no curso do Trancoso.

Mas, emfim, a ponte da Varzea tem já os seus 4 metros de altura, 6 de comprimento e 2 de largo! É quasi a ponte de um lagosinho! Não se riam d'ella, comtudo, que ali onde a vêem, com os seus dois troncos de castanheiro, lançados de margem a margem, e os seus torrões como pavimento macio, é um symbolo de fraternidade entre dois paizes que vivem em plena paz, e seria um baluarte de independencia a conquistar, quando o clarim de guerra resoasse desoladoramente por aquellas quebradas fóra.

Ponte Varzea é o logar hespanhol, d'onde o pontelhão tira o nome e que pertence á alcaidaria de Padrende, com quem S. Gregorio faz o seu commercio meio licito, meio... de contrabando!

Que diabo queriam, porém, que fizesse S. Gregorio, se no inverno é a margem de Ponte Varzea que lhe dá por emprestimo um bocadito de sol, a cujos raios vão aquecer-se aquelles pobres friorentos gelados das suas sombras de mezes!

Na pequena villa,—chamemos-lhe assim, que não seja senão por patriotismo,—ha uma capella onde se festeja Santa Barbara! Ha tambem... uma aspiração legitima e justa, que os governos só lembram por occasião de eleições—é a d'uma estrada que os ligue com Melgaço!

E existira ella, meus amigos, que não teriamos eu e os meus companheiros, de repetir na volta, tantas vezes, a tal celebre phrase de Calino—tire para lá o seu cavallo, se elle é egua.

*
* *

Aqui estamos de novo junto á tua sombra gloriosa, ó velha torre de menagem, e d'esta vez para evocar algumas das tradições honrosas, que se ligam ao teu passado heroico e sob a recordação das quaes queremos deixar Melgaço.

Nas guerras de D. João I contra Castella, todo o alto Minho tinha sacudido já o jugo castelhano e só Melgaço resistia ainda, confiado na sua guarnição de 300 infantes e outros tantos cavallos, que o alcaide-mór Alvaro Paes Sotto-Maior capitaneava com denodo.

Impaciente D. João I por tal noticia, dirigiu-se elle proprio de Braga, onde reunira côrtes, para o alto da provincia, e pessoalmente tomou o commando das suas tropas de sitio. Iam perdidos dez dias em escaramuças ligeiras e, como nada se conseguisse, mandou o rei edificar um castello de madeira, que fosse em altura superior aos baluartes, enviando antes d'uma tentativa de força, que dizia ser a ultima, João Fernandes Pacheco para tratar á boa paz das condições da rendição da praça.

Não se quiz *dar a partido* Alvaro Paes, e D. João, impaciente devéras, ordenou que tudo se activasse para o assalto, a que elle proprio iria.

Os seus brios de guerreiro accendiam-se ainda, porque á sua mulher e quasi noiva, Filippa de Lencastre, queria offerecer, como espectaculo de bravura, o assalto geral da praça.

A rainha achava-se já em Monsão com João das Regras e João Affonso de Santarem, damas e creados da sua casa, e d'ahi tencionava passar ao mosteiro de Fiães, para ficar mais perto do arraial.

Foi n'esta occasião que um facto de acaso, um combate singular entre duas mulheres, decidiu da sorte da campanha.

Vivia dentro da praça uma mulher valente, parcial dos castelhanos, e a quem os de fóra chamavam a *Arrenegada,* por ser uma portugueza que contra a sua patria combatia. Soube esta mulher que no acampamento estava a sua conterranea Ignez Negra, que tinha por egual uma aureola de virago. Mandou-a desafiar a combate singular e Ignez, que era mulher de *não levar duas em capello,* prompta acceitou o desafio, que devia ter logar a egual distancia das muralhas e do arraial, e para esse ponto se dirigiu.

A *Arrenegada* esperava-a já e a lucta começou logo, encarniçada e terrivel, ferindo-se com as mãos, unhas e dentes, depois de partidas as armas, de que iam munidas. Não diz Duarte Nunes de Leão *(Chronica de D. João I)* que qualidade de armas eram essas; mas o que elle assevera é

que a pimpona da *Arrenegada,* depois de ficar de baixo, foi para dentro da villa, corrida, com os cabellos arrancados, e *levando nos focinhos muitas nodoas das punhadas da de fóra,* que ficou victoriosa.

Imagine-se a grande algazarra que os portuguezes fizeram aos castelhanos e o sentimento de desanimo que estes experimentaram.

No dia seguinte a praça era de D. João, e Ignez Negra, na platafórma da torre, onde o pendão das quinas ondeava ovante, dizia para os besteiros que a rodeavam, olhando com orgulho a velha praça:

—Mas vencemos-te! Tornaste ao nosso poder! És do rei de Portugal!

E eis ahi como uma melgacense de heroicos brios e pulso solido deixou na historia da sua terra uma tradição gloriosa!

Ponte de S. Gregorio — Desenho do natural por João de Almeida

Patriotismo não menor que o d'essa virago illustre demonstrou Melgaço na occasião da invasão franceza em 1807, pois foi a primeira praça d'armas portugueza, que sacudiu o jugo estrangeiro e acclamou a liberdade em 11 de junho de 1808.

Bragança seguiu-lhe logo o exemplo com o heroico Sepulveda e instantaneamente a revolução se alastra pelas provincias do norte, até que o Porto faz, em 19 do mesmo mez, a sua acclamação, que o Algarve e o Alemtejo secundam logo.

Não podemos occupar este livro com genealogias illustres; mas não podemos deixar tambem de n'elle mencionar o nome d'um ou outro filho de qualquer localidade, que pelo seu talento tenha conquistado na vida historica do seu paiz um logar aureolado pela fama.

Está n'este caso o filho de Melgaço. Martinho de Mello e Castro, da casa dos Castros, o famoso ministro da marinha, no reinado de D. José, que tanto secundou pela sua sciencia e energia as reformas do grande Marquez de Pombal.

*
* *

Horas são de partir e de deixar-te entregue aos teus sonhos melancholicos, sympathico burgo do norte! O carro voa já pela nova estrada de macadam, o amphitheatro em que assenta S. Payo de Melgaço ficanos á esquerda. Á direita, bem proximo de nós, ahi está a fertil freguezia de *PRADO*, outr'ora annexa á de S. Payo. A renda era dividida em quatro partes: uma para o abbade, outra que chamavam *renda do castello* para a casa de Bragança, e as duas restantes para a mesa do arcebispo de Braga.

A infanta D. Urraca, filha de Fernando Magno, deu metade d'esta renda ao bispo de Tuy em 1071. Onega Fernandes e seus filhos Payo Dias e Aragonta Dias deram ao bispo D. Affonso a quarta parte em 1118; —e finalmente a rainha D. Thereza e seu filho Affonso Henriques deram ao mesmo bispo a quarta parte restante em 1125. Por isto se vê a antiguidade d'esta parochia.

Contigua a Prado ali está á beira-Minho *REMOÃES*, cuja multiplicidade de pequenos campanarios em fórma pyramidal, destaca ao longe d'entre as arvores que rodeiam a egreja e lhe dão um aspecto pittoresco. Como Prado, foi em tempo annexa á freguezia de S. Payo.

Ultimamente descobriram-se em Remoães umas importantes nascentes de aguas mineraes, alcalinas, ferruginosas e sulphureas, que uma empresa já organisada trata de explorar.

Seguindo a estrada divisa-se para além, na montanha, a capellinha de S. Roque, festejada em julho; pertence já á freguezia de *PADERNE*.

A egreja parochial, distante de Melgaço 3 kilometros para SO., era o templo do velho mosteiro de Paderne ou Paterna, que a condessa d'este nome, viuva do conde de Tuy, Hermenegildo, aqui fundou em propriedades suas para n'elle professar com suas quatro filhas e outras donzellas de Tuy, na ordem regrante de Santo Agostinho.

Em 6 de agosto de 1130, estando todas as obras concluidas, foram a egreja e o mosteiro sagrados por D. Payo, bispo de Tuy, que o dedicou ao Salvador e n'esse mesmo dia lançou o habito das conegas de Santo Agostinho á condessa, suas filhas e companheiras.

A nostalgia devia ser, porém, natural em annos tão verdes e por isso o bispo mandou logo para confessores e capellães do piedoso redil das conegas sete clerigos, que a chronica diz serem de boa vida; e tanto de boa vida ali se deram, que oito annos depois se faziam regulares sob a mesma regra de Santo Agostinho, vivendo em santa communidade, —

entre si, entende-se,—que não vá a malicia do leitor suppor que era em communidade com as conegas gentis.

Se alguma communidade havia, só... nos exercicios religiosos se poderá admittir, visto que a egreja era commum, vivendo do lado norte as freirinhas e do lado sul nos claustros, dormitorios, cellas e mais officinas que a condessa mandou construir, os bons dos conegos.

A condessa foi a primeira prioreza das freiras; D. Ramiro Paes o primeiro prior dos religiosos.

Em 1140 falleceu a prioreza e foi sepultada na capella-mór, ao lado do Evangelho, tendo em meio relevo a sua figura sobre a tampa do sarcophago. Junto a ella, em meio relevo tambem, está a figura d'um guerreiro, que se suppõe ser o conde Hermenegildo. A inscripção d'este tumulo está illegivel por muito gasta.

No priorado succedeu-lhe sua filha D. Elvira, á qual D. Affonso Henriques doou o couto de Paderne em 1141, dizendo n'essa doação: «lh'a fazia pelos bons serviços que lhe fizera quando elle estava sobre o castello de Castro Laboreiro, a quem tinha cercado, mandando-lhe mantimentos e alguns cavallos, entre elles um muito formoso e jaezado ricamente para a sua pessoa.»

Em 1248 já só aqui havia frades, sendo prior então D. João Pires, dedicado partidario de Affonso III, o qual por isto deu ao convento grandes privilegios. Esse mesmo prior fez demolir a velha egreja e reedificar a actual, que D. Emygdio, bispo de Tuy, veiu sagrar em 6 de agosto de 1264. O prior do mosteiro era capitão-mór do couto e nomeava as suas justiças, escrivães e officiaes. Em 1594, por ordem de D. Sebastião e bulla de Clemente VIII, foi unido o mosteiro ao de Santa Cruz de Coimbra, com a condição de ficar n'elle quem rezasse no coro, prégasse ao povo e ministrasse os sacramentos.

Na guerra da independencia (1640) o prior, capitão-mór, prestou importantes serviços á causa nacional. Os cruzios venderam mais tarde o mosteiro, a cêrca e senhorio do couto aos Caldas, de Badim.

Deixando a historica Paderne, fica-nos á esquerda, proximo da linha da estrada, *ALVAREDO*, chamada antigamente Alvaredo de Paderne e outr'ora curato do couto de S. Fins, em Valença. Onega Fernandes doou a quarta parte d'esta egreja ao bispo Affonso de Tuy, como já fizera com Prado.

A capella de S. Braz fica perto da estrada, e além, aquella outra ermida, que se vê junto do rio, é devotada a S. Bento e tem a sua festasinha em julho.

Notámos em Alvaredo, como n'outras freguezias limitrophes de Mel-

gaço a singeleza das cangas dos bois, e a sua pequenez; talvez tenhamos ainda de referir-nos n'outros pontos do nosso trabalho a estes apparelhos de jugo, tão rendilhados quando se desce para o sul da provincia, e que o nosso amigo e erudito investigador Leite de Vasconcellos estudou já no seu livrinho intitulado *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho.*

O carro segue sempre e aqui nos fica á esquerda a freguezia de *PENSO,* uma villota em miniatura, antiga vigararia do mosteiro de Paderne e depois da casa dos Caldas, de Badim, por compra que fizeram ao mosteiro.

Na quinta de S. Cibrão (Cypriano) é tradição que existiu um antigo templo gentilico, dedicado a Jupiter, no ponto onde está hoje a capella. Ha quem diga, porém, que essa tradição foi inventada apenas com o fim de ennobrecer a quinta, já de si notavel pela familia que a possuiu e pelo bom vinho que produz. Em Penso existe ainda a capella de Santa Comba, cuja festa é pelo mez de julho, e junto da estrada, á nossa esquerda, está a capellinha de S. Bartholomeu, cuja festa se faz em 24 de agosto.

Sobranceira a essa capellinha fica um templosinho modesto, mas da religião do mais largo ideal — a instrucção do povo.

Um bando de rapazes, rodeando o professor, entrava na escola, no momento em que nós passavamos. E foi gratissima, devemos confessal-o, essa impressão ultima que em nós deixou a derradeira freguezia que percorriamos do concelho do Melgaço.

*

* *

N'este ponto cumpre parar e lançar uma vista retrospectiva sobre todas as manifestações, pelas quaes se revela povoação culta o primeiro concelho norte do paiz.

Serão ainda umas estatisticas curiosas, que tu apreciarás, leitor, sejas ou não filho d'esta terra, porque ellas, por assim dizer, compendiam o movimento civilisador do teu paiz.

A escola e a imprensa são dois polos da vida intellectual; a segunda não existe em Melgaço, a primeira ramifica a sua luz segundo a distribuição seguinte:

Tem 8 escolas primarias do sexo masculino, 1 do feminino e 1 mixta.

O numero de alumnos que frequentou o anno lectivo de 1883-1884 foi de 559 rapazes e 182 meninas.

As escolas são nas seguintes freguezias: Christoval (mixta), Castro Laboreiro, Fiães, Melgaço (duas, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino), Paderne, Paços, Parada de Monte, Penso e Remoães [1]

Como demonstração de moralidade temos a estatistica criminal, referida ao anno de 1880, a ultima publicada.

Na comarca foram n'esse anno julgados 35 réos, sendo 10 absolvidos e 23 condemnados a penas correccionaes. Os crimes eram 25, quatro dos quaes classificados como attentados contra a ordem e 21 contra pessoas. D'entre os 35 criminosos, 27 eram homens e 8 mulheres; e sabiam ler 20, sendo os outros 15 analphabetos. D'entre os 35, 2 eram de fóra da comarca e 2 estrangeiros.

Do trabalho, na sua triplice ramificação de commercio, industria e agricultura, póde dizer-se quanto ao primeiro que existe um pouco florescente, attenta a riqueza do concelho, fazendo-se bastantes transacções com a Galliza, e exportando para todo o paiz os celebres presuntos e para os concelhos proximos algum vinho, lãs, cereaes e castanha.

A agricultura é a actividade predominante; reduzida, porém, quasi ao periodo pastoril e de creação nas freguezias serranas, onde se apresenta a raça bovina cruzada de barrozã e gallega, as ovelhas, e alguns pessimos exemplares de gado equino, asinino e muar, mal alimentados e vivendo pelas pastagens da serra; nas freguezias da Ribeira Minho o vinho, os cereaes, as fructas, principalmente a castanha, teem já uma larga producção e tornam o concelho bastante fertil. O vinho verde é bastante acido e tanninoso, e usa-se a cultura da vinha pelas pequenas ramadas de *arjoeiro*, latadas e poucas uveiras. As freguezias mais productoras são as de Penso, Parada, Passos, Christoval e Chaviães.

O preço medio é de 26$000 réis por pipa.

As castas vulgares são: o *espadeiro*, o *caiuho*, o *pical*, e a *tinta*, vulgarmente chamada *espadeiro de Basto*.

As vindimas principiam ordinariamente a 20 de setembro. As uvas, sem escolha nem selecção, são lançadas nos lagares de cantaria ou em dornas de madeira. Pisadas logo, ficam em fermentação pelo espaço de 48 a 72 horas, no fim das quaes o vinho é envasilhado, sendo em abril trasfegado para outras vasilhas.

Fazem vinho branco e tinto, e d'estes distinguem uma qualidade melhor por ser fabricado com uvas de melhores castas, mais sazonadas e escolhidas. A duração do vinho não excede um anno. (Vide *Memoria so-*

[1] Esta estatistica, como as congeneres dos concelhos seguintes, foram-nos fornecidas com data de 30 de setembro de 1884 pelo intelligente inspector do 4.º circulo escolar (Valença) o ex.mo sr. João A. Ramos Paz, a quem d'aqui agradecemos a sua delicada amabilidade.

bre os processos de vinificação, apresentada ao ministro das obras publicas pela commissão nomeada em agosto de 1866, composta dos eminentes œnologistas visconde de Villa Maior, Ferreira Lapa e Antonio Augusto de Aguiar).

O ultimo recenseamento dos gados feito em 1872 dá para o concelho um valor medio de 51:761$810 réis, o que deve considerar-se abaixo da verdade.

As especies pecuarias são assim divididas:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	97	1:369$500
Muar	64	930$000
Asinino	9	28$000
Bovino	2:267	46:483$000
Lanar	990	393$940
Caprino	1:070	375$970
Suino	1:035	2:181$400
		51:761$810

A vida economica é ainda facil no concelho; a propriedade rural rende 3 por cento em media e no mercado, abundante de hortaliças, fructas, legumes e aves de creação, os preços regulam pela seguinte tabella:

Milho grosso, alqueire de 24l,4	850	réis
Centeio » » »	750	»
Trigo » » »	950	»
Feijão rajado » » »	800 a 900	»
» branco » » »	1$00 a 1$200	»
Batatas	400 a 500	»
Cebolas (cabos com 70)	80	»
Vinho velho	24 a 28$000	»
» novo	20$000	»
Ovos (duzia)	80 a 100	»
Gallinhas	300	»
Nozes (alqueire)	1$000 a 1$200	»
Castanhas (alqueire)	500	»

As feiras effectuam-se nos dias 9 e 22, sendo porém de minguada concorrencia esta ultima.

—◇—

Na pagina que segue encontra o leitor o mappa elucidativo da população do concelho e do numero de fogos de cada freguezia, tal como o

determina o censo de 1878, o ultimo elaborado no nosso paiz, e bem assim a enumeração dos principaes logares pertencentes a cada uma das parochias. O leitor comprehende, que não podem attingir a verdade rigorosa e exacta os elementos de estatistica que temos a honra de lhe apresentar. Que muitas causas não houvesse para essa inexactidão, bastava attender a uma importantissima, que todos os que se encarregam de trabalhos d'esta natureza, encontram na sua frente—a ignorancia do povo, que n'estes trabalhos vê sempre um aggravamento do imposto.

Em todos os capitulos seguintes será apresentado um mappa pela mesma fórma elaborado.

CONCELHO DE MELGAÇO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Alvaredo, *S. Martinho*	385	419	804	218 *a*
Castro Laboreiro, *Santa Maria*	1:093	1:119	2:212	610 *b*
Chaviães, *Santa Maria Magdalena*	312	364	676	186 *c*
Christoval, *S. Martinho*	453	514	967	228 *d*
Cousso, *S. Thomé*	323	356	679	181 *e*
Cubalhão, *Natividade de Nossa Senhora*	157	171	328	94 *f*
Fiães, *Santa Maria*	452	477	929	205 *g*
Gave, *Santa Maria*	300	358	658	175 *h*
Lamas de Mouro, *S. João Baptista*	125	113	238	62
Melgaço, *Santa Maria da Porta*	477	540	1:017	237 *j*
Paderne, *S. Salvador*	926	1:055	1:981	478 *k*
Parada de Monte, *S. Mamede*	406	469	875	224 *l*
Passos, *Santa Maria*	326	342	668	176 *m*
Penso, *S. Thiago*	508	565	1:073	322 *n*
Prado, *S. Lourenço*	248	283	531	139 *o*
Remoães, *S. João Baptista*	89	97	186	47 *p*
Roussas, *Santa Marinha*	486	500	986	283 *q*
S. Payo de Melgaço, *S. Payo*	491	560	1:051	295 *r*
	7:557	8:302	15:859	4:160

a Comprehende esta freguezia os logares de Pinheiro, Conto, Rego, Ferreiros, Barqueiro. Carvalheira, Padreiro, Carrasqueira, Charneca, Bouços, Souto. Fontainha, Troia, Fonte, Esteves, Conde. Torre, Moninho, Preza; e meeiros d'esta e da freguezia de Paderne, Granja, Barbeita e Villar.

b Comprehende esta freguezia, alem da villa, os logares de Portellinha. Vide. Varzea Travessa, Covello, Pintem, Laceiros, Romisqueira, João Alvo, Barreiras, Ponte do Barreiro, Podre, Amoreira, Lagôa. Dorna, Entalada, Mareco, Pontes, Meijoeira, Bogo de Baixo, Bogo de Cima, Corveira. Viso, Ciuheiros. Barziella, Ribeiro, Porto dos Cavalleiros.

c Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Pena, Baralha, Portavivo, Bouça. Casal, Linhar, Redondas. Outeiro, Louridal, Cruzeiro. Viso, Tapada, Orjaes, Barraço. Senhor do Soccorro, Nogueira, Fonte. Lages, Coutos, Suengas, Cortinhal, Gondufe, Corveira. Valle. Parada, Portella, Carvalheiras, Pico, Escoredo; a quinta do Barreiro e mais duas, uma no logar de Portavivo e outra no de Louridal.

d Comprehende esta freguezia os logares de S. Gregorio, Cebido, Cazães, Couto, Suartello, Rauzo. Dorna, Carbão, Cruz, Granja, Pico, Porta, Regueiro, Mouriga, Ranhado, Sobreiro, Marga, Pousada, Campo do Souto; e os casaes de Sobreira, Grova, Soalheira, Goule.

e Comprehende esta freguezia os logares de Sella, Tojeira, Birtello, Cerdeiras, Pousada, Fojo, Surribas, Aldeia.

f Comprehende esta freguezia os logares de Cubalhão de Baixo. Cubalhão de Cima, Urjaes, Cortelhas, Logar de Baixo, Logar de Cima.

g Comprehende esta freguezia os logares de Ladronqueira. Villa de Conde, Candosa, Jogaria, Souto Mendo de Cima, Souto Mendo de Baixo, Lourenços, Porteiro, Pousa-Folles, Adedella, Faval, Congosta, Porto Carreiro, S. João, Adevelha, Follão. Ervedal, Alcobaça, Balçada, Eira de Lapella, Lapella, Assureira.

NB. Estes tres ultimos logares para os effeitos civis pertencem a Galliza e tem 36 fogos (136 habitantes).

h Comprehende esta freguezia os logares de Gave, Eiriz, Baldossa, Barreiros, Cerdeiral, S. Cosme, Terrão, Lameiro, Sobreira.

j Comprehende esta freguezia, alem da parte respectiva da villa, os logares de Calçadas, Barbosa, S. Julião, Corga, Assadura, Ourada, Louridal, Oliveira. Pigarra, Carvalhiças, Barzias, Moinhos, Galbam de Baixo, Rio do Porto; e os casaes de Corujeiras, Galbam de Cima.

k Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Granjão, S. Miguel, Barral, Crastos, Cividade. Golães, Paço. Barro, Varzea, Souto, Queirão, Montarrão, Pordes, Penellas, Longarinha, Aldeia, Cabo, Sainde, Estivadas, Fontes, Devesa, Barreira, Pinheiro, Midão, Portella: *meeiros em S. Payo* — Sante, Verdelha: *meeiros em Alvaredo* — Barbeita, Villar, Granja: e as quintas do Reguengo, Torre, Pezo, Pastizella.

l Comprehende esta freguezia os logares de Conto Santo, Aldeia Grande Trigueira, Carrascal, Casal, Tabolado, Chão do Bezerro, Lagarteira, Paço, Couto do Paço, Pereiral, Cortegada e as H. I. de Monrim, Fitouro, Trabaços, Bouça dos Homens.

m Comprehende esta freguezia os logares de Passos, Villa Draque, Marelhe, Vinhas, Corgo, Granjas, Pedreira, Outeiro, Casal, Campo das Bouças, Beleco, Casaes, Sá.

n Comprehende esta freguezia os logares de Sant'Iago de Penso, Barro Pequeno, Barro Grande. Paranhão, Crasto, Laranjeira, Gaia, Lages, Cortinhas, Casal de Arado, Paradella. Alem Passa, Pomar, Moz, Telhada Pequena, Telhada Grande, Rabosa, Barreiros, Carreira, Felgueiras, Casal Mauinho, Couto de Santa Comba. Quinta de S. Cypriano (vulgo Carvalheira), Cruzeiro.

o Comprehende esta freguezia os logares de Prado e seguintes, os quaes formam tres grupos que vão separados pelo signal •|• :

Prado, Arrochal. Barronda, Bouça Nova, Bouços, Breia, Bornes, Carvalhal, Cerdedo, Corredoura, Cortai, Couto, Detraz do Couto, Ferreiros. Fontes, Leiros, Malhagrulos •|•; Onteirao. Ponte Pedrinha •|•; Raposos. Rego, Santo Amaro, Serra, Souto.

p Comprehende esta freguezia os logares de Remoães, Cruzeiro, Rego. Cimo da Villa, Egreja, Coulle, Gondomar, Cargo, Baronda, Portella, Lage, Groza, Follias, Quinta do Pombal.

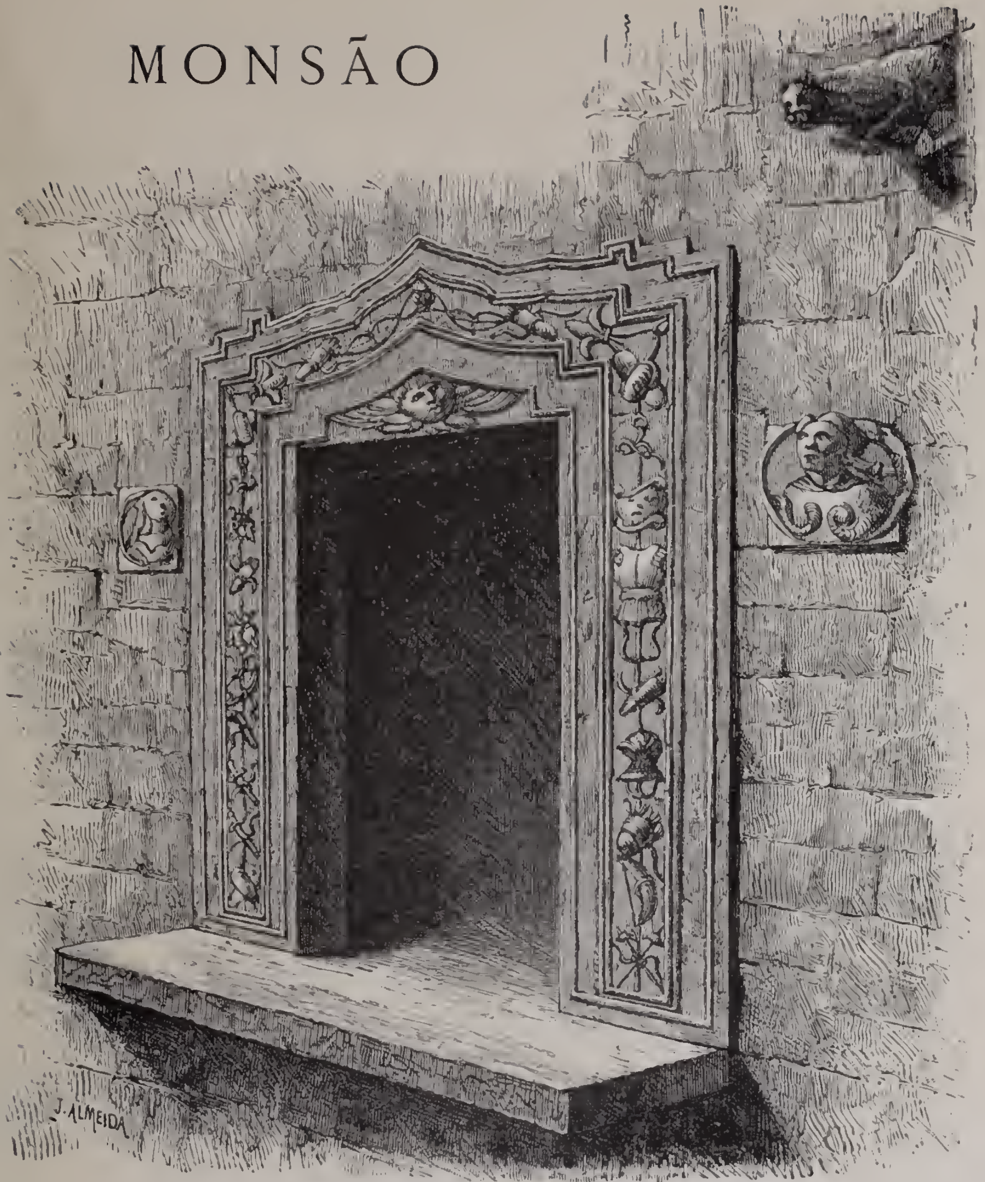
q Comprehende esta freguezia os logares, casaes e quintas seguintes:

Aldeia Carreira, Carvalhos, Callo, Corçães, Costa. Cabreiros. Cavalleiros, Cobilhós, Cerdedo, Crasto, Egreja, Lobió. Paço, Peres, Porto, Pombeira, Eira, Surribas, Telheiro, Vilhões, Valle. Requeixo. Oleiros. Corga.

Boavista, Cordeiro, Corujeiras, Eiró de Cima, Eiro de Baixo, Fexo, Rio do Porto. Quinta de Cavalleiros.

r Comprehende esta freguezia. além da parte respectiva da villa. os logares de Cavalleiro Alvo, Cruzeiro, Lourenços, Lagundo, Carvalha Furada, Deveza, Paço. Cabencas, Amial. Rosa. Santo Andre. Barreiros. Regueiro, Costa, Veiga, Noguei tral, Ponte, Carpinteira, Gandra de Cima, Gandra de Baixo. Carreira. Real, Barata. Gaia, Barral. Soutulho, Baratas. Quingosas, Souto Meeiro. S. Paderne

MONSÃO



Janella da casa de Deu-la-deu — Desenho do natural por João de Almeida

Perde-se no escuro das lendas a sua fundação primitiva; aos Iberos a attribuem alguns 2104 annos antes de Christo; e de *Bacho,* filho de Semole, se diz que, aportando a esta parte da Lusitania 1374 annos antes da nossa era e encontrando ruinas a povoação, a reedificára, dando-lhe o nome grego de *Orosion,* que significa Monte Santo.

Os celtas a teriam occupado 404 annos de Christo, mudando-lhe o nome para *Obobriga,* que os romanos na era 78 de Cesar a seu turno trocaram pelo de *Mamia* ou *Mamea.*

De antigos escriptos consta, que era importante a povoação romana assim designada.

Mas, expulsos os romanos, Hermenerico, rei dos suevos, restituiu-lhe o seu antigo nome de Orosion,—*Mons sanctus*,—de facil transformação na palavra actual.

Póde ser que assim fosse, mas é provavel que o nome de *Mons Sanctus* lhe fosse imposto pelos romanos, ou por versão do antigo nome grego, ou porque n'estes logares houvessem construido algum templo.

Alguns querem tambem que a Monsão primitiva fosse na aldeia das Cortes, ou Monsão Velho; esta hypothese é, porém, refutada por outros, que dizem ser a antiga Orosion no sitio da actual, sendo o ponto das Cortes apenas um aquartelamento ou especie de posto avançado d'algumas *cohortes* romanas. O que sae já do nebuloso e inverosimil é, que em 1093 Monsão ficou fazendo parte do territorio da monarchia portugueza e que em 1260 Affonso III extinguindo a villa de Badim, com os seus moradores e outros da Pena da Rainha, fundou no então Couto de Mauzedo a villa actual, á qual deu muitos e grandes privilegios pelo foral de 12 de março de 1261.

D. Diniz mandou edificar o castello e muralhas, de que hoje se encontram ainda vestigios na cortina que passa por baixo do convento dos Nerys, e D. João I e D. João IV accrescentaram, cada um na sua epocha, diversos trabalhos de fortificação, ficando então a fortaleza com as portas de Salvaterra, Rosal, das Caldas, do Sol, e ainda com as de S. Bento, desde muito obstruidas a pedra e cal. [1]

Monsão tinha assento em côrtes no banco decimo e o titulo de mui nobre e leal. O seu brazão d'armas representa — em campo branco uma torre, de cujo alto sae um vulto de mulher (em meio corpo) tendo um pão em cada mão e em volta esta legenda:

DEUS A DEU—DEUS O HA DADO

legenda que perpetúa o acto de patriotismo e de valor de Deus-a-deu ou Deu-la-deu Martins, mulher do capitão-mór Vasco Gomes de Abreu, a qual, na guerra entre D. Fernando de Portugal e Henrique II de Castella fez levantar o assedio da praça, quasi exhausta de recursos, tomando o expediente de fabricar com a unica farinha que possuia, alguns poucos pães, que arrogantemente foi atirar para fóra das muralhas, dizendo aos

[1] J. Avellino de Almeida traça no seu *Diccionario Chorographico*, de que muitas vezes nos havemos de servir, o perimetro da Monsão medieval; o leitor póde por isso encontrar ahi mais largos desenvolvimentos, se desejar estudar a primitiva linha de defeza da villa.

inimigos: «A vós, que não podendo conquistar-nos pela força das armas, nos haveis querido render pela fome, nós, mais humanos e porque, graças a Deus, nos achamos bem providos, vendo que não estaes fartos, vos enviamos esse soccorro e vos daremos mais, se o pedirdes.» O ardil surtiu effeito e os sitiados, que experimentavam tambem já a inopia de mantimentos, julgando a praça abastecida, resolveram immediatamente a retirada.

Deusadeu Martins, que fôra durante o cêrco uma verdadeira heroina, ora combatendo na fortaleza, ora alentando os tibios, como dispensando carinhos aos feridos, teve então o successo do triumpho e o seu feito glorioso tornou-se o symbolo do brazão d'armas da villa, indo mesmo depois da sua morte, por largo tempo, a camara abrir e lêr a lista dos vereadores junto do seu tumulo.

*
* *

Era crepusculo quasi, quando chegámos á vasta praça que hoje tem o seu nome, e a um dos lados da qual, proximo da ermida da Senhora do Outeiro, se levanta um chafariz com a sua estatua, tal como a nossa gravura a representa.

Sahiramos de Valença pelas 2 horas da tarde e fizeramos a nossa primeira estação de repouso em *LAPELLA,* onde existe essa pittoresca *Torre de Belem* do Minho, como lhe chama D. Antonio da Costa no seu livro, e que toda construida de pedras cubicas e sem cimento de qualidade alguma, reflecte sobre o rio a projecção dos seus 26^{m} de altura e $11^{m},35$ de largura por cada uma das quatro faces.

Entre as ameias, no alto, algumas oliveiras e loureiros, que ahi vegetam, fazem recordar um canto de jardim adrede collocado, para que as aves descancem dos seus voos rapidos, sem necessidade de tocar na terra.

Para fazer o esboço da torre nenhum logar melhor que a margem opposta e eis-nos por isso no rio, docemente embalados nas suas aguas tepidas, e conduzidos apenas por um rapazito que move o barco elle só, com o auxilio de dois grossos remos.

Terminado o desenho d'esse bello monumento de sete seculos, que robusto e incolume como um gigante de granito tem desafiado a furia dos vendavaes, examinámos a sua pequena porta em ogiva, encimada pelas armas de Portugal com onze castellos, o que parece demonstrar que ellas foram collocadas ali n'uma epocha posterior á sua fundação. Essa porta assenta sobre uma especie de soleira ou balcão, para penetrar na qual é necessario subir por uma escada de mão, não havendo vestigios de escada antiga.

A torre era a *torre de menagem* de um lindo castello, estylo militar do seculo XII, que em 1706 foi destruido para as obras de defeza de Monsão; ficou ella só, a *vara do castello,* mas não sem que uns *illustrados* vereadores monsanenses a não requisitassem já em 1860 ao governo para pedra das calçadas!

Castello e torre foram em 1130 mandados construir por Affonso Henriques e foi seu edificador D. Lourenço de Abreu, senhor do couto e torre de Abreu, em Merufe, capitão strenuo, que ao lado do nosso primeiro rei obrou prodigios de valor no celebre torneio de Valle de Vez. Junto da torre ha uma delegação da alfandega de Valença.

Rio Gadanha — Desenho do natural por João de Almeida

Lapella é terra abundante de aguas e fructas e o seu vinho verde é delicioso.

Foi essa pelo menos a opinião de todos os meus companheiros de viagem, quando na adega do estimado lavrador da localidade, Manuel Marinho, procediam, ou procediamos — vá a confissão, — á prova d'um bojudo tonel, d'onde elle espumava rutilante e fresco.

É n'uma adega particular de lavrador, que póde apreciar-se bem quanto vale esse espumoso e refrigerante vinho verde, tão calumniado por aquelles que o não conhecem senão adulterado. Bizarro como nenhum é o lavrador do Minho para permittir essa prova.

Ha sempre uma pinga para os amigos, e amigos são todos os que chegam.

— O pão nunca falta para fazer bocca, e se se demoram um pouco mais ha o chouriço com ovos... um instante em que se prepara... e se não... uma rachasita de bacalhau!...

— Venha o pão e o bacalhau, o bacalhau cru, de fibra clara e forte!

E sentados onde acontece de haver um escabéllo, um barril vasio, um banco de madeira, ou em pé mesmo, a temperatura amenisada pela frescura do recinto, o sacrificio consumma-se, a malga de barro passa de

mão em mão como um thuribulo em missa de ceremonias, e satisfeito, alegre de ver apreciado o seu vinho, o lavrador insiste sempre:

—Mais uma pinga; isto são uns piscos a beber!

E dá elle proprio o exemplo despejando a malga.

É necessario fugir, como nos aconteceu, para não sermos victimas d'alguma... illusão de equilibrio!

O vinho verde de Monsão é celebre desde muito e a nossa primeira exportação de vinhos para Inglaterra no seculo XVI foi do territorio do concelho, especialmente da freguezia de *LARA*, contigua a Lapella e onde se encontram ainda hoje as ruinas das antigas adegas da companhia primitiva.

Lara foi padroado real e a trocou por outras o rei D. Diniz ao bispo de Tuy Sotto-Mayor em 1308; depois foi vigararia das freiras de Santa Anna de Vianna. O nome de Lara vem-lhe do conde D. Alvaro Nunes de Lara, que fizera aqui solar por concessão de Affonso II o Gordo, o qual assim quizera premiar a sua valentia na batalha das Naves, em Tolosa.

Sahindo de Lapella, uma estrada municipal, que ha de vir entroncar na de Monsão aos Arcos, conduz-nos já até á freguezia de *PIAS*, que foi commenda da ordem de Christo. D. Vasco Marinho cedeu a egreja ao rei para que fizesse commendador seu filho Pedro Marinho. Depois foi reitoria apresentada pela casa de Agra dos Abreus e mais tarde, por troca, passou aos de Barbeita. É n'esta freguezia tambem o solar da casa de Pias, da familia Pereira Pimenta de Castro.

A festa mais pomposa da parochia é a da celebração dos Passos no 1.º domingo da Quaresma; corre gente de todas as freguezias dos arredores para assistir a essa funcção religiosa, onde o carnavalesco põe sempre a sua nota comica.

Deixando, porém, essa extensa e fertil veiga de Pias, de cujo verde a egreja destaca as suas duas torres brancas de cal, atravessamos a encosta de pinheiros, entre os quaes a estrada passa, e volvemos á que tem de conduzir-nos a Monsão, onde fazemos segunda paragem no logar delicioso da Rebouça, junto das encantadoras quedas d'agua do Gadanha, pequeno affluente do Minho na ponte do mesmo nome.

A Rebouça é já logar pertencente a *TORPORIZ*, e ahi parámos para que Almeida fizesse um *croquis* das suas cascatas pittorescas. A vegetação é luxuriosa e áquella hora do sol poente, em qué os rolos d'agua se desfaziam em flocos de neve contra os penedos humidos, cantando o seu sussurro monotono, uma acariciadora idéa de idyllio entre noivos vinha fluctuar no espirito, ao ver-se enfofada nos loureiros e heras uma casita branca, gentilmente pendida sobre o rio.

*
* *

Estamos na villa.

José Pedreira, um amigo dedicado, natureza espontanea de artista e a quem devemos parte da collaboração illustrada d'este e do anterior capitulo, tomou amavelmente conta de nós na Praça de Deus-a-Deu, e nos indicou logo o passeio das muralhas da fortaleza antiga, para que podessemos primeiro que tudo apreciar as bellezas da paysagem, áquella meiga luz crepuscular. E como ella é encantadora sobretudo ao norte da villa! Os olhos volvem-se para qualquer ponto do horisonte e sempre a linha d'um grande circulo vegetal, formada pelo verde dos pinheiros bravos, acompanha a retina do espectador. Na margem gallega, a ermida da Senhora da Conceição, de cupula arredondada, d'um branco mate, dá ao quadro uma nota de effeito pittoresco e no fundo o rio, d'uma serenidade ineffavel, tranquillo como um lago, as poldras d'uma azenha arruinada até ao leito da corrente, inunda d'uma frescura suave toda a atmosphera casta que nos rodeia e da qual parece que aspiramos um mysterioso effluvio pantheista, onde a imaginação presente as antigas legendas da agua e os segredos múrmuros das florestas. Sob os nossos pés as muralhas em ruina, cobertas de hera, com as guaritas das sentinellas desmoronadas; e nos fossos e rampas as hortas e a vinha substituindo pelo seu verde alegre a catadura triste dos besteiros e homens d'armas de ha alguns seculos. Na margem do rio os edificios das thermas e por detraz de nós a villa com a sua feição solitaria de terra de provincia, áquella hora mais solitaria ainda.

D'ali fomos á egreja matriz, onde está a sepultura de Deus-a-deu, e onde existe, superior em merito artistico, uma bella capella gothico-florida, a mais preciosa joia de Monsão e que, talvez porque o é, a ignorancia cobriu de cal, como attestado do seu vandalismo!

Era noite já e como no dia seguinte destinaramos partir para Melgaço (o leitor conhece já a nossa jornada n'este concelho), não tivemos ensejo para copiar as artisticas e elegantes florescencias da pedra d'essa capella e mal, bem mal talvez, gastámos parte da noite a decifrar a inscripção que figura no tumulo d'um protonotario sepulto n'essa capella.

Bem mal, dissemos, porque insignificante é o valor archeologico da legenda, a ponto de o considerarmos depois inutil para os intuitos d'este livro, quando respigámos no gabinete os apontamentos colhidos do natural. Pobre notario apostolico, que teve n'aquella noite um somno pouco tranquillo, graças ás barbaridades de interpretação a que a sua legenda se prestava, vista pelo prisma do espirito humoristico do nosso companheiro

Abel. Silverio, o velho sachristão da matriz, é que não queria tomar parte na profanação e dormia a sua somneca de sabio da Academia, vendo-nos disparatar sobre a legenda. Recebeu por isso a competente esportula —quantos sabios a recebem pelo mesmo motivo—e nós seguimos para o hotel, onde a ceia teve tanto de alegre, como de detestavel, finda a qual recolhemos aos quartos para conciliar o somno e nos refazermos de forças para a madrugada seguinte.

O somno! isso sim!...

Por um lado o persevejo ignobil apoquentando-nos com pedidos para a sua collaboração n'este livro, pelo outro o ronco philarmonico e collossal d'um negociante que vinha para a feira do dia immediato e que ficára n'um quarto, paredes meias com o nosso.

—Um remedio infallivel para terminar esta musica—lembrou alguem.

—Qual?

—O de bater-se-lhe na porta.

E bateu-se-lhe uma pancada forte, sonora, com a valentia do desespero.

Uma voz de mulher, porém, respondeu afflicta:

—Quem é?

Tinhamos conseguido despertar apenas a esposa d'aquelle maestro wagneriano e não conseguiramos parar a torrente das suas harmonias!

Aconselhámo-nos resignação mutua e pensámos em evocar o silencio, já que nos era impossivel conciliar o somno.

*
* *

Madrugada alta estavamos já na praça de Deu-la-deu, de cuja estatua Almeida fazia o *croquis*, e não era ainda sol nado quando o carro nos conduzia estrada fóra em direcção ao extremo *norte-oriente* do concelho.

A vinha acompanha-nos sempre; é a cultura especial do terreno. Pouco a pouco a paysagem perde a sua amplidão vasta, o *pinus silvestris* rareia, o carvalho desdobra a sua folha recortada pela frescura das devezas. Ali nos fica á direita, n'uma encosta, cujo cabeço é já escarpado, a egreja parochial de *TROVISCOSO*.

O morgado de Barbeita apresentava n'esta freguezia o reitor, collado, que tinha 70$000 réis de renda annual. O primeiro padroeiro da egreja foi Vasco Marinho, que a deu ao rei D. Manuel, para n'ella fazer a commenda a Lôpo Malheiro, de Ponte de Lima, casado com uma sua filha,

Depois os Marinhos trocaram com os de Barbeita este padroado. N'esta freguezia está a quinta da Pedra, da familia Almada, a quem pertence a capella da matriz onde está o tumulo de Deu-la-deu.

Do logar de Reiris, pertencente a esta freguezia, era natural D. José Manuel de Lemos que morreu bispo-conde de Coimbra em março de 1870.

Ao sul de Troviscoso fica a freguezia de *LONGOSVALLES* ou Longovares, notavel outr'ora pelo seu mosteiro de frades cruzios, fundação de D. Affonso Henriques. Dotou e coutou depois o mosteiro em 1197 D. Sancho I pelos assignalados serviços que o prior D. Pedro Pires fez á sua causa e da patria, construindo á sua custa a torre e fortaleza de Melgaço.

Torre de Lapella — Desenho do natural por João de Almeida

O mosteiro passou a commendatarios mais tarde, sendo o ultimo d'estes D. Duarte, arcebispo de Braga e filho natural de D. João III.

Pentenceu depois á Companhia de Jesus e pela extincção d'esta á Universidade de Coimbra.

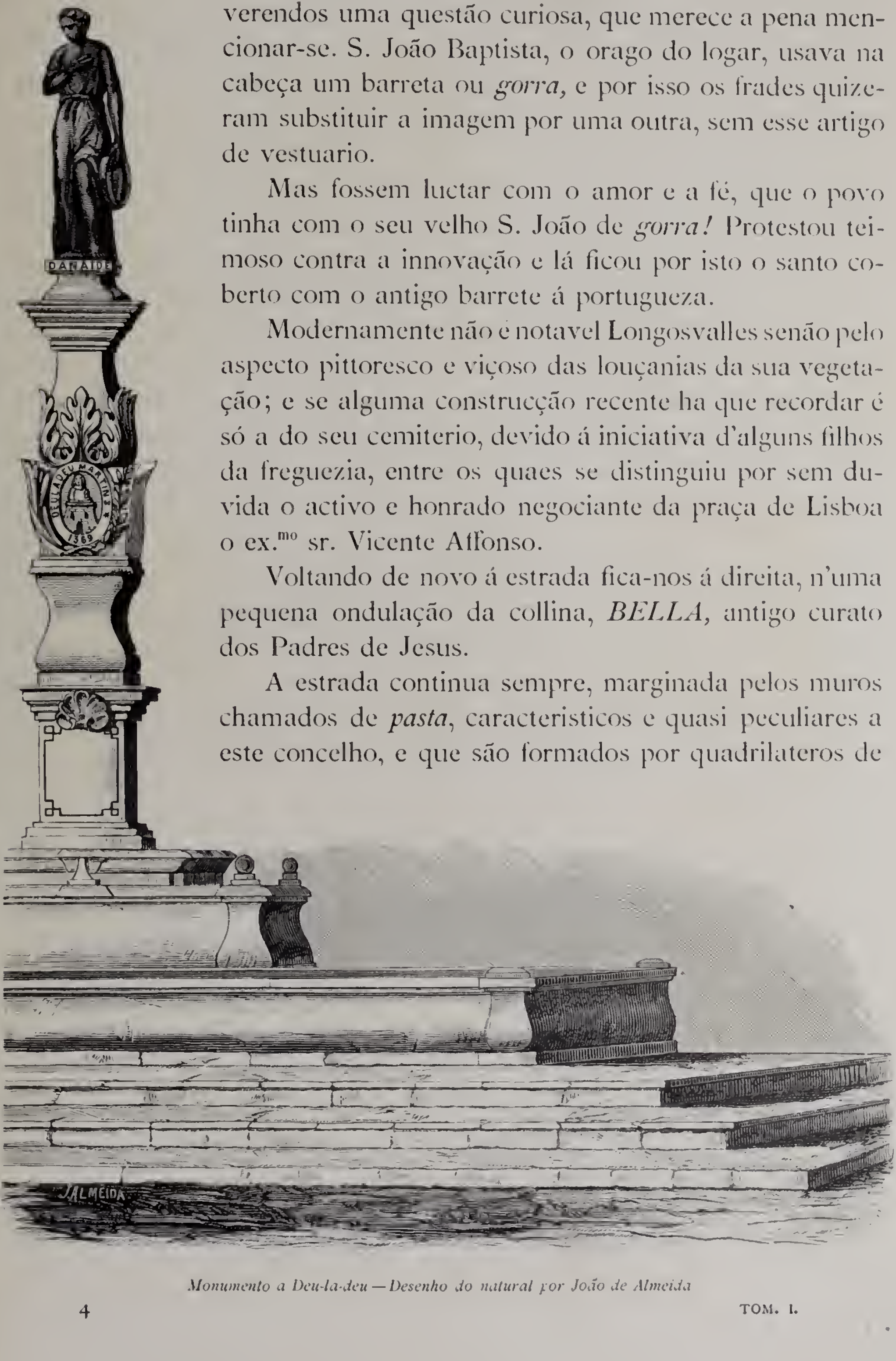
No tempo dos Cruzios houve entre o povo e os reverendos uma questão curiosa, que merece a pena mencionar-se. S. João Baptista, o orago do logar, usava na cabeça um barreta ou *gorra*, e por isso os frades quizeram substituir a imagem por uma outra, sem esse artigo de vestuario.

Mas fossem luctar com o amor e a fé, que o povo tinha com o seu velho S. João de *gorra!* Protestou teimoso contra a innovação e lá ficou por isto o santo coberto com o antigo barrete á portugueza.

Modernamente não é notavel Longosvalles senão pelo aspecto pittoresco e viçoso das louçanias da sua vegetação; e se alguma construcção recente ha que recordar é só a do seu cemiterio, devido á iniciativa d'alguns filhos da freguezia, entre os quaes se distinguiu por sem duvida o activo e honrado negociante da praça de Lisboa o ex.^mo^ sr. Vicente Affonso.

Voltando de novo á estrada fica-nos á direita, n'uma pequena ondulação da collina, *BELLA*, antigo curato dos Padres de Jesus.

A estrada continua sempre, marginada pelos muros chamados de *pasta*, caracteristicos e quasi peculiares a este concelho, e que são formados por quadrilateros de



Monumento a Deu-la-deu — Desenho do natural por João de Almeida

granito da altura de $1^{m},50$ em media, unidos entre si por argamassa vulgar de areia e cal.

A ermida da Assumpção, como um crystal de neve pousado entre uma corôa de granitos esfumados, no cerro d'um picoto, em cuja vertente se estende um avental de pinheiros bravos, pertence já a *BARBEITA*, palavra que vem do arabe *barrbaita*, composta de *barr*, campo e *baita*, casa.

Ao passado d'este logar anda ligada a lenda do emir Jusão, ao qual nos referimos já em *Lamas de Mouro*, e sobre que teremos brevemente de fallar.

Depois da ermida da Assumpção, a attenção do viajante é attrahida por uma pequena capella em ruinas, vicejante de hera, que fica entre um pequeno souto de carvalheiras, ao lado da estrada. É a capella de S. Sebastião e pertenceu aos fidalgos da Casa Branca.

Apeiamos do carro para a visitar e lamentariamos em verdade o trabalho inutil de atravessar a azinhaga, humida ainda do orvalho áquella hora da manhã, se não tiveramos a compensar essa decepção o encontro com uma pastorasita gentil, primavera de 18 annos, que fiava a lã para os seus *mantiles* e aventaes, emquanto os bois pacificos se compraziam na verde pastagem do campo em pousio.

Que formosas côres as d'aquella rapariga e que profundos olhos avelludados os seus, d'onde a candura se evolava como n'um mysterioso effluvio!

Boa e desconhecida amiga, a quem os rapazes da aldeia requestarão nas esfolhadas ao luar, eu te agradeço esta *silhouette* que tu não tomarás como um galanteio,—porque, além de muitas outras rasões, provavelmente não sabes lêr,—mas que constitue para o viajante um momento doce de alegria, como o que nos dá uma paysagem que se desenrola de repente no caminho, a sombra fresca d'uma arvore, o sussurro d'uma queda d'agua!

E porque fallamos em queda d'agua, ahi estão as pittorescas azenhas do Rio de Mouro, abaixo da ponte do mesmo nome, proximo da qual está a capella de S. Felix, em cujo adro se estendia n'aquella occasião, domingo 1.º de junho, a festa de arraial em honra do santo.

—Santo de carne!... affirmava a tradição local, e na persuasão de que iamos vêr uma verdadeira mumia, entrámos na capella, onde se nos deparou apenas uma esculptura em cartão e cêra, de pessimo trabalho.

Não perdemos todavia o tempo, porque, se não lográmos ver a mumia, que um antigo fidalgo da Casa Branca trouxera de Roma em tempos remotos e que a cêra teve de substituir, presenciámos a parodia cruel

d'aquella scena narrada pelos Evangelhos, onde só Jesus faltava para expulsar a azorrague os vendilhões do templo.

Imagina tu, leitor amigo, que á direita do altar do santo, perante o qual o povo se prostrava em oração fervente, um balcão como os das pequenas mercearias de provincia, onde não faltava a fenda estreita para a introducção do pataco macanjo, ostentava a sua rotundidade bojuda, e dentro d'elle um commissario do santo fazia os respectivos trocos ás esmolas dos fieis, que eram numerosissimas. Não tinha mãos a medir o bom do homem, e mal lhe chegava o tempo para abrir e fechar a gaveta da prata e do cobre, fazendo por isso esperar aquelles que traziam offertas de cêra ou de mortalhas ao santo.

Oh, religião! e não teres tu um outro Christo para varrer para fóra dos santuarios da tua fé aquelles que os polluem com as suas traficancias e infamias!

Fóra do templo, pelo adro contiguo, a romaria tinha como todas as romarias do Minho o ar festivo e religioso, ao mesmo tempo pagão e mystico, que é proprio do temperamento do nosso povo!

Emquanto grupos de mulheres se penitenciavam de joelhos em redor da egreja, ou davam a pé o numero de *voltas* promettidas, as musicas, em competencia, estralejavam do alto dos coretos as suas harmonias tempestuosas e era cada qual podia pedir aos cornetins uma nota mais aguda, aos trombones um trovão mais estrondoso!

As limonadas de cavallinho tinham um consumo desesperado e, proximo das pipas montadas sobre os carros, a caneca passava de mão em mão com o espumoso vinho da localidade, escarlate puro como o *sangue de Christo.*

São um traço caracteristico da provincia as romarias e merecem por isso mesmo que lhes dediquemos um capitulo especial no nosso trabalho. Tel-o-hão, por certo, a seu tempo, e ahi tens a rasão por que deixamos já esta de S. Felix, onde nos demorámos apenas o preciso para que Almeida podesse esboçar alguns costumes do concelho, entre os quaes tinha uma pittoresca originalidade o d'esse homem de Trute, um desconfiado terrivel, que apenas presentiu que era desenhado *d'après nature,* se nos escapou pela romaria fóra, tendo sido necessario que um de nós entrasse na posse da sua confiança, pelo poder persuasivo da palavra.

—Mas que queriam vocês fazer de mim?—perguntava intrigado.

E agora, leitor, deixando definitivamente a romaria, vês ali, proximo da capella, aquelle cruzeiro ou padrão, em cuja haste o esculptor imaginou collocar Sant'Iago? Pois é a lenda, em pedra, d'esse emir que tu já conheces de nome; vou contar-te a historia do Mouro, visto que esse bom

arabe se perpetuou na denominação de Lamas de Mouro, que já te descrevi em Melgaço, na ponte em que estamos, e em Riba de Mouro, de que logo te fallarei.

Accresce que esse filho do Koran fez ainda do Crucificado, que existe n'esta capella da casa de Barbeita, uma recordação mais do seu nome; o povo conhece-o só pelo nome de «Senhor do Mouro.» O emir era o possuidor d'estes terrenos; em Riba de Mouro a quinta, em Lamas a coutada para caçar, junto do rio o doce divertimento da pesca!

O homem de Trute — Desenho do natural por João de Almeida

Mas os tempos corriam maus, e entre o Koran e o Evangelho a lucta travara-se sanguinolenta! Um dia em que o mouro vinha no seu cavallo, uma turba de christãos perseguiu-o valentemente; era a guerra feroz e sem tregoa, o acossar do lobo até ao seu covil!

O emir teve medo! decididamente as vantagens estavam todas do lado dos christãos, que o não poupariam um instante!

E a sua crença em Mahomet não o salvava do perigo! O propheta não descia a exterminar com a sua espada invencivel aquelles inimigos, cujos gritos de morte sentia já tão de perto!...

—Por Sant'Iago, por Sant'Iago— bradavam-lhe quasi aos ouvidos.

Uma idéa, um relampago de luz atravessou o seu pobre espirito obnubilado pelo terror!

—Serei christão, disse invocando o apostolo, que era na lenda o terrivel adversario dos seus, serei christão se tu me salvares d'este perigo!

E foi então que o seu valente corcel transpoz d'um salto toda a ribeira de Jusão.

O perigo estava passado; na margem opposta os christãos, esbarrando contra aquelle curso d'agua, haviam cessado a sua perseguição; e o emir, que tinha invocado o santo mais implacavel contra os da sua raça, cumpria a sua palavra, baptisando-se.

E eis ahi, como se não poderia continuar a lenda de alguem se atirar a outrem, como *Santiago aos Mouros*, se o santo se lembrasse de ser para com todos tão misericordioso como o foi com o nosso emir.

*
* *

Atravessando a ponte de Mouro entramos na freguezia de *CEIVÃES*.

Estende-se pela encosta da serra, e a sua cultura é a do vinho e milho. A casa de Bragança apresentava o reitor que tinha 100$000 réis de rendimento. Ceivães foi commenda da Ordem de Christo, dos marquezes de Villa Real até 1641 e sendo o ultimo d'estes justiçado e os seus bens confiscados, o que possuia n'este logar passou para um prestimonio da Ordem, da casa de Bragança.

Seguindo a estrada, encontra-se a capella da Senhora da Boa Nova, festejada no 1.º domingo de maio e pertencente ainda a Ceivães, assim como o logar da Vallinha, um grupo de casas avillaradas, que a estrada atravessa.

Á esquerda encontra-se o palacio do Barão do Hospital, que o seu proprietario amavelmente nos franqueou. Eis-nos já em terreno de *VALLADARES*.

A freguezia formava com outras um concelho, que foi extincto por decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Monsão. Teve foral dado por D. Affonso III, segundo alguns, e tem casa de misericordia e hospital. Segundo Pinho Leal foi D. João I quem lhe deu carta de foral em Lisboa no mez de junho de 1317, que D. João II confirmou em Santarem em 1487. D. Manuel deu-lhe foral novo em Lisboa no 1.º de junho de 1512. Este escriptor não refere o foral de D. Affonso III.

Foi titulo de condado, creado por D. Pedro II em favor de D. Miguel Luiz de Menezes, descendente da casa de Villa Real. Valladares pertenceu primitivamente ao fidalgo gallego D. Soeiro Arias de Valladares, passou depois aos Abreus, e em seguida aos marquezes de Villa Real, que a perderam no reinado de D. João IV, por seguirem o partido de Castella, ficando então na corôa que a doou ao Infantado.

Tinha juiz ordinario, tres vereadores e procurador de concelho, a cuja eleição presidia o corregedor de Valença; escrivão da camara, almotacés, quatro tabelliães, meirinho, juiz dos orphãos, distribuidor, inquiridor e contador, tudo data do rei; escrivão das sizas, capitão-mór, sargento-mór e quatro companhias de ordenanças. É quasi preciso tomar folego para enumerar as *justiças de Valladares!*

O seu terreno é fertilissimo e excellentes os seus salmões do Minho e trutas do rio de Mouro.

A egreja parochial de Santa Eulalia de Valladares, cuja festa se faz em julho, fica um pouco distante da villa, ao lado direito da estrada, em frente á egreja de S. João de Sá. De Valladares é oriunda a familia de S. Gil, se não elle mesmo, o celebre frade cuja mocidade foi cheia de aventuras, o que o não impediu de estudar medicina em Santa Cruz de Coimbra e de ir em Paris applicar-se a esta sciencia, de que foi em Portugal um dos primeiros luminares. Em Toledo entregou-se á pratica das sciencias occultas, pelo que o povo dizia ter elle feito pacto com o diabo; mas o facto é que Fr. Gil, atacado pela demonomania, tomou o habito de S. Domingos em Palencia, e se devotou desde então á pratica das virtudes christãs.

Sobre a margem do rio divisa-se n'uma ondulação de collinas *S. MIGUEL DE MESSEGÃES,* nome que parece vir de messe, seara. As planicies onde esteve a antiga egreja de Messegães, ainda hoje conservam o nome de *searas,* ou *chã* de Messegães. A freguezia pertenceu ao extincto concelho de Valladares e foi reitoria do Infantado, depois de confiscados os bens da casa de Villa Real.

Sua festa arraiada faz-se no 2.º domingo de junho.

Depois de se deixar á direita a capella da Misericordia pertencente a Valladares, com a sua torre derrocada e architectura dorica no entablamento, e de se passar a pittoresca vivenda do morgado do Rosal, a estrada entra na parochia de *S. JOÃO DE SÁ,* que pertenceu tambem ao concelho de Valladares; na freguezia está a quinta que foi da familia dos Cãos, entre os ascendentes dos quaes se tornou celebre Diogo Cão, o descobridor de Angola e do Congo, e levantador do notavel padrão nas boccas do rio Zaire, esse rio tão disputado hoje e cuja prioridade de descoberta chegam até a negar-nos!

Ao lado de S. João de Sá fica, n'uma baixa, entre cabeços de montes, *BADIM.*

Pertenceu egualmente ao concelho de Valladares. No couto de Villa Boa ha uma torre antiga que pertenceu á casa de Abreu e ruinas de outra, solar dos Villarinhos, descendentes por bastardia da primeira, pelo facto de ser um filho bastardo que salvou o pae do ataque d'umas serpentes (hoje ainda symbolo das armas dos Abreus), quando os filhos legitimos o abandonaram.

Um ponto que tu não pódes deixar de visitar comigo, leitor, é o da ermida de Nossa Senhora da Graça.

Avistava-se desde muito da estrada e se mais cedo não fixei n'ella a

tua attenção é por que te reservava o prazer de gosares comigo o panorama da Cintra monsanense

Os nossos chorographistas descrevem-a sempre com Valladares, mas a verdade é que a festa da Senhora da Graça é alternadamente feita por S. João de Sá e Badim na primeira segunda feira de junho.

A capella é de gosto antiquado, ornamentada de boas columnas na entrada; e se a devoção da Senhora chama ao arraial os povos dos arredores, não menos os deve chamar ali aquella esplendida vista panoramica, cujo horisonte se estende desde o concelho de Valença ao de Melgaço e abrange por assim dizer a totalidade do de Monsão.

Assim é que além das freguezias que conheces já, tu avistas d'ahi, banhadas pelo rio de Mouro, as parochias de Merufe, S. Paio de Segude, Podame, Riba de Mouro e Tangil, e ainda os contra-fortes da serra da Anta, onde se acantonam Anhões e Luzio.

MERUFE é a freguezia mais populosa do concelho, pois chega a contar 2:103 habitantes. É no seu territorio que existe o solar dos Abreus, de Regalados, que eram já senhores d'este couto e casa, quando Affonso Henriques feriu o celebre torneio de Val de Vez, em que se tornou notavel aquelle Abreu, a quem já nos referimos, como fundador do castello de Lapella. Em Merufe existiu, no logar do mosteiro, um convento de freiras benedictinas, a abbadessa do qual, D. Guiomar Rodrigues, representou em 1481 a D. João II a pobreza em que viviam, pelo que o rei com auctorisação do papa Xisto IV reduziu o mosteiro a reitoria secular, dando esta aos arcebispos de Braga, e mandando as freiras para outros conventos da mesma ordem.

Confinando com esta freguezia está a de *SEGUDE,* que outr'ora pertenceu tambem, como a sua visinha *PODAME,* ao extincto concelho de Valladares. Entre as duas fica a festejada ermida da Senhora da Boa Vista.

RIBA DE MOURO, não longe de Podame, é a freguezia a que nos temos referido como habitação do lendario emir. Foi couto e solar dos Quintellas, fidalgos que floresceram na epoca de D. Diniz.

A sudoeste de Riba de Mouro fica *TANGIL,* em cuja aldeia ou logar da Costa foi o solar dos Soares Tangis, descendentes, segundo Carvalho, do celebre D. Soeiro Mendes da Maia. Ha ainda vestigios d'um outro solar, que se julga ter sido o dos Neivas.

Continuando n'esta excursão pela montanha, encontra-se, para além da velha estrada real, que ia de Valladares a Villela dos Arcos, e já nos contra-fortes da serra da Anta, as parochias de Luzio e Anhões, esta ultima situada com Trute, junto das nascentes do Gadanha.

LUZIO, em plena serra, teve antigamente privilegios e foi onerada por tributos cuja rememoração é interessante e curiosa.

Pertencendo primeiro ao padroado real trocou-a D. Diniz por outra, em 1308, ao bispo de Tuy, Sotto-Maior. Duas partes da freguezia eram couto annexo ao de S. Fins, de Valença, na parte civel, e pertenciam a Monsão na jurisdicção criminal. Á camara d'esta villa pagava Luzio 29$000 réis de *fumagem*, sem que lhes fosse sujeita em mais tributo algum. [1]

Os povos da freguezia eram isentos de ir a qualquer guerra, tendo apenas como condição velar o *Vau da Estaca*, proximo de Lapella, quando a guerra fosse entre as duas nações peninsulares.

Um outro tributo curioso pago pelos Luzienses era o do *reconhecimento* ao mosteiro de S. Fins; cada morador de Luzio pagava annualmente ao convento quatro ovos, um cabrito, tres dias de serviço e dez réis em dinheiro. Esta contribuição era de metade para os meios fogos,—casa de chefe viuvo ou solteiro.

Não pára n'isto a originalidade das contribuições de Luzio; ao rei, quando o acaso da guerra ou das suas excursões politicas fazia que viesse a estes sitios, tinha a freguezia de dar uma vacca; e ainda mais metade, se o acompanhasse algum filho.

Como temos degenerado nós, os que n'um restaurante pedimos hoje enfastiados a dose de meio beef! Ponha o leitor os olhos n'essa vacca para el-rei e na metade mais para o real herdeiro, e peça á providencia que o livre da praga das peptonas que lhe promettem curar a sua dyspepsia!

ANHÕES alcandora-se, como as aguias bravas, nas brenhas da serrania. Dos seus pontos mais elevados deve ser encantador o horisonte, como o é já para quem se colloca junto do campanario de *TRUTE*, o qual domina a fertilissima encosta onde toda a freguezia assenta e o largo panorama em que oscillam as arestas dos eremiterios visinhos, que d'ahi se vêem matisar a estrada real dos Arcos,—uma faxa luminosa interceptando a vegetação fresca da campina.

Trute é o solar e torre dos Palhares, descendentes da celebre Deus-a-deu, que da freguezia é oriunda. Fallava d'este solar o foral velho de Monsão, perdido nas ultimas escaramuças de 1659.

Quando descrevermos o castello da Fôrna, em Boivão de Valença, contaremos a lenda d'uma rainha de Aragão, na qual se indica, *si vera est fama*, a origem do nome de Trute.

Retroceder, meu amigo, agora que estamos no extremo do concelho,

[1] A *fumagem* ou *fumadego*, designada ainda em alguns documentos antigos com o nome de *fogo* ou *fogaça*, era um censo, tributo ou pensão, que o directo senhorio recebia de todas as casas dos seus vassalos, onde se accendia fogo. Chamou-se tambem *direito de cabeça* ou *cabeção*.

MONSÃO — *Desenho do natural por João de Almeida*

seria perder um tempo precioso e tanto mais que proximo de Trute está já o logar do Rio Bom, pertencente a *PORTELLA,* e ao lado temos a estrada real que desce do Extremo, caminho facil, em que tu podes abandonar o chouto massador da tua alimaria, pelo conforto d'uma victoriasinha leve.

Eis-nos em plena estrada pois, circumdados sempre por essa vegetação luxuriosa do Minho, os renques de pinheiros ao nosso lado, as vinhas como relva esmeralda de canteiros ajardinados, onde os milharaes ostentam a sua côr verde-loura.

Sobre a nossa esquerda, n'uma collina pittoresca, ahi está a egreja de *ABBEDIM,* cujos logares chegam a estender-se na serra até proximo dos montes da Fôrna. Abbedim vem do arabe, e significa *adorar, dar culto;* outros querem que a palavra seja corrupção de Abydis, um rei mythico qualquer, que n'este logar nascera. Mais verdadeira nos parece a primeira das interpretações e póde ser mesmo que o castello de S. Martinho, aggregado de penedias, a uma distancia curta do castello da Fôrna, que no concelho de Valença havemos de descrever, não represente senão vestigios de antigo templo, em que se celebrasse uma qualquer fórma cultual.

A estrada desce aos torcicolos por entre a espessura do pinheiral, até que ao lado esquerdo nos surge a pequena parochia de *TAYAS* e *BARROÇAS,* fusão das duas antigas do mesmo nome; a primeira curato das freiras de Monsão; a segunda curato das mesmas, com alternativa do abbade de Abbedim. O vigario diz a missa um domingo em Barroças e outro em Tayas.

A estrada continua descendo no seu zig-zag rapido; os quadros luminosos desapparecem e parece que o espirito se vae recolhendo na camara escura das suas recordações, ao passar entre as sombras melancholicas dos pinheiraes que orlam o caminho.

Passamos na freguezia de *MOREIRA,* que foi curato dos Padres da Companhia e depois da Universidade. D'aqui são as casas dos Magalhães e Araujos Lopes. A primeira foi antigamente do mestre de campo Leonel de Magalhães.

*
* *

Prosegue a fila dos pinheiros bravos; a paysagem é estreita, de doces linhas melancholicas; um outro casebre afflora á estrada e quando a cortina se descerra um pouco, um raio de luz brinca, ao longe, sobre o loiro das searas e os diamantes da agua. A solidão é profundamente casta, a solidão da natureza latente; e quando mais essa mysteriosa soledade se

accentua, um palacio surge ao nosso lado, como se fôra a habitação construida por algum genio das selvas.

É a Berjoeira, o mais celebrado logar da freguezia de *PINHEIROS*. A Berjoeira apenas, com a sua fachada dorica imponente e os seus torreões silenciosos, porque, com a morte do ultimo fidalgo Simão Pereira Velho de Moscoso, o palacio perdeu a antiga tradição da franca hospitalidade portugueza. Raro era o dia em que não havia hospedes, familias inteiras, caravanas alegres que escolhiam a Berjoeira como ponto de recreio. Um canto de paraizo terreal. Comia-se bem e bebia-se; as sombras dos jardins eram frescas, os lagos tranquillos, os parques deliciosos! Mais deliciosa ainda a bonhomia do dono da casa! As nossas lembranças de mocidade marcam um d'esses dias bem passados.

De Valença foramos tres rapazes, de Tuy duas familias distinctas, a que pertenciam quatro formosas raparigas, alegres como passaros e vivas como hespanholas que eram.

Em Monsão aggregara-se a esta caravana o actual coronel de caçadores 5, José Maria de Almeida e seu filho José, ambos então em operações na linha do Alto Minho.

Trinta pessoas á meza! uma sexta-feira de mais a mais, e seria difficil, pensavamos, preparar um escrupuloso jantar de jejum, que não melindrasse a religiosidade das nossas hespanholas. Quanto a nós, rapazes, tinhamos a bulla d'uns estomagos d'aço.

Difficuldade fidalgamente resolvida. Houve um jantar duplo de carne e de peixe, para que nenhuma susceptibilidade fosse ferida! Alguns acharam delicioso, mas delicioso ainda!

Nos salões vastos cantou-se, dançou-se e fez-se musica. Uma das senhoras hespanholas era já uma distincta professora e o velho fidalgo tinha o culto da arte de Mozart! Creio mesmo, que para não ficar descontente nenhuma das musas, eu perpetrei, inspirado pelo suavissimo olhar d'uma das nossas companheiras, o crime lyrico d'uns versos.

A pintura tinha o seu templo; era a galeria de quadros em um dos pavimentos do palacio; havia um pequeno quadro que se attribue a Van-Dyck e outro ao nosso Grão-Vasco, que fizeram por muito tempo a nossa admiração.

Só quando a noite veiu, noite de luar de verão, é que deixámos o palacio, immerso nas suas sombras melancholicas.

Passavam-se outr'ora assim os dias na Berjoeira.

Morreu cego o fidalgo, ainda ha poucos annos, e o palacio pertence hoje á familia Caldas e Palmeirins, de Lisboa, que annunciaram já a sua venda. A edificação começou em 1806 e terminou em 1828; a fachada

principal é dorica e no corpo do centro avulta o brazão d'armas. A frente que deita para os jardins é de ordem toscana.

É nobre e magnificente a escada; as salas espaçosas, mas mal adornadas e com pinturas de merito inferior; a capella tem uma cupula esbelta; a galeria dos quadros é pequena e não tem muito valor.

A adega é grandiosa e aprazíveis os jardins e quintas annexas. Ha proximo do palacio alguns predios que o fidalgo mandou construir para os seus caseiros.

Contiguo a Pinheiros fica, entre oliveiras e vinha, o campanario de *MAZEDO*.

A mitra apresentava o reitor, que tinha de renda 125$000 réis. Os dizimos eram dos Jesuitas e por extincção da Companhia passaram á Universidade, que os recebeu até 1834. N'esta freguezia são as antigas casas de Serrade e a de Manuel Pereira de Moscoso.

O nome de Mazedo é explicado pelos etymologos, — vá para elles a gloria, — de ser *mau* e *azedo* o vinho da freguezia! Francamente o nosso paladar não concordou com tal etymologia, e como veremos logo, Mazedo é uma das freguezias mais productoras do precioso liqnido.

De Mazedo destaca á direita a via municipal que vae por emquanto aos Milagres, mas cujo projecto é a terminação em *SAGO*, uma povoaçao mais do alto, e sem importancia digna de maior menção.

Os Milagres são o logar mais importante da freguezia de *CAMBEZES*, e extremamente concorridos no dia 8 de setembro pelo povo das aldeias visinhas que vem fazer romaria á Senhora dos Milagres, cuja formosa e vasta capella domina todo o villar.

Os Pereiras de Castro, da casa do Sopegal, foram os fundadores d'essa ermida.

Perto dos Milagres fica a parochia de *LORDELLO DO MONTE* e n'um valle fresquissimo e pittoresco o principal logar de *PARADA*, estendendo-se todos os outros pela serra abaixo em canteiros d'um verde claro.

*
*   *

Quem volta dos Milagres para Monsão encontra na margem da estrada a capella do Senhor da Boa Morte, e vê, se olhar sobre a sua esquerda, um morro de penedia, com a fórma caprichosa d'um castello roqueiro. Interrogados os da localidade, respondem immediatamente:

— É o castello.

— O castello?

—Sim, o castello onde existe o buraco da Moura.

A tua curiosidade fica desde então espicaçada; ha ahi por força uma lenda a investigar e tu não queres naturalmente perder a occasião mais propria para o fazer.

—Chama-se então aquelle ponto?

—A gruta do Agrello, senhor.

Tinhas ouvido talvez fallar da *Gruta d'Agrella* (é assim que os nossos chorographistas a denominam) e por isso tomas como guia um conhecedor do terreno e preparas-te para uma pequena ascensão a pé.

O aggregado de penedia parece ameaçar-te; rochedos collossaes, d'uma enorme massa bruta, como que esperam apenas esmagar-te. Sobes entretanto e em cima o guia diz-te logo:

—Aqui está a bicha que os mouros escreveram—e aponta para um sulco extenso, aberto no granito, onde elle te desenha a cauda, o ventre, a cabeça do reptil.

Em cima, na cabeça chata do mais elevado penedo, umas covas ou pias, de fórma mais ou menos ovalar, chamam egualmente a tua attenção. Perguntas ao guia o que aquillo significa, mas elle encolhe os hombros e responde apenas:—Obra dos mouros!

Nada ficas sabendo, é claro, mas o teu espirito corre naturalmente para essa nebulosidade da historia, em que se adivinham as primeiras fórmas cultuaes, e, quando mesmo não sejas um erudito, ao vêr a fórma exquisita d'aquellas pias abertas no alto do rochedo, fórma que por vezes te parece desenhar as linhas d'um animal qualquer, pensas nos sacrificios das victimas, feitos sob o grande céo, pelos primeiros sacerdotes das religiões primitivas. [1]

Percorri ainda com avida curiosidade aquelle morro e um sitio houve em que encontrei vestigios claros de muralha e proximo d'ahi alguns tijolos, de construcção evidentemente antiga. Teria sido aqui tambem um ponto de fortificação romana? Respondam os eruditos, a quem apenas posso recommendar a exploração d'aquelle mysterio de granito e terra.

Para a gruta foi um rapazinho,—o nosso guia,—e tão supersticioso, por signal, que não se atreveu a entrar comigo, e todo se apavorou de susto quando uma andorinha fugiu do interior, escorraçada pelo calor da lumieira que accendemos.

[1] Os archeologos chamam a estas covas *fossettes*, e segundo o sr. Desor ellas constituem o distinctivo d'uma raça, que elle denomina «*race ecriveuse.*» O sr. Martins Sarmento lembra que esses signaes, não raros nos dolmens do norte da Europa, são triviaes nas nossas cidades preromanas.

Mais d'uma vez faremos notar ao leitor a existencia d'essas covas.

A gruta fica por baixo dos mais altos penedos; tem uns 3 metros de altura por 6 de largura, afóra umas duas galerias lateraes, ambas curtas e que morrem nos angulos da rocha. O pavimento é terreo, e não encontrámos ahi nenhum objecto a não ser um bocado de tijolo, de antiga fabricação ceramica. A lenda da moura lá anda ligada á existencia da caverna, e, tal é o terror que inspira a sua fauce escura e tetrica, que d'um padre de Monsão nos contou um natural d'ali ter fugido precipitadamente quando tentava visital-a, porque julgava ser um attentado contra Deus o fazer tão imprudente visita, sem vir munido do talisman sagrado da sua estola!

—Quanto a mim—informava esse natural com ar de fanfarronada valente—entrei com a espingarda bem carregada e ao chegar lá dentro desfechei logo contra o escuro! Não me appareceu nada, mas vi um buraco que ia por ali fóra e que não se sabe até onde chega!

A lenda, meu caro, sempre a lenda, por isso que, como viste, a gruta não tem mais do que as dimensões approximadas que te marquei, e os seus angulos morrem nos angulos das rochas que a formam.

*

* *

Tomamos de novo a estradasinha dos Milagres no ponto em que a deixámos, o da capella da Boa Morte; percorremol-a agora em toda a sua extensão por entre um pinheiral formoso, terminado o qual entramos na grande arteria que vinhamos seguindo antes de ir fazer essa excursão até á gruta do Agrello. D'ahi até á villa caminha-se por entre os *muros de pasta* das quintas dos arrabaldes, n'uma descida suave e pittoresca; e se, além da paysagem, alguma coisa ha que nos interesse, é decerto o curto exame d'esse cruzeiro, que o leitor vê n'uma gravura do texto, analogo a tantos outros na provincia, em que o Christo e a mãe são crucificados de companhia na mesma cruz.

Na villa mal entramos n'este instante, porque á entrada fica logo o caminho para as thermas que vamos examinar, e porque é preciso tambem aproveitar o tempo para tirar d'esse ponto um esboceto do aspecto geral da povoação.

As aguas nascem a pequena distancia do rio, n'um sitio ameno, e são canalisadas toscamente para os banhos conhecidos pelos nomes de *brando, contraforte* e *forte,* segundo as suas temperaturas; o brando marca 31°,75; o contraforte 39°; o forte 43°,5.

As do ultimo foram as que serviram para a analyse chimica; são cla-

ras, agradaveis ao paladar, inodoras. Mil grammas d'agua deixam pela evaporação um residuo solido de $0^{gr.},4615$, principalmente composto de chloretos, sulphatos alcalinos e calcareos, e silica, o que as faz entrar na classe das chloretadas sulphatadas, como as de Saint-Gervais e Brides e que applicadas em bebida, douches ou banhos simples teem as suas indicações *particulares* nas dermatoses humidas complicadas de phenomenos nevropathicos e de erethismo nervoso, nas dyspepsias saburrosas e diarrheas catarrhaes.

Palacio da Berjoeira

Isto mesmo é confirmado pelos clinicos da localidade, que teem colhido magnificos resultados do seu uso nas nevroses e elephantiasis incipiente, nas doenças pulmonares, nas gastrites e enterites chronicas, e muito especialmente nas dyspepsias. Pela sua thermalidade elevada, a sua efficacia é notavel ainda nos rheumatismos, paralysias, sciaticas, e arthrites gottosas.

As aguas de Monsão emergem do terreno alluvial moderno, que cobre o alveo e margem do rio e que é posterior na sua deposição ao que se estende na encosta até 2 kilometros ao sul da margem. O deposito al-

luvial compõe-se de quartzo rolado, areias, argilla e fragmentos de schisto de diversas especies. As fontes mineraes teem a sua origem no granito subjacente que pertence á mesma especie porphyroide descripta e a que se acha associado o granito commum de duas micas e accidentalmente o granito fino de mica negra.

Os edificios são acanhados, de madeira pela maior parte, e sem as commodidades tão necessarias nos estabelecimentos d'esta ordem. O mais elevado, sobre o nivel do rio, foi mandado construir em 1801 pelo conde de Amarante, que deixou um legado com esta applicação ao municipio da localidade. No mesmo anno Ricardo Allen, consul inglez em Vianna, mandou edificar outra casa, que ainda hoje tem o nome de *Banho do Inglez*. Alguns metros a juzante da therma brota o *Banho fresco*, cuja nascente só foi conhecida em 1807; depois segue um tanque a descoberto e ainda uma outra fonte, que só começou a ser utilisada em 1819.

Os volumes das nascentes apreciados pelos srs. Schiappa e Cruz são:

A de Therma debita em 24 horas	43:900 litros
A do Inglez » » » »	17:540 »
A dos Banhos temperados debita em 24 horas	123:550 »
A do tanque » » » »	123:500 »
A nascente fresca » » » »	10:540 »
Volume total em 24 horas	319:030 »

Pela sua capacidade volumetrica, como pelas suas preciosas qualidades, estas aguas devem merecer ao municipio de Monsão mais carinhosa solicitude, que bem recompensada seria nos rendimentos do cofre municipal. A concorrencia é já hoje, por estação balnear, cerca de 2:000 pessoas, entre as quaes muitos hespanhoes d'além Minho.

*

* *

Depois de termos bebido as aguas da nascente fresca, na sua qualidade de aperitivas para o jantar, medicina de instante, em que só a abundancia do remedio nos fez pensar, entrámos em Monsão pelas portas das Caldas, jantámos mais detestavelmente do que houveramos ceiado dias antes, com a aggravante de termos estimulado o estomago com a agua mineral, e meia hora depois eis-nos na estreita rua de Sá da Bandeira,—é pomposa em nomes de ruas a villa de Monsão,—em frente da casa onde a tradição diz ter habitado a Deu-la-deu e que hoje é uma ruina. O desenho que vês no principio do capitulo é o d'um elegante balcão d'essa casa, onde muitas vezes devera assomar o vulto da heroina.

E não fôra este tempo de prosaismos realistas, que bem poderamos julgar-nos em plena edade romantica, quando a esse balcão encostámos uma escada, que não era positivamente de seda, para trepar a essa gloriosa e artistica janella.

A rua era tão estreita que não permittia apanhar a perspectiva do balcão e para fazer-lhe o esboço teve Almeida de se encarrapitar com o seu album sobre a escada, para ficar frente a frente e n'um plano horisontal com a varanda. Estas manobras, um pouco de namorados medievaes, um pouco de bombeiros voluntarios, crearam-nos logo um publico numeroso de creanças, de mulheres, de curiosos despreoccupados. Commentava-se o facto e não se sabia explicar bem a sua originalidade pittoresca. O proprietario do edificio chegou a vir em defeza dos seus direitos ameaçados, mas teve, felizmente para nós, o bom senso de comprehender o nosso trabalho e de nos deixar em plena liberdade.

—E o senhor não esqueça o macaco,—dizia-nos um popular—aquelle macaco é que representa Monsão.

Não esqueceu a tua recommendação, meu bom desconhecido, e tu, leitor, pódes ver n'um angulo da nossa gravura da janella a figura d'esse cão, em que a lenda popular symbolisa a personalidade da villa.

Sempre a necessidade do symbolo, da objectivação da idéa!

Prompto o esboço, visitámos ainda, tanto quanto nol-o permittia a tarde que se adiantava, algumas curiosidades de Monsão, as primeiras das quaes, além das enumeradas, achámos ser a famosa custodia de prata dourada, bellissimo trabalho da nossa epocha aurea de ourivesaria, e uma porta de sachristia da antiga egreja dos Nerys, pela sua belleza de talha, infelizmente a deteriorar-se, como tantas outras preciosidades artisticas que o municipio devera zelar.

O convento dos Nerys é hoje hospital da Misericordia, mas da egreja nada resta senão a porta que já enumerámos, as paredes desmoronadas e a capella-mór derruida, no tecto da qual se vêem ainda uns dois ou tres enquadramentos com pinturas a fresco, e em cujo altar a talha, completamente deteriorada, revela um trabalho que bem digno fôra de melhor sorte.

Houve tambem na villa um mosteiro de freiras franciscanas e antigamente um de benedictinos (alguns dizem de frades e freiras), proximo das portas do Rosal, onde depois foi a casa nobre do Rosal, e hoje é ainda a quinta d'este nome.

A casa da Misericordia e hospital tem as rendas do antigo hospital de S. Gião, extincto pelos annos de 1650.

Uma anedocta historica que revela o brio monsanense:

Affonso V doara o senhorio da villa ao conde de Ourem; os habi-

tantes oppozeram-se porém de modo tal, que não foi possivel ao conde tomar posse. Subiu ao throno D. João II e fazendo-lhe D. Affonso queixa d'esta desobediencia, ao passo que Valença, doada ao mesmo conde, não impugnára a doação, respondeu o soberano:

—Valença é femea e Monsão é macho.

E deixou continuar em poder da corôa o senhorio da villa, cujos habitantes privilegiou, dando as honras de *infanções* aos cavalleiros, e aos peões a de cavalleiros.

*

* *

Até 1834 Monsão teve juiz de fóra, capitão-mór, sargento-mór e quatro companhias de soldados pagos á custa dos habitantes. As recordações historicas que enaltecem os padrões da terra são ainda, no que diz respeito ao brio heroico das mulheres de Monsão, accrescentadas com os nomes de Helena Peres e de D. Marianna de Lencastre, que formam com a Deu-la-deu a heroica trindade feminil, em que ha tres nomes distinctos e uma só idéa gloriosa—o amor da independencia patria.

D. Marianna de Lencastre, tendo-se travado um sangrento encontro entre os nossos e os hespanhoes, em Salvaterra, junto do Minho, atravessa o rio a toda a pressa com duas peças de artilheria e decide com este reforço inesperado o combate a favor do conde de Castello-Melhor, seu marido e governador de Salvaterra por el-rei de Portugal.

Helena Peres, viuva de João Felgueira, por occasião do cerco de 1659, quando a limitada guarnição da praça começava a ser insufficiente para a defeza, arma-se de lança, põe-se á frente de trinta mulheres resolutas e com a sua ala vae bater-se nos pontos avançados, onde mais renhida corria a peleja.

Este assedio foi terrivel, e deu logar a inexcediveis feitos de bravura da parte dos sitiados. Apesar da enorme desproporção de forças,—pois que o exercito hespanhol era numeroso, e a guarnição da praça orçava apenas por 2:000 homens, mal providos de munições e mantimentos,—os cercados defenderam-se com tal heroicidade, que só quando foi humanamente impossivel resistir por mais tempo, é que a praça capitulou. A população fôra dizimada pelas doenças e pela fome, e dos seus 2:000 bravos defensores apenas restava a decima parte!

Foi então que o proprio mestre de campo general do exercito hespanhol, D. Balthazar de Roxas e Pantojas, ao ver esse punhado de heroes, emmagrecidos e extenuados pela fome e pela desesperada lucta de quatro

mezes, maravilhado de que tão pouca gente podesse ter sustentado tamanha resistencia, exclamou enthusiasmado:

—Ah! que si el gran Leon de España tuviera muchos destos leones fuera señor de todo el mundo!

Commandava a praça o mestre de campo general Lourenço d'Amorim Pereira. A capitulação, que teve logar a 7 de fevereiro de 1659, foi honrosissima: a guarnição sahiu com armas e bagagens e com os tambores rufando.

Cruzeiro nos arrabaldes de Monsão — Desenho do natural por João de Almeida

Esta defeza de Monsão é sem duvida um dos factos mais gloriosos da sua historia, e uma das mais brilhantes paginas dos nossos fastos militares.

A Monsão da actualidade peleja n'outros combates não menos gloriosos—os da civilisação e do progresso,—e póde dizer-se que é uma das villas do norte que mais teem prosperado e engrandecido. As tradições não as esquece e faz bem, porque são ellas como que a fonte de Juvencio, em que se espiritualisa um povo culto; haja vista a sua celebre procissão de *Corpus Christi*, em que rompe a marcha o celebre *gaiteiro* (orchestra composta d'uma gaita de folles, tambor e bombo), em que o S. Christovão collossal, o boi *bento* e o *carro das herras* não perderam ainda o seu logar, e em que a *Santa Coca*, a mais pittoresca originalidade do prestito, conserva a sua lenda de monstro horrivel, apezar de todos os annos domada por *S. Jorge*, o ferrador da terra, n'aquelle dia vestido de capacete, saia de malha, grevas d'aço, lança e espada, e montado em garboso cavallo.

Devemos o esboço da Santa Coca ao nosso amigo José Pedreira; é um dragão feito de lona, pintado de escamas verde negras, sobre uma armação de arcos de pipa, com rodas no logar das patas, que saem em grossas unhas do ventre do monstro. Mede approximadamente uns 5 metros de comprimento e conta 2 metros de altura.

Vae um homem ou dois dentro do seu bojo para a fazer andar, e

communicar movimentos, por meio d'um cordel, aos olhos e lingua do monstro, o que faz o encanto do povo das aldeias.

A Santa Coca termina o seu dia por luctar com o S. Jorge.

Este, depois que a procissão chega, parte a toda a brida para o Largo da Feira em procura do monstro. Dá-se então o combate singular em que o santo, depois de repetidas investidas, acaba por trespassar o costado do dragão. O povo applaude phrenetico.

A victoria, depois de despida a armadura de guerreiro, vae o ferrador celebral-a n'alguma taberna com os 2$500 réis que o municipio lhe

A «Santa Coca» — Desenho de João de Almeida, segundo um «croquis» do sr. Jose Pedreira

deu por este serviço. D'antes era obrigado a confessar-se e commungar, e tinha tambem almoço dado pela camara; agora, apenas recebe o premio do combate.

E vão lá tirar a Santa Coca da procissão e acabar com esse duello tradicional, em que o espirito popular como que symbolisa a eterna lucta do mal e do bem! Sabes tu o que succedia, leitor?

É que o povo das aldeias e da Galliza não vinha á festa, o vinho e os generos alimentares não tinham consumo, as roupas novas para *estreiar* n'aquelle dia não se faziam, eu sei lá, um *deficit* espantoso na actividade commercial da villa!

De modo que hoje a apparição da serpe ou Santa Coca não é senão uma especulação commercial para attrahir o povo, em cuja alma esse mytho poetico persiste com todo o seu tradicional colorido.

A Santa Coca pertenceria áquella familia dos *Nokhes* ou fadas aquaticas dos dinamarquezes? Se a palavra, talvez por successivas corrupções,

não dá esta significação clara, o duello do dia de Corpus demonstra bem claramente a lenda que ella symbolisa.

Sabe-se que esta lucta do S. Jorge com o dragão não é senão a lucta do Deus solar com a serpente que symbolisa as aguas agitadas do oceano. É um resto das crenças primitivas dos povos getas e scandinavos, em que o espirito entrevê as epochas dos grandes diluvios.

Bergmann, citado pelo sr. Theophilo Braga no artigo *Superstições populares em Portugal,* diz: «Nas lendas da Edade media as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos, que foram substituidos ao Sol, tambem foram symbolisadas por Serpentes ou Dragões representados como subjugados ou vencidos por estes Santos.» E o sr. Theophilo Braga accrescenta: «Ainda hoje os poderes do Estado acompanham officialmente a procissão de S. Jorge, levando a imagem de pau, um sequito de cavallos ajaezados e um pagem de lança, como se o mytho estivesse no seu fervor cultual; S. Jorge é na realidade uma fórma christianisada de Yndra, Vichnu, Ahura-Mazda, Feridun, Apollo, Hercules, Cadmo, Jason, Sigural, e muitos outros deuses e heroes celebrados por terem morto a serpente.»

É esta força viva e arreigada da superstição, meu amigo, que traz hoje ainda a enorme concorrencia do povo á procissão de Corpus em Monsão.

*
* *

Fazendo, como para Melgaço, uma synthese da sua vida actual, podemos resumidamente dizer que o concelho de Monsão é um dos mais ricos do Alto-Minho, e tambem um dos que mais vae progredindo.

Entretanto, as suas manifestações de intelligencia ou de arte são exiguas e nós tivemos occasião de vêr quanto os proprios municipios comprehendiam mal a sua funcção civilisadora!

Attente-se no desejo de derrubar aquelle artistico e secular monumento de Lapella, na cal que cobre a linda capella gothico-florida da matriz, e bastarão estes dois factos para não recommendar á posteridade as vereações actuaes.

Na imprensa tem tido por vezes um jornal; publicou-se ali o *Monsanense* e depois o *Alto-Minho.* As suas escolas, em numero de treze, são distribuidas pelas seguintes freguezias: Barbeita, Lara, Longosvalles, Mazedo, Merufe, Monsão (sexo masculino e feminino), Moreira, Pias, Riba de Mouro, Segude, Tangil e Valladares.

O numero dos alumnos foi em 1883-1884 de 794 rapazes e 95 meninas.

Existe ainda uma escola de latim sustentada por um legado particular e regida por um ecclesiastico; é pouco frequentada.

Como manifestação da sua moral social, a estatistica do crime referida ao anno de 1880 apresenta os seguintes dados:

Foram julgados 18 réos, sendo 7 absolvidos e 11 condemnados, 1 a penas maiores e 10 a correccionaes. Eram 16 os crimes, 2 dos quaes foram julgados como attentados contra a ordem, 8 contra pessoas e 6 contra a propriedade. D'esses criminosos 14 eram homens e 4 mulheres, sabendo lêr apenas 8 e sendo os 10 restantes analphabetos. Eram 13 da comarca, 4 de fóra e 1 estrangeiro.

Como se vê, é d'uma extrema benignidade de caracter a gente do concelho, o que succede quasi sempre onde a agricultura é a principal manifestação do trabalho e onde este é regularmente remunerado.

São a miseria e a ignorancia que fazem o crime.

A agricultura de Monsão é, sobretudo, a vinhateira; os seus vinhos verdes são apreciados tanto no paiz como nos mercados do Brazil e França, para onde a exportação vae sendo já consideravel. Na ultima exposição vinicola do Palacio de Crystal do Porto foram muito elogiados, e os francezes consideraram-os magnificos para a composição dos seus vinhos de Bordeos e Borgonha, achando-os superiores aos naturaes d'estes pontos.

A cultura da vinha é geralmente em latadas, havendo aqui muito pouca vinha de enforcado.

De todo o districto é Monsão, segundo o relatorio já citado, o concelho mais productivo e mais acreditado, pela boa qualidade dos seus vinhos.

As freguezias mais ferteis são as de Bella, Cambezes, Longosvalles, Mazedo, Merufe, Monsão, Moreira, Pias e Pinheiros. A media da producção em 1863, 1864 e 1865 foi de 2:526 pipas. O movimento de exportação foi, n'esses annos, de 1770 pipas e o consumo de 756.

Podemos assegurar que esse movimento economico é hoje incomparavelmente mais importante, e lamentamos que por falta de estatistica recente não possâmos dar uma nota exacta da exportação n'estes ultimos annos. O preço medio da pipa de 20 almudes e de 25$000 réis.

As castas de uvas são: o *espadeiro de tinta* ou de *Basto* ou *negrão;* o *espadeiro molle;* o *redondo* ou *borraçal;* o *feijão,* que produz bastante; o *bracelho,* o *pical,* o *doçal,* o *folhal;* o *cainho miudo* e *grosso;* o *brançal;* o *alvarinho,* casta branca muito productiva; a *loureira,* o *coirão,* o *trinca dente,* o *martim,* o *ferrão,* e o *moscatel branco* e *roxo.*

As vindimas principiam em 20 de setembro. O vinho faz-se em lagares ordinarios de cantaria e em dornas de madeira. As uvas, depois de estarem 24 horas nas dornas, são pisadas pelos homens e ficam em fermentação pelo espaço de 3 dias, durante os quaes são mexidas duas vezes por dia, de manhã e á noite, e no fim d'este tempo, quando o cango abate, envasilha-se o vinho. Ao vinho branco dão só 24 horas de fermentação, e envasilham-o antes de esta terminada.

Preparam tres qualidades de vinho: o palhete, o branco e o tinto. O palhete é côr de folha de rosa secca ou de granada, delgado, pouco verde, e não offerece muita duração. O branco é de côr dourada, macio e pouco verde, mas não se conserva mais d'um anno. O tinto é rubro purpureo, bastante encorpado, com adstringencia e algum verdor, e susceptivel de se conservar em adegas frescas por mais de dois annos.

Os melhores vinhos são os de Cambezes, Mazedo, Moreira e Lapella. Os vinhos palhetes teem 8,2 por cento de alcool; os tintos chegam a ter 10 por cento.

Não é só, porém, a vinha que se cultiva no concelho; o milho offerece tambem uma larga cultura e a industria da creação dos gados não é desprezada, como se vê do mappa junto (extrahido do recenseamento já citado), que dá para os seus gados um valor de 133 contos. A sua população pecuaria é assim computada:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	462	5:676$600
Muar	69	824$000
Asinino	52	133$120
Bovino	6:092	114:704$240
Lanar	5:759	2:174$230
Caprino	1:954	804$070
Suino	3:279	9:146$500
		133:462$760

De todo o districto, só um outro concelho lhe é superior n'este ponto, como veremos, que é o de Ponte de Lima.

A vida economica é bastante facil no concelho, attendendo á sua abundancia nativa.

Os generos alimentares vendem-se nas feiras a 7 e 20 do mez e nos mercados aos domingos, pelos seguintes preços médios:

Milho branco, alqueire de 20l,675	620 réis
» amarello, » » »	600 »
Trigo » » »	900 »
Feijão preto » » »	900 »
» branco » » »	1:200 »
Batata » » »	400 »
Cebolas (resteas regulares)	50 »
Vinho velho, pipa de 480 litros	20$000 »
» novo » » » »	16$000 »
Gallinhas (uma)	240 »
Ovos (5)	40 »

O commercio é bastante activo, sobretudo com Melgaço e povoações da raia hespanhola, e ainda com outros concelhos do sul. Fazem-se grandes transacções em milho e madeiras, mas todas ellas, apezar de importantes, são em pequena escala, se as compararmos com aquellas a que dá logar a grande industria local, a industria do vinho, do seu saboroso vinho verde.

CONCELHO DE MONSÃO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abbedim, *Santa Maria*	257	288	545	154 *(a*
Anhões, *S. Thiago*	134	147	281	65 *(b*
Badim, *S. Julião*	267	283	550	128 *(c*
Barbeita, *O Salvador*	486	531	1:017	224 *(d*
Barroças e Tayas, *Santo André*	209	243	452	114 *(e*
Bella, *Nossa Senhora das Neves*	298	382	680	173 *(f*
Cambezes, *O Salvador*	281	379	660	172 *(g*
Ceivães, *O Salvador*	325	379	704	161 *(h*
Lapella, *S. Lourenço*	123	152	275	63 *(i*
Lara, *Santa Eulalia* [1]	176	198	374	84 *(j*
Longosvalles, *S. João Baptista*	777	888	1:665	384 *(k*
Lordello, *Nossa Senhora da Expectação*	125	133	258	59 *(l*
Luzio, *S. Verissimo*	186	174	360	97 *(m*
Mazedo, *O Salvador*	688	848	1:536	386 *(n*
Merufe, *S Pedro*	960	1:143	2:103	542 *(o*
Messegães, *S. Miguel*	245	261	506	145 *(p*
Monsão, *Santa Maria dos Anjos*	761	1:008	1:769	410 *(q*
Moreira, *Santa Maria*	393	483	876	213 *(r*
Parada, *S. Martinho*	116	103	219	43 *(s*
Pias, *S. Thiago*	534	651	1:185	290 *(t*
Pinheiros, *S. Cypriano*	213	207	420	96 *(u*
Podame, *Santos Cosme e Damião*	184	222	406	102 *(v*
Portella, *S. João Baptista*	305	352	657	154 *(x*
Riba de Mouro, *S. Pedro*	1:004	1:019	2:023	491 *(y*
Sá, *S. João Baptista*	183	235	418	121 *(z*
Sago, *S. Miguel*	180	204	384	94 *(aa*
Segude, *S. Paio*	255	315	570	149 *(bb*
Tangil, *O Salvador*	760	830	1:590	392 *(cc*
Torporiz, *Santa Maria*	179	219	398	91 *(dd*
Troviscoso, *S. Mamede*	296	331	627	142 *(ee*
Trute, *Santa Eulalia*	269	294	563	151 *(ff*
Valladares, *Santa Eulalia*	145	193	338	84 *(gg*
	11:314	13:095	24:409	5:974

a Comprehende esta freguezia os logares de Gandrachão, Touroa, Praizal, Doganda, Painçaes, Além, Talhou, Lage, Pumeda, Cotéllo, Pereiro, e a quinta de Praizal.

b Comprehende esta freguezia os logares de Carvalho, Alem, Villar, Ucha, Loureiros, Cruzeiro, Redolho, Outeiro, Torno, Regueiro, Cividade, Campo.

c Comprehende esta freguezia os logares de Badim, Bragada, Casal, Coutinho, Aldeia, Outeiro, Senrella, Torre de Cima, Portelleira, Cordovelha, Boulhosa, Egreja, Torre de Baixo, Fojo de Cima, Fojo de Baixo, Porpinto, Couto, Valle, Villa Boa, Paço, Almas, Rio Covo, Carrasqueira, Bargellas, Paradortia, Perdigão: e as casas de Ameixieira, Apombeira, Fonte do Pão.

d Comprehende esta freguezia os logares, casaes e quintas seguintes:

Logares: Merrim, Porreira, Bogadella, Cartas, Quintas, Souto, Cascarneiro, Tolla, Tarondo, Sant'Iago, Ponte do Mouro, Cabo, Abeção, Gandra, Padreiro, Araujo, Costinha.

Casaes, quintas e habitações: Nogueira, Pombal, Miraucas, Passo.

e Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, Outeirinho, Quinta, Temporão.

f Comprehende esta freguezia os logares de Marco, Bornaria, Burgo, Santa Eugenia, Requeixo, Valle, Crasto, Pereiras, Carvalhela, Outeiro de Cima, Casa Nova, Pouza, Fonte, Lavandeira, Devezinha, Outeiro de Baixo, Laginha, Amado, Cobas, Avarento, S. Bento, Gesteira, Cabo, Pereirinha, Aldeia, Cima de Villa, Deveza, Costa, Matto, Telheira, e a quinta da Bornaria.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cambezes, Milagres; os casaes de Cerdeira, Requezende; e a quinta do Conde.

h Comprehende esta freguezia os logares de Cima de Villa, Devezas, Costa, Cruzeiro, Couto, Moujuzão, Pereiras, Ponte de Moura, Boucinha, Cabo, Vallinha, Santo Amaro, Escampados, Chã, Tejozas, Outeiro, e a quinta ou casa do Hospital.

i Comprehende esta freguezia os logares de Lapella, Fonte, Rua, Castello, Tornada; as quintas de S. Lourenço e Verdeal: uma propriedade no Porto de Bouças e outra na Gadanha.

j Comprehende esta freguezia os logares de Lara, Forno, Outeiro, Porto de Bouças, Paços, Aldeia, Lordello de Baixo, Fonte.

k Comprehende esta freguezia os logares seguintes:

Mosteiro, Vidal, Paradella de Baixo, Paradella de Cima, Cavenca, Silvas, Outeiro, Lavandeira, Santa Tecla, Barradinho, Souto Fiscal, Borja, S. Paio, Nogueira, Pereiros, Guemil, Porqueira, Moulões, Castello, Velhas, Carvalhas, Couto, Casal, Real, Sesto, Belozinho, Carcavellos, Donde, Polinha, Gandra, Couto da Bouça, Poldras, Serzedo, Corgo, Collos, Beiga, Valverde, Reguenga de Cima, Reguenga de Baixo, Santo Amaro, Samorão, Costa.

[1] Excepto o logar de *Aldeia* que lhe pertence para os effeitos ecclesiasticos mas que administrativamente pertence á freguezia de *Boivão*, concelho de *Valença*.

l Comprehende esta freguezia os logares de Lordello do Monte, Porto, Porta, Souto de Baixo, Souto de Cima, Tercas (ou Terças?), Fonte, Hospital, Egreja.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Casbeiro, Tolla, Leiradello, Bouças, Fonte, Casal, Insuas, Portal, Luzencas, Eiras, Thozinhos, Seara.

n Comprehende esta freguezia os logares de Mazedo, Cortes, Requião. Regueiro, Pomar: e a quinta da Boa Vista.

o Comprehende esta freguezia os seguintes logares:

Curraes, Granja de Cima, Granja de Baixo, Lavandeira, Paço do Monte, Arada, Bouças, Cernadas, Mosteiro, Reguenga, Ervedal, Palhares, Seara, Salgueiro, Senra, Dadeni, Cima de Villa, Pias, Pereira, Valles, Castanheira, Pretos, Abreu, Peso, Pica e Quinteiro, Santo André, Ribeiro, Fun'devilla, Azevedo, Chão e Vinho, Parada, Campo Longo, Alcouce, Boavista e Longras, Carrascal, Cartes, Bouça, Carvalho, Carvalhas.

p Comprehende esta freguezia os logares de Chã de Messegães, Valladares, Outeiral, Paço Velho, Outeiro, Pereiro, Barros, Cruzeiro, Cachada, Senra, Santo Antão, Cova.

q Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Pousa, Lavandeira, Ventuzello; a quinta e casa de Rodas.

r Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Outeiro, Paço, Traz do Rio, Venda, Cidade, Bouça, Fun'devilla, Parentella, Prados, S. Francisco, Pisco, Gandra, Lage, Villa Nova, Almoris, Velinha, Cortinhas, Balterra; e as quintas da Torre e Lomba.

s Comprehende esta freguezia os logares de Parada, Rio, Figueiral, Tolleiro, Redemouro, Quintão, Egreja.

t Comprehende esta freguezia os logares de Pias, Villa Nova, Aldriz, Lamoso, Christello de Baixo, Christello de Cima, Barreiro, Fontão, Retorta, Lapa, Mosteiro; e as quintas do Paço e Casal de Breia.

u Comprehende esta freguezia os logares da Ponte, Carrascal, Berjual, Formigueira, Cheira, Berjoeira, Souto, Cruzeiro, Pans, Costa.

v Comprehende esta freguezia os logares do Cruzeiro, Eirado, Fraga, Marrejós, Podame, Ponte, Portella, Souto, Uveiras; e os casaes de Cachadinha, Corgos, Nobres, Pinheiros.

x Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Regoufe, Mangoeiro, Cachava, Rio Bom, Chim.

y Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Portella, Carvalho, Gateira, Costa, Quartas, Fandegas, Cavenca, Lijó, Bouçó, Cotares, Quintella, Linhares.

z Comprehende esta freguezia os logares de Sá, Cruzeiro, Casas de Baixo, Albergaria, Carvalheira. Villa Franca, Veiga, Quinta da Boa Vista, Lagendo, Guimaré, Matto, Eiras dos Mouros, Tezo, Carramilhal, Villarinho, Real, Corga, Nellia.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Sago, Pinheiro, Perral, Forno, Fun'devilla, Tola, Pedregal, Casa Nova, Paço; e a quinta de Andorinha.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Segude, Candedo, Ouril, Outeiro, Paradella, Poldras, Terrada, Varzea, Villa Martins; e os casaes de Capeta, Paço, Crasto.

cc Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Fornellos, Leiras, Santa Marinha. Modellos, Alem, Villar, Ladreda, Reguengo, Crastello, Couto Zombel, Tragal, Lisboa, Continho, Lagos, Aldeia, Couto, Paço, Cobello, Ventoso, Fontello, Barronda, Lameira, Pedral e a habitação de Lagoas.

dd Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Rebouça, Souto, Aldeia.

ee Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Monte Redondo, Quinta dos Cordeiros, Pedra, Christello, Sobreira, Gandarella, Ruibos, Villa Nova, Quinta da Laranjeira, Reiris, Quinta de Montes.

ff Comprehende esta freguezia os logares do Cruzeiro, Villar, Souto. Roris, Sande, Taris, Barreiro, Caule, Souto de Taris, Meirins, Coxoigo, Chã, Berral, Campos, Traz Souto, Outeiro, Outeiro Ferro, Tentello, Piolhosa.

gg Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Gandra, Crujal, Outeiral, Rozal, Villa, Portella, Augueiro, Pedreira, Veiga, Bemposta, Mamoa, Pereiro, Albergaria; e quatro quintas sem nomes especiaes.

VALENÇA

Colloca uma povoação muralhada n'uma pequena collina junto á margem do Minho, abre-lhe em hemicyclo um leque de veigas feracissimas, tendo por linha de circumferencia a montanha, em cuja encosta as aldeias se alcandoram, e terás a perspectiva do terceiro concelho da provincia, que é ao mesmo tempo a segunda praça forte do paiz.

Determinar a epocha da sua fundação é impossivel quasi, visto que muitos archeologos são de opinião que era aqui a Tyde ou Tuy edificada pelos gregos e não a cidade visinha, que dizem de construcção posterior.

Argote diz que na margem esquerda do rio Minho existiu um antiquissimo castello, no mesmo sitio onde hoje é a praça de Valença ou muito proximo a ella, chamado Castello de Tuy; e de um grande numero de do-

cumentos antigos consta que Tuy, Tyde ou Tuyde era um antiquissimo castello da Lusitania, construido sobre um elevado monte, sobranceiro á margem esquerda do Rio Minho.

Na *Divisão dos condados d'Entre Douro e Minho,* feita no reinado de Fernando Magno, de Castella e Leão, se menciona o *Castello de Tuy, que está nas margens do rio Minho, da parte de Portugal, e ao qual tambem se dá o nome de Valença.*

Florian do Campo *(Historia de Hespanha)* diz: «que entre os rios Minho e Lima havia antigamente uma povoação chamada Tyde, isto é, Tuy, e que d'esta povoação sahiram os que povoaram as margens do rio e fundaram a cidade de Tuy, em Galliza, que ainda hoje permanece.» Cita em abono d'esta asserção varios auctores antigos.

O sr. D. Juaquin Fernandes de la Granja, n'um livro intitulado *La ciudad de Tuy,* quer que Valença fosse a Tyde menor e não a maior, como o pretendem os auctores que citámos, entre os quaes o proprio Florian do Campo. *Menor* ou *maior,* esta accumulação de opiniões significa a muita antiguidade de Valença. Exprime-se d'esta fórma o sr. D. Juaquin Granja:

«Tyde a menor ou a segunda, não é outra em nosso conceito, senão Valença do Minho; porque nenhuma outra povoação, exceptuando Tuy, está como ella á distancia de 4 leguas do mar e fronteira de Tyde. Era, ao que parece, a antiga *Iria*, d'onde procede o nome de *Iriato*, como Diodoro Siculo chama a Viriato; Strabão e Apiano o denominam *Ouriato* de *ouria*, como em grego se chama *Uria Iria*, lago da Etolia. Os romanos latinisando o nome fizeram de *ouriato* Viriato, natural, ao que se julga, dos Etolios do Minho. Cepion, querendo repartir com os Lusitanos de Viriato as terras de Valença do Minho e as immediatas, dando-lhes esta cidade chamada *Viria*, repartição que só levou a cabo Decio Junio Bruto, segundo consta dos Fastos capitolinos, demonstrava com tal medida que era o berço do heroe e séde principal da sua riqueza a mesma terra que os proconsules davam aos que haviam sido seus soldados, afim de que não ficasse memoria alguma d'aquelle que pór tratados solemnes fôra amigo de Roma.

O nome de *Viria* consta de uma inscripção que Huerta tomou de Julio Gruttero referindo-se ao consul Catilio Severo, pae de Santa Liberata e irmãs, pela occasião da perseguição ordenada pelo Imperio:

VIRIÆ | ACTÆ | CATILIUS | SEVERUS

Escolano, nas suas *Decadas*, applica segundo Masdeu esta inscripção honorifica a Valença de Cid ou Editana, ao passo que Gruttero a applica a Valença do Minho, que ficava na Ulterior, d'onde foi presidente pelos imperadores Catilio Severo. A outra ficava na Citerior.

Tambem applica a Valença de Cid as seguintes que pertencem a Valença do Minho, patria, segundo Gruttero, do illustre Viriato:

OPTIME | FŒMINÆ | VIRIÆ ACTÆ

VIRIA ACTÆ | AMPLIATUS | QVI FABRICÆ | (IMAC IN (V M) ET | SIGNORVM

Por esta transcripção póde vêr-se, pois, que não só Valença do Mi-

nho é d'uma fundação antiquissima, mas que possue razões para reclamar para si a gloria de ter sido o berço de Viriato.

Onde fosse porém a terra de Viria ou Tyde antiquissima, é o que não póde com certeza averiguar-se; querem uns que fosse no logar onde hoje permanece a villa, outros no logar de Tuydo, palavra que póde facilmente ser a corrupção de Tyde, outros ainda no monte de Faro, alguns no monticulo da Urgeira.

A verdade é que nenhuns vestigios se encontram hoje de tão primitivo castello, nem mesmo se póde precisar a epocha, em que o seu nome se transformou no de Valença ou Contrasta. Este ultimo nome, porém, historico já, parece dar razão áquelles que affirmam a existencia antiquissima do castello, que defrontava com a Tuy gallega, visto que *contra* significa *em frente*. O sr. Vilhena Barbosa, mesmo, pensa que a palavra Contrasta vem de *contra-castra*.

José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario chorographico*, colloca a antiga povoação no logarejo das Lojas, nome que lhe proveiu, explica, de ser ali onde existiam as lojas de tecidos e generos alimenticios. Contesta isto o fallecido Pinho Leal no seu Diccionario fazendo derivar a palavra Lojas de *Logo*, que no portuguez antigo significava «logar, morada ou residencia», e como tão visinhos dos gallegos, não admiraria que escrevessem Lojos, que tem a mesma pronuncia, d'onde a corrupção facil para Lojas.

Sob a responsabilidade d'esses investigadores deixamos taes opiniões, entre as quaes póde o leitor illustrado escolher a que mais prenda o seu espirito.

Pinho Leal dizia possuir um manuscripto antigo, de auctor anonymo, onde podia lêr-se:

«O castello de Tuy, que depois se chamou Contrasta e por fim Valença, era no alto do monte, onde não havia mais edificio algum além da fortaleza e só dentro d'ella estavam algumas casas para quarteis da sua guarnição. O povo ou aldeia estava na raiz do monte, em um pequeno valle, pelo que se chamava Valença; e em razão da proximidade do castello, que em caso de necessidade lhe servia de refugio, se lhe dava o nome de Valença de Contrasta.

O castello de Tyde, pois, não devia ser n'outro logar senão n'aquelle que occupa a villa actual, visto que o valle onde as Lojas existem é tão proximo que essa proximidade explica melhor que qualquer outro argumento o refugio que os habitantes procurariam no castello, n'aquelles tempos de continuas luctas e correrias.

Mas longe vão esses tempos nebulosos, e a Contrasta antiga, que hoje é a Valença moderna, tem uma origem bastante remota já, para que necessite buscar em tempos quasi mythicos as primeiras paginas da sua historia.

Sobe a sua prosperidade á epocha do heroico Viriato, a alguns companheiros d'armas do qual, Decio Junio Bruto, então consul romano nas Hespanhas, doou, como penhor de reconciliação, o velho castello de Tyde para que o reparassem e guarnecessem, ou segundo outros, o local onde hoje assenta Valença para que n'elle se estabelecessem.

É todavia mais verosimil a primeira das hypotheses, visto ser nos seguintes termos que se expressa o auctor latino: *Junius Brutus Consul in Hispania iis, qui sub Viriato militaverunt, agros et oppidum, dedit quod Valentia vocatum est:* —(Liv. Epitom. Lib. LV). O que demonstra claramente a anterior existencia de Valença.

Assim se deu principio á antiga Contrasta, pelo anno de 136 antes de Christo, chegando no decurso d'alguns seculos a constituir um povoado numeroso, que o tempo e as guerras se encarregaram de anniquilar.

Repovoou-a D. Sancho I em 1200, e continuou essa fomentação em 1217 seu filho D. Affonso II. Logo, porém, a invasão leonesa a destruiu, vindo levantal-a d'entre as ruinas em 1262 o rei D. Affonso III, que definitivamente lhe mudou o nome de Contrasta para o que hoje tem, e já tivera antes, de Valença do Minho.

«*Quando iterum fecimus populari ipsam villam mutav'mus sibi nomen de Contrasta et possuimos sit nomen Valenc'am*» (Carta de confirmação de foral dada por D. Affonso III).

Foi este monarcha tambem o que a cingiu n'um cinto de muralhas, não as que o leitor vê actualmente, porque estas são já d'uma epocha posterior, mas as que a sua curiosidade de archeologo póde encontrar ainda, em parte pelo menos, se se quizer dar ao trabalho de reconstruir *in mente* o perimetro da antiga fortaleza, da qual encontra ainda um resto de cortina e uma porta de sahida, no oculo da Gaviarra, que devia ser uma das torres de circumvallação da velha fortaleza, cujo centro ou torre de menagem deveria naturalmente ficar no largo do Eirado, onde vae dar ainda uma rua estreita, chamada do *castello*.

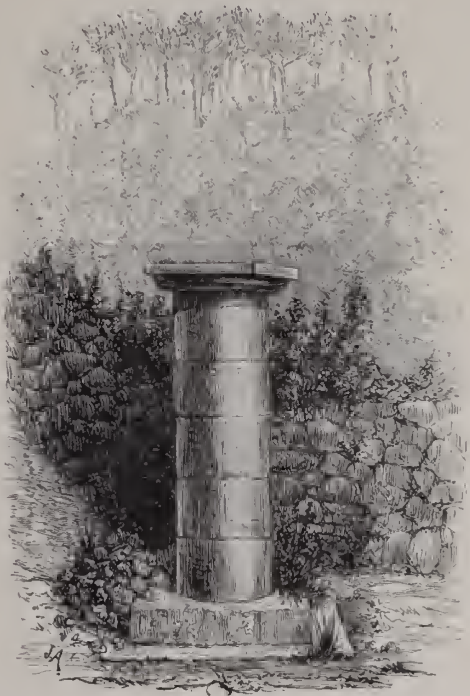
* * *

Sobre essa zona de fortificação é que foram construidas as muralhas actuaes, em cujo interior a povoação moderna se acotovella em ruas es-

treitas, socegadas e tristes, cortadas de longe a longe, na calada da noite, pelo *álerta* das sentinellas da guarnição.

Terra essencialmente militar e burocrata, tem, como as classes que a constituem, a pobreza doirada das apparencias, embora com esta a delicadeza generosa para com os estranhos. O commercio agonisa e o trabalho não tem a vitalidade sã das grandes luctas modernas.

Como que se não respira dentro d'aquelles muros, e, no entanto, basta subir a qualquer d'elles para que um largo panorama se desenrole debaixo de nossos pés, feiticeiro e risonho, como só a provincia sabe possuil-os.



Pelourinho do Couto em Verdoejo — Desenho do natural por João de Almeida

A vista do baluarte de S. Jeronymo, atraz do paiol, é positivamente um encanto, e da do baluarte do Soccorro, diz D. Antonio da Costa no seu livro — *No Minho* — que *é um dos paineis mais esplendidos da poetica provincia.*

E tem rasão.

Que tons magicos dá a esta paysagem a hora meigamente lyrica do crepusculo! Á esquerda a montanha de S. Julião, o antigo monte Alloya, fundindo-se na prata doirada das nuvens altas, em frente Tuy com o seu aspecto de velho castello medieval, o rio em baixo sinuoso e sereno, como um lago emmoldurado em salgueiros, ao lado a planicie extensa recortada de canteiros verdes e dividida pela fila de oliveiras escuras; e á direita, a encosta do monte do Faro, salpicada de aldeias por entre mattas de pinheiros bravos, até quasi ao cabeço, onde a capellinha da Senhora da mesma invocação desenha as suas brancas linhas, por entre o macisso do arvoredo, a essa hora illuminado por uma luz anil, suave como uma sombra que desce, desce lentamente.

*
* *

Mas se tu queres, leitor, banhar a alma á vontade n'esse horisonte de

Ideal, que só as largas paysagens te podem revelar, então sobe comigo a montanha e, extenuado embora, pára junto do marco geodesico que a domina.

Um deslumbramento!

A vol d'oiseau tu avistas quasi todo o percurso do Minho em Portugal e de norte a sul as serras de Pernidello que dominam Melgaço, o concelho de Monsão que se te esconde n'uma baixa, o de Valença que principia proximo da pittoresca torre de Lapella, o de Villa Nova da Cerveira que confina com este, e ainda, lá ao longe, parte do de Caminha, onde o mar oscilla na sua ondulação azul, beijando o monte de Santa Tecla, d'aquelle ponto similhante a um picoto isolado no meio das aguas. Em frente toda a margem gallega. Por traz de ti todo o ramo norte da serra da Bolhosa!

Mas como é formoso esse jardim immenso, com as suas arterias brancas de *macadam,* os seus canteiros com todos os tons do verde, as aguas espelhadas ao sol, o rio ora figurando lagos, ora imitando sinuosidades de serpente, os campanarios dando ao longe a idéa de aguias brancas dormindo sobre os pinheiros bravos, as aldeias agglomeradas, os casaes dispersos, a locomotiva como um brinco de creanças nas suas tiras d'aço, a ponte internacional como um simples ramo de madresilva lançado de margem a margem, entre Valença e Tuy, duas construcções architectonicas de aspecto medieval.

Um deslumbramento, positivamente! E, como em nenhuma outra parte, tu pódes sentir a idéa de que o Minho é realmente um jardim, um esplendido jardim.

O panorama do Bom-Jesus, panorama encantador aliás, que todos os *touristes* conhecem, como é inferior a est'outro de que te fallo, visto que t'o não posso descrever.

* * *

Antes que voltemos á praça, d'onde sahimos para esta excursão de recreio, eu vou dar-te já agora, que estamos no Marco, um esboceto rapido das freguezias que nos ficam á direita e que limitam o concelho com o de Monsão.

Ahi tens *FRIESTAS,* cujo orago é S. Mamede, nome tambem por que mais é conhecida, estendendo-se desde o rio até á montanha, e ligada a Valença pela estrada real que segue d'esta villa para Monsão e Melgaço.

Fica-lhe contigua *VERDOEJO,* na encosta, levantando a sua torre nova por entre os tufos espessos dos castanheiros e robles, como que a recordar a dadiva generosa d'um filho da freguezia, Joaquim Luiz do Souto, que ao voltar de longa ausencia no Brazil, assim quiz remoçar o velho campanario da sua aldeia, na sua saudade preso a queridas recordações da infancia.

É n'esta freguezia que existe ainda a casa da camara, cadeia e pelourinho do extincto couto de S. Fins, demarcado em 1172 pelo nosso primeiro rei, doado ao mosteiro de S. Fins, e formado pela aggremiação de Friestas, Verdoejo, Gondomil, S. Fins e Boivão.

Iamos um dia em procura d'esses restos archeologicos, quando um alegre bando de rapazes se precipitou pelas escadas do edificio, que é hoje escola primaria, e que fôra outr'ora a séde das justiças locaes. A cadeia serve actualmente para adega e no throno do antigo juiz do couto ministra o professor aos seus alumnos a communhão luminosa do *a b c.*

Duplo fim santo o d'esse pequeno solio de carvalho antigo, que foi uma ara da justiça e é hoje um altar de civilisação!

A alguns metros de distancia, na encruzilhada d'um caminho, ergue a sua figura cylindrica o modesto pelourinho do Couto, tal como a nossa gravura o representa. Contou-nos um velho lavrador, que sobre o seu capitel assentava uma pedra em fórma de chapéo, mas por mais investigações que fizemos pelos muros dos vallados, não nos foi possivel encontral-a.

Devia ser, porém, assim e naturalmente o chapéo representava o symbolo da Ordem de Jesus, a cujos padres fôra o couto doado por el-rei D. João III.

A antiga demarcação do Couto era a seguinte: confinava com Valença pelo marco de Ganfey; vinha d'aqui ao marco da Cabeça d'Agra; d'este ao marco da Quebrada; passava por traz da capella de S. Lourenço da freguezia de Tayão; ia em direitura ao Penedo Cardo, onde estava uma cruz; seguia até Cova Mendo na direcção dos Penedos de Lordello de Baixo, por entre Lara e o logar de Aldeia, e finalisava no marco que dividia o Couto do termo de Monsão, collocado junto á Fonte Carneira.

Ao terreno do Couto pertenciam ainda aquellas duas ilhotas formosas, chamadas de Verdoejo e Lagos d'El-rei, que, vistas d'este ponto do Marco, parecem duas largas esmeraldas verdes, engastadas no crystal do rio.

Eram abundantissimas em caça e n'ellas se colhe ainda hoje muito milho. Como effeito de paysagem são um como que idyllio virgiliano, desafiando, a quem as vê, o appetite de sahir da estrada para descançar um

pouco ao som múrmuro das suas aguas, debaixo da ramaria fresca dos seus ulmeiros e salgueiraes.

Mais internado na serra vês além *GONDOMIL*, reitoria que nada tem de notavel, e quasi sob os nossos pés destaca o melancholico mosteiro da freguezia de *S. FINS*, ou *Sanfim das Friestas*, mosteiro de Benedictinos, cujo nome a tradição baseia na imagem recortada do sol atravez as arestas da penedia, dando assim o effeito da luz coada pelas setteiras d'um castello antigo.

No anno 566 ha já noticia da sua fundação, que alguns querem attribuir a S. Rosendo, o qual seria então o seu primeiro abbade. Mas se a duvida póde existir quanto ao anno de 566, é incontestavel que em 604 estava o convento fundado, como se vê d'uma sentença que Fr. João do Apocalypse achou no cartorio de Ganfey, dada em 813 contra o abbade d'este ultimo mosteiro, Fr. Domingos Annes, e que transcrevemos do *Diccionario* de J. Avelino d'Almeida:

«*E por que bós Frey Domingos Annes bos lebantarades contra os bós barões de S. Bento de S. Fins e lhe tomabades a sua grangearia em mao prol de bosso mosteiro, bos mando lhe não empeçaes, porque dos seus roles e juramentos hemos ao rico homem Julião de S. Fins lha empos pella sua alma, quando tomou jazigo no seu Mosteiro, bem abera no anno de 604.*»

O facto, porém, é que a lenda se creou a respeito de S. Rosendo e não ha muitos annos ainda que no convento se mostrava como reliquia preciosa uma correia com fivella de marfim que pertencera ao habito do frade.

E correia era, que dispensava bem toda a sciencia obstetrica dos medicos parteiros. Mulher de parto mais ou menos afflicta, caso grave com que as senhoras comadres se não entendiam, resolvia-o miraculosamente a correia do santo, atada á cinta da parturiente! Infelizmente, porém, essa preciosa reliquia perdeu-se ha mais de 30 annos. E não sabemos como d'então para cá se terá supprido, para os partos difficeis, a falta da milagrosa correia.

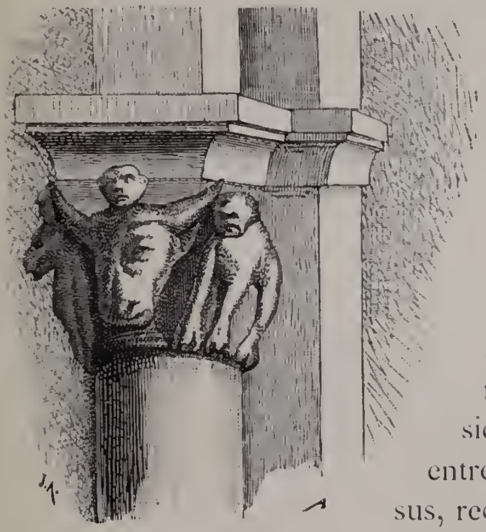
Na capella dos Milagres mostram d'elle, como de S. Felix, outras não menos valiosas reliquias.

Em 1023 o convento florescia em religião. Cento e quarenta e nove annos depois demarcou-lhe D. Affonso o couto já designado, couto que era commum ás terras de Coura, como se vê do seguinte trecho colhido na *Mesopotamia de Portugal:*

«*Sendo Coura pouco povoada, era unida com o couto de S. Fins. Tempos*

andados, como o Juiz fosse do Couto e os Tabelliães de Coura, compozeram-se uns e outros em partirem o caminho ao meio, para as audiencias; e assim se ajuntavam na aspera penedia da Forna, no castello de Frayão. D'aqui vem chamar-se o julgado de Frayão. El-Rei D. Sebastião desannexou de Coura o couto de S. Fins, ficando sempre os Tabelliães, Juiz dos orphãos e Escrivão dos ditos, e o das Cisas continuando a ser de Coura.»

De 15 em 15 dias se reuniam as justiças n'este castello, de que breve fallaremos, reconhecendo sempre os habitantes os monges como senhores dos montados e baldios, pelo que lhes pagavam como primicia o primeiro veado, corça ou javali que n'elles se matasse; como senhores do rio os reconheciam tambem e para elles era egualmente o primeiro salmão, solho ou truta que se pescasse.



Um capitel da egreja de S. Fins

Pouco a pouco, porém, a florescencia do mosteiro foi murchando, e em 1545 apenas tres ou quatro monges restavam da antiga colmeia religiosa de S. Fins. Foi então que D. João III se lembrou de applicar as rendas do mosteiro e couto á Universidade de Coimbra, que piedosamente entregára nas mãos da Companhia de Jesus, recentemente introduzida n'estes reinos. Apenas uma quantia insignificante foi reservada para congrua d'um superior e dois ou tres religiosos que ahi ficavam assistindo.

O orago de S. Fins é, como dissemos, S. Felix, martyrisado no tempo de Diocleciano. O corpo está no convento de Chellas, proximo de Lisboa, mas a cabeça foi por D. João III mandada para o mosteiro, onde se conserva ainda, sendo, segundo a superstição popular, o seu contacto bastante para preservar dos accidentes da hydrophobia os mordidos por cão damnado!

A architectura da egreja, posto que modificada por successivas reconstrucções, é d'um elegante gothico bysantino e ainda um bello exemplar d'este estylo.

Não podendo apresentar em gravura todo o seu bello portico e arco cruzeiro, damos como esboço esse capitel d'uma das columnas do arco, que é ainda assim dos mais simples, embora a sua elegancia esteja prejudicada pelos effeitos da implacavel brocha dos caiadores.

Ahi tens, meu amigo, a historia d'esse mosteiro, que se ergue ali quasi a teus pés, batido pelos ventos da serra, agreste e melancholico como a estamenha dos primeiros monges que o habitaram. Hoje é pobrissimo de rendas, e as proprias virtudes mirificas do santo não conseguiram reunir em esmolas no dia da sua festa, 1.º domingo de agosto, mais do que 1$160 réis em dinheiro!

—Um quartinho menos um pataco,—informava-me contristada a lavradeira, mulher do sacristão;—está hoje muito pobre o santinho, e n'esta conta—accrescentava—ainda entraram muitos *chavos* gallegos!...

Tanto como pobre de rendas é egualmente pobre de culto o velho mosteiro, a ponto de ser por vezes necessario que o vigario geral nomeie um sacerdote, que vá por tempo determinado parochiar aquella boa gente da serra, que o lobo visita como a amigos velhos.

Uma vez no anno, apenas, os sinos do convento repicam sonoramente; é quando se celebra a festa de S. Felix. Então a gente das aldeias circumvisinhas, e muita das aldeias gallegas, sobe aquellas quebradas ingremes e enche com a nota festiva da sua romaria piedosa o adro do velho templo, melancholicamente assombreado pelos sobreiros e carvalhos antigos.

A ermidasita, que d'aqui vês, no alto d'este acuminado cerro, não fica n'esse dia esquecida pela devoção popular.

O Santo Ovidio! o advogado contra a surdez,—que mais não fosse senão pela homonymia da palavra.—olhem lá se elle podia ser esquecido!

Tradição curiosa. O povo leva-lhe de offerenda sal e telhas... furtadas!

Furtadas, sim!

Que importa lá que seja a corrupção do adjectivo *offertadas!* Furtadas é que as telhas hão de ser e apezar de todos os artigos do codigo, o voto é esse, o de ir roubar algumas telhas novas aos telhados dos visinhos e, atadas com um vime, leval-as ao Santo Ovidio no dia da romaria.

A tradição explica, que sendo a ermida muito batida pelos ventos e entrando por isso a chuva largamente no seu interior, havia a miudo necessidade de concertar o telhado, para que o santo estivesse a coberto; d'ahi a offerta das telhas.

Um não menos curioso costume, que parece indicar o resto do antigo culto da pedra, póde o leitor observar n'essa romaria popular. A gente do povo que vae a Santo Ovidio, não se esquece de ir auscultar uma rocha que fica perto, n'uma concavidade da qual diz sentir um ruido surdo que o leitor não logrará ouvir certamente, salvo se tiver a infelicidade de ter perfurada a membrana do tympano do ouvido, com que escuta o mysterioso zumbido.

A S. Fins pertence ainda a capella da Senhora dos Remedios, onde o antigo parocho queria que fosse a séde da parochia, mas ao que os freguezes tenazmente se oppozeram, pugnando pelo velho mosteiro e levando a juizo a questão, que em seu favor foi decidida; tem a sua festa no 1.º domingo de maio, sendo porém pouco concorrida a romaria.

*
* *

O caminho segue pelo verde logar de Quebrada e já na freguezia de *BOIVÃO* tu avistas, em plena serra, um aggregado de penedos escuros, caprichosos de fórma, altivos como guerreiros surprehendidos em marcha por um cataclysmo qualquer, suppõe mesmo, por um Deus primitivo que os houvera metamorphoseado em granito.

São o castello da *Fôrna* ou *Furna,* que outros chamam *Penha* ou *Pena da Rainha,* e alguns conhecem ainda pelo nome de *Castello de Frayão,* d'um cavalleiro italiano caçador e monteiro,—diz a tradição,—que a estes reinos viera com o conde D. Mendo para combater os mouros.

Pinho Leal acha pouco verosimil a tradição, porque considera Frayão nome proprio de homem godo; e J. Avelino d'Almeida julga que a designação de Fôrna vem dos romanos «que lhe chamavam *Ludus Bufurdi,* derivado de *Lucus,* nome que os poetas davam aos bosques povoados pelos deuses. Sempre, diz o auctor citado, aqui houve matta e por isso assim se chama, pois n'aquelle tempo da gentilidade n'elle se solemnisavam de cem em cem annos ou de cento e dez em cento e dez os jogos seculares, que os romanos chamavam *Ludi seculares;* e das nossas chronicas consta ser o *Ludus* ou *Ludi Bufurdi.*»

Esta nos parece ser a versão mais bem fundamentada, e se o leitor quizer lêr, n'este livro, o capitulo dos Arcos de Valle de Vez, ahi encontrará as rasões em que nos estribamos para acceitar uma tal opinião.

O nome de Penha ou Pena da Rainha vem-lhe d'uma poetica lenda a que os velhos do logar se referem ainda, e que o diccionario do auctor citado conserva com a sua nota pittoresca.

Uma rainha de Aragão, Araguncia, fôra sentenciada á morte pelo rei seu marido, em virtude do desagrado em que no seu espirito cahira, por causa d'uma intriga de criados. Sabedora da sorte que a esperava, disfarçou-se a rainha e fugiu, indo-lhe no encalço o rei, que junto ao rio Minho a teria apanhado, se a rainha não houvera pedido aos barqueiros que o demorassem o tempo sufficiente para ella se acolher áquelle castello.

Veiu o rei pôr-lhe cerco e pela fome emprehendeu rendel-a, não lhe

desejando outro mal,—dizia,—senão vêl-a morrer de fome e sede. Ella, porém, ahi descobriu uma fonte, que a alimentava d'agua sempre pura, e 15 dias passados veiu sobre os rochedos pousar uma aguia ou guincho, trazendo no bico uma truta que largou, assustada talvez pela presença da rainha ou d'alguma pessoa do seu sequito.

Em vez de se aproveitar do saboroso peixe, como convinha ao seu real estomago faminto, a rainha mandou-o de presente ao rei que estava com o seu acampamento no logar, onde hoje é *Trute,*—vem do facto miraculoso o nome a essa freguezia de Monsão,—e elle persuadido de que braço divino a amparava, levantou por isso o cerco, perdoando-lhe contricto.

Não quiz a rainha acompanhal-o depois, e por estes logares terminou a vida em devotos exercicios e penitencias austeras.

Uma pequena chã dentro do castello conserva ainda o nome de *Horta da Rainha* e ás pias onde a agua nascera pura para a dessedentar, concorre ainda hoje o povo na manhã de S. João, a fim de curar enfermidades de pelle.

Esta lenda assim aformoseada pela narrativa pittoresca do povo, excitava-me a curiosidade, e muitas vezes eu namorara d'este solitario ponto do Marco aquella penedia escura, d'uma sylvestre e melancholica rudeza.

Organisei um dia uma caravana e manhã cedo partimos de Valença, bifurcados nos magros rocinantes dos alquiladores da terra.

Subindo a montanha, atravessam-se differentes logarejos de *GANDRA,* entre os quaes os de Pinheiro e Ouzão, que nos ficam em caminho; e relanceando a vista para o panorama, que sob os nossos pés vemos desenrolar, notamos um ponto, ao longe, onde a estrada de *macadam* corta uma negra e densa massa de arvoredo, que nos prende a attenção. É o Tuydo, um pinheiral apenas, mas com uma larga significação historica, quer lhe consideremos os vestigios de fortificação, coevos da guerra da nossa independencia, quer voemos para o nebuloso da historia e vejamos n'essa palavra de origem grega a *Tyde graviorum,* a Tuy ou Tuyde da Lusitania antiga.

Gandra era couto do bispo de Tuy, a quem fôra doada por D. Thereza e seu filho Affonso Henriques. É terra fertil e abundante de aguas.

*
* *

Subimos sempre e temos um curto descanço em *TAYÃO,* para ahi tomarmos um guia, que não só nos conduza direitos á Fôrna, mas nos indique as miraculosas pias onde a rainha bebeu o liquido da vida.

VALENÇA — *Desenho do natural por João de Almeida*

N'esse curto descanço entreteve-nos o tempo um pequenino lobo caçado nas ultimas batidas e ao passar pelo qual os rebanhos de cabras estacavam, as curtas orelhas afiladas, como que adivinhando o perigo.

Uma hora depois, sempre por caminho de serra, apeavamos na chã do castello, á sombra d'um penedo enorme, que nos abrigava dos raios tropicaes d'um sol de agosto.

Era tempo de refazer as forças, visto que de Valença sahiramos em jejum, e n'esse intuito nos estendemos na relva, os frangos assados em frente, promptos a serem victimados ao nosso appetite aguçado pelo ar puro da serra.

Almoçavamos, quando um tropel de animaes, correndo desenfreadamente pela montanha, nos chamou a attenção.

—São as eguas bravas, que veem para os *mosqueiros*—explicou o guia.

Effectivamente, bandos d'ellas convergiam para o castello, para se abrigarem dos ardores do sol, nas vastas galerias dos seus penedos; a estes logares de refugio chamam os da localidade *mosqueiros,* porque o são realmente, para os bellos animaes que vivem desde pequenos na serra. Os lavradores veem depois colhel-as a estes pontos na occasião de as levarem para as feiras.

Depois que Almeida desenhou a fórma caprichosa d'esse penedo que figura n'uma das nossas gravuras, e que antes parece uma sella voltada, ou o recosto d'uma enorme poltrona, fomos visitar o castello.

O *castello* é uma figura de rhetorica como qualquer outra, porque o que tivemos de percorrer não era senão um amontoado collossal de rochedos, onde se não encontra vestigio d'uma fortificação qualquer.

—Aqui está a *horta da rainha!*—disse o guia, depois de havermos transposto uma estreita galeria terminada em angulo agudo.

Que decepção!

Apenas alguns metros quadrados de terreno, com uma relva rasteira e uns giestaes dispersos.

—E as pias, onde são as pias que teem sempre agua a nascer?

—Ali em cima—respondeu-nos tranquillamente, apontando para uns collossos de granito que pareciam desabar sobre nós.

—E para ir lá?

—Vae-se bem; dá-se aqui uma voltinha por cima d'essa lage!

Démos a voltinha; a sola das nossas botas escorregava, porém, no granito virgem e um falso passo n'aquellas alturas era para nos fazer rolar de penedo em penedo, de abysmo em abysmo.

Descalçámo-nos, pois, como romeiros piedosos, e ora trepando pelos

angulos das rochas, ora rodeando as lages mais resvaladias, chegámos ao mais alto do castello, onde a surpreza nos compensou de sobra do trabalho difficil da ascensão.

Áquella hora do dia, o granito calcinado pelo sol de agosto, a natureza rude dominada pelo nosso esforço, o silencio da selva rodeando-nos por todos os lados, o valle espreguiçando-se ao longe n'um banho extensissimo de luz... sentimo-nos electrizados por essa austeridade casta da paysagem e sem que uma palavra sahisse dos nossos labios, o pensamento de todos nós exclamava de commum accordo:

—Magnifico!

Debaixo dos nossos pés, no proprio granito que pisavamos, umas covas arredondadas, evidentemente feitas pela mão do homem, feriram a nossa attenção.

—São estas as pias? perguntámos.

—Ainda não; é preciso descer um pouco sobre a direita.

Entretanto aquellas pias não devem ter sido trabalho da natureza; a mão do homem roubou aquelle espaço ao granito, quem sabe em que epochas da sua vida historica, quem sabe se para realisar o culto ceremonial d'alguma religião extincta. São analogas, posto que em maior numero, as que notámos nos penedos da Agrella, em Monsão, e cuja descripção já apresentámos.

Depois de mais algum trabalho de caminho, conseguimos por fim entrar na gruta onde existiam as celebres pias, as fontes miraculosas da lenda.

Ai, as lendas!... como é de oiro e pedrarias o seu vestido e como é pobre tantas vezes a sua carne!

Uma decepção para nós e até para o proprio guia, que nos asseverava haver ali agua sempre fresca! Nem uma só gotta, ao menos, que nos recordasse o sabor d'essa tradição ainda tão viva!...

As pias lá existem, na verdade, mas a nossa opinião é que ellas deveriam servir para realisar qualquer fórma de culto, porque pouco póde admittir-se que o fossem para recolher as aguas pluviaes, attendendo-se a que ficam no interior da gruta e só pelos intersticios das rochas a poderiam receber. É essa pouquissima agua que a gente da localidade encontra provavelmente no mez de S. João, ainda muito chuvoso n'esta região e á qual se liga a poesia da lenda e a crendice do milagre!

Subir para lá fôra difficil, meu amigo, mas descer era talvez um pouco mais perigoso: e pontos houve em que tivemos de caminhar, diriamos talvez melhor, deslisar pelo plano inclinado dos penedos, com grave risco dos fundilhos das nossas calças.

VALENÇA — *Vista tirada do Alto do Paraizo — Desenho de João de Almeida*

Emquanto Almeida fazia o *croquis* d'este castello, que o é pela fórma e pela lenda mais que pelo trabalho do homem, fomos nós visitar a *Chã das pipas*, plató da Bolhosa, e ponto da confluencia dos concelhos de Valença, Monsão, Arcos e Coura; estivemos mesmo junto do marco geodesico, mas, francamente, não vale a excursão o trabalho, e nem mesmo o plató é uma chã, geometrica, como nol-o haviam descripto, e com a extensão que essa descripção nos traçava.

Proximo da Fôrna as aggregações plutonicas da rocha continuam, mas d'estas apenas duas são mais salientes; uma fórma o castello de Abbedim, que já descrevemos e fica a nascente; outra menor está a poente e apresenta, como a Fôrna, galerias subterraneas, ou melhor sub-graniticas, que podem servir de covil seguro a qualquer homisiado.

O sr. João Salgado d'Araujo diz que no logar da Fôrna se encontraram os exercitos de Affonso Henriques e de seu primo Affonso VII, rei de Leão e de Castella, e que foi ahi que os dois se compozeram por intervenção de D. Thereza, mãe do principe portuguez, que estava em Valença, e D. Urraca, que estava em Tuy.

O facto não é de todo o ponto exacto. O tratado de Tuy firmado em 1137, segundo diz Alexandre Herculano, na presença dos bispos de Segovia, Porto, Orense, Tuy e do arcebispo de Braga, é consecutivo á jornada de Cerneja, em que os portuguezes ficaram victoriosos, e só foi pactuado, quando Affonso VII para desforrar essa victoria, se dirigiu de salto a Tuy e ahi se preparava para invadir Portugal.

«É possivel, diz o eminente escriptor, que esse tratado fosse feito, ou porque o infante portuguez se humilhasse pedindo tregoas, visto que no meio dia estava ameaçado pelos sarracenos, ou porque o imperador ao pensar na invasão desconfiasse da pouca lealdade dos heroes da Galliza.» Fosse como fosse, esse tratado de Tuy é alguns annos anterior ao recontro da Veiga da Matança, ou melhor dos torneios singulares da *Forna*, porque segundo a nossa opinião humilde, é aqui e não nos Arcos, que se effectuou o largo torneio, em que a victoria, segundo Herculano, coube aos valentes homens de guerra do infante. No capitulo dos Arcos seremos mais explicitos como promettemos já.

* * *

É tempo agora de descêr a serra e abandonar esse pittoresco ponto do Marco, onde o olhar se nos embeveceu n'um deslumbramento largo, e d'onde em imaginação te fiz partir para essa excursão que juntos realisámos.

A urze é baixa e o caminho regular até á ermida, que nos fica a um kilometro apenas,—a capella do Faro.

Descança um instante aqui, meu amigo, visto que tens no adro a fresca sombra dos castanheiros antigos e proximo a mais deliciosa agua, que póde dessedentar labios seccos pelo calor da montanha.

E mesmo porque, se tu és um minhoto da alta provincia, tens ligada de certo alguma recordação da tua vida a esse logar amenissimo do monte, que os Valencianos chamam com orgulho a sua fresca Cintra.

A capella do Faro (corrupção de Facho?) pertence á freguezia de *GANFEY*, por ser outr'ora do mosteiro, de que brevemente nos occuparemos: e alguns querem mesmo que ahi fosse a séde primitiva do convento, o que não é muito verosimil. Encontram-se ainda vestigios das antigas habitações, hoje restauradas, e que alguns interpretam como restos das vivendas que os frades alhí possuiam para logar de recreio ou de... penitencia. Esses restos nada apresentam de notavel, assim como o não é a capella da invocação da Senhora do Faro, lithurgicamente Senhora da Assumpção. A romaria, aonde concorrem os povos das aldeias e concelhos limitrophes, realisa-se a 15 de agosto.

Hoje a capella é administrada por uma commissão de devotos, de eleição annual, a qual tomou posse em 25 de abril, pelo que n'este dia se celebra uma pequena festa commemorativa.

Por traz da capella, no monte, encontram-se vestigios de muralha antiga. Indicarão esses vestigios a existencia remota d'algum castro? Ignora-se. Do *Picôto de Sant'Anna* onde modernamente se construiu uma pequena capella, e que é ponto obrigado a quem vae passar algumas horas no Faro, por se gosar d'ahi um delicioso panorama, parte integrante do que se disfructa do Marco, foi tirado o *croquis* da capella e adro, que outro merito não tem senão o de te recordar a ti, emigrante saudoso dos logares da tua infancia, um dos pontos sobre que decerto adeja a tua doce saudade de ausente, e talvez mesmo que o mysterioso anhelo da tua sincera crença devotiva.

Descendo a serra, atravessamos Villar, Azenhas e Caixaria, onde existe a pequena capella de S. Vicente, logares estes da freguezia de Ganfey, que atravessamos por entre pinheiraes espessos, a fim de visitarmos o seu antigo convento de Benedictinos, pittorescamente situado sobre o principio da encosta, dominando a estrada e o rio, onde os frades tinham as suas pesqueiras ainda hoje por tal nome conhecidas, e avistando em frente Tuy e á esquerda Valença, dois pontos culminantes d'um formosissimo panorama constituido pelas veigas ferteis, o azul ondeado do Minho, as aldeias e serras da Galliza.

O mosteiro foi fundado por S. Martinho de Dume, segundo uns, por S. Fructuoso, segundo outros. O certo é que em 691 já existia, pois d'aqui foi para o mosteiro de Azere Fr. Sisnando. Em 997, Almançor, rei mouro de Cordova, o destruiu, reedificando-o depois, em 1018, o cavalleiro francez Ganfrido, Ganfeiros ou Ganfey, cujo nome o convento tomou, sendo ainda hoje festejado a 3 de janeiro.

O mosteiro ajudou com as suas rendas a reedificar Valença e fundou as egrejas de Santa Maria dos Anjos, hoje porochial da Villa, e Cristello Covo, arrasada já e de que não restam vestigios.

Os reis o favoreceram, deixando-lhe D. Affonso II a sua prata lavrada para que os monges lhe encommendassem a alma a Deus. O infante D. Pedro, conde de Barcellos, aqui viveu quatro annos, no tempo das guerras com a Galliza, contribuindo durante esse periodo para a sua reedificação.

Passou a commendatarios o convento, mas, por bulla de Pio V, tornou á congregação benedictina, o que não foi muito do agrado do marquez de Villa Real, que queria que lhe pertencesse o padroado, sendo preciso para o socegar, fazer-lhe mercê d'algumas apresentações.

Tinha este mosteiro quatro coutos, que eram os de Ganfey, Torreiras, Villarinho e Rebordões, supprimidos já desde muito. Possuia muitos e bons prazos em Coura, Valença, S. Fins e Monsão; e tinha uma vida para apresentar Insalde e Cerdal com o seu Simples.

Esta linguagem talvez um pouco desconhecida para ti, leitor, tem a seguinte explicação, que d'uma vez damos para todos os casos que nos appareçam identicos. A palavra *vida* significa a duração que o parocho tinha do goso dos seus direitos; o abbade *Simples* usufruia as rendas, sem ter trabalho ou responsabilidade alguma: assim pois, ter o convento uma *vida* para apresentar Insalde com o seu *Simples*, não quer dizer senão que os frades nomeavam um ecclesiastico de seu favor, para disfructar os rendimentos da freguezia durante a sua vida.

Quem te dera ser Simples por este processo, meu amigo!

A egreja parochial é hoje a do mosteiro e a propriedade d'este foi adquirida pelo sr. Antonio Xavier Torres e Silva, de Caminha. Proximo do convento e n'um vallado da Tomada do Outeiro encontraram em 1874 dois lavradores que vinham da feira de Valença, grande quantidade de moedas antigas, bastante oxidadas, todas de cobre e do tamanho das nossas moedas de 100 réis pertencendo na sua maioria á epocha de Constantino IV.

Em Tardinhade existe a capella de S. Theotonio, oriundo do logar e cuja casa paterna se diz ter sido onde hoje está a ermida.

Capella da Senhora do Faro

Temos dois caminhos a seguir agora para entrar em Valença: ou a larga estrada de *macadam*, ensombrada de pinheiros e robles, ou essa corrente mansa e crystallina, o Minho, que vae aqui abrir-se n'uma bacia esplendida, d'um bellissimo effeito de paysagem, como em poucos logares do seu curso podias encontrar.

Pelo rio, pois, e que seja D. Antonio da Costa, o primoroso escriptor do livro—*No Minho*—, que te transmitta a impressão d'esse ponto:

«Uma grande bacia circulada pelos dois reinos, e ali, na margem direita, a cidade de Tuy, a sentinella da Hespanha, com a sua cathedral dominando a povoação, e na margem esquerda Valença, a atalaya portugueza, com a sua corôa de fortificações, de cujo centro se hasteia a bandeira das quinas, que, desfraldada ao vento, nos produz no meio d'aquellas impressões um estremecimento de jubilo.»

Na occasião em que estas palavras foram escriptas, a ponte internacional, de cuja situação dá uma perfeita idèa a nossa gravura, não existia ainda, lançada como um symbolo de fraternidade altruista entre os dois paizes tão irmãos pelo berço, pela lingua e pelas tradições gloriosas, como ciosos da sua independencia e liberdade.

*

* *

Desembarcando no caes, tomamos por essa extensa alea de formosos olmeiros, em parte representada na gravura do principio d'este capitulo, e onde está o *Hotel Rio Minho*, um dos mais bem servidos da provincia e tambem um dos mais bem situados, por lhe ficar em frente, como jardim

espaçoso, a feracissima veiga das Lameiras, passamos ao lado da ermida do Senhor do Caes, que as inundações chegam a visitar no inverno, e subimos uma calçada ingreme, cortada hoje pela via ferrea proximo da ponte. Nos desaterros que aqui se fizeram foi encontrada a moeda, cuja gravura apresentamos, e na qual se vê o busto de Trajano, com a corôa radial voltada para a direita e tendo a legenda: *Imp. Cæsar. Nervæ. Traiano. Aug. Ger. Dac. P. M. Tr. P. Cos. V. P. P.* É de bronze, capeada de metal dourado, e pertence actualmente ao ex.^mo sr. Abel Seixas.

A calçada continua ingreme e atravez das cortinas da fortaleza entramos na praça pelas portas da Gaviarra, parando emfim no pequeno adro da egreja parochial da villa, Santa Maria dos Anjos, que o sr. Vilhena Barbosa no seu livro *Cidades e villas da Monarchia portugueza* erradamente colloca fóra do perimetro da praça. Notaremos ainda outras inexactidões d'este escriptor. Julga Santo Estevão a matriz da villa, o que vimos não ser verdade, e attribue a Valença tres portas, que a communicam com os arrabaldes: a de *Santiago*, que está voltada para o sul; a do *Poço*, que dá sahida para a ponte; e a do *Postigo do Poço de S. Vicente*, que olha para o norte; tudo inexacto. Esta ultima, pela qual entrámos ha pouco, chama-se, como vimos, da Gaviarra; as do sul, na obra coroada já, chamam-se da *Coroada;* as do poente *Portas da Villa.* Ha ainda as que communicam a villa com a fortificação da Coroada, a que chamam *Portas do Meio*

No adro da egreja parochial de Santa Maria dos Anjos uma data, 1276, collocada no frontispicio do portico, chamaria a nossa attenção, se ella não fosse presa logo pelo aspecto da entrada do templo, indicando a sua antiguidade. N'um dos cunhaes da sachristia encontra-se gravada em pedra a seguinte inscripção: *VIII dias andados do mez de julho foi fundada. Era de M. CCC. XIII.*

A egreja é d'uma só nave e nada apresenta hoje de notavel, a não ser uma capella que lhe está annexa, chamada das Carlas e que era propriedade da casa de Santa Luzia e hoje pertence ao moderno barão da Urgeira; tem na cornija exterior uma inscripção em caracteres gothicos de facil interpretação.

Esta egreja tem duas irmandades; a das Almas, instituida em 1671 e com um fundo actual de 5:000$000 reis approximadamente; e a de Santo Antonio, instituida em 1737 e que tem hoje um capital de perto de 3:000$000 reis. Conta a egreja quatro altares lateraes, nenhum dos quaes importante sob o ponto de vista artistico.

Ao lado fica a pequena capella da *Misericordia,* que não se recom-

menda tambem por qualquer interesse artistico ou archeologico; venera-se n'ella a imagem do Senhor dos Passos, a mais querida do povo de Valença. É n'esta capella que tem a sua séde a irmandade da Misericordia, a cargo da qual está a gerencia do Hospital da Caridade. À misericordia pertencem tambem as capellinhas dos Passos, que se encontram em differentes pontos da villa, e onde no dia da solemnidade, o 2.º domingo da Quaresma, são collocadas as imagens representativas da Paixão.

O logar da Urgeira, extra-muros da praça e onde talvez assentasse a primitiva povoação, pertence a esta parochia; ha ahi uma pequena capella da invocação da Senhora da Saude, com irmandade da Senhora das Dores, instituida em 1854.

Sahindo da egreja de Santa Maria dos Anjos e tomando sobre a esquerda, encontramo-nos n'um pequeno largo, onde se levanta o edificio moderno do Hospital da Caridade, principiado em 1838 pela iniciativa particular, entre a qual sobresahiu a do então Barão da Guaratiba, de que o largo conserva o nome.

Essa edificação, aliás d'um aspecto elegante, não apresenta as boas condições exigidas pela sciencia moderna para o fim a que é destinada; ainda bem que a pequena accumulação de doentes e o zelo dos seus directores clinicos supprem as suas deficiencias de construcção.

O edificio assenta em parte do terreno em que existiu o convento de Santa Clara, de freiras franciscanas, e o quartel do regimento de artilheria 4. Sendo provedor da Misericordia Francisco Xavier Calheiros, em 1825, alcançou a concessão d'esses terrenos para a fundação do hospital, que só poude ser principiado onze annos depois.

Por detraz do hospital fica o terreno ajardinado do trem da praça, e ao lado o Assento, assim como, em frente quasi, o hospital militar, espaço este todo que era occupado pelos claustros, cerca, dormitorios e mais annexos do convento das freiras franciscanas.

Em 1769 foram estas freiras, assim como as de Monsão, removidas para Braga e consta que não fôra o motivo dos mais piedosos, visto que a estamenha do habito não podia encobrir já historias galantes de amores, que se abriam em numerosos capitulos pelas cellas reconditas do convento!

Ás esposas do Senhor não bastavam decididamente aquelles abrazados mysticismos ideaes que davam a felicidade a Santa Thereza!

A egreja de Santo Estevão, que, como dissemos, fica tão proxima d'este ponto, que ainda occupa parte do terreno do extincto convento, foi fundada em 1378, no reinado de D. Fernando I e reedificada em 1792; tem tres naves e é o templo mais vasto de Valença e o que por isso é des-

tinado ás grandes solemnidades do culto. Para esta reedificação concedeu dez annos do real d'agua D. Maria I.

Apesar de pequeno o primitivo templo, n'elle se estabeleceram dezenove ou vinte conegos da Sé de Tuy, que por occasião do scisma de Avinhão recusaram obediencia ao anti-papa.

Permittiu-lhes D. João I que disfructassem as rendas que a mitra de Tuy tinha em Portugal, o que fez com que o bispo de Tuy lhes sequestrasse logo as prebendas.

Continuaram as coisas n'este estado, durante os reinados de D. João I e D. Duarte, até que na menoridade de D. Affonso V obteve o infante D. Pedro, regente do reino, do pontifice Eugenio IV a desannexação definitiva e a instituição da collegiada.

Na guerra de 1640 o patriotismo dos conegos revelou-se pela cedencia de metade dos rendimentos para as despezas da lucta, pelo que D. João IV em carta ao cabido confessou «*estar muito agradecido ao zelo e amor com que elles se dispozeram a servir com o donativo para ajuda da guerra e defensão d'este reino*» e lhes deu o titulo de *insigne*.

Quando D. Affonso V conquistou Ceuta, em 1415, creou ali o primeiro bispo; mas faltando-lhe as rendas sufficientes, foram-lhe dadas as que o bispo de Tuy tinha na provincia do Minho, e assentou por isso a sua cathedra na collegiada de Santo Estevão, com o titulo de bispo de Ceuta, primaz de Africa. D'ahi veiu a esta egreja o nome de Sé de Valença. A cathedra episcopal, onde se sentaram oito bispos, conserva-se ainda no côro e d'ella dâmos mais adiante uma gravura.

Quando algum d'esses bispos fallecia, reputava-se a comarca em sé vaga e o cabido apresentava *vigario sede-vacante*.

Usam os conegos de murça com capello forrado de vermelho, e manto, por serem filhos de uma cathedral como os de Braga, que a isto se oppozeram, embora inutilmente. Por breve do papa Pio VII lhes foi concedido usar meias vermelhas, faxa da mesma côr e cordão verde no chapéo; e não póde dizer-se que a concessão para estes artigos de *toilette* fosse muito economica, porque o breve lhes custou 600$000 réis.

Oh! a *toilette* d'um conego!...

As rendas da collegiada estão sensivelmente diminutas e hoje apenas existe um conego, como representante d'essa gloriosa corporação.

Podera ainda assim o municipio haver a si esses rendimentos, visto que é pobre, e com elles auxiliar o fomento da localidade, antes que mãos rapaces os consigam desviar para fins menos justos.

Sahindo da egreja, em cuja torre o relogio da villa está collocado, desce-se a pequena calçada em frente e depara-se á esquerda com o cru-

zeiro do Senhor da Praça, proximo do qual está um marco milliario — veja-se a gravura — que marcava a distancia até Braga, na 3.ª via romana que vinha d'esta cidade para Astorga.

A sua inscripção diz:

TI. CLAVDIUS CÆSAR AUG. GERMANICUS
PONTIFEX MAX. IMP. V CONS.
III TRIB. POTEST. III. P. P. BRACA XLII.

Diz Hübner nas suas *Noticias archeologicas de Portugal*, apresentadas á Academia de Berlim, que este marco é um dos seis ou oito que se conhece d'essa estrada. O sabio allemão dá-lhe 43 milhas, o que não é exacto, e pensa que deve ter essa conta porque Tude (Tuy) marcada no itinerario de Astorga dista exactamente de Braga 43 milhas.

Pinho Leal corrige essa affirmação e d'ella tira argumento para collocar a existencia da antiga Tude no local do Tuido, que ficaria de Braga distante as 42 milhas que o marco assignala.

O que, porém, um e outro ignoravam é que esse marco veio para este ponto do logar das Lojas, e se é verdade que primitivamente aqui estava collocado, este facto vem em favor da hypothese que colloca a antiga Tude, a Tuy maior, no sitio da Valença actual.

Este marco serviu por muito tempo de pelourinho e por isso o collocaram junto dos antigos paços do concelho, cuja casa de sessões era na sala da actual cadeia civil.

Proximo do marco fica a modesta praça das hortaliças e fructas, tendo por fundo a parede da cadeia, em cujo centro se vê uma antiga inscripção romana, assim gravada:

, DIS · MANIBVS
ALLVQVIO · ANDERGI ·
A EIVR AE · A RQVIE
MACRO · ALLVQVI F CI
VIIMONI · ALLVOVI F · CVVI
EN NH · IERVIG · P · F · FAC C

a que se refere tambem na *Memoria* já citada o sabio dr. Emilio Hübner.

Este distincto epigraphista considera esta inscripção d'um tumulo de

conjuges com dois filhos, e attribue-a á epocha de Augusto. Esta lapide, o que não diz Hübner, mas o que parece confirmar a sua interpretação, foi encontrada nos alicerces da capella-mór da demolida egreja de Christello Côvo, de que hoje não restam já vestigios.

Os modernos paços do concelho, no largo de S. João, acham-se actualmente em construcção e destinam-se a alojar todas as repartições publicas, embora algumas tenham de ficar bastante acanhadas, attendendo á má disposição interna do edificio. O aspecto exterior é tambem pouco elegante.

Agrupações graniticas na Fôrna — Desenho do natural por João de Almeida

O brazão d'armas de Valença compõe-se do escudo das quinas em campo azul, tendo aos lados, na parte inferior, duas estrellas de prata e na parte superior dois crescentes de prata com as pontas voltadas para baixo. A villa gosava da prerogativa de enviar procuradores ás antigas côrtes, tomando assento no banco decimo.

*
* *

Subindo a rua de S. João e atravessando as portas do Meio encontramo-nos na Coroada, obra de fortificação annexa e posterior á antiga villa e na qual existem as capellas do Encontro e do Bom Jesus, tendo pertencido est'ultima antigamente á freguezia de Christello Côvo e depois de 1700 ao cabido, que em 1717 a cedeu á irmandade da Senhora do Carmo, composta dos militares do regimento 21. Estes conservaram-a até 1828 e, como sahissem da villa n'esse anno, ficou desde então a capella a cargo do governo da praça.

Na capella do Encontro existe uma usança local por occasião da festa de S. Sebastião, a 20 de janeiro, que não deixa de ser curiosa. Os rapa-

zes chamam-lhe a *Festa dos cornuchinhos*, e são elles os que tomam a parte principal n'essa usança, que consiste em distribuir ás creanças, pequenos pães feitos por ordem da confraria, que para isso tem um legado especial com essa obrigação, cuja historia contam assim:

«Celebravam-se n'essa capella officios *pro defunctis*, e no fim dos officios eram os padres mimoseados com pão e vinho que ali mesmo comiam e bebiam, e a que chamavam *collação;* como a capella não tinha nem tem sachristia, o rapazio assistia de beiço aguado áquelle regalar de estomago dos reverendos. Isto produziu desagradavel impressão no espirito d'uma boa velha devota, que fazendo testamento deixou á irmandade um legado com o onus de empregar todos os annos 812 réis e meio em pão de trigo para distribuir pelos rapazes pobres que estivessem na capella no fim do officio.»

A imagem de S. Sebastião liga-se á existencia d'uma pequena capella que existiu no exterior da praça, no sitio da fonte, que hoje conserva ainda o seu nome, e que fôra instituida por D. Manuel em virtude d'um voto que fizera, por causa d'uma grande peste que assolava o reino. Essa imagem era passeada em cerco pela povoação, facto que hoje se reduz a uma simples procissão pelas muralhas da villa, em que o santo vae seguido do povo entoando a ladainha.

Alguns documentos historicos mais tem Valença para nos apresentar, mas não permitte a nossa viagem rapida o prazer de eruditos, que lêem com vagar nas paginas de pedra e na biblia das tradições todo o passado d'um povo.

Ainda assim apontaremos o de ter sido nas casas do sr. Sampaio, largo do Visconde da Guaratiba, o edificio da terceira casa de moeda que houve em Portugal;—mencionaremos a inscripção que existe na padieira d'uma porta voltada a nascente, da casa do governador, onde se lê *Aula real de Artilheria 1785* e que se explica por ter o então governador de Valença, Miron Sabione, estabelecido ali uma aula de mathematica, em que elle ou sua filha Julia preleccionavam aos officiaes e cadetes do regimento de artilheria de Valença, depois n.º 4, dando assim um certo incremento a essa arma;—e referir-nos-hemos a essa pequena esculptura em pedra, evidentemente antiquissima, achada nos alicerces da casa do governo e collocada hoje sobre a porta de nascente, do armazem do material de guerra, proximo ao Eirado, e que representa duas cobras entrelaçadas, a que o povo chama o symbolo de Valença.

O edificio occupado hoje pela hospedaria militar pertencia ao convento dos frades de S. João de Deus; eram pessoas de nobreza e tinham prior e capellão, consistindo o seu dever apenas em serem enfermeiros dos

doentes do hospital militar, que ahi, ou nas novas construcções que depois se fizeram, tinha a sua séde.

Por vezes nos temos referido á egreja de Christello Côvo, de que hoje não restam vestigios, e da capella-mór da qual sahiu a lapide a que vimos referir-se Hübner. Essa egreja era no terreno. hoje occupado pela horta do regimento; e a fonte de Christello diz-se ter pertencido ao passal do parocho, estando então, como hoje, situada n'aquelle mesmo logar; o passal estendia-se até ao ponto onde hoje existe o theatro valenciano, e consta que n'esse predio era a residencia do parocho.

Esta topographia comprehende-se melhor, se se attender a que outra era a disposição da fortaleza do lado das portas do Sol, que só tomou a fórma actual depois da invasão franceza em 1809, em consequencia de terem sido as antigas portas arrazadas por uma explosão de polvora.

*
* *

Da Valença militar dar-te-hemos apenas um resumo rapido, visto que o espaço de que dispomos nos vae faltando para uma descripção minuciosa.

A praça comprehende sete baluartes, e tem como addicionamento a *Obra Coroada*, com tres baluartes e dois meios baluartes, todos pouco espaçosos, principalmente o do Soccorro e Lapa. O relevo oscilla entre $6^{m},16$ e 14.52, sendo por isso susceptivel de escaladas. Tanto a praça como a Coroada são contornadas por *falsas-bragas,* sendo ainda todo o seu perimetro rodeado de fossos com largura e profundidade proporcionaes ao relevo. Afóra isto, cada sahida ou porta é defendida por um Revelim ou Meia-Lua, de dimensões bastante acanhadas.

Em volta de toda a fortaleza ha uma estrada coberta, com as respectivas praças d'armas salientes e reintrantes, explanadas, e nos pontos necessarios lunetas com canhoneiras e setteiras. O paiol e quarteis ficam na Coroada.

Os assedios que a praça tem soffrido n'este seculo são em numero de quatro, além do bombardeamento que em 1809 soffreu dos francezes, que assestaram a sua artilheria em Tuy.

O primeiro foi em 1828. O regimento 21 e os dois destacamentos de artilheria e engenheria, tendo adherido á revolução do Porto contra D. Miguel, marcharam para esta cidade, deixando apenas na praça um destacamento. Em 19 de junho, as ordenanças de Monsão, Melgaço e outras, sob o commando de Antonio Luiz Pereira Alves da Guerra, approxima-

ram-se da praça, fazendo o destacamento do 21 e a guarda civica uma sortida ao Tuido, onde lhe deram combate, mas findo o qual tiveram de recolher á fortaleza, cujo assedio durou então até ao dia 23, na noite do qual o major Leite com o destacamento do 21 fizeram a acclamação de D. Miguel, prendendo logo todos os liberaes, entre os quaes se contavam Antonio d'Azevedo e Cunha, tenente-rei, servindo de governador; Thomaz Antonio Rebocho, tenente-coronel, que ficara commandando as forças do 21; o juiz de fóra José da Gama Araujo e Azevedo, o major de engenheiros João Antonio d'Almeida Cibrão e o commandante da guarda civica, o bacharel José Bernardo Gonçalves Ferreira da Cunha Pinto.

O segundo sitio foi em 1834. A praça estava em poder dos de D. Miguel e guarnecida pelas milicias de Basto. Napier, que havia desembarcado em Caminha e tomado Vianna e Ponte de Lima, veio com as suas forças de marinha, voluntarios e milicias de Vianna, pôr cerco á praça em 31 de março á tarde, capitulando esta em 3 de abril.

O terceiro assedio foi o de 1837, a 17 de julho. Governava a praça o major Joaquim Pereira d'Eça, na ausencia do governador barão da Ponte de Santa Maria. A guarnição revoltara-se a favor dos marechaes Saldanha e Villa Flor e tendo-se revoltado no mesmo sentido o 4 de caçadores em Ponte da Barca, o barão de Leiria com alguns voluntarios da Rainha e parte do 9 de infanteria, poz-se á frente d'essas forças e entrou em Valença a 17 de julho, perseguido já pelo barão de Almargem, que logo n'esse dia lhe poz cerco.

O assedio continuou até 7 de setembro, retirando os sitiantes pela estrada de Vianna em direcção ao Porto. Os setembristas tinham collocado as suas baterias nas Chorentas, na Rapozeira, em Arão, e no Forno da Cal, e damnificaram bastante a praça com o seu fogo.

O quarto assedio foi o de 1847, por occasião da *Maria da Fonte*.

Pelas 6 horas da tarde de 3 de dezembro de 1846 foi a praça occupada pelas forças de marinha que guarneciam os navios cruzeiros do Porto, surtos em Vigo, e commandados pelo visconde de Soares Franco. Aggregaram-se a estas forças os voluntarios da Rainha e ficaram constituindo a guarnição da praça. A junta do Porto mandou sitial-as, principiando a collocação dos seus piquetes em 1 de maio; mas a 3 de junho a intervenção estrangeira, vindo de reforço á praça, a guarnição auxiliada pelos dois batalhões hespanhoes America e Bourbon, fez uma sortida, e nos campos d'Arão se feriu lucta, sendo as tropas do partido popular obrigadas a ceder ao numero e a bater em retirada.

Esta a Valença antiga, a velha fortaleza ennegrecida pelo tempo; mas n'este periodo do seculo, em que todos os espiritos cantam o *hosanna* da revivescencia, Valença conhece que suffoca muros a dentro e pensa que deve estender-se por toda essa formosa esplanada, agrupando-se em volta do edificio da estação do caminho de ferro, como do transmissor immediato das suas aspirações para o grande movimento do trabalho e da industria, que germana os povos modernos.

Castello da Fórna – Desenho do natural por João de Almeida

Ainda ha pouco o anachronico *statu quo* dos regulamentos militares impedia a mais ligeira reforma n'um edificio, e obstava a qualquer nova construcção nos seus pittorescos arra-

baldes. Hoje, graças ao valimento do conselheiro Caetano Pereira Sanches de Castro, deputado eleito pelo circulo nas eleições de 29 de junho de 1884, esse rigorismo absurdo foi modificado e, posto que sujeita ainda a certas condições, a edificação é permittida.

Essa verdadeira carta de alforria conseguida para Valença em 9 de julho de 1884, foi pelos filhos da povoação festivamente saudada, e o nome do benemerito deputado, já sympathico por outros motivos, tornou-se desde então um nome querido. Effectivamente, uma população de 3:080 almas, que sommada á de todas as outras freguezias prefaz a cifra de 15:373 habitantes, não devia por mais tempo esperar, sem injustiça grave, a realisação dos seus legitimos desejos.

Uma outra aspiração tem Valença, e é a da *permanencia*, dentro das suas muralhas, d'um corpo de tropa completo. Comprehende-se que assim deva ser, n'uma terra essencialmente militar, onde os pequenos interesses locaes se ligam á vida social d'essa população movel.

Não fôra este paiz governado pela malfadada politica das conveniencias, e essa aspiração não teria motivos para receiar o vêr-se ludibriada, visto que á segunda praça do paiz, ponto estrategico na raia, competiria sempre uma guarnição avultada.

Poucos annos ha ainda que Valença soffreu devéras nos seus interesses e no pequeno movimento da sua vida, quando o batalhão 7 de caçadores foi transferido para Guimarães. Os regosijos da volta compensaram esse prejuizo, e ainda hoje para os valencianos a data de 22 de novembro de 1879 é de recordação festiva, por lembrar-lhes o dia do regresso d'esse batalhão. Ao sympathico deputado d'essa legislatura, Elyseu Xavier de Sousa e Serpa, deveu a povoação essa reparação justissima, e deve dizer-se em abono da verdade, que o seu nome conquistou ali dedicações sinceras e se inscreveu no coração de muitos com as lettras d'oiro da gratidão amiga.

*
* *

Eis-nos fóra da praça.

Descançamos por momentos no pequeno mas frondoso jardim publico, e ahi, melhor que em outro logar, o espirito se deixa voar ao encontro d'esse futuro, que ha de vêr toda esta planicie povoada de edificações, bordando as estradas que ahi estão já como que a indicar o plano da nascente villa, agrupada em volta d'esse bello edificio da estação do Caminho de Ferro. O primeiro impulso está dado, e o municipio a quem tanto interessa esse progredir, deve desde já fazer o levantamento da planta d'esses ter-

renos, para que se não veja depois em embaraços serios de expropriações custosas, ou passe pelo desgosto de ver erguer-se uma povoação insalubre e aleijada, onde podia ver uma povoação encantadora e hygienica.

Deixamos o jardim; fica-nos á esquerda o elegante *chalet* do sr. Abilio de Sobral, e o espaçoso e vasto edificio da estação; e pela estrada recta e plana vamos caminhando, deixando que os olhos se embebam á vontade n'este panorama largo, cheio da frescura avelludada da vegetação, de onde a onde esmaltada pela casaria das aldeias.

Ali está Santa Luzia, a casa do extincto morgado d'este nome, e em cuja capellinha se festeja a 13 de dezembro a imagem d'aquella santa, que o povo implora contra as enfermidades ophtalmicas. Adiante Ervelho, poeticamente adormecido na sombra das suas arvores e, destacando do seu limite, a estrada concelhia que atravessa os campos de *ARÃO,* cuja egreja, um pouco mais ao sul, levanta o seu campanario de cupula bysantina sobre a extensão da veiga fertilissima. Festeja-se no mez de agosto o seu orago, S. Salvador, sendo uso pôr-se-lhe na mão os primeiros cachos de uvas ou espigas de milho, que amadurecem por estas cercanias, uvas ou espigas que depois são arrematadas.

Passamos em Villar de Lamas, por detraz da ermida do Senhor da Boa Sorte, e a breve trecho entramos em *CHRISTELLO COVO* ou Segadães, freguezia cujos habitantes se entregam simultaneamente aos trabalhos da pesca e da lavoura. Nos mezes proprios da pescaria, de fevereiro a maio, a margem do rio está pittorescamente animada e é abundantissima quasi sempre a pesca do savel, lampreia e salmão, que na maior parte se exporta para os concelhos do sul.

Um costume curioso e original, proprio da quadra das pescarias, tem logar em Segadães, na segunda feira immediata ao domingo da Paschoa, a segunda feira da Cruz. Á tarde, o parocho devidamente paramentado e com uma cruz ornamentada de fitas e flores, toma logar no barco mais novo e dá um passeio fluvial, sendo durante esse tempo as redes lançadas para a pesca. Todo o peixe que sahir no lance é propriedade do padre.

O povo chama a isto o *Lance da Cruz* e ahi vae para assistir a essa pesca religiosa, que bem faz recordar o antigo culto das aguas.

Confinando com Segadães e separado d'ella pela extensa e fecunda veiga da Mira, que as cheias inundam no inverno, fica a freguezia de *S. PEDRO DA TORRE.* Tem estação de caminho de ferro e estrada que a liga ao concelho de Coura, cujo ponto de embarque póde considerar-se.

S. Pedro da Torre é uma das mais antigas povoações do Alto Minho, e são claros ainda os vestigios de villa antiga nas suas ruas e travessas. No sitio do Juncal ainda hoje apparecem fragmentos de objectos de barro

e de madeira, alicerces de edificios, etc., que denotam uma povoação extincta.

Julgamos que por S. Pedro devia passar a antiga estrada romana de Braga a Astorga por Tuy; a nossa hypothese assenta em dados que se nos afiguram importantes, taes são a existencia de duas pontes,—uma que a nossa gravura representa, junto das aguas sulphureas, exploradas presentemente pela empreza Magalhães & C.ª,—outra a da Veiga da Mira, ambas ao que parece de construcção romana. Afóra isto deparamos com a existencia d'um marco milliario, desconhecido pelos archeologos, actualmente segurando um alpendre da casa do sr. Guerra, proximo da egreja parochial. Este marco, bastante damnificado, e onde mal podem ler-se as palavras *Constantini Maximi* estava no logar de Chamosinhos, indicando naturalmente um dos pontos d'essa antiga via romana, a terceira que se conhece partindo de Braga.

Durante a guerra da independencia construiram-se em S. Pedro da Torre alguns fortes, sendo o de S. Luiz, sobre a margem do rio, por Vicente Gonzaga para assegurar a conquista da provincia, e os de Belem e S. Francisco, no logar de Gandara, pelos nossos para se opporem ás ameaças do primeiro. Não restam hoje senão vestigios d'essas fortificações, e a tradição ou nome que ainda se dá á Quinta do Forte, contigua aos dois ultimos.

Segundo a lenda, nas veigas a leste do forte de S. Luiz, ter-se-hia ferido renhida lucta, de que os portuguezes sahiram victoriosos, sendo tanto o sangue derramado, que as aguas d'um pequeno ribeiro, confluente do rio da Veiga de Mira se tingiram de vermelho, e d'ahi o seu nome de Rio Tinto.

S. Pedro possue umas nascentes d'aguas sulphurosas frias, de precioso valor therapeutico no tratamento de variadas dermatoses e applicaveis ainda para uso interno em doenças gastricas, pulmonares ou genito-urinarias, quando sobretudo ligadas á diathese herpetica. A analyse chimica mandada fazer pela empreza Magalhães & C.ª ao sr. Carl von Bonhorst, assistente de chimica no Instituto de Lisboa, deu pela evaporação dos residuos o seguinte: chloreto de potassium, chloreto de sodium, sulphato de potassa, sulphato de cal, bi-carbonato de magnesia, silica, peroxido de ferro, alumina, bi-carbonato de soda, etc. Esta analyse não póde comtudo considerar-se completa e é de lamentar que assim não seja, tanto são apregoadas as virtudes medicinaes d'estas aguas, pelos que a ellas concorrem.

Limitando com S. Pedro fica a freguezia de *CERDAL*, a mais populosa e extensa do concelho. Existiram ahi tres fortes, dos quaes ainda

ha vestigios e cujo estudo recommendamos aos eruditos. São os dois primeiros os de Paços, e o de Bacellar, onde ha ainda pouco se viam algumas pias redondas de pedra e uma casa de fórma circular, e onde se teem encontrado moinhos de mão e tijolos antigos; é o terceiro o que no diccionario do sr. José Avelino d'Almeida figura com o nome de *Eima e Pou,* e que este auctor colloca ao norte de Mosteiró, rodeado de bosques densos, de contornos profundos e sinistros, entre a confluencia de dois ribeiros.

Visitámos este logar e inutilmente perguntámos aos naturaes pelo forte de Eima e Pou; o que todos nos indicavam na rude paysagem sylvestre acima descripta e verdadeiramente na confluencia de dois riachos, sobre que passa uma velha ponte, era o monte do Crasto!

—O crasto que era dos mouros, dizia-me ingenuamente um rapaz! Teem até uma capella toda de diamantes e de oiro fino lá no centro; mas ninguem sabe onde fica!

Cadeira episcopal da egreja de Santo Estevão —Desenho do natural por João de Almeida

O *crasto* ou *castro* é realmente um monte pouco elevado, coberto por um pinheiral denso, mas que em differentes alturas apresenta vestigios claros de muralhas, hoje soterradas pelas camadas de *humus* que se teem sobreposto.

É proximo d'esse logar que fica o convento de Nossa Senhora de Mosteiró, fundado por tres religiosos, Fr. Diogo Arias, Fr. Pedro e Fr. Gonçalo, que de Hespanha se recolheram a estes logares, por não quererem obedecer ao papa de Avinhão, Clemente VII. Foi este o primeiro convento que se fundou em Portugal, pertencente á provincia de Santo Antonio dos Capuchos, da observancia mais restricta.

Esta fundação é pois relativamente moderna; entretanto o *Sanctuario Marianno* diz que no tempo dos Godos aqui houvera um mosteiro de Eremitas da ordem de Santo Agostinho, que em 713 se extinguira e se reedificára depois em 920, cahindo novamente em abandono, por causa d'uma peste, até que um dia se incendiou, salvando-se do incendio apenas a capella, que passou a ter um unico eremitão.

A ermida ficava por baixo das escadas que vão para Gosende, onde sómente existe a haste do cruzeiro; outros dizem que na fonte de Santo Antonio. O que é positivo, é ter o eremita cedido aos tres frades a capella, e principiar o convento, que ainda hoje existe, em 1392, soffrendo uma reconstrucção em 1557 e outra em 1745. O templo está mal tratado, e despresado quasi inteiramente o espaçoso mosteiro. O pulpito, que é uma bella obra de talha, consta-nos ter pertencido ao extincto convento das Freiras de Valença; o resto do templo nada tem de notavel.

Cerdal foi séde de varias casas fidalgas, cuja genealogia não esboçamos, por nada interessar ao nosso ponto de vista.

No logar do Corgo ha vestigios claros de filões de hulha, que ainda ninguem se lembrou de estudar.

Nos dias 1, 2 e 3 de novembro faz-se n'esta freguezia, no logar de S. Bento da Lagoa, uma feira annual, a *Feira dos Santos,* outr'ora immensamente concorrido, mas hoje em decadencia sensivel. Para os homens tinha o attractivo das carreiras de cavallos e a prova experimental dos vinhos novos; para as creanças era um dia desejado o da Feira dos Santos, porque satisfaziam o appetite das castanhas e *pericos* (pequenos peros), que só por esta occasião podiam saborear.

A confrontar com Cerdal fica *S. MIGUEL DE FONTOURA,* nome que a tradição diz provir d'uma fonte situada junto á Casa Alta, cujas aguas arrastavam numerosas palhetas de ouro: d'ahi o nome de *fonte d'ouro.*

No seu logar de Reguengo pernoitou, segundo a tradição, a rainha Santa Isabel, quando regressava d'uma peregrinação a S. Thiago da Galliza.

A antiguidade de Fontoura não parece poder hoje seriamente contestar-se: sobram já os elementos com que testemunhal-o e é muito para acreditar que muitos outros existam ainda occultos nos seus bosques e

montanhas, que o acaso fará talvez um dia descobrir, visto que o estudo d'estes assumptos está por fazer entre nós, salvo a excepção honrosa d'alguma iniciativa particular.

Assim, por exemplo, a meio da subida do monte de S. Gabriel, no sitio chamado os Telhões, e tambem no de Gontumil, tem-se encontrado fragmentos ceramicos, carvões e cinzas, sendo para notar a fórma mais ou menos semi-circular d'esses locaes, como que a indicar vestigios de fortificações. Os velhos da terra contam ainda, que em tempos affastados já se encontrara ahi tambem um forno de tijolo, cheio de cunhas de metal amarello, que o povo attribuia aos mouros. No logar de Grove, sitio do Corgo, existe egualmente um monte arredondado, com fosso para o lado da estrada velha de Coura, onde tem sido encontrados fragmentos de louça grossa e outros objectos estranhos aos usos do nosso tempo. E em janeiro de 1884 o pedreiro Manuel Pontes, encontrou n'este sitio umas 37 moedas de prata, das mais interessantes das quaes adiante dâmos as gravuras; só conseguimos fazer a acquisição de tres e devemos o obsequio das restantes, para que n'este livro figurassem, ao distincto medico de Valença, dr. Manuel Maria de Passos Brito. A explicação e leitura das suas legendas é trabalho do ex.^mo^ sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, official distinctissimo da Bibliotheca publica de Lisboa.

Deixando Fontoura encontra o leitor as duas Freguezias da Silva.

SANTA MARIA DA SILVA, a mais humilde, foi abbadia até ao tempo do marquez de Pombal. Era apresentada pelos frades Bernardos de Oia, na Galliza, apresentação que deixou de fazer-se desde então, por não consentir o ministro que de fóra do reino se fizessem apresentações. A capella da Conceição, aqui existente, era da casa dos Mendes Caldas. Silva partilha com Fontoura os mesmos foros de antiguidade; demonstra-o a existencia do forte da Cruzeira, cuja fórma circular e fossos arruinados ainda se distinguem, e por ventura o nome do sitio da *Madorra,* a um tiro de espingarda d'essas ruinas, onde existiu talvez alguma mamoa celta. É possivel, porém, que não vá tão alto esta antiguidade e as ruinas sejam apenas as de algum castro romano, como o parecem provar as moedas achadas em Fontoura. De Silva ha ainda a mencionar o seu *arraial,* onde se notam vestigios claros d'uma trincheira ou bastida, que ahi se construiu em 1801, por occasião da guerra contra a Hespanha e França.

S. JULIÃO DA SILVA confina com a freguezia de Cossourado, do visinho concelho de Coura. É uma parochia antiquissima, pois já em 1308 D. Diniz deu a D. João, bispo de Tuy, um beneficio simples, formado de metade dos rendimentos d'esta freguezia. Os nobiliarios collocam em D. Guterres Alderete da Silva, que para estes reinos veio em 1040, e que

auxiliou Fernando Magno na conquista de Coimbra, o tronco da nobilissima familia dos Silvas. Aqui foi a sua torre solar e era sua tambem a quinta de Alderete, em Cerdal.

Situada na encosta da montanha, esta freguezia é uma das mais ferteis do concelho e aquella que juntamente com Fontoura mais abastece o seu mercado de saborosas fructas. O horisonte que se abre para o poente e norte, é deveras encantador, vendo d'ahi estender-se toda a formosa veiga, recortada pelas sinuosidades do Minho, para além do qual sobe em amphitheatro toda a campina gallega.

Marco milliario da via romana de Braga a Astorga — Desenho do natural por João de Almeida

* *
*

Está fechada, e ainda bem que fecha n'um largo fundo luminoso, a nossa excursão pelo concelho; o *touriste* mette por instantes na mala o seu binoculo de viagem e avalia, pelos dados que seguem, da civilisação da terra que visitou.

É um concelho pobre o de Valença e sem largos recursos para um fomento desenvolvido. A iniciativa particular fallece e a das corporações lucta de ordinario com a exiguidade de meios para realisar qualquer melhoramento. Sobre os municipios parece pesar ainda o velho espirito medieval, que tanto embaraça as modernas conquistas do progresso; questão de meio, por sem duvida, que a clausura muros a dentro d'uma povoação militar, deixa naturalmente comprehender. Devemos, todavia, affirmal-o com justiça: é um dos mais illustrados concelhos do norte. A escola e a imprensa, dois polos que orientam o espirito de civilisação d'uma terra qualquer, contam alli elementos d'um determinado vigor, como raro se encontram em populações pobres e pequenas. Actualmente existem dois jornaes, de feição politica diversa: o *Noticioso*, progressista, e o *Valenciano*, regenerador. Existiram já a *Rasão*, a *Voz do Minho*, e o *Correio do Norte*. A estatistica das escolas apresenta os seguintes dados:

9 do sexo masculino e 1 do feminino, sendo a do sexo masculino para o ensino elementar e complementar situada na villa. As escolas são

nas freguezias de Arão, Cerdal, Fontoura, Ganfey, Gondomil, S. Julião da Silva, S. Pedro da Torre, Verdoejo e Valença com duas, uma do sexo masculino (de que acima fallámos) e outra do feminino. O numero de alumnos matriculados foi de 596 rapazes e 91 meninas.

Existe ainda na villa uma *Escola Municipal de instrucção secundaria,* sustentada a expensas do municipio e da Misericordia e com dois profes-

Ponte romana em S. Pedro da Torre

sores nomeados interinamente. Esta escola dá annualmente ao alumno mais distincto um premio de 12$000 réis, instituição particular do ex.^mo sr. José Affonso Guimarães, filho do concelho.

Temos em seguida, como manifestação moral, a estatistica da criminalidade, que referimos, como as anteriores, ao anno de 1880.

Na comarca de Valença, que comprehende este concelho e o de Cerveira, foram julgados 52 réos, sendo 15 absolvidos e 37 condemnados a penas correccionaes; os crimes eram 42, dos quaes 5 classificados como

attentados contra a segurança do Estado, ordem e tranquillidade publica, 25 contra pessoas e 12 contra a propriedade. D'entre os 52 criminosos sabiam apenas ler 18, sendo os restantes analphabetos. Os homens entram na estatistica com o numero de 28, as mulheres com o de 24. Ha ainda a diminuir 9 ao algarismo total, visto que eram 7 de fóra da comarca e 2 estrangeiros.

Segue o trabalho nas suas tres manifestações mais caracteristicas: a industria, o commercio e a agricultura.

Industrialmente o concelho é pobrissimo; apenas o ultimo inquerito ás industrias do paiz relata a existencia d'uma fabrica de cortumes no sitio de Catefarás, Urgeira, arrabaldes de Valença. A fabrica é propriedade do sr. Joaquim Apollinario da Fonseca e emprega seis operarios, que vencem 240 réis, e um mestre ganhando 400 réis. Compra annualmente de 4:000 a 5:000 couros de cavallo, porco e principalmente boi. O preço da casca regula por 120 réis a arroba (15 kilos), chegando ás vezes a 240 réis. É toda da provincia do Minho. O preço da sola preparada anda por 600 a 700 réis o kilogramma. O couro verde é pago, termo medio, a 4$800 réis cada um, e depois de curtido vende-se por 6$500 réis. A venda orça por 9:000$000 réis annuaes, e as solas da sua fabrica, informa o proprietario, são preferidas ás do Porto, onde o processo do curtimento é accelerado por meio do acido sulphurico. De resto ha no concelho a pequena industria domestica da tecelagem do linho, em pequenos teares, que uma só tecedeira faz trabalhar, sendo o tecido quasi exclusivamente para consumo local.

O commercio, em escala reduzida, limita-se a pequenas transacções com as praças commerciaes de Vianna e Porto, luctando com a difficil acquisição de capitaes e com a concorrencia, extremamente fragmentada, dos pequenos estabelecimentos e bufarinheiros das feiras.

A agricultura é ainda assim aquelle ramo de trabalho que vive um pouco mais desafogadamente, sendo todavia de recursos muito deficientes no concelho; a sua actividade predominante consiste na cultura de milho, de vinho e creação de gados, em que está superior a alguns outros concelhos do districto.

Na cultura da vinha usa-se o systema das latadas e o da vinha de enforcado, principiando a predominar o primeiro; o vinho é ainda assim mais acido que o de Monsão e de menos força alcoolica, para o que contribue o estado de menos maturação, em que a vindima é feita. A uva é pisada em dornas ou *tinalhas*, e o cangaço premido em lagares de pedra, munidos de prensa de vara e parafuso. As freguezias mais productoras são as de Gondomil, Boivão, Verdoejo, S. Pedro da Torre, Cerdal, S. Mi-

guel de Fontoura e S. Julião. As castas de uva são: *verdelho feijão,* os *espadeiros,* a *borraçal* e o *pical polho;* entre as brancas a *loureira,* o *alvarinho* e o *castellar,* estas, porém, em menor quantidade. A média da força alcoolica dos vinhos do concelho é de 7,6 até 9.3 de alcool absoluto.

Nas alfaias agricolas não ha progressos a notar.

O recenseamento feito em 1872 dava aos seus gados um valor médio de 78:000$000 réis, o que deve considerar-se longe da verdade, attendendo á imperfeição das estatisticas, como já temos dito a proposito d'outros concelhos. As especies eram assim computadas:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	203	2:621$800
Muar	13	152$000
Asinino	61	154$600
Bovino	3:419	71:441$300
Lanar	2:362	829$420
Caprino	907	330$120
Suino	1:214	3:337$200
		78:866$440

Expostas as condições da industria e agricultura, vê-se que a vida economica não póde ser desafogada; a propriedade rural effectivamente mal chega a render 3 por cento.

A lucta pela existencia é por tanto um pouco violenta já, sendo bastante elevado o preço dos generos alimentares, do peixe especialmente, que é exportado e deixa de abastecer o mercado da villa.

Nas feiras a 5 e a 18 e nos mercados aos domingos, domina regularmente a seguinte tabella:

Milho, 20l ou alqueire	500 a 600 réis
Trigo » » »	800 »
Centeio » » »	600 »
Feijão ordinario »	700 »
» comprido »	1$000 »
» fradinho »	800 »
Vinho, almude de 26l,34	1$200 »
Gallinha (uma)	350 a 500 »

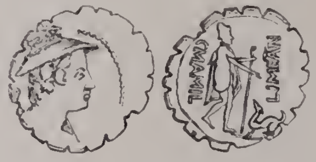
Estes mercados são ordinariamente fartos de generos e dão ao *touriste,* que os presenceie, uma nota caracteristica do movimento e costumes do concelho.

Resta-nos apresentar as gravuras e a descripção das moedas encontradas no logar de Grove, a que nos referimos na pag. 111:

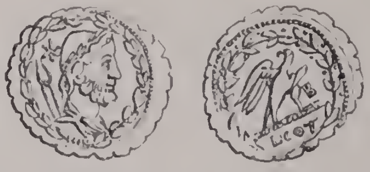
Anverso: Cabeça de Augusto laureada, voltada para a direita — Legenda.
CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE.
Reverso. Duas figuras velladas com as vestes pontificias, tendo na mão direita duas varas, encostadas a dois escudos, e no campo, na parte superior, um lituo e um prefericulo — Legenda:
Caius Lucius CAESARES AVGVSTI Filii COnSules DESignati PRINcipes JUVENTutis.

Anverso: Cabeça de Augusto voltada para a direita — Legenda: *AVGVSTI DIVI Filius.*
Reverso: Touro arremettendo para a direita — no exergo — *IMP. X. XI ou XII (não pode distinguir se).*

Anverso: Cabeça de Augusto voltada para a direita — Legenda: *CAESAR AVGVSTVS*
Reverso: No campo corôa civica — Legenda: *OB CIVIS CERVATOS.*



Anverso: Cabeça de Mercurio voltada para a direita, com o capacete allado e por traz um caduceo e uma letra alphabetica.
Reverso: No campo C. MAMIL. LIMETAN *(Caius Mamilius Limetanus).*
Ulisses voltando da viagem, com um pau nodoso na mão e reconhecido pelo seu cão.
(Medalha dentada)



Anverso: Cabeça de Vulcano voltada para a direita, com o barrete laureado, por traz • e tenazes, tudo dentro d'uma corôa de louro.
Reverso: L. COT. *Lucius Cotta).* Aguia sobre uns raios, tudo dentro d'uma corôa de louro.
No campo a letra B.

Anverso: Cabeça viril moça voltada para a direita, coroada de carvalho, adeante •.
Reverso: L. MEMMI. *(Lucius Memmius)*. Os Dioscuros de pé ao lado de seus cavallos.

Anverso: MAG. PIUS. IMP. ITER. *(Magnus Pius Imperator Iterum)*.
Cabeça nua de Pompeo voltada para a direita, entre o prefericulo e o lituo.
Reverso: PRAEF. CLAS. ET. ORAE MARIT. EX. S. C. *(Praefectus Clasis et orae maritimae ex Senatus Consulto)*.
Anapus e Amphinome levando seus paes aos hombros para os salvar do incendio de Catanea,
entre elles Neptuno com o pé apoiado sobre a prôa do navio,
tendo na mão o acrostolio.

E eis ahi, leitor, o que de mais importante se nos offerece dizer-te, n'esta rapida excursão, despretenciosa e ligeira, atravez do territorio d'este formoso concelho.

CONCELHO DE VALENÇA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Arão, *S. Salvador*	264	352	616	181 *a*
Boivão, *S. Thiago*[1]	328	355	683	170 *b*
Cerdal, *Santa Eulalia*	952	1:106	2:058	545 *c*
Christello Côvo, *Santa Maria*	270	282	552	148 *d*
Fontoura, *S. Miguel*	489	571	1:060	286 *e*
Friestas, *S. Mamede*	340	373	713	189 *f*
Gandra, *S. Salvador*	460	577	1:037	260 *g*
Ganfey, *S. Salvador*	634	818	1:452	400 *h*
Gondomil, *S. Christovão*	349	379	728	218 *i*
S. Fins, *S. Felix*	172	212	384	114 *j*
S. Pedro da Torre, *S. Pedro*[2]	423	464	887	226 *k*
Silva, *Santa Maria*[3]	200	233	433	101 *l*
Silva, *S. Julião*	333	419	752	201 *m*
Tavão, *Santa Marinha*	132	137	269	70 *n*
Valença, *Santa Maria dos Anjos*	1:669	1:411	3:080	628 *o*
Verdoejo, *Santa Marinha*	302	367	669	179 *p*
	7:317	8:056	15:373	3:046

a Comprehende esta freguezia os logares de Arão, Villar de Lamas, Estrada, Eido de Cima, Rapadoura, Eirado, Portella, Requeixo.

b Comprehende esta freguezia os logares de Boivão, Pedreira, Cima de Villa, Lordello, Paço, Villa Boa.

c Comprehende esta freguezia os logares de Cerdal, Pedreira, Paços, Villar, Alderete, Gondim, Gondelim, Mira, Bade, Gozende, Bacellar, Taronba, Bogim, Egreja.

d Comprehende esta freguezia os logares de Segadães, Jardim, Ervelho, Pinheiral, Souto de Magos, Estrada, Covellos, Fonte.

e Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel de Fontoura, Rio Torto, Boriz, Insua, Covello, Casa Gonçalo, Cortinhas, Portella, Reguengo, S. Gabriel, Carcavelha, Gontomil, Pereira, Prado, Valinha, Maga, Outeiro, Grove, Paço, Barrio.

f Comprehende esta freguezia os logares de Friestas, Trofa, Irmigil, Gandra, Ponte, Barreiras, Riba, Eirado, Cruz, Eido Novo, Outeiro, Calçada, Lavandeiras.

g Comprehende esta freguezia os logares de Gandra, Real, Mondim, Ouzão, Pinheiro, Picões, Agulhão, Conguedo, Quintas.

h Comprehende esta freguezia os logares de Villar, Zenhas, Caixaria, Crasto, Calinha, Ute, Casaes, Volta de Casaes, Bonça, Mendo, Volta de Mendo, Tardinhade, Monrel, Pedreira, Baroso, Soutilho, Costa, Picotos, Moutinho.

i Comprehende esta freguezia os logares de Gondomil, Egreja, Cobreira, Mo, Bouça Velha, Fijacos, Portella, Albedim, Outeiro d'Alem, Silhões, Crasto, Lagoa, Torre, Outeiro das Lojas, Barreiro, Tronque, Corredoura, Sapos, Rojoem, Quintas, Sob Herdade.

j Comprehende esta freguezia os logares de Mellim, Soutello, Eiras, Friestas, Quebrada, e as quintas da Carvalhice e cerca do convento.

k Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro da Torre, o L. de Baixo e os de Monte, Egreja, Crastos, Lagoa, Cruzes, Poço, Ponte, Chamozinhos.

l Comprehende esta freguezia os logares de Fradeira, Campello, Devezas, Madorra, e as quintas de Granja, Laranjal, Capella.

m Comprehende esta freguezia os logares de Carvalhal, Quintella, Bouça, Costa, Cancelada, Barral, Raso, Roçado, e as quintas da Torre e Silva.

n Comprehende esta freguezia os logares de Tayão, o L. de Cima, o L. de Baixo, e os de Mo e Felgueira.

o Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares da Esplanada, Raposeira, Bogalheira, Antas, Seara, Urgeira, e o sitio das Lojas.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Paço, Fontella, Ermigil, Valle, Sobre as Eiras, Fonte, Eirado, S. Thomé, Bouço, Renda, Quinteiro, Regueiro, Deveza, Eido, Monte, Lavandeira, Calvario, Barreira, Sequeira, Portozello.

[1] Comprehende a população do logar de *Aldeia*, da freguezia de *Lara*, concelho de *Monsão*, por pertencer a esta freguezia na parte administrativa.

[2] Excepto o logar de *Chamosinhos*, que pertencendo lhe para os effeitos espirituaes, está para os administrativos annexado a *Villa Meã* do concelho de *Villa Nova da Cerveira*, onde foi recenseada.

[3] Annexada ecclesiasticamente á freguezia de *Silva* (S. Julião).

PAREDES DE COURA

Uma bezada em Coura — Desenho do natural por João de Almeida

O celleiro do Alto Minho, este pequeno concelho serrano, onde o ar é puro e as aguas abundantes, a fertilidade espantosa, os costumes simples, o genio da população vivo e affavel, um poucochito fanfarrão talvez, mas energico sempre, activo, laborioso, eminentemente hospitaleiro.

Vimos de Valença, por S. Pedro da Torre, e a primeira freguezia que atravessamos, do concelho de Coura, e *COSSOURADO*.

O largo panorama da estrada termina; as devesas de carvalho abrem-nos uma sombra melancholica, e ali perto, no monte, erguendo-se d'entre um tufo de pinheiros, o eremiterio levanta a sua torresita modesta, sobre que o marco geodesico reflecte a sua claridade branca.

É tradição que esta egreja fôra antes capella d'um convento, que se diz ter havido em Cossourado. Não ha todavia documentos que validem tal asserção, e apenas o raciocinio leva a suppor, que a sua distancia do povoado a não destinou decerto para matriz parochial.

A configuração do terreno, que lhe está sobranceiro, faz pensar nos *castros* dos romanos, e recorda involuntariamente a historia antiga d'estes logares. Seria aqui a antiga cidade *Arnoia?* Seria a *Cauca* romana, dando pela corrupção do termo a palavra actual de Coura? É d'esta opinião, pelo

menos o dr. João Salgado de Araujo, que ahi põe o berço do imperador Theodosio, natural, ao que se sabe, da provincia d'Entre-Douro e Minho.

Ha, é certo, quem refute taes opiniões, e nega-se mesmo, que por este ponto passasse uma das cinco vias militares, que sahiam de Braga. O que, porém, não póde negar-se, são os vestigios de povoação romana n'aquelle monte proximo da Egreja, nem que o sejam tambem as formosas columnas ou marcos monolithicos, que d'ahi foram para constituir o alpendre da capella de S. Bartholomeu das Antas, na freguezia de Rubiães. A proximidade, porém, d'umas ruinas em Rieiro e o facto de se terem encontrado moedas romanas em S. Miguel de Fontoura, como vimos no capitulo anterior, testificam de sobejo a existencia de uma povoação romana, fosse ella ou não a Cauca dos antigos.

Mencionando ainda, como ponto notavel da freguezia, a capella de S. Bento da Porta aberta, de grande devoção entre os naturaes, com festa arraiada em 11 de julho, continuamos seguindo a pittoresca estrada, agora menos ingreme, e avistamos á direita, n'uma collina cheia de verdura, *RUBIÃES.*

É n'esta freguezia o antigo solar da casa dos Antas, appellido nobre já existente no principio do seculo XIII. Segundo antigos documentos que ainda existem n'essa familia, tinham os senhores do vinculo um paço acastellado com suas torres, que os leonezes destruiram em 1129.

A capella de S. Bartholomeu das Antas foi fundada por Lopo Dantas (o romano) creando-lhe desde logo tres capellanias com missas diarias. E no alpendre d'esta capella, onde existem tres sepulturas de familia, ... estão servindo os seis marcos trazidos de Cossourado e onde mal podem ler-se as inscripções, que tinham gravadas, percebendo-se apenas em um d'elles as seguintes palavras:

IMPERATORI
D. N.
MAGNO
MA? ENTIO
IMPERATORI
A. V. C.
P. F.
B. N. R. P. N.
XXXI

que parecem traduzir claramente a distancia de 31 milhas a Braga, marcadas em uma via da epocha do imperador Augusto. Em Rubiães, e junto

ao portal da quinta do Crasto, existe um outro marco romano, cuja inscripção está illegivel.

A estrada vae-nos escondendo Rubiães para nos mostrar, á direita, quasi na sua ourella, o pequeno adro de *LINHARES*, ladeado por castanheiros e oliveiras formosas.

Existem n'esta freguezia dois fortes, de fórma arredondada; o primeiro tem o nome de *Madorra* e confina com Ferreira, o segundo chama-se o *Crasto de Brozendes* e limita com Formariz. Estes dois fortes foram por Fr. Francisco da Piedade e outros, mencionados em Ferreira; como, porém, a capella do Senhor do Amparo, no logar de Morim, situada entre ambos e na extrema das duas freguezias, foi por sentença de juizo julgada como de Linhares, a esta freguezia devem elles egualmente pertencer. Mas fossem embora de Ferreira, não tirava esta pequenina rivalidade entre freguezias, a muita importancia que os archeologos devem ligar a esses fortes, o primeiro talvez algum monumento celtico (mamôa ou madorra), o segundo, evidentemente romano, e contribuindo por isso para a reconstituição do passado glorioso da antiga Coura.

A estrada vae atravessando Linhares, deixando sobre a direita e esquerda pequeninos valles, onde os milharaes ostentam as suas flammulas auri-verdes. Já no extremo da freguezia, deparamos com a ermida do Senhor do Amparo, ruidosamente festejada pelos courenses, especialmente pelos de Linhares e Ferreira, que á porfia concorrem á procissão com os seus andores espaventosos.

Se tu viesses aqui, meu amigo, n'um dia de romaria, presencearias um original costume d'esta festa, sobremodo pittoresco e que eu não quero rechear, contando-t'o, de notas eruditas, para que o possas saborear na sua bella simplicidade nativa.

A procissão sahiu da capella; os andores, como elegantes arvores frondosas, reverberam nas facetas dos seus innumeraveis espelhos e no colorido vivo das suas plumas escarlates e dos seus agaloados d'oiro, as irradiações faiscantes e luzentes do mais formoso sol de agosto. Os santos oscillam tremulos n'aquellas Babeis gloriosas, como que embriagados da luz e da paysagem, elles que um anno inteiro tiveram de respirar o olor bafiento da capella! Valentes rapagões lhes asseguram, porém, o equilibrio e sobre o hombro de cada um tu pódes ver um lenço novo, de algodão, vistoso e garrido, sobre que veem assentar os varaes do andor; esse lenço é uma dadiva sempre das mordomas e constitue, por assim dizer, a recompensa do seu trabalho arduo.

Atraz, opulentamente *oiradas* com o seu oiro e o das suas amigas, as mordomas, umas raparigas alentadas e com a viva alegria da saude, vão

saraivando o santo com amendoas, colhidas dos rendilhados lenços de tres pontas ou das algibeiras phantasiosamente rebordadas. E é cada qual mais póde metralhar o santo com os doces projectis das... confeitarias da terra!

Quando a procissão recolhe ao adro, os andores vão sendo desarmados pouco a pouco e não só os andores, se não tambem que as mordomas, a quem os donos ou donas do oiro emprestado vão ceremoniosamente tirando os seus objectos, á medida que as peças do andor se vão desennastrando! Ah! mas durante aquellas curtas horas festivaes, o seu collo vergava ao doce peso do oiro e a sua imaginação voava para esse paiz formoso da chimera, em que a felicidade e a fortuna sorriem o sorriso feiticeiro da alegria.

Na festa toma uma parte importante, como já te disse, a freguezia de *FERREIRA*, cujo campanario tu avistas á esquerda, n'uma bella situação, sobre este formoso valle, que pela nossa direita se estende. Est'outro campanario, não menos elegante e em situação identica, é o da capella do Livramento.

Ferreira foi patria do primeiro bispo d'Elvas, Antonio Mendes de Carvalho, descendente dos Mendes, senhores da casa e torre de Villa Mende, que hoje é a residencia parochial, visto que os antigos parochos, supersticiosos como muito boa gente, não quizeram habitar o passal junto da egreja, por n'ella haver morrido um abbade, a quem um duende,—um folgazão rapaz que vinha d'uma espadellada,—apparecera vestido de mortalha.

Carro de bois usado no Alto-Minho — Desenho do natural por João de Almeida

A matriz parece ser antiga; pelo menos assim o revela uma data que existe na porta principal—1002!—Proximo é o cemiterio parochial, em cujo terreno foram encontradas muitas moedas romanas. O distincto archeologo Martins Sarmento já visitou este logar.

O sitio onde foi a torre de Villa Mende, conserva ainda a denomina-

ção antiga; e é tradição que a ermida da Senhora dos Remedios fôra construida com pedra d'essa torre. Assim o confirma a inscripção do seu frontispicio: *Ex turri Ferreyra olim est dimensa sacellum struxit sed lapso condit ipsa modo.*

A estrada passa na casa de Quintão, para entrar logo no terreno da freguezia de *FORMARIZ*, que o rio Coura atravessa, sendo n'alguns pontos do seu curso interrompido por pittorescas azenhas, d'um delicioso effeito de paysagem.

Formariz domina um valle intensamente cultivado, e na sua posição elevada, os casaes brancos recortados por entre a ramaria do arvoredo, o campanario elegante, ella é como que a primeira entre as suas visinhas, se não a primeira na fecundidade do seu solo, na alegria da sua florescencia, nas expansões do seu trabalho. Para que em nada fique inferior ás outras, é tambem o solar das casas de Boi-a-Monte e Mantelães, e como nota archeologica de interesse, apresenta no mais alto dos seus montes as ruinas d'um antigo *crasto*, como ainda hoje o povo o denomina.

Destacando pela sua côr de neve entre a massa verde-escura dos pinhaes, avista-se além a pequena ermida da Senhora das Mercês, do termo de *INFESTA*. A capella da Senhora d'Irijó é pouco distante d'esta e fica-nos encoberta pelas grandes carvalheiras que a cercam. A sua romaria no 3.º domingo de julho é uma das mais concorridas do concelho, e como é no mesmo dia que se faz em Cossourado a de S. Bento da Porta aberta, costumam os romeiros d'est'ultima vir fazer a sua *entrada brilhante* na de Irijó. Como essa entrada é feita por cavalleiros mais ou menos espiritualisados pelo fresco summo da parra, são de rigor por isso algumas quêdas burlescas, que o rapazio sauda com gritos e apupos.

Em Infesta existem ainda as capellas de Nossa Senhora da Conceição e de S. Sebastião, tendo ambas as suas romarias em julho. Est'ultima fica á margem da estrada e d'ali se descobre toda a villa de Paredes.

Se passassemos aqui no dia da festa, valia a pena parar, e o leitor presencearia um dos mais pittorescos espectaculos que a aldeia lhe póde fornecer,— o theatro, o genuino theatro popular, com o palco feito dos lençoes da cama e a plateia ao ar livre, aberta a todos os espectadores, que ouvem de pé os actores, e que muitas vezes representam com elles de parceria. Como hoje, porém, não ha *comedias*, continuemos a nossa jornada.

O trem que nos conduz vae descendo em declive suave e breve nos faz passar por diante da elegante vivenda campestre do ex.^mo^ sr. Miguel Dantas Gonçalves Pereira, deputado por este circulo e um dos mais benemeritos filhos d'esta terra.

Ao chegar á ponte de Mantelães, sobre o Coura, fazemos parar o carro. É tão deliciosa a paysagem que nos rodeia, que a gente tem vontade de a pedir de emprestimo á natureza para... nunca mais lh'a restituir. Admitte-se o roubo com uma joia d'esta ordem.

*
* *

Sobe-se um pouco agora, caracoleando por entre a verdura dos campos cultivados, e entra-se finalmente em *PAREDES*, na villa, ou melhor achâmo-nos dentro d'ella, sem que nos apercebamos que ha para isso um limite respeitoso a transpor, por isso que a vegetação é sempre a mesma, a paysagem não muda, e a casaria não se agrupa na serie tão desgraciosa por vezes, das tristes ruas das villas de provincia.

Paredes, hoje séde de concelho e comarca, principia a concentrar em si uma certa vitalidade, que o futuro ha de por certo augmentar. O seu progredir material é palpavel e logo á entrada o viajante depara á esquerda com um espaçoso largo, recentemente terraplenado e arborisado, onde teem logar as feiras, desde 24 de agosto de 1884, data da sua inauguração. Sobranceiros a esse campo ficam a modesta matriz e o cemiterio, que naturalmente terá um dia de ser removido d'aquelle ponto: e ao fundo do campo, por nascente e fazendo frente para a estrada, o moderno edificio dos paços do concelho, tribunal e mais repartições publicas. D'ahi sóbe a estrada até á vasta capella do Espirito Santo, comprehendendo n'essa calçada toda a antiga parte de Paredes, tal como a nossa gravura a representa.

Paredes não é de hoje apenas a séde da comarca: foi sempre reconhecida como a cabeça do antigo couto ou concelho de Coura, e como tal lhe deu D. Affonso III foral em 1257 e D. Manuel em 1515. D. João I deu o senhorio de Coura a Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Leonel de Lima.

A villa é antiquissima, diz-se, e remontam os escriptores antigos a sua origem ao tempo dos Godos. Não nos podemos pronunciar affirmativa ou negativamente n'este sentido, porque não ha documentos positivos, que lancem luz em tão nebulosa obscuridade; entretanto o nosso espirito inclina-se a acreditar que essa antiga povoação fosse antes em S. Martinho de Coura ou freguezias limitrophes, do que propriamente em Paredes, embora a existencia d'esta, como villa, seja incontestavel desde os foraes que citámos.

Coura esteve antigamente unida com S. Fins para os effeitos judi-

ciaes, como vimos já no capitulo anterior; parece que as duas formavam o antigo julgado de Frayão, de que se falla ainda em documentos do seculo XVII, indo os povos d'aqui ao castello da Fòrna, assistir ás audiencias que verbalmente vinha ahi fazer o D. Abbade do mosteiro de S. Fins. A desannexão, porém, fez-se no reinado de D. Sebastião, e o concelho de Coura ficou tendo como justiça propria um juiz de vara branca, tres vereadores e um procurador, escrivão da camara e almotaceria, juiz dos orphãos, distribuidor, inquiridor e contador, todos data d'El-rei. Tinha mais cinco tabelliães e um alcaide, data do visconde de Villa Nova da Cerveira. O couto de S. Fins persistiu até ás instituições liberaes, e os escrivães do julgado de Coura eram tambem escrivães do seu juizo.

A matriz de Coura, cuja situação já fizemos notar, foi em tempos remotissimos uma pequena capella no logar de Santa. Transferida mais tarde para o logar de Nogueira, ficou servindo de egreja parochial a capella de S. Sebastião. A actual foi construida nos principios do seculo passado.

Em excavações que ultimamente mandou fazer o sr. Alexandre José Soares de Oliveira, proprietario da referida capella de S. Sebastião, teem apparecido no adro e suas immediações grande numero de sepulturas, sendo algumas de uma só pedra, outras formadas de pequenas pedras e ainda outras de tijolos. Só n'uma se encontraram restos humanos; nenhum objecto, porém, tem apparecido nas restantes, que possa dar idéa da epocha em que se fez a inhumação.

Mais espaçoso e vasto que a matriz é o templo do Espirito Santo, que se vê ainda na gravura. Tem uma irmandade rica esta capella, contando mais de 50:000 irmãos, que pagam de annual 50 réis cada um, sendo esta a principal fonte de receita da irmandade. É antiquissima, pois que já em 1635 fazendo-se a reforma dos estatutos se dizia no seu preambulo: «A nobilissima Irmandade do Espirito Santo, sita no templo da mesma invocação e na freguezia de Santa Maria de Paredes d'este concelho de Coura, de cuja fundação não ha noticia ordinaria... etc.» É certo, porém, que em 1607 era irmandade importante, pois que o papa Paulo III, em Breve de 29 de março, a uniu á do Espirito Santo de Roma, de cujas indulgencias participa.

N'esta capella faz-se a grande funcção chamada das 40 horas, nos tres primeiros dias da quaresma. É a festa religiosa mais solemne de todo o concelho, e prima sempre a irmandade na escolha dos nossos primeiros oradores sagrados.

O hospital, subsidiado por esta irmandade com 10 % da sua receita e com o saldo d'essa mesma receita, depois de deduzidas as despezas or-

dinarias, está installado n'um edificio, que comquanto de apparencia vistosa e bem situado, não offerece boas accommodações internas para o fim a que é destinado; serve, comtudo, por ser pequeno o movimento de doentes.

Do ponto em que está collocado, disfructa-se uma esplendida vista panoramica, se não de largo horisonte, pelo menos de variedade de paysagem. Um amphitheatro em hemicyclo, vestido de verdura em cambiantes diversas, enleva-nos docemente na contemplação d'esta prodigiosa natureza, tão vista sempre e sempre tão nova, que é d'um encanto agradavel o espraiar os olhos por sobre ella.

Ali está em frente de nós, por entre a sua vegetação luxuriosa e dominada pelo renque de penedos, em que pousa a ermida da Senhora da Pena, a freguezia de *MOZELLOS*. A mitra apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis e o pé d'altar. O abbade tinha só metade da renda da egreja, sendo a outra metade para os marquezes de Villa Real até 1641, em que passou a ser um *beneficio simples*, que os reis davam a quem queriam.

Confinando com Mozellos, fica na outra vertente da serra a freguezia de *PORREIRAS*, pouco importante, vivendo a vida montesinha no plató da serra da Bolhosa, onde chega até á Chã das Pipas, que a limita com o concelho de Valença. O parocho e abbade collado e era apresentado a *tres vozes*, a saber: á casa do Infantado, ás freiras de Sant'Anna de Vianna e á casa de Boi-a-Monte de Formariz.

O nome de Porreiras,—cuja euphonia, por ferir um pouco os ouvidos melindrosos da decencia, tem feito com que o queiram substituir pelo de Parreiras,—exprime, segundo Pinho Leal, o sentido verdadeiro do antigo termo portuguez, que significava «terra semeada de *porretas* (alhos)» com que antigamente se fazia caldo, guisado, e sallada. Outros julgam que essa planta seria a acelga, e J. Pedro Ribeiro diz que é provavel serem cebollas. J. Avellino d'Almeida faz derivar a palavra d'uma pensão que era paga ao mosteiro de Ganfey e recebida *por-eiras*.

A discussão não vale certamente um poema como o *Hyssope;* e deixando por isso a humilde parochia no seu viver de serra, quasi pastoril e de caça, passamos rapidamente a descrever a sua visinha freguezia de *INSALDE* ou Ensalde.

Tem um passado historico antiquissimo a modesta freguezia de Insalde e alguns escriptores pretendem mesmo que fosse aqui a Cauca romana, berço do grande Theodosio. Os vestigios de fortificações notam-se ainda hoje, não só em varios pincaros da serra, dispersos como reductos abandonados, mas localisados tambem no forte de Insalde, que a tradição attribue aos christãos e no do *Forninho de ouro*, que attribue aos mouros.

PAREDES DE COURA — *Desenho do natural por João de Almeida*

Os archeologistas notam muitas vezes a coexistencia das povoações celticas e romanas; será este um d'esses casos?

Sobre o *Forninho d'ouro* a lenda não falta com as suas *estradas subterraneas*, que iam dar ao ribeiro de Portozello. O nome indicará tão sómente alguma antiga mina d'ouro em exploração, e as estradas subterraneas serão simplesmente as galerias? É o que não póde definir-se senão talvez com dispendiosas investigações locaes. Um facto, porém, relativamente recente, vem abonar a antiguidade de Insalde, e como que affirmar que ali foi a séde d'uma povoação extincta. Em 1864, encontrou-se debaixo d'um muro do Casal de Cima uma lapide sepulchral com uma inscripção, em caracteres illegiveis já, ou indecifraveis para quem então procurou lêl-os, e proximo d'essa lapide um vaso de barro contendo ossos. Este facto é profundamente significativo.

O P.e Manuel José da Cunha, d'esta freguezia, escreveu, que os logares de Rebordães e Villarinho foram antigamente couto, e que Insalde era foral dos monges de Ganfey, onde tinham jurisdicção temporal e administravam justiça. Estas informações não parecem provadas, porque nem Franklin menciona tal couto nos foraes velhos ou novos, nem o *Portugal sacro-profano* traz, como padroeiros d'esta freguezia, os monges de Ganfey. Em todo o caso a antiguidade de Insalde nada soffre com esta negação, pois é certo ainda que no foral que D. Manuel deu a Paredes em 1515 já se menciona *Ençalde*.

A freguezia estende-se em terreno accidentado pelas vertentes da Bolhosa e vae em declive suave nos seus logares cultivados até ao Rio Coura, que no sitio de Ral tem uma das suas origens, ou ribeiros, que o engrossam, quando desce da serra de Corno de Bico.[1] *A vol d'oiseau* póde considerar-se Insalde como que um ninho de verdura rodeado pela zona agreste dos giestaes, devezas e baldios da montanha.

Do ponto em que nos haviamos collocado e d'onde em imaginação visitámos as duas freguezias serranas, avista-se uma ravina vegetal, que é como um corredor de passagem no amphitheatro, que desenhámos a principio. É a linha de scisão de Mozellos com *PADORNELLO*, freguezia onde ha apenas de notavel a capella do *Ecce-homo*, cuja construcção foi principiada em 1779. É fertil o seu terreno, e os seus habitantes entregam-se bastante á industria da creação dos gados. Em Padornello effectua-se nos dias 4 e 15 de cada mez uma feira importante, junto áquella capella, e em terreno que lhe é pertencente; foi estabelecida a requerimento da respectiva irmandade.

[1] A principal nascente do rio é na Chã de Lamas, onde existe uma lagoa.

Confinando com esta freguezia, segue *PARADA,* ou *S. Pedro Fins de Parada,* como lhe chama o povo, corrompendo o *ad-vincula,* qualificativo de S. Pedro, orago da freguezia. Está situada na encosta da montanha, deliciosa na frescura dos seus campos, e dominando a sua visinha *CHRISTELLO,* estendida na base d'esse amphitheatro. O nome está-lhe indicando a origem,—*castrello* ou *castro;* e de facto, os vestigios de fortificação romana, que existem n'um dos seus outeiros, confirmam esta hypothese.

Espigueiro ou caniço — Desenho do natural por João de Almeida

As casas nobres de Christello descendiam em grande parte dos Vascões, soldados ás ordens de D. Garcia Rodrigues Caldas, de quem descendem os Caldas de Vascões, e que deram tambem o nome da sua naturalidade á proxima freguezia de *VASCÕES.* Esse D. Garcia Caldas, rico homem de pendão e caldeira, natural da Asturia, veio com seus soldados servir o nosso rei D. Fernando pelos annos de 1370 e cá se casou com D. Leonor de Sousa Magalhães, filha do rico homem Ruy de Magalhães, fundando desde então a casa dos Caldas e povoação de Vascões.

A curva do hemicyclo fecha, e para avistarmos as outras freguezias do concelho, temos de subir um pouco mais e voltarmo-nos definitivamente para o sul, tomando como linha de orientação a estrada municipal, que segue de Paredes a Ponte de Lima, e sobre cuja esquerda ficam Rezende, Castanheira e Bico, est'ultima confinando com Vascões.

REZENDE esteve annexa á abbadia de Cunha, mas hoje é independente; a sua egreja parochial dista um kilometro apenas da séde da comarca. No logar chamado Val-de-donas, diz a tradição,—e assim parece confirmal-o o nome,—ter existido um convento de freiras; não póde, porém, asseverar-se o facto com certeza.

CASTANHEIRA é a freguezia em que existe a capella de Nossa Senhora de Gontrode, á qual o arcebispo Fr. Balthazar Limpo applicou os dizimos dos moradores da aldeia de Somil, desannexando-os da parochia.

Entre ella e a freguezia do *BICO* está lançada a antiquissima *ponte dos cavalleiros,* designação que a lenda popular explica attribuindo a sua fundação a uns cavalleiros ou fidalgos da côrte, entre elles o fundador de Vascões, desterrados aqui não se sabe bem por que motivo, mas provavelmente por conspiração urdida contra o rei. A lenda póde bem ter origem no simples facto de ser por ali a passagem dos cavalleiros, em quanto que a dos peões se realisaria por outros pontos; é mais singela a explicação, embora menos poetica; não quebremos, porém, o fio de crystal das lendas: o povo tem muitas vezes por ellas a intuição da verdade. Bico limita ainda com o concelho dos Arcos pela aspera serra de Corno de Bico, onde tem as suas origens o rio Coura, no sitio chamado Regueiro das Cebollas. Da principal nascente dissemos já linhas atraz.

Argote diz que este rio se chamou antigamente *Belion*, e alguns querem que elle fosse o que Strabão chama *Benis;* o que, porém, é certo, é que no 1.º seculo da era christã se denominava Froylam, como se vê d'uma carta de *Divisão dos condados d'Entre-Douro e Minho,* feita em 1026 por Fernando, rei de Leão. Em Bico tem-se encontrado vestigios de povoação antiga, taes como tijolos, pedras lavradas, columnas, alicerces de casas, etc., e a tradição resa ainda que em tempos remotissimos, aqui existira uma cidade cujo nome se ignora. A freguezia é abundante de aguas e os seus montes povoados de caça grossa e miuda.

*
* *

Voltando a Paredes para descançar um pouco, aproveitámos esse curto descanço para visitar ainda alguma curiosidade notavel da antiga villa, folhearmos as suas tradições historicas e colhermos qualquer outra informação, que sobre a sua vida agricola ou economica podésse dar-nos pessoa intelligente da localidade.

Felizes fomos n'este ponto, porque nos acolheu a boa estima do nosso amigo e intelligentissimo tabellião da comarca Manuel Pedreira de Brito, a quem devemos muitas das notas colhidas para este capitulo, se não por si, pelo auxilio que lhe prestou o erudito advogado, dr. Julio Cesar Gomes Barbosa.

A ceifa era, porém, já pouco abundante. Indicaram-nos apenas a antiga casa apalaçada dos Pereiras da Cunha, cujos jardins foram pelo actual

proprietario cedidos para a edificação do hospital: os tumulos d'esta familia são na capella do Espirito Santo, para a qual se communicava pelo pateo da casa; mostraram-nos o nobre e antigo solar da familia Telmo de Menezes Medina da Cunha e Azevedo, e, como conquista do tempo moderno, o modesto theatro fundado em 1874.

Mas é certo, que por mais que os olhos queiram procurar outros assumptos, elles não deparam senão com essa luxuriosa natureza, fecunda e boa, que instinctivamente nos recorda todas as felizes abundancias da propriedade, as eiras cobertas pelo milho, os rebanhos nedios, os fructos saborosos, o leite purissimo, os linhos córando sobre a relva humida dos prados. É isto o que é e sempre foi Coura.

Attente-se no seguinte facto historico. Em 1663, nas guerras da nossa Restauração, foi este concelho o centro das operações contra os gallegos. Aqui estacionaram reservas, depositos de munições de guerra, arrecadações differentes. As tropas recolhiam, depois das sortidas, ao termo dos seus acampamentos; e nunca, durante esse periodo, o que foi admiração para nacionaes e estranhos, os generos alimentares tiveram de vir de fóra.

Bem denominada é, pois, *o celleiro do Alto-Minho,* essa pittoresca terra da montanha, em que a agricultura é a primeira e a grande industria local.

Esta noção arrasta outras após. E, fallando-se d'uma terra essencialmente agricola, o espirito procura noticias sobre os trabalhos da lavoura, antevê as alegres festas da colheita, pensa nas esfolhadas, nos linhares, nas vindimas.

Estas ultimas são escassas, porque a vinha, não sei se por hereditariedade da rotina, se pela negação do terreno, é pouco cultivada; em todo o caso, proprietarios ha que colhem algum vinho verde bom nas terras da ribeira. Mas o milho, o feijão, o linho,—o milho sobretudo,—é intensamente cultivado.

As grandes *beçadas* ou lavradas dão uma nota curiosa sobre a vida do concelho; a um só arado ou *beçadouro* vêem-se jungidas tres, quatro, ou cinco juntas de bois,—ou, quasi sempre, de vaccas,—com que os visinhos concorrem a auxiliar os trabalhos da *beçada.* A terra lavrada é adubada com o *molima,* e gradeada em seguida para se fazer a sementeira.

Uma outra nota curiosa, a da acquisição do *molima.* Nos terrenos bravios semeia-se a giesta; durante meia duzia de annos a sua rama (molima) é cortada e empregada como estrume vegetal; depois, como a planta está cançada, arrancam o *brejão* ou raizes, e queimam os residuos. N'esse terreno assim calcinado, forma-se, com cinzas vegetaes, uma bouça nova. O *molima* é pelos lavradores considerado um bom adubo para as terras fundas.

Quizera descrever-te as esfolhadas, como uma das mais pittorescas festas agricolas do concelho; os seus episodios são, porém, communs a tantos outros pontos da provincia, que n'um capitulo especial procurarei coordenal-os.

Quanto aos linhares, não sei porque, pensa a gente, ao vêl-os, n'alguns restos extinctos d'uma religião toda sensual (seria o culto hetairista?), que se chega, sem precisar de Voltaire, a tentar dar um golpe de piedade n'esta nossa religião toda fria, para resurgir essa outra que se finou gloriosa de sol e bebeda de natureza.

As raparigas e os rapazes enfileiram-se no principio d'um linhar; uma ou outra mais viva de imaginação *atira* sem intenção uma cantiga; se está algum rapaz de veia mais briosa, o duello principia; se não está, o trinar do rouxinol continua. E o verde linho, o linho verde claro, vae-se juntando ás manadas por traz dos trabalhadores; é como um tapete que se vae enrolando, apparecendo por baixo o solo triste e humido!

Não sei se foi alguma boa perna que elle viu, se o linho tem porventura exhalações aphrodisiacas; mas aquelle folgasão rapaz sahiu do seu logar bruscamente e abraçou uma das raparigas pela cintura. Trambulhão certo por sobre o tapete verde-claro e grande assuada dos companheiros e companheiras, a quem não tarda tambem a sua vez. E é o costume tradicional, é o abraço e o trambulhão dos linhares. *Honni soit qui mal y pense!*

Este costume de se rebolarem pelo linho é geral quasi na provincia; as raparigas escolhem para isso a manhã de S. João, e, ás duas ou tres, sahindo mysteriosamente de casa por alta madrugada, vão para um linhar, já de antemão preferido, despem-se de todo e tomam esse voluptuoso banho d'orvalho, rolando-se pelo linho avelludado. Quantas vezes, porém, apesar do seu mysterio, os olhos de Pan não luzem sensualmente nos tufos da folhagem!

*
* *

É tempo de deixar Paredes para visitarmos as restantes freguezias do concelho, que ficam a sudoeste, e que são Cunha, a mais proxima, Agua Longa, Romarigães e S. Martinho de Coura, nas faldas da serra da Labruja, as primeiras confinando com Ponte de Lima, e a ultima com Villa Nova da Cerveira pela freguezia de Covas.

Todas quatro estarão proximamente ligadas a Paredes pela estrada districtal, que vem de Caminha sobre a margem esquerda do Coura, estrada que se acha em adiantada construcção.

Principiemos pois pela freguezia de *CUNHA*, a antiga *Collina*. É Cunha uma povoação antiquissima, pois já em 560 de Jesus-Christo, Theodomiro, rei dos suevos, deu metade das rendas da sua egreja ao bispo de Tuy, doação que a rainha D. Thereza, mãe do nosso primeiro rei, confirmou em 1125. No logar da Torre diz a tradição ter havido um paço acastellado, cujos materiaes os moradores aproveitaram depois para a construcção das suas casas; e no logar do Outeiro reedificou Francisco da Cunha a torre actual, em cuja porta, hoje quasi ruinas e coberta de heras, mal se lê gravada em pedra a seguinte inscripção: *Esta é a casa e torre dos Cunhas, solariega; reedificada pelo governador Francisco da Cunha, cavalleiro do habito de S. Thiago e senhor d'ella.*

É aqui o solar da familia Pereira da Cunha, de que hoje é representante o illustre poeta Antonio Pereira da Cunha, honradissimo chefe do partido miguelista.

Medas de palha milha — Desenho do natural por João de Almeida

É tradição que o nome de Cunha, applicado ás povoações que o usam e aos appellidos de varias familias, procede do facto seguinte:

Quando D. Affonso I cercava Lisboa em 1147, D. Payo Guterres (senhor de *Collina)*, mandou metter varias cunhas no castello e por ellas subiu com os seus, conquistando-o assim por este acto de bravura. O rei ordenou então, que em premio d'esse feito usasse do appellido Cunha e que adoptasse como brazão d'armas as nove cunhas, de que se tinha servido para escalar o castello.

Junto a Lizouros e Penim alcantila-se o monte da Travanca, ramo da serra de Miranda; foi ahi que nos dias 9 e 10 de agosto de 1662 o conde de Prado, D. Francisco de Sousa, governador das armas no Minho, bateu pela ultima vez o exercito gallego sob as ordens de D. Balthazar de Roxas y Pantojas.

AGUA LONGA é a freguezia onde está a nobre casa do Outeiro, de

que é actual possuidor o ex.mo sr. Joaquim José d'Antas Bacellar e Barbosa. Tem esta casa um privilegio antiquissimo, hoje ainda rigorosamente observado e respeitado por todos, que é o seguinte: o proprietario d'ella tem em seu poder a chave d'uma das portas da egreja parochial e por essa porta só entra a familia da casa, mesmo nos dias de maiores festividades: e ainda que n'essa occasião esteja aberta todo o dia, ninguem, a não ser a familia da casa, se serve d'essa entrada.

Annexa a Agua Longa fica *ROMARIGÃES,* nome talvez patronimico de Romão, Romariz ou Romarigues, e população antiquissima do tempo dos Godos, como se confirma pelo codice da *Divisão dos condados d'Entre-Douro e Minho,* a que em outro logar nos referimos. Diz-se ahi: «O primeiro condado principia no logar de *Cabeça do Minho* (Caminha), onde o rio d'este nome entra no mar e o rio *Froylano* (Coura) entra no rio Minho. D'ali, pela costa do mar vae correndo até á foz e *Cabeça do Rio Lima* (Vianna) e d'ali, pelo rio acima até *Britinia,* onde antes foi *Britonia* (Bertiandos?). Depois até *Pena Maior* sobre a antiga *cidade da Labruja,* que agora se chama *Romariganes.* Desde ali, pelo termo do rio Froylano, até ao *Castello pequeno de Tuy,* que se chama *Valença;* e desde ali, pela corrente do Minho, onde começamos. O qual termo pertencia antigamente á cidade de Britonia, que jaz destruida, e agora pertence parte á cabeça do Minho, parte ao castello de Cerveira e parte ao logar de Lima, excepto o grande couto que os reis deram antigamente ao mosteiro Maximo, situado no monte altissimo, chamado Arga,» etc.

Contraprovando as referencias d'este velho codice, existente no archivo da Sé de Braga, veem-se no monte ainda hoje chamado da *Cidade,* ou *Penedo do curral das eguas,* vestigios de uma grande fortaleza com tres linhas de muralhas e outros tantos fossos, estradas cobertas, etc., e proximo ainda, na Portella da Labruja, encontram-se egualmente vestigios de fortificação, a que o povo chama ainda hoje *Cidade murada.* Não é verosimil acreditar, que fosse pois aqui a antiga cidade da Labruja, se não que por estes sitios a Cauca dos Romanos, de que a palavra Coura póde ser a corrupção? Basta notar ainda que proximo de Romarigães está a freguezia de *S. MARTINHO DE COURA,* á qual pertence o ponto da *Portella de Bostarenga,* na Labruja, onde existem vestigios d'um *crasto* romano.

Estão descriptas, ainda que summariamente, mas sem ommissão das suas mais notaveis curiosidades, todas as freguezias do concelho, e, como vimos, na maior parte, senão em todas, se encontram vestigios d'uma civilisação extincta, que devêra ser a romana, senão a wisigoda, embora n'um ou n'outro ponto até se possa pensar em levar esses vestigios para o periodo celtico.

Não discutimos se foi ou não aqui a *Cauca* dos romanos; mas o que é incontroverso é que n'essa extensão de terreno, que vem da Labruja a Cossourado e segue por S. Miguel de Fontoura, no concelho de Valença, uma importante povoação romana existiu, e n'ella devia passar a via militar que vinha de Braga a Astorga por Tuy. Os marcos monolithicos que estão em Rubiães, as fortificações arruinadas e cobertas pela terra vegetal, os nomes das localidades, as moedas romanas encontradas, tudo assevera que os povos romanos se estabeleceram n'estes pontos. Porque não será, pois, S. Martinho de Coura a *Cauca* antiga?

Questões d'estas não póde resolvel-as quem, como nós, trata apenas de fazer uma excursão de recreio atravez da formosa provincia, sem tempo e sem sciencia para investigações eruditas e demoradas. Aos homens competentes cumpre estudar esses pontos, que mal temos tempo para traçar no nosso itinerario, e ás municipalidades, mais do que a ninguem, cumpria auxilial-os no seu empenho, senão que tomarem ellas proprias a iniciativa de trazerem á luz as suas tradições honrosas. É por esta fórma, que uma nação caminha na larga e luminosa via do progresso.

E faceis seriam esses trabalhos, ainda aos municipios os mais pobres, se alguma boa vontade guiasse as vereações actuaes. Bastaria pedir aos homens importantes das freguezias, aos parochos, aos regedores, para que nos dias santificados, por exemplo, empregassem alguns homens de trabalho em explorações locaes, recommendando o maximo cuidado em nada destruir do que fossem encontrando, por mais insignificantes que esses objectos parecessem á primeira vista.

*

* *

Coura, dissemol-o já, é um concelho essencialmente agricola, predominando na cultura o milho, o feijão, a batata, a cebola e o linho. A vinha é pouco cultivada, embora desde algum tempo se vá pensando em adiantar a sua plantação.

O fabrico das manteigas é rudimentar, e no entanto a que se offerece no mercado é agradavel e pura; sendo grande a sua industria dos gados, abundantes as suas aguas, Coura podia, como nenhuma outra região do norte, ser a séde d'uma importante industria lacticinica. O leite é por assim dizer desperdiçado, e as vaccas não dão a quantidade que dariam, quando especialmente educadas para a lactação. Constituem um alimento local e são afamadas as *papas* de Coura, pela pureza do magnifico leite que n'ellas se emprega; são feitas com a farinha do milho meudo e, lan-

çadas depois em açafates forrados por alvos guardanapos, enviam-as os Courenses como um mimo ás pessoas das suas relações, muitas vezes mesmo ás de fóra do concelho.

O recenseamento dos gados, com a data a que já nos temos referido, dá para Coura os seguintes valores:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	469	3:482$600
Muar	13	239$400
Asinino	10	21$000
Bovino	4:346	63:629$440
Lanar	4:087	1:470$560
Caprino	406	99$430
Suino	1:765	4:037$290
		72:979$720

É uma somma total importante, mas que de então para cá póde considerar-se augmentada talvez em dois terços mais.

A vida economica é ainda hoje facil no concelho. A seguinte tabella dá a nota media dos preços por que regulam nas suas feiras os generos de primeira necessidade:

Milho, alqueire (18l,535)	400	a	480 réis
Trigo » »	700	a	850 »
Centeio » »	480	a	600 »
Feijão de côr, alqueire (18l,535)	500	a	700 »
Dito branco » »	800	a	1$000 »
Batata » »	360	a	500 »
Cebolas (12)	50	a	80 »
Vinho, cabaço (17 litros)	400	a	600 »
Gallinha (1)	240	a	360 »
Ovos (12)	80	a	100 »
Manteiga (459 gramm.)	160	a	200 »
Carne de porco (459 gramm.)	140	a	180 »
Banha de » »	200	a	240 »
Carne de vacca			120 »

O rendimento da propriedade rural póde computar-se em media de $3^1/_2$ por cento.

As escolas do concelho estão pela seguinte fórma distribuidas: Ferreira, Insalde, Paredes (duas, uma para cada sexo), Padornello, Rubiães, Vascões, Infesta, Castanheira, Cossourado, Formariz e Romarigães. Algumas d'estas, porém, foram creadas recentemente e ainda não estão providas.

Como manifestação da sua moralidade social, a estatistica do crime refere que na comarca de Paredes de Coura, cuja população total é de 12:750 almas, foram julgados, em 1880, 16 réos, sendo absolvidos 5 e

condemnados a penas correccionaes 11. Os crimes eram 13, sendo 2 contra a ordem, 6 contra pessoas e 5 contra a propriedade. D'esses 16 criminosos (15 dos quaes analphabetos), 5 eram homens e 11 mulheres. Pertenciam 14 á comarca e 2 eram de fóra.

E aqui tens, leitor, o que é o concelho de Coura, o pittoresco e abundante celleiro do Alto Minho.

CONCELHO DE PAREDES DE COURA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Agua Longa, *S. Paio*	234	266	500	142 *(a*
Bico, *S. João Baptista*	385	448	833	295 *(b*
Castanheira, *S. Pedro*	291	373	664	257 *(c*
Christello, *S. Miguel*	196	209	405	118 *(d*
Cossourado, *Santa Maria*	233	257	490	180 *(e*
Coura, *S. Martinho*	308	354	662	230 *(f*
Cunha, *Santa Maria*	297	353	650	204 *(g*
Ferreira, *S. Mamede*	507	565	1:072	326 *(h*
Formariz, *S. Pedro*	427	490	917	308 *(i*
Infesta, *S. Thiago Maior*	413	464	877	300 *(j*
Insalde, *Santa Maria*	289	303	592	214 *(k*
Linhares, *Santa Marinha*	142	153	295	116 *(l*
Mozellos, *S. Paio*	245	240	485	174 *(m*
Padornêlo, *Santa Marinha*	374	390	764	246 *(n*
Parada, *S. Pedro ad vincula*	221	227	448	135
Paredes de Coura, *Santa Maria*	318	399	717	218 *(o*
Porreiras, *S. Miguel*	88	87	175	57 *(p*
Rezende, *O Salvador*	161	209	370	95 *(q*
Romarigães, *S. Thiago*	236	266	502	170 *(r*
Rubiães, *S. Pedro*	475	533	1:008	297 *(s*
Vascões, *S. Pedro*	157	167	324	90 *(t*
	5:997	6:753	12:750	4:172

a Comprehende esta freguezia os logares e quintas seguintes: Agua Longa, Outeiro, Vallongo, Longras, Trulhe, Couto, Roçada, Gandra, Codeceira, Tarrastal, Cortinho, Cabanas, Carvalhido.

b Comprehende esta freguezia os logares de Bico, Requeijada, Casadinha, Couto, Esteve, Val de Geme, Contada, Eiras, Pereira, Tozal, Egreja, Gomil, Portella, Vidão, Baltar, Pedraido, Tojeira, Casainhos, Enxilha, Chenta, Lameira, Luzio, Foz, Tenno, Seara, Vencemal, Gaviães, Loba Meã, Villares.

c Comprehende esta freguezia os logares da Castanheira, Pena, Lameira, Fonte, Solmil, Reboreda, Cuco, Lapa, Salgueirinhos, Corredouras, Cuqueira, Eido de Cima, Eido de Baixo, Lameiras, Cortinhas, Madorra, Gonte, Chão de Gonte, Sobreira, Cajade, Covelo, Cruzeiro, Veiga, Ribas, Barturim, Penegate, Pereiro.

d Comprehende esta freguezia os logares de Cabadouso, Caminho Novo, Casal, Provados, Crugeira, Veiga, Quintãos, Fonte d'Alem, Espadanal; os casaes de Bazorra, Eiró, Soutello, Curvaceira, Perral, Gandra, Mouro, Redonda; as quintas de Lodeiro, Egreja, Outeiro; e as habitações de Outeiros, Engenho, Pombal, Deveza, Lagarteira, Penegate.

e Comprehende esta freguezia os logares de Cossourado, Nogueira, Volencia, Pecane.

f Comprehende esta freguezia os logares de S. Martinho, Egreja, Ribeirinho, Ponte, Fonte d'Olho, Barreiros, Louzeiro, Costa, Valle, Agrella, Lagôa, Villa Verde, Cachada.

O logar da Fonte d'Olho comprehende os menores de — Fonte, Gordim, Portellada, Cabra-meijão, Barreira, Cabedello, Deveza, Oliveira, Calçada, Eira, Fonte d'Olho, Codeçal, Granada, Seara, Calados.

g Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Ladedo, Pedregal, Calçada, Torre, Cazelhos, Monte, Paço, Tozende, Outeiro, Lamella, Boavista, Malho, Codeçal, Cerdeira, Lizouvos, Penim.

h Comprehende esta freguezia os logares de Ferreira, Quintão, Carreiros, Valle, Venade.

i Comprehende esta freguezia os logares de Formoriz, Casalinho, Fonte, Outeiro, Egreja, e algumas azenhas.

j Comprehende esta freguezia os logares de Pereiros, Janside, Tarrio, Roriz.

k Comprehende esta freguezia os logares de Cidade, Insalde, Agrella, Casalteiro, Cortinhas, Meca, Rebordães, Villarinho.

l Comprehende esta freguezia os logares de Linhares de Cima, Vinhas, Restira, Eiró.

m Comprehende esta freguezia os logares de S. Paio de Mozellos, Outeiro de Mogo, Galão, Pinhão, Lajadeira, Rapadinha, Pantanhos, Alfé, Lama, Escadarouça, Fraga, Roupeiro, Eira do Cabo.

n Comprehende esta freguezia os logares de Padornello, Tujas, Requião, Lamarigo, Veiga, Sobreiro, Portellas, Paradelhas, Cenrellas, Cima de Villa, Pedregal, Curro.

o Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Residencia, Codeceda, Nogueira, Tugueira, Lamama, Santa, Codeçal, Sequeiró, Felgueiras.

p Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel de Porreiras, d'Aquem e d'Além.

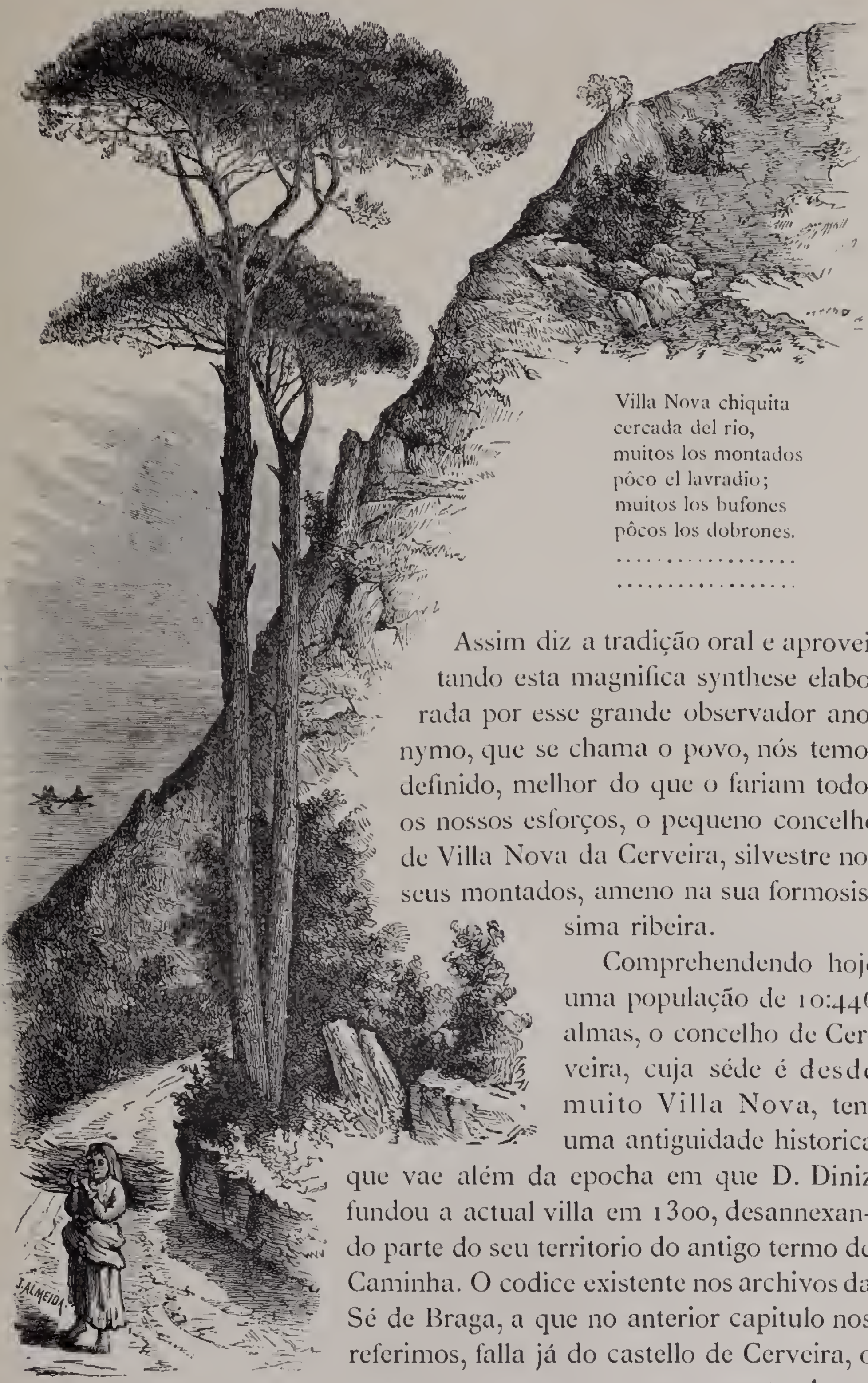
q Comprehende esta freguezia os logares de Felgueiras, Rozeira, Cruchos, Espinheira, Padrozinhos, Cabanil, Outeiro, Entocido, Pousado, Codeceda, Juste, Amieira.

r Comprehende esta freguezia os logares de Moldes, Crasto, Redondo, Portella, Sabariz, Outeiral, Valle, Veiga do Monte, Argo do Monte, Outeiro, Cascalhal.

s Comprehende esta freguezia os logares de Casco, Casal, Casaes, Crasto, Costa, Ageito, Pinheiros, Rodizio, Silverto, Antas.

t Comprehende esta freguezia os logares de Vascões e Gesteira.

VILLA NOVA DA CERVEIRA



Villa Nova chiquita
cercada del rio,
muitos los montados
pôco el lavradio;
muitos los bufones
pôcos los dobrones.
. . . .
. . . .

Assim diz a tradição oral e aproveitando esta magnifica synthese elaborada por esse grande observador anonymo, que se chama o povo, nós temos definido, melhor do que o fariam todos os nossos esforços, o pequeno concelho de Villa Nova da Cerveira, silvestre nos seus montados, ameno na sua formosissima ribeira.

Comprehendendo hoje uma população de 10:446 almas, o concelho de Cerveira, cuja séde é desde muito Villa Nova, tem uma antiguidade historica que vae além da epocha em que D. Diniz fundou a actual villa em 1300, desannexando parte do seu territorio do antigo termo de Caminha. O codice existente nos archivos da Sé de Braga, a que no anterior capitulo nos referimos, falla já do castello de Cerveira, o que vem comprovar o nosso asserto. A tra-

dição resa, de que era em Vallinhas, logar de Lovelhe, ou mais vulgarmente Brea ou Verea, que existia a primitiva povoação, sendo o actual terreno de Villa Nova montado silvestre, como indica o nome que tinha desde muito—Cervaria.—E accrescenta que as armas da villa—um veado ou cerva em campo verde, sustentando nas pontas as quinas reaes—symbolisam o facto de ser esse terreno um verdadeiro parque de veados, assombreado como devia estar pelo arvoredo virgem e banhado pelas aguas limpidas do rio.

Pelos annos de 1300 a 1320 fundou D. Diniz a villa actual, fortificada no seu principio com torres e muralhas, e em 1320 lhe deu foral, constituindo-a concelho, á custa do termo de Caminha. Em 1512 deu-lhe D. Manuel novo foral, concedendo aos moradores o repartirem entre si as herdades e reguengos que pertenciam á corôa, sob a condição de pagarem annualmente á camara 31:860 rls., sendo ella responsavel para com a corôa pela avença, e concedendo-lhe por isso o direito de receber a dizima da foz, direito do *narão,* dizimo do pescado, etc., arvorando-a d'esta fórma em verdadeira alfandega. Quando essa receita não chegasse para cumprir a avença, a camara tinha o direito de lançar a cada fogo uma contribuição de duas *escas* de milho (sete quartas da actual medida), por encabeçamento pelo livre córte de arvores nas mattas, e pastagens dos gados, contribuição que era arrematada annualmente.

Esse onus, conhecido pelo nome de renda da andadoria, tornou-se por tal fórma oppressivo para os povos por causa dos vexames dos arrematantes, que no tempo de Philippe II houve uma sublevação geral das freguezias, vindo todas, com os seus *homens bons* á frente, reunir-se no terreiro da villa, e ahi ao pé do castanheiro grande se obrigaram, tendo para isso obtido provisão regia, a pagar a quantia de 110:200 rls. cada anno, por ser este o preço mais alto a que a dita renda havia chegado. Esta renda é ainda hoje uma das receitas do municipio.

Um outro privilegio da villa era o de homisiação para os criminosos, quando elles fossem artistas, pedreiros, carpinteiros, etc. O privilegio de couto foi um dia abolido por causa das muitas insolencias da nobreza local.

D. João V fez visconde de Villa Nova da Cerveira a D. Leonel de Lima, em 1476, dando-lhe, como mercê, o senhorio da villa. Foi o primeiro visconde feito em Portugal,—mas apezar d'isso o povo oppoz-se tenazmente ao reconhecimento de tal senhorio, e nova opposição levantou, quando no tempo de Filippe III os viscondes julgaram azada a occasião para confirmar a mercê regia.

A villa tinha representação nas nossas antigas côrtes, com assento no banco decimo-setimo.

*
* *

Tomáramos a via ferrea na estação de S. Pedro da Torre, para de norte a sul percorrermos o concelho. Transpozemos em breve espaço a linha divisoria com Valença, e deslisando pela margem do rio, a locomotiva deixou-nos ver logo na sua obscuridade graciosa a freguezia de *VILLA-MEÃ*, cujo antiquissimo logar de Chamosinhos lhe pertence só para os effeitos administrativos, estando para os espirituaes annexo a S. Pedro da Torre. Em tempos mais remotos esteve Chamosinhos annexo a Santa Maria da Silva; mas depois, por contracto feito com o convento de Oia, na Galliza, que era padroeiro da Silva, passou para S. Pedro, mediante o pagamento de 80 alqueires de pão por anno ao convento de Oia. O nome de *Villa-Meã* será por indicar uma distancia media entre Cerveira e Valença? Em 1706 denominava-se a freguezia *Villa-Meão*.

Pelourinho de Cerveira — Desenho do natural por João de Almeida

Mal houvemos tempo para relancear os olhos por sobre o seu humilde campanario, quando nos acenava de longe a torre de *CAMPOS*, freguezia onde outr'ora existiu, na capella de Santa Luzia, um convento de freiras Benedictinas, de que eram padroeiros os Silvas, que ali perto tinham o seu solar. Este mosteiro foi pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, com breve de Martinho V, reduzido a parochia ordinaria, mudando as freiras para Loivo, d'onde mais tarde o arcebispo D. Diogo de Sousa as passou para Sant'Anna de Vianna. Este mosteiro parece ser o de Valboa, a que se refere o *Registro de Valença*. A capella de Santa Luzia, á qual ainda hoje se faz romaria em dezembro, marca, segundo a tradição, a séde primitiva do mosteiro; mas o que póde ter-se por mais seguro é que elle existiu no sitio onde hoje é a egreja matriz, ou proximo d'ahi.

Aquella casa de campo, que a estrada real circumda como a rua d'um grande parque inglez e que destaca na paysagem pelo seu vulto acima do ordinario, é a dos herdeiros de Gaspar Leite Ribeiro e Silva, e fica proximo d'uma bella ponte lançada sobre o ribeiro de Campos, o qual, atravessando Villa Meã e servindo por vezes de limite entre as duas, vae desaguar no Minho por entre os ferteis campos anateirados que n'este ponto o marginam. O ribeiro de Campos tem as suas origens no monte em que assenta *CANDEMIL*, freguezia que era da casa do Infantado e onde existia o grande praso das Córtes ou Egreja, que foi vinculo e depois passou a ser dominio util da sr.ª condessa da Ribeira. O convento de S. Paulo do Monte, de frades franciscanos, que existiu aqui, está hoje completamente arruinado.

De Candemil é, como o leitor verá em um dos nossos chromos, esse costume original de mulher, cuja especialidade consiste no uso de largos folhos no collo da camisa, formando por assim dizer um largo cabeção que adorna os hombros e desce até ao meio do peito.

O rio atravessa em seguida a pequena freguezia de *NOGUEIRA*, antigo couto d'este nome e onde existe hoje ainda parte da capella dos senhores do coutado. A casa de Bragança tinha aqui muitos fóros e pensões, que ainda ha pouco foram remidos.

Duas outras parochias ficam a nordeste e a jusante da margem direita do ribeiro. São a de *CORNES*, situada n'um ameno valle deliciosamente vestido na primavera pelas arvores fructiferas, entre que as cerejeiras sobresahem, figurando *bouquets* elegantes de pequeninas rosas, e a de *SAPARDOS*, fertilissima tambem, e sobretudo devotada á industria da creação dos gados. O abbade de Sapardos, que tinha outr'ora 160$000 réis de renda e o pé de altar, era apresentado ahi pelos successores de Paulo José Pereira Malheiro, capitão-mór do termo de Villa Nova. Este padroado, adquirido para elle *in solidum*, foi depois transmittido a um seu sobrinho e passou por fim aos Oliveiras de Ponte de Lima.

Deixando a ribeira de Campos, o comboyo pára por instantes no apeadeiro proximo e o modesto campanario de *ROBOREDA* surge logo sobre a nossa esquerda. Na freguezia foi a torre solar dos Roboredas, dos quaes o primeiro foi Gonçalo Annes de Roboreda.

No dia 15 de agosto faz-se em Roboreda a romaria da Senhora do Allivio, a mais afamada padroeira dos filhos de Villa Nova, que no adro da sua capella se reunem á sombra fresca das carvalheiras, australias e accacias que a ornamentam.

A capella de S. Roque na mesma freguezia não é esquecida tambem pela devoção popular. Todos os annos, por fins de agosto, o povo ahi vae

procurar remedio para as feridas, que o ceroto das pharmacias não foi capaz de curar.

Em Roboreda passa um filão de minerio sulfureo, que foi já submettido á analyse; e, no monte da Salgosa, uns poços que ahi existem, cheios, pela poesia da lenda, de thesouros inestimaveis, não são provavelmente outra cousa senão indicios claros de que a industria mineira se exerceu já por estes sitios. De um d'esses poços, diz a lenda popular, que tem communicação com o poço do Arieiro no rio, a uns 30 metros approximadamente, por isso que uma vez já uma mulher, a quem cahiu n'esse poço uma laranja marcada, a foi encontrar proximo do poço do Arieiro! Os de Roboreda, é claro, teem-se farto de procurar esses thesouros encantados; se o leitor não quer satisfazer-se com a lenda, faça como elles, mas dê umas luvas primeiro a S. Cypriano, o santo mais entendido n'este negocio de descobrir thesouros!

Quando o comboyo passa escondendo essa modesta parochia, é já sobre a direita que nos attrahe o castello de *LOBELHE*, desmantelado, mas alegre como um bom veterano que narra historias de guerras que já lá vão, tomando pacatamente o sol perante essa paysagem toda sorrisos e luz, que o Minho beija com a voluptuosidade d'um oriental. O forte, chamado ainda de Azevedo, do nome do mestre de campo general D. Francisco de Azevedo, que á sua construcção mandou proceder em 1660, teve já o triste destino de Lazareto, na occasião da invasão do cholera em 1856, e hoje esmorona-se pacificamente na sua decrepitude, sem que se lhe conheça outro prestimo senão exactamente o de ser um bello ponto de reparo com as suas linhas de pentagono, na meiga paysagem de que faz parte. Pertence esse terreno á freguezia de Lobelhe, em cujo logar de Fontebreia, Brea ou Verea fica, n'uma pequena elevação, a egreja matriz.

*

*   *

Entra-se já no termo de Villa Nova e a vista custa-lhe a acompanhar os pontos variados e formosos, que a locomotiva atravessa como uma flecha rapida, deixando-nos apenas entrever o cemiterio que fica sobre a direita, n'uma situação que os mortos devem por força applaudir; o casario da estrada, que além corre parallelamente comnosco, e d'entre o qual destaca o palacete do visconde de Santo Antonio de Lourido, Sanches de Castro, irmão do general de engenheria e ministro de estado honorario, o conselheiro Caetano Pereira Sanches de Castro, nascido n'essa casa; finalmente a agglomeração das habitações da villa, cingidas ainda n'umas ruinas de

muralhas, que apenas temos tempo para reflectir na pupilla, quando o silvo da machina vibra fremente e a Estação, com os seus jardinsitos esmerados, nos pergunta se não apeiamos um instante.

—É já.

Percorremos o *mac-adam*, sob um valente sol de junho, até que deparamos, logo ao entrar, com a egreja matriz em reconstrucção e lhe pedimos por favor um bocado da sua temperatura fresca, emquanto admiramos o seu S. Christovão colossal, santo particular da provincia, propriedade quasi sempre dos municipios, em cujas procissões solemnes apparece, e advogado contra o fastio dos crentes, que depositam grandes bolos de trigo sobre as suas beatas e immensuraveis plantas. O S. Christovão tem uma poetica lenda a aureolar-lhe o nome, que por curiosa transcrevemos com a devida venia do n.º 14 do jornal *As Republicas*, onde vem firmada pelo ex.mo sr. Rodrigues Cordeiro. Eil-a:

A LENDA DE S. CHRISTOVÃO

Christovão era da terra de Chanaan, e de estatura elevadissima. Dizem que tinha doze covados de altura: talvez quizessem dizer doze pés, ou doze palmos, e ainda assim temos gigante. Não era abastado em bens de fortuna, e um dia veio-lhe ao espirito a idéa de servir, mas não serviria senão a quem fosse muito poderoso.

Inculcaram-lhe um rei que não tinha superior no mundo. Procurou-o, pois, e foi muito bem acolhido. Certo dia veio um tocador, não sei de que instrumento, tocar e cantar um rimance diante do rei, e este que era christão, sempre que elle fallava no diabo, o que foi mais de uma vez, benzia-se. Viu isto Christovão e perguntou-lhe o motivo.

—Cada vez que oiço pronunciar o nome do diabo faço o signal da cruz, para que elle me não prejudique, respondeu o rei.

—Se temeis o diabo, voltou-lhe Christovão, é porque elle é mais poderoso do que vós. Vou, pois, procurar o diabo e elle será meu amo. E despediu-se do rei, indo em busca de Satanaz.

N'esta diligencia atravessava o deserto, quando viu uma chusma de soldados, e deante d'elles um homem de horrenda catadura, que lhe perguntou onde ia. Christovão pela sua corpolencia dava nos olhos de todos, quanto mais do diabo.

—Vou procurar o diabo para me pôr ao seu serviço, respondeu Christovão.

—Eu sou quem procuras.

Ficou elle muito contente, e poz-se ao serviço de Satanaz tomando-o por amo.

Pozeram-se ambos a caminho, e deram com uma cruz n'uma encruzilhada. Assim que o diabo a viu, fugiu d'ella sobresaltado, e foi dar uma grande volta para a evitar.

—Porque déste tu esta volta desviando-te do verdadeiro caminho? perguntou Christovão.

O diabo não respondeu.

—Dize, porque déste esta volta, e se m'o não dizes, deixo-te.

—É sobre uma cruz que morreu Jesus Christo, e quando as vejo tenho medo d'ellas e fujo.

—Ah! Então esse Jesus Christo, cuja cruz te causa tanto medo, é mais poderoso do que tu, e eu vivia enganado! Vou, pois, procurar Jesus Christo.

E começou por uma e outra parte a procurar a Jesus, até que encontrou um eremita que o instruiu diligentemente nas doutrinas da fé, e que depois lhe disse:—Esse rei que tu andas a procurar, e que é o maior de todos, impôr-te-ha obrigações que te forçarão muitas vezes ao jejum.

Christovão replicou:

—Que elle me ordene outra cousa, porque para essa não me acho muito disposto.

— E quererá tambem que te entregues com frequencia á oração.

— Não sei o que isso é, nem sirvo para semelhante serviço, respondeu Christovão

Disse-lhe depois o eremita:

— Não conheces tu o rio em cujas aguas morrem muitos dos que tentam atravessal-o?

— Conheço.

— Pois se conheces, como és de grande estatura e muito robusto, vae, colloca-te na margem, e passando os viajantes para o lado opposto, farás uma coisa que será muito do agrado de Jesus Christo a quem buscas servir. Talvez mesmo que elle se te manifeste para que o conheças.

— Eis um serviço a que eu me posso consagrar, e farei o que me dizes.

Foi em seguida para a margem do rio, construiu uma cabana para viver, e havendo-se munido de um pau, para se sustentar nas aguas, começou a passar para a margem opposta a quantos buscavam o seu auxilio.

Tinham já corrido bastantes dias d'este exercicio, quando achando-se a descançar dentro da sua cabana, ouviu a voz d'uma creança que o chamava, dizendo lhe: «Christovão, vem d'ahi e passa-me.»

Christovão sahiu, lançou os olhos em torno e não viu ninguem.

Tornou a entrar e tornou a ouvir a mesma voz. Sahiu, e aconteceu-lhe o mesmo.

A terceira vez foi mais feliz, porque encontrou á borda do rio um menino que lhe pediu para o passar para o outro lado.

Christovão pega no menino, põe-no ao hombro, mune-se do seu cajado e entra na agua. E o rio começou a crescer pouco a pouco; o menino pesava sobre o seu hombro d'um modo excessivo; e este peso augmentava cada vez mais, de modo que Christovão começou a ter medo. Pôde finalmente alcançar a margem opposta, e quando pousou o menino no chão disse-lhe:

— «Pozeste-me n'um grande perigo, e pesavas de modo que me parecia ter o mundo inteiro sobre os hombros.»

E o menino respondeu-lhe: «Não te admires, Christovão. Não tiveste só o mundo inteiro sobre os teus hombros, tiveste tambem aquelle que o creou, por que sou Christo, aquelle por quem emprehendeste as boas obras que estas praticando. Enterra o teu bordão na areia e tu verás amanhã como elle esta coberto de folhas e flores.» E desappareceu.

Christovão assim o fez; enterrou o seu pau na areia e na manhã seguinte viu-o florido como uma palmeira e todo coberto de tamaras.

Até aqui a primeira parte da graciosa lenda de S. Christovão, extrahida da *Legenda Aurea* de Voragine: agora a historia, que não é lenda, diz que indo a Samos, na Asia Menor, e declarando-se christão no tempo das perseguições do imperador Decio, foi horrivelmente martyrisado por Dagnus, governador da Syria. Mas a sua constancia era tal que quanto mais o martyrisavam, mais alto levantava o louvor a Jesus Christo, e Dagnus vendo que esta persistencia produzia centenares de conversões acabou por lhe mandar cortar a cabeça a 25 de julho do anno 254. É n'este dia que a egreja celebra a sua festa.

A existencia de Christovão está reconhecida pelos bolandistas, e por outros criticos. O seu culto espalhou-se no Oriente e no Occidente, e principalmente na peninsula hispanica.

O seu nome em grego significa *porta Christo*, e d'ahi vem que em muitas egrejas o representam sempre de grande estatura, com o menino Jesus sobre os hombros, empunhando uma vara e atravessando o rio. Erguem no á entrada dos templos para que os fieis o passam vêr distinctamente, visto que havia a crença de que não se morria de morte subita, nem se perdia a vida por qualquer accidente, no dia em se visse S. Christovão. Esta crença piedosa acha-se expressa no seguinte pentametro:

Christophoram Videas, postea tutus eas

Vês Christovão, e n'esse dia
Vaes seguro que elle te guia.

Em certas partes do Minho, como em Barcellos, Vianna, Villa do Conde e outras, se a memoria me não falha, encontrei o santo sempre agigantado, sempre empunhando a sua vara, sempre na entrada das egrejas, em sitio bem distincto, representado em estatua ou em pintura, prin-

cipalmente se a localidade é perto do mar. Quem guarda e protege sobre a terra, guarda e protege sobre as ondas os pobres maritimos.

Não fazia elle com que os viajantes atravessassem um caudaloso rio com toda a segurança?

Entre os santos protectores, S. Christovão é advogado contra o fastio. Porventura não declarou elle ao eremita, porque nunca o appetite o abandonára, que não se achava muito disposto a jejuar? Tudo isto prende com a sua lenda.

Tambem o vi em Toledo, na Cathedral. Desde o seu principio, no circulo de capellas que rodeiam a capella-mór, e no espaço que segue á capella de Santo Eugenio, houve sempre estampada na parede uma pintura collossal do santo, e esta pintura, renovada em 1638 por Gabriel de Rueda, como hoje a vemos, não tem menos de 40 pés d'altura, e porque assim é, desmedidamente corpulento, dão-lhe ali em geral o nome de *Christobalon*, ampliativo de Christobal em hespanhol. Está na proporção do templo.

Effectivamente a tradição diz, e todos concordam, que a sua estatura era gigantea, mas nem por isso deixava de ser sympathico. Alguns dos antigos hymnos cantados em seu louvor chegavam mesmo a conceder-lhe uma physionomia seductora. Vê-se da seguinte passagem de um d'elles:

Elegans que statura, mente elegantior,
Visu fulgens, corde vibrans, et capillis rutilans,
Ore Christum, corde Christum, Christo; horum insonat.

É bello n'alma e corpo, os olhos brilham,
Os cabellos são oiro, não tem par
Em Santo Amor accezo; o rosto, o nome,
O coração a Christo faz lembrar.

No Minho, que nós saibâmos, só é tradicional aquella parte da lenda que se refere á passagem do rio e ao dialogo trocado entre Jesus e Christovão. O sr. D. Antonio da Costa refere-a pittorescamente no seu livro, quando descreve Vianna.

A matriz de Villa Nova tem uma magnifica obra de talha, e de sentir é, que o novo altar-mór não tenha a altura necessaria e o fundo preciso para lhe fazer sobresahir as linhas elegantes. São tambem notaveis dois altares lateraes, e para desejar seria egualmente que as juntas de parochia os conservassem, taes como estão, alliviando-os tão sómente dos oratorios, que são ali um anachronismo e um attestado de ignorancia e mau gosto. O templo e torre, damnificados ha alguns annos por um temporal, foram reconstruidos modernamente e vae completa quasi essa reparação, graças á iniciativa do digno administrador d'essa epocha o dr. José Antonio Pereira Brandão, coadjuvado por muitos cidadãos do concelho e alguns expatriados no Brazil.

Sahindo da egreja, estamos no terreiro da villa, o largo principal onde as suas feiras se effectuam nos dias 3 e 16. Sobre o lado poente d'este largo vê-se ainda a muralha e barbacan do primitivo castello de Cerveira, e pela porta da Senhora da Ajuda, onde está a capella d'esta invocação, se penetra no interior da fortaleza, ou villa antiga. É ahi ainda, que hoje estão a egreja da Misericordia, a casa da camara, o pelourinho que figura na nossa gravura, a cadeia, os antigos quarteis, e outras repartições publicas.

É por ahi tambem o caminho para o chamado *Jardim publico*, que outra coisa não é senão um canto da velha muralha ajardinado. Mas, francamente, quando ali se chega, os olhos esquecem depressa os enlevos da sua florescencia modestissima para se extasiarem no panorama esplendido d'uma formosa paysagem aquatica, com que mal poderão rivalisar os lagos da Suissa, apezar da sua belleza incontestavel e da *réclame* officiosa de todos os que ignoram os encantos do seu paiz. Que profusão de côres, que variedade de tons, que intensidade de luz n'essa ribeira sinuosa e extensa, tendo por fundo o mar, tendo as montanhas, escaladas de povoado, por fachas lateraes! Como são formosas aquellas ilhas frescas e vicejantes de cultura no alveo do rio, a primeira das quaes é a Aboega; como o cérulo das aguas tem variações scintillantes; como é deliciosa além aquella curva cheia de sombra a refractar os arvoredos da margem!

Ha no Minho paysagens que dão ao espirito a sensação da grandeza, outras a da recordação d'um idylio, algumas a da melancholia das solidões agrestes, muitas a do sorriso da vegetação e da expansibilidade pantheista da alma; mas poucas, muito poucas darão, como esta que se gosa do velho castello de Cerveira, a sensação castissima da mythica poesia dos lagos, a idealidade profundamente sentida dos beijos amorosos da creação sobre o seio fecundo da terra, a boa mãe commum. Comprehende-se ao ver aquelle extensissimo lago, como a luz e a agua podem produzir tudo o que ha de bom e tudo o que ha de casto na prodiga e alegre natureza.

Não nos taxem de exaggerados. D. Antonio da Costa, descrevendo esta parte do curso do Minho, expressa-se pelas seguintes palavras:

«. . . na ultima parte, de Villa Nova da Cerveira a Caminha, se transforma n'uma tal magnificencia, que é necessario, ó Lima, que tu valhas muito, para que a palma disputada não seja entregue sem hesitação ao teu poderoso rival.

Sim, um deslumbramento!

O Minho volta á esquerda. Em todo o horisonte, serras. No espaço intermedio, montes caprichosamente eriçados, lembrando os Alpes. Sumiram-se finalmente das margens os arvoredos. Vêmos em redor de nós a immensa bacia que fórma o rio, communicando com o mar em nossa frente. Não sabe a vista onde vá pousar. No meio do rio estendem-se insuas. A primeira é a da Aboega. Pela margem portugueza, prados, relvas, arvores espalhadas; para lá das planicies terrenos alteados, a casaria dispersa, logarejos, palacetes, capellinhas, uma paysagem admiravel.»

Sahindo do castello atravessamos de novo o terreiro, cuja guarnição de predios particulares e alpendres para os feirantes examinamos, bebemos a agua saborosa da fonte, que lhe fica ao lado do norte, a mais im-

portante fonte publica da terra, e vamos fazer uma visita rapida á antiga linha de circumvalação construida por ordem do general Azevedo na occasião das guerras da nossa independencia — 1640 a 1663.[1]

Hoje a muralha está derruida na sua maior parte e encontra-se apenas nos pontos, em que não foi de necessidade a demolição, uma ou outra barbacan arruinada, um ou outro angulo ainda encimado pelas guaritas desmoronadas. Este derruimento data sobretudo da carta de lei de 22 de março de 1875, em que foi concedido á camara, mediante certas condições, o apeamento dos muros, para que a povoação podesse estender-se para os lados do Arrabalde e local da feira do gado.

Essa muralha tinha quatro portas: a do norte, que ficava a pouca distancia da capella de Santo Antonio de Lourido, e dava para o largo onde se faz hoje a feira do gado; a de nascente, chamada *Porta de traz da egreja;* a do sul ou *Porta Nova,* que abria para o logar onde hoje fica a estrada para Caminha, tendo a distancia a capella de S. Gonçalo e o fortim dos Castellinhos, no sitio do Penedo; e a porta do Rio, que conduzia ao caes, onde agora vamos tomar um barco para apanhar da margem direita o *croquis* geral da povoação, e como que banharmo-nos, atravessando a corrente, no seio d'essa natureza deslumbrante, que fôra ainda ha momentos o nosso enlevo.

*
* *

Emquanto Almeida esboça no seu album a perspectiva da villa, eu aproveito o tempo para saltar, em phantasia, para além d'aquelle aspero monte, onde se divisa a capella da Encarnação e dar-te uma noticia rapida de algumas das parochias mais sertanejas, que confinam o concelho com os de Coura, Ponte de Lima e Caminha.

Temos, vindo do norte, a freguezia de *GONDAR*, antiga vigararia das freiras de S. Bento de Vianna, que apresentavam o parocho, o qual tinha 40$000 réis de renda e o pé d'altar. Era senhor donatario d'esta freguezia D. Mendo Moniz, rico homem, por premio que D. Affonso Henriques lhe conferiu em virtude de ter esse esforçado guerreiro abatido a machado as portas de Santarem, que o rei tomou aos arabes em 1147.

Então lhe determinou tambem que usasse do appellido de Machado, nome que nobilitou desde essa epocha as familias d'esse nome. Gondar é

[1] O Diccionario de Pinho Leal diz que ella foi construida por D. Diogo de Lima, 9.º visconde de Cerveira e governador das armas da provincia.

VILLA NOVA DA CERVEIRA—*Desenho do natural por João de Almeida*

palavra normanda e possivel é, que a denominação da freguezia venha do tempo da invasão dos normandos no nosso paiz.

Limitando com esta freguezia fica a de *MENTRESTIDO*, que antigamente foi abbadia do padroado real, e que D. Diniz trocou em 1308 com o bispo de Tuy, Sotto Mayor; depois foi vigararia do abbade de Cunha (Coura) que desfructava metade da renda, sendo a outra metade beneficio simples do ordinario. A Mentrestido segue a extensa freguezia de *COVAS*, a mais importante do concelho pela sua população, territorio e riqueza. Confina com o concelho de Coura, pela parochia de S. Martinho, com Ponte de Lima pelos limites da Cabração nas faldas da serra de Santo Ovidio, e com Caminha pelo rio Coura nas vertentes da serra d'Arga.

Foi abbadia da apresentação dos descendentes de D. Manuel de Azevedo e Athayde, com duas commendas ou prestimonios da ordem de Christo, que eram dadas pelos duques de Caminha e que passaram depois á casa do Infantado. A freguezia possue no thesouro da sua egreja objectos de muito valor artistico.

É lindissima a sua custodia e magnifica a sua bella cruz, cuja base fórma uma antiga cathedral com portas ogivadas; tem muito trabalho de esculptura e gravura, e é de lamentar que não possua o Christo primitivo; na face posterior da haste e no cruzamento dos ramos ha um magnifico trabalho de gravura representando *O baptismo do Salvador;* o *sol* e a *lua* que no quadro figuram, attestam certamente mais uma prova da authenticidade do seu estylo, que julgamos ser da Renascença. No pedestal da cruz lê-se a seguinte inscripção: *PAVLO MENDES A F S. 1604*. Esta cruz magnifica não figurou na Exposição de Arte Ornamental. Figura, porém, na grande festa do Senhor, a mais imponente de Covas, e talvez de todo o concelho, á qual se prende o seguinte tradicional costume:

No dia da festa o mordomo dá dois jantares abundantes: um aos padres e convidados de certa importancia social; o outro, o mais pittoresco e o mais alegre, ao povo, a todo o povo que concorre á festa. Cada conviva leva apenas de sua casa o estomago bem preparado para o succulento arroz de caldeirão, e uma colher e escudella para se poder servir. É verdadeiramente a tradição ao vivo das valentes orgias pagãs, ou das antigas comezainas portuguezas. Os bois, os carneiros, os porcos, as gallinhas, são immolados para o grande sacrificio, e o mordomo, se não é rico, chega a empenhar a sua casa para mais d'um anno. Mas vão lá combater-lhe essa loucura financeira! Pois sim! Sorrir-se-hia ás observações mais justas e acabaria por dizer-vos: — que tem n'isso muito prazer e que mais vale um gosto na vida que seis vintens n'algibeira!...

E não póde dizer-se que seja apenas uma questão de fanatismo reli-

gioso; é, acreditamol-o piamente, antes uma questão de fatalismo de raça. No fim dos banquetes o mordomo faz circular a sua caixa de rapé por todos os convivas; é evidentemente um uso enxertado na bella tradição antiga, mas ninguem póde hoje recusar-se á pitada final do aromatico *meio grosso*, ainda mesmo que fosse uma galante noiva, por acaso tendo de saborear n'aquelle dia as primicias da sua lua de mel. O rapé primeiro que tudo, ainda mesmo antes dos beijos do seu noivo.

E como são garridas ás vezes essas noivas! O leitor póde vêr n'um chromo dos nossos o costume d'uma d'ellas, o lenço de cambraia na cabeça, o pescoço enrolado em velhas contas de ouro, a jaquetinha azul, o lenço do pescoço, de seda da India alaranjado, o collete curto e bordado, a facha preta á cintura, a saia de ganga azul arrepanhada na frente, para deixar vêr o branco avental com entremeios de renda e guarnições coloridas, o orgulho, a vaidade das raparigas virgens.

Do trajo dos rapazes de Covas dá idéa exacta o chromo respectivo.

Estava prompto o *croquis* e ainda bem que o nosso amavel informador o dr. Alexandre Seixas, a quem devemos como a parente e amigo a mais cordeal hospitalidade, nos fazia dobrar a serra para cá apontando-nos as vertentes do monte de S. Paio, onde as tres freguezias restantes do concelho se estendem até á margem do rio, na mais deliciosa situação.

N'este monte de S. Paio fazia-se antigamente, pelo tempo da porciuncula, uma grande feira franca, sendo os moradores do concelho obrigados a plantar ahi todos os annos um carvalho e um castanheiro, para que as sombras do arvoredo abrigassem os que vinham á feira. Era multado com 100 réis para os captivos o lavrador que a isso se recusasse. Por occasião da dominação hespanhola perdeu a camara todo esse arvoredo e d'elle tomaram conta os frades do convento, passando pela extincção d'estes e venda dos bens religiosos ás mãos de particulares. Sobre esta encosta e nas faldas do monte de S. Paio está a parochia de *LOIVO*, em tempo annexa á villa, mas hoje independente. Ahi esteve o mosteiro de freiras benedictinas, a que vieram juntar-se as de Campos, por ordem do arcebispo D. Fernandes da Guerra. Depois foram umas e outras transferidas para Santa Anna de Vianna por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa. Em 1487 era ainda aqui abbadessa D. Brites de Sousa, como se póde lêr no *Registro de Valença*: «Em novembro do anno do Senhor de 1487, dentro nos Paços episcopaes, onde pousa o sr. Bispo de Ceuta D. Justo Balduino, confirmou em Abbadessa do Mosteiro de Santa Marinha de Loivo da ordem de S. Bento a Brites de Sousa. . . »

No sitio de Pedroso diz a tradição ter existido uma torre, que os moradores derrubaram pouco a pouco para a edificação das suas casas. Em

Loivo era tambem o mosteiro de franciscanos, chamado de S. Paio do Monte, fundação de Fr. Gonçalo Marinho em 1392. O santo foi mais tarde transferido para *GONDAREM*, a freguezia limitrophe, e uma das mais populosas do concelho, como o leitor póde vêr no mappa respectivo. Chamou-se antigamente Mangoeiro e no logar d'este nome se diz ter sido a primitiva matriz. A actual é um templo modesto, situado n'uma pequena baixa, á esquerda da elegante capella de S. Paio, esse campanario branco e alegre, que se divisa de qualquer ponto do rio, dominando um horisonte vasto e encantador e como que recebendo no seu throno de vegetação e luz as preces d'esses monges de capuz branco — as seis capellinhas ou calvarios — que parecem subir a encosta n'uma peregrinação piedosa. No ultimo domingo de junho, a gente do concelho e muita da Galliza vem aqui formar uma pittoresca romaria, que é talvez, depois da de Covas, a mais importante do concelho.

Rapariga espadellando — Desenho do natural por João de Almeida

N'esta freguezia de Gondarem é a casa do ex.^mo^ sr. Francisco de Sousa Cadaval, um fidalgo de *vieille roche*, tão distincto pelo nascimento, como pelas qualidades de caracter. Era d'aqui natural Manuel Marinho Falcão, que foi ministro da justiça no tempo de D. João VI.

A meio kilometro de S. Paio para nascente fica a freguezia de *SOPPO*, outr'ora abbadia da apresentação do Infantado, recebendo o abbade 600$000 réis annuaes.

Soppo ou *Çopo*, em portuguez antigo, era uma aldeia de Lanhellas e a esta parochia tinham os habitantes de vir á missa. Ficava longe, porém,

a matriz de Lanhellas e por isso requereram em 1720 os de Soppo ao arcebispo para se constituirem em parochia independente, o que de prompto lhes foi concedido. Edificaram então a egreja, cuja torre fizeram em 1733 e cujo frontispicio concluiram em 1769; é um templo magestoso, com bons altares de talha dourada. Na freguezia ha mais duas capellas publicas: uma sob a invocação do Senhor da Agonia, outra sob a de S. João Baptista. O vento do progresso não deixou de favorecer ultimamente Soppo, tendo-se feito, mercê da philantropia dos seus filhos, alguns melhoramentos importantes; um d'elles é o cemiterio. O outro, o mais fecundo em fructos sociaes, é a escola. Abençoados sejam os que na terra que lhes foi berço, ergueram esse padrão de amor patrio, levantaram esse pharol de luz á consciencia dos seus conterraneos. Abençoados!

Soppo, situada em terreno feracissimo, tem pittorescos pontos de paysagem não só sobre a ribeira Minho, como ainda sobre o Coura, em cuja corrente as azenhas se levantam como notas frescas d'uma ecloga virgiliana. Os seus habitantes entregam-se em grande numero á arte de pedreiros e caiadores; as mulheres, como em geral todas as do Minho, ficam por isso encarregadas de trabalhar os campos, o que ellas cumprem com ardua sollicitude. As proprias creanças vão já educadas no trabalho e quantas, como essa que o leitor vê espadellando cuidadosamente o seu linho, não são ámanhã as raparigas de rosea carnação, que encontra nas romarias ou nos serões, requestadas pelo boçal nãmorado, cuja felicidade consiste em vêr passar nos seus vermelhos labios um sorriso tumido de amor, ou em levar por vezes uma pancada valente, uma pancada de amor, correctora de atrevimentos temporãos.

*
* *

Tendo percorrido o territorio do concelho nós vamos parar um pouco na sua séde, a fim de n'uma pequena vista de conjuncto podermos avaliar da sua riqueza economica e da convergencia dos seus esforços para a civilisação geral.

Sob o ponto de vista intellectual, Cerveira póde dizer-se um concelho atrazado; não tem jornaes, os seus filhos seguem, pela maior parte, o curso ecclesiastico, e as suas escolas são apenas as que constam da seguinte estatistica:

4 do sexo masculino, 1 do feminino e 1 mixta nas freguezias de Covas, Gondarem, Sapardos, Soppo (mixta) e Villa Nova da Cerveira (sexo

masculino e sexo feminino). Matricularam-se n'ellas 330 rapazes e 148 meninas, no ultimo anno lectivo.

Ainda só ha pouco possue telegrapho e não ha ainda muito que não tinha distribuidor de correio.

A religiosidade é uma das feições dominantes do seu povo, muitas vezes mesmo levada até ao fanatismo. Como affirmação da sua moralidade social, póde tomar-se a media dos algarismos que figuraram na estatistica do crime no capitulo de Valença, com a qual Villa Nova fórma comarca.

Das tres grandes ramificações do trabalho—industria, commercio e agricultura—póde dizer-se que a primeira não existe, o segundo é frouxo e só a terceira tem uma certa vitalidade. A propriedade rende approximadamente 2 1/2 por cento. Os preços dos generos alimentares oscillam, nas suas feiras de 3 e 16, pela seguinte tabella:

Milho (alqueire)	400 réis
Feijão caramello (alqueire)	960 »
» branco »	700 »
Trigo »	800 »
Batatas »	300 »
Vinho (pipa)	18 a 20$000 »
Cebola (um cento)	140 »

Este ultimo producto é um dos que constitue a sua maior exportação, dando ao concelho a picaresca nota local de *ceboleiro*.

O vinho melhor é o de Cornes, Nogueira e Gondarem. [1] Covas e Campos tambem produzem bastante.

A maior parte da vinha é em pequenas latadas e cordões, vinhas baixas em geral. As principaes castas para vinho são: o *verdelho*, o *espadeiro* e o *cainho*. As vindimas começam regularmente em fins de setembro; fazem o vinho em lagares de cantaria com prensa de vara e parafuso, ou em dornas de madeira. As uvas, depois de cheio o lagar ou a dorna, são pisadas para se metterem a vinho; o mosto fermenta pelo espaço de dois a tres dias, mexendo-se todos os dias, e terminada a fermentação, antes ainda de abater o cango, se envasilha o vinho. O que se destina ao consumo immediato nenhum tratamento recebe; mas o que deve conservar-se até ao verão, trasfega-se regularmente. Tambem se faz o trasfego para vasilha sulphurada com mecha, quando o vinho tem o cheiro sulphydrico proveniente da vinificação feita com uvas enxofradas. Não se faz senão

[1] O sr. Francisco de Sousa Cadaval, d'esta ultima freguezia, enviou á exposição de 1874, de Londres, os vinhos da sua colheita, que foram classificados como de 2.ª qualidade e tinham em graus centesimaes a força alcoolica de 10,5.

uma qualidade de vinho com as castas misturadas, sendo o melhor o que contém só as tres já mencionadas.

A riqueza pecuaria do concelho é pouco mais ou menos a da seguinte tabella:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	182	2:056$280
Muar	7	91$600
Asinino	36	147$800
Bovino	3:204	66:886$100
Lanar	5:322	2:901$980
Caprino	530	224$120
Suino	955	3:008$160
		75:316$040

Abundante em caça, mel, linho e fructas, o concelho tem ainda, sobretudo nas freguezias ribeirinhas, a industria da pesca, que não só lhe abastece o seu mercado, como lhe fornece tambem um ramo de commercio para exportação. São notaveis as grandes pescarias de savel e lampreia nos mezes de fevereiro, março e abril, e nota, quem n'esse periodo visitar Villa Nova, uma certa effervescencia de actividade, que singularmente contrasta com a pacatez habitual dos dias sempre monotonamente eguaes da Villa Nova ordinaria, a Villa Nova *chiquita!*

CONCELHO DE VILLA NOVA DA CERVEIRA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Campos, *S. João Baptista*	342	414	756	196 (*a*
Candemil, *S. Felix*	263	262	525	143 (*b*
Cornes, *S. Pantaleão*	321	350	671	233 (*c*
Covas, *S. Salvador*	776	835	1:611	529 (*d*
Gondarem, *S. Pedro*	484	571	1:055	280 (*e*
Gondar, *Santa Eulalia*	153	166	319	91 (*f*
Loivo, *Santa Marinha*	249	297	546	161 (*g*
Lobelhe, *Santa Maria*	235	246	481	134 (*h*
Mentrestido, *Santa Christina*	178	201	379	105 (*i*
Nogueira, *S. Thiago*	103	116	219	59 (*j*
Roboreda, *S. João Baptista*	303	349	652	203 (*k*
Sapardos, *S. Miguel*	238	271	509	162 (*l*
Soppo, *S. Thiago*	395	536	931	283 (*m*
Villa Meã, *S. Paio* [1]	194	210	404	102 (*n*
Villa Nova da Cerveira, *S. Cypriano*	636	752	1:388	350 (*o*
	4:870	5:576	10:446	3:031

a Comprehende esta freguezia os logares de Campos, Quinta, Couto, Sobreiro; a quinta do Mosteiro e a propriedade da Furoca.

b Comprehende esta freguezia os logares de Candemil, Espinheirinho, Chello, Baulo, Moreira, Bouça, Casa Boa, Malheiros, Pontelha, Antosido, Cham, Mergulhão.

c Comprehende esta freguezia os logares de Cornes, Sobreiro, Casa Nova, Abregão, Villa Boa, Madorra, Cainho, Regadas, Cividade, Carvalhal, Aspera, Campello, Portella, Chão, Souto do Monte, Lameira, Portinho, Vallinha.

d Comprehende esta freguezia os logares de Covas, Pagade, Bouça, Provezende, Serra, Chans, S. Gregorio, Villar, Vallinho, Jardim, Aral, Devesa, Real, Gandra Cha, Salgueiral, Costa, Outeirinho, Espinhal e Lomba, Feiposa, Bouças, Outeiro do Fojo, S. Sebastião, Villares, Fraga de Falcoeira, Corgo e Aobotega, Valle, Pedreira e Prosa, Portellinha, Villarinho, Lédo, Moz, Tras do Lombo, Outeiro, Outeiraes.

e Comprehende esta freguezia os logares de Gondarem, Mangoeiro, Egreja, Sobrosa, Linhares, Loureira, Seixo, Viso, Ramillo, S. Sebastião, Gave, Aldariz, Motta, Gouvim

f Comprehende esta freguezia os logares de Gondar, Urgal, Corga, Espinheira, Espirito Santo, Barral, Peneirada, Amieira, S. João, Paço, Cunha, Ribeiro, Balter, Lamo.

g Comprehende esta freguezia os logares de Loivo, Bogoada, Cejerem.

h Comprehende esta freguezia os logares de Lobelhe, Val de Flores, Serra, Fonte-Breia, Picouto, Cavada.

i Comprehende esta freguezia os logares de Mentrestido, Crasto, Portella, Cruz, Fiães, Novaes, Cheira, Souto, Costinha, Casal, Corredoura.

j Comprehende esta freguezia os logares de Nogueira, Monte, Pedreira, Costa, Bouça.

k Comprehende esta freguezia os logares de Roboreda, Gandarella, Gavea, Estalheirinhas, Bemposta, Goutije, Gmail.

l Comprehende esta freguezia os logares de Sapardos, Rotheia de Bois, Ramalhal, Rotheia, Espinheiral, Alte, Outeiro, Castanheirinhos, Candós, Valle, Amada, Pereiro, Gozendes, Trigaes, Boia, Guia, Aldeia, Cruzeiro.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Trance, Cabral, Valle, Aldeia, Cortinhas, Pardelhas, Semonde e Carvalha, Carreiro e Traz do Outeiro, Bouça e Curros, Espinhosa e Cima de Villa.

n Comprehende esta freguezia os logares de Villa Meã, e Moutorros com dois fogos.

o Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Cortes, Feira do Gado, Prado, todos subdivididos em outros logares mais pequenos.

[1] Com o logar de *Chamosinhos*.

CAMINHA

O Minho em frente de Caminha — Desenho do natural por João de Almeida

Não sei se, como a Amphytrite, nasceu do seio das ondas, mas foi com certeza esse eterno sonhador—o mar—, que um dia se lembrou de crear com os flocos nevados da sua espuma este encanto de terra e o facetou depois, artisticamente, como um lapidario da Bohemia a um bello diamante branco.

Caminha, essa fascinação feita de luz e de agua, não podia ter tido outra origem. Que importa lá que uns senhores archeologistas a considerem celta ou phenicia, que outros, ainda que fundamentadamente, a julguem romana, pois já Plinio no Liv. 25 lhe chamava *Opido Minium* e em 1026 D. Fernando de Leão lhe chamava *Caput Minii*, na sua *Divisão dos condados;* que alguns a queiram reputar nascida d'um illustre cavalleiro gallego, de nome Caminio, que pelos annos de 950 de Jesus a repovoara e baptisara?

Velhas caturrices de antiquarios, de que a graciosissima villa não precisa para se apresentar gentil, como uma rapariga de vinte annos. Foi talvez até por embirrar com essas velharias, que teimavam em tornal-a sorumbatica, que ella, uma *coquette* palpitando de alegria, tem pouco a pouco despido os cintos de muralhas, com que na edade medieval, a edade

do desprezo pela carne, pretenderam e conseguiram fazer do seu corpo tão gentil a estatua correcta d'uma virago, emmoldurada em aço e granito.

Pinho Leal e J. A. de Almeida informam, que a primeira fortificação de Caminha foi romana; póde ser que assim fosse, mas não pelo que diz respeito aos lanços antigos que ainda hoje se encontram, e que são do typo medieval. A data d'estes ultimos deve remontar á epocha de D. Affonso III ou D. Diniz. Era essa muralha de boa cantaria e tinha dez torres e quatro portas, vindo a ser a da *Villa,* onde está hoje ainda o relogio, dando para o largo ou Praça municipal, que a nossa gravura representa e onde os pescadores estendiam então as suas redes; a do *Sol,* a *Porta nova* ou da Senhora da Boa Nova, por existir ahi um oratorio d'esta invocação, e a do *Marquez,* que dava para o rio, sobre um caes hoje assoreado, assim chamada depois que veio a fazer parte do palacio do marquez de Villa Real.

A segunda fortificação de Caminha, d'um perimetro mais largo, é obra de D. João IV, e a terceira é coeva de D. Pedro II. N'esta circumvalação, de fossos e contra escarpa, abriam as portas do Caes, da Corredoura, de Vianna e do Açougue, est'ultima obstruida desde muito por causa das cheias do rio.

Uma pesada armadura realmente para vestir essa formosa, que é decididamente Amphytrite pelos encantos, embora a quizessem converter em Pallas pelo aspecto bellico. Lembrou-se, pois, um dia, de ir depondo as grevas d'aço e as cottas de malha de granito e hoje, quem a vê, como nós a vimos, d'um ponto qualquer do rio, de proposito escolhido para melhor esboçar a physionomia da graciosa villa, não tem remedio senão confessar que é provocadora assim, branca de neve, toda mergulhada n'um bello fundo luminoso, beijada por estes dois rivaes que a enlaçam nos seus abraços d'agua, o Minho e o Coura, tão enamorados os dois, que ali mesmo fraternisam como que não tendo ambos senão um pensamento unico — o de tornal-a formosa.

Emquanto sobre a areia o barco descançava, e Almeida fazia o *croquis* da gravura, que tu vês, eu sentia-me enlevado no panorama largo d'essa esplendida bacia, de que por assim dizer occupavamos o centro.

Voltados para Caminha, cujas muralhas vinham morrer no caes, cedendo o espaço já a formosas avenidas, a barra apparecia-nos ao fundo, como que cerrada por um largo reposteiro azul; á direita ficava-nos o conico monte de Santa Tecla e a aldeia da Passagem, com os seus espaçosos edificios de fabricas e collegios; á esquerda as duas pontes que atravessam o Coura, a primeira extensissima, de madeira e pegões de alvena-

ria, a segunda de ferro, como um ennastrado de laminas, que a locomotiva, uma rapida amazona, se diverte em atravessar silvando de contente.

Para além segue o Coura, entre montanhas, na sua marcha para o levante; por traz de nós o Minho corre largamente para o norte; entre os dois reclina-se a provocadora Seixas, com os seus casaes poeticamente agrupados, e a insua da Morraceira ou Canosa estende-se no alveo do rio, como uma larga mancha verde engastada no crystal das aguas.

Surprehendente essa bella paysagem, que torna o viajante estonteado pelas multiplicadas fascinações dos seus formosissimos quadros.

*

* *

Para percorrer o concelho tomamos o caminho de ferro em Caminha e mal temos tempo para apanhar de relance a paysagem descripta já, porque ao sahir da ponte a locomotiva atravessa os terrenos pantanosos d'entre a confluencia dos dois rios, deixa-nos sobre a esquerda a ponte de madeira em cuja entrada alveja a capellinha da Senhora d'Ajuda e pára logo no apeadouro de *SEIXAS*, onde descemos para visitar esta gentilissima freguezia.

Antigamente do termo de Cerveira, como se vê pelo foral dado em Coimbra por D. Affonso III aos 9 de novembro de 1262, Seixas é hoje uma das mais laboriosas populações do concelho, e uma das que melhores construcções apresenta. Fertil e abundantissima de peixe, a sua vida de povoação ribeirinha é sobretudo pittoresca na epocha das grandes pescarias do savel, lampreia e salmão, nos mezes de janeiro a maio. A exportação é então consideravel para o interior do reino e Hespanha, e é um prazer o assistir a essas miraculosas pescas, em que tantas vezes as rêdes estalam nas suas malhas, e após as quaes a alegria dos interessados se manifesta por um vozear enthusiasta, um *brou-ha-ha* de profunda satisfação, entre o qual se distingue o timbre menos aspero das gargantas femininas. Porque, as mulheres entregam-se tambem á pesca, e quando não vão ellas mesmo auxiliar o trabalho do lançamento das rêdes, esperam-as na praia para ajudar a arrastal-as e levam depois os *carregos* do peixe, ou para a estação mais proxima, ou para as terras onde sabem encontrar prompta venda. Nas outras quadras do anno não é menos abundante a pesca na bacia de Seixas; o roballo, a tainha, o linguado, a solha e outras variedades fornecem um grande contingente para a exportação, e por isso a qualquer hora se vêem sulcando a ria numerosos barcos, entregues a essa labutação.

Os transportes fluviaes no Minho são ordinariamente feitos pelos barqueiros de Seixas, e estes são tambem os que se occupam na travessia entre os caes portuguezes e a Passagem, logarejo da margem gallega, d'onde segue a estrada para a Guardia, villa muito importante pelo seu commercio. Para attestar o seu viver ribeirinho ahi tens ainda sobre os fulvos areaes as rêdes estendidas, e os numerosos barcos encalhados; e além, na agua, aquelle grupo de traquinas, alegres na sua nudez paradisiaca, nadando voluptuosamente em compita com um plumitivo bando de patos, que as vagas embalam na doce agitação do seu marulhar.

Uma outra prova.

—Vês ali, quasi sobre a estrada, o alegre campanario de S. Bento? Pois todos ou quasi todos os maritimos d'aqui estão filiados na irmandade que administra o sanctuario, e um dia ou uma noite do anno ha, em que todos trabalham gratuita e zelosamente para lhe ceder o producto d'essa pesca. A compensação está apenas na sua religiosa crença, e, quando muito, na alegria das folganças, que as duas romarias e feiras de S. Bento, em 21 de março e 11 de julho, trazem a todo o povo da freguezia!

Afóra esta capella, ha em Seixas mais quatro e vem a ser a de *S. Sebastião, Senhor da Boa Morte, Santo Adrião* e *Senhor da Consolação*. A matriz é modesta, embora aceiada, mas de pequeno ambito em relação ao povoado. Seixas, apesar de muito viver a vida da borda d'agua, é egualmente laboriosa na terra. Os seus naturaes são habeis trolhas e estucadores, e para exercer esta profissão emigram não só para as outras terras do reino, como para a Galliza e Brazil.

A agricultura não é desprezada; e sob o ponto de vista industrial podem mencionar-se dois fornos de cal, uma fabrica de phosphoros de cera, uma de chocolate e outra de sabão. Tem sub-delegação de correio e alfandega, talhos, lojas de mercearia e capella, padarias, etc.

Uma nota agradavel.

Em 1874 foi instituida uma escola para meninas, e o bizarro filho da terra, o ex.^mo sr. Manuel João Baptista, não só forneceu toda a mobilia, como se prestou a pagar a renda da casa durante dez annos. Em conclusão, Seixas, a pittoresca povoação da ribeira Minho, progride notavelmente e conta bellos elementos de prosperidade.

Transpondo-se o tunnel da via ferrea, ou seguindo mesmo a pé pela estrada real da margem, uma das mais deliciosas da provincia, está-se dentro de poucos minutos na fertilissima veiga de *LANHELLAS*, e ou se chegue pela estrada, ou pela via ferrea, chama logo a attenção do *touriste* um pequeno mas elegante solar antigo, que sobre a margem do rio se levanta. Era o solar dos Abreus de Merufe e é hoje propriedade e residencia

do sr. Camillo de Sá. O povo chama-lhe a casa *da torre,* justificadamente, visto que uma torre ameiada fórma a parte mais saliente e notavel do edificio. Das casas para o rio segue um mirante de cantaria, terraplenado, onde se vêem umas larangeiras que a tradição diz terem sido mandadas plantar pelo virtuoso arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, que n'este solar vinha, durante o verão, descançar dos seus arduos trabalhos pastoraes.

O ultimo possuidor d'esta casa foi, em linha recta, D. João de Sá e Menezes. Depois houve demanda renhida entre Pedro Lopes de Azevedo, como parente proximo e D. Quiteria de Sá Menezes, como bastarda. Venceu esta e era proprietaria em 1747. O pae do actual possuidor era o sr. João de Sá, da casa da Ameosa, formado em direito e corregedor de Valença. Á casa pertence a capella de Santo Antonio, onde estão sepultados alguns dos seus antigos senhores.

A freguezia tem mais, além d'esta capella e da egreja matriz, as de S. Martinho, que foi, segundo a tradição, a primitiva egreja parochial, e que se divisa do rio, branca de neve, no alto da collina; a de S. Sebastião, a de Nossa Senhora da Graça e a de S. Gregorio, na falda do monte de Goyos, rodeada por um gracioso jardim murado, e pertencente á ordem terceira de S. Francisco; é muito concorrida pela devoção d'aquelles povos.

Os Lanhellenses trazem na tradição a fama de valentes e por sem duvida a teem repetidas vezes justificado; ainda na revolta popular de 1846 formaram uma companhia de voluntarios, que deu que fazer ás tropas regulares, em marcha de Valença para Caminha. As tentativas de Soult para atravessar o Minho foram em grande parte frustradas pelos filhos de Seixas e Lanhellas. Do que foram estes bravos em 1640, ainda hoje resa a inscripção d'um quadro a oleo, que figura na egreja matriz, e que representa S. Jorge — a cavallo —, e barcas cheias de gente pelejando, tendo por fundo o monte, em cujo cimo se vêem uns espectadores do combate, que a tradição diz serem os de Soppo e Villar de Mouros, que não quizeram coadjuvar os Lanhellenses na patriotica empreza de bater os gallegos. Por este procedimento os de Lanhellas não lhes permittiram por muitos annos o entrar na sua egreja, nem consentiram casamentos nas duas freguezias.

A inscripção resa assim:

«Esta imagem de S. Jorge mandaram fazer os moradores d'esta freguezia de Lanhellas, pela victoria alcançada do inimigo gallego; e Sua Magestade, o rei D. João IV, fez mercê de libertar do tributo da decima a este povo; e succedeu a victoria aos 27 de abril de 1644.»

A este facto se refere a *Historia de Portugal restaurado,* no livro 8.º, pag. 485, cuja noticia termina por dizer que se «*retiraram com perda (como se affirmou) de mais de 600 homens; ficaram 50 prisioneiros, entre elles um sargento maior e quatro capitães de infanteria.*» Era provavelmente um d'esses o capitão Toro ou *Trorão,* a que a tradição se refere por dizer arrogantemente que «*lo que mas sintia era quedar prisionero de unos villanos.*»

As tradições da força physica vem para os Lanhellenses de mais antigas epochas e era costume seu, em occasiões de festas em Vianna, irem luctar com os d'aqui, ficando muitas vezes vencedores. Vê tu, meu intelligente leitor, se não ha n'estas tradições ainda tão vivas do valor e da força, o vestigio claro d'esse primitivo genio celta, cujas qualidades a hereditariedade tem transmittido até nós.

Do genio celta dissemos, mas bem póde admittir-se, perante as provas que vamos patentear aos olhos do leitor, que além d'esse povo, historico já, ascende a antiguidade de Lanhellas. É o que se demonstra entrando na freguezia de *VILLAR DE MOUROS* pelo contraforte do monte de Goyos, em cujo cimo alveja a capella da Senhora do Crasto.

Vê o leitor aquella massa granitica, esboroada ainda recentemente pelo ferro e pelo fogo dos nossos pedreiros modernos, e d'onde foi extrahida toda a cantaria para a ponte internacional sobre o Minho? Pois bem; n'esse mesmo logar, durante a epocha da prehistoria, que os archeologos denominam a *edade de bronze,* os nossos ascendentes trabalharam egualmente o granito com os seus machados primitivos.

Em nosso poder possuimos o original da presente gravura e que mede 24 centimetros.

A lenda dos Mouros, talvez a que deu o nome á freguezia, não falta para envolver na sua nevoa a obscura historia d'estes logares; um ou outro facto isolado vinha mesmo fazer suppôr que n'essa porção do monte de Goyos existira uma povoação primitiva; mas, pelo menos que nós saibâmos, só desde este momento se póde affirmar, e somos os primeiros a fazel-o, que essa povoação attinge a *edade de bronze,* porque só tambem desde 1884 é que um achado importante veio illuminar essa treva lendaria.

Em uma das excursões que fizemos pela provincia, soubemos que o

CAMINHA — *Desenho do natural por João de Almeida*

pedreiro Casimiro José Eiras, de Lanhellas, encontrara a tres kilometros do rio, no monte da Senhora de Crasto, alguns objectos de bronze. O nome de Crasto fez-nos a principio suppôr que se trataria d'algum objecto de ornato do tempo da dominação romana; mas assim que vimos o primeiro d'esses objectos na mão do sr. Leopoldo Curty Gomes, de Valença, e que podémos alcançar um outro, todas as nossas duvidas desappareceram, porque eram incontestavelmente os typos dos formosos machados peninsulares da edade de bronze, que tinhamos sob nossos olhos. E, francamente, experimentámos um delicioso prazer em poder illustrar uma das paginas d'este livro com o desenho de um d'elles, e comprovar assim o que na introducção houveramos avançado, apenas sob indicação estranha.

Encontrou o individuo a que nos referimos uns dez, mais ou menos bem conservados, e com elles fragmentos de fundição do mesmo metal, de que possuimos um exemplar e que evidentemente parecem demonstrar, que devéra ser ahi mesmo, ou perto d'esse ponto, o sitio onde se procedeu á operação da fundição. [1]

A descoberta d'esses machados vem trazer mais uma prova á existencia da edade de bronze em Portugal e o seu typo confirmar as idéas, que o sr. Possidonio da Silva expendeu no Congresso anthropologico de 1880, isto é, que os machados de duas ansas revelam o producto d'uma industria particular á peninsula. Que elles revelam tambem uma certa superioridade artistica da raça que habitou o norte do nosso paiz, sobre a que habitou o sul, dissemol-o já na introducção d'este livro e não temos senão a confirmal-o agora. O typo é realmente distincto dos machados até hoje encontrados no Alemtejo e ainda mesmo no resto da Europa, cujos museus aliás possuem poucos exemplares. Teremos occasião de apresentar no decurso d'este trabalho novos specimens encontrados em outros pontos do Minho, que são pelos archeologos desconhecidos ainda.

Este fortuito achado é altamente importante para a vida prehistorica do nosso paiz e por isso nos comprazemos em o rodear de todas as noticias que possam interessar. Foi, como já vimos, a uma distancia de 3 kilometros do rio, que os machados foram encontrados, n'uma pedreira do monte de Crasto, commum a Lanhellas e Villar de Mouros. O nome de

[1] Goyos, o nome do monte, será uma corrupção dos Gnomos das lendas, habitantes das cavernas, d'onde só sahiam pela calada da noite, e com quem os camponezes trocavam a pão os instrumentos de metal, que esses anões fabricavam? Estes fundidores seriam uma raça fixa, ou porventura nomada, como aquella de que falla Herodoto, vinda da Asia, e que ainda na edade media tanto frequentava a Europa? Problemas que o leitor estudará, se quizer, e onde talvez encontre os velhos *ciganos* odiados e perseguidos e—approximação hereditaria curiosa!—os *caldeireiros* ambulantes que ainda hoje percorrem as aldeias.

crasto indica uma povoação romana, e para acreditar é, que n'esse mesmo ponto coexistam os traços evidentes de duas civilisações antiquissimas.

Julga-se que a epocha do bronze foi relativamente de curta duração na peninsula, e que a ella succedeu o conhecimento do ferro, trazido pelas primeiras invasões romanas. Lanhellas e Villar de Mouros deveram ser, pois, um ponto em que esse conflicto de civilisação se fez sentir, e não só a tradição anda ligada á historia d'esse monte, como ainda os objectos por ali encontrados fazem suppôr, que existiu n'elle um centro metallurgico importante. J. A. d'Almeida narra no Appenso do seu *Diccionario chorographico,* que «no monte do Crasto ha vestigios de fortificação; e buscando-se uma pequena fonte que havia na raiz d'elle e diligenciando-se augmentar-lhe a agua, encontraram os aqueductos e no fim uma especie de cisterna, que não desentulharam; a maior parte dos canos e a cisterna são abertos na rocha; junto da cisterna viam-se alicerces de casas, signaes de minas, pedaços de *vasos de fundição,* fragmentos de *bronze,* etc.»

Quem lêr no *Compte-rendu* do Congresso internacional de anthropologia e archeologia de 1880, a memoria do sr. Possidonio da Silva sobre os *machados de bronze achados em Portugal,* memoria discutida por homens do merito de Fondouce, Hildebrand, Chantre, Mortillet, apreciará no seu muito valor estes importantissimos documentos da nossa vida prehistorica e poderá avaliar da superioridade intellectual d'essa raça, que na peninsula formou a transição entre a edade neolithica e a de ferro, e foi a nossa gloriosa ascendente.

Quanto a nós, sem tempo nem sciencia para entrar na discussão de tão interessantes assumptos, limitamo-nos a enunciar estas questões, felizes por podermos prestar aos eruditos elementos de valioso estudo, e que teem de ser d'ora ávante uma como que estação obrigada para todos aquelles que pretendam estudar a prehistoria da peninsula.

Continuando na descripção da freguezia de Villar de Mouros, em cujo perimetro entrámos pelo terreno do monte da Senhora do Crasto, temos a notar junto da mesma serra a capella do Calvario, feita á custa da irmandade dos Passos, instituida no anno de 1713 pelo padre Domingos Pereira Barreto; visitar a egreja parochial, sagrada pelo arcebispo D. Fr. Balthasar Limpo e construida em 1553, como consta da inscripção existente na parte exterior da sacristia, onde tambem se vêem duas antigas esculpturas em medalhões, que o povo diz representarem Adão e Eva, mas que naturalmente representam os doadores; e atravessar finalmente a formosa ponte de tres arcos sobre o Coura, para descançar um pouco debaixo das sombras frescas do terreiro, que embellesa a capella de Santo Amaro, onde nos dias 28 de todos os mezes se effectua uma boa feira.

Proximo d'este ponto existia outr'ora uma torre, que o povo attribuia aos Mouros, mas que naturalmente era coeva do coutado de Villar de Mouros. Desmoronada, foi parte da sua pedra para a construcção da ponte velha de Caminha, e sobre a outra se edificou no mesmo sitio a escola primaria da freguezia.

Villar de Mouros foi, como dissemos, couto e muito privilegiado, sendo-o já antes da monarchia, por doação feita ao bispo de Tuy, D. Jorge, pelo rei D. Garcia, como suffragio de alma por seus paes. Á mesma sé

Caminha: Entrada da ponte velha — Desenho do natural por João de Almeida

e ao bispo D. Affonso renovou a doação D. Thereza e seu filho Affonso Henriques, em setembro de 1125.

Seguindo a estrada municipal, que atravessa o Coura sobre a ponte que já mencionámos, e que vae por emquanto morrer em *ARGELLA*, nós vemos sobre a esquerda no declive da montanha, um pelotão pittoresco de moinhos, que uma levada d'agua vinda da serra d'Arga faz mover. É a chamada *fonte* ou *levada do solar*, por ter sido o fidalgo Lourenço da Gama e Andrade que á sua canalisação mandou proceder.

Argella tem uma agradavel situação sobre tres collinas e de lá se avistam muitas terras de Portugal e Galliza, a barra, a Insua e o Oceano. É já uma povoação da serra d'Arga, a *montanha santa*, cujos alcantis anilados se recortam no horisonte limpido, escondendo entre as suas urzes as parochias serranas de S. João d'Arga, Arga de Baixo e Arga de Cima.

A *montanha santa* — escrevemos — e tal é a piedosa denominação que o povo lhe dá hoje ainda, não esquecendo a tradição viva das nume-

rosas casas de oração e eremiterios, que povoavam as encostas da serra, a existencia dos anachoretas que a sós viviam com aquella natureza agreste em cabanas rusticas ou grutas subterraneas, os penitentes cujas ossadas repousam n'um ou n'outro ponto da montanha, onde o ascetismo e a austeridade dos cilicios os houveram porventura prostrado.

E que logar para estar face a face com o Deus invisivel não é essa alcantilada serra, onde as aguias vem fazer os seus ninhos e onde os lobos uivam os seus cantos de amor e de guerra! As aguas mugem pelas ravinas abaixo, os penhascos eriçam as armaduras sombrias, as arvores gemem melancholicamente a tristeza da sua soledade, e quando o espirito se tenta librar por sobre essa vastidão de horisonte que nos fica debaixo dos pés, a urze triste e humilde parece levantar-se dizendo: — Como tu es pequeno.

E da pequenez dos esforços do homem dão realmente prova essas ruinas e vestigios de povoações extinctas, que por toda a serra se encontram.

«Ha fortes razões para acreditar — diz Pinho Leal — que a serra de Arga é o *Medullio* dos antigos, em cujas faldas existiu a cidade de *Benis,* proximo do ponto de juncção dos rios Minius e Benis, Minho e Coura, talvez no sitio de Villarelho ou mesmo Venade, suppondo-se que o rio derivava n'esta epocha pelas abas do monte de Santo Antão.» Fosse ou não, o que ella teve com certeza foi esse caracter de montanha santa que lhe descrevemos, e a prova, além do que dissémos já, consiste na existencia actual das suas capellas de S. João d'Arga, de Santa Justa, acima das ruinas do castello da Formiga, e á qual os casados infecundos levam frangos ou frangas brancas para conseguir filiação, nos conventos d'Arga, no de Cabanas, no de Bulhente (em Gontinhães), no de Valle de Pereiras, etc.

Em um cabeço da serra devia tambem existir o mosteiro *Maximo,* da Ordem de S. Bento, fundação do seculo VI, visto que ainda em 1026 D. Fernando de Leão d'elle falla na sua *Divisão dos condados: «Praeter contum illud magnum, quod Reges olim diderunt Monasterio Maximo, sito in illo altissimo monte Agra.»* Hoje, porém, ignora-se onde foi a sua situação e qual foi tambem o seu fim.

As freguezias serranas, que já enumerámos, são por sua orientação norte-sul: *S. JOÃO D'ARGA,* desabrida e pobre, colhendo apenas algum centeio, milho grosso e meudo, castanhas e pouco linho, e apascentando nos platós da serra os seus gados, platós com magnificas pastagens, visto que dos Arcos traziam antigamente os gados para estes sitios, pelo que pagavam ao alcaide-mór de Caminha um vintem por cabeça.

Houve em S. João d'Arga um mosteiro de benedictinos, que alguns escriptores presumem ter sido fundação do rei Sisebuto I, outros de S. Fructuoso, arcebispo de Braga. Em uma padieira encontra-se a era de 661, que vem a ser 623 de Jesus Christo; mas como n'esta epocha era rei dos Godos Flavio Suintilla, parece que a Sisebuto se não póde attribuir a fundação do mosteiro. A' egreja do convento concorre ainda o povo em romaria nos dias 6 de maio e 24 de junho, levando *clamores* de diversas freguezias.

Junto á egreja estava a sepultura terrea d'um monge, que Fr. Bartholomeu dos Martyres mandou cobrir com pedra, para evitar talvez a superstição, que já n'esse tempo existia, de que todo o animal que sobre ella passasse, quebraria as pernas.

Em 1346 o mosteiro conservava-se com abbadia e monges; e nos meiados do seculo XVI passou a ser abbadia secular, embora nas bullas de reforma de Xisto V se ordenasse, que a Ordem tomasse de novo conta d'elle, o que não se verificou. O padroado foi depois dos marquezes de Villa Real e mais tarde do Infantado.

A capella de Santa Aginha, que existe na serra, e que alguns dizem ter sido a primitiva parochia de Santa *Eugenia*, d'onde a corrupção para *Aginha,* tem a attrahir-lhe a concorrencia dos romeiros uma lenda curiosa que em poucas palavras contaremos.

Aginha era um salteador da serra, temido a ponto de lhe ser posta a premio a cabeça. Um monge houve, porém, que o converteu, e como penitencia lhe impoz soccorrer os viandantes, nos pontos onde até ahi os assaltava. O primeiro a receber o auxilio do convertido foi um lavrador, a quem n'uma passagem difficil se tombara um carro de matto; mas o lavrador que via rostos e não via corações, desconfiou de tão amavel e santa sollicitude e, como quem atira a segurar, mandou-o para a eternidade com uma boa pancada na cabeça, e foi logo noticiar o facto como de alegria para o povoado, dispondo-se a receber o premio. Vieram as justiças verificar o obito, — e aqui o miraculoso successo, — o corpo estava incorrupto e exhalava de si um suavissimo cheiro... de santidade! Os milagres, é claro, succederam-se uns após outros e hoje ainda ao salteador convertido o povo vae fazer romagem, tendo a devoção de trazer da sua ermida uma pouca de terra, com que imagina curar as intermittentes.

De proximo d'esta capella desce para junto do caminho que conduz á Castanheira, um regato, que tem de curioso, n'um ponto do seu curso, um profundo poço, ou olho d'agua, onde esta apresenta o azul escuro das grandes profundidades e revoluteia em cachão.

A Castanheira é já pertencente a *ARGA DE BAIXO*, uma fregue-

zia pobre e humilde como a antecedente, sem ter sequer a sua historia e tradições. Foi curato do abbade de Covas, sendo metade dos dizimos para o abbade e outra metade para dois prestimonios.

Confina com a freguezia de *ARGA DE CIMA,* talvez das tres Argas a mais desabrida e fria, a mais humilde e sertajena. Era vigararia da apresentação das freiras de Santa Anna de Vianna, tendo o vigario 13$000 réis de renda e o pé d'altar. Um verdadeiro ninho para aguias, que nós temos de abandonar á sua solidão agreste, afim de descermos a serra nas suas vertentes sobre o Coura, atravessarmos Argella, já nossa conhecida, e seguirmos a estrada marginal, que nos ha de conduzir a Caminha, fazendo-nos primeiro atravessar *AZEVEDO,* povoação que em tempos antigos era no sitio onde hoje se vê a capella da Senhora das Barracas, em cujo perimetro podem ainda observar-se ruinas de habitações.

Azevedo formava com Ville, Riba d'Ancora e Gontinhães a antiga freguezia de Valle d'Azares, que depois se chamou Villar d'Ancora e actualmente Ancora. Essa fusão é, porém, remotissima e o que mais se póde acreditar é que Azevedo e Ville formaram uma só freguezia, cuja matriz era S. Pedro de Varaes, situada em um vallesito entre as duas, e que pouco a pouco foi cahindo em ruina, tendo sido depois d'isto pomo de litigio entre os de Azevedo e os de Ville, visto que os primeiros queriam reedifical-a e tomar posse, e os segundos não annuiam a esse desejo; venceram os de Azevedo e tanto a jurisdicção da capella como a propria imagem de S. Pedro, que fôra recolhida em Ville, lhes foi, desde essa data, confiada. A tradição diz ter havido um convento de benedictinos em Azevedo, da invocação do Salvador; Pinho Leal diz, porém, que não encontrou vestigios d'elle e que é provavel houvesse confusão com o mosteiro de Bulhente, que ficava proximo.

Contigua a Azevedo fica sobre a margem Coura a freguezia de *VENADE,* de que foram donatarios os marquezes de Villa Real e depois a casa do Infantado. Mais diz a tradição, que o primeiro padroado de Venade fôra feito a uma lavradeira da freguezia pela duqueza de Caminha, a quem a camponeza convidára para comadre.

A egreja matriz, de tres naves e bem conservada, é bastante antiga, ignorando-se mesmo a epocha da sua construcção primitiva; a sua situação no centro da freguezia domina uma deliciosa paysagem de ferteis veigas, que o rio Coura cobre e anateira nas grandes cheias do inverno. Entretanto, leitor amigo, eu recommendo-te para garantia da tua pelle, que não faças aos de Venade perguntas insistentes sobre a sua egreja, e muito especialmente sobre... sobre os badalos dos sinos da sua torre.

É uma alta questão de politica local, uma verdadeira questão de *cam-*

MATRIZ DE CAMINHA — *Desenho do natural por João de Almeida*

panario, que tens pela tua frente. Um grupo de devotos promoveu em 1884 uma festa á Senhora dos Remedios, que teve de ser addiada por algumas contrariedades; pensaram outros em promover nova solemnidade, mas o capricho ou a politica, — até n'isto vae entrar a dilecta dos gabinetes, — fez surgir difficuldades, que os festeiros venceram com tenacidade e empenho. Tudo estava, pois, disposto para a solemnidade, quando o grupo hostil, duas noites antes da festa, se lembrou de assaltar a torre e fazer desapparecer os badalos dos sinos, para que ella não podesse ser annunciada! O grupo festeiro clamou pelos badalos e resolvido a não addiar a festa mandou vir outros d'uma egreja proxima. Na vespera, de noite, os filhos prodigos voltaram, porém, ao campanario e repicaram a valer, annunciando a festa. A propria justiça viu-se em pancas por causa da questão dos badalos, chegando a ir levantar o auto competente. Data d'essa occasião para Venade a acalorada questão dos seus badalos, que o viajante tem de respeitar, se não quizer conhecer de perto a rijeza de pulso de qualquer venadense menos soffredor.

E são corajosos e valentes os de Venade, haja cautella! Os rochedos da Insua, que alugam para a apanha do *argaço,* as tempestades da costa que affrontam destemidos, as luctas tantas vezes cruentas com os guardas da fiscalisação, provam-o de sobejo. Cautella, cautella, pois, com os badalos de Venade!

Além da matriz existem na freguezia duas bonitas capellas particulares; a do Senhor do Soccorro, e a da Senhora do Loreto na quinta d'este nome, pertencente ao barão de S. Roque.

Passando na casa de campo de Vallinho, propriedade do dr. João Xavier Torres, vê-se tambem uma outra capella em forma de polygono, que não está aberta ao culto. Pertence já ao termo de *VILLARELHE,* freguezia que vem constituir parte da villa, e cujo nome *villa-velha* parece confirmar a opinião d'aquelles que a reputam a antiga séde de Caminha, pelo menos antes da reedificação d'esta pelo cavalleiro gallego Caminio. A egreja parochial, ou *egreja velha* teria sido assim a primitiva matriz da villa e a fonte chamada da *Urraca* diz-se possuir tal denominação do nome d'uma princeza, cujos paços eram contiguos.

Villarelhe, mais ainda que Venade, fica n'uma situação deliciosa á margem Coura e tão proxima, tão proxima da Estação do caminho de ferro, que junto da gare sacudimos o pó d'esta jornada pela serra, para visitarmos o que nos falta de Caminha e das suas freguezias do sul.

*
* *

Se, ao entrar na villa, perguntares pelo que de mais interessante existe ahi para se vêr, respondem-te desde logo e com justiça:

—A matriz.

É na verdade o mais bello monumento de architectura manuelina que se encontra na provincia e muito digno por isso de ser visitado. Principiou a sua construcção a 4 de abril de 1480 sob o reinado de D. João II, á custa da camara e esmolas do povo, subsidiando-a mais tarde D. Manuel, pelo que alguns julgam o templo fundação d'este monarcha. Levou 68 annos a edificação, visto que só em 1548 estava a torre concluida. Estas datas são reputadas as mais exactas, embora J. A. de Almeida diga que a construcção principiou em 1448 e terminou em 1516, o que é inverosimil visto que em 1448 ainda não reinava D. João II; Pinho Leal affirma que a sua conclusão teve logar em 1500 e Vilhena Barbosa inclina-se tambem para esta hypothese, dizendo que D. Manuel concorreu com largas esmolas para o seu acabamento, logo depois da sua acclamação em 1495. O sr. D. Antonio da Costa fundando-se n'um manuscripto particular escreve «que a primeira pedra foi lançada em 10 de março de 1528 na presença do bispo de Elvas D. Antonio Mendes, o qual gratificou os officiaes com a quantia de um vintem para fructa e vinho.»

O edificio é todo de boa cantaria e occupa uma area de 520 metros quadrados, sendo a porta principal e travessa, cimalhas, janellas, torre, etc. ornamentadas de elegantissimos lavores, segundo o estylo rendilhado da epocha manuelina. Na platibanda, primorosamente trabalhada, vêem-se voltadas para a Galliza duas gotteiras curiosas, em uma das quaes a phantasia do artista se lembrou de representar uma figura em tão extravagante posição de cocoras, que ao vêl-a difficilmente se póde conter o riso, sabendo-se, de mais, a intenção patriotica que presidiu á concepção do estatuario. A porta travessa do sul diz-se ter sido feita pelo biscainho João de Tolosa, em rivalidade com o mestre que construiu a porta principal. Esta é pelo menos a versão a que dá curso o sr. Figueiredo da Guerra no seu livrinho intitulado «*Guia do Caminho de Ferro do Minho.*» Outros dizem, porém, que João de Tolosa foi o mestre de toda a obra, ficando, em tal caso, na obscuridade o nome do artista que executou a porta travessa, um bello trabalho ornamentado de formosos lavores. O tecto da egreja, apezar de modernamente restaurado, é uma preciosidade artistica, onde o viajante não cessa de admirar a prodigalidade de talha que fórma os florões dos enquadramentos da abobada, diversos na con-

cepção, eguaes na delicadeza do lavor. Nas sachristias, no côro, no orgão, nos pulpitos, nos altares das capellas, ha muito que vêr e admirar, e se tudo omittimos para não ser fastidiosos, uma excepção abrimos para o formoso sacrario, cujas faces ou portas girando sobre um rodizio mostram em delicadissima esculptura os passos da Paixão de Christo.

Das capellas existentes no templo a mais notavel é por sem duvida a do Senhor Jesus dos Mareantes, onde a imagem do *Ecce Homo,* primorosa esculptura que a tradição diz ter vindo de Inglaterra, attrahe a devoção do povo caminhense, especialmente do que se dedica á profissão do mar. No anno de 1539, diz a lenda, quando os lutheranos do norte mais se enfureciam contra as imagens, foram uns pescadores lançar as suas redes ao mar e ao recolhel-as viram que eram por ellas arrastado um vulto de enormes proporções, sobre cuja superficie mal se distinguiam os limos e as conchas dos inoffensivos mariscos. Em face d'aquelle monstro marinho assim creado pela imaginação apavorada, encheram-se de susto os pescadores, não se atrevendo a investir com elle; a curiosidade vence, porém, muitas vezes o medo e como observassem que o monstro se não mexia, animaram-se a arrastal-o para a praia.

O monstro... era um simples caixão! *Risum teneatis, amici,* que o caso não fica ainda n'este episodio do terror.

—O que tem o caixão?

Abriu-se e a surpreza invadiu logo os espiritos.

—Milagre, milagre—clamaram unisonamente, ao vêr o conteudo.

Perante os seus olhos, surprehendidos pelo pasmo, uma esculptura de Christo sobresahia, na côr macilenta da sua carne, d'entre a lhama de oiro e prata das sedas magnificentes d'uns paramentos pomposos. Ao lado, dois preciosos calices de prata dourada indicavam o fim que os pescadores deviam dar a tão precioso achado. Instituiu-se desde então o culto e ainda hoje esses paramentos figuram nas principaes funcções da privilegiada irmandade dos Mareantes. O tempo não tem arrefecido a devoção dos pescadores de Caminha, e a festa do Senhor Jesus dos Mareantes é ainda uma das mais pomposas da villa, tomando n'ella a parte principal a gente de profissão maritima. É mesmo de uso que sejam nomeados mordomos dois rapazes pescadores que entram na maioridade, e por essa occasião fazem elles um fato completo—o fato de vêr a Deus—que apparece só nas grandes solemnidades da sua vida.

A devoção pelo Senhor Jesus não impede ainda assim que os caminhenses vão depositar o seu obulo aos pés do S. Christovão giganteo, que logo ao entrar a porta nos apparece vestido com a sua grande tunica vermelha. A nossa gravura representa-o fidelissimamente.

Os ovos e os bolos de trigo não faltam ao santo, mas os devotos, em compensação, devoram com beijos as suas colossaes plantas e trazem d'ahi umas rasuras milagrosas para curtir sezões ou para combater o fastio, a ponto de ser necessario reconstruir de quando em quando, segundo o sachristão nos informou, as plantas da mutilada imagem. O curioso é que dando ao santo os bolos de trigo, são os proprios devotos que os comem, porque a usança está em que seja o *primum capiens* o legitimo possuidor do bolo, succedendo por isso muitas vezes que o offerente vae feito já com um amigo para este apanhar o bolo, apenas seja depositado sob o saial escarlate do santo.

S. Christovão de Caminha — Desenho do natural por João de Almeida

E não poder este desancal-os com a vara que empunha nas suas formidaveis mãos!

Mas era bom, Christovão, diz a lenda — são sempre bons os fortes — e d'ahi a sua benevola indifferença para com os piedosos patifes, que não se limitando a mutilar-lhe os pés, ainda por cima o ludibriam.

É tempo de continuar com a visita de Caminha.

Deixando a matriz e tomando pela rua Direita, a unica que excepcionalmente conhecemos digna de tal nome, e onde se podem observar algumas frontarias de predios antigos com as janellas e portas rendilhadas, achamo-nos em breve no bello Terreiro, hoje Praça Municipal, que a nossa gravura representa, aformoseado não só pelos melhores edificios da villa, como pelo elegante chafariz que lhe fica ao centro, concluido em 1865. N'essa praça estão egualmente situados o correio e telegrapho, a casa da camara, a egreja da Misericordia fundada em 1551 e a torre do Relogio, que é ainda um resto da primitiva fortificação da villa.

Sahimos depois para o convento de Santo Antonio por uma rua lateral, extensa e tortuosa, mas de sobejo somos compensados da fadiga pela belleza d'esse panorama esplendido, que do alto do baluarte se desfructa.

Cedo a minha palavra pallida de colorido á formosa descripção que D. Antonio da Costa faz d'esse ponto pittoresco:

«Aqui estamos no alto. Á esquerda o Oceano a roncar. Em nossa frente, na margem da Galliza, a colossal e recortada montanha de Santa Tecla, de effeito ainda mais imponente por ficar entre duas planicies, toda verdejante na falda, no cimo ouriçada e silvestre. Na mesma frente o rio Minho em toda a sua largura a desaguar na sua foz. Na margem portugueza, defronte da montanha de Santa Tecla, Caminha, a candida, beijada pelo Minho, e beijada tambem, á sua direita, por outro rio, pelo Coura, que ali mesmo vem misturar-se no Minho. Na outra margem do Coura, sobre uma collina em amphitheatro, em cuja altura ondeada ha uma linha phantasiosa de pinheiros, reclina-se a aldeia de Seixas em grupos de casas escuras por entre vegetação. Caminha, d'este lado do Coura, deitada em leito alvissimo, fresca, singela, como que a dizer para Seixas: sou a formosura. De lá, Seixas reclinada voluptuosamente, trigueira, enfeitada, respondendo a Caminha: sou a provocação. Fechando o circulo que principia no mar e segue por dois rios e quatro margens até acabar tambem no mar, a extensão extensissima, com arvoredos, povoações, casaes, moinhos; nos extremos as serras esfumadas e todo este panorama soberbo de grandeza e opposições, de mais a mais visto do alto, em despovoado, no silencio da solidão.»

O convento de Santo Antonio, de frades capuchos, foi em 1618 fundado por D. Miguel de Noronha, marquez de Villa Real e pae do primeiro duque de Caminha, ambos degollados por traidores á patria no Rocio de Lisboa a 29 de agosto de 1641, data que assignala a extincção d'esse ducado em Portugal.

E visto que assim *currente calamo* fallamos n'essa familia, aproveitamos o ensejo para recommendar aos eruditos uns curiosos folhetins, que sob o titulo *Caminha no passado* escreveu o nosso velho amigo dr. Ladislau de Moraes no seu jornal *O Noticioso,* de Valença, folhetins em que se traça a genealogia dos ascendentes d'essa casa, que foram tambem os primeiros donatarios e alcaide-móres de Caminha.

Pelo que diz respeito ao ponto de vista do presente trabalho, mencionaremos apenas que o primeiro conde de Caminha foi, por mercê de D. Affonso V, Pedro Alvares de Sotto Mayor, fidalgo da Galliza, que esteve ao serviço d'aquelle soberano; e que Filippe IV de Hespanha, durante o seu dominio em Portugal, fez duque de Caminha a D. Miguel de Menezes, primogenito dos marquezes de Villa Real cujo desgraçado fim assignalámos já.

Além d'esse convento um outro existe em Caminha, ao fim da rua

da Misericordia. É de freiras franciscanas e foi em 1561 fundado por D. André de Noronha, bispo de Portalegre, que tinha sido abbade da freguezia de Caminha. Actualmente ainda existe e vive dentro d'elle uma unica freira, a cuja sciencia de confeitaria a nossa guloseima teve a ingenuidade de recorrer, para soffrer a triste decepção de ouvir a feminina voz da rodeira declarar:

—Que já se não faziam pasteis no convento.

—Outros tempos!—e então que eram deliciosos os *papos de anjo* ou *pasteis de Santa Clara,* lembrava a tradição viva do nosso paladar.

Além d'estes templos principaes, que temos succintamente passado em revista, Caminha possue ainda tres capellas, conhecidas pelas invocações de Senhora da Ajuda, S. João e Senhora da Agonia. Todas mais ou menos teem as suas festas religioso-profanas; mas a grande festa pomposa, a festa de luxo em Caminha, é a de Santa Rita, no 1.º domingo de agosto. Então sim, que o templo e as mulheres vestem galas, as ruas se engrinaldam de arbustos aromaticos, as musicas estrondeiam harmonias, os fogos scintillam reverberos de luz multicolor.

É sempre escolhido um orador sagrado de nome, e a banda marcial do 3 de Vianna ou do 7 de Valença vem deliciar os caminhenses. Fóra d'esses dias festivos ou da sua labutação no porto, Caminha tem o ar d'uma rapariga burgueza, que dorme a sésta. A gente vê as ruas silenciosas e as casas faiscando de luz, mas presume que ha um adormecimento de vida sob o largo roupão claro, que nos encobre as fórmas voluptuosas d'essa dormente. O viajante sente-se isolado e tem de pedir á poesia da agua uma nota da alegria que imaginava experimentar ao vêr de longe essa rapariga gentil, alva como a neve, banhando-se nas vagas dos dois rios.

E para fugir a essa nostalgia do claro, não ha como os meios de transporte que os alquiladores de Caminha nos podem offerecer. Indicaram-nos tres cocheiras e todas percorremos, mas as justiças da terra haviam tomado todos os trens de aluguer das duas primeiras para irem fazer uma vistoria a Villar de Mouros, de modo que só a terceira nos serviu! Talvez dissessemos com mais justiça, que fomos nós os que servimos os seus interesses, por isso que tivemos de pagar 1$000 réis para nos conduzir a Ancora e arrostar ainda por cima todos os perigos da traquitana, o que lhe dava uns certos fóros de garantia a favor da segurança futura dos que houvessem de aproveitar-se d'ella.

—O cavallo estava ainda no pasto—informava o Fomenica, o alquilador—mas era um instante em que se apparelhava e outro instante em que se chegava a Ancora.

Praça municipal de Caminha — Desenho do natural por João de Almeida

—A sege era aquella—dizia-nos convencido da sua utilidade—apontando para uma capoeira, já velha antes de ser pintada, os eixos oxidados, os vidros partidos.

Olhámos um para o outro e dissemos resignados:

—Seja!

E foi. Uma boa meia hora depois o triste lazarento recebia sobre as suas carnes maceradas o apparelho de cordas e pedaços de correia e arrastava-nos pelas ruas da villa, mercê dos dois chicotes do Fomenica, um typo á altura do seu trem, cachimbo oriental ao canto da bocca, jaqueta de varios pannos sobrepostos, e principalmente partidario decidido do elogio mutuo, visto que tão alto elevava as boas qualidades do seu cavallo.

Tivemos logo de parar no largo da Senhora da Agonia para compôr um arreio, e alguns passos adiante para concertar uma guia. Mas louvado Deus que achavamos em fim o verdadeiro carro da poesia romantica e podiamos analysar á vontade todos os pontos de vista do caminho. Se viessemos no comboyo, ha quanto tempo já teriamos transposto o tunnel, que nos ficava ali sobre a esquerda e galgado o espaço que nos distanciava de Ancora!

Assim, recebiamos ainda as sombras da formosa Alameda, ouviamos o ruido surdo do trabalho na Fabrica de moagens, á direita da estrada, e podiamos até, se foramos pintores, esboçar pacientemente esse pedaço de

barra que nos sorria além com o ceruleo das suas aguas, os moinhos da margem, as areias loiras, a ria serenamente singrada pelas velas quadrangulares, o monte de Santa Tecla, a prumo, como um gigante petrificado.

*
* *

Vagarosamente fomos atravessando o pinhal do Camarido, formosa matta nacional que o rei D. Diniz mandou semear em 1294, e tivemos tempo de sobra para vêr reclinada na encosta, como que erguida por uma ondulação da planicie, a freguezia de *CHRISTELLO,* a qual, como tantos outros pontos do concelho, póde reivindicar tambem para si a gloria de haver sido uma das primitivas povoações da peninsula. O povo chama ainda a alguns *carns,* que na freguezia se encontram destruidos, *cerrado dos mouros,* e sabe-se que esses monumentos significam uma origem prehistorica. Accresce que o nome de Christello indica tambem um *crastello* ou castro romano, e para confirmar que houve aqui uma povoação romana, naturalmente posterior a povoado mais antigo, ahi está ainda o nome de *Cividade* com que se designa o logar d'uma fonte da freguezia, conhecida tambem pelo nome de *Fonte das Feiticeiras,* como indicio de lenda, que cumpre não desprezar.

Meia hora depois de passarmos em frente de Christello, tal era a velocidade do trem, estavamos na pittoresca praia da freguezia de *MOLEDO.*

Não porque o valente rocinante precisasse descançar, mas porque era prudente dar-lhe folego, depois de tres kilometros andados, nós saltámos do alto da capoeira para ter o ensejo de abraçar um amigo velho, Illydio Augusto Barbosa Dias, que no seu *chalet* veraneava a estação com sua extremosa familia.

E depois elle é hoje uma das almas de Moledo! Proprietario no logar, a sua intelligente direcção e iniciativa vae dando á praia um aspecto de artistica elegancia; os *chalets* principiam a brotar da terra com os seus pequenos jardinsitos enflorados sobre a margem da estrada, e, alguns annos corridos, Moledo será uma praia encantadora, como hoje o é já pela convivencia familiar e despretenciosa dos seus frequentadores.

Eu disse que o meu amigo era uma das *almas* de Moledo; isto prova, que além das que a estatistica refere, outra ha, cuja iniciativa temos prazer de relembrar. Conhecem-a todos ali; é a do *Affonso,* o rei de Moledo, como chamam graciosamente a esse honesto trabalhador infatigavel, que tem pela sua terra adoptiva um amor enthusiasta, e que a tem fomentado com a sua iniciativa rasgada, com o seu trabalho indefesso.

Um dos passeios favoritos do banhista de Moledo é a Insua, aquella Insua que além está no meio do mar, fazendo-nos negaças com a cinzenta côr dos seus rochedos e das suas muralhas ennegrecidas! As gaivotas e os maçaricos, aos bandos, orlam as suas areias doiradas pelo sol e quem as vê de cá, imagina vêr uma formosa renda de Alençon sobre a cauda do vestido d'essa romantica, isolada ali, no seio das aguas, como a personificação da soledade.

Nós haviamos combinado com o nosso amigo um passeio a essa Insua, que tantas vezes viramos de longe, mas era preciso esperar a opportunidade do bom tempo, a opportunidade da maré, tantas opportunidades finalmente, que não tivemos remedio senão confiar-lhe a direcção d'esse passeio e addiar para mais tarde a realisação do nosso desejo. Por um instante pois, meu leitor amigo, addia tu egualmente essa visita, porque além na estrada o cavallo do Fomenica relincha sonoramente e escarva o *macadam* com a impaciencia d'um verdadeiro *pur-sang!* Provemos apenas o delicioso vinho verde do nosso amigo e narremos resumidamente o que ha de curioso em Moledo, porque nos espera a formosa praia de Ancora, a uma distancia de 4 kilometros, e precisamos, — vá a confissão triste da nossa fragilidade, — precisamos jantar, porque temos a certeza de possuir um estomago e mais ainda de o sentirmos a dar horas.

Além da egreja matriz, Moledo tem a capella de Santo Izidoro, com irmandade, da qual diz J. Avelino d'Almeida, que «por voto de fome ou peste, que lhe fizeram quatorze freguezias do termo e do de Vianna, faz doze procissões a doze freguezias, a que são obrigados a ir os parochos e clerigos n'ella moradores com as cruzes e um morador de cada casa, guardando o dia santo. Clemente VIII e Urbano VII concederam a esta irmandade muitos privilegios e indulgencias. Em 7 de julho tem em cada freguezia missa cantada; a camara de Caminha vem esperar a procissão junto ao convento das freiras; vão todos á matriz, onde o reitor tem obrigação de ter o Santissimo exposto; o arcipreste da confraria canta uma oração e a camara os acompanha até ao váo, embarcando só os da procissão para S. Bento de Seixas.»

Moledo, como Christello, deve ter sido tambem uma povoação antiquissima e provavelmente de origem celta; ha no monte do Facho vestigios de fortificação e a lenda chama a um penedo d'esse monte o *Sino dos mouros*, por imaginar que elle soa, quando lhe tocam.

Entre Moledo e Gontinhães a estrada segue sempre á beira-mar, n'uma inclinação que seria ligeira para qualquer outro cavallo que não fosse o do nosso extraordinario trem. Elle, porém, precisou parar diversas vezes e n'uma d'essas paragens aproveitámos nós, imaginariamente,

o ensejo para visitar, além do monte, a pequena e humilde parochia de *VILLE,* que em tempos remotos constituia uma só freguezia com S. Miguel de Azevedo, cuja matriz era S. Pedro de Varaes.

No picôto que se eleva entre o valle de Porneto e a bouça do Feto ha vestigios de fortificação e diz-se que um individuo ali encontrára uma moeda, que se reduziu a pó, apenas a esfregou. O sr. Martins Sarmento, distincto archeologo que muito de perto tem estudado o valle de Ancora, julga esse ponto uma povoação pre-romana.

O *Compte-rendu* do Congresso de anthropologia e archeologia reunido em Lisboa em 1880, diz que ha em Ville um dolmen, na aldeia de Santo. D'elle restam apenas duas das pedras que deviam formar-lhe o fundo; estava coberto por um monticulo, em cujo centro foi principiada a excavação que o poz a descoberto.

*

* *

D'esta vez é certo; passámos já a Estação do Caminho de ferro, o castello fica-nos sobre a direita, a estrada segue por entre formosas construcções modernas, a colonia dos banhistas passeia a sua digestão feliz, as raparigas do campo ostentam os seus costumes garridos, o realejo canta dentro das lojas de leilões, os cosmoramas ondulam á porta a sua cortina de chita vermelha, a assembléa joga o bilhar, as vendedeiras de fructas acantonam pelo largo, o Covas lê as cartas dentro do seu balcão immorredouro.

Não ha que duvidar, é a formosa praia de *GONTINHÃES,* a *praia de Ancora,* como vulgarmente se diz, enquadrando embora n'uma mesma denominação duas freguezias differentes, que o Ancora voluptuosamente beija quando se resolve a entrar no Oceano.

A *Lagarteira* é que é propriamente o logar onde fica a deliciosa praia, alegre como um sorriso do mar nas madrugadas de verão, fresca e viçosa como essas collinas verdes, atravessadas pelo Ancora, que formam toda a sua linha oriente-sul.

A paysagem do campo tendo por fundo o anil indistincto da montanha, d'um lado; a paysagem do mar tendo por linha a curva doirada dos areaes e o azul casto das ondas, pelo outro! Dá vontade de engastar n'um canto d'essa formosa planicie aberta á luz um pequenino *chalet,* onde as trepadeiras viçosas engrinaldem as largas janellas rasgadas sobre a paysagem, e respirar depois o embalsamado ar d'essa atmosphera pura, pensando um poucochinho na felicidade do descanço, quando o trabalho tem

sido para nós a lucta dia a dia e sem tregoa. Não só formosa Gontinhães, fertil e abundantissima tambem; para que o aprecies, basta correr o seu mercado diario no tempo de banhos, e assistir no *Portinho* á entrada das lanchas e *maceiras* de pesca.

A norte do Portinho levanta-se o desartilhado fortim de Gontinhães, mandado edificar por D. Pedro II em 1690, para defender a costa dos frequentes assaltos dos piratas africanos. Ha vestigios de fortificação mais antiga no sitio de *Venda-velha,* 400 metros a nordeste do castello, e na encosta da serra existem egualmente as ruinas d'uma *atalaia,* a que chamam o *facho.*

Alguns escriptores pretendem que a primitiva egreja matriz era na capella de S. Braz, situada na veiga de Balthazares. É e não é verdade,

Praia de Ancora — Desenho do natural por João de Almeida

informa Pinho Leal, que demoradamente investigou estes pontos. Segundo a tradição — diz esse escriptor — o primeiro nome da freguezia de Ancora foi Valle de Azares (corrupção para Balthazares) e a sua matriz estava na veiga que ainda tem este nome. Mas essa era a matriz de Ancora, quando Gontinhães lhe pertencia, e não propriamente a de Gontinhães, que foi onde é ainda a actual, e cuja fundação parece ter sido em 1570, tendo modernamente soffrido uma reconstrucção em 1864, por estar ameaçando ruina a primitiva, que era, como esta é tambem, de tres naves. Dividida da egreja por um caminho rural está a *quinta da Egreja,* das *Torres* ou dos *Pintos,* que foi solar d'estes, e mais tarde vinculo encorporado na casa dos Castros de Villa Nova de Cerveira.

A esta quinta chega uma canalisação de pedra trazendo a agua que foi do mosteiro das freiras de Bulhente, situado na encosta oeste da serra de Real, mosteiro de que apenas restam ligeiras ruinas, attestando ainda

assim a architectura do seculo VI; a sua fundação ignora-se quando fosse e sabe-se tão sómente que existia já no tempo dos suevos, pertencendo então ao bispado de Tuy. Pelos annos de 1460 foi o convento supprimido e mandado arrasar, diz-se, pelo bispo de Ceuta. O motivo ahi vae, contado por Pinho Leal, e sem o mais ligeiro commentario da nossa parte:

«As freiras praticavam toda a sorte de escandalos com quem lhes parecia, principalmente com os frades de S. João de Cabanas, da fregue-

Dolmen da Barrosa — Desenho do natural por João de Almeida

zia de Affife, que ficavam perto; parecendo mais sacerdotizas de Venus do que religiosas christãs.»

Bastante tempo depois da suppressão do mosteiro foi edificada a capella do *Salvador do Mundo,* por ordem do arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles, e para ella removidas as imagens que haviam estado em Bulhente.

No centro da freguezia existe tambem a capella de S. Sebastião, notavel sobretudo pelo pulpito de pedra antiquissimo que existe no adro. É tradição que esta capella serviu de matriz, emquanto se não construiu a primitiva egreja. É bem possivel que assim fosse, porque a desmembração de Gontinhães e Riba de Ancora, formando freguezias independentes da de Ancora (antigo Valle d'Azares), parece ter sido no seculo XV, no fim

do qual tambem a egreja foi edificada, sendo abbade João Vicente do Valle, que lhe deixou todos os seus bens por testamento.

A mais notavel curiosidade de Gontinhães é todavia o seu bello dolmen, que a nossa gravura representa, conhecido entre os archeologos pelo nome de *Dolmen da Barrosa,* e na linguagem popular por *Lapa dos Mouros.* O sr. José Caldas descreve-o da seguinte fórma na sua memoria sobre os «Monumentos megalithicos na bacia hydrographica do Ancora» apresentada ao Congresso anthropologico de 1880:

«Este monumento está collocado proximo do limite oriental d'um pequeno pinheiral sobre uma especie de plató de curtas dimensões, a que dá accesso o caminho de Gontinhães a Ville, a 1:500 metros approximadamente d'esta parochia, na linha de sueste. É d'uma grande elegancia e assenta sobre um pequeno monticulo de terra ou *tumulus,* cuja base se vê cercada por algumas pedras grosseiras com o fim de vedarem o recinto occupado pelo monumento. Ao sul e a norte a mesa ou *ara* assenta sobre tres pedras de cada lado, havendo, além d'estas, duas outras ainda fóra da entrada da camara. A altura media de todas as pedras sobre que a mesa assenta é de $1^{m},53$; a largura media das do lado sul a partir do fundo do monumento é para a 1.ª de $1^{m},05$, para a 2.ª de $1^{m},26$ e para a 3.ª de $1^{m},50$, formando todas uma curva, cujo ramo oriental se retrahe sensivelmente á entrada. As pedras do lado norte, dispostas em linha recta, teem de largura media: a 1.ª 84 cent., a 2.ª e a 3.ª $1^{m},41$ cada uma. Formam a entrada do dolmen, mas ha perto ainda duas outras, a 1.ª da largura de $1^{m},56$, a 2.ª de $1^{m},38$. O comprimento da pedra que fórma o fundo é de $2^{m},30$; a espessura media de todas as pedras é de 25 cent. A mesa tem sensivelmente a fórma d'um trapezio, tendo por bases $1^{m},50$ e 3 metros; a altura é de $3^{m},50$. A entrada voltada para o oriente mede na abertura horisontal $2^{m},50$. A camara tem approximadamente $2^{m},50$ de comprimento sobre 3 metros de largura.

Na textura exterior do granito conhece-se facilmente que este monumento esteve, durante muito tempo, coberto de terra até quasi á mesa.

A sua exploração tem sido feita em diversas epochas por amadores, mas hoje nada mais tem que explorar, attento o estado de verdadeira devastação que apresenta o *tumulus* ou monticulo, sobre que assenta.»

Cahia o crepusculo da tarde, uma bella tarde de verão por signal, quando nós visitámos esse bello monumento megalithico, coservando não sei por que milagre, atravez do sem numero de gerações, que teem povoado esta formosa bacia do Ancora. A brisa gemia por entre os pinheiros um sussurro melancholico, como se fôra um echo do grande mar dormente; e ao sentir esse marulhar triste por entre as ramarias, a imagi-

nação evocava, como n'um sonho phantastico, as luctas homericas dos primeiros homens, que dentro do recinto d'esse *dolmen* dormiram porventura o eterno somno.

Deixando Gontinhães para visitar *RIBA DE ANCORA,* temos de nos internar pelos caminhos velhos até chegarmos ao adrosito da sua matriz, 500 metros approximadamente da margem direita do rio.

Situada em terreno accidentado, mas pittoresco, Riba de Ancora é, como Gontinhães, povoação antiquissima, e se os documentos em pedra não existem para o confirmar, alguns nomes dos logares da freguezia indicam certamente as primeiras emigrações asiaticas. Taes são, por exemplo, os nomes da aldeia de *Médo, Sub-médo* e *Veiga de Sapôr.* Na freguezia existe a capella de Jesus Maria José, vulgarmente denominada *capella dos Pintos,* fundada em 1771 por Antonio Rodrigues d'Oliveira, mas á custa de seu irmão Sebastião, que depois foi reitor d'esta parochia.

Passando em Riba de Ancora não podemos deixar de mencionar a casa da escola primaria, dadiva generosa do filho da freguezia o ex.^{mo} sr. commendador José Bento Ramos Pereira, que n'estes sitios tem a sua formosa residencia de verão. É sempre com prazer que registramos a benemerencia d'estes honrados patriotas, que tanto do coração comprehendem qual o verdadeiro caminho a seguir para a civilisação do seu paiz. Á actividade d'este cavalheiro, assim como do respeitavel parocho e de outros individuos que não podemos especialisar, deve Riba de Ancora tambem um outro melhoramento: a construcção d'um cemiterio, em boas condições de hygiene.

Seguindo para nascente e ainda sobre a margem direita do Ancora encontra-se *GONDAR,* para além da montanha em que fica a ermida do Senhor da Serra, festejado nos principios de agosto, e contigua a ella *ORBACEM,* confinando pelo norte com as Argas. Em Orbacem como em Gondar existe em toda a sua florescencia o antigo costume dos banquetes funebres, uso que aliás se observa em muitas outras aldeias da provincia. Sendo, porém, tão notavel aqui, não deixaremos de o contar, visto que elle marca um traço caracteristico da vida d'estas parochias serranas.

Pobre ou rico, o dorido tem obrigação de sentar á sua mesa todos os amigos ou conhecidos que venham não só da propria aldeia, como das aldeias limitrophes assistir aos officios funebres! O bacalhau com batatas, as infusas de vinho verde e o pão de trigo, que se vae buscar á villa, constituem o *menu* d'aquella orgia pagã, tanto mais caracteristica quanto os soluços pranteados das mulheres junto do cadaver fazem recordar as antigas carpideiras. O dorido chega muitas vezes a empenhar-se para sa-

tisfazer ao costume e o *mortorio* marca ordinariamente nas suas finanças um *deficit* avultado, que só o trabalho de annos consegue muitas vezes resgatar.

Para retroceder, teriamos que percorrer o caminho andado, se a desafiar a nossa phantasia não estivera ali o rio *Ancora,* que, posto seja innavegavel actualmente, tem por si a tradição a reclamar os nossos cuidados de analyse.

Mas tu, como nós, leitor amigo, tens de certo a imaginação leve bastante para voar ao encontro d'esse passado glorioso do pittoresco rio e por muito pouco que desejes conceder á observação dos factos, os numerosos seixos rolados que se encontram pelo terreno d'estas freguezias, provam-te de certo, que a massa d'aguas do Ancora devia ser outr'ora consideravel e... navegavel tambem. E tanto assim é que os romanos o atravessaram em Abbadim com uma solida ponte, ainda hoje transitavel, e as suas frotas, como as dos gregos, vieram procurar a enseada do *Spaco,* ou *Vico-Spacorum,* que os celtas conheciam e utilisavam já.

É d'ahi certamente que provém o seu nome de Ancora, que não da tradição romantica de ter sido a formosa Urraca, mulher do rei D. Ramiro, que o principe Al-Boazar Al-bucadão havia raptado, lançada ao rio por seu marido e filhos com uma ancora ao pescoço. Pelo menos, diz Pinho Leal, 360 annos antes da morte (sonhada ou real) de D. Urraca, já a freguezia de Ancora se chamava Santa Maria de Villar de Ancora, pois assim a denomina Theodomiro na doação que da quarta parte d'esta egreja fez ao bispo de Tuy em 563. Descendo o rio, a veiga deliciosa onde assenta *ANCORA* fica-nos entre as vertentes dos montes de Arga, de Laborades, Terrugem e Cividade; ao poente o mar beija largamente o seu areial, onde o castello do *Cão,* ponto da primitiva barra, levanta as suas guaritas arruinadas.

Ancora foi, como já dissemos, a antiga Villar de Ancora e talvez antes ainda a freguezia de Valle de Azares (Balthazares). Da sua primitiva matriz, a capella de S. Braz, dissemos já o preciso em Gontinhães; a actual, sita n'um valle lindissimo e fertil, fundada em 1560, foi reedificada em 1866 á custa do povo. Além d'estes dois templos, Ancora tem ainda a capella da Senhora do Soccorro, no logar da Lage, proximo do sitio da *Matança,* erecta, diz a lenda, commemorando uma victoria dos lusitanos alcançada sobre os mouros; tinha em volta sete capellinhas com os passos da Paixão, de que apenas restam as paredes arruinadas.

Sobre a margem esquerda e a SE. da freguezia fica o monte da Terrugem, onde ha vestigios de povoação antiquissima no logar do Crasto. Quando visitarmos o concelho de Vianna teremos em Affife occasião de

A Insua de Caminha — Desenho do natural por João de Almeida

nos referir não só a esse monte, como ao de Cividade, onde esses vestigios são egualmente claros.

Na enumeração das antiguidades de Ancora resta-nos ainda enunciar o dolmen dos pinhaes de Frayão, embora hoje esteja completamente arruinado. A memoria do sr. José Caldas, publicada no *Compte Rendu,* e já citada, diz do seu estado:

«Excavações repetidas contribuiram para a sua ruina completa. Resta apenas a cova, que era a camara, e uma ligeira accidentação do terreno, que era o *tumulus*. No ponto em que devia existir a camara do monumento encontrou-se um machado de schisto amphibolico, que foi enviado á Secção dos trabalhos geologicos, onde se encontra.»

Aqui estamos já na estrada real de Caminha a Vianna e proximo da ponte sobre o Ancora, notavel pela sua derrocada de 1865, mas hoje solidamente reconstruida e por minutos a vamos deixar para de perto vêr a nascente d'aguas ferreas a que os banhistas, com um zelo bem digno de melhor sorte, vêm procurar allivio, para só acharem immundicies! Sentimos vontade de recriminar por esse motivo, e por tantos outros, a camara de Caminha, mas francamente a paysagem é ali tão bella e tão azul o mar, que se esquece a gente de que ha no mundo eleições para vereadores, e artigos de critica que se intitulam verrinas! Jantamos em Gontinhães no hotel *Valenciano,* do Alexandrino, por nos ficar mais perto que o do An-

dré ou *Luso-brazileiro* e recolhemos de novo a Caminha para tentar uma vista de conjuncto sobre a sua vida actual.

Mas antes de entrar, isolada no seio das ondas, ali está a *Insua,* que promettemos visitar comtigo.

Seja a promessa cumprida n'este canto do capitulo, isolado tambem, como a sua situação o exige.

*
* *

Dia 10 do mez de agosto, anno de Christo de 1884, ás 4 horas da manhã. O comboyo do norte parára um momento no apeadouro de Moledo, mas era o tempo bastante para saltarmos e cahirmos dentro em breve nos braços do nosso amigo Illydio Dias, a quem haviamos confiado a direcção do passeio. A madrugada casta parecia querer levantar-se de sobre a linha dos pinhaes escuros, mas o Oceano, n'um sussurro apaixonado, murmurava-lhe como o trovador da *Judia:*

Dorme, que eu velo, seductora imagem

e, embalada assim por esse cantico de enamorado, a madrugada, creio que se voltou para o outro lado e dormiu ainda um bello somno. Nós não perdemos o tempo entretanto; sentados á mesa do almoço (devia inventar-se outra paraphrase para exprimir um facto d'esta ordem, visto que ninguem se lembra de metter no estomago ás 4 horas da manhã bifes e ovos, vinho verde e leite), conversavamos sobre as bravuras do mar e as probabilidades d'uma travessia feliz!...

—Ah, como assim mostravamos descender d'aquella raça que sulcou audaz os mares nunca d'antes navegados!

—Mas é que informavam, que o mar encapellava de repente, que era então difficil o desembarque e sobretudo, sobretudo que acontecia muitas vezes ter-se de ficar prisioneiro na Insua durante um ou mais dias, o que não era positivamente d'uma perspectiva consoladora!

—Sim, mas para que servia a coragem?—perguntavamos, capazes de vencer a heroicidade do Gama.

E sahimos da sala de jantar para o jardimsito do *chalet,* com a intenção sinistra de lançar o nosso cartel de desafio sobre esse mar que roncava pavores, além, na praia, como se nós foramos umas timidas creanças.

Mas que enlevo!

A manhã envolta no seu penteador de neblina, apenas com a cabecita aureolada pelos raios d'um sol que não viamos ainda, estava já a sorrir-se para esse trovador eterno, cujo sussurro era simplesmente um cantico de amor ao aljofrar-lhe a praia, a essa amante casta, com as rendas alvinitentes das suas vagas!

—Para o mar, para o mar!—bradámos enthusiasmados perante essa paysagem feita de nevoas e luz, perfumada pelos olores balsamicos do pinhal e pelo iodo das algas marinhas.

A areia estava ainda humida, mas era d'uma voluptuosidade embriagadora o caminhar por ella; parámos no ponto da costa em que se devia effectuar o embarque e ahi esperámos que os habitantes da Insua, menos madrugadores que nós, viessem buscar-nos a terra.

A Insua lá estava fazendo-nos negaças com as suas muralhas solitarias e as suas penedias eternamente beijadas pelo mar. De repente encobria-se na neblina e não logravamos sequer atinar com a sua situação; mas de repente tambem a atmosphera clareava de luz e nós podiamos descobrir o recorte das suas muralhas, o agreste dos seus penedos, a fita loira do seu areal, sobre que poisavam milhares de gaivotas.

E, n'estas intermittencias de neblina e sol, passámos uma boa hora, até que sobre um baluarte avistámos o primeiro madrugador da Insua, que veiu passear depois tranquillamente sobre o areal da fortaleza. Signaes repetidos com lenços brancos e guardas-soes abertos não lograram prender-lhe a attenção.

—Esperemos um pouco mais—dizia o nosso amigo.

—Pois esperemos.

No entanto devem concordar que era d'um *ferro* dos demonios vêr a gente aquelle passeador matutino, braços cruzados sobre o peito, mover-se com todo o vagar, apparecer e desapparecer por detraz das trincheiras e não se dignar olhar para nós, miseros mortaes, que não anceavamos outra coisa senão o seu auxilio prompto.

E depois a manhã abriu outra vez o seu leque de neblina e agora é que, ampliado pelas refracções do nevoeiro, já não conseguiamos vêr senão um vulto indistincto, de proporções collossaes, uma especie de gigante, aspirando a briza do mar dos varandins do seu castello solitario.

Junto de nós, na praia, os camponezes enchiam os carros do *argaço* apanhado nos dias anteriores, e os boisitos jungidos ruminavam um ou outro cardo nascido na areia. As gaivotas roçando pela superficie da agua, nadando, mergulhando voluptuosamente, pareciam sorrir do nosso embaraço e, como um globo de oiro fôsco, o sol, levantando-se sobre os montes de Moledo, rolava preguiçosamente pelo espaço.

D'esta vez era certo!... Um grupo de argaceiros de Venade, pois são estes justamente com os veteranos da guarnição os habitantes da Insua, transpunha a ponte levadiça. Avistaram-nos sem duvida, porque, passados minutos, viamol-os apparelhar o barco em que deviam conduzir-nos e lançal-o resolutamente á agua, remando para a costa, que em pouco tempo abordaram.

Saltámos os tres e o cabaz do almoço, o barco singrou de novo as aguas e com dez minutos de travessia aproámos no areal da Insua, d'onde os *rolinhos* do mar fugiram espavoridos, julga-se que talvez com receio da espingarda terrivel do nosso amigo Dias!

A manhã fechára positivamente o seu leque de neblina e o sol triumphante escorria raios de oiro pela atmosphera pura.

Que belleza de quadro, que paysagem esplendida!

Voltados para a barra, que nos ficava em frente, tendo d'um lado o monte de Santa Tecla, do outro o areal do Camarido e por fundo as aguas verdes do Minho, recortadas pelos navios em descanço, sobre cujas vergas parecia pendurar-se um ou outro farrapo de nevoa, que vinha ondular até Caminha, sobre a direita ficava-nos Moledo, em successivas gradações de luz, desde o branco da praia até ao anil escuro da montanha, e sobre a esquerda descrevia a sua curva azul o grande Atlantico, sussurrando harmonias por entre os rochedos da Insua velha.

A palavra não descreve estas impressões; é preciso que o sentimento as experimente! e se tu, leitor, fizeres um dia uma digressão pelo Minho, não deixes de visitar a Insua, porque, posso asseverar-t'o, vens doidamente encantado de lá!

Pois que é se não o effeito dos encantos d'essa fada gentil, a Natureza, que faz prender ahi, ha vinte annos, tendo apenas uma vez vindo a terra, o commandante do forte, o bom sargento Ferreira, que logo de manhã, feliz como Robinson na sua ilha deliciosa, encontrámos lavando pacientemente a sua roupa, proximo da nascente d'agua doce que a Insua tem, nascente que a lenda diz ter sido revelada a Fr. Diogo Arias por uma formosissima apparição feminina, quando o monge meditava em prover d'esse elemento o seu austero cenobio?

O Ferreira! o governador do forte! Como eu desejaria apanhar na tela aquelle exemplar unico dos nossos reformados do exercito, ha vinte annos habitante da Insua, a palavra um pouco tartamudeada pelo alcoolismo, o olhar indifferente e baço, o rosto sem contracções, cosinheiro de si proprio, alfaiate de si mesmo, lavadeira, sachristão do templo, horticultor e commandante, tudo emfim o que póde ser um homem só, em pleno mar, e por cima de tudo indifferente e bonacheirão, como se as tempes-

tades que devem desencadeiar-se terriveis contra aquellas rochas, o houvessem tornado d'uma tempera superior!

Fez-nos as honras do castello e foi mostrar-nos o templo, que elle conservava aceiado e limpo apezar da sua singeleza humilde. De notavel, no seu interior, ha hoje apenas os restos d'uns frontaes de sola, genero flamengo e de grande valor archeologico, e uns quadros da mesma procedencia offerecidos ao convento pela infanta D. Isabel, em 1581.

O mosteiro é fundação de 1392 e foi levantado pelos frades Gonçalo Marinho e Diogo Arias, os mesmos que edificaram o de *Mosteirô* em Valença. É certo, porém, que nos rochedos da Insua existia antes d'essa fundação uma pequena ermida, no ponto em que está hoje a capellinha fronteira á porta principal do convento. Este foi, no começo, de dimensões acanhadas e tão rigoroso era o ascetismo dos seus primeiros monges, que da pesca viviam quasi exclusivamente e apenas a dois, d'entre dez que eram, se permittia o uso do vinho. No refeitorio não havia cadeiras e todos comiam de joelhos. Este rigor disciplinar fez com que o convento fosse elevado a casa de noviciado, pelo menos de 1447 em diante, tendo principiado aqui a sua vida monachal alguns frades celebres, entre elles André da Insua e Fr. Bartholomeu da Insua.

Em 1465 foi o convento dotado com uma pequena cêrca e em 1471 augmentado por Fr. Jorge de Sousa. Depois, só em 1676 e 1707 teve reparações e accrescentamentos, concluida que foi a fortaleza, que D. João IV mandou erigir em 1649, já para aproveitar na defeza do reino aquelle ponto estrategico, já para livrar os pobres monges dos assaltos continuos dos piratas que infestavam a costa e praticavam toda a sorte de vandalismo, pelo que em 1616 elles proprios haviam resolvido edificar um convento na villa, para onde effectivamente se trasladaram, desamparando a Insua. Mas esta resolução foi geralmente reprovada e o duque de Caminha, interprete dos caminhenses, pediu ao provincial Fr. Leandro de Jesus que mandasse alguns frades para a Insua, o que este fez. Não obstante, em 1623 retiraram de novo os monges para Caminha, ficando apenas dois d'elles no mosteiro da ilha.

A egreja é, como dissemos já, humilde e pobre, e é para notar o facto de se não ouvir dentro d'ella o sussurro do mar, por mais encapellado que elle esteja. Uma outra curiosidade da Insua, que o bom commandante nos affirmou ser verdadeira, é a da não existencia de ratos, o que elle, com a tradição, attribue a milagre da Senhora da Insua, ou do Carmo, ou da Salva, que por taes invocações é conhecida a padroeira da egreja, festejada em 8 de setembro.

Depois d'essa visita ao interior do mosteiro, pensámos em levar de

assalto o cabaz do almoço e procurámos um abrigo da praia para nos penitenciarmos, como os antigos monges, com um excellente pastellão de frangos, algumas fructas e vinho verde, um delicioso vinho verde que seria por si só um aperitivo magnifico, se aquelle cheiro das algas e aquella briza do mar não nos fizessem esquecer que haviamos almoçado já ás 4 e meia da manhã.

Ah, foi de certo ali que Fr. Bartholomeu dos Martyres exclamou, docemente impressionado pelas bellezas do local: — Deixae-me chorar, porque vejo na terra este retrato do céo!» Nós chorariamos talvez, como elle, se um alegre episodio não viesse cortar aquella emoção pantheista, que dá a formosa natureza em tal ponto!

O veterano de serviço, *o unico que mandava ali,* segundo elle proprio affirmava, veiu pedir-nos a licença do governador para penetrarmos na Insua. Vinha a tempo, não havia duvida, mas com palavras se satisfez o bom do veterano, victima áquella hora da manhã, nove horas, da mais alegre embriaguez que temos presenceado, nós, porque os areaes da Insua estão desde muito habituados a vêr alternar-se na ronda a embriaguez da sua formidanda guarnição. Na vespera tinha sido o sargento Ferreira, hoje era elle, ámanhã devia ser o terceiro e ultimo para principiar outra vez por elle!

A botija de genebra era, deve dizer-se em abono da sua castidade e da de todos aquelles bravos, a unica entidade feminina que vimos dentro da Insua. Mas era amada com aquelle amor intenso que fazia do nosso veterano uma linha obliqua permanente, e que o tornava alegre e bom, offerecendo-nos o seu café e o seu leite, o seu vinho e o seu pão, se porventura tivessemos de pernoitar ali, ao que nos convidava com largos abraços intimos.

O sargento Ferreira tinha um sorrisinho maligno ao canto dos olhitos piscos e reprehendia-o brandamente, esperando a sua hora ainda não soada. Os *argaceiros* de Venade riam á farta, emquanto preparavam os engaços e se despiam até á cintura para colher no mar as algas com que adubam as suas terras. Trazem para isto a Insua arrematada, embora as más linguas asseverem, que mais do que para a apanha do *argaço*, aquelles rochedos lhes servem para as aventuras do contrabando!

A Insua estava vista e com largos abraços do bom do veterano pensámos em voltar para terra. Partimos. O barco sulcava já as ondas tranquillamente mansas, e quando diziamos o nosso adeus áquelle companheiro alegre, elle teve uma delicadeza amavel para comnosco. Agitou no ar o seu bonnet, o que foi bastante para desequilibrar a sua obliquidade e fazel-o cahir na areia, bebedo de alcool e ebrio de luz.

*
* *

Caminha, apezar de ser porto de mar, tem uma pequena actividade commercial e de industria, e menor ainda no que diz respeito ás manifestações de intelligencia.

Jornaes tem tido por vezes alguns, mas sempre com vida ephemera, e não ha ainda mezes que a *Estrella de Caminha,* o unico que ali existia, suspendeu a sua publicação, conseguindo depois reapparecer ao publico; ultimamente principiou a sua publicação o *Campeão Caminhense.*

As suas escolas primarias são: 10 do sexo masculino, 2 do feminino e 2 mixtas, distribuidas pelas seguintes freguezias:

Ancora, mixta. Argella, mixta. Caminha 2, sexo masculino e sexo feminino. Gondar. Gontinhães. Lanhellas. Moledo. Riba de Ancora. Seixas 2, sexo masculino e sexo feminino. Villar de Mouros. Venade.

Na villa ha mais uma escola de ensino elementar e complementar, subsidiada pela Camara municipal com 150$000 réis e respectivas gratificações de frequencia. Os alumnos matriculados nas escolas primarias do concelho foram, no anno lectivo de 1883-1884, 724 rapazes e 286 meninas.

As escolas particulares são em pequeno numero.

Sob o ponto de vista da moralidade criminal a estatistica de 1880 dá para Caminha os seguintes algarismos:

Numero dos crimes 22, numero dos réos 31, dos quaes 20 foram absolvidos e 11 condemnados, sendo 1 a penas maiores e os 10 a correccionaes. Os crimes foram classificados, 4 contra a segurança do estado, 12 contra pessoas e 6 contra a propriedade. D'esses 31 criminosos 24 eram homens e 7 mulheres; sabiam lêr 17, eram analphabetos 3, e os restantes ignora-se. Eram 24 da comarca, 5 de fóra e 2 ignora-se.

A actividade commercial de Caminha póde dizer-se bastante reduzida; o seu porto é apenas demandado por embarcações de pouco lote e estas empregam-se especialmente no trafico dos cereaes e madeiras. Ultimamente o commercio dos vinhos verdes do Minho tem fomentado um pouco o movimento commercial.

Além da sua navegação costeira Caminha faz bastante commercio com a villa hespanhola da Guardia e exporta pelo caminho de ferro para as terras do interior e mesmo para a Hespanha consideravel porção de peixe, savel, salmão e lampreia especialmente.

É na epocha das pescarias que o seu commercio mais se anima, assim como depois das colheitas recolhidas, visto que, apezar de ser princi-

palmente ribeirinho, o concelho é tambem abundante em productos agricolas, sendo sobretudo Venade, Villar de Mouros, Gontinhães e Argella as freguezias que mais contribuem para essa riqueza. São estas tambem as aldeias mais vinhateiras e cujo vinho tem mais largo consumo dentro do concelho. O preço da pipa regula por 18$000 réis.

A cultura da vinha é feita geralmente em latadas altas e baixas, e cordões levantados. As castas predominantes são: o *verdelho, feijão molle* e o do paiz, o *trincal rijó*, o molle e o do paiz, o *espadeiro tinto* e o *de Basto*, a *borraçal*, o *arquiz*, o *cainho* tinto, o *brancelho*, o *marquez* ou uva de cheiro, o *alvarinho*, a *loureira* e o cainho branco. As vindimas começam depois de 15 de setembro. O vinho é feito em lagares ordinarios de cantaria ou em dornas de madeira, pisando ali as uvas e deixando fermentar durante dois ou tres dias, e envasilhando logo que a fermentação abate, sem mais tratamento algum posterior.

A riqueza pecuaria do concelho é computada no seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	162	3:329$790
Muar	1	6$000
Asinino	58	184$100
Bovino	2:990	60:802$000
Lanar	3:301	985$660
Caprino	1:033	460$160
Suino	1:159	2:161$490
		67:929$200

A vida economica é ainda facil no concelho.

Além do seu magnifico peixe, vendido na localidade muito barato, os outros generos alimentares não são d'um preço elevado. Nos seus mercados ás quartas feiras e nas suas duas grandes feiras de anno pelos Santos e Natal regula, com pequenas variantes, a seguinte tabella:

Milho (alqueire)	550 a 700 réis
Trigo da terra (alqueire)	800 »
Feijão »	600 »
Batatas »	360 »
Vinho (por pipa)	18$000 »
» (por quartilho)	30 a 40 »
Ovos (duzia)	100 »

A propriedade rural rende 3% em media.

O concelho de Caminha conta hoje uma população de 14:882 almas,

sendo 6:880 homens e 8:002 mulheres, pertencendo á villa, que tem como orago Nossa Senhora d'Assumpção, 1:289 homens e 1:310 mulheres.

O seu brazão d'armas representa um escudo com uma fortaleza sobre o mar. A fortaleza vae desapparecendo, como tu viste, leitor; o mar porém, sonhador artista que formou a villa com os flocos nevados da sua espuma, esse ficará eternamente, porque é, como a sua creação, a eterna belleza.

CONCELHO DE CAMINHA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Ancora, *Santa Maria*	325	450	775	156 *(a*
Arga de Baixo, *Santa Maria*	102	127	229	60 *(b*
Arga de Cima, *Santo Antão*	85	92	177	40 *(c*
Arga de S. João, *S. João Baptista*	61	88	149	33 *(d*
Argella, *Santa Marinha*	226	287	513	129 *(e*
Azevedo, *S. Miguel*	97	118	215	44 *(f*
Caminha — Matriz, *Nossa Senhora d'Assumpção*	1:289	1:310	2:599	574
Caminha — Villarelhe, *Nossa Senhora da Encarnação* [1]	253	278	531	116 *(r*
Christello, *S. Thiago Maior*	111	141	252	62 *(g*
Gondar, *S. Salvador*	159	188	347	84 *(h*
Gontinhães, *Santa Marinha*	723	914	1:637	351 *(i*
Lanhellas, *S. Martinho*	382	435	817	174 *(j*
Moledo, *S. Paio*	370	434	804	196 *(k*
Orbacem, *Santa Eulalia*	240	323	563	138 *(l*
Riba d'Ancora, *Santa Maria*	335	463	798	182 *(m*
Seixas, *S. Pedro*	1:165	1:172	2:337	447 *(n*
Venade, *Santa Eulalia*	435	492	927	220 *(o*
Villar de Mouros, *Santa Eulalia*	432	550	982	229 *(p*
Ville, *S. Sebastião*	90	140	230	52 *(q*
	6:880	8:002	14:882	3:287

a Comprehende esta freguezia os logares de Ancora, Portella, Curraes, Viso, Deveza, Aspra, Ponte, Barreiros, Soccorro, Crasto, Santo, Arca.

b Comprehende esta freguezia os logares de Arga de Baixo, Barziella, Castanheira, Arga, Casaes, Larga Coutada, Castello, Presos, Costinha, Marco.

c Comprehende esta freguezia os logares de Arga de Cima, Recumo, Forno, Gandra, e os casaes de Recumo, Subanteiro, Bouça, Forno, Loja, Gandra.

d Comprehende esta freguezia os logares de S. João d'Arga, Felgueiras e Santo Aginha, e os casaes de Castello, Rio, Valle Escuro, Rego.

e Comprehende esta freguezia os logares de Alvariça, Deveza, Viso, Portella, Colarinha, Bouças, Cal, Rego, Santa Cruz, Guimbra, Fieis.

f Comprehende esta freguezia os logares de Insua, Paço, Souto, Carrapato, Aldeia, Caetano.

g Comprehende esta freguezia os logares de Esqueiro, Cruzeiro, Castanheiro, Augusto, Signal, Souto, e a quinta de Antonio José Ribeiro.

h Comprehende esta freguezia os logares de Gondar, Carotes, Casal, Daem: este fica á distancia de 4 kilometros ao norte da egreja parochial.

i Comprehende esta freguezia os logares de Lagarteira, Villarinho, Bebedouros, Rego, Sobreira, Viso, Calvario, Santo, Carvoeiro, Quelha, Cruzeiro, Rocha, Lameira, Chã, Preza, Lomba.

j Comprehende esta freguezia os logares de Lanhellas, Cancella, Bacellos, Couto, Eiras, Fonte, Covello, Bacarice, Roda, Sobreiro, Esqueiro, Aldeia, Anta, Fontainhas, Ramalhosa.

k Comprehende esta freguezia os logares de Moledo, Gateira, Preza, Galé, Cruzeiro, Prado Carvoeiro, Rua Nova, Jugada, Sameiro, Calvario, Tostado.

l Comprehende esta freguezia os logares de Órbacem, Dem e Pedras Frias.

m Comprehende esta freguezia os logares da Ponte, Medo, Juia, Aldeia Nova, Villa Verde.

n Comprehende esta freguezia os logares de Seixas, S. Sebastião, Facho, Deveza, Cruzeiro, Monte, Barreiros, Sobral, S. Bento, Montinho, Regata, Valle, Renda, Pereira, Cancello, Portella, Crasto, Rego, Mella, Cabreira, Coura.

o Comprehende esta freguezia os logares de Monteira, Barge, Escuza, Castanheirinho, Balcovo, Aldeia Nova, Rio Tinto, Cruzinha, Cruzeiro, Rosmaninho (todos da meia freguezia de baixo), Ribas, Fornos, Coruche, Pombal, Poço, Gandras, Soutulho, Ribeiro, Cham (estes da meia freguezia de cima).

p Comprehende esta freguezia os seguintes povos com os logares que lhes vão designados:

Povos	*Logares*
Marinha	Costado, Aldeia, Ranhada, Telhadas
Villar de Mouros	Barreiros, Portella, Funchal, Avelleira, Ponte, Agrello

r Comprehende esta freguezia os logares de Villarelhe, Fonte da Villa, Corgo, Portella.

q Comprehende esta freguezia os logares de Calvario, Sarrape, Egreja, Quelha.

[1] Parte d'esta freguezia e o templo parochial estão situados na villa.

VIANNA DO CASTELLO

Egreja da Senhora da Agonia,
desenho do natural por João de Almeida

Vianna, a princeza do Lima, tem as terras do seu principado divididas em dois tão formosos jardins, que o *touriste,* se tivesse de optar pela formosura de qualquer, vêr-se-hia em serios embaraços. Nós vimos do norte, felizmente, e não temos por isso a hesitação da escolha, visto que, pela subordinação ao nosso itinerario, um d'esses jardins veiu naturalmente ao nosso encontro.

É pelos floridos canteiros das povoações que recortam as largas ruas dos valles e as encostas suaves das montanhas, na metade norte do concelho, que vamos principiar a nossa excursão, guardando para mais tarde esse outro jardim do sul do Lima, tão pittoresco e tão formoso tambem.

*
* *

O rio Ancora fica-nos já na rectaguarda, e sobre a nossa direita as dunas de areia envolvem nos seus mamillos de oiro claro o pequeno for-

tim do *Cão,* onde se julga que vinha outr'ora desaguar no Oceano o *Vicus-spacorum* dos romanos, ou Ancora moderno.

Sobre a esquerda a paysagem sorri n'um fundo de luz tão alegre e delicioso, é tão fresco e tão grato o aroma dos pinheiraes, que sem fadiga nos internamos pelas devezas densas e conseguimos chegar até *SOUTELLO.*

Melhor diriamos a palavra no plural, visto que ha ahi duas freguezias distinctas, uma conhecida pelo nome de *Freixieiro,* outra por *S. Pedro de Soutello.* Modestas ambas e encravadas em um contraforte da serra de Perre, ellas são as visinhas das parochias de *S. LOURENÇO DA MONTARIA,* a mesma que ainda não ha muito alarmou o reino com uns casos suspeitos de cholera imaginaria, e de *AMONDE,* situada n'um valle rodeado por collinas da serra de Perre e proximo do monte da *Corôa,* onde se diz ter existido uma fortificação antiga.

* * *

Mencionadas estas freguezias, volve o leitor ao nosso ponto de partida e comnosco vae atravessando terrenos da linda *AFFIFE,* desde que na chapada do monte de *Crasto* passamos o logar da *Osseira* e transpomos em seguida o monte da *Cividade.*

Ferem um pouco a attenção estes nomes pela sua evidente etymologia latina e o leitor pergunta naturalmente, se ahi não foi alguma povoação romana?—Os factos parecem responder-lhe cathegoricamente; ha n'esses montes vestigios de fortificação e tem-se casualmente encontrado ahi pedras lavradas, tijolos, fragmentos de amphoras, etc.

O povo chama indistinctamente a essas reliquias d'uma civilisação passada *crasto dos mouros,* e alguns eruditos pretenderam que no sitio da Cividade fosse a *Britonia* dos romanos.

Nós não desejamos a proposito d'esta palavra esboçar sequer a prolixa lava de argumentos com que os archeologos cimentam uma Britonia em qualquer parte. Simplesmente se nos affigura duvidoso que esta o fosse, e com tanta mais razão que as provas colhidas pelos trabalhos de explorações locaes fallecem absolutamente. Que era uma povoação romana, não parece haver duvida; qual? dil-o-ha a archeologia d'este paiz, se um dia ella fôr estudada como tem direito a merecel-o.

N'outros tempos, Affife gosava de varios privilegios: um d'elles era

a isenção do tributo de sangue para os seus moradores, os quaes, porém, eram obrigados a defender as praias contra os ataques dos piratas.

Passando no monte da Cividade, não podémos deixar de visitar o extincto mosteiro de S. João de Cabanas, de frades bentos, fundação de S. Martinho de Dume em 573. Foi pelos arabes destruido em 716 e logo depois reedificado por Lopo Munhoz. Passou a commendatario em 1382,

Ponte de Affife

mas tornou depois a ser de frades bentos, com a condição de pagar aos cartuxos de Nossa Senhora do Valle, de Lisboa, uma determinada pensão.

O mosteiro é construido com o magnifico granito das pedreiras da serra d'Affife, rival do marmore na dureza e finura.

Segundo a tradição, primeiro existiu ali uma ermida, em volta da qual se levantaram algumas cabanas, que eram o agasalho de certos monges, em terrenos que, ao que nos constou, são hoje propriedade dos descendentes do general Luiz do Rego.

D'essas cabanas proveiu o nome ao mosteiro, e foram esses anacho-

retas, que S. Martinho congregou depois em regra monastica. Os frades medraram com o acontecimento, porque o mosteiro chegou a ser riquissimo e a ter uma colmeia de 75 religiosos. Foi de certo n'esta epocha de prosperidade que as freiras de Bulhente mais incendradas no amor divino attingiram aquelle grau de lasciva impudicicia, que fez com que o nosso religioso escriptor Pinho Leal chegasse a consideral-as sacerdotizas de Venus!... Junto do convento corre sob uma ponte de granito o ribeiro de Affife, ou das *Cabanas,* cuja origem é no sitio de *Chão de Covêllos,* na serra de Cabanas. Vem descendo pelas abas do monte, sendo atravessado por quatro pontelhões nos logares de Loureiro, Senra, Porto do Rio e Feal, e ao chegar á planicie é ainda atravessado, primeiro pela ponte da estrada real, reconstrucção de 1857, que a nossa gravura representa, e depois pela via ferrea, proximo já da sua entrada no mar.

A freguezia de Affife, cujos terrenos este ribeiro fertilisa, é não só muito abundante, como laboriosa e trabalhadora, sendo, como em quasi toda esta orla occidental do concelho que vamos percorrer, o trabalho dos campos feito pela mulher. O homem de Affife, como o de Carreço, como o d'Areosa, emigra geralmente ou para as nossas duas primeiras cidades ou para o Brazil, e ahi exerce o seu officio de trolha, pedreiro, estucador ou esculptor. Já na *Introducção* d'este livro nos referimos a este facto e o especialisámos então como indicio d'uma hereditariedade artistica transmittida desde os primeiros povos celto-gregos, que n'estes pontos habitaram. As ruinas e vestigios de povoações extinctas, que tão profusamente temos encontrado agora por estes logares, como que nos dão a chave d'este phenomeno, visto que da analyse do seu conjuncto sae como resultado a determinação do *meio,* em que essas faculdades nasceram e se desenvolveram.

A estrada, sempre na planicie da serra de Santa Luzia, é d'um tão encantador aspecto, que a gente não tem tempo senão para ir a todo o instante exclamando surprehendido:

—Mas que lindo, que lindo!

Á direita o Oceano, e entre nós e elle uma extensão plana de campinas, recortadas pelos esfumados muros de pedra solta em pequenos canteiros de verdura. Á esquerda, parallelamente comnosco, a serra de Santa Luzia, encimada por um ou outro moinho de vento de poetica perspectiva, e, entre a estrada e a serra, uma longa fita de casas brancas, ora isoladas, ora agrupadas em pittorescas aldeias, que a vegetação dos pinheiraes embalsama com a sua essencia perfumada.

Atravessamos Paçô, logar que pertence a *CARREÇO,* e breve nos achamos na pequena Estação de *Montedor — monte da dôr* — diz a lenda.

Era o tempo das justas e torneios e governava em Gaia pelos annos 932 de Jesus Christo o emir Al-boazar Al-bucadão, moço e poeta, cavalleiro estremado e generoso. Zahara, sua irmã, era incontestavelmente a estrella mais brilhante da sua côrte, o sonho oriental feito mulher, a perola feita carne. D. Ramiro II, de Leão, que ás justas viera disfarçado em trovador, enamorou-se doidamente d'ella, e como o amor tinha n'aquelles tempos o desenlace romantico do rapto, eil-os os dois fugidos do alcaçar, em caminho de Leão, onde Zahara para obedecer ao seu amante se fez christã, com o nome de Artida.

Al-boazar jurou vingança da desfeita e pensou em applicar a D. Ramiro a pena de Talião. Por sua vez se disfarçou em trovador e n'este disfarce penetrou na côrte de Leão, onde conseguiu ser amado pela esposa de D. Ramiro, D. Urraca, a ponto de por elle deixar marido e filhos, e fugir com o seu enamorado.

Como eram felizes os trovadores!

Depois, é claro, D. Ramiro protestou vingança terrivel. Introduz-se por traição com alguns dos seus homens decididos no alcaçar de Gaya, algema os dois amantes felizes, e a toda a pressa corre com elles caminho da Galliza. Mas n'este monte de Carreço, fatigado já d'aquelles importunos fardos, a sua raiva estala, a sua vingança pede sangue. Al-boazar é assassinado e a rainha vê por entre lagrimas o fim do seu amado querido.

Foi ali o *monte* da sua *dôr,* porque foi de certo mais pungente ao seu coração de mulher e amante a sorte do seu amado, que a sentença que logo adiante lhe foi dada de ser ella propria afogada com uma ancora ao pescoço nas aguas do rio Spaco.

Romance, lenda,—dirás tu sorrindo, meu amigo; mas porque o é, ou porque o foi, deve-lhe a nossa litteratura duas formosas joias, uma facetada pela illustre poetisa portuense do seculo XVII, D. Bernarda de Lacerda, na sua *Hespanha Libertada,* outra pelo nosso Garrett no seu poemeto *Miragaya.* O monte que ali está sobranceiro á Estação, esse deve-lhe incontestavelmente o nome de *Montedor.*

Lembra-te dos trovadores felizes, meu amigo, mas lembra-te egualmente dos maridos ultrajados, quando passares por esse kilometro 89, se por acaso os teus olhos se prenderem á sadia carnação d'alguma d'essas raparigas de tão garrido costume, que ora vês curvadas nos trabalhos do campo, ou, mais além, na linha da praia,—marcada pelos dois fortins abandonados e pelos pequeninos portos,—roubando ao mar as suas algas frescas para o adubo da terra.

A paysagem continua sempre sob o mesmo delicioso aspecto, a serra de Santa Luzia, escalvada apenas na sua cumiada, densa de pinheiraes

na encosta, profusamente recortada de casaria na base, segue-nos sempre, d'um lado; e do outro, as campinas e o mar acompanham-nos ainda alegremente, rindo o bello rir claro das paysagens marinhas.

Aqui estamos já na freguezia da *AREOSA*, em cujo logar de Povoença ou Povoanças se diz ter sido o assento da antiga villa de Santa Maria da Vinha, *couto* que o rei D. Affonso doou á Sé de Tuy em 1137 e foi depois trocado para outro padroado em 1262, reinando Affonso III. Alguns escriptores pretendem mesmo que Povoença ou Santa Maria da Vinha fosse a Vianna primitiva, hypothese que não julgamos solidamente fundamentada, pelas razões que adiante teremos de apresentar.

A Areosa é, por assim dizer, um arrabalde de Vianna e talvez até o seu arrabalde mais formoso. A sua extensa veiga é d'um encanto indescriptivel, estendendo-se desde a aba da serra de Santa Luzia, toda semeada de casaes brancos espreitando por entre a verdura, até á linha cerulea do mar, rendilhada de flocos nevados de espuma ondeante.

A nossa retina parece estar ainda impressionada por esse bello panorama alegre, em que a luz como que espiritualisa a natureza n'um sorriso casto, um sorriso limpido de virgem, desde que o mais formoso crepusculo de verão nos viu atravessar essa deliciosa paysagem. O sol mergulhava já no Oceano e a tarde esvaecia n'aquella *nuance* inclassificavel d'entre o branco e o indigo, quando o comboyo que nos conduzia passava em frente da Areosa; mas d'esse globo de oiro meio sumido na agua, a irradiação vinha ainda tão alegre, que toda a paysagem parecia brincar na luz, como brinca n'um fundo de crystal um raio da madrugada. Illusão dos nossos sentidos talvez!... mas d'aquelle edificio modesto, aceiado, alegre, onde em largos caracteres se liam as palavras *Escola primaria,* uma outra aureola de luz irradiava, e pareceu ao nosso impressionismo que não era menos brilhante do que a d'aquelle sol, que se escondia no mar.

*
* *

Estamos em *VIANNA,* no proprio palacio d'essa princeza do Lima, cujos formosos jardins vinhamos desde a manhã visitando.

A torre da capella da Agonia, com a sua cupula pintada de verde, a densidade das habitações, a Estação ampla e magestosa do caminho de ferro, e a illuminação que principiava a salpicar de pequeninos fachos a zona da cidade, obrigavam-nos a pedir ao *Hotel Central* um momento de repouso, para no dia immediato termos o prazer de visitar Vianna. Se tu porém, meu amigo, chegaste já de noite a uma povoação qualquer,—e a

Jardim publico de Vianna — Desenho de João de Almeida

quem é que uma vez pelo menos não aconteceu já o ter de apeiar-se n'uma gare desconhecida ou o saltar d'uma diligencia enfadonha n'uma terra que nunca tinha visto?—se te aconteceu isto, avalias de certo que apenas installámos a bagagem no hotel, sahimos promptamente para a rua, com o desejo de apanhar, ainda mesmo na sombra, a physionomia d'essa terra, que haviamos já d'antemão esboçado na nossa phantasia.

A solidão, sabes, é o caracter commum a todas as pequenas povoações de provincia desde o toque de recolher do regimento de guarnição; Vianna devia seguir a regra e segue-a regularmente, mas áquella hora a vida concentrava-se ainda nos *cavacos* das lojas de commercio, nos seus tres elegantes cafés, na *Havaneza* da Praça da Rainha,—porque Vianna tem uma Havaneza tambem, como Lisboa e Porto,—e nos seus clubs, um pouco mais frequentados todavia depois da ceia em familia ás 8 horas regulamentares.

Atravessando a Praça da Rainha, antigo campo do Forno, penetramos na rua da Picota e achamo-nos em breve no caes, n'esse caes que é toda a belleza de Vianna, por isso que sobre elle estende a cidade toda a sua frontaria alegre e contra elle estende o Lima toda a larga fita da sua corrente limpida.

O Lima! Estavamos apenas ha um instante sobre a margem d'esse rio feiticeiro, o rival do Minho,—do Minho, que viramos ainda ha pouco tão bello, tão ameno de paysagem, tão severamente magestoso, e por elle esqueciamos já essa prodigalidade de formosura! Ingratidão de recordações, severidade de critica? Nem uma nem outra coisa, porque não precisam comparar-se, para serem encantadores, os dois mais formosos rios da provincia!

Era de certo o effeito d'um phyltro mysterioso, que se nos diluia pela alma,—o phyltro da tradição; porque o Lima, sabes a lenda, foi pelos antigos julgado o rio do esquecimento, o Lethes mythologico, e os campos das suas margens os famosos Campos Elysios. «*Post hos Lethes, quem alii Limaeam, alii Bellonem appellant*», diz Strabão. «*Et cui oblivionis cognomen est Limia*», refere Pomponio Mella, escriptor de grande auctoridade e credito, visto ser natural da Hespanha e ter vivido no seculo primeiro da era christã.

Tito Livio circumstancia a lenda: «Em guerra com os callaicos, o consul Decio Junio Bruto tentou atravessar o Lima; na margem esquerda, porém, os soldados pararam amedrontados, receiando esquecer as lembranças da patria, se ousassem atravessar o rio. Bruto tomou então a bandeira das aguias e passou intrepidamente para a outra margem, d'onde chamou um a um os soldados pelos seus nomes, provando-lhes assim, que a memoria se lhe conservára fiel. As hostes imitaram d'esta vez o seu chefe e no sitio da *Passagem* (?) transpozeram o famoso Lethes.

Já vês, leitor, que ha razão fundada para que junto d'esse rio, que decorre tão brando sobre as suas areias luzentes, eu esquecesse não só o seu rival,—o Minho, mas me deixasse enlevar n'essa *reverie* dos sonhadores, que se alheiam por instantes de todas as pequenas luctas da vida. E foi então que, sob aquella solidão amiga, docemente illuminada pela flux castissima do luar, a minha imaginação evocou das sombras do passado a vida d'essa princeza, que ora adormecia ao cantico monotono das aguas do seu rio.

—Como haverá sido a sua infancia!—pensava.

E para logo via as flotilhas elegantes dos gregos aportando a essa foz poetica do Lima e nascer de sob o impulso d'esse povo commerciante e artista a primitiva Calpe, a cidade feita *á pressa*. «*In ripa Lethes Diomedes condidit urbem, Nomine Calpem, nunc pulchra Vianna tenet*», diz o poeta godo Rufus Avienus.

Era isto pelos seculos XI ou XII antes de Christo. Depois, attrahidos pela fertilidade dos terrenos da peninsula, os gallo-celtas chegaram até ás margens do Lima, e talvez que por uma lei de assimilação fazendo sentir

os seus effeitos em povos d'uma mesma origem aryana, uns e outros se identificaram n'uma mesma civilisação. As guerras eram continuadas entre visinhos, sabe-se, e os Turdulos, irrequietos inimigos dos celtas, não tardariam em vir tirar a desforra da perda soffrida na batalha, que entre uns e outros se havia ferido pouco antes e em consequencia da qual os celtas vencedores se acolheram á *Calpe* dos gravios. Levantaram então os olhos para a serra que dominava a sua formosa cidade e pensaram os povos alliados em fortificar-se nos seus contrafortes para resistirem aos inimigos communs, que por terra e por mar viriam decerto, n'aquelles tempos de correrias continuas, assolar as suas vidas e fazendas.

Então a minha imaginação sonhou vêr esse laborioso formigueiro celto-grego delinear os alicerces da nova cidade no alto de Santa Luzia, e para ella remover tudo o que existia na velha *Calpe* da ribeira. Á cidade nova deram o nome de Vianna, talvez porque no sitio da capellinha actual houvessem consagrado á deusa da caça, *Diana,* um templo magestoso. Sob essa denominação floresce largos annos a cidade, como os escriptores antigos nos referem. Os seculos voam entretanto, e quando o violento periodo das guerras punicas estala, nós encontramos os indigenas callaicos e lusitanos batendo-se valentemente contra Roma, que para vingar tal affronta envia Decio Bruto ao occidente da peninsula.

Corre o anno 136 da era christã, e levando de vencida os callaicos e lusitanos, o feliz proconsul ataca Vianna pelos dois castellos que a defendiam, um ao norte no ponto ainda chamado o *Crasto,* outro ao sul nas ruinas que se vêem junto da capella de Santa Luzia. Apezar de capitular com honra, Vianna é desde então invadida pela civilisação romana, e alguns escriptores pretendem mesmo que ella fosse a Britonia ou Brutonia, nome dado em honra de Bruto á velha cidade greco-celta.

Vianna ou Britonia, embora perfilhemos a doutrina d'aquelles que julgam ser Britonia na Bretiandos actual, a cidade atravessa incolume todo o dominio barbaro, e principia a soffrer debaixo do jugo arabe, sendo o theatro de devastações e luctas porfiadas até 982, em que o celebre Al-mansor a arrasa até aos fundamentos, depois d'um sitio apertado. Os fugitivos de Britonia (?) vem refugiar-se então n'essa aba da serra que é hoje a *Povoença,* e ahi levantam sob a invocação da Virgem o templo de Santa Maria da Vinha, ou Vinea, ou Vianna; a povoação principia a progredir, mas em 997 Al-mansor chega de novo como o *simoun* do deserto e varre, pela segunda vez, esses florescentes restos da cidade.

Os que escaparam ao massacre vem habitar o ponto onde proximamente existe hoje a capella de Santa Catharina, o *Atrium,* importante já em 1253, quando o conde de Bolonha, D. Affonso III, lhe concede o ti-

tulo de villa e foral com privilegios e regalias. «Quero fazer povoação o logar que se chama Atrio, na foz do Lima; e essa povoação, de novo, chamarei Vianna.»

É desde então que a existencia d'esta cidade, que nós vemos agora banhada nas sombras poeticas do luar, começa a progredir, explorando arrojadamente os mares, a ponto de adquirir como brazão symbolico uma nau de oiro á véla, em mar azul, tendo as armas reaes no mastro grande e uma ancora na prôa. As nevoas da historia descondensam-se desde então e agora que o espirito póde lêr claro nas paginas do seu passado, furtemol-o por um pouco a essa evocação, para o deixarmos entresonhar á vontade no seio adormecido e casto d'esta formosa noite de junho, que o Lima reflecte nas suas aguas docemente tremulas.

— Que noites estas na margem do Lima!... diz o elegante prosador D. Antonio da Costa, e tem rasão para dizel-o, porque é de tal modo poetica a natureza n'aquelle ponto, tão expansiva, tão virginal, tão alegre, que a alma mais torturada tem de esquecer as suas luctas intimas para se entregar inteira á muda contemplação d'essa adoravel!

E triste é dizel-o, porque a fragilidade humana é sempre uma confissão custosa, nós tivemos de abandonar essa amante ideal de algumas horas para nos mettermos n'um leito de hospedaria, um triste leito de madeira antiga, o castiçal burguez sobre a banquinha de cabeceira, o somno fechando-nos as palpebras com um despotismo feroz!

Manhã cedo porém, quando a cidade principiava o seu despertar buliçoso, nós estavamos já no seu formoso jardim á margem-rio, representado pela nossa gravura, percorriamos o mercado pittorescamente animado pelas camponezas dos arredores, as mais garridas mulheres da provincia, de cujo trajar dará idéa exacta nm dos nossos chromos, passeavamos pelo seu caes extenso examinando as obras interminaveis da doka, [1]

[1] Do *Diario Popular* de 20 de junho de 1885 transcrevemos a seguinte noticia relativa a estes trabalhos:

Doka do Porto de Vianna de Castello. — Proseguem com grande actividade os trabalhos da construcção d'esta doka.

A escavação do amplo recinto póde considerar-se completamente executada em 240 metros de comprimento, assim como os tres caes que n'essa extensão o delimitam. Uns 56 barreneiros se acham actualmente occupados no quebramento da rocha.

O caes, ou antes o terrapleno exterior da bacia de fluctuação, fica formado por dois muros parallelos, apresentando um d'elles o seu paramento ao rio, e o outro ao interior da doka, sendo depois aterrado o espaço vasio que medeia entre os dois muros. Este terrapleno, que mede no seu coroamento 12^{m},50 de largura e que deve prolongar-se muito para além do topo Oeste da doka, por quanto a sua continuação virá a constituir a parede exterior do canal de accesso, representa uma das partes mais avultadas de toda a obra, já pela grande extensão em que tem de desenvolver-se, já pela difficuldade inherente á fundação do seu muro exterior, executada por caixões, que successivamente vão permittindo o pôr-se a rocha a descoberto e a formação de um

subiamos ao castello para aspirar a viração fresca d'aquella pura atmosphera marinha, impregnada dos aromas das algas, e desciamos para, depois de atravessar o extenso campo da Agonia, onde se effectua a grande feira de 18, 19 e 20 de agosto, irmos parar de novo ao hotel, onde o almoço nos esperava appetitoso e farto. N'esta excursão tivemos ensejo de ir vendo os restos da Vianna antiga e de passar em parte da sua linha primitiva de fortificação.

Sabe-se que depois do foral de D. Affonso III os viannenses se obrigaram a levantar á sua custa os muros de cantaria e entreter a defeza da povoação. O circuito murado, informa o dr. Figueiredo da Guerra no seu livro *Vianna do Castello,* principiava na porta da Ribeira, do Caes, Victoria, arco de S. Chrispim, rua do Caxuxo direito ao Eirado (hoje casa Malheiro Ramão) voltando d'ahi á praça da Erva, e vindo terminar no largo da Picota. Cinco portas flanqueavam esses muros: a de S. Thiago ao norte, S. João e Victoria ao sul, S. Pedro ao oriente e S. Filippe ao occidente.

O *castello* data egualmente d'essa epocha, embora sob um plano differente do que hoje tem. Os viannenses levantaram ahi a torre da Roqueta, e por tal serviço como pelos da edificação da muralha, lhes concedeu el-rei, entre outros privilegios, o de dar a jurisdicção de capitão-mór e alcaide da villa e seu termo á camara para o mais antigo vereador eleito, privilegio de que os viannenses foram ciosos, tendo havido por vezes reclamações do senado, quando essa mercê era usurpada. A torre da Roqueta foi depois por D. Manuel mandada reconstruir e adaptada ao uso da artilheria.

Em 1567, informa o sr. Vilhena Barbosa, fizeram-se muitas outras obras de reedificação e de augmento reinando D. Sebastião. Filippe II accrescenta e fecha em 1592 o castello com fossos e muralhas e finalmente já na epocha da nossa restauração, 1652, a construcção toma quasi a fórma definitiva que apresenta, sendo governador da provincia D. Diogo de Lima, nono visconde de Villa Nova de Cerveira; os revelins exterio-

compacto macisso de beton até ao nivel da maxima baixa-mar; d'ahi para cima será o muro feito de alvenaria e cantaria ao modo ordinario.

Termo medio, acham-se actualmente empregados em toda a construcção uns 381 operarios (242 homens e 139 mulheres); e na presente campanha, não fallando na escavação da bacia, tem-se construido a barragem de vedação, procedido á nova installação de todas as linhas de serviço e effectuado a mudança das diversas officinas, telheiros, estancias para o fabrico das argamassas e mais accessorios do estaleiro, trabalhando-se tambem activamente no avançamento do caes exterior.

Segundo o projecto, a bacia de fluctuação terá a fórma trapezoidal, com 300 metros de comprimento de Leste a Oeste.

res são levantados em 1700, sendo governador das armas D. João de Sousa, e os ultimos melhoramentos são devidos ao general Daniel Calder em 1799.

O castello póde conter uma guarnição de 3:000 homens e encerra dentro de seus muros quarteis, egreja, casa para governador, paiol, etc. Foi elle que deu á cidade o cognome actual, pelo facto de ter nas luctas civis de 1846 soffrido um aturado sitio das forças da Junta do Porto. D. Maria II elevou então a villa á cathegoria de cidade, que denominou *Vianna do Castello,* em memoria d'essa resistencia.

Por occasião da primitiva fortificação ficaram os pescadores privados de entrar a qualquer hora na pequena ermida de Santa Catharina que na foz do rio haviam construido; d'isto se queixaram elles a Filippe II, que os attendeu e indemnisou, mandando construir a actual capella de Santa Catharina e annexando a primeira ao castello, dando-lhe S. Thiago por padroeiro. Defendido pelo castello vê-se na barra um fortim semi-circular de pequena elevação acima do nivel d'agua.

Fallando do castello não podemos esquecer a inscripção, que o dr. Pedro Augusto Ferreira, primeiro que nenhum outro investigador, lançou á publicidade no jornal o *Commercio Portuguez,* do Porto. É uma pedra quadrangular embutida no muro, que dá para uma porta, d'onde se vae para o jardim. É em caracteres latinos:

«*Por mandado de Sua Magestade, seja notario ás embarcações portuguezas que passam por esta fortaleza, que nem á entrada n'este porto, nem á saida d'elle me devem salario, propina nem direito algum, nem a ella nem ás pessoas que n'ella servem; e ás embarcações extrangeiras seja notario, que por entrada não me devem tambem cousa alguma, e á saida ande pagar um cruzado por cada embarcaçam e nenhuma outra cousa mais. Lisboa XIX de Novembro de M. D. LVII.*»

É, como se vê, uma inscripção valiosa para a historia de Vianna, pois demonstra não só as franquias que os nossos reis lhe concederam, como ainda o impulso que á sua florescencia maritima devêra dar esta liberdade de navegação e commercio.

A esplanada do Castello fórma o extenso campo da Agonia, onde se effectua a grande feira annual a que alludimos já, e no seu extremo norte levanta-se a capella da Senhora da Agonia com a sua torre similhante a um mirante, tal como a nossa gravura a representa. A egreja foi principiada em 1752 e terminada em 1755. Em 1868 foi erigida a torre, e em 1873 procedeu-se a accrescentamentos no templo, que infelizmente deturparam a elegancia do primitivo risco.

E, pois que estamos no ambito d'um templo, visitemos, leitor, os que

de mais importancia nos apresenta Vianna, ainda que a nossa visita tenha de ser muito ligeira.

Aqui estamos já no magestoso templo de S. Domingos, cuja frontaria recorda o estylo italiano, e cujo convento annexo aloja hoje as repartições publicas do governo civil, administração do concelho, recebedoria, obras publicas e districtaes, fazenda e telegrapho. A sua fundação data de 1566 e para ella concorreu a iniciativa do virtuoso Fr. Bartholomeu dos Martyres, cuja ossada jaz n'um tumulo ao lado direito da capella-mór.

O prelado, que assombrou com a sua voz o concilio de Trento e com as suas virtudes a depravação do seu seculo, viveu o resto da sua vida no mosteiro como um simples frade, depois de haver resignado o arcebispado de Braga. A lenda amorosa do povo pelo *santinho* não tardou a aureolar-lhe o nome e n'outro paiz, que não fôra o nosso, a humilde cella em que esse apostolo do bem viveu os ultimos annos da sua vida, teria sido conservada como reliquia preciosa! Mas vão lá pensar n'estas coisas os timoneiros do Estado!

Quem sabe quantas vezes essas paredes, que foram a testemunha muda dos esforços caritativos d'um justo e das expansões altruistas d'uma das mais formosas almas do seu tempo, não terão presenceado agora a violação da consciencia do cidadão eleitor, que á administração do concelho vem trazer o seu *voto* para os governos!... E tu, amanuense triste, quantas vezes tambem na tua imaginação doente de desejos, não terás visto perpassar a sombra amiga de Bartholomeu dos Martyres, risonha como a promessa que te fizeram d'um augmentosito de ordenado!...

Além do tumulo do virtuoso arcebispo, S. Domingos possue no côro outra preciosidade historica. São as bandeiras que o regimento 9 de infanteria trouxe em 1814, no seu regresso da campanha peninsular.

O templo magestoso e vasto é hoje a séde da freguezia de Nossa Senhora de Monserrate, d'onde era natural o trabalhador indefesso que tanto auxiliou a nossa educação como mestre e tanto auxiliou este livro com o subsidio do seu *Diccionario abreviado de chorographia,*— José Avelino de Almeida, que ahi foi baptisado em 11 de janeiro de 1807, tendo nascido a 6 do mesmo mez.

Uma outra egreja que não podémos deixar de visitar é a da Matriz. Basta para isso atravessar a Praça da Rainha e procurar n'um recanto do seu lado norte o magestoso templo, d'um aspecto vetusto, e d'uma bella frontaria em estylo bysantino-romano. A porta principal abre sobre arcadas sustentadas por cariatides que representam os apostolos com as insignias dos seus martyrios, sendo o mais externo dos arcos formado por uma legião de anjos, em cujo centro destaca a figura do Salvador. O corpo

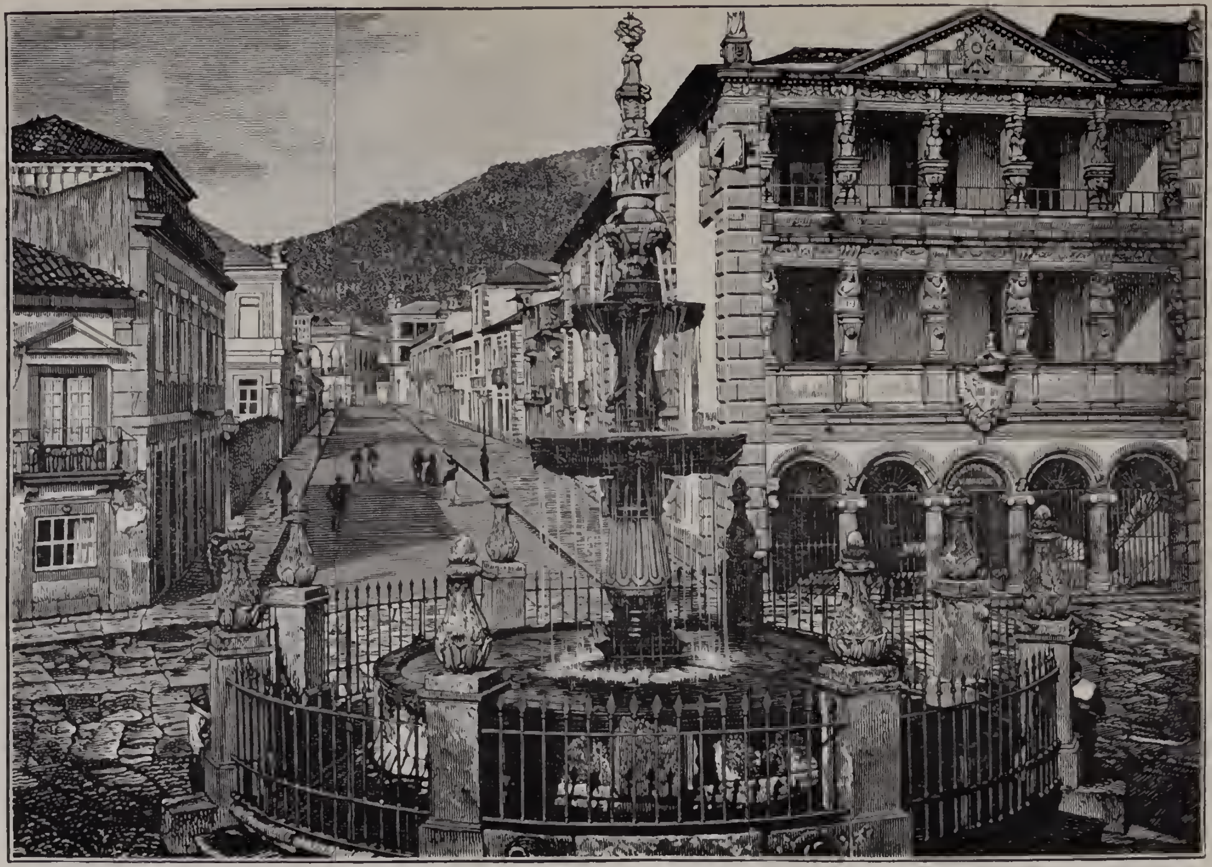
do edificio é sustentado por dez amplos arcos ogivaes correspondendo a diversas capellas. Duas torres ameiadas completam a fachada do edificio: na do norte está o sino e relogio da camara e um monogramma antigo; na do sul, reedificada modernamente, vêem-se ainda as armas de D. Affonso V, talvez porque este monarcha muito concorreu para a conclusão do templo, que se effectuou em 1440. A matriz é a sede parochial da freguezia de Santa Maria Maior.

Uma das mais importantes capellas ahi existentes é sem duvida a dos Mareantes, não só pela sua incontestavel antiguidade affirmada na *lapide* situada na parede exterior da capella, onde se lê a data de 1404, mas tambem porque a sua historia é por assim dizer uma resumida synthese da historia da Vianna commercial e maritima. A florescencia d'essa confraria privativa dos homens do mar coincide com a epocha fastigiosa de Vianna; a sua decadencia com a decadencia da cidade. Os privilegios, as insenções, as franquias que beneficiaram a confraria, denotam bem como era considerada pelos nossos reis a iniciativa poderosa dos viannenses de então.

Uma outra egreja ainda, meu amigo, mas tão perto de nós, que não devemos esquecel-a, sob pena de sermos considerados como uns selvagens que jornadeiam! E como esquecel-a tambem, se a ornamentação original, em estylo normando, do edificio da Misericordia, logo ao entrar da Praça da Rainha nos convida a penetrar no seu interior! É amplo o templo, rico de madeiras marchetadas e prodigo de bellos azulejos; a sua reedificação data de 1714, concedendo para ella os viannenses os 20:000 cruzados que D. Pedro II pedira emprestados para a conclusão das obras da praça de Monsão. As formosas varandas que mencionamos são do seculo XVI. A nossa gravura dá uma idéa exacta das bellezas do seu estylo architectonico.

E pois que a visitação das egrejas nos trouxe a esta da Misericordia, digamos duas palavras sobre tão florescente instituição de caridade. Começou em 1520 a irmandade e hoje tem a seu cargo a sustentação do hospital, recolhimento de S. Thiago e direcção do Banco Agricola e Industrial, por ella creado com o fundo de 29:000$000 réis. O hospital tem de receita media 4:000$000 réis por anno economico e comporta um movimento regular de 250 a 300 doentes. O recolhimento de S. Thiago remonta ao seculo XV e o seu oratorio era em 1527 administrado por algumas freiras franciscanas, sob a vigilancia do senado; tomou d'elle conta a Misericordia em 1663. Ampara regularmente umas doze pensionistas, que teem todavia de recorrer ao trabalho, visto que são insignificantes as rendas do estabelecimento.

Além dos templos que temos visitado, muitos outros conta Vianna



Vianna: Praça da Rainha e Rua da Carreira — Desenho de João de Almeida

dignos ainda de alguma attenção, além das capellas de *Monserrate,* construida em 1601 e por muitos annos parochia; *Almas,* ou *Matriz velha,* ou *S. Salvador do Atrio,* o primeiro templo que Vianna possuiu; e ermidas de Nossa Senhora das Candeias, da Conceição, S. Roque e S. Vicente, do meiado do seculo XVI, e Nossa Senhora do Resgate e Victoria, do fim do seculo XVII.

Esses outros templos, porém, que n'este instante omittimos, mas de que vamos fallar já são os que pertenceram ás extinctas corporações religiosas. Alguns são mesmo ainda por estas conservados, visto que n'um ou n'outro mosteiro de freiras ainda algumas religiosas existem, senão praticando a regra com o escrupuloso rigor dos templos monasticos, pelo menos dirigindo a educação das seculares que aos seus mosteiros concorrem.

Foi notavel, ha poucos annos ainda, como casa de educação o convento das *Ursulinas,* ou Chagas, no sopé do monte de Santa Luzia, pela sua vertente sul. A egreja, apezar de pequena, apresenta um bello frontispicio. A fundação data de 1726, e a organisação do instituto ursulino de 1778. [1]

Proximo da avenida da ponte, o mosteiro que olha sobre o Lima, e tão proximo do rio, que antes do novo largo as aguas vinham bater contra os seus muros, é o de *S. Bento.* Construido em 1545 no local d'uma ermida de S. Bento, que em 1502 ahi fundára o eremita Fr. Jeronymo, cujas cinzas repousam no tumulo que está sob a pia baptismal da egreja do convento, o edificio foi reedificado depois em 1710. A instituição parece todavia ter começado em 1508, visto ser essa a data da provisão concedida a tres senhoras, que tentaram ali reunir-se em communidade da ordem; e é de crer tambem, que as sepulturas achadas no terreno do novo mercado, occultas sob o cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança, fossem as d'essas primeiras devotas de S. Bento. O dr. Figueiredo da Guerra, illustre escriptor de Vianna, a cujo livro devemos muito importantes noções para a elaboração d'este capitulo, deu já noticia d'essas sepulturas no *Noticioso,* de Valença, em agosto de 1881.

Um outro convento a visitar é o das *Carmelitas,* ou do *Desterro,* habitado ainda ha pouco por umas tres religiosas. É fundação de 1779 e installação de 1785.

Como ultima casa religiosa de instituição feminina resta-nos visitar o mosteiro de *Sant'Anna,* no interior da cidade e tão proximo da Estação,

[1] Lêmos ha dias em um jornal do Porto a noticia de já estarem avaliados para serem vendidos em hasta publica, a cêrca e mais propriedades pertencentes a este convento. Tudo foi avaliado em 2:630$610 réis!

que parte da sua cêrca é hoje occupada pelas agulhas da via ferrea. É fundação de 1510, mas do primitivo templo não resta hoje senão o campanario e o portal collocado no mirante.

Estão vistos os conventos de freiras, meu amigo, e para continuar na peregrinação, a que podemos chamar verdadeiramente piedosa, eu creio que tu não desgostarás de retemperar um pouco o teu estomago com uma pequenina *collação*—vá o termo um pouco pio tambem—mais agradavel ainda se tiver um ligeiro sabor religioso. Pois aqui temos bem perto a gradaria do convento e...

—E o que? perguntas esperançado.

—E os deliciosos pasteis de que as freiras conservam o segredo *du savoir faire*.

Mais felizes do que fomos em Caminha, a rodeira ouve-nos attenciosamente e poucos minutos depois um aroma subtil de doce de convento chega até ao nosso olfacto, que se permitte intimas alegrias com o paladar, quando este se resolve a applaudir o trabalho das boas religiosas... mastigando-o.

Se este livro não fosse o de um simples *touriste,* se tu, meu alegre companheiro d'estas horas, não me pedisses que fosse o teu *cicerone* pela provincia fóra, recusando-me todo o descanço, prohibindo-me toda a fadiga, em quanto não vires fechada a ultima pagina d'esta carteira de viagem, como eu te faria agora, a proposito d'estes deliciosos pasteis que estamos saboreando, o panegyrico d'essa arte que vae a extinguir-se, de mãos dadas com a extincção dos conventos das religiosas—a arte de fazer doce!...

Que bons que deviam ser os dias de abbadeçado, as grandes festas solemnes dos mosteiros!... Como devia ser um manjar para deuses o prato especial para o Senhor Bispo, que tinha de vir á solemnidade, e uma ambrozia delicada o vinho ou o licor saborosissimo, servido a Sua Eminencia pelas finas mãos patricias da abbadeça!

E tudo isto a civilisação derruiu, sem que ao menos soubesse aproveitar d'entre os escombros d'essa ruina, a arte, a arte preciosa de fazer doce!... Lamentemol-o, meu amigo, e já que o seculo nos retemperou a alma para as fortes luctas e nos roubou o pretexto de chorar, como Jeremias, a proposito de qualquer desdita, passemos adiante, como se atraz não ficassem esses pasteis deliciosos, e continuemos resolutamente a nossa peregrinação piedosa, visitando, embora a passos rapidos, os mosteiros em que os frades assentaram arraiaes sobre os terrenos de Vianna.

Aqui temos já o local onde se levantou outr'ora a collossal egreja e convento dos *Cruzios,* e que hoje é o largo da Estação do Caminho de

ferro. A construcção principiou em 1631 e a demolição d'essa fabrica sumptuosa foi levada a cabo em 1877.

O *Carmo* foi principiado a edificar no anno de 1621 pelos Carmelitas descalços. O templo é pequeno mas alegre, e a Ordem Terceira, a quem hoje pertence, conserva-o n'um estado de escrupulosa decencia. O edificio do mosteiro está bastante deteriorado, tendo sido parte adquirido pela Ordem com o fim de estabelecer ahi um hospital para os irmãos pobres.

Foi n'esse mosteiro, hoje morto para a vida religiosa, que veiu aprender humanidades um pobre rapaz de S. Bartholomeu do Mar, attrahido talvez pela vida ascetica dos monges, ou pela fama da sua sciencia e virtudes. A estamenha não poude prender, porém, aquelle que a Liberdade destinára armar seu cavalleiro, e o discipulo dos carmelitas de Vianna ganhou um dia as esporas de oiro nas paginas violentas do *Espectro,* depois de ter luctado pela victoria sangrenta das idéas no carcere e na revolução.

Morreu ministro e secretario de Estado do seu paiz esse obscuro discipulo dos frades do Carmo. O seu nome, adivinhaste-o já? Foi na vida Antonio Rodrigues Sampaio!

Santo Antonio dos Capuchos, hoje hospital militar, tendo na sua cêrca o cemiterio publico pouco nos estimula a attenção. Os seus alicerces datam de julho de 1612.

Um outro convento de frades temos a visitar e se não por que o seu merito seja grande, mas porque a sua situação agreste e melancholica na encosta do monte o tornam uma verdadeira estancia de mystica poesia, não devemos esquecel-o, nem o deve esquecer todo aquelle que deseje passar alguns dias em Vianna. É o convento de *S. Francisco do Monte,* a 2 kilometros da cidade e um dos seus mais antigos monumentos. Foi seu fundador o beato Fr. Gonçalo Marinho em 1392. O edificio está hoje servindo de habitação ao caseiro que cultiva a terra lavradia da cêrca e é propriedade dos herdeiros do visconde da Carreira. Na matta, frondosa e secular, o espirito parece recolher ainda no murmurio das fontes e no ramalhar do arvoredo as recordações vivas dos monges, que vinham ahi meditar, após as torturas dos cilicios com que haviam flagellado a carne.

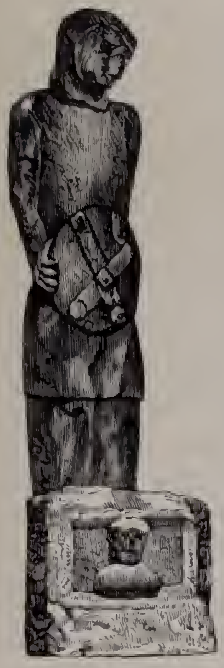
A nossa, meu amigo, flagellada já com esta larga excursão matinal, vamos submettel-a ainda ao despotismo do cosinheiro do hotel, que é muitas vezes uma disciplina mais rigorosa que todas as que os ascetas inventaram. D'esta vez, porém, o arroz de frango estava delicioso e o *roast-beef* tinha um bello aroma aperitivo; esquecemos depressa a poesia dos monges, e iamos tambem esquecendo com o cavaco dos companheiros do hotel o muito que nos restava para vêr dos palacios da princeza do Lima,

se a curiosidade não fôra o melhor aguilhão d'um *touriste*, mesmo depois d'elle ter fradescamente almoçado.

—Pois ainda havia que visitar em Vianna? perguntava a nossa preguiçosa indolencia olhando atravez das vidraças um sol claro de verão e sentindo na apathia dos nervos a lassidão causada pelo calor.

—Se havia—respondia-lhe a curiosidade.—Então os edificios publicos não mereciam um exame, por ligeiro que fosse, e os particulares, alguns dos quaes tão formosos na sua architectura gothico-florida, não pediam pelo menos um olhar? E a curiosidade lá pôde arrastar a preguiça e conseguiu mostrar-lhe a casa da camara com o seu aspecto de fortaleza antiga e *cadeia* annexa, a primeira mandada fazer em 1502 por D. Manuel, cuja esphera armilar ainda lá se vê, a segunda terminada em 1698. O chafariz que está defronte da casa da camara data de 1554.

A curiosidade levou ainda a sua pertinaz companheira pela rua de S. Sebastião para lhe mostrar o antigo edificio da *Vedoria*, hoje refugio d'uma companhia de veteranos, arrastou-a até á rua das Rosas para lhe mostrar o quartel de infanteria, construcção de 1790, sendo governador das armas da provincia Daniel Calder, fez-lhe visitar a *Alfandega* construida no tempo de D. João V e entremostrou-lhe pelo caminho, na rua da Carreira, o palacete dos Tavoras e o do chorado poeta Balthazar Werneck; na praça de D. Fernando o palacio que foi do bravo Luiz do Rego Barreto, governador geral de Pernambuco e depois da provincia do Minho; o Lyceu na rua da Bandeira, a casa de architectura manuelina da rua de S. Pedro e a do commendador de Malta, Taveira, defronte da matriz, menos formosa e em estylo menos puro que a primeira.



A estatua callaica do Pateo da Morte

E por que tivemos de passar na rua da Bandeira não esqueçamos a estatua de granito do Pateo da Morte, uma das mais celebres curiosidades archeologicas de Vianna, a ponto de se ter d'ella occupado nas suas *Noticias archeologicas de Portugal* o eminente epigraphista allemão o dr. E. Hübner.

Demais, essa estatua tornou-se uma especie de Sphinge, pretendendo mais que um erudito decifrar-lhe os enygmas. Sem nos enredarmos n'essas questões, que os amadores podem vêr além do livro de Hübner, no *Diccionario* de Pinho Leal, no livro *Vianna* do dr. Figueiredo da Guerra, e n'uns artigos do jornal *Pero*

Gallego, escriptos pelo mesmo senhor; n'um artigo do *Pantheon,* firmado pelo sr. Martins Sarmento; nos *Narcoticos,* de Camillo Castello Branco, e ainda em uns artigos do sr. José Caldas; o que hoje passa averiguado é que essa estatua é positivamente uma estatua *callaica,* embora deturpada posteriormente em alguns dos seus accessorios. Se assim é, ella revela bem a infancia da arte nos primitivos tempos historicos: veja o leitor a respectiva gravura.

— D'esta vez Vianna está vista, disse a preguiça tressuando já e esperando um descançosinho conveniente.

— Ah, queres então deixar de vêr a ponte, e as ruinas de Santa Luzia, e a Estação, e o theatro?

— Ao theatro, vamos lá ao theatro.

E fomos com as duas irreconciliaveis vêr o moderno templo de Talma,— seja permittida a periphrase em uso no estylo de provincia —, embora soubessemos que não estavam ainda concluidos os seus arranjos interiores. Um scenographo qualquer pintava o scenario, e do palco nós podémos avaliar o espaçoso ambito do theatro moderno, com que Vianna vae ser dotada. [1]

A Estação não t'a descrevo, meu amigo; d'esta vez a preguiça vence; mas tu pódes avaliar pela gravura a imponencia e magestade do edificio. Quizera visitar ainda comtigo as ruinas do Monte de Santa Luzia, mas o tempo impede a realisação d'esse desejo, e por isso me limito a dar-te uma noticia rapida do estado da sua exploração. Foi em 1877 que o sr. Possidonio da Silva visitou essas ruinas, e que pela Associação dos Architectos obteve alguns fundos com que fazer a sua exploração; foi pequena esta, mas importante nos seus resultados. Encontrou-se o piso da velha povoação, e pozeram-se a descoberto umas onze casas, algumas das quaes circulares; entre os objectos encontrados avultam moedas de cobre romanas de Cesar a Constantino, pregos e enfeites do mesmo metal, fragmentos de ceramica romana, uma pequena columna de cobre com lettras em monogramma, que o sr. Figueiredo da Guerra entende poder desenvolver *Vianna,* e restos d'uma bem trabalhada taça de vidro!

[1] Foi já inaugurado em 29 de abril de 1885. E pelo que lêmos mais tarde em um jornal, podêmos dar a seu respeito alguns esclarecimentos.

A primeira pedra foi lançada em dezembro de 1875. Deve-se este importante melhoramento á sociedade fundada sob o titulo de *Companhia Fomentadora Viannense,* pelo conselheiro A. A. da Rocha Paris, Sebastião da Silva Neves, dr. José Affonso de Espergueira e José Alves de Sousa Ferreira. O theatro contém 20 frizas, 21 camarotes de 1.ª ordem, 16 de 2.ª e um bello e espaçoso *foyer.* No salão ha 82 cadeiras de platéa superior e 132 de geral. A decoração é excellente. A pintura do tecto é um bom trabalho do pintor João B. do Rio. O palco, vastissimo, abrange uma área de 360 metros quadrados.

Como se vê, ha elementos tão diversos a coordenar, que só minuciosas investigações o poderão conseguir. E, far-se-ha isso um dia? É pelo menos de esperar que sim, visto que pela iniciativa do illustre escriptor viannense já citado, se organisou ha pouco uma confraria com o fim não só de venerar a imagem da capella, como de proteger as veneranda ruinas e fomentar o aformoseamento do local, d'onde se gosa um delicioso panorama. A capella de Santa Luzia é antiquissima, pois a sua ultima reconstrucção data de 1664.

Portozello — Desenho do natural por João de Almeida

Teremos de voltar a Vianna no fim da nossa excursão pelas freguezias do concelho; para então as notas da sua vida commercial e maritima, o folhear das paginas gloriosas da sua historia, os traços da sua actividade intellectual.

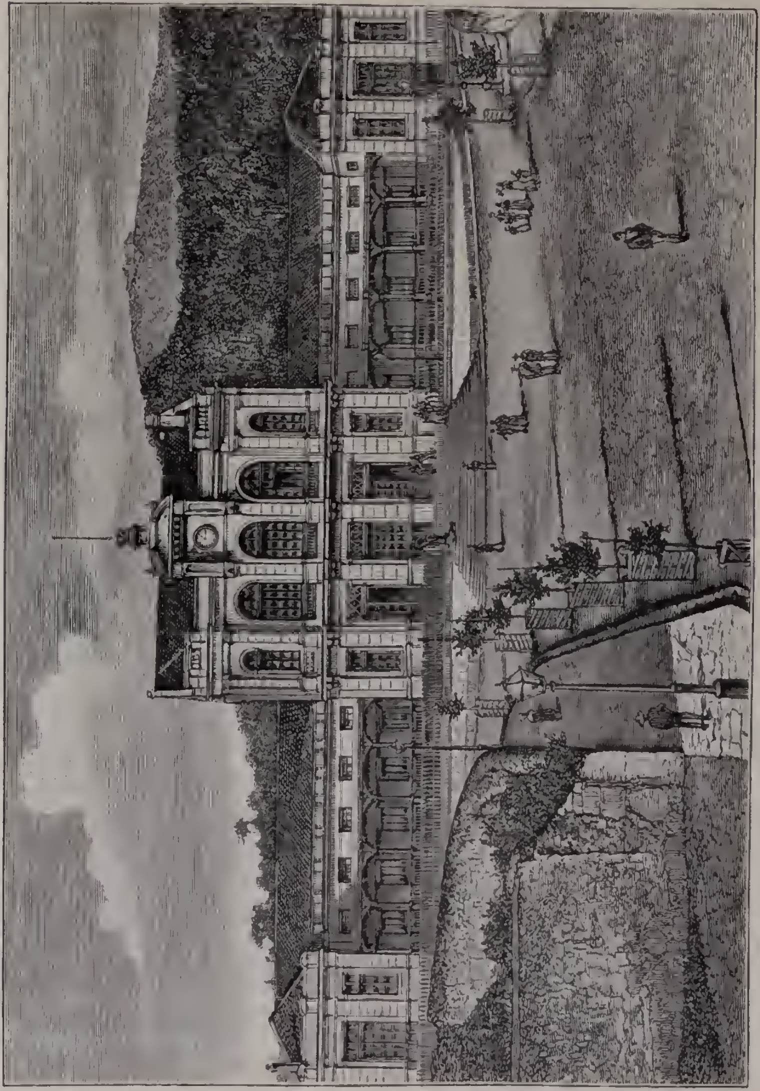
*
* *

A estrada para Ponte de Lima, á margem rio, é uma formosura — dizem-nos.

— Pois vamos percorrel-a n'um trem descoberto, visto que é difficil e morosa a navegação pelo rio, e mais difficil e moroso ainda o poder-se arranjar um barco para realisar essa excursão.

É meio dia, o sol faiscante d'um bello dia de verão. Mal temos tempo

para atravessar a larga avenida da Ponte e logo nos apparece o logar de S. Vicente com a sua casaria entremisturada com a vegetação, como que a formar a transição entre a cidade e o campo. O primeiro eremiterio rustico fica-nos já aqui na estrada com o seu adrosito murado e as suas oliveiras annosas. É o da freguezia de *MEADELLA*, a que pertence esse logar de Portozello, representado na gravura, um verdadeiro quadro da Suissa, com o seu riosito e ponte, os salgueiraes melancholicos nas margens, as azenhas encantadoras de posição, as lavadeiras batendo a roupa, na doce toada das cantigas soltas.



Vianna: A Estação do Caminho de ferro — Desenho de João de Almeida

N'esta freguezia está a torre e quinta de *Paredes*, que foi solar dos Bezerras.

Para além da ponte, a porção de Portozello que vamos atravessando, é já da freguezia de *SANTA MARTHA*, onde a paysagem continua a ser risonha. O Lima parece banhado em luz, as arvores como que o beijam amorosas.

O trem pára no largosito em cujo centro destaca o espiralado cru-

zeiro de granito, d'um elegante aspecto, e nós vamos no entretanto examinar a graciosa egreja de construcção recente, dando ainda a ultima demão na sua *toilette* branca. O espaçoso predio que lhe fica em frente é o do rico proprietario Ventura José da Costa.

Muitas outras construcções de valor possue Santa Martha, mas a que a todas sobreleva é a formosa vivenda acastellada do illustre poeta Antonio Pereira da Cunha, o honrado e venerando chefe do partido miguelista.

Dignos de menção são ainda os edificios nobres dos viscondes da Carreira (Abreus Limas), dos Pintos Corrêias, antigos alcaides-móres de Caminha, e da familia dos Trancas, hoje extincta.

Collocada na aba da serra de Perre, Santa Martha fica n'uma situ-ção deliciosa á margem Lima e é uma das mais ferteis freguezias ribeirinhas.

Pelo norte confina com a parochia de *PERRE*, cujo abbade tinha a bella renda de 700$000 réis, sendo alternativamente apresentado pelos monges benedictinos de S. Romão de Neiva e pelos Velhos, Barretos, Jacomes e Lobos, tendo os monges a terça parte.

Está n'esta freguezia a torre e casa de S. Gil de Perre, que foi dos frades de Oia, e por troca passou aos Bezerras. A torre de S. Gil é o solar dos Correias, ascendentes da marqueza de Terena e Monfalim.

Mais sobre a serra e ao norte de Perre levanta o seu eremiterio a freguezia do *OUTEIRO*. A egreja parochial está n'nma eminencia pittoresca e para ella dá ingresso um extenso escadorio. As freiras benedictinas de Vianna apresentavam o vigario collado, que tinha 120$000 réis de rendimento. A doação da egreja, que por um abbade fôra em sua vida feita ás freiras, foi por um novo vigario contestada e com recurso ao Papa pôde conseguir que as freiras não continuassem fazendo a doação, embora estas, com o fim de allegarem posse, tivessem vindo residir por alguns annos na residencia parochial.

Terra fertil e com a industria da creação dos gados bastante desenvolvida, a freguezia do Outeiro é sobremaneira pittoresca, apezar de encravada entre montanhas; dão uma nota agradavel á sua paysagem os logarejos em que se subdivide. Os seus habitantes são de caracter affavel, trabalhadores e submissos e a sua principal riqueza consiste na cultura da vinha, do milho, e na producção do mel.

A colheita vinicola é por sem duvida a mais importante. A romaria de mais nome no Outeiro é a da Virgem do Rosario, celebrada por occasião da festividade do orago, a 11 de novembro.

De novo em marcha pela deliciosa estrada, vêmos sorrir, á direita,

o campanario de *SERRELEIS*, por entre soutos e pinheiros mansos. Foi n'esta freguezia registrada uma mina de chumbo no anno de 1873. Caminhamos sempre, e parece que nos vem acompanhando sempre tambem o elevado sanctuario de *S. Silvestre*, com a sua torre quadrada destacando pela brancura da cal sobre o anil cinzento da montanha.

—Prevês já o que te vou dizer!

Em julho, apezar das calmas, o povo, com os *clamores* das freguezias, sobe a encosta alcantilada e ingreme para fazer a sua romaria. São tres bellos dias de folgança alegre e de horisonte largo. Largo e formosissimo, que é um encanto para os olhos do rosto e da alma aquelle panorama esplendido, que se descobre do sitio da capella. Um dos mais bellos do Minho!

Além da romaria de julho o povo vem por diversas occasiões do anno implorar a protecção do santo. Que o sol não appareça nas eiras ou que a chuva não cáia a tempo no nabal, e S. Silvestre verá logo dirigirem-se para o seu eremiterio os peregrinos piedosos.

O terreno do sanctuario pertence á freguezia de *CARDIELLOS*, cuja egreja parochial é esta que vêmos aqui junto da estrada. Antigamente da comarca de Valença o seu primitivo orago foi Santa Margarida. O papa e o ordinario apresentavam o abbade, que tinha 120$000 réis de renda.

É em Cardiellos que existe a torre de Moure ou de D. Sapo, a que se liga a tradição seguinte:

Florentim Barreto, senhor absoluto de Cardiellos, exigia das noivas suas vassallas o odioso direito da *marketta*.

O que ha de pudico e casto na alma da mulher, devia revoltar-se contra esse vexame ultrajante. E era impossivel tambem que o coração dos noivos se não insurgisse contra esse costume barbaro e brutal, que lhes roubava logo na primeira noite do noivado o primeiro desfolhar da grinalda de laranjeira, que tanto haviam appetecido á mulher amada! Mas os tempos não eram de revolta, e o povo laborioso e honesto tinha de acceitar submisso e calado os ultrajes da raça privilegiada.

—Recorra-se então ao estratagema—pensou alguem do povo.—E logo uma commissão foi ao rei pedir auctorisação para se matar um *sapo*, que era na freguezia o flagello de todas as mulheres honestas.

—Seja—annuiu facilmente o rei, sorrindo do disparatado do pedido, e com esta permissão do monarcha a vida do lubrico Florentim foi depressa sacrificada á vingança dos noivos de Cardiellos.

Um pouco acima do logar da torre de D. Sapo notam-se na Aguieira vestigios de fortificação antiga, por egual sensiveis tambem no terreno da margem do Lima, pertencente á freguezia.

Vamos seguindo e d'esta vez por um declive suave; o trem deslisa rapido e mal temos tempo para prender o nosso espirito, cançado de tanta belleza, aos enlevos d'esse areal de oiro posto além no Lima, entre a verdura fresca dos salgueiros e a corrente branda das suas aguas. Atravessamos a ponte de Cardiellos; á direita um outeirosito sem vegetação, encanta-nos com os seus poeticos moinhos de vento; á esquerda, o pinheiral descreve a sua linha séria de pelotão em marcha.

Aqui estamos já na freguezia de *S. SALVADOR DA TORRE*, proximo da egreja parochial, onde paramos um instante. Tinham-nos fallado n'umas inscripções ahi existentes, sem nos dizerem o seu valor respectivo e por isso nos apeámos para as visitar.

Ao parocho pedimos a chave do templo, mas o bom do pastor d'aquelle redil—(vá em segredo), de que se tresmalhára na vespera uma formosa ovelha,—teve a amabilidade de nos acompanhar até lá. Foi elle mesmo quem nos contou circumstanciadamente o caso, em quanto faziamos o caminho da egreja.

— Pois tinha sido na vespera—dizia afastando as folhas dos milharaes que vinham roçar-nos asperamente a face—ninguem o havia de dizer, isto é, rumorejava-se já, e o peior foi ter sido com um homem casado.

— Leviandades! fraquezas da carne!

— Eu lhe digo. A rapariga tem já os seus dezoito annos, podia ter juizo!...

— E que tal abbade?

— Vamos lá, vamos lá, mas um escandalo cá por a freguezia!...

— Fugiu então?

— Ora, vão-se agora por essa Braga ou esse Porto fóra a gastar as boas libras!...

Passavamos junto d'uma macieira carregada de fructo.

— Veja isto—disse-me apontando para a formosa arvore.

— Um prodigio!

— Ha este anno muita fructa e vinho, graças a Deus; estou que se ha de vender a pipa a dez mil réis... pois não me passa, não me passa o diabo da rapariga! E então como ella enganou a irmã mais velha!... E elle tem crime, é um caso de menor!

Chegavamos ao adro.

— Boa a egreja, abbade?

— Homem, nem por isso; tudo pobre, a freguezia é pequena, vae-se vivendo mal.

— E este convento pertenceu a quem?

Foi um raio de assombro para o bom do padre esta singelissima pergunta nossa. Mas com a sua franqueza honesta e rude:

— Homem, estou aqui ha doze annos e nunca pensei em tal; isto devia ser dos frades, devia, mas lá de quaes era... talvez este saiba, — disse interrogando um lavrador que vivia na antiga residencia — a que frades pertenceu isto, ó Joaquim?

— Dizem que foi aos de S. Domingos de Vianna, sr. abbade.

O lavrador tinha razão... em parte, porque o mosteiro pertenceu realmente depois de 1560 aos frades de S. Domingos, aos benedictinos pertenceu primitivamente, dizendo-se que a sua fundação fôra de S. Martinho de Dume em 570. Os mouros, porém, destruiram essa fundação em 716 e constituiram no seu logar uma *torre*, a seu turno derrubada por D. Payo Bermudez, conde de Tuy, e substituida por um mosteiro novo, que os arabes tornaram a demolir em 998, por occasião das correrias de Almansor, e que em 1068 o conde D. Nuno Mendes com Fr. Ordonho, parente de Bermudez, reconstrue definitivamente.

Ao lado da porta do templo, hoje muito modificado, existe uma sepultura brazonada; e sobre a parede do frontispicio, á esquerda da porta principal, uma inscripção antiga, sem todavia denotar, pelo que nos pareceu, grande valor archeologico.

Na capella do Senhor do Corporal, proximo do templo, existe tambem emmoldurada n'uma lage quadrada uma outra inscripção antiga, que por egual julgamos sem valor, attendendo á indole d'este livro. A imagem do *Senhor do Corporal,* feita de pedra tosca e grosseiramente esculpturada, deve, se bem se attender n'aquelle producto infantil da arte, revelar uma certa antiguidade. A egreja tem de notavel apenas a bella talha do altar-mór.

O abbade ainda tentava contar-nos minucias do rapto, mas nós tinhamos que dizer adeus áquella bonhomia de alma de simples e á sua historia de romanticos amores, porque a tarde estava de calma forte e queriamos continuar a excursão.

Não podendo subir ás freguezias limitrophes de Nogueira, Villar de Murteda e Meixedo, vamos no entanto descrevel-as por sua ordem, referindo esta descripção ás informações que nos prestaram em Torre e ás que nos livros colhemos.

NOGUEIRA e *S. CLAUDIO* é formada pela reunião das duas antigas freguezias com aquellas denominações. A egreja que era de S. Claudio foi outr'ora mosteiro de frades bentos, fundado por S. Martinho de Dume em 568, destruido depois pelos arabes em 716, e reedificado em 1145. No seculo XVI passou a ser vigararia secular e os rendimentos fo-

ram para o convento de Tibães. A maior parte do mosteiro e pertenças foi commenda dos *Velhos*, familia nobre do Minho. Na freguezia está a casa solar dos Rochas Lobos e no sitio chamado a *Cova dos medos* encontram-se vestigios de edificações antigas.

VILLAR DE MURTEDA tem apenas de notavel o seu monte chamado de Crasto *(Monte Christo* lhe chama o povo?), onde se notam vestigios de fortificações romanas. Parochia pequena e humilde esteve antigamente reunida a S. Lourenço da Montaria.

MEIXEDO, freguezia de que são oriundos os Rochas Lobos e morgados de Portella, é uma parochia serrana, mas abundante de aguas; cria boas madeiras para construcção e faz consumir em Vianna a lenha de suas mattas. Teve tambam minas de estanho e cobre.

Descriptas essas tres freguezias da serra, continuamos, meu leitor, pela deliciosa estrada que vinhamos seguindo e logo adiante de *Torre* deparamos sobre a esquerda com o campanario de *VILLA MOU,* escondido entre verdura.

Acima da egreja notam-se vestigios de fortificação antiga. A paysagem é deliciosa sobre o Lima e a não ser talvez em Vianna, a extensão que fica entre S. Salvador e Mou é um dos paineis mais encantadores da margem.

Adiante de Villa Mou encontramos *LANHEZES*, povoação laboriosa e fertil, cujo cremiterio vêmos ali sobre a nossa esquerda dominando o villar da *Egreja.*

Argote julga que Lanhezes foi a antiga *Lais,* capital dos povos turolicos; Abrahão Ortelio, porém, denomina essa capital *Aquæ Faæ Turudorum.* É certo tambem que o padre Argote refere Lanhezes ao termo de Caminha, e sendo assim, é provavel que se trate da Lanhellas existente n'aquelle concelho e não da Lanhezes, que estamos vendo agora. De notavel hoje para visitar em Lanhezes, ha apenas o palacio da condessa de Almada.

Nos terrenos da freguezia ha vestigios de minas de estanho e tambem de fortificações antigas. Essa industria metallurgica cessou de todo e a unica vida industrial, além da agricola, é hoje em Lanhezes a da ceramica tosca. A sua telha é considerada excellente, e se tu quizeres avaliar do seu fabrico, não tens mais que parar sobre a volta da estrada que está sobranceira a uma fabrica e vêr como ella é confeccionada. Quando nós passavamos, entretinham-se uns poucos de homens a seccar n'uma larga eira alguns centos de exemplares, que tinham de soffrer a ultima transformação no forno que se via proximo.

Para além de Lanhezes a estrada entra no concelho de Ponte de

Lima, e no capitulo seguinte por isso continuaremos a descripção do seu pittoresco aspecto. Agora, meu amigo, forçoso é atravessar este Lima encantador, para visitarmos não só as parochias que se estendem pela margem esquerda, como ainda aquellas que mais ao sul se acantonam pelas encostas das serras, ou se estendem ao longo das estradas, umas ouvindo o silvo estridente da locomotiva, outras embalando-se no murmurio querido das aguas do Oceano.

*

*   *

Aqui estamos já sobre a margem esquerda, tendo atravessado o Lima na aldeia da *Passagem* (reminiscencia da travessia do Lethes pelo consul Bruto?), e positivamente encantados do panorama que nos offerece d'aqui essa outra margem, que ainda ha um instante percorremos. Como deve ser explendida a vista gosada da eminencia em que fica o palacio dos condes de Geraz do Lima!

O terreno que pisamos é de *SANTA MARINHA DE MOREIRA*, cuja egreja parochial encontrámos já, depois de haver passado pelo palacete dos Cunhas de Bellinho. Moreira formava com *SANTA LEOCADIA*, que da estrada se não descobre, parte do antigo concelho de Geraz do Lima, de que vamos em breve fallar, e ainda hoje as duas conservam por isso o nome do extincto concelho. Santa Leocadia é freguezia fertilissima e rica, talvez menos porém do que antigamente, em que o abbade, apresentado pela mitra, tinha de rendimento 600$000 réis!

Pinho Leal falla da existencia de uma pedra espherica n'esta freguezia, a qual «de noite, fallando-se-lhe de certo sitio, repete claramente as palavras, e de dia, batendo-lhe, vibra como se fosse de metal.» Sem tempo para ir comprovar essa noticia, não nos repugna, porém, admittil-a, considerando a pedra como um dos monumentos megalithicos que restam dos primitivos povos que habitaram por estes pontos da peninsula.

Proseguindo na estrada para Vianna fica-nos quasi encoberta pela densidade dos pinhaes a modestissima egreja de *GERAZ DO LIMA* (Santa Maria), e á esquerda o logar principal da freguezia, d'entre cuja casaria sobresahe o palacete do sr. José Calheiros, dominando a formosissima paysagem que se estende por esta deliciosa ribeira do Lima. Parece até que uns cyprestes verde-negros que rodeiam a capella proximo do palacete, não teem o ar merencorio que é de uso attribuir-se em litteratura lacrymosa a estas elegantes arvores, e sorriem para o céo azul, como todas as suas irmãs. Geraz do Lima formou com as duas freguezias anteriores o antigo concelho d'este nome, dizendo-se que a Torre do Paço foi

a residencia dos senhores do extincto concelho, por D. João I doado a Fernão Nunes de Lima, ascendente dos viscondes de Cerveira. Teve foral dado em Lisboa por D. Manuel e ahi se lhe dá o nome de *Jaraz*. Uma curiosidade das suas antigas doações era a que ordenava que os senhores d'elle, quando no seu termo entrassem, o fizessem ao modo da Biscaya, —com o pé direito descalço.

Um pouco mais felizes que os illustres feudatarios, nós entramos hoje e sahimos do territorio de Geraz, sem que tenhamos necessidade de o fazer ao uso da Biscaya, salvo se um desastre de sapataria nos impozer essa condição tristissima.

D'esta vez o desastre não se deu e pudémos por isso caminhar até *DEÃO* ou *DAYÃO,* fundada, segundo se diz, no tempo de S. Pedro de Rates, tendo principio em um pequeno convento de benedictinos, ampliado mais tarde e destruido talvez depois pelos arabes no seculo VIII. Hoje ahi está fresca e aceiada a egreja, com o seu campanario renovado e a sua cupula pintada de verde, mirando a desafogada planicie em que o Lima deslisa meigamente, como que para melhor reflectir as bellezas das suas margens, e ouvir talvez o amoroso idyllio d'aquellas arvores que formam, do lado direito, a collina de S. Salvador, uma das que amortece as vertentes da grande serra de Arga, que além fórma o fundo d'este formoso quadro, tendo no mais elevado d'um dos seus cumes a solitaria ermida de Santa Justa.

Na freguezia de Deão tem apparecido varias pedras com esculpturas e rendilhados, denotando muita antiguidade. Em tempo houve aqui tambem uma torre solar dos Coutos, o primeiro dos quaes, Ruy Gonçalves do Couto, viveu no seculo XIII, vindo de Parma (Italia).

Vamos descendo a margem do Lima e a paysagem continua ridente e formosa, como se a natureza caprichasse em fazer de tudo aquillo um jardim delicioso. Quer olhemos para o rio, deslisando além por entre os choupos e salgueiros, quer nos voltemos para a montanha, recortada por um sem numero de logarejos e quintas, de prados e grupos de arvores, de eremiterios e vivendas apalaçadas, por toda a parte a luz sorri e brinca, a agua scintilla por entre a folhagem, a atmosphera é diaphana e pura.

Ali está no monte uma larga mancha branca, fazendo ophtalmias a quem a olha sob o radiar d'este valente sol de agosto. É o adro caiado da capella da Senhora do Crasto, que os naturaes de *DEO CHRISTE* ferventemente adoram e a que vem fazer a sua alegre romaria por estes formosos dias de verão. A maior parte da freguezia estende-se para além da montanha que nos fica sobre a esquerda, e esta é a razão porque a não podemos avistar.

A estrada escurece um instante a sua alegria, emquanto vae atravessando por entre embalsamados pinheiraes, que de todo nos vedam o horisonte.

Abre-se um espaço claro. É já de *SUB-PORTELLA* esta poetica ermida de S. João Novo, toda rodeada por sobreiros annosos, que fica na pequena collina da nossa esquerda; em junho faz-se ahi uma pequena romaria.

Atravessando Sub-Portella as veigas do Lima escondem-se de novo por entre o pinhal que nos approxima de *VILLA FRANCA*, a egreja da qual nos apparece proximo da estrada, á esquerda, com a torre do seu campanario alvinitente. Emquanto para além do Lima os olhos alcançam toda a encosta do monte de S. Silvestre, o cocheiro vae-nos contando, ao passar o logar de Villa Franca, a historia d'um feitor da quinta dos Diabretes, o qual, tendo miseravelmente vivido, deixára na morte uma fortuna superior a cem contos, cifra redonda, de que elle não se permittia abater um real sequer.

Assim chegamos a *MAZAREFES*, cujo campanario reluz a muito pequena distancia da estrada. A freguezia foi antigamente couto. Seria preciso o pincel d'um grande pintor impressionista para te descrever d'ora em diante até *DARQUE* a belleza variada da paysagem, a embriaguez de natureza que produz em nós toda essa multiplicidade de quadros animados pela casaria, pelo arvoredo, pela agua, pela montanha, pela cidade que se vê ao fundo debruando já toda a margem direita do rio, proximo da sua foz.

Um deslumbramento!

As estradas cruzam-se, oscillam nas vertentes das collinas proximas os pinheiraes da Bouça de Carteados, passamos o caes novo, e quando ainda queremos recordar a fórma um pouco oriental do campanario, que domina todo o extenso villar de Darque, Vianna sorri além, a ponte convida-nos a transpor o Lima, as aguas deslisam n'um tremulo mavioso, os barcos sulcam velozmente o formoso espelho de prata, que as insuas mañcham apenas com a verde côr das suas algas e pastagens frescas.

Pensamos em recolher a Vianna, mas a locomotiva, que n'este momento vem ao nosso encontro, como que a dizer-nos está, que é para o sul agora o nosso caminho, e por isso a vamos tomar na estação de Darque. Ha tempo, porém, porque é de mercadorias o comboyo, lento por isso e vagoroso como os antigos carroções. A demora serve-nos para dizer um pouco da historia da freguezia, antigamente um simples curato do abbade de Anha. Feliz este abbade, porque era tão populosa e rica a sua parochia, que lhe rendia mais de um conto de réis, n'esse tempo em que

o dinheiro valia de certo o triplo do dos tempos actuaes. Constava então a freguezia de cinco grandes aldeias e eram: Rio, que ficava na foz onde desagua o regato vindo de S. Thiago de Anha, Darque-maior, Egreja, Areias, onde estava o templo que por um cataclismo ou assoreamento desappareceu, e Darque-menor, que é hoje quasi a actual parochia.

Terra fertilissima e sadia, uma villa quasi em frente de Vianna, Darque abastece esta cidade de hortaliças e legumes, de melões magnificos e outros productos agricolas, entre os quaes sobresaem os alhos e as cebolas, que, por assim dizer, concorrem a todos os mercados e feiras da alta provincia. A mostarda é tambem muito cultivada.

As mulheres de Darque são as agentes d'esse commercio, assim como tambem da venda do bacalhau a retalho pelos mercados do Minho; em qualquer feira que as encontres, reconhecel-as-has pelo seu fallar apressadamente cantado, e pelo seu modo de trajar, um pouco sobre o escuro.

Ponte de Vianna
Desenho de João de Almeida

Em terreno da freguezia existem, junto do Lima, umas ruinas antigas, que dizem ter sido o solar dos Macieis, fidalgos francezes que a Portugal vieram no seculo XII para pelejar contra os mouros. Darque, segundo Argote, foi já povoação no tempo dos romanos.

Cá estamos no comboyo.

Largando a Estação, situada no kilometro 77, a locomotiva vae atravessando o terreno de differentes parochias, sendo a primeira, sobre a direita da via ferrea, a freguezia de *VILLA FRIA*, em que estão a quinta

do Paço, que pertenceu aos Alpoães, e a de Sabaris, onde a tradição refere ter estado refugiado D. Antonio, prior do Crato, antes de embarcar para França. O comboyo atravessa a estrada districtal, que segue de Vianna para Braga por Villa Verde pelo sul do concelho e do de Ponte, e deixa sobre a esquerda a freguezia de *VILLA DE PUNHE*.

Antes da viação accelerada e mesmo das estradas macadamisadas percorridas por diligencias, o transito a cavallo fazia-se para o Porto por Villa de Punhe, passando pelo logar das Neves, onde se effectuava uma boa feira. Eramos creanças quando fizemos a primeira vez esse trajecto, bifurcados, ou para melhor dizer, innocentemente amarrados ao chouto d'um macho de almocreve, que levava viagem para o Porto.

A nossa imaginação, voando saudosa para essa jornada alegre, recorda ainda a noite de estalagem no logar das Neves, a catadura feroz dos almocreves que ceiavam junto da lareira, o roer serrilhado dos vermes da madeira nas velhas taboas do leito em que dormiamos.

—Ah, como ouvimos ainda esse maldito roedor com a sua trompa de verruma perfurante, agora que vão passados uns vinte e tantos annos! Como o ouvimos e como o adoramos!

Mais rapido que a nossa imaginação, o comboyo deixava atraz de si os prados e as montanhas, os vallesitos orlados pela vinha de enforcado e os casaes dispersos por entre a vegetação luxuriante do Minho.

Soubemos que passavamos em *ALVARÃES,* quando o comboyo parou no apeadouro d'essa freguezia, onde existem as ruinas da torre chamada dos Silveiras, a qual dizem ter sido solar d'estes fidalgos.

A matriz era antigamente a egreja dos frades bentos de S. Romão de Neiva; mas pelos annos de 1450, sendo o mosteiro distante e pessimos os caminhos, o povo pensou em erigir uma egreja matriz no sitio onde já existia uma capella de Santa Maria Magdalena, e n'isso concordou com os frades pagando-lhes o meio dizimo, tributo a que mais tarde se quiz subtrahir, pelo que os frades dirimiram pleito que venceram, obrigando-se então o povo a pagar 450 alqueires de milho e centeio por anno.

Em 1524 D. Manuel fez freguezia a nova matriz, annexando-lhe S. Julião do Freixo e Santa Maria de Ardegão, ás quaes os reitores de Alvarães nomearam curas até 1834. Ao norte da freguezia existe no sitio do *Pulho* uma pequena lagôa, junto da qual se vê uma entrada de mina, que a tradição diz ter- sido uma entrada subterranea feita pelos mouros, para irem buscar agua ao rio Lima.

A via ferrea segue n'uma recta quasi parallelamente á estrada districtal para Braga, até proximo da estação de Barrosellas; a paysagem é menos larga, mas nem por isso menos formosa; a serra de Padella fórma

para nascente o fundo do quadro nas suas linhas d'um anil esbatido, e de nós até ella os vallesitos succedem-se frescos como idyllios, os casaes parecem *chalets* para noivos, encastoados nos festões do arvoredo.

Antes de chegar a Barrosellas vê-se ao lado irromper da estrada, que apontámos já, uma nova arteria de macadam; é a via municipal que passa pelas freguezias de Mujães e Portella-Suzã, e que passará um dia por Deochriste e Deão até encontrar o rio Lima.

MUJÃES é terra fertil e de muita caça e os lavradores entregam-se bastante á creação dos gados. *PORTELLA SUZÃ* pertenceu antigamente ao couto do mosteiro de Carvoeiro.

Estamos emfim na estação de *Barrosellas,* logar pertencente á freguezia de *CAPAREIROS.* A matriz é de tres naves e antiquissima, e a freguezia era outr'ora couto dos arcebispos de Braga, que tinham além da jurisdicção espiritual a temporal tambem. Houve aqui um convento de frades bentos, que no seculo XVI passou a ser abbadia, mas do qual não restam hoje vestigios.

Nas lagôas dos *Medros* ou *Medos* ha efflorescencias mineraes, ainda por explorar.

Em Barrosellas ha feira todas as quartas-feiras e no dia de S. Pedro a freguezia é visitada pelas procissões e *clamores* das parochias de Mujães, Carvoeiro e outras circumvisinhas.

CARVOEIRO, situada, como Capareiros, nas encostas da serra de Padella e nos valles da margem direita do Neiva, é como a sua visinha abundante e fertil, e tem como ella, se não mais do que ella, um passado historico notavel, pois que, segundo a tradição, no alto do monte sobranceiro á actual freguezia e sitio da Caramona existiu a cidade *Carbona* da Lusitania antiga, destruida pelos arabes em 716, assim como um convento que ahi existia. Affonso Magno em 1050 deu esse logar devastado ao fidalgo D. Payo Gutierrez, que o povoou; e reedificou o convento, chamado desde então de Santa Maria do Carvoeiro. O mosteiro tinha doações regias, em que a freguezia e a visinha S. Lourenço de Durrães eram julgadas terreno de coutado, sendo os frades senhores de todos os maninhos do couto.

D. Payo Gutierrez era senhor absoluto do seu couto; basta citar entre muitas regalias a seguinte:—se alguem casasse sem sua licença, perdia as suas casas e terras. No mosteiro estão sepultados varios fidalgos, e em um monumento junto da sachristia jaz o santo D. Pedro Affonso, D. abbade do mosteiro, que uns dizem filho, outros irmão de D. Affonso Henriques.

Para nascente a freguezia confina com a de Balugães, pertencente já

ao concelho de Barcellos, e pelo sul o rio Neiva serve de linha divisoria entre o concelho de Vianna e os de Barcellos e Espozende.

É depois da estação de Barrosellas, que o valle do Neiva corre na vertente das montanhas e que sereno vae serpeando como um arroyo lyrico por entre os salgueiros e choupaes, fazendo mover uma ou outra azenha poeticamente atravessada no seu leito.

Camponeza dos arredores de Vianna
Desenho de João de Almeida

Descendo o Neiva (o *Nebis* dos romanos), ou melhor descendo uma das suas margens, visto elle ser innavegavel, nós vamos tomar a estrada que de Espozende segue para Vianna, para te descrever as tres ultimas freguezias do concelho, na sua linha poente de beira-mar, que são Castello do Neiva, S. Romão e Anha. Aqui estamos na ponte que atravessa o rio n'essa estrada, e embevecidos já porque a paysagem é d'um encanto adoravel. Achamo-nos rodeados por uma floresta de pinheiros bravos; mas no centro, exactamente quando a ponte se lança sobre o rio, uma nesga de bucolica sorri tão casta e docemente, que a gente tem vontade de ficar ali *in eternum,* vendo a dez passos a azenha de tres rodas cortar a agua em cascatas de espuma branca, e a corrente bater contra os penedos por ella cinzelados, como se fôra um artista no accesso da inspiração, para logo cahir na quietação d'um lagosinho encantador, como se o esforço houvera alquebrado o pulso que segurava o scopro.

O mar sente-se arrulhar ali bem perto, e basta descer uma curta azinhaga para se deparar com a freguezia de *CASTELLO DO NEIVA,*

nome que provém de um antiquissimo castello junto da foz do rio, n'uma penha sobranceira ao mar, cuja fundação se attribuia aos gregos, que teriam sido tambem os primeiros povoadores da bacia do Neiva. Antigamente a freguezia chamava-se *Aguiar do Neiva,* e tinha não só outros limites como outra importancia, chegando a ser villa no reinado de D. João I, e sendo trocada por Santa Cruz do Douro entre D. João de Soalhães, bispo de Lisboa, e D. Martinho, arcebispo de Braga, no tempo de D. Diniz (1307).

Caminhamos ainda por entre pinheiraes, e atravez da sua opacidade verde-escura vemos alvejar por instantes o campanario de *S. ROMÃO DE NEIVA,* freguezia situada á beira-mar, n'uma formosa e fertil planicie. Foi antigamente a sede do condado de Neiva, com que D. Fernando agraciou seu cunhado Gonçalo Telles de Menezes. D. João I encorporou mais tarde as rendas d'este condado ao de Barcellos, que depois veiu a ser da casa de Bragança.

Na freguezia existe o mosteiro benedictino de S. Romão, fundado em 540, no reinado do rei suevo Theodomiro. Em 1100, estando arruinado, foi reedificado pelo conde D. Payo Soares, e em 1133 lhe deu Affonso Henriques o reguengo e valiosas esmolas. Passou a commendatarios no pontificado de Paulo II, mas em 1561 de novo voltou aos benedictinos. O D. Abbade de S. Romão apresentava as egrejas de S. Paio d'Antas, Villafria e Souto de Rebordães.

Neiva era *julgado* no tempo do rei D. Diniz. D'esta parochia é natural o tão celebre *fradinho* dos Carmelitas de Braga, conhecido em toda a provincia por aquelle diminutivo ou ainda pelo nome de Frei João de Neiva. A proposito do fanatismo que elle inspira, teremos occasião de fallar em outra parte d'este livro, quando visitarmos a cidade dos Arcebispos. Por agora, leitor, expulsemos do espirito as desoladoras reflexões que esse nome nos impunha, e admiremos este soberbo lanço de estrada, inexoravelmente recto, extensissimo, como a rua sem fim d'um grande parque inglez, cortando ora a densidade dos pinheiraes, ora as campinas cultivadas de *S. THIAGO DE ANHA.*

A paysagem anima-se com os moinhos de vento nos cabeços dos outeiros, perdendo a sua linha seria, a gravidade da linha recta. Sobre a esquerda vemos um agrupamento de casaria em volta da egreja, cuja torre nivela com os demais telhados. Não ha duvida que é o logar de Anha, o principal da freguezia. Como na descripção de Darque já notámos, a Anha actual foi parte da antiga Anha, cuja matriz era Nossa Senhora das Areias, no sitio em que hoje ainda existe a ermida d'essa invocação, sobre a margem esquerda do Lima. A sua historia, pois, é a historia d'esta Darque

gentil, por cujo terreno vamos atravessando já, e onde paramos um instante para saudar de longe a formosa princeza do Lima, além reclinada sobre a margem direita do risonho Lethes.

*
* *

Como seria preciso, meu amigo, inventar n'esta altura da nossa excursão uma ponte imaginaria para voltar outra vez ao seio d'essa Vianna tão adoravel, que tivemos de abandonar por um pouco para visitar os seus jardins formosos! Como seria preciso, se ella não existisse realmente já, creada como que de proposito para nós por esse constructor artista chamado Eiffel. Inaugurada festivamente em junho de 1877, apezar de terem os trabalhos principiado em março, um anno depois o grande taboleiro da ponte, que mede 560 metros approximadamente, tinha corrido de margem a margem, e prendido definitivamente pelas suas fortes malhas d'aço Darque a formosa, com Vianna a encantadora.

O Lima talvez não gostasse d'este enlace, elle que estava habituado todos os annos a dar o seu piparote brincalhão sobre o esqueleto da velha ponte, que tinha, para o contentar, de sacrificar-lhe de vez em quando algumas victimas; mas não é pirrhonico o bello rio, e assim que viu passar sobre as suas aguas toda aquella construcção elegante, ficou alegre de se não vêr afeiado, e pensou até que seria como que um resplendor para a sua cabeça formosa, aquella aureola de ferro e aço, ennastrada pelo genio do homem.

A ponte é de dois taboleiros, passando no inferior o comboyo e no superior os carros e peões. Para este dão accesso duas extensas rampas, uma do lado de Darque tendo 215 metros de comprido, outra do lado da cidade com 135. D'um lado e d'outro a ponte enquadra em viaductos com 83 metros de comprido. Tem nove pilares e dois pegões-encontros. O custo das obras construidas pela casa Eiffel foi de 323 contos.

E pois que de novo estamos dentro de Vianna, folheemos o grande livro de oiro da sua historia, procurando dar por um ou outro capitulo uma idéa approximada das suas glorias; será ainda uma pequena homenagem que nós, como *touristes* despretenciosos, rendemos á formosa princeza do Lima, sentindo que o espaço nos não dê margem para traçar os largos quadros a que a sua cathegoria tinha direito.

Honrada com o seu primeiro foral em 18 de junho de 1258, quatro annos depois o mesmo soberano Affonso III lhe concedia outro, e D. Manuel em 1512 a privilegiava de novo. Em 1563 outhorga-lhe D. Sebastião

o titulo de *notavel*, e em 20 de janeiro de 1848 D. Maria II eleva a antiga villa á cathegoria de cidade.

Entre a primeira data e a ultima e, mesmo depois, até nós, quantos esforços lidados na grandiosa causa da civilisação, quantas intelligencias illuminadas pelo genio, quanta coragem dispendida, quanto patriotismo incendrado no coração dos viannenses!

Amostras de rendas de Vianna. N.º 1

O quadro seria largo e digno da formosa capital do Minho; mas a nossa penna é frouxa para traçar-lhe os contornos e o espaço restricto para abranger tão extensa tela! Um ponto apenas vamos frizar; é o que marca na historia a sua vida commercial e maritima, e que symbolisa, por assim dizer, a sua actividade, como factor da civilisação geral d'este paiz.

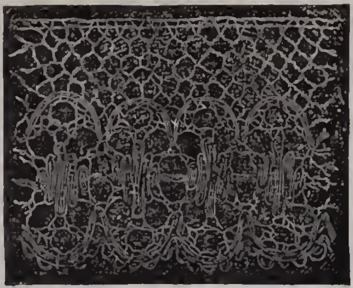
Envolta ainda nas faxas infantis, a Vianna do seculo XIII entregava-se quasi exclusivamente á industria das pescarias; era, por assim dizer, o baptismo das aguas, que a nova povoação recebia, para que um dia podesse arrostar as bravezas do grande mar.

O seculo XV chega e com elle o grande seculo portuguez. Vasco da Gama descobre em 1497 o caminho da India, Pedro Alvares Cabral em 1500 o caminho do Brazil. A Asia, a Africa, a America e a Oceania vêem fluctuar o pavilhão das quinas nas arestas das suas costas, nas aguas das suas enseadas, nas terras das suas ilhas e continentes.

Vianna não falta á sua missão n'este momento grandioso! Os corajosos pescadores de S. Salvador do Atrio arrojam-se em longas viagens para os continentes descobertos, e o exito corôa essas tentativas temerarias.

O Lima coalha-se então de navios carregados de especiarias da India e do Brazil, e Vianna floresce rapida como um valente emporio commercial, trocando a sua navegação com as cidades do norte.

N.º 2

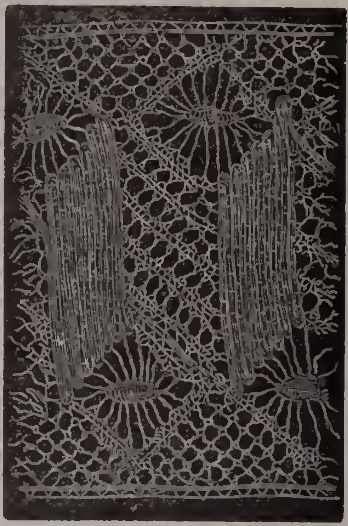


Aqui uma nova fonte de riqueza espera as flotilhas viannenses; são os Bancos da Terra Nova, onde o bacalhau enriquece todos os que se entregam á sua pesca. Os fidalgos de Vianna não se distinguem do burguez commercial n'esta epocha; elles, como os nobres de Veneza e Genova, exercem a

mercancia e armam e equipam navios para esse fim. É o bello periodo aureo, em que a prosperidade floresce para todos.

É espantoso o movimento das exportações de assucar e outros generos coloniaes que, segundo informa Gaspar Barreto no seu *Livro das carregações,* se fizeram nos annos de 1621, 1622 e 1623 do porto de Vianna para as cidades de Dunkerke, Ruão, Calais, Amsterdam, Hamburgo e Veneza; e de cobre, ferro, panno de linho, cordas, etc., para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

N.º 3



A decadencia surge, porém, com o ominoso dominio castelhano e Vianna soffre a sorte commum, até que em 1715, por occasião das descobertas das minas de oiro e diamantes no Brazil, o commercio revive para ella como para todo o paiz, e as suas frotas abrem os portos da Europa ao seu florescente commercio.

Depois d'isto, —um clarão apenas na sua longa treva,—a invasão franceza anniquilla as suas, como as prosperidades do paiz, e os acontecimentos que se lhe seguem dão o golpe de misericordia n'esses restos de vitalidade commercial.

Hoje, quem passear os olhos por esse pobre Lima tão formoso, mas tão modesto de movimento maritimo, sentirá apenas a saudade d'essa risonha edade de oiro, em que a abundancia correu pela cidade como generosa caudal da cornucopia dos deuses e em que a coragem correu pelos nervos d'esses marinheiros ousados, como o fluido galvanico d'uma potente machina electrica.

Seja-me apenas concedido citar um exemplar d'estes bravos.

N.º 4

Adivinhas-lhe o nome, se conheces um pouco a historia de Vianna.

—É Pero Gallego.

Uma caravella ligeira como uma casca de noz, basta aos seus companheiros para cruzar os mares até ahi infestados pelos piratas de Marrocos e Tunis. O resto, que é tudo, está no segredo da coragem do valente corsario! Durante dois annos elle é o terror da pirataria estranha, o rei altivo dos mares!

Uma nota apenas d'essa vida de forte:

Acossa-o uma tempestade furiosa e obriga-o a demandar a bahia de Cadiz, onde fundeava a armada hespanhola commandada pelo conde D. Pedro Navarro. Pero Gallego finge ignorar o estylo da marinha e não faz a saudação do costume. O almirante tenta castigar a descortezia do estrangeiro, mas este, serenamente, responde-lhe com os canhões da sua caravella, mettendo a pique alguns dos vasos da armada e ferindo o proprio D. Pedro.

Em seguida Pero Gallego faz-se de vela para o seu paiz, onde chegam tambem as reclamações de Carlos V sobre o inaudito facto. D. João III, porém, que conhecia a tempera e os serviços do heroe, foi addiando o castigo até se escurecer o caso, e Pero Gallego sahiu incolume de mais aquella proeza do seu genio altivo e ousado.

Esta a tradição, e talvez mesmo a lenda, que a historia meticulosa póde chegar a pôr em duvida, e sabemos que põe, havendo quem julgue Pero Gallego dormindo o somno da morte, 21 annos antes d'essa proeza de Cadiz! Mas o symbolo fica e fosse ou não verdadeiro o heroe (o que temos tambem rasão para acreditar), a tradição ahi está viva e forte para attestar do valor dos marinheiros viannenses n'aquelle bello periodo dos altivos e dos fortes.

Ahi tens, leitor, o que foram os viannenses de então, e o que foi a Vianna d'aquella epocha feliz. O que hoje é, vão dizer-t'o os documentos seguintes na sua eloquente, embora simples linguagem.

*

* *

Como para os capitulos anteriores temos feito, avaliaremos do estado intellectual do concelho, da sua moralidade social, da sua actividade no commercio e nas industrias, e da sua economia, pelos dados que podémos recolher ou particularmente ou em publicações officiaes.

No capitulo primeiro d'essa analyse figuram naturalmente a imprensa e a escola, como os dois polos de orientação d'uma civilisação qualquer.

Vianna, segundo a nota do *Diccionario* de Pinho Leal, tem tido desde 1856 os seguintes jornaes:

Aurora do Lima, ainda hoje existente e orgão do partido progressista da localidade; o *Commercio de Vianna* e o *Echo do Povo,* que se transformaram no *Imparcial,* em publicidade ainda. O *Viannense, O Timbre,* o *Districto de Vianna,* o *Diario de Vianna,* jornaes que tiveram curta duração. *O Sillographo, A Briga,* o *Pero Gallego,* jornaes litterarios, de vida ephemera. E ainda o *Jornal de Annuncios* e *Vianna a Camões,* o primeiro

tendo apenas vivido a existencia de oito numeros, o segundo publicado por occasião do centenario do poeta. Ultimamente veiu á luz o *Porvir*, jornal litterario.

As escolas de Vianna são,—além das particulares, entre as quaes sobresae para a educação feminina o collegio *Lisbonense*, e das de instrucção secundaria no seu Lyceu, de 2.ª classe,—as primarias, que vão enumeradas na seguinte tabella, referida a outubro de 1884:

Freguezias	Sexo	Grau		Freguezias	Sexo	Grau
Affife	masculino	1.º		Montaria	masculino	1.º grau
Alvarães	»	»		Nogueira e S. Claudio	»	»
Anha	»	»		Outeiro	»	»
Areosa	»	»		Perre	»	»
»	»	»		Portozello	»	»
Capareiros	»	»		Sub-Portella	»	»
Cardiellos	»	»	Vianna	Monserrate	»	»
Carreço	»	»	Vianna	»	feminino	»
Carvoeiro	»	»	Vianna	»	»	1.º e 2.º grau
Castello de Neiva	»	»	Vianna	Santa Maria Maior	masculino	1.º e 2.º grau
Darque	»	»	Vianna	» » »	»	1.º
Santa Leocadia	»	»	Vianna	» » »	feminino	»
Lanhezes	»	»		Villa Franca	masculino	»
Mazarefes	»	»		» Mou	»	»
Meadella	»	»		» de Punhe	»	»

Nos asylos de *Infancia Desvalida*, benemerita instituição de Vianna, e no de *Meninas Orphãs e Desamparadas* ensina-se tambem ás creanças a instrucção primaria.

Pela estatistica criminal vê-se que o numero de crimes julgados na comarca de Vianna foi, durante o anno de 1880, de 20, sendo 8 classificados contra pessoas e 12 contra a propriedade. Os réos foram 35, sendo 24 absolvidos e 11 condemnados. D'esses 35 eram homens 29 e mulheres 6; sabiam lêr 20 e eram analphabetos 15. Eram 34 da comarca e 1 de fóra.

A industria de Vianna póde dividir-se em dois grandes ramos: a industria fabril comprehendendo as pequenas industrias domesticas, e a agricultura abrangendo as industrias que lhe são annexas.

Da primeira dá-nos o Inquerito Industrial de 1881 a seguinte nota:

Fabrica de distillação.—Situada em Nossa Senhora das Areias e pertencente a Magalhães & Filhos. O valor das materias empregadas na distillação anda por 8:000$000 a 9:000$000 réis, e os residuos são empregados na engorda de gado suino, para o que teem vastas accommodações.

Movida pelo mesmo motor, teem aquelles industriaes uma officina de serração, orçando por 6:000$000 a 8:000$000 réis o valor das madeiras

serradas, e outra de moer enxofre, com dois moinhos, que moem 350:000 a 450:000 kilogrammas, no valor de 12:000$000 a 15:000$000 réis

Junto d'esses estabelecimentos manteem esses activos industriaes uma outra industria; é a dos fornos de coser cal. Vende de 2:000$000 a 3:000$000 réis de cal.

Em todos estes variados trabalhos empregam-se de 340 a 450 pessoas, quasi todos homens e accidentalmente algumas mulheres. Os jornaes são para os homens de 200 a 300 réis, e para as mulheres de 140 réis.

Das pequenas industrias viannenses a mais caracteristica e florescente é por sem duvida a industria domestica da renda de bilros.

Entretanto seria injustiça não mencionar as officinas de carruagens que na cidade existem, as de marceneria bastante adiantadas, sendo digna de menção especial a do sr. Pires Franco, estabelecida no Campo do Castello e movida a vapor, a sapataria, as pequenas fabricas de cortumes e phosphoros, e ainda a fabrica de fundição de ferro no caes de Gontim. Comtudo, repetimos, a industria caracteristica e especial de Vianna é a sua industria das rendas. Pelos quatro desenhos que vão no texto póde avaliar-se um pouco das suas variedades; as larguras variam de 0^{m},01 a 0^{m},36, e os preços oscillam entre 30 réis e 2$000 réis o metro.

É na rua de Manjovos n.º 68, na casa da rendilheira, a sr.ª Thereza de Passos Saccadura, já premiada em differentes exposições nacionaes e estrangeiras, o quartel general d'essa industria. A cada instante a campainha vibra para annunciar a entrada d'uma *feitureira* de renda, que vem trazer a peça concluida, e póde dizer-se que *feitureiras* são quasi todas as mulheres e raparigas de Vianna.

A *rendilheira* ou *rendeira* fornece-lhes a linha e muitas vezes o rebolo e os bilros, e paga a fabricação da renda por um preço convencionado, podendo calcular-se que o salario das feitureiras nunca excede 100 réis diarios, oscillando entre este maximum e o minimum de 15 réis, segundo a sua destreza. É coisa insignificante realmente, que o valor do trabalho não justifica, e que só póde explicar-se pelo desembolso e muitas vezes *calotes* a que estão sujeitos os rendeiros, que fornecem ás operarias a linha e os instrumentos. A linha usada é quasi sempre nacional, ordinariamente de Guimarães, e alguma franceza.

As rendas são reputadas as primeiras portuguezas na qualidade, embora inferiores em desenho ás de Villa do Conde e Peniche. O seu consumo é principalmente no Brazil.

Procurando conhecer do estado actual da agricultura de Vianna póde dizer-se d'um modo geral que ella é prospera, embora essa prosperidade não esteja em relação com a fertilidade do solo.

A riqueza pecuaria do concelho, um dos grandes elementos do fomento agricola, é computada no seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	262	3:144$000
Muar	15	210$000
Asinino	129	219$000
Bovino	7:371	83:470$000
Lanar	3:674	474$580
Caprino	1:130	161$400
Suino	2:584	3:350$240
		91:029$220

Póde dizer-se que essa estatistica é hoje inferior ao valor real pecuario e que este tende a augmentar, e mais se desenvolverá se os animaes reproductores da quinta regional forem intelligentemente escolhidos e se o apuramento das raças principiar a chamar d'ora em diante a attenção dos creadores. A quinta regional, na bella quinta dos Rubins entre Vianna e a Meadella, deverá trazer tambem, como escola de ensino pratico, se d'esse fim não fôr desviada, um notavel incremento á prosperidade agricola de Vianna.

Uma pequena industria, que merecia ser elevada a grande industria agricola, seria a da fabricação das manteigas, visto ser já conhecida nos mercados de Lisboa e Porto a *manteiga de Vianna*, e muito apreciada pelos amadores d'esse bello producto sem adulteração. Aproveitar as condições naturaes e desenvolvel-as a ponto de rivalisar com a importação estrangeira, seria, para quem o tentasse, não só um negocio remunerador, mas um bom serviço prestado á causa da saude publica e das prosperidades de Vianna.

Como concelho vinhateiro as freguezias que mais produzem são as de Perre, Outeiro, Santa Martha e Anha. A producção média orça por 4:000 pipas. As vinhas são pela maior parte vinhas baixas em latadas e cordões. As castas predominantes são o *cainho*, o *vinhão*, o *verdelho tinto*, o *espadeiro*, o *dourado* e o *moscatel*. As vindimas principiam depois do meio de setembro. Fazem o vinho em lagares de prensa de vara e em dornas. As uvas postas no lagar são immediatamente pisadas pelos homens, no que se gasta apenas o tempo necessario para bem as esmagar. Espera-se que se estabeleça a fermentação, o que leva de 36 a 48 horas, e passados dois ou tres dias, quando esta se acha completa, envasilha-se o vinho.

Em novembro trasfega-se, attestam-se as vasilhas e fecha-se o batoque: e depois não se lhe faz mais tratamento algum.

Preparam-se vinhos brancos e tintos, uns mais suaves, outros mais asperos, mas todos verdes, e que não aturam além de dois annos; a maior parte não excedem mesmo um anno de duração. Com a edade não melhoram; apenas amaciam um pouco. Os vinhos tintos teem, termo medio, $^{8}/_{100}$ de força alcoolica. O Visconde de Villa Maior, a cujo relatorio devemos, como em outro logar já dissemos, estes apontamentos, diz ter examinado um vinho de Darque, do logar das Areias, muito claro de côr, turvo, verde, delgado e soffrivelmente gostoso, tendo uma força alcoolica de 10,1 por 100. Na Exposição de Londres expozeram vinhos o sr. Thomaz Martins Amaro, de Perre, cujo vinho tinha a força alcoolica de 9,4 e foi reputado de 1.ª qualidade, sahindo o litro por 60 réis; o sr. João Espergueira, de Santa Martha, cujo vinho era da força de 8,8 tambem de 1.ª qualidade e preço de 65 réis por litro; e o sr. José Sequeira Pinto Queiroz, de Darque, cujo vinho tinha a força de 13,3 reputado de 3.ª qualidade e preço de 55 réis.

Depois da agricultura de Vianna cumpre-nos dar, ainda que em esboço, uma idéa do seu commercio. Este divide-se em dois grandes ramos: o interior e o exterior.

Ao primeiro devemos annexar a industria das pescarias, em que se empregam approximadamente umas setenta lanchas, sendo grande parte do peixe exportado pela via ferrea. As suas outras transacções effectuam-se como as pequenas terras da provincia, fornecendo-lhes farinhas americanas, enxofre, ferro, petroleo e sobretudo o bacalhau da Terra Nova e Noruega, que constitue a grande alimentação do minhoto. Em troca recebe madeiras, vinhos e cereaes, que exporta para outros portos do paiz e do estrangeiro. O despacho de vinhos verdes do Minho pela sua alfandega tem ultimamente tido um incremento enorme, ascendendo a milhares de pipas a exportação para Bordeus, Havre, e algumas outras cidades maritimas de França. Pelos seguintes algarismos colhidos na *Estatistica do commercio do continente com os paizes estrangeiros* avaliar-se-ha do movimento commercial e maritimo de Vianna. Em 1881 entraram a barra de Vianna tres navios portuguezes de longo curso e sahiram 24, e de pequena cabotagem entraram 133 e sahiram 120. Os navios estrangeiros entrados, e sahidos foram os seguintes: allemães, 1 de vela e 1 de vapor entrados, e 1 de vela sahido; francezes, 3 de vela entrados e 4 de vela sahidos; hespanhoes, 3 entrados e 3 sahidos; inglezes, 27 entrados e 28 sahidos; suecos e norueguezes, 11 entrados e 11 sahidos. Total de entradas de navios de longo curso 49, e de sahidos 73.

O rendimento da alfandega foi de 160:071$193 réis.

Com taes elementos vê-se que não é de todo desanimador o seu commercio e movimento maritimo, embora o estado actual esteja longe dos tempos aureos que mencionámos já e que deram a Vianna a epocha da sua florescencia. Então, nas margens do Lima, a animação dos estaleiros era contínua, emquanto que hoje apenas um ou outro armador bate a cavilha d'algum pequeno cahique, e isso de annos a annos. As causas não tratamos aqui de investigar, que não é essa a nossa tarefa; entretanto uma ha importante e talvez unica que impede a rehabilitação de Vianna, e essa vem a ser o assoreamento da sua barra.

A vida economica relaciona-se fatalmente com os dados anteriormente enumerados e por isso póde dizer-se que é ainda hoje facil o viver em Vianna, visto que o seu rio e a sua costa abundam em peixe, a sua agricultura é prospera e a sua propriedade não está muito onerada.

Os preços médios dos generos nos seus mercados são os seguintes:

Milho grosso, alqueire de 17,287 litros	380	réis
Centeio » » » »	440	»
Trigo » » » »	700 a 760	»
Feijão rajado » » » »	640 a 700	»
» branco » » » »	800	»
Batatas » » » »	320 a 360	»
Nozes » » » »	1$200	»
Castanhas » » » »	540	»
Cebolas, cada 60 kilos	700	»
Vinho velho, por pipa de 462 litros	20 a 22$500	»
» novo, » » » » »	24$000	»
Ovos (duzia)	120	»
Gallinhas (cada uma)	180 a 240	»

E aqui tens, leitor amigo, o que é essa encantadora Vianna, situada á beira-mar, princeza pela formosura e princeza pela hospitalidade.

CONCELHO DE VIANNA DO CASTELLO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Affife, *Santa Christina*	562	798	1:360	240 (*a*
Alvarães, *S. Miguel*	633	704	1:337	303 (*b*
Amonde, *Santa Maria*	202	216	418	82 (*c*
Anha, *S. Thiago*	935	1:023	1:958	428 (*d*
Areosa, *Santa Maria da Vinha*	693	951	1:644	334 (*e*
Capareiros, *S. Pedro*	750	894	1:644	406 (*f*
Cardiellos, *S. Thiago Maior*	304	358	662	151 (*g*
Carreço, *Santa Maria*	499	673	1:172	202 (*h*
Carvoeiro, *Santa Maria Maior*	333	471	804	199 (*i*
Castello do Neiva, *S. Thiago*	764	756	1:520	305 (*j*
Darque, *S. Sebastião*	747	931	1:678	397 (*k*
Deão, *S. Pedro*	253	275	528	110 (*l*
Deo Christe, *S. Mamede*	193	230	423	91 (*m*
Freixieiro de Soutêllo, *S. Martinho*	229	282	511	117 (*n*
Geraz do Lima, *Santa Leocadia*	368	461	829	182 (*o*
Geraz do Lima, *Santa Maria*	257	283	540	128 (*p*
Lanhezes, *Santa Eulalia*	508	641	1:149	293 (*q*
Mazarefes, *S. Nicolau*	327	353	680	159 (*r*
Meadella, *Santa Christina*	457	555	1:012	197 (*s*
Meixedo, *S. Paio*	245	289	534	117 (*t*
Montaria, *S. Lourenço*	437	545	982	228 (*u*
Moreira de Geraz do Lima, *Santa Marinha*	175	173	348	74 (*v*
Mujães, *Santa Maria Maior*	396	412	808	192 (*x*
Neiva, *S. Romão*	268	307	575	143 (*y*
Nogueira e S. Claudio, *S. João Baptista*	261	303	564	107 (*z*
Outeiro, *S. Martinho*	435	516	951	152 (*aa*
Perre, *S. Miguel*	693	706	1:399	244 (*bb*
Portella Suzã, *S. Salvador*	187	191	378	78 (*cc*
Portozêllo, *Santa Martha*	955	1:005	1:960	393 (*dd*
Serreleis, *S. Pedro*	272	327	599	124 (*ee*
Soutêllo, *S. Pedro*	72	87	159	33 (*ff*
Sub-Portella, *S. Pedro*	387	365	752	173 (*gg*
Torre, *S. Salvador*	211	219	430	90 (*hh*
Vianna do Castello, *Nossa Senhora de Monserrate*	1:601	1:984	3:585	846 (*ii*
Vianna do Castello, *Santa Maria Maior*	2:648	3:016	5:664	1:211 (*jj*
Villa Franca, *S. Miguel*	406	476	882	187 (*kk*
Villa Fria, *S. Martinho*	291	309	600	121 (*ll*
Villa Mou, *S. Martinho*	227	285	512	107 (*mm*
Villa de Punhe, *Santa Eulalia*	721	810	1:531	373 (*nn*
Villar de Murteda, *S. Miguel*	153	175	328	75 (*oo*
	20:055	23:355	43:410	9:392

a Comprehende esta freguezia os logares de Affife, Agrixoso, Brea de Cima, Brea de Baixo, Gateira, e a quinta de S. João Baptista de Cabanas.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Xasqueira, Souto do Monte, Paço, Outeiro, Barge, Mareiço, Padrão, Sião, Pauzo, Costeira, Xistro, Sardal, Calvario, Vizo.

c Comprehende esta freguezia os logares de Amonde e Thourim.

d Comprehende esta freguezia os logares de Anha e Chafé.

e Comprehende esta freguezia os logares de Além do Rio, do Meio, Povoença, S. Mamede.

f Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Bravio, Feimento, Macissos, Furoca, Fonte, Passo, Estremo,Outeirinhos, Neiva, Entrevinhas, Boticas, Lombo, Feira, Forno, Sião, Rua Nova, Lagarteira, Neves, Alvas, Foz, Fiojens, Outeiro.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cardiellos, Terronha, Egreja, Porto, Salgueiro, Cotama, Chielos, Outeiro, Breia, Ponte, e a quinta da Forcada.

h Comprehende esta freguezia os logares de Carreço, Troviscoso, Figueiró, Paçô, Monte Dôr, e duas quintas.

i Comprehende esta freguezia os logares de Carvoeiro, Traz do Mosteiro, Algares, Estrada, Raios, Cabanos, Valle, Collacios, Lage, Carreira, Gandarinhos, Barredos, Outeiro, Carvalhos, Armães, Portella, Costa, Foutes, Bacaria.

j Comprehende esta freguezia os logares de Sant'Iago, Sendim de Cima, Sendim de Baixo, Moldes, Gandra.

k Comprehende esta freguezia os logares de Darque, Bouças, Monte, Caes Novo, Salgueirinho; o casal de S. Toinho as propriedades de Carteado, Carteado no Monte, S. Braz, Correio, Cerqueira, Senhora das Areias.

l Comprehende esta freguezia os logares de Aldeia, Gandra, Corgo, Madorra, Rocha, Fonte do Frade.

m Comprehende esta freguezia os logares de Gandra, Soutello, Aldeia, Outeiro, Xisto, Costa, Fonte Carvalho, Lages das Tercas.

n Comprehende esta freguezia os logares de Freixieiro de Soutello, Monte, Ermello, Gróvas, Pereira, Cruzeiro, Coutada, Souto, Cardadouro, Barroca, Caes, Ribeiro, e a quinta da Feitosa.

o Comprehende esta freguezia os logares de Carvalho da Vinha, Lavadouro, Feijoal, Pena-Gatilha, Ferida, Outeiro, Enxertos, Cóbal, Costa, Areosa de Baixo, Areosa de Cima, Coutada, Villar, Vieiro, Corga e Guia, Torre e Paredes, Couços, Carvalhal, Castello, Cuscós ou Cuscus, Mondim de Cima, Mondim de Baixo, Boa Vista, Fonte Figa, e os casaes de Agros, Fonte Janim, Ventoso, Peropescoço.

p Comprehende esta freguezia os logares de Quintal, Moinho Caiado, Felgueira, Gandra, Corga, Reiros, Madorna, Sixto, Marufe, Rio, Regedoura, Fonte d'Arga, Quintella, Paço, Lage, Valle, Telhada, Foróca.

q Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Corredoura, Santo Antão, Romariz, Roupeira de Cima, Roupeira de Baixo, Bacello, Bajouca, Taboneira, Rocha, Casal Maior, Fonte da Granja, Campello, Deveza, Pettilla, Seixô, Portos, Sobral, Forcada, Lamas, Feira, Convindos, Seara, Romão, Outeiro, Saindos, e as quintas de Paço, Barroso, Morgado de Sá, Malheira, Torre, Corredoura, Casal Maior, Pilar.

r Comprehende esta freguezia os logares de Masarefes, Namorada, Penas, Regadia, Ermigio, Monte, Ferraes, Boas Novas, Conchada.

s Comprehende esta freguezia os logares de Meadella, Caramona, Costa, Portozello, S. Vicente, Rubins.

t Comprehende esta freguezia os logares de Meixedo, Abregueiro, Villela, Villelo, Balteiro.

u Comprehende esta freguezia os logares da Torre, Espantar, Trazencosa, Pedrulhos.

v Comprehende esta freguezia os logares de Moreira, Passagem, Candeias, Torre, Sesto, Carvalhal, Rua, Gandra, Pinhal, Covo, Salgueiro, Lonredo, Corgo, Modorra, Lounar.

x Comprehende esta freguezia os logares de Casqueira, Paço, Folão, Costa, Torre, Pedra do Couto, Manoa, Lagarteira, Neves, Calvario.

y Comprehende esta freguezia os logares de S. Romão de Neiva, Crasto ou Mosteiro, Monte, Pontelha, Eiras, Santa Anna, Aldeia de Cima, Aldeia de Baixo, Além do Ribeiro.

z Comprehende esta freguezia os logares de Corredouras, Poucados, Terronha, Corgo, Real, Louzinha, Torre, Cabanellas, Barroso, Leiros, Outeiro, Paredinha, Aldeia de Baixo, Egreja, Balbiz, Chiellos, Medros, Cruz, Brea, Pombal, Egreja. (Estes tres ultimos pertenciam á freguezia de S. Claudio).

aa Comprehende esta freguezia os logares do Outeiro, Baladares, Costa, Villares, Romai, Marieiro, Rocha, Ramalhão, Além do Rio.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Perre, Pisco, Nina, Portellas, Villa Meão, Felgueira, Freixo, Monção, Rocha, Madorra, Portella, Vinto, S. Gil, Pinheiro, Costa.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Portella Suzã, Pegas, Outeiro, Souto, Soutello, Ribeiro, Rego, Torrenta, Lobegada, Portella de Armeiro, Rebolido.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Santa Martha de Portozello, Samonde, Rome, Talharezes, Portozello, Fonte-grossa, Purtigueiras, Santa Martinha.

ee Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro de Serreleis, Morem, Feijó, Gandra, Pé do Monte, Marcões, Terronha, Cubeiras, Ribeira, e algumas quintas sem nomes especiaes.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Cadinho, Cancello, Vizo.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Sub-Portella, Monte, Lomba, Cortegaça, Castanheiros, S. João Baptista, Moz, Seara, Figueiras, Santa, Estrada, Barreira, Carreira, Carreira da Fonte, Fonte, Costeira, Fraga, Monte, Fonte do Souto, Costa, Portella, Aldeia, Souto, Picoto, Rua Direita; os casaes de Barral, Pousado, Pedroso; as quintas de Lamellas, Lavandeiras, e as propriedades de Rapadouro, Além-montinho.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Pica, Casal, Contada, Monte da Cheira, e as quintas do Convento e Santo Izidoro.

ii Comprehende esta freguezia, além da parte respectiva da cidade, o logar da Abelheira.

jj Comprehende esta freguezia, além da parte respectiva da cidade, o logar chamado Portella de Cima.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Villa Franca, Egreja, Figueiredo, Pereiro, Bairrinho, Conceição, Estrada, Mosteiró, Barrosa, Pinheiro, Santa Cruz, Monte, Ballada, Rua Cega, Lomba, Estivada, Atranco, Visos; uma quinta na Barrosa e mais tres em outros sitios e sem nomes especiaes.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Villa Fria, Sabaris, Ribeiro, Souto, Coutos, Cabase (ou Cabage), Junqueiro, Bouça-Cova, Monte Froi, Rua da Egreja.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Villa Mou, Valle, Lameiro, Bouça, Agra, Aldeia, Pedreiras, Coixinho, Cruzeiro, Eiras, Quelha, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Calvario, Razas, Medres (?), Torre, e os casaes ou quintas de Carvalhal, Ponte, Eirado, Terrados, Torre, Cunhas, Razas.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Villa de Punhe, Milhões, Arcas, Neves, Portella, Monte, Regos, Fonte de Algueira, Toupeira, Outrello, Chasqueira.

oo Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel de Villar de Murteda, Orbideiro, Passo, Casal, Rodo, Pereiro.

PONTE DE LIMA

Aspecto da ponte e do Arrabalde em 1780: fac-simile de uma gravura da epocha

—◇—

Vestida a natureza com todas as pompas da vegetação e com todos os encantos da paysagem, dando-lhe depois como symbolo a cornucopia da abundancia, ter-se-ha feito uma idéa do que é o actual concelho de Ponte de Lima.

Não sei em verdade se todo este encanto, que os meus olhos vêem, foi visto outr'ora, nos antigos tempos, pelos povos que dominaram a peninsula. Dizem os chronistas que sim, e Deus me livre de duvidar da sua veracidade respeitavel; mas isto é tão fresco, tão alegre, tão novo, que eu, se fosse pintor e me encommendassem um quadro sobre Ponte de Lima, traçava na tela o typo saudavel d'uma rapariga minhota, uma namorada que vae ás romarias, por exemplo, e tinha satisfeito a encommenda.

—Ah! com toda a certeza, isto nunca foi velho, não!

E não, porque a natureza tem o phyltro mysterioso que o dr. Fausto só conseguiu por dias vendendo a alma, e esse phyltro significa a eterna mocidade, a frescura eterna.

Por isso a Ponte de Lima de hoje deve ter a mesma feição que tinha, eu sei lá quando, no tempo dos turdulos, dos suevos, dos romanos, dos gregos! Dos gregos sobretudo, porque foi esse povo artista e trabalhador fecundo, que primeiro escolheu esta ribeira do Lima para assentar

os seus acampamentos; e ainda hoje nas qualidades dos naturaes d'aqui, das suas mulheres principalmente, póde o ethnographista reconhecer o sangue que girou nas veias dos primitivos Limicos, um ramo dos Gravios, segundo se diz.

Elles foram talvez os que á ribeira deram o nome de *Paiz dos Limicos* e que formaram a lenda do Lethes mythologico e dos Campos Elyseos, julgando, pelas impressões da sua alma poetica, ser aqui o logar proprio para esquecer todos os outros do mundo, de certo porque todo o prazer que nos delicia é como um copo de bom vinho que nos embriaga os sentidos.

E, de facto, os gregos, se foram elles, tinham rasão. A gente esquece-se no embevecimento d'aquella natureza sadia, como um namorado se póde esquecer diante do sorriso da mulher amada.

Até eu, chronista desventurado, me esquecia nos enthusiasmos da paysagem, que Ponte de Lima é um concelho com 51 freguezias, que tenho de percorrer, ai de mim, sem ter de contar na maior parte d'ellas os episodios scintillantes das viagens, as notas dramaticas ou burlescas dos acontecimentos que fazem d'um capitulo d'um livro d'estes uma deliciosa *mayonnaise*.

Como é terrivel lembrar-se a gente que tem de ser por força massador, perante a amabilidade nunca desmentida d'um companheiro delicado e bom, como tu és, leitor amigo. Curvo a minha espinha n'uma *pose* de contricto e digo-te sinceramente que não é minha a culpa, ou pelo menos que não é minha a intenção; mas, tu sabes, ha jornadas, em que por tão saturados das bellezas da paysagem, a gente chega a pedir ao céo implacavel uma charneca sinistra, um despenhadeiro horrivel com alguns bandidos, e que nos aborrecemos e fatigamos quando o céo nos não escuta.

Sim, Ponte de Lima é bella, é mesmo um encanto, uma natureza feiticeira e risonha, um brinco de vegetação e luz. Mas... toda a belleza tem o seu senão e o d'esta é o descriptivo massador das suas 51 freguezias

Se ainda podesse aproveitar-me a sentença de Boileau, «que nada ha mais bello que a verdade!»... Talvez, tu és tão amavel e tão condescendente!

*

* *

Deixáramos a estrada de Vianna a Ponte no limite da freguezia de Lanhezes, mas cá vimos encontrar de novo toda esta verdura fresca de paysagem, que o Lima conserva como um segredo seu, para nos estontear o espirito com as multiplicadas impressões da sua formosura.

Aqui está por exemplo *FONTÃO*, verdadeiramente enfofada em um ninho vegetal, tranquilla, mansa, ouvindo além o murmurar do Lima, sentindo mais perto ainda o serpear da corrente timida, que vae por entre a folhagem dos choupaes desaguar no formoso rio. Ao passar na singela ponte, lançada sobre esse ribeiro, lembra naturalmente perguntar o seu nome, e como não ha da provincia um mappa tão minucioso que possa esclarecer-nos, recorre a gente ao cocheiro que, se não é positivamente um sabio, é um geographo mais que muitos digno de pertencer á Sociedade de Geographia.

—Isso, informa logo elle,— que diz conhecer o terreno *a palmos,*— é o ribeiro que vem da *CABRAÇÃO,* uma freguezia lá das bandas da serra da Labruja, e que passa depois por Estorãos, cujo nome toma, por Moreira e S. Pedro de Arcos.

—Uma vez—dizia—tive de pernoitar lá em cima na Cabração; que imagina o senhor que me deram para a ceia?

—Leite, naturalmente, leite e boroa.

—Qual historia!

—Mel, então!

Voltou-se a meio corpo na almofada e olhou-me estupefacto, como se tivesse a intuição repentina de que eu era um feiticeiro viajando incognito, a quem talvez houvesse necessidade de esconjurar com orações e agua benta.

—Mas foi isso mesmo, mel, um bello favo de mel!... e voltou de novo á posição anterior, atirando aos seus cavallos uma chicotada vibrante.

E no entanto nenhum mysterio havia na minha resposta prompta! Tão sómente uma leitura recente da Chorographia do padre Carvalho me havia suscitado a lembrança de que o bom do padre referia, que era tão bom o mel da Cabração, que até entre nós devia ser celebrado, como o fôra o de Hymeto entre os gregos! Não se teria, pois, surprehendido o cocheiro se fosse um leitor do padre, e talvez até me podesse informar de que a freguezia pertenceu antigamente ao couto do mosteiro de Victorino das Donas, a quem D. Affonso Henriques a doára, no fim d'um succulento jantar que proximo da capella da Senhora de Azevedo lhe offerecera o abbade de Victorino, D. Fernando, para lhe restaurar e aos companheiros cynegeticos as forças esgotadas n'uma grande caçada ao javali por estas brenhas da serra de Arga.

Tempora, mores!

Vejam lá hoje se a prerogativa régia, ainda mesmo saborosamente impressionada com as finas iguarias offerecidas por um hospedeiro bizarro, mimoseia este com um presente equivalente a um... *couto!* Isso

sim! Fal-o visconde, se o não é já, barão ou conde quando muito, mas ha de pagar-lhe ainda em cima os queridos direitos de mercê.

Os campos de *ESTORÃOS* são fertilisados pelo ribeiro que atravessámos ha pouco, e que da freguezia toma principalmente o nome, conhecendo-o alguns tambem pelo rio do *Ceadouro,* vindo em seguida banhar o territorio occidental de *MOREIRA,* cuja egreja do Espirito Santo, dos Templarios, foi outr'ora a matriz d'uma freguezia vasta, perdendo pelo seu desmembramento diversas parochias, hoje independentes. A esta egreja do Espirito Santo vem o povo em romaria no domingo de Pentecostes, visitando por essa occasião tambem a ermida de Santo Ovidio, de que adiante fallaremos.

Na capella de S. Cibrão (ou Cypriano), de Moreira, houve em tempos antigos um recolhimento de beatas.

A casa do Outeiro, d'esta freguezia, foi o solar dos Fagundes, um dos quaes acompanhou Gaspar Corte Real na primeira expedição de Pedro Alvares Cabral para a India. Sabe-se a historia d'essa jornada gloriosa para o nome portuguez. A tempestade acossa furiosamente a armada e os navios perdem-se de vista uns aos outros. Pedro Alvares vae cahir nas plagas do Brazil, e Corte Real, com derrota para o norte, descobre a *Terra do Labrador.*

Pela estrada seguimos, encantados sempre com as virentes margens do Lima, um feiticeiro que além nos vae fazendo negaças, ora apparecendo, ora desapparecendo por entre os salgueiraes que se lhe debruçam sobre as aguas.

Quasi a entrar nas veigas de Bretiandos, avistamos ao longe, sobre a nossa esquerda, *S. PEDRO DE ARCOS,* espreitando-nos por entre os pinheiraes que a rodeiam. Dominada pelos contrafortes da serra de Arga, em um dos outeiros da qual assenta a capella de Santa Justa, é cheia de tradições a freguezia, não sendo a menos curiosa a que se refere a um grande penedo espheroidal, situado em um pequeno chão, no caminho que vae d'esta capella para Estorãos. Tem a pedra uma concavidade a um dos lados e a seu respeito acreditava ainda não ha muito o povo, que era um signal infallivel para attestar da virgindade de qualquer rapariga, que sem difficuldade conseguisse metter e tirar a cabeça por essa concavidade! Como esta pedra é superior á pedra philosophal, nos usos praticos da vida, quando um noivo tem a ventura de acreditar na sua miraculosa efficacia! O leitor, que naturalmente não é de Estorãos, nem de por ali perto, sabe a que ha de ligar essa tradição, d'um verdadeiro caracter primitivo, e permitte-me por isso que não me alargue em considerações sobre esse vestigio d'um costume extincto, para lhe apresentar ainda o que em S. Pe-

dro de Arcos temos para examinar. No seu monte da Formiga, diz a tradição terem vivido *os mouros,* e no sitio de Amorim existiu outr'ora um castello, assim chamado, solar dos Amorins, do qual ainda hoje se notam muitos vestigios. A casa dos Penteeiros, á freguezia pertencente, é uma das suas melhores vivendas.

Da estrada vê o leitor alvejar no cimo d'aquelle outeiro, que nos fica sobre a esquerda, a capellinha de S. Christovão; festeja-a o povo com romaria em um dos domingos de agosto.

Que formosas que são estas veigas de *BRETIANDOS!* Agora, no verão, parece que atravessamos um lago de oiro, levemente encrespado pela viração, quando os milharaes ondulam com o vento! Mas, no inverno, quando a corrente do Lima trasborda por sobre toda esta planicie, como isto é extraordinariamente bello!

Aqui tem o leitor a opulenta vivenda de Bretiandos, admiravelmente situada sobre a margem esquerda da estrada. É desde 1586 o solar do condado d'este nome.

—Bretiandos foi a *Britonia* antiga?

Por vezes, leitor amigo, nós temos encontrado esta esphynge no nosso caminho, sem que tenhamos podido rasgar o véo nebuloso que a encobre.

Os eruditos são homens, temol-o visto já, para nos arranjarem uma Britonia em qualquer parte, mercê dos textos e citações dos velhos *in-folios,* e difficil é por isso assentar uma opinião definitiva.

Entretanto, como temos de nos pronunciar uma vez, fique, para nós, assente, áparte futuras descobertas, que a Britonia antiga foi exactamente onde estamos agora, na Bretiandos actual.

Diz a *Carta da divisão dos condados d'Entre Douro e Minho,* a que já nos temos referido:

«... e d'ali (foz do Lima) pelo mesmo rio Lima acima até Britinia, onde antes foi Britonia; e depois até Pena Maior, sobre a antiga cidade da Labruja, que agora se chama Romarigães...»

Não só o nome de Bretiandos, transformação provavel de Britinia, nos parece uma prova da existencia da velha cidade, como ainda o facto da proximidade da Labruja, a que se allude n'esse documento.

Seja como fôr, essa *Britinia* ou *Britonia* foi uma cidade florescente, episcopal até, no anno 55, em que imperava Nero. No seculo IV esta cathegoria menos póde ser contestada, visto que na divisão dos bispados da Lusitania, feita no tempo de Constantino Magno, Britonia figura como suffraganea da Sé de Braga. Até 610 conservou essa preeminencia, sendo então supprimido o bispado para se unir ao de Tuy. Entre os seus bispos figuram S. Aristobulo Zebedeu, S. Lucio, S. Maximo e S. Valentino. A

cidade prosperou sob o dominio romano e ainda sob o dos godos, como tambem sob o arabe em 716; mas pelos fins do seculo x, Almansor, cujas proezas referimos já, destruiu-a até aos fundamentos por causa da sua obstinada resistencia, e desde então a Britonia tornou-se uma lenda, uma charada archeologica para os sabios.

Para nós que o não somos, basta de Britonia, meu amigo, mesmo porque se o passado é uma nebulosa para onde só póde olhar o telescopio do erudito, aquelle amphitheatro da margem d'além, onde se reclina a freguezia de *VICTORINO DAS DONAS* póde ser admirado por ti e por mim, por todos nós os que não temos erudição, mas temos alma para sentir o enlevo d'esta feiticeira natureza, pintora a cada volta de caminho, artista no mais ligeiro esboceto.

«A primitiva parochia foi na capella de *Santa Maria do Barco,* titulo d'esta freguezia n'esses tempos, e em 1605, supprimido o mosteiro das Donas, se arvorou em matriz d'esta parochia a egreja d'elle, e d'elle tomou o nome.» Esta nota, colhida no diccionario de Pinho Leal, vem ainda ahi accrescentada com a historia da suppressão do mosteiro, assim como das phases anterior e posterior da sua existencia.

Nos meiados do seculo xiv, diz o artigo citado, foi transferido o mosteiro do sitio de Barco para o sitio actual, onde existia uma torre, solar dos Velhos, que veiu a cahir em poder das religiosas, sendo para aqui transferidas as freiras do mosteiro de Bulhente (Ancora) e as de Santa Eufemia de Calheiros. Este convento teve já os nomes de *Victorino* e *Vulturino* e foi primitivamente de frades.

Por 1589 corria livremente a moralidade das freiras, e o arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Jesus, cançado já de admoestações inuteis, resolveu transferil-as para o convento do Salvador em Braga.

Representações e pedidos foram addiando a execução da ordem, durando uns quinze annos a pendencia entre o pastor e as ovelhas, que a todo o preço procuravam não cumprir aquella sentença de mudança. A propria camara de Ponte de Lima chegou a reclamar tambem em 1603, para que as freiras continuassem no seu convento, e quando muito, a transferencia se fizesse para Vianna. [1]

[1] D'essa reclamação resa o Liv. das Vereações de Ponte de Lima, 1602 a 1605, que o erudito quanto modesto archeologo limicense o ex.mo sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, a quem n'este momento confessamos por esta e por outras notas de subido valor que opulentam o presente capitulo, todo o nosso reconhecimento, estudou com a sua proficiencia e subido saber, revolvendo durante mais de dois annos o archivo municipal, o das irmandades e muitas casas particulares, e conseguindo assim elucidar, após este inglorio cavar de ruinas, muitos pontos obscuros da historia da formosa e antiga Ponte de Lima. De sentir é só que o trabalho d'este infatigavel obreiro esteja como que perdido nos folhetins de jornaes da localidade, de que se não encontram collecções.

Esgotados os meios suasorios, azedou-se deveras o arcebispo por não ser obedecido, e a el-rei Philippe II se queixou de tão obstinada resistencia.

Do Porto foram então as justiças, com que o arcebispo devia effectuar a evacuação do mosteiro, e uma noite partiu de Braga com ellas e com as suas proprias para levar a cabo tal empreza. Um sequito numeroso composto de liteiras para a conducção das religiosas, e de homens armados com machados sahiu de Braga ás ordens do arcebispo, e á portaria do convento bateram de madrugada.

Intimada a ordem de despejo, recusaram as freiras obedecer, e as primeiras portas foram então abertas a machado; trancaram-se as religiosas em outro salão que teve a mesma sorte, e por ultimo refugiaram-se no còro, onde tres dias estiveram sitiadas, rendendo-se afinal apertadas pela fome, esta inimiga terrivel da virtude, prenda que aliás não era a que levava n'aquella occasião ao martyrio as lindas e teimosas freiras de Victorino.

A actual matriz da freguezia foi outr'ora a egreja do mosteiro, pois que, devoluto este, foi a sua propriedade adquirida em 1605 por Antonio Martins da Costa, o qual cedeu o templo para matriz, reparando-o antes á sua custa.

A Victorino das Donas pertence ainda aquelle pittoresco e povoado logar de *Pecegueiro,* que parece de lá sorrir para o seu Lima, como adoravel creança que espreita na refracção das aguas ou na lamina d'um espelho as linhas que traduzem as imagens dos seus brinquedos infantis. Assim é que no rio vem reflectir-se os seus casaes alvos de neve, os seus palacetes elegantes, sobresahindo os do Visconde da Carreira e dos Abreus, as suas ermidas singelas, destacando a de Santo Antonio pelos seus calvarios em linha de oração, as suas arvores, os seus campos finalmente.

Não pára em Pecegueiro o amphiteatro da margem esquerda; mas as veigas de Bretiandos que vinhamos atravessando, terminam já e d'este lado vem ferir-nos a attenção a modesta egreja de *Santa Comba,* dominando o pequeno villar, que na sua totalidade quasi se lhe agrupa em volta. Adiante, por entre um renque de pinheiros bravos avistam-se algumas casas de *SÁ*, em cujo logar de Louredo existia outr'ora um grande mosteiro da ordem de S. Bento, fundado por S. Martinho de Dume.

Avançando um pouco na estrada descobre-se além sobre aquelle outeiro a figura bojuda d'um moinho de vento, meio arruinado, como Sancho depois d'uma das aventuras do heroe manchego. Chora talvez as alegrias do movimento do seu velejar continuo e porque não tem hoje o prestimo de então. aos romeiros que vão para a festa do Senhor da Saude no primeiro domingo de agosto serve de guia e indicador seguro, na sua situação solitaria.

—Lá está o moinho, ó vós do rancho, é para aquelle lado que fica o sanctuario—diz o primeiro que o avista.

E todos, ao vel-o, antegosam já os prazeres da grande romaria. As romarias, as verdadeiras festas populares! Como eu desejo, leitor, apanhar ao vivo um d'esses largos quadros animados, em que possas escutar os descantes ao desafio, o rijo estridor dos zabumbas, as violas repinicadas dos musicos das aldeias, o *brou-ha-ha* da alegria do povo. Ainda não será, porém, o *Senhor da Saude,* apezar de muito celebre já em todo o concelho de Ponte, que nos fornecerá esse prazer! Elle mesmo, coitado, é humilde ao pé do *Senhor do Soccorro,* o de mais rija festa em todo o termo do concelho! Mas que são ambos, se os comparamos com a Peneda e Senhora d'Abbadia, com Porto de Ave e o Bom Jesus do Monte!

Victorino das Donas — Desenho do natural por João de Almeida

Em um capitulo isolado d'este livro condensaremos as impressões que nos deixaram as romarias do Minho; esqueçamos por agora, pois, o que sobre o assumpto temos a dizer e volvamos os olhos para esse diorama encantador da outra margem do rio, visto que, d'este lado, um curto parenthesis de aridez nos permitte o prazer de apanhar n'um mesmo golpe de vista os casaes e os eremiterios, os arvoredos e collinas que formam sobre o Lima a freguezia de *SEARA*. De notavel ha ali apenas as casas de Gonçalo de Barros Lima, e do fidalgo do Outeiro, por cuja frente passa a estrada que de Vianna corre parallelamente ao Lima. Dominando Seara lá está o monte da Nó, celebre nas tradições locaes pelas minas que ahi abriram os mouros,—mas onde se não póde hoje entrar, diz a lenda—porque o ar falta aos que o tentam passados certos limites. A meia encosta fica envolvida na sombra dos pinheiraes a capella da Senhora da Boa Morte, velada pelos cyprestes que dispozeram aos seus lados. Pertence já á Correlhã, que em outra occasião descreveremos.

Subimos uma pequena rampa.

—Ainda falta muito para chegar a Ponte de Lima, cocheiro?

—É ali já. No fim da subida, um instante apenas.

E foi assim.

No alto, quando o macadam se lembrou de parar na sua linha ascencional, nós ficámos deslumbrados perante essa visão que nos surgiu em frente.

Era realmente Ponte de Lima, com a larga bacia dos seus arrabaldes e a sua casaria unida, com o seu rio formoso e a sua ponte secular, com as suas arvores e os seus outeiros, os seus palacios e as suas quintas afamadas.

Sente-se, ao vêr aquelle quadro todo, a impressão alegre da vida e da mocidade sadia! É como se estivessemos em frente d'uma noiva de vinte annos, tendo nós os mesmos vinte tambem. Ha um latejar de fecundidade casta no seio d'aquella natureza larga, toda ella banhada em luz, faiscante de agua e fresca de vegetação.

Namorando a villa e como ella estendendo sobre o rio a sua frontaria alvejante, está áquem da ponte a antiquissima freguezia de *ARCOZELLO,* cujo logar mais importante é por sem duvida este que vamos atravessando, chamado desde muito o *Arrabalde,* ou *Rua de Além da Ponte*—áquem diriamos nós agora—arrabalde que bem póde considerar-se uma parte da villa, ou se o quizerem, uma pequena villa, tanto se tem desenvolvido ahi as construcções. Desde tempos remotos tem o *Arrabalde* ou *Arcozello,* melhor, a sua autonomia, e este facto inhibe-nos entrar na villa desde já, preferindo descer do carro aqui para não perdermos o ensejo de conhecer de perto a antiquissima parochia que no meiado do seculo VI, dizem, fôra doada á Sé de Tuy por Theodomiro, rei dos suevos, doação que no anno de 1125 foi confirmada pela rainha D. Thereza e seu filho o infante D. Affonso Henriques.

Reinando D. Affonso V foi Santa Marinha de Arcozello, com outras da provincia, desannexada do bispado de Tuy e encorporada no de Ceuta, e só em 1514 é que passou definitivamente á mitra primacial de Braga por troca feita entre esta e o bispo de Ceuta. Estas noticias fariam suppôr que iriamos encontrar na sua matriz uma veneranda curiosidade archeologica; as reconstrucções, porém, que tem experimentado tem-a desfigurado a tal ponto, que hoje não vale sequer o trabalho de uma visita. Tem Arcozello varias casas nobres e diversas ermidas, algumas das quaes podem considerar-se por sua grandeza egrejas de importancia; mencionaremos a capella de *Santo Antonio da Torre Velha,* na embocadura norte da ponte, e a de *S. Gonçalo,* muito concorrida de romagens, situada em meio d'um bello souto de carvalhos, onde outr'ora teve grande desenvolvimento a industria de pellames, florescente ainda nos fins do seculo XVIII. Da er-

mida do Anjo da Guarda, antiquissima, e collocada á margem do rio, fallaremos adiante.

Mais curiosidades ha ainda a observar em Arcozello, sendo a principal a que tem de referir-se aos marcos milliarios da quinta de *Antepaço* ou *Antepasso,* pois julgam muito significar a palavra em *frente da passagem* do rio, que vão ser abreviatura de *Antigo paço,* residencia hypothetica do consul Bruto. São tres essas columnas milliarias, indicando nas suas legendas a passagem por estes terrenos do Lima, d'uma das vias militares que partia de Braga para Astorga tomando a direcção de Tuy, e cujos vestigios deixamos já notados em alguns dos anteriores capitulos.

Argote deu conta d'essas inscripções e no vol. VI do *Archivo Pittoresco* póde o leitor encontrar um artigo do sr. Vilhena Barbosa a ellas referente, sendo opinião d'este academico erudito que as duas mais legiveis recordam a reconstrucção d'essa via, iniciada por Augusto Cesar no anno 11 de Christo. Uma d'estas é levantada a Adriano Trajano no anno 134 da era christã, a outra a Antonino Caracalla no anno 213 ou 214. Ambas marcam vinte mil passos (cinco leguas) a Braga.

Alguns antiquarios, entre elles o padre Carvalho, de que Pinho Leal reproduziu talvez a noticia, dizem que na quinta da *Freiria,* hoje propriedade do dr. Joaquim Alves V. Lisboa, houve em tempo um hospicio de Templarios; se assim foi, não existem d'elle vestigios, nem tradição actual, informa-nos o ex.^{mo} sr. Reis de Lemos, a quem já tivemos a honra de apresentar ao leitor. O que em Arcozello existiu, e do que se podem ainda bem observar as ruinas, foi um mosteiro de Franciscanos, primeiro, e de Franciscanas depois, no sitio de *Valle de Pereiras,* cuja fundação, segundo nota do cavalheiro citado, teve logar em 1368, occupando-o os frades até 1565 e não 1515, como pretendem alguns. N'aquelle anno, e dia 27 de março, tomaram d'elle posse duas freiras do convento de Santa Clara de Villa do Conde, por concessão do papa Leão X. As ruinas d'esse mosteiro assentam em uma collina do monte de Santo Ovidio, que pelo norte vem, ultima ramificação da serra de Arga, fechar-nos o horisonte, e que deve o nome talvez á alvejante ermidasinha que o corôa, dedicada pelo culto ao santo d'aquella invocação. No domingo em que a egreja festeja o Espirito Santo faz o povo a sua romagem á ermida, levando-lhe como offerta uma ou mais *telhas,* segundo a promessa. D'ahi vae, como já dissemos, para a romaria de Moreira, completar o dia alegremente. A 10 de janeiro faz-se em Arcozello uma romagem e feira, onde concorrem os povos das aldeias visinhas em grande numero.

Descripto o Arrabalde, lembra naturalmente atravessar a ponte para visitar a villa do outro lado do Lima. O encanto, porém, do largo pano-

rama que o viajante póde gosar do alto do velho monumento é tão surprehendente, que ainda que fôra essa a intenção, ao sentir deslisar sob as arcadas seculares a corrente limpida do rio e ao contemplar no horisonte rasgado toda a magestade d'uma natureza tão prodiga, o espirito como que se suspende nas azas d'um condor ideal e esquece que tem de regular o triste movimento da machina organica para todo se enlevar na tentação pantheista que lhe acena, de todos os lados, com a pureza transparente do céo azul, com as aguas beijando amorosas as flores rutilantes das campinas, com as arvores vestindo luxuosamente os outeiros, com as montanhas diluindo-se ao longe no esbatido cinzento das coisas vagas.

Quando a reflexão nos vem acordar d'esta immobilidade contemplativa, é só então que principiamos a esboçar as linhas da paysagem, a dar corpo ás fórmas indistinctas, a concretizar a impressão. É n'este trabalho todo objectivo que o leitor nos vae acompanhar, porque só esse podemos offerecer-lhe. Comecemos por longe, pela serra, onde nos surprehende ver uma larga mancha branco-amarellada, similhando um rasgão de côr na tunica de vegetação. A distancia mal nos permitte avaliar o que seja, mas o primeiro que passe, se não tendes a felicidade de ter ahi, como eu tive, um delicado e amavel *cicerone,* dir-vos-ha que essa mancha é nada menos que o mais celebre sanctuario do concelho, o do Senhor do Soccorro, da freguezia da *LABRUJA.*

—Grande festa, romaria notavel?

—A primeira do termo de Ponte; dura tres dias e o povo é como um formigueiro intensissimo. Esta agglomeração produz em alguns annos grossa pancadaria. Os varapaus redemoinham pelo ar e as cabeças, em que o vinho verde espuma alegre, são ordinariamente o ponto de apoio das rijas varas de marmelleiro ou lodão. Exactamente o que succedeu este anno de 1884.

De resto o fogo de artificio, a *attraction* especial da romaria, abunda extraordinariamente, e na opinião dos romeiros, muito auctorisada n'estes casos, os pyrotechnicos do Senhor do Soccorro rivalisam em gosto e... dynamite com os da Senhora da Agonia, de Vianna. Um correspondente festeiro escreve mesmo em um jornal de provincia «que o fogo preso, no anno de 1884, fôra ainda superior ao da Agonia!»

Um acontecimento!

A Labruja é uma freguezia antiquissima que o rei Theodomiro em 560 doou já com o seu couto e egreja ao bispo de Tuy, D. Affonso, doação confirmada alguns seculos depois por D. Thereza e D. Affonso Henriques. D. Lucas, bispo da mesma diocese, creou na Labruja um arcediago simples em 1241, de que se conserva ainda o titulo nas leis de Braga

e Tuy. Na doação que á Sé de Lugo fez em 915 o rei Ordonho II, menciona-se um convento de Benedictinos no logar da Labruja-Ribeira-Lima e d'elle se diz que fôra fundador Ermogio, bispo de Tuy, cujas cinzas repousam na actual matriz, em sepultura rasa, *si vera est fama*. Na actual matriz, dizemos, porque do primitivo mosteiro, que devêra ser por esses tempos famoso, e logar talvez seguro e forte, pois a elle se acolheu o bispo de Tuy, Naustio, por occasião da invasão dos normandos, em 1112, não resta hoje vestigio, sendo a matriz actual uma reconstrucção de 1460, muito modificada ainda posteriormente. No sitio em que hoje está a arruinada ermida de Santa Anna, diz-se ter sido tambem um convento de freiras, fundação do mesmo Ermogio. Pinho Leal julga, e é possivel, que no principio fosse o mosteiro *duplex;* o mesmo refere que o mosteiro dos frades existiu junto á capella da Senhora da Graça, que na Labruja me informam não existir, sendo talvez confusão d'aquelle escriptor com a capella do Senhor da Graça da visinha freguezia de Barrio. Todas estas averiguações precisariam de largo tempo e espaço, que o nosso trabalho por sua indole não comporta, e que, deve dizer-se, apenas a muito poucos interessariam, porque, modernamente, no termo de Ponte de Lima, a Labruja, se é deveras conhecida, não o deve ás cinzas do bispo Ermogio, nem ás doações do rei Ordonho, mas aos foguetes de tres respostas e ás bellas *arvores de fogo* queimadas no arraial do Soccorro.

Que o digam *RENDUFE,* em cujo monte de Travanca o conde do Prado desbaratou o exercito castelhano em 9 de agosto de 1663; *LABRUJÓ,* ou *Pequena Labruja,* que tem como suas as glorias da irmã mais velha; *VILLAR DO MONTE* ainda, e *BARRIO* tambem, como as antecedentes escondida nas vertentes ferteis d'esses alcantis da serra de Miranda, de que só logramos, d'este sitio da ponte, vêr as arestas recortando o azul.

Seguindo a linha que vem do celebre Sanctuario do Soccorro até nós, além está *CEPÕES,* occupando o seu logar no vasto amphitheatro, e deixando adivinhar a productividade fertil dos seus campos. Na torre de Parada foi o solar dos d'este appellido, cujo primeiro ascendente, coevo de Affonso Henriques, foi Martim Garcia de Parada.

Não podia vir mais a proposito a noticia d'um solar. Vê o leitor aquelle, espaçoso e cavalheiresco, dominando toda a extensão do delicioso valle? É o solar de *CALHEIROS,* de uma familia nobilissima, tendo no Paço-Velho e em Caldellas o attestado da sua fidalguia. Segundo uma informação do ex.^mo^ sr. Reis de Lemos consta do *Archivo do Salvador de Braga,* em prazo que essa familia disfructa, que as freiras de Victorino das Donas estiveram antes no seu mosteiro de Calheiros. Ainda hoje no

Campo da situação, pelas freiras emprazado em 1510 a Diogo Lopes, existe um pardieiro com aspecto de capella, tendo no interior um altar de pedra, que pelo prazo se conclue ter sido a egreja d'essas religiosas.

O raio visual vae encurtando, e n'esta approximação para Ponte de Lima é já a freguezia de *BRANDARA* que distinguimos, ou melhor o seu risonho sitio do Cardido, em cujo primeiro plano avulta o palacete do illustre fidalgo Sebastião Lopes Calheiros de Menezes. Sobranceiro a Brandara fica o outeiro de S. Simão, vendo-se no cimo alvejar a ermida da

Mosteiro de Refoyos — Desenho do natural por João de Almeida

invocação d'este santo, pertencente já á freguezia ribeirinha de *REFOYOS* ou *Refojos do Lima*, onde existe o celebre mosteiro assim denominado, de que a nossa gravura dá uma idéa exacta. Não se avista o convento do ponto em que estamos, o que não obsta a que descrevamos a largo traço a sua historia, reservando para outra occasião a contemplação *de visu* dos seus magestosos edificios. Ficaremos assim livres para definitivamente atravessar o rio e descrever toda a zona do concelho, a villa de Ponte inclusive, que fica sobre a margem direita.

Era de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) o mosteiro de Refoyos e foi em 1112 fundado por D. Affonso Ancemondes, rico homem e companheiro do conde D. Henrique, tomando os conegos posse apenas concluida a fabrica. No anno de 1124 D. Thereza e seu filho D. Affonso

Henriques deram o titulo de conde de Refoyos de Lima a D. Mendo Affonso, filho do fundador; e, como este não tivesse descendencia, ao mosteiro doou por isso todo o seu condado e paços em 1160, confirmando D. Affonso Henriques esta doação no mesmo anno.

Diz-se que eram os paços de D. Mendo na torre chamada dos Malheiros, nome muito naturalmente posterior a essa epocha, visto que a maior parte dos Malheiros nobres da provincia descendem de Estevão e Lourenço Malhos, notaveis só em 1385 e por seus feitos premiados por D. João I. O ex.^mo^ sr. Reis de Lemos pensa que os paços fossem talvez um pouco acima do mosteiro, no sitio chamado o Fojo, onde se observam ainda compartimentos em pé, restos de antigos edificios. O corpo do edificio do mosteiro conserva a sua architectura primitiva e do formoso cruzeiro dá uma idéa exacta a nossa gravura em pag. 272; a cêrca está hoje uma bellissima quinta, graças ao bom gosto do actual proprietario o ex.^mo^ sr. Thomaz Mendes Norton. Não ha muito ainda descobriu este cavalheiro no convento uns quadros a que attribue precioso valor e que o terão de certo se se provar, como o seu proprietario julga, que são da paleta do divino Raphael. Não os vimos na occasião da nossa excursão e do achado tivemos sómente conhecimento quando já não podiamos regressar a Ponte de Lima. A noticia, porém, alvoroçou os bons espiritos e oxalá sejam fundadas as esperanças do proprietario de Refoyos.

*
* *

A villa.

Eil-a finalmente, coquette, adoravel, fresca, beijada pelo rio em toda a sua extensão. Largos passeios sobre a margem, arborisados, fazem pensar nas tardes calmas do estio; á direita toda a vasta rua-caes, da qual se vê parte na gravura, estendendo-se até á Guia, o delicioso e favorito passeio dos limarenses; á esquerda a capella e alameda de S. João contiguas ao areal.

Se viesses aqui no dia da festa do popularissimo santo, encontrarias em que distrahir o teu espirito, avido de novas impressões. N'este largo tapete de areias fulvas, assombreado de um lado pelas arcarias da ponte, onde se vem firmar os palanques para os espectadores, aberto pelos restantes ao glorioso sol de junho, corre-se animadamente o touro.

Corre-se, é um modo de dizer, porque o touro é que ordinariamente corre os toureiros, uns pimpões das freguezias suburbanas que o amor ou o vinho levam de arremettida contra o bicho, munindo-se para isso não de ferros curtos, mas de varas enormes, que lestamente largam apenas o

animal escarva o chão em frente de qualquer. Em um outro capitulo d'este livro teremos ensejo de presencear uma d'essas originaes touradas, quando chegarmos a um concelho em que ellas sejam mais frequentes. Por agora procuremos a antiga hospedaria da Bernardina, hoje do filho da antiga locandeira, o qual a modernisou um poucochinho chamando-lhe *Hospedaria do Passeio,* e encommendemos ahi o jantar, precaução indispensavel nas pequenas terras da provincia para quem não fôr um decidido partidario da poesia dos ascetas. O ex.mo sr. Antonio Marques Rodrigues de Moraes, tão honrado negociante da villa, como *cicerone* amavel, a quem devemos muitos esclarecimentos prestadios e a intervenção valiosa do ex.mo sr. Reis de Lemos para corrigir inexactidões que os livros nos tinham inoculado, a proposito da historia de Ponte de Lima, toma conta de nós e leva-nos primeiramente á matriz, de que logo á entrada admiramos o bello arco abatido, sobre que assenta o côro e depois alguma obra antiga de talha, hoje em pequena porção, porque a vae substituindo o trabalho moderno. Pouca menção merecem as alfaias empregadas no culto e sahimos por isso do interior do magestoso templo, para lhe contemplar o estylo gothico da fachada. A sua construcção, que alguns dizem datar do meiado do seculo XVIII, é do primeiro quartel do seculo XV, se não é de data muito mais anterior, pois que, segundo o sr. Lemos, do Archivo Municipal de Ponte, pergaminho n.º 8, consta, que para as obras da edificação ou accrescentamento e reforma d'esta egreja, dera D. João I á camara em 1426 a renda dos *residuos* da villa. Continuou a obra durante o resto do reinado d'este monarcha e nos dos seguintes até 1445 a 1446, em que D. Affonso V por provisão de 14 de março de 1445 concedeu para sua conclusão aquella mesma renda.

A matriz está sob a invocação de Santa Maria dos Anjos e é a séde da parochia unica da villa. Na sua frontaria, quasi ao rez do chão, está uma janella com grades de ferro, que recorda para quem é de Ponte o singular e barbaro costume da *corrida da vacca,* na vespera de Corpus-Christi. Existe desde seculos remotos a usança, e difficil será que o povo prescinda da sua *vacca das cordas* n'esse dia. Pelas tres horas da tarde prendem o pobre animal pelas pontas aos varões de ferro da janella, e durante uma hora ahi a vae açular o rapazio, espancando-a e atordoando-a com assobios e apupos. Findo esse tempo desligam as cordas das grades da janella, e dois homens, cada um com a corda que prende uma das hastes do animal, fazem-o correr tres vezes em volta da matriz, e acto seguido aguilhoam-o e avançam com elle pela rua de S. José até ao passeio e areal proximo da ponte. O povo accumula-se n'esses logares para ver passar a vacca, e se acontece que o animal atropella alguem ou com elle investe, o

regosijo é geral, o applauso corre com algazarra na multidão; se nenhum desastre, se nenhum incidente, porém, succede, pinta-se o desalento na physionomia de todos:

—Oh! este anno a vacca não prestou! commentam tristemente.

É antigo o costume, dissemos, e d'isso dá prova ser ainda hoje o municipio que paga a qualquer marchante uma gratificação para ceder a vacca para a corrida, sendo nos tempos do velho systema obrigados os moleiros do concelho a ministrar, á vez, para esse fim, o manso e pacifico animal.

Depois de vista a matriz e de recordada esta usança, fomos vêr o palacio do marquez de Ponte de Lima, tão tristemente celebre nos annaes da historia patria, e por uma azinhaga tortuosa que passa em frente do antigo hospicio de S. João de Deus, mais tarde quartel, nos levou o nosso prestadio *cicerone* até ao largosinho da Lapa, sobranceiro á villa, para que desfructassemos d'ahi o panorama encantador que se desenrola em frente. Em seguida visitamos o largo da Regeneração, que é sem duvida o primeiro no interior da villa, adornado como está com o seu chafariz esbelto, e com a frontaria do Asylo de D. Maria Pia, modesto mas de generosos e proficuos intuitos, originariamente albergue para peregrinos, feito pelo primeiro visconde de Villa Nova de Cerveira, D. Leonel; a capella de S. Sebastião que n'este largo existia, foi em 1883 apeiada. Fomos depois á Misericordia, que nada tem de notavel, e eis-nos de novo no largo *Passeio do caes,* em frente d'este feiticeiro Lima, que é toda a belleza da villa. Percorrendo-o na direcção da foz do rio encontra o *touriste* a bella casa do sr. Agostinho Taveira, e proximo os edificios dos Terceiros e Santo Antonio dos Capuchos, convento que D. Leonel e sua mulher D. Filippa da Cunha mandaram edificar no anno de 1480; no local da antiga matta dos frades está hoje o cemiterio novo. Adiante mais, se lhe fôr aprazivel prolongar o passeio, está a capella da Senhora da Guia, mandada construir em 1629 por uma confraria numerosa, em virtude de principiar então o rio a damnificar uma anterior do mesmo nome, mas de que não restam vestigios, e que a tradição diz ter sido até 1360 a matriz da villa. Junto existiu um hospital para Lazaros sob a invocação de S. Vicente.

Essa tradição parece vir confirmar a hypothese d'aquelles que asseveram que a villa teve assento n'este sitio ou muito proximo, talvez,—aventa o sr. Reis de Lemos,—no local denominado a *Baldrufa,* em um pinhal onde ainda se observam vestigios de edificações de tijolo. Segundo este investigador, o primitivo assento foi junto da *ponte velha,*—romana, segundo toda a probabilidade,—e que originou o titulo da villa quando a esta cathegoria elevou D. Thereza em 1125 a *terra de Ponte,* com a respectiva

PONTE DE LIMA — *Desenho do natural por João de Almeida*

carta de foral. Depois, por circumstancias não averiguadas, os moradores passaram-se para o sitio proximo da Guia, até que D. Pedro I mandou a povoação, miseravel na sua epocha, para o local em que está, mandando pelo seu corregedor Alvaro Paes lançar a primeira pedra das muralhas e torres em 3 de julho de 1359, segundo consta de uma lapide com legenda em caracteres gothicos, encravada em um amparo da ponte, construida ou reconstruida por elle sobre a fundação romana. [1]

O livro de Lima Bezerra traz uma gravura da ponte, como ella existia ainda no seu tempo, e que o leitor vê reproduzida no nosso livro, porque apezar da imperfeição d'esse desenho póde fazer-se uma idéa do magnifico aspecto que até 1857 apresentava esse monumento, talvez unico no reino, como typo da architectura militar da edade média. Constituido por vinte e quatro arcos, dezeseis ogivaes e os outros de volta redonda, terminava a ponte por duas torres quadrangulares ameiadas, uma na extremidade sul, outra no lado norte, chamando-se a esta ultima a *torre velha,* designação por que ainda é conhecida a capella de Santo Antonio que ahi existe. D'esta seguem para o norte ainda uns sete arcos, os quaes se julgam ser os da primitiva ponte romana.

Infelizmente, n'esta furia de vandalismo e ignorancia que tem assolado as vereações e governos da nossa epocha, o bello monumento da ponte foi uma como tantas outras victimas da insania, e as suas torres cahiram de 1857 para 1858 sob o pretexto... ah, sob o pretexto,—talvez seja melhor não o achar... Esta ponte, dissemos, foi no todo ou em

[1] A historia d'este monumento tem dado logar a contradictorias affirmações dos nossos archeologos, pretendendo uns que elle é originariamente, em toda a sua extensão, obra romana, embora damnificada em epochas posteriores, sendo a principal reconstrucção a de Pedro I; opinando outros que só o lanço que vae de Santo Antonio da Torre Velha para o Arrabalde tem essa antiguidade. A este lanço se refere Lima Bezerra, dizendo que existia no seu tempo, e d'elle fallam Pinho Leal e o sr. Vilhena Barbosa, como se já não existisse; a verdade, porém, segundo verificámos e nos attesta tambem o sr. Reis de Lemos, é que essa parte ainda existe. A sua existencia, porém, não vem ainda decidir a questão, porque a ser romana só essa parte, seria preciso admittir que o leito do rio havia mudado desde a construcção primitiva da ponte,—epocha provavel de Augusto, quando se fez a via militar de que já fallámos,—até ao reinado de D. Pedro I. A tradição vem favorecer os que seguem esta opinião, dizendo que a ermida do Anjo da Guarda hoje na margem direita estava, em tempos remotos, na margem esquerda do lado da villa, devendo esta assentar então nas suas proximidades, hoje occupadas pelas aguas e primeiros arcos utilisaveis da ponte. Dizem, porém, os de opinião contraria, que as antigas chronicas referem apenas que D. Pedro I *reedificou* a ponte, e que não constando que os seus antecessores a houvessem feito ou reconstruido, é porque a sua origem era romana, e sendo-o, era-o em toda a sua extensão necessariamente. Seja como fôr, a obra de D. Pedro I resistiu ao tempo, sem necessidade de concerto, por espaço de 150 annos, sendo depois d'isso,—diz-nos o sr. Reis de Lemos,—os primeiros reparos feitos por D. Manuel, que apenas a mandou calçar e ameiar, como affirma a inscripção encravada na fachada da capellinha do Rosario, ao lado da ponte, sendo esse trabalho confiado ao vedor Diogo de Ponte, que principiou a obra a 6 de junho de 1504 e a terminou em 1507.

parte construcção romana e julga-se por isso com boas rasões que Ponte de Lima deva egualmente a sua fundação a esses dominadores da peninsula, ou pelo menos a sua prosperidade em uma epocha que vae uns 140 annos além da era christã. Foi o seu primitivo nome o de *Limia,* e apezar de haver quem sustente que Limia era então um grande tracto de terreno que ia talvez d'este rio até ao Minho, o que é verdade,— não repugna acreditar que uma povoação se acantonasse n'essa immensa extensão e que ella fosse até a mais florescente d'essa epocha, derivando o seu nome ou do rio, ou dos povos limicos que habitavam este territorio. O indiscutivel é que no itinerario de Antonino Pio se appellida *Limia* a terra que na estrada para Astorga ficava a 19 milhas de Braga, e que não podia por tanto referir-se á provincia em geral, mas a um logar determinado. Qual, é o que difficilmente se póde averiguar, variando n'este caso as opiniões, sendo uns de parecer que fosse no monte da Facha, outros no ponto, ou muito perto, em que está a villa actual, o que pouco provavel nos parece por não edificarem geralmente os romanos as povoações em sitios baixos, apezar de em Pinho Leal encontrarmos citada uma inscripção que marca d'este sitio 19 milhas a Braga, isto é, a distancia actual. O dr. Emilio Hubner escreve a este respeito no livro por vezes citado: «Não está ainda fixamente assentado o logar a que corresponde a estação Limia. O itinerario diz que ella fica a 19 milhas de Braga, e as columnas milliares descobertas nas visinhanças de Ponte de Lima teem os numeros de 18 e 20. Isto não significa provavelmente mais do que a existencia de uma estação junto ao rio do mesmo nome, cuja belleza forneceu na antiguidade assumpto para tantas fabulas, pois que a *civitas limicorum* jazia em sitio muito differente. Além d'isto, no moderno logar de Ponte de Lima não só nunca se encontraram outras inscripções ou vestigios de uma antiga cidade, mas tambem a situação do mesmo logar não é ajustada para tal fim.»

Ahi ficam opiniões auctorisadas, entre as quaes o leitor decidirá, optando pela que lhe pareça mais justa. De uma fórma ou de outra, fosse qual fosse o sitio, não póde negar-se que foi no concelho a povoação de Limia, nome que os romanos substituiram pelo de *Forum Limicorum,* o que prova a sua importancia e engrandecimento n'este periodo, pois como bem diz o sr. Vilhena Barbosa «designando o vocabulo *Forum* não sómente praça em que se celebravam assembléas ou ajuntamento de povo, mas tambem o logar em que faziam feiras e mercados publicos, devemos suppôr com bom fundamento que n'este ultimo sentido lhe deram os romanos aquelle nome, commemorando n'elle o grande movimento commercial d'esta terra.»

A invasão dos barbaros, alastrando-se como onda implacavel de destruição sobre a peninsula, arrasou a tal ponto o *Forum Limicorum*, que ainda hoje, como vimos, as duvidas subsistem sobre qual foi a sua situação. Depois, ainda no tempo dos reis godos, sobre essas ruinas ou proximo talvez, ergueu-se nova povoação, mesquinha e pobre, que ainda os arabes flagellaram por sua vez. É só em 1125, quando esta parte do condado de Portugal está já livre das algaras dos mouros, que D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques a repovoam e lhe dão foral, com grandes privilegios, apparecendo ahi pela vez primeira o nome de *Villa de Ponte*, foral que D. Affonso II confirmou e accrescentou com mais algumas regalias. Apezar, porém, de tanto favor regio a decadencia feriu lentamente a formosa villa, e a tal estado de miseria chegou, que no meiado do seculo XIV estava reduzida a um pequeno numero de choças de palha. Resolveu D. Pedro I restaural-a, o que em 1359 fez, e na sua epocha surge de novo a povoação cercada por um cinto de muralhas e torres ameiadas, uma das quaes, a chamada da Expectação, se vê ainda na nossa gravura, e é tambem a unica existente d'essa construcção.

A *torre da cadeia*, que o sr. Vilhena Barbosa considera da fortificação de D. Pedro I, não o é, segundo a fundamentada opinião do sr. Reis de Lemos, que diz «ter sido mandada fazer por D. Manuel em 1510 para casa de correição, estando concluida em 1511. Prova-o o brazão com a esphera armillar que se vê no panno que olha para a capella da Penha, e o Pergaminho n.º 61 do *Archivo Municipal*. A muralha foi apenas rasgada, abrindo-se n'essa occasião tambem a Porta *nova* com o fim de dar facil accesso á Rua *nova*, que antes fôra *bairro da Judiaria*.» Flanqueavam a muralha seis portas, e tinham os nomes de Ponte, S. João, Braga, Paço dos Viscondes, Souto e Postigo.

Apezar d'este impulso energico dado á villa por D. Pedro I, a sua prosperidade foi pouco duradoira e D. Manuel teve de reanimal-a, accrescentando ao antigo foral novos privilegios, entre os quaes o da isenção de portagens aos seus habitantes em todos os pontos do paiz. Temos visto tambem, que não descurou a parte material, mandando construir a cadeia e reparar a ponte.

Veiu a dominação dos Filippes, e Ponte de Lima sentiu, como o paiz inteiro, o infortunio pezar sobre a sua existencia, sendo necessario que o ouro do Brazil viesse no seculo XVIII fazel-o resurgir d'esse abatimento, fomentando-lhe o commercio com Vianna e outras terras do paiz. O principio do nosso seculo e as commoções que elle comsigo trouxe, foram para esta villa, como para todo o reino, motivo de desastres e definhamento; mas hoje que o sol da liberdade vae pouco a pouco illuminando,

sem intermittencias de sombra, a vida do paiz, Ponte de Lima, dotada como é de recursos naturaes feracissimos, vae progredindo notavelmente, lamentando apenas, que a viação accelerada não communique mais rapidamente a sua zona fertilissima com os outros pontos.

Em outra terra que não fosse a nossa, o Lima, o seu rio, que é formosissimo como paysagem, mas um estorvo como via de communicação, ter-se-hia já transformado em um canal navegavel por pequenos, mas rapidos vapores, que trariam incontestavelmente a animação do commercio a toda esta região populosa e rica, que assim olha esse rio, Ponte de Lima especialmente, com um terror bem facil de imaginar, quando as grandes cheias do inverno vem cingir os restos da antiga muralha de D. Pedro, e invadem, como ainda em 1880 aconteceu, as avenidas e ruas da povoação, penetrando nas lojas e habitações, e chegando mesmo,—ó irreligiosidade das grandes cheias!—a transpôr os porticos da Misericordia e da Matriz, alastrando-se no pavimento, como a torva lamina de um espelho, onde se vem reflectir o oiro dos altares e a physionomia contricta dos santos martyres. Pelos signaes marcados na Torre da Expectação, póde avaliar-se o que será então este rio, agora sorrindo deliciosamente, depois rugindo furioso no grosso alastrar da inundação. Na sua magestade de collosso apenas a velha ponte rirá d'esse indomito rugido, conservando-se tranquilla e inabalavel perante a arremettida selvagem da corrente contra os seus alicerces seculares; o mesmo que faz agora, vendo deslisar a lympha crystallina por entre as areias de oiro que franjam as suas arcarias em ogiva.

E cá estamos outra vez na ponte, sem que déssemos por esta seducção! Ah! mas é que isto é realmente um encanto e não ha fugir da sua zona de attracção. Diabo! Se quizessemos fazer definições que nada definem, mas exprimem muitas vezes uma idéa justa, diriamos:

—Ponte de Lima é... é a ponte do seu Lima!...

N'esta contemplação deixavamos enlevar os olhos, quando na margem direita ouvimos gritos afflictivos de soccorro. O povo corria já em affluencia para o rio, e tão depressa como elle, eu e os meus companheiros tomámos o caminho d'essa margem, passando n'essa occasião por sob um arco da velha ponte romana, que dá para o Arrabalde.

—Mas que foi?

—Afogada! afogada!... respondeu-nos a voz de um anonymo.

Alguns segundos depois viamos já sobre a areia o corpo de uma pobre lavadeira, que, por um desequilibrio talvez ou por uma syncope instantanea, acabava de ser sacrificada pelo Lima.

—Está morta—ouvimos exclamar.

Reflectimos que a morte não se poderia ainda ter dado, e curvando-nos sobre o supposto cadaver, breve reconhecemos que a vida, embora debil, não fugira ainda d'aquelle organismo. Prestámos-lhe então os primeiros soccorros, collocando-a em posição conveniente, e emquanto duas mulheres a friccionavam com aguardente, praticámos-lhe nós a respiração artificial. Pouco a pouco a asphyxia cedeu, e meia hora depois d'aquelle resurgir vagaroso, a pobre lavadeira estava em condições de poder ser reconduzida para onde mais propriamente continuassem o tratamento.

—E era este Lima tão cheio de seducções, que produzia aquelles resultados—pensámos—ahi teem o que é a vida! A morte occulta sempre em um sorriso. Verdade seja tambem, que as suas aguas, colhidas á meia noite, resgatam essa perfidia pela virtude miraculosa que teem contra o *enguiço!*

Não sabe o leitor o que é o *enguiço?* É um prejuizo da medicina popular, como ha immensos na provincia e em toda a parte do mundo. Este consiste no seguinte: Quando uma mulher está de esperanças e receia que, a exemplo de outras occasiões, o filho, ainda um mysterio da embryogenia, não chegue ao termo desejado, vae de noite para cima da ponte, e ao dar a meia noite desce com uma corda um pucaro ao rio e colhe a agua corrente; com esta baptisa a desejada creança, chamando para padrinho o primeiro individuo que por acaso passa. Ahi tem o leitor o que é o remedio para quebrar o *enguiço.*

Mas estamos com vontade de jantar, e visto que o leitor é um descerimonioso companheiro, entre comnosco na *Hospedaria do Passeio.* O filho da Bernardina, o sr. José Lima, se me não falha a memoria, esperava-nos já com a succulenta canja de gallinha, e com uma bonhomia como difficil é encontrar analoga em hospedeiros da provincia.

—São mal servidos—confessava ingenuamente—mas a culpa tambem é dos senhores; chegassem mais cedo!...

E ao *dessert,* quando reclamámos fructa, doce, uma compota qualquer que elle decerto havia de ter preparado, trouxe-nos timidamente um pequeno prato com chila, e, amoravel, com uma bella sinceridade:

—Não trouxe mais, porque provavelmente não gostam, e escusam então de o... pagar!

—De o... pagar!

E nós que julgavamos que elle ia a dizer:

—De o comer!...

A declaração abalou todos os nossos juizos sobre a honradez dos hospedeiros! Originalissimo! Como tu vieste desmentir, ó biblica ingenuidade de Bernardino II, a fama que pesa sobre os teus collegas de todo o mun-

do, de quem se diz, como axioma, que não roubam, mas esfolam! Em frente d'este herdeiro da Bernardina, viajantes, não ha remedio senão dizer contricto: *Pœnitet, pœnitet,* pela má opinião que ha formada contra todos os da sua classe.

*

* *

A tarde cahia lenta, que bella tarde de verão, quando nós sahiamos da villa para visitar as suas freguezias suburbanas. O carro passou aos solavancos pela rua de S. João, por onde vae ser ligada com a ponte a estrada da Barca, na qual vamos entrar, rodou em frente do palacete do visconde da Aurora e da casa da familia Perestrello, e breve se internou por uma formosa alameda de accacias, a que succedeu nas orlas da estrada a vinha de enforcado com os seus festões de cachos meio maduros.

Cruzeiro do Convento de Refoyos — Desenho do natural por João de Almeida

Pertence já a *S. JOÃO DA RIBEIRA* o logar de Crasto que atravessamos e onde vêmos a capella do Senhor da Cruz da Pedra. O nome de Crasto indica origem romana, e se não podemos investigar das antiguidades a que dá causa esse nome, sabemos que S. João da Ribeira, fazendo parte do antigo couto de Paradella, foi pelo rei Bermudo, de Leão, doado no anno de 985 com os coutos de Mazarefes, Crasto, Freiriz e Gemieira a um tal D. Tello e sua mulher, que por terem filhos os doaram, juntamente com o padroado d'esta egreja e da de Mazarefes, ao mosteiro de S. Paio de Antealtares, em Compostella de Galliza. Em 1574, porém, o nosso rei D. Fernando tirou essa doação ao D. Abbade por este haver

abraçado a causa de Henrique II de Castella, e emprazou todos estes dominios a Martim Mendes de Barredo, casado com D. Maria, filha do Senhor da Feira, Ruy Pereira. Viuva esta senhora, e sem successão, vendeu os coutos a Diogo Pereira para ir fundar em Aveiro o convento de Jesus. Em terreno da freguezia existiu um mosteiro muito antigo de frades bentos, que mais tarde passou a ser abbadia secular do couto de Paradella, pertencente á casa dos Azevedos; ficava no sitio de Fonte-coberta, onde

A «vacca das cordas» — Composição e desenho de João de Almeida

hoje é a capella da Senhora da Abbadia, ruidosamente festejada com romaria no dia 15 de agosto. É facil chegar a essa capella depois de dobrado aquelle picoto que ali nos fica á direita, e sobre cujo cimo alveja a ermida de Santa Catharina, que pelos *zig-zags* da estrada antes parece agora em nossa frente. Em novembro faz-se-lhe um pequeno arraial. A tradição diz ter n'este monte existido uma fortificação romana, da qual hoje não ha vestigios; só o nome do proximo logar de Crasto parece justificar esta asserção.

A matriz de S. João da Ribeira fica em baixo, sobre o lado da estrada, e do alto do seu velho campanario deve gosar-se uma deliciosa paysagem, porque é todo um valle de verdura o que se lhe estende aos

pés, cortado pelas sinuosidades do Lima, a seu turno aformoseado pelos areaes que lhe demoram a corrente.

É caminhando para *ARCA,* pouco distante já, que d'este lado avistamos, em uma pequena eminencia da outra margem, o mosteiro de Refoyos, nitido nas suas linhas severas, melancholicamente illuminado pelos raios do sol poente. Atravessamos o logar de S. Bento e a curta distancia nos apparece a modesta matriz de *S. THIAGO DA GEMIEIRA,* em um pequeno outeiro situado á direita. Depois, esta vegetação encantadora do Minho acompanha-nos sempre e o Lima surge n'uma ou n'outra volta da sua corrente, como um lago adormecido, onde se vão banhar as fadas. Docemente embalados pelo movimento da carruagem, nem quasi percebemos que sobre a encosta se levanta o campanario de *GONDUFE,* o *couto,* como ainda lhe chama a linguagem do povo, porque o foi realmente da casa de Bragança, depois de o ter sido já dos fidalgos de Sequeiros, que no logar ou aldeia d'este nome tiveram o seu solar. Dizem que se tem encontrado n'estas faldas da serra da Armada vestigios de um antigo castello, no ponto, ou proximo d'ahi, onde está a capella de S. Lourenço; seria porventura ahi a primitiva Gondufe, ou o solar d'algum senhor godo, *Gondulfe,* que tivesse dado origem á povoação? Não nos resolvemos aclarar esse mysterio, assim como não pensariamos talvez em fallar ao leitor de um outro segredo de Gondufe, se as cinzas de Padre Carvalho não estremecessem perante a ingratidão d'aquelles que o lêem. Diz o padre que ha n'esta freguezia um ribeiro, confluindo com outro que vem do de Beiral, formando os dois um regato, onde não vive peixe algum, porque, ainda que ahi o lancem vivo, morre immediatamente!... A causa mysteriosa por que morrem os peixes, não a diz o padre, nem eu tento devassal-a ao timido arroyo; não sou homem para resolver estes segredos do Cubango, perdão, do ribeiro de Gondufe.

Aqui vamos já atravessando o terreno de *S. MARTINHO DE GANDRA,* cuja egreja parochial nos fica sobre a esquerda, vigilantemente guardada por um cypreste merencorio. O adro estende-se na sua frente e lados, e é ao centro adornado por um modesto cruzeiro.

BEIRAL apparece-nos depois sobre a collina, cortada pelos seus ribeiros de Rio-covo e Revêssa, a que deve a sua fertilidade. A estrada principia a descer junto da quinta do sr. Antonio Alberto da Rocha Pires e em *zig-zag* extenso vae colleando a encosta. Cortamos o valle. Veja o leitor as bellezas do quadro descriptas por D. Antonio da Costa: «Fica-nos á esquerda uma campina extensissima, onde está ceifando um enxame de raparigas de nove a quatorze annos. Seguimos, entre a orla da montanha do lado direito, o grande valle á esquerda, que vamos rodeando; em baixo o

rio, na outra margem o terreno accidentado até ás extremas, em que se levantam as serras; o sol deixando em sombras o nosso lado esquerdo, allumia frouxamente os montes do lado direito bordados de baixo a cima de arvores fructiferas e como esses montes são eriçados e soltos uns dos outros, imprime-lhes uma luz roxa, que dos lados os sombreia, produzindo um effeito admiravel. Do campo todo ouve-se levantar em sentidos córos o cantico das *Ave Marias,* desprendido pelos ranchos das camponezas que largam o trabalho; e o cantico perdendo-se nos ares parece levar-nos o espirito apoz elle. É o expirar de uma das tardes mais deliciosas, em que o doce Minho nos embriaga de suavidade.»

A estrada sobe depois, lenta e suavemente, até proximo de *SANTA CRUZ DO LIMA,* a ultima do concelho, n'esta direcção, confinando já com Bravães do termo da Barca.

—Acreditas em ironias do acaso, meu amigo? Sejas ou não um espirito forte, o que te sei dizer, é que exactamente quando o meu espirito meditava em como havia de fazer a *via-sacra* de novas excursões para o sul do concelho, resolvido já a procurar um pretexto para me livrar a uma valente massada pelas estradas que serpeiam nas serras do Oural e da Nora, que diante de mim surge, como aliás perante todos os que ahi passam, uma *via-sacra* verdadeira, com as suas cruzes marcando o caminho para a egreja que assenta no alto de um picoto. É vulgar o facto na provincia, bem o sei, mas eu não esperava, francamente, esta ironia do acaso, quando se me affigurava dever ser quasi inutil a minha excursão, visto que uma aldeia é sempre egual a outra aldeia, e as que me restavam para vêr, não tinham poderosos attractivos para convidar a uma visita demorada. E entretanto a *via-sacra* de Santa Cruz parecia invocar diante de mim a lição severa do dever, a aspiração de ideal que todo o homem deve sentir quando tem de cumprir um fim, como o teve o doce Nazareno na via dolorosa, por que transitou flagellado.

—Pois seja—resolvi decidido—consummemos tambem este pequeno sacrificio; dêmo-nos em holocausto ás molas da carruagem, ao chouriço com ovos das tascas immundas das estradas, ao vinho verde que o Christo não provou, ao sol ardente. aos caminhos invios das aldeias. E foi assim que a nossa carruagem rodou de novo pelo caminho andado e rapida chegou á villa, onde apenas fez a muda de cavallos para proseguir na excursão immediata.

*

* *

Parte de Ponte de Lima uma estrada para Braga e outra para Barcellos; ao sul do concelho, repare o leitor no Mappa do Districto, [1] vae em breve unil-as a estrada districtal n.º 4, correndo sensivelmente parallela ao Neiva. É esse o traçado da nossa viagem.

Aqui estamos já no caminho de Braga e no terreno da freguezia de *FEITOSA,* a que pertence a capella de Santa Maria Magdalena, que entre pinhaes encontramos. Chamou-se antigamente *Domisi*, e primeiramente, talvez no tempo dos normandos, *Vedendri*, segundo consta da doação que ao cabido de Braga fez da sua villa de *Domisi*, Sizenando Ramires e sua mulher Justesenda. Ha ainda aqui uma veiga chamada Dornes, que Pinho Leal julga ser corrupção de *Domisi;* foi couto quando tinha este nome, trocado ha bastantes seculos pelo actual.

Vegetação luxuriante nos rodeia; os pinhaes succedem-se aos soutos de carvalhos, estes aos campos engrinaldados de vinha. A estrada sobe; e ao descer, um valle pittoresco surge de ambos os lados, deixando-nos agradavelmente impressionados. Passamos em frente da capellinha de Santo Amaro, festejada em janeiro. *FORNELLOS*, a freguezia aonde está o paço de Anguião, que foi de D. Rodrigo de Mello e Lima, quinto filho de D. Leonel, 1.º visconde de Cerveira, é aquella cujo territorio atravessamos agora, contemplando umas vezes os seus ferteis campos, fechando-nos a estrada outras vezes o horisonte, mercê das barreiras que os senhores engenheiros levantaram para lhe dar mais facil declive.

Sobre a esquerda, nas vertentes do monte do Oural, vêem-se dispersos os casaes de *SERDEDELLO,* terra onde no seculo XI ou XII esteve estabelecido um convento de freiras benedictinas, que o arcebispo D. Fernando da Guerra em 1625 converteu em abbadia secular, unindo-lhe S. João da Ribeira para a tornar mais pingue.

Quando sobre a direita nos surgia na encosta de uma das faldas do monte da Nó, a freguezia de *SOUTO DE REBORDÕES*, vendo-se alvejar por entre a frondosa vegetação da collina a casa do fidalgo das Fontes, um incidente vulgar e frequente nos interrompeu o fio descriptivo e ainda bem que assim foi, para te não fatigar agora com a enumeração fastidiosa dos logarejos que percorremos.

Um *rancho* de romeiros approxima-se de nós. É já distincta a sonoridade repenicada da viola que o tocador dedilha e evolam-se pelo ar as cantigas soltas das raparigas que o acompanham. N'essa dolente musica

[1] O mappa a que nos referimos, e que opulenta o nosso trabalho, é gravado sobre a planta mais exacta da carta do districto, levantada em 1808 pelo marechal Trent e modificada, ou antes, renovada em 1883 pelo distincto tenente coronel de engenheiros Thomaz da Costa, um dos mais illustres nomes da engenharia portugueza.

popular, a alma poetica do grande artista anonymo perpassa em uma vibração sentida e commovente; enternecemo-nos, sem o querer, e comprehendemos por essas trovas singelas e no meio d'esta paysagem casta, melhor, do que em todos os livros dos sabios, o lyrismo da poesia popular, as theorias da Arte, com que nos fizeram dormitar na escola.

Vão para a Agonia de Vianna esses romeiros alegres; trazem já algumas leguas de caminhada, mas sentem-se frescos e ageis para continuar até á villa, onde tomam os barcos que os tem de conduzir á cidade, mas que ordinariamente os largam a meio do percurso fluvial, sob o pretexto de que não podem fluctuar nas aguas baixas do rio, carregados como vão de passageiros numerosos. E a pé seguem pela margem, sem pedirem indemnisação aos barqueiros, alegres do incidente e anciosos pela grande romaria que os espera. Vê-os a gente caminhar descuidosos e satisfeitos, as mulheres carregando os cestos merendeiros e as trouxitas da *roupa de vêr a Deus,* os rapazes saltando como arlequins, os homens apoiados nos varapaus de marmelleiro, a jaqueta ao hombro como peça de vestuario inutil para quem tem o sangue oxygenado pelo ar puro e os musculos fortes, como boas machinas de calor animal. E sob a cadencia das melodias singelas, que felizmente a *escola do futuro* ainda não conseguiu estragar, lá se escondem n'essa volta de estrada, sem pensarem sequer, que tu ao vêl-os invejaste aquella serenidade santa da ignorancia e da crença, desde que olhando para dentro de ti sentiste a tua alma convulsa nas luctas violentas do teu seculo!

A actual parochia de S. Salvador do Souto de Rebordões constituia com a sua visinha *SANTA MARIA DE REBORDÕES,* que da estrada não podemos vêr, o extincto concelho de Rebordões, de bastante importancia no principio da monarchia, pois nada menos de sete foraes lhe foram concedidos, sendo o primeiro por D. Affonso Henriques. Rebordões foi da corôa até ao tempo de D. Diniz, dando-a este monarcha a seu filho bastardo Affonso Sanches, que depois a vendeu a Gil Affonso de Magalhães, senhor da casa de Magalhães, Nobrega, Marilhões e Fonte Arcada, o qual tomou o titulo de donatario do concelho, que os seus descendentes usaram até á extincção dos senhores donatarios.

Sobre o ribeiro Torbella atravessamos a ponte nova, que tem por certo menos que vêr que a poetica paysagem da ponte velha, onde nos desejariamos demorar, se a freguezia de *QUEIJADA*, lá em baixo no valle, um caramello de neve a solver-se entre a verdura, nos não chamasse tão de prompto a attenção. Lembravam-nos a seu respeito as curtas linhas com que a descreve D. Antonio da Costa ao vir de Braga para Ponte. «—Uma das maiores surprezas da digressão!—diz o escriptor

impressionista. — Rompe-se o arvoredo da esquerda quando menos se espera e a estrada mostra-nos, como de uma varanda sobranceira, a aldeia de Queijada, vista pela parte superior, e tanto a egreja como as casas parecendo nadar por entre as ramagens do arvoredo que fica lá em baixo. Que formosura!»

Foi a freguezia couto da Ordem de Malta, sujeito ao commendador de Chavão na ordem civil. Estava então reunida com a *BOALHOSA*, parochia situada na vertente opposta da montanha, que se levanta sobre a nossa esquerda. É uma freguezia pobre, pedindo os seus habitantes á serra os recursos da sua parca subsistencia. Carvoeiros pela maior parte, vão por uma insignificancia vender a Ponte de Lima ou a Braga o carvão da urze que fazem nas queimadas, levando tambem ás vezes ás duas povoações alguma caça que apanham nos seus montados.

A estrada corre em continuados declives. A arborisação é variada como se todo o valle fôra um jardim. Passamos o logar de Albergaria pertencente a *SANTA MARINHA DE ANNAES*, cuja egreja vemos cravada na encosta da nossa esquerda, entre a sombria côr d'um olival. A antiga matriz diz-se ter sido proxima do monte chamado do castello, onde se notam ainda vestigios de fortificação. O nome de monte de Francos dado a um outeiro d'aqui, parece indicar tambem uma origem remota.

*

* *

Estamos no extremo do concelho. As aguas do Neiva apparecem já na sua corrente timida de arroyo; a ponte dos Corvos marca o limite com as terras de Villa-verde. Não está ainda construida a estrada districtal de que fallamos, e d'esta vez, leitor amigo, apezar da nossa resolução anterior, apezar da ironia e do exemplo que nos foi a *via-sacra* de Santa Cruz, tivemos de renunciar a uma caminhada longa e esteril atravez das montanhas e valles, que nos iriam levar á estrada que chega de Barcellos. A Lua tambem — como a proposito veio — erguia-se n'esse momento de sobre as serranias do Soajo, cheia das vagas palpitações da sua luz doce e casta, tremula como a amante que desce á primeira entrevista concedida. Ao vêl-a assim tão formosa, senti deveras remorsos de me haver promettido em holocausto ao sol e simplesmente para não desagradar á formosa visão que tão a proposito surgia no meu caminho, prometti-lhe, — ah que fraqueza, leitor! — que ella e só ella seria a alampada capaz de illuminar-me a inspiração nas ultimas notas que houvesse de apresentar-te sobre o concelho de Ponte.

E foi assim que tecidas as recordações de leitura com as de uma viagem pela estrada de Barcellos, em outra occasião effectuada, nasceram, sob os auspicios meigos do luar, as paginas que ainda te restam para lêr.

Nas faldas do monte de S. Verissimo, *CALVELLO* é a primeira parochia que vamos encontrar sobre a ribeira do Neiva. É antiga a sua matriz e foi mosteiro de frades benedictinos, supprimido no seculo xv, ao qual pertenceu como abbade Gonçalo Dias de Barros, ascendente do nosso glorioso historiador João de Barros. No logar de Merece existe o solar dos Regos e no de Cadem era o dos antigos senhores do extincto concelho de Penella. Sobre o monte de S. Verissimo existe a capella d'este santo e de suas irmãs Maxima e Julia, capella que a rainha D. Mafalda beneficiou já no seu tempo, dando varias rendas e casaes para sustentação do seu culto.

GAIFAR segue immediatamente a Calvellos, assim como *S. LOURENÇO DO MATTO* á precedente, situadas ambas a um kilometro approximadamente da margem direita do rio.

Não vale a pena transpor a correntesinha do Neiva para que o leitor aviste *VILLAR DAS ALMAS,* quando d'este lado ha que subir um pouco para *FRIASTELLAS,* se o leitor tiver sobretudo o habito de se deliciar com a caça, porque a encontra e abundante nos seus montados.

Adiante já entramos no leito da estrada districtal e é por isso facil visitar a fertil *SANDIÃES* á margem rio, sem que nos esqueçamos de *S. JULIÃO DE FREIXO,* que atravessamos, e onde o *touriste* deve repousar um pouco a fim de visitar o castello do *Curutello,* solar de uns antigos fidalgos d'este nome e subir depois até á capella de *S. Christovão dos Milagres,* onde o povo das circumvisinhanças se dá o *rendez-vous* de uma romaria concorrida. Apezar de desabrigado o sitio, é delicioso o panorama que se disfructa d'ahi, avistando-se terras de uns poucos de concelhos, todos povoados da surprehendente vegetação que tanto anima a paysagem do Minho.

NAVIÓ, na freguezia immediata, nada tem que chame a attenção de quem viaja, assim como a sua visinha *POIARES;* quasi o mesmo se póde dizer a respeito de *ARDEGÃO,* encravada em um angulo de terreno, o ultimo da zona sul do concelho, onde vem cruzar a estrada que de Barcellos segue para Ponte, á qual chegamos bem depressa, como o leitor vê, graças a este caminhar silencioso e ligeiro que só a lua é capaz de favorecer.

Já em terreno de *VICTORINO DOS PEÃES,* costeando o monte da Nó ou da Nora — denominado *Annor* e *Nahor* pelos romanos, *Nor* simplesmente pelos lusitanos, — não esqueçamos que esta freguezia é uma das

mais importantes d'esta zona, merecendo por isso ser a séde de um julgado e de um Juizo de paz. Aqui vem os povos das freguezias limitrophes dizer de sua justiça, ventilar as suas questões de partilhas, decidir sobre as horas de agua pertencentes aos seus campos, ladinamente sophismadas por um visinho. O juiz é ordinariamente um lavrador rico, a quem o escrivão chama no seu fòro intimo um grande bruto, mas que *as partes* respeitam, como um oraculo eloquente, que é capaz de as conciliar a socco, quando não as chame suavemente *á paz*.

Visinha de Victorino está a freguezia de *CABAÇOS* para o lado de nascente. Outr'ora teve ella esse predominio de justiça que hoje tem a sua visinha; havia ahi o juiz ordinario e o dos orphãos, o almotacé, o vereador, o meirinho.

— Ha quanto tempo isso vae — dizem saudosamente os velhos! — grande terra foi esta nossa!

— Ahi pelos francezes — recordam — (1813) acharam-se na *Bouça longa* umas sepulturas que denotavam muita antiguidade; eram — diziam nossos avós — de um mosteiro de frades longos... que lá existiu no tempo dos mouros... mas hoje nada resta d'isso.

A matriz é edificação do seculo passado, foi construida em 1725, a uns duzentos metros distante da antiga, de que não ha vestigios hoje. Essa é que talvez fosse do mosteiro dos frades.

No tempo da sua prosperidade estava annexa a Cabaços a freguezia de *FOJO LOBAL*, nome que indica por sem duvida a frequencia com que ahi era caçado o terrivel habitante das montanhas do Minho. Era, e ainda é, embora tenha variado o systema usado na sua caça, pois já não é ao *fojo* que os monteiros recorrem actualmente para se apoderarem do valente carnivoro; o *fojo*, sabe o leitor, consistia em uma galeria extensa, de dois mil e mais metros ás vezes, ao fim da qual se abria uma funda cova encoberta por hervas e ramos; o lobo, obrigado pelos caçadores, introduzia-se n'essa galeria e cahia por ultimo na cova, onde á pedrada ou a pau, os caçadores — valentes adversarios! — matavam o animal sem defeza.

Corre actualmente a montaria de outra fórma. Quando os estragos feitos nos rebanhos são sensiveis, ou que uma alcateia acossada pela fome chega a descer ao povoado, combina-se com o regedor a montaria e este vae dar parte ao administrador do concelho, para que previna os regedores das outras aldeias, a fim de que de cada casa vá pelo menos um homem armado de espingarda para se effectuar a montaria no dia aprazado. O cêrco é então formado, pelas freguezias visinhas, ao covil ou matta em que se suppõe estar a alcateia; coroam-se de caçadores os pincaros das serras e a algazarra, os tiros dados a esmo, os gritos, o latido dos cães

atordoam de tal fórma o animal ou animaes bravios, que estes fogem perdidamente pelas estevas fóra, felizes se teem a fortuna de encontrar pela frente um caçador timorato, a quem se arrepiam os cabellos ao sentir avisinhar-se a fera, fanfarrões depois que a vêem correr ao longe, gritando então: Eh, lobo! e disparando a espingarda com zagalotes, que pimponamente asseveram ter-lhe mettido nos quartos. De tantos tiros, porém, um quasi sempre, de caçador menos bisonho, acerta no desejado alvo, e um alarido corre então a linha do cêrco, o qual se fecha breve para contemplar a fera morta, quantas vezes uma pobre mãe que defende alanceada a sua pequenina prole, que os valentões algemam para mostrar no povoado como gloriosos tropheus.

...o terrivel habitante das montanhas do Minho... (pag. 280)

O vinho não falta ordinariamente n'estas arriscadas montarias, e valentes ha, que se não chegam a despejar a espingarda, não se esquecem comtudo de levar o arrojo até despejar bem a borracha, protegidos pelo abrigo d'algum penedo, onde não chega por certo a temeridade do lobo. E quasi sempre são esses, os que mais proezas contam da caçada!

Vamos passando a Portella da *FACHA*, e approximando-nos por isso da villa de Ponte. Tem fóros de larga antiguidade a freguezia, sendo alguns escriptores de opinião, Argote no numero, de que foi aqui no alto da Nora o *Forum Limicorum* dos romanos. Fosse ou não, é certo que por aqui se encontram vestigios de povoação que muito conveniente seria explorar. O nome de Facha, a acreditar a versão corrente, vem-lhe do rico homem D. Soeiro Mendes Facha, que no logar do Paço teve o seu solar. A Facha foi antigamente concelho doado por D. Fernando a Fernão Caminha, em paga do auxilio, que este lhe prestou nas guerras de independencia contra Castella.

Em tempos remotos houve na freguezia um mosteiro de Benedictinos, que no fim do seculo v passou a reitoria secular e commenda da ordem de Christo. Dos seus edificios modernos destaca sómente a egreja matriz,

feita em 1868 e mais do que esta o palacete do sr. Mello Barreto, floreteado de lavores na sua fachada nobre.

Desce de Facha a estrada para Seara, que já descrevemos, e em breve estamos sobre as fertilissimas veigas da *CORRELHÃ*, antigamente *Cornelhãn*, corrupção talvez de *Corneliana*, cidade que a tradição refere ter sido aqui fundada por um pretor romano, de nome Cornelio. O que é positivo, é tel-a resgatado do poder dos mouros o rei de Oviedo, Ordonho II, no anno de 914, e tel-a doado aos bispos de S. Thiago de Compostella; e em 1064 dal-a de novo D. Fernando de Leão ao bispo Cresconio de Iria, sendo então a povoação uma villa: «*ad nostram villam, quam . . . cornelianam . . . Limia . . .*» diz a doação. Passou depois metade, pelo menos, da villa para a mitra de Braga, pois durante as luctas do governo de D. Thereza, que tanto vieram a influir na nossa independencia politica, vèem-se o bispo de Braga D. Paio, e o compostellano Gelmires, disputando, entre outros bens, metade da villa de Cornelhan. Em 1324 confirmou-lhe D. Diniz os privilegios que tinha e em 1426 o conde de Barcellos D. Affonso comprou-a ao bispo gallego por duas *mil coroas de ouro do cunho de França*. D'aqui veio a pertencer a Correlhã á Casa de Bragança, cujo couto foi, tendo por signal de pagar-lhe o pezadissimo tributo do *quinto* em troca dos privilegios que fruiam, como reguengueiros, os seus habitantes.

A egreja matriz revela muita antiguidade; basta attentar nas esculpturas que ornamentam a cimalha exterior, representando cabeças de animaes. Tem ao lado uma capella, que parece ainda mais antiga, e tem a invocação de Santo Eudon ou Abdon, um romeiro italiano que a lenda diz ter vindo de S. Thiago de Compostella e por estes sitios ficar fazendo vida eremitica.

A casa chamada do Paço foi dos primeiros senhores do couto. A Correlhã tinha foral velho dado pelo bispo de S. Thiago em 1120, confirmado no mesmo anno por D. Thereza. Dizem que tem apparecido por

aqui vestigios da dominação romana e Pinho Leal descreve tambem uma moeda de ouro, da qual damos a gravura, achada n'estas veigas em 1865 e hoje pertencente ao Ex.^mo^ Sr. Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz, actual administrador do concelho, ao qual devemos graciosamente o seu emprestimo, para que podesse ser gravada. Tem a legenda: *Toletus pius*, *Reccaredus Rex*, e é commemorativa do 2.º concilio de Toledo. Foi já descripta pelo ex.^mo^ sr. Reis de Lemos.

Á Correlhã pertence a capella da Boa Morte, que o leitor vê proximo

ao entrar em Ponte de Lima, assombreada pelo denso pinheiral, que lhe fica sobranceiro. É um passeio favorito dos Limarenses e merece-o deveras ser, porque é encantadora a larga paysagem que d'esse ponto se goza, sendo tão extenso o horisonte, que se avista d'um lado a serra do Soajo, e do outro a barra de Vianna, correndo o Lima no meio, como para mais enfeitiçar esse quadro. Afóra porém a paysagem, um outro motivo ha, que leva Ponte de Lima a visitar a graciosa ermida.

—A piedade talvez?

—A romaria, antes, quem sabe!

É no ultimo domingo de Julho que o povo ahi concorre em extraordinaria affluencia. E como deve ser encantadora essa grande festa ao ar livre, ou quando o sol passe como um globo de oiro em fusão pela meridiana do local, deixando cahir a sua luz sobre as searas que se estendem como tapetes de lhama pela ribeira, ou quando a lua surja das alturas do Soajo, banhando na sua claridade meiga toda a romaria estendida por esta margem do Lima! Para a gente do povo tem ainda um attractivo mais a Boa Morte; é, n'esse dia, a alta honraria da conducção do andor! Nem as mulheres se dispensam de fazer este serviço, e na procissão alternam por isso com os homens, n'esta nobre missão de carregadoras do... divino.

Estamos na villa, e é tempo, leitor, de fechar tambem o capitulo que lhe diz respeito.

*
* *

Uma synthese analoga á que para os outros concelhos temos praticado, dá-nos para o de Ponte de Lima os seguintes resultados geraes.

É exigua a sua vida de imprensa, pois apenas temos conhecimento da existencia do *Lethes*, extincto já, e do *Echo do Lima*, que na villa se publica. As suas escolas primarias são em numero de 17, uma apenas do sexo feminino em Ponte, onde ha uma tambem do sexo masculino e uma cadeira de Latim, e as outras nas freguezias de Arcozello, Cabração, Cabaços, Calheiros, Correlhã, Estorãos, Facha, Freixo, Fornellos, Gandra, Matto, Queijada, Ribeira, Rebordões e Victorino dos Peães. Sabendo-se que são 51 as freguezias do concelho, esse numero representa apenas a terça parte! Como estamos atrazados!...

A sua estatistica criminal fornece-nos os seguintes algarismos. O numero dos crimes foi no anno de 1880 de 36, sendo 4 contra a ordem, 21 contra pessoas e 11 contra a propriedade. Os reos julgados foram 47, sendo 30 absolvidos e 17 condemnados, 3 a penas maiores e 14 a penas

correccionaes. D'esses 47 eram 36 homens e 11 mulheres, e sabiam lêr apenas 6, sendo analphabetos 41! Eram 38 da comarca e 9 de fóra, um dos quaes estrangeiro.

A vida industrial ou fabril póde dizer-se nulla. O mesmo não acontece com a agricultura, que constitue a principal riqueza do concelho, e que tem umas certas tendencias a prosperar, principalmente no ramo vinicola. Os seus gados são computados no valor de 136:040$790 réis, sendo esta cifra a mais elevada que attingiu no districto o recenseamento a que nos temos referido. As especies são distribuidas pela fórma seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	180	2:709$500
Muar	53	716$500
Asinino	28	91$400
Bovino	5:678	128:135$700
Lanar	4:082	1:118$300
Caprino	1:591	401$290
Suino	1:218	2:868$100
		136:040$790

As freguezias mais productoras de vinho são Arcozello, S. Pedro de Arcos, Calheiros, Cepões, Fornellos, Freixo, Moreira e Ribeira. O livro citado do visconde de Villa Maior, informa que as vinhas são todas levantadas em uveiras, latadas e cordões, a que chamam *beiradas* ou *arjão*. As castas cultivadas são o *espadeiro de Basto* ou *vinhão*, o *espadeiro da terra*, o *verdelho* propriamente dito, o *verdelho feijão*, o *borraçal* e o *branco esganosa*. As vindimas começam ordinariamente pelo meio de setembro. Fazem o vinho em lagares de prensa de vara e dornas de madeira. A maioria dos lavradores não separa a uva. Depois de cheio o lagar, dá-se a primeira pisa com quatro homens, durante quatro horas; segue-se um intervallo de 8 horas, em que a fermentação se estabelece; em seguida entram 2 homens para o lagar e trabalham o mosto durante 9 horas. Fica então escorrendo a fermentação durante 12 horas sem ser perturbada, no fim d'ellas envasilha-se o vinho e passados 8 dias trasfegam, e pelo S. Martinho attestam e embatocam. Os vinhos brancos e tintos dividem-se em bons, ordinarios e inferiores. O branco é unicamente fabricado com uva branca doirada. O que foi examinado, procedente da quinta do Mosteiro de Refoyos, continha 7,3 por cento de alcool. O tinto de 1.ª qualidade fabrica-se com *espadeiro de Basto* e *da terra*, *borraçal*, e uma pequena quantidade de *verdelho feijão*;

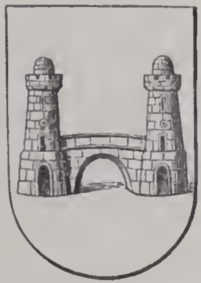
tem côr e corpo soffrivel. Um examinado da quinta de Antepasso de Arcozello, era rubro purpura, com verdura moderada e bom gosto, tendo 7,9 por 100 de alcool. Os vinhos mais bem fabricados são os de Bretiandos: attingem 8 e 8,5 por 100 de alcool. O mais alcoolico que foi examinado por aquelle viticultor distincto foi um da quinta da Agra, na Correlhã, que tinha 9,1 por 100 de alcool; e o menos um da Queijada, que marcava apenas 6,2. Na exposição de Londres expozeram vinhos da Correlhã o sr. Francisco Augusto da Cunha Carvalhães, cujo vinho obteve a classificação de 1.ª qualidade e preço por litro 55 réis, e o sr. José Rodrigues Pereira dos Santos de 3.ª qualidade e preço de 50 réis. De Refoyos expozeram os srs. Gaspar Vasconcellos e Mendes Norton, e da Gemieira o sr. Caetano Malheiro Sotto Maior, com este ultimo preço e qualidade.

Ultimamente pensa-se em organisar uma companhia para explorar a exportação dos vinhos d'esta região, tão procurados pela França. É de um grande alcance a empreza d'essa ordem, e utilissima não só para este como para os concelhos limitrophes, porque ella tomaria decerto a seu cargo a boa escolha dos productos, e acreditaria nos mercados estrangeiros o nosso vinho verde, tão depreciado ainda, e com razão muitas vezes, pela má direcção que superintende ao seu fabrico, envasilhamento e composição.

Afóra o ramo vinicola, Ponte de Lima tem ainda a larga abundancia dos seus milhos, que enchem os mercados da provincia; exporta fructa, laranja especialmente, em quantidade regular.

A vida economica é ainda facil no concelho. O vinho regula por 18$000 réis a pipa de 40 cantaros, tendo cada um 11 litros; o milho por 300 réis cada alqueire de 17l,125; o trigo por 500 réis o alqueire. As suas feiras, bastante concorridas de generos alimenticios, realisam-se de 15 em 15 dias, ás segundas-feiras; e, afóra estas ordinarias, são extremamente povoadas as grandes *Feiras novas* de 18, 19 e 20 de setembro.

Em resumo, uma terra farta e formosa,—o caso da minha tela—uma rapariga minhota na plenitude da mocidade e da vida.



CONCELHO DE PONTE DE LIMA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Annaes, *Santa Marinha*	299	390	689	185
Arca, *S. Mamede*	79	114	193	42 (*b*
Arcos, *S. Pedro*	278	344	622	171 (*c*
Arcozêllo, *Santa Marinha*	795	962	1:757	400 (*d*
Ardegão, *Nossa Senhora do Ó*	101	119	220	51 (*e*
Barrio, *S. Miguel*	163	237	400	107 (*f*
Beiral do Lima, *Santa Maria*	410	501	911	218 (*g*
Bertiandos, *S. Salvador*	127	144	271	71 (*h*
Boalhosa, *Santo Estevão*	138	135	273	68 (*j*
Brandara, *S. Thiago*	119	156	275	71
Cabaços, *S. Miguel*	297	371	668	189 (*k*
Cabração, *Nossa Senhora d'Assumpção*	124	138	262	71 (*l*
Calheiros, *Santa Eufemia*	362	484	846	237 (*m*
Calvello, *S. Pedro*	246	305	551	157 (*n*
Cepões, *S. Thiago*	177	205	382	98 (*o*
Correlhã, *S. Thomé*	701	799	1:500	387 (*p*
Estorãos, *S. Salvador*	269	354	623	175 (*q*
Facha, *S. Miguel*	491	600	1:091	240 (*r*
Feitosa, *S. Salvador*	161	172	333	82 (*s*
Fojo Lobal, *S. Salvador*	130	139	269	75 (*t*
Fontão, *S. Thiago*	309	402	711	160 (*u*
Fornellos, *S. Vicente*	515	553	1:068	272 (*v*
Freixo, *S. Julião*	404	531	935	233 (*x*
Friastellas, *S. Martinho*	161	198	359	95 (*y*
Gaifar, *Santa Eulalia*	137	168	305	84 (*z*
Gandra, *S. Martinho*	338	402	740	192 (*aa*
Gemieira, *S. Thiago*	247	278	525	124 (*bb*
Gondufe, *S. Miguel*	230	279	509	140 (*cc*
Labruja, *S. Christovão*	307	347	654	169 (*dd*
Labrujó, *Santa Maria*	81	123	204	58 (*ee*
Matto, *S. Lourenço*	103	129	232	62 (*ff*
Moreira do Lima, *S. Julião*	384	423	807	209 (*gg*
Navió, *S. Salvador*	99	119	218	63 (*hh*
Poiares, *S. Thiago*	254	358	612	162 (*ii*
Ponte de Lima, *Santa Maria dos Anjos*	1:115	1:433	2:548	530 (*jj*
Queijada, *S. Joao Baptista*	95	92	187	59 (*kk*
Rebordões, *Santa Maria*	235	272	507	131 (*ll*
Rebordões, *S. Salvador do Couto*	384	397	781	203 (*mm*
Refoyos do Lima, *Santa Maria*	882	1:136	2:018	548 (*nn*
Rendufe, *S. Salvador*	158	164	322	88 (*oo*
Ribeira, *S. João Baptista*	609	683	1:292	310 (*pp*
Sá, *Santa Maria*	122	167	289	75 (*qq*
Sandiães, *S. Mamede*	211	226	437	94 (*rr*
Santa Comba, *Santa Comba*	111	142	253	60 (*ss*
Santa Cruz do Lima, *Santo André*	168	197	365	96 (*tt*
Seara, *S. Mamede*	132	154	286	67 (*uu*
Serdedêllo, *Santa Martha*	228	298	526	129 (*vv*
Victorino das Donas, *S. Salvador*	285	357	642	142 (*xx*
Victorino dos Piães, *Santo André*	409	540	949	239 (*yy*
Villar das Almas, *Santo Estevão*	178	212	390	111 (*zz*
Villar do Monte, *S. João Baptista*	102	124	226	65 (*aaa*
	14:460	17:573	32:033	8:065

b Comprehende esta freguezia os logares de Aboboreira, Outeiro, Cruzeiro, Bouça, Aldeia, Quinta, Rasca, Villa Nova, Pias, Agua Encanada, Bostello, Sobral.

c Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro de Arcos, Trugal, Arcos, Necessidades, Terrafeita, Topo, S. Janconde, Paredes, Picouto, Pragosa, Costa, Candieira, Lage, Felgueira, S. Pedro.

d Comprehende esta freguezia os logares de Santa Marinha, Alem da Ponte, Senhora da Luz, Outeiro, Faldijaes, Sabbadão, Rapido, Ribeiro, Boa Vista, Riba-rio.

e Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Forjão, Folhente, Portello, Estrege, Barrosa, Casa Nova, Gorli-

nho, Casas do Eido, Serrado, Vermoil, Cruzeiro, Eira Vedra, Menespera, Bem Espera; e as quintas ou propriedades de Estrege, Vermoil, Bem Espera.

f Comprehende esta freguezia os logares de Barrio, Outeiros, Painçal, Trofa, Barreira, S. Gens, Picarenha.

g Comprehende esta freguezia os logares de Beiral, Armada, Lavacido, Villa Cham, Vinha Nova, Cavalleiros, Fonte Carreiro, Paço, Currello, Vilhelhe, Roriz, Malho, Ferreira, Serro, Villa Nova, Sete Fontes, Pedouro, Outeiro, Torre, Figueiras; os casaes de Veiga, Soutinho, Cachada, Linhar da Boa: e as quintas e propriedades de Provezende, Cortes, Paço, Varzea, Moz, Barrezes, Temporão, Crasto, Coutada, Samoça.

h Comprehende esta freguezia os logares de Linhares, Ballada, Carcua.

j Comprehende esta freguezia os logares de Cima e de Baixo.

k Comprehende esta freguezia os logares de Carvalhal. Codessido, Outeiro, Lamas, Tresmonde, Villela, Penellas, Pomarelho, Fervenças, Cham, Correndeltes, Pedreira, Gaioso, Soutello.

l Comprehende esta freguezia os logares de Carril, Escusa, Sobreiral, Além, Regato e Barreira, Boa Vista, Outeiro e Egreja, Benda e Bemposta, Balouça, Regueira, Sebadouro e Portellinha, Sernada, Beje e Outeiro, Rua, Costa, Portella.

m Comprehende esta freguezia os logares ou casaes de Lastral, Pombal, Prôgo, Pinheiro, Seara, Picoto, Portal, Parada, Devesa, Caminho Novo, Martim, Rapiolo; e as quintas ou propriedades de Caldellas, Bemvisa, Borralheda, Boa Vista, Carvoeira, Fernanoleira, Outeiro Minhão, Martim, Paço, Portal, Rego, Seixido, Prôgo.

n Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Gandarinha, Santa Marinha, Pousada, Martim, Ribeiro e Gandras, Sardoal e Carvalhal, Cadem e Cal, Villela, Pomarinho, Facaes, Merece, Sobreiro e Calvario.

o Comprehende esta freguezia os logares de Cabrão, Aldeia, Barreiros, Outeiros, Pousada, Crasto, Cunha, Alforrulo, Insua, Avelleira, Curralinho, Sobral, Mó, Poretos, Outeiro.

p Comprehende esta freguezia os logares de S. João do Monte, Barreiros, Agra, Borral, Bouçapaio, Soareiro, Campinho, Portella, Gandra, Barrô, Buraco, Berros, Pedrosa, Passo, Prégal, Silveiro, Mourello, Pereira, Souto, Casas novas, Borracheta, Subquintã, Costa, Anta, Thezido, Bouças, Bezerra; e as quintas de Outeiro, Rijo, Torre, Barreiros, Agra, Couto.

q Comprehende esta freguezia os logares de Tenães, Pentieiros, Penas, Fontello, Freixa, Ponte, Estivada, Bouças, Pedreira, Lacada, Pica, Moinho Velho, Sobral, Gafarim, Gramella, Cruzeiro, Matto bom, Chã da Guarda, Breia, Cerquido, Bouça d'Abbade, Maons.

r Comprehende esta freguezia os logares de Abel, Sobreiro, Bergonho, Egreja, Latada, Outeiro do Rio, Amados, Fontainhas, Cividades, Portelladio, Santo Adrião, Souto de Bocco, Porco, Barrio, S. João, Rio, Murão, Albergaria, Portella, Pomar Soalheiro, Costa, Bouça, Outeirinho, Passinho, Cazeiros, Souto, Esporão, Torre, Gondim, Fojo, Penedo, Paço Velho, Corredoura, Casal, Pereiro e as quintas de Paço, Casal, Cabada, Portello, Ribão, Gondim, Torre.

s Comprehende esta freguezia os logares de Poço de Cabaços, Cancinhola, Postigo, Poza, Ribeira, Fijò, Espirito Santo; e 2 casaes no sitio de Santo Amaro.

t Comprehende esta freguezia os logares de Fojo Lobal, Cruzeiro, Prado, Arijal, Boa Vista, Matta, Laborim, Cas'alta, Cerca, Bouça, Barroca, Barziella, Boucinha, Fojo Velho, Casal d'Aires, Conceição, Felgueiras, Marouba, Residencia.

u Comprehende esta freguezia os logares de Fontao, Fonte do Valle, Carvalhal de baixo e de cima, Palma, Bouças, Barreiro, Souto, Fonte da Villa, Pereira, Victoria, Bouça Velha, Toural, Rego, Lombo, Pontes, Deveza do Valle, Remedios, Maquim, Outeiro.

v Comprehende esta freguezia os logares de Ribeiro, Ventoso, Eido Velho, Cabaneiro, Poloroubа, Greledo, Pias, Poço, Anquião, Devezinha, Seixas, Corgo, Zenhas, Vede, Geide, Arial, Bouça, Pouzada, Sobreiro, Traz da fonte, Vinheirão, Gaiva, Bello Monte, Casaes, Residencia, Renda, Calvario, Souto, Outeiro, Badella, Urjal, Torre, Outido, Ridinhos, Povoa, Gramosa, Frelaes, Boussôs, Carrascal, Veiga, Juncainho, Villar, Oliveira e as quintas de Pias, Paço, Anquião, Carrascal, Outeiro, Villa Nova, Casal.

x Comprehende esta freguezia os logares de Freixo, Curutello, Quinta, Feira, Barreiras, Gaião, Carvalhos, Rio, Costa, Passô, Cabo de Villa.

y Comprehende esta freguezia os logares de Friastellas, Calvario, Villa Fria, Sondim, Terreiro, Salamonde, Monte, Real, Torre, e os casaes de Corrandellos, Moinhos, Monguello, Senque, Lamomo, Troviscal, Cruzeiro, Barral, Cazelhos, Permonterro.

z Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Rêga, Monte, Cruz, Corgo, Ludeiro, José, Souto do Monte, Naia, Cachada, Lufe, Baraldes, Poza, Rego e as quintas da Carrasca e da Villa.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Terreiro, Abbades, Couto, Mujães, Paço, Torno, Ginzo, Louraes, Casal, •Villa Verde, Corujeira, Grijufe, Licon, Gandra, Carrapatas, Olheiro, S. Sebastião, Hospital, Devesa e as quintas de Navais, Pombal, Montzello, Brixe, Fonte de Marcos, Abbades, Couto, Casal, Grijufe, Devesa.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Gemieira, Pombeiro, Bragunda, Cartemil, Pereiros, Casaes, Barrio, Hospital, Ribeiro, Regueira, Moinhos, Ponte do Casal, Picouto, Casal, Poço, Freiriz, Cancella, Pouzada, Valinhas, Thomada, Cachadinha, Sus de monte, Lameiro, Villar, Beirão.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Aldeia de cima, Aldeia de baixo, Souto de Marcos, Ferreira de cima, Monte Roso, Aguieiro, S. Pedro, Souto, Lamaçaes, Vallinhos, Casal, Valdomar, os casaes de Quinta de baixo, Quinta de cima, Ceira de Cabeas, Soutinho e Sampriz, Redolho, Ferreira de baixo, Peso, Quintã, Luval, Forcada, Averdiães, Regueira, Paraiso, Barreiro, Arrothéa, Noval, Sequeiros, Souto chão, Jufe, Casa nova; e as quintas ou propriedades de Lamaçaes, Souto, S. Pedro, Regueira, Paraiso, Averdião, Arrothéa.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Labruja, Salgueiro, Codeçal, Revolta, Ponte nova, Balcão, Cabração, Torre, Antas, Portelinha, Preza, Vallado, Egreja, Parente, Quinta, Casa branca, Concelheira, Vinhó de baixo, Vinhó de cima, Bandeira, Cambôa, Pedrêlo, Motta, Pombas, Pombinha, Souto, Bouça, Pinheiro, Arrothéa, Soutinho, Fijó, Espinheiros, Rego, Outeiro, Bargo, Casa nova, Rua, Redolho, Pecegueiros, Bacellos, Gavia, Vinha velha, Varzéla, Arco.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Pereiro, Lage, Rua, Carvalhinhos, Sobreiro.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Matto, Cruz, Bouça, Rebordello, Troviscal, Borral, Quinteiros, Monte, Cereal, Barreiro, Cachadinha, Coturella, Chamusca, Cancella, Arcellos.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Moreira do Lima, Covello, Lages, Barreiro, Pé da Veiga, Bodelhão, Lameira, Trandeiras, Bouça, Carreiro, Couto, Villa Nova, Fojo, Canadello, Felgueiras, Parada, Nellas, Outeirinho, Cova da Bouça, Roubão, Sardoal.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Navió, Senras, Cancinhogo, Cachada, Feitaes, Monte, Egreja, Aldeia, Souto, Portella, Senrela, Fojo, Deveza, Carvalho, Villar de Rei.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Poiares, Fundo de Villa, Deveza, Covinha, Fonte, Calle do Rego, Cambado, Torre de Rozende, Portella, Costa, Cima de Villa, Bouça do Rei, Permenda, Campo, Lagôa, Outeiro, Bouça da Vacca, Eido Velho, Airão, Corvella, Carrascal, Torre da Corvella, Giestal, Custeira, Regadia, Noval, Ozende, Monte maior, Peneda, Bouça, Sende, Quinta, Rua. Casa Nova, Beita, Boucinha, Souto, Paços, Torre de Boucinha, Antiga, Moinho Novo, Barro, Pedregal, Sub-Regos, Casal de S. Roque, Lobagueira, Fontella, Toqueiro.

jj Comprehende esta freguezia, além dos predios urbanos da villa, os casaes da Senhora da Aurora (que são Casal de cima e Casal de baixo), o casal da Senhora da Lapa, os casaes de Santo Antonio, os casaes de Meirim; e nos arrabaldes as quintas ou herdades de Olho Marinho, Portas de Braga, Graciosa, Sobral, Baldrufa, Touticeira, Monchique, Rozeira.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Residencia, Bouça, Boa Vista, Baganheira, Passoldada, Empegada, Ferraz, Costa, Cruz, Congostas.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Salvador de Souto de Rebordões, Carvalho, Balaia, Testado, Lamas, Mezão, Barrinho, Quinta, Cannas, Rocio, Portella, Terreiro, Avelleiras, Borca, Carreiros, Maceira, Soalheiro, Senra, Barral, Torre, Felgueira, Bouça, Fontes, Cachadinha, Soutello, Vessadas, Poças do Monte, Bouça da Casa, Longo Carencal, Costa, Montinho, Gelhe, Poças, Ribeiro, Freixieiro, Pedrido, Quinteiro, Manguella, Casaes, Chão de Mene, Agua Levada, Esmorigos, Egreja. Todos proximos á egreja parochial.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Vacariça, Lapa, S. Mamede, Bemposta, Cedofeita, Ranhados, Eira Vedra Valduve, Casal Novo, Raposal, Quintão de Nogueira, Conçoeiro, Estrada de Nogueira, Golfeiro, Outeiro, Reborido, Real de Cima, Real de Baixo, Naceiros, Casa Nova, Val de Flores, Pena-vicada (?), Barrimão, Penas, Quintão, Ganço, Devesinha, Cartarida, Calvos, Casal-digo, Ribeiro, Ribas, Torneiro, Soutinho, Ribados, Espadanal, Pousada, Lage, Enchia, Darra, Gandra, Tourão, Ferreiros, Torre, Ameixeda, Lavandeira, Lages, Barrio, Calvello, Santa Eulalia, Sobrado, Caneiro, Quintas da Boucinha, Amial, Ribeira, Outeiral,

pp Comprehende esta freguezia os logares da Ribeira, Crasto, Paradella, Talharezes, Ermida, e o casal do Razo.

qq Comprehende esta freguezia os logares de Carcaveira, Passos, Cruz da Pedra, Galveio (ou Galrecio), Casal de Eita de baixo, Casal de Eita de cima, Anho Bom, Lagares, Lonredo, Souto.

rr Comprehende esta freguezia os logares de Sandiães, Cruzeiro, Carreira, Soutello, Proença, Ponte de Anhel, Gados, Outeiro da Ribeira, Barranca, Souto, Aldeia, Rua direita: *meeiros*, Portella, Salgueiral.

ss Comprehende esta freguezia os seguintes logares, no meio dos quaes esta situada a egreja parochial: Crasto, Egreja Velha, Sobre-Villa, Carro, Chandezil, Rego de Azar, Monte.

tt Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Licou, Portellas, Quintã, Barbudos, Coucieiro, Paço, Carreiro, Lage, Brechal, Agueda, Louraes.

uu Comprehende esta freguezia os logares de Nabaes, Gandra, Covo, Bouças, Abelheira, Pereiros, Esteves, Carvalheira, Paço, Deveza, Bouça, Sobreiro.

vv Comprehende esta freguezias os logares de Fervenças, Deveza, Cachada, Devezinha, Cruz, Campellos, Seara, Corredoura, Casaldeiro, Dormidouro, Cachadinha, Calvario, Cortinhas, Alvite, Redondo, Barreira, Feital, Barral, Pereiro, Aval, Carreiras, Salgueirinhos, Furados, Vera de baixo, Vera de cima, Gabo, Ortigueira, Souto Velho, Fontes, Campo Razo, S. Joannes, Portellinha, Seixal, Carrascal de cima, Carrascal de baixo, Maçãs, Pena, Outeiro de Vide, Pulpito, Gafaria, Armada, Fonte Coberta.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Almoinha, Carvalhas, Fonte Nova, Ribeira, Pecegueiro, Aldeia, Garrido, Tres Moinhos, Brufe, Viso, Regueira, Godella, Boucinha, Milheiroz, Quinta do Ribeiro, Pica, Quinta da Torre, Pedregal, Madorno, Barco, Forno.

yy Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Folão, Fidalga, Bouça, Olivande, Borboraque, Passos, Corredoura, Belmonte, Cacheiro, Boucinha, Codeçal, Regueira, Carcavellos, S. Pedro Fins, Soutinho, Quinta, Pereiro, Paúlo, Eirado, Samossa, Carvalho, Costa, Picanha, Seara, Torre, Barreira, Crasto, Guio, Reborido, Balte, Almagodo, Matta, Cartas, Villarelhos, Cabreira, Balinho, Vilhades, Carreiro d'Agra, Outeiro, Fonte Quente, Balinhas, S. Simão, Rocha Subcase (?).

zz Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Santo Antonio, Freitas, Eido Velho, Pereiras, Monte, Eido, Fonte, Alem, Outeiro, Manga, Talho, Rua, Cachada.

aaa Comprehende esta freguezia os logares de Villar do Monte, Pombeira, Costa, Rodo, Alem do Rio, Resteva, Cabo, Rego, Cruz.

O MINHO PITTORESCO

Lithographia da Imprensa Nacional

COSTUMES

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ — N.º 1, Soajo

CONCELHO DE MELGAÇO — N.º 2 e 3. Castro Laboreiro. N.º 6 e 7. S. Gregorio

CONCELHO DE MONÇÃO — N.º 4. Barbeita. N.º 5 e 8. Monção

Entrada do Santuario da Peneda
Desenho do natural por João de Almeida

ARCOS
DE
VALLE DE VEZ

Vegetação e agua na paysagem, vinho verde na meza e nas adegas, religião e lendas nos espiritos.—Ahi tens no mais conciso esboceto a synthese, que póde exprimir a vida d'este concelho minhoto.

São d'elle os encantos do Extremo e as solidões da Peneda; as lendas poeticas do Soajo e as tradições heroicas da Veiga da Matança.

A villa, o coração do concelho, engasta-se, larga esmeralda d'uma tonalidade fresca, no annel de crystal do Vez, que a circunda em dois terços quasi da sua extensão. Da sua antiguidade diz o erudito escriptor Vilhena Barbosa: «É muito antiga a origem d'esta villa. Pretendem alguns auctores, que no tempo dos romanos fôra uma povoação importante com o nome de *Arcobrica*. O que é certo, é que já existia no reinado de el-rei D. Affonso Henriques, ao qual se attribue a fabrica primitiva dos arcos, que se vêem na sua praça principal.

Dizem alguns escriptores actuaes que o seu nome se deriva d'estes arcos e da situação da villa proximo do rio Vez. Porém outros querem, que provenha dos arcos triumphaes que os seus moradores levantaram a el-rei D. Manuel, quando por ahi passou em romaria a S. Thiago de Galliza, por cuja occasião lhe deu foral.» Pinho Leal explana-se mais sobre este assumpto, mas as suas considerações pouco adiantam ao que se vê condensado no livro de Vilhena Barbosa, e por isso nos julgamos dispensados de transcrevel-as. Para massadas, leitor, bastam as da propria lavra.

Assim é, que vou já abusar da tua condescendencia amavel, pedindo a tua companhia, que o não é menos, para uma excursão rural pelo poente e norte do concelho, finda a qual visitaremos a villa, deixando para fecho do capitulo a descripção de toda a larga zona norte-oriente, zona que abrange as serranias da Peneda e Soajo, por sobre as quaes affrontámos o martyrio da insolação e varias penas amargas, que talvez concorram um dia para a nossa canonisação posthuma.

Nossa e sobretudo do artista que illustra estas paginas!

Seguindo a estrada, que dos Arcos parte para Vianna, encontramos um territorio culto, intensamente povoado, até á Jolda, sobre a margem direita do Lima, e freguezia limite do concelho com Refoyos de Ponte. Um pouco a norte d'essa linha de parochias que bordam os lados da estrada, uma outra não menos populosa se estende por entre as frondosas massas do arvoredo, nas ravinas dos montes e nas planicies ferteis. É a sua descripção, que vamos traçar, principiando já pela freguezia de *GUILHADEZES*, cuja torre de dois campanarios nos apparece logo ao sahir do termo da villa, dominando um valle encantador e alegre. A torre da Mó, aqui situada, foi o solar dos fidalgos denominados *Cabeças de vacca*, salvo seja, de que ha ainda descendencia illustre por estas terras. Sobre o lado direito da estrada segue-se *TABAÇÔ*, povoação muito antiga, pois já era parochia em 1239, com o nome de S. Christovão, pertencendo esta ao bispado de Tuy; e aqui temos já sobre a margem esquerda da estrada a freguezia de *SOUTO*, em cujo logar de Fonte Arcada está a torre dos antigos senhores da Barca, e em Milhundos — ou Milhundres — o solar do 1.º visconde d'este titulo, Sá Souto-Maior, senhor da nobre casa do Souto.

No alto do monte de S. Sebastião existem restos de fortificação antiga, tendo soffrido modificações, segundo consta, em 1661, por occasião da guerra da nossa independencia. O abbade da freguezia apresentava antigamente o cura de Tabaçô; D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, porém, fez reverter, no seu tempo, esse privilegio para a mitra.

Não te descrevo a estrada, meu amigo, porque as estradas do Minho,

e tens já percorrido bastantes para que o saibas, são sensivelmente eguaes nos seus effeitos de paysagem. Esta é, como todas, formosa, e tem para augmentar-lhe os encantos o fascinador e meigo Lima, que vae correndo parallelamente ao seu leito. O trem, que nos leva, corre por isso rapidamente, e sob esta saturação de paysagem encontramos *SANTA MARIA DE TAVORA,* onde paramos um instante, para te referir a largo traço a sua pequena historia. O nome recorda o dos fidalgos illustres sacrificados á sanha odienta do marquez de Pombal, sob o pretexto da tentativa de regicidio contra D. José, e, de facto, alguns auctores sustentam que é n'este logar o verdadeiro solar dos Tavoras, descendentes de D. Rausendo, aqui nascido, assim como seu irmão D. Heodon. A freguezia era cabeça da commenda de Tavora, a qual comprehendia Santar, Portella e o couto de Aboim da Nobrega.

Estas recordações estão apagadas no espirito local, como bem pódes comprehender, e se hoje Tavora é conhecida algumas leguas em redor, deve-o ás suas *fontes santas,* uma chamada das Virtudes, outra das Caldas, nas quaes o povo encontra, e póde ser que a sciencia tambem, quando as analyse, algumas propriedades medicinaes. De resto, ainda a sua romaria á Senhora da Piedade no 1.º domingo de agosto a torna conhecida, visto ser uma das mais concorridas do concelho. Metade da freguezia, com a sua annexa *S. VICENTE DE TAVORA*, era dos viscondes de Cerveira, e a outra metade dos frades dominicanos de Vianna, os quaes tinham por obrigação vir prégar ahi meia quaresma e mais uns tres sermões durante o anno. Na aldeia de Picouço, em S. Vicente, foi o solar da familia d'esse nome, e d'elle vieram a ser possuidores os Araujos, descendentes do commendador de Rio Frio, Alvaro Rodrigues de Araujo.

Ao norte de S. Vicente fica *MONTE REDONDO,* terra fertil e de bastante caça, e em cujo logar de Santo Amaro se faz a 15 de janeiro uma boa romaria.

Temos andado duas leguas approximadamente; o Lima corre a uns dois kilometros sobre a nossa esquerda; os campos de milho succedem-se uns aos outros; os pinhaes desfilam como graves pelotões de soldados em marcha. Os pequenos quadros instantaneos da vida rural perpassam rapidos, n'uma nitidez de placa sensivel, diante das nossas pupillas curiosas.

Ali está, por exemplo, ajoelhada n'um canto arrelvado d'um prado humido uma camponeza segando herva. Os pequeninos feixes vae-os deixando após; o terreno apparece esbranquiçado nos pontos em que a foucinha rasa a avelludada graminea. Trabalha com extremoso afan; uma vez ou outra apenas volve os olhos para o filho querido da sua alma, um *baby* sujo e emporcalhado, que espera junto do cesto em que tem de ser

conduzida a herva, o fim da tarefa maternal, brincando com a terra, que um dia será a sua arena de combate. Ella julga-nos talvez uns felizes, vendo correr na estrada a carruagem que nos conduz, e compara a sua lide ininterrupta com o santo ocio, em que nos adivinha refestelados nas almofadas da *victoria,* viajando, correndo mundo.

—O que ella tem ainda para fazer antes do cahir da noite! A *córa* das meadas, o recolher a *creação* tresmalhada para que a raposa não venha fazer das suas; lavar os ensaboados do pequeno; apanhar a lenha para a ceia; ir cortar a agua do campo do *cruzeiro* para o da *estirada;* mil pequenos nadas que são a lucta, que são o trabalho. Emquanto que nós...

—Ah! minha boa desconhecida, como te illudem as apparencias falsas do que tu suppões ser o prazer e ser o descanço!.. Eu respondo ao teu «emquanto que...» Tu fatigaste os teus musculos, eu fatiguei o meu cerebro; ergueste-te com a madrugada fresca, e foste ao campo encaminhar a agua de rega para um outro campo sequioso; lidaste, trabalhaste, chegaste á noite moida, cançada, mas não exhausta. O teu somno é reparador e tranquillamente profundo; a tua digestão faz-se bem; os teus musculos teem sangue e teem vigor. E eu, sabes, penso em que ao vêr-te ajoelhada sobre a relva não tracei felizmente o meu *croquis,* não esbocei com mão firme a linha da tua *pose;* fui um incorrecto como artista, fui um desastrado como escriptor. E, emquanto que tu se tiveres um peccadilho ligeiro, ou um mau sonho menos vulgar, tens o bom do abbade que te absolve, eu tenho os criticos azedos e biliosos analysando com o seu *lorgnon* embaciado a honestidade do meu trabalho, implacaveis e intransigentes, se elle sobretudo fôr fructifero; tenho o publico, a imprensa, os amigos que pedem exemplares gratuitos, as *gralhas* dos typographos, a gloria ao fundo como scena de apotheose, e a posteridade que tem de escutar-me!

Sim, minha amiga obscura, até a gloria e a posteridade!

E isto faz insomnias, depaupera o sangue, rouba phosphoro ao cerebro, e talvez até que me roube o ensejo d'uma habilitaçãosinha para commendador de Christo ou conselheiro do mesmo!

—Mas temos palestrado que sobeje; preciso seguir viagem para Padreiro, para a Jolda, para Santa Christina.

—Tudo pertinho.

—Um tiro de bala, talvez!

—*Nanja* isso; olhe o senhor, alli está a egreja da freguezia de *PADREIRO,* mesmo junto da estrada.

O que de mais interessante póde encontrar o *touriste* na freguezia, são as nascentes de aguas mineraes, brotando em terrenos de alluvião junto das

margens do rio, cujo leito é provavelmente atravessado pelo manancial primitivo. Isto explica a razão por que se encontram as aguas da mesma natureza na fronteira freguezia de Bravães, do visinho concelho da Barca. O povo conhece a nascente pelo nome de *Fonte santa,* designação que mais nos parece basear-se nas virtudes medicinaes das aguas, que em qualquer vestigio de culto antigo, como pretendem alguns ethnographistas ao encontrar na linguagem popular o qualificativo de que se trata aqui. E não admira isso, porque as aguas de Padreiro pertencem ao grupo das sulphurosas frias, verdadeiramente uteis, miraculosas quasi, em muitos padecimentos chronicos. A analyse chimica não foi ainda definitivamente elaborada, segundo nos informam.

Visinha de Padreiro encontra o viajante, dois kilometros a norte, a sua homonyma *SANTA CHRISTINA DE PADREIRO,* antiga vigararia apresentada pelo abbade da primeira, terra fertil e pittorescamente situada, confinando pelo norte com *SANTA MARIA DE MIRANDA,* uma das mais populosas das parochias do concelho, e onde outr'ora houve, um pouco abaixo da matriz actual, um convento de monges benedictinos, fundado pelo arcebispo de Braga S. Fructuoso. Chegou o convento a ser um dos mais ricos da ordem, e doou-lhe D. Affonso III varios coutos e privilegios, que só a camara dos Arcos pôde *quebrar,* quando o mosteiro passou a ser abbadia secular. Em 1590 foi de commendatarios; mas como estes comiam todas as rendas e os frades ficavam... a vêr navios, resolveram sensatamente abandonar o mosteiro, o que fez com que os commendatarios repartissem entre si os bens do convento, dividindo-os em varios prasos.

Continuando na estrada, encontramos á esquerda e a pouca distancia do Lima, o modesto campanario de *S. PAIO DA JOLDA,* dominando a ridente planicie que se estende sobre a margem. Era, e é ainda, até aqui, quando as aguas vão altas, que se faz a navegação do rio, tendo-se feito em diversas epochas tentativas para melhorar as condições navegaveis do rio n'este ponto, fazendo com que os barcos subissem até á villa da Barca.

Uma outra *JOLDA,* que tem como orago *Santa Maria Magdalena,* fica á direita da estrada e a uns dois kilometros da margem do rio approximadamente. Foi ahi a casa solarenga da Jola ou Jolda, familia nobre do Minho, que teve principio, segundo Pinho Leal, em Martim Paes da Jola, filho de Vasco de Bravães, fundador do mosteiro d'este nome, no proximo termo da Barca. O territorio constituia antigamente parte d'aquella das divisões em que estava retalhada a villa dos Arcos, e que tinha o seu foral em Carvalho de Penellas.

Ao norte da freguezia fica sobre a margem de um pequeno affluente

do Lima, chamado o rio de Cabrão, a parochia de *CENDUFE* e *RIO CABRÃO,* nome que indica, como o leitor vê, a annexação de duas antigas freguezias assim denominadas. Está situado o primeiro dos logares uns tres kilometros ao norte da margem do Lima; assenta o segundo sobre os alcantís em que se despenha o ribeiro de Cabrão, um encantador selvagemsito, que o formoso rio espera com o mais delicioso dos seus sorrisos, como que desejando ensinar-lhe, que não é bonito vir saltando de penedo em penedo, com todas as impaciencias de um amante ciumento, quando se tem a certeza de encontrar um leito doce e alegre, onde se póde dormir tranquillamente.

No sitio de Crasto, um pouco acima de Cendufe, tem-se encontrado algumas moedas romanas, e ahi proximo tambem descobriu-se uma necropole, com as sepulturas divididas por paredes de pedra e cimento romano.

A excursão termina para nós. A linha divisoria do concelho apparece, e para além de Cendufe e Jolda as parochias do termo de Ponte de Lima levantam já os seus campanarios alvinitentes.

*

* *

Retrocedemos.

—Temos de seguir para o norte, temos de vêr o Extremo.

—O Extremo!

—Conhecel-o, pelo menos de nome, e isso basta para que imagines um encanto.

Pois não é só isso, meu amigo; a palavra é demasiado pequena para definir esse pedaço de natureza, que é magestosamente grandioso.

Um deslumbramento!

Muitas vezes no inverno, e muitas outras na primavera e no verão, eu percorri, quando ia para ferias, nas velhas diligencias da carreira, essa estrada encantadora, que vae dos Arcos a Monsão caracoleando pela encosta da serra, e, sempre, ao attingir o ponto mais culminante da montanha, a mesma impressão de divinisação da Natureza commovia o meu espirito, deslumbrado por aquella soledade casta, que parecia descer tenuemente, como benção invisivel d'um bom Deus desconhecido por sobre os degraus enflorados d'aquelle throno magestoso, que vinha em gradações de côr desde a esmeralda das planicies fundas até á rudeza escura das penedias asperas do alto. Sempre grande e sempre severamente bella essa paysagem do Extremo, quer illuminada no verão pelo enorme diamante da Via-lactea, o sol glorioso, quer envolvida no inverno na tunica de neve

que muitas vezes cobre a montanha inteira. Lembro-me bem do singular prazer, que senti uma madrugada de janeiro, quando no alto da serra a diligencia parou, não só para que os cavallos resfolgassem da ingreme subida que haviam feito, como tambem para que os passageiros regelados pelo frio d'uma noite siberiana, procurassem n'uma vendasita que ahi existia, o calor do lar e o conforto do alcool ou do café, tão necessarios n'aquellas circumstancias. Uma chuvasita miuda cahia então. Depois a atmosphera clareou, e n'um instante a mais formosa chuva de neve que em minha vida tenho presenceado, cobriu todos os penedos da serra, envolvendo como n'um lençol de linho alvissimo aquella solidão intensa. As arvores mais proximas vestiram-se de folhas de crystal, e nunca vegetação foi mais luxuriante do que essa, que então vestia com rendas finas de neve os braços hirtos e seccos d'aquelles corpos esguios.

Tempo é de principiar a excursão.

Os campos, esses enquadramentos de mosaico na larga planicie, succedem-se uns aos outros; as egrejas e os casaes são numerosos, já sobre a margem da estrada, já nas collinas distantes, como nos valles intercalados entre ellas. O Vez corre no fundo, acompanhando-nos quasi segundo uma linha parallela. Pequenos affluentes, ribeiros sem nome, sulcam as montanhas como listrões de prata, e descem até encontral-o nas profundezas do valle: por assim dizer, cada freguezia tem o seu que a fertilisa e atravessa; pela maior parte affluem á margem esquerda, nascendo dos alcantís da Peneda.

Estamos em marcha. E deixando para melhor opportunidade as parochias de Villa Fonche, Parada e Rio Frio, ahi temos já sobre a nossa esquerda o campanario de *PROZELLO,* terra onde foi o solar de D. Egas Paes, em que os Pachecos depois entraram como senhores de metade dos Arcos. Mais tarde foram os viscondes de Villa Nova da Cerveira os senhores do solar, e curioso é o fôro annual com que um d'elles, o visconde D. Francisco de Lima, concedeu a sua irmã D. Isabel a torre e quinta de Prozello.

Um ovo, um simples ovo cada anno!

É caso para derruir a velha formula, significativa dos grandes negocios lucrativos—um ovo por um real! Com certeza que D. Isabel de Lima conseguiu pechincha muito superior!

Esse fôro extraordinario ainda ha pouco era pago aos descendentes dos viscondes pela casa de Bretiandos, herdeira do solar, por casamento de D. Isabel com D. Francisco de Herrera.

Prozello, como todas as aldeias do Minho, tem as suas superstições religiosas. Uma d'entre ellas é a da prophyllaxia da raiva pelo contacto

com as reliquias de Santo Estevão, veneradas no altar de Jesus da egreja matriz. Uma outra, notavel pelo tradicionalismo que exprime, se observava d'antes em Prozello: era a de irem mergulhar a Padroeira no rio, quando o povo desejava chuva.

Vamos seguindo atravez da vegetação frondosa que margina a estrada; ali está sobre a nossa esquerda, n'uma formosa planicie, o campanario de *S. THOMÉ D'AGUIÃ*, antigamente *Guey*. A *Casa* ou *Torre d'Aguiã*, hoje dos Calheiros, situada na freguezia, é antiquissima e uma das mais nobres da provincia. Diz-se ter sido solar dos Aguiares. Tem sacrario na sua capella e d'ahi se administra muitas vezes o viatico aos parochianos.

Ficam-nos sobre a margem esquerda do Vez, campanarios modestos e casaes de neve, que, embora tenham de avolumar o descriptivo da formosa estrada, não poderemos esquecer. Uns divisam-se bem sobre o declive da encosta, escondem-se outros nas sombras do arvoredo denso, alguns nos pendores da serra, dominando horisontes que antevemos apenas. Iremos fallando da sua vida modesta conforme a visinhança que nol-os approxima e segundo a recta visual, que menos longa se nos affigura.

Entre os primeiros, cumpre-nos descrever já o populoso burgo de *GONDORIZ*, que d'este ponto vemos a um kilometro do Vez, e que os arcoenses tanto visitam, quando se faz em *Pugido* a brilhante romaria da Senhora da Guia, na segunda feira de Paschoela. A sua abbadia era da apresentação dos viscondes de Villa Nova de Cerveira, recebendo o abbade 800$000 réis annuaes.

S. COSME E DAMIÃO, acima de Gondoriz e ainda sobre a margem esquerda do Vez, foi a terra solar dos Barros. A superstição, que noticiamos em Prozello, tem a sua analoga em S. Cosme; como lá, o santo era levado em procissão á fonte do seu nome e banhado nas aguas, para que este banho forçado o fizesse lembrar de que os seus devotos precisavam chuva nos campos.

Continuamos, depois d'esta curta paragem, precisa para observar as freguezias d'além Vez.

«O valle, diz n'um dos mais primorosos capitulos do seu livro *No Minho* o escriptor D. Antonio da Costa, vae do logar do Fugido — aliás Pugido — para diante, ondeando cada vez menos para o substituir uma extensa e pomposa planicie, augmentando a belleza dos campestres mosaicos, e bordando sempre a florescente extensão d'essa immensidade de egrejas e de casas alvissimas. O Vez, ainda independente antes de ir desaguar no Minho — leia-se Lima — acompanha-nos serpeando pelas campinas. Seguimos um perfeito jardim. Respira-se um ar amigo e leal. O sol,

CHUVA DE NEVE NA SERRA DO EXTREMO. — *Composição e desenho de J. R. Christino.*

quebrado por uma doce viração, abrilhanta aquella paysagem. Sente-se a alma em deliciosa suavidade, como se, recostada a cabeça no peito de uma verdadeira amiga, e entrecerrando os olhos, fossemos abrindo o coração ás confidencias sinceras, adivinhando meigas respostas, conselhos sisudos, e sorrisos leaes.»

É realmente esta a impressão de quem vê esse pedaço da natureza gentil, risonho e casto, como o primeiro beijo d'uma enamorada de vinte annos.

Bello!

O alvejar de casas não cessa por emquanto; sobe-se, é verdade, mas a serra não tem ainda a sua rudeza aspera; a vegetação continua luxuriante e densa, uveiras em festões, soutos de carvalhos, grupos de pinheiraes dispersos. É n'esta cercadura que nos apparecem ainda emmolduradas as freguezias de Santa Vaia ou Rio de Moinhos, Senharei, Sabadim, Aboim das Choças, do lado esquerdo da estrada, Villela e S. Pedro de Sá, além do Vez, cuja corrente se torna mais angustiada e se dirige para nordeste.

RIO DE MOINHOS, ou *Santa Vaia,* corrupção do nome de Santa Eulalia, que ainda é a padroeira da freguezia, formava com a sua annexa S. Thomé de Aguiã um beneficio simples dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, os mesmos que faziam a apresentação do abbade, que tinha de renda 400$000 réis. A torre de Rio de Moinhos foi de Garcia Caldas, do Paço de Vascões e de sua mulher D. Leonor de Sousa, a qual, depois de viuva, passou a segundas nupcias com o fidalgo gallego João de Novaes e Ozores, e na descendencia d'este segundo matrimonio continuou até 1640 a posse da torre e casal annexo. Por essa epocha foi vendida a Gonçalo de Mello e Lima, a cujos descendentes ainda hoje pertence.

O erudito *Abbade Castro,* Antonio Damaso de Castro e Sousa, fallecido ainda em 1876, parochiou por algum tempo esta freguezia. Da fertilidade de Rio de Moinhos, diz a abundancia de todos os generos agricolas que d'ahi concorrem ao mercado dos Arcos; cria além d'isso muito gado para exportação.

A sua visinha *SENHAREI* não offerece ao *touriste* outro interesse, que não seja o da paysagem ou da industria agricola, a da creação dos gados especialmente, e por isso a deixamos breve para atravessar *SABADIM,* freguezia que tem uma antiguidade remotissima, e cujo nome está indicando uma origem arabe. Houve aqui um mosteiro de templarios, que depois passou aos benedictinos, e no seculo XV a commendatarios dos viscondes de Villa Nova da Cerveira. Não restam hoje vestigios d'elle, e apenas a tradição refere que a egreja matriz foi a do convento, e que a resi-

dencia parochial fazia parte da fabrica primitiva. Foi antigamente senhor d'esta freguezia D. Nuno Sella, natural de Villa Nova de Muhia, padroeiro tambem de outras egrejas.

Sobre a collina opposta e antes de chegar a Aboim das Choças, avistamos a modesta e antiga freguezia de *SANTA MARIA DE VILLELA,*

Pelourinho dos Arcos — Desenho do natural por João de Almeida

cuja abbadia era da apresentação do convento de Fiães, que o leitor já conhece de Melgaço.

A sua visinha *S. PEDRO DE SÁ* nada offerece de notavel, a não ser a sua industria de grosseira ceramica. Elogia-se, talvez pela boa qualidade do barro, a telha de Sá, trocadilho á parte, subentenda-se.

Vencida uma longa curva da estrada, chegamos a *ABOIM DAS CHOÇAS,* ou melhor, ao seu principal logar de Santo Estevão de Aboim, cuja situação é deveras deliciosa. O nome de *choças* diz a tradição que tem origem em ter sido aqui o acampamento das hostes de Affonso VII de Leão, quando para bater D. Affonso Henriques veiu expressamente com as tropas d'essa provincia, deixando aos condes de Castella o encargo de

combater Garcia de Navarra, que se lhe affigurava na occasião inimigo menos para temer. A isto segue na lenda a batalha da Veiga da Matança, na lenda só, visto que Alexandre Herculano demonstrou na sua *Historia de Portugal,* que não se feriu peleja entre os dois exercitos, e que apenas os barões e cavalleiros de Leão e Portugal se bateram em justa singular, como era uso então, decidindo talvez os revezes dos primeiros do destino das duas nações, pois que a pedido de Affonso VII o arcebispo de Braga interveiu e firmou-se entre os dois primos um tratado de paz, tratado que marcou por assim dizer o primeiro periodo, o mais cathegorico e positivo da nossa independencia.

Em nota especial tratamos este incidente, como promettemos no capitulo de Valença, e justificamos ahi a opinião, que apenas esboçámos então, — de que o proprio torneio não poderia ser na Veiga da Matança, mas n'estes planaltos da Bolhosa, e onde porventura é hoje a *Chã das Pipas,* proximo do castello da *Pena da Rainha,* ou da Fòrna, descripto já por nós no capitulo referido.[1] Se tiveres interesse no assumpto, podes, meu amigo, a proposito das humildes choças de Aboim, lêr Herculano,

[1] A tradição colloca, como dissemos no texto, o torneio entre os homens d'armas portuguezes e castelhanos no campo da Veiga da Matança, emquanto que a nossa opinião é que esse torneio deveria ser no planalto da Bolhosa, proximo da *Fòrna*, ou Castello da Pena da Rainha. A. Herculano referindo este successo ao anno de 1139 ou proximo de 1140, e aqui uma rectificação á data inserta na pag. 14, em que por erro typographico apparece 1129, diz o seguinte:

«Ao longo das correntes do Lima, pela sua margem direita, as montanhas de Penagache na Galliza internam-se em Portugal, e vem formar ao nascente de Arcos de Val de vez os asperos pendores do Soajo sob as altissimas chapadas da Peneda, cujos agrestes habitantes são ainda hoje dos que mais tenazmente conservam as tradições e usanças de antigos tempos. É territorio crespo de serranias e cortado de rios e torrentes. Perto da villa de Arcos, aquellas altas cordilheiras bifurcam-se e achatam-se, deixando para o poente a veiga de Val de vez. Avançando do lado do norte, depois de atravessar o Minho ou, talvez, marchando do nascente pela provincia de Trás-os-montes, o imperador descia das alturas d'aquelles selvaticos desvios dirigindo-se ás margens do Lima. Passada a Portella de Vez, que tira o nome do mesmo ribeiro que o deu á veiga, elle acampara em frente do castello da Penna da Rainha, que era acaso o que posteriormente chamaram Torre de Pennaguda. O conde Radimiro adiantou-se então com algumas forças a talar o territorio inimigo; mas não tardou a topar com o infante que marchava rapidamente ao encontro dos invasores. Travou-se um combate, e o conde, que loucamente se atrevera a afastar-se do grosso do exercito, foi desbaratado e captivo. Com este prospero successo os portuguezes não hesitaram em avançar para Val de vez, e Affonso VII viu coroarem-se de uma selva de lanças as altas e asperas serranias que se prolongavam defronte do seu acampamento.

Assim como as epochas de adiantada civilisação tendem a fazer semelhantes os costumes de povos diversos, assim na infancia das sociedades usanças barbaramente poeticas se repetem frequentemente entre nações divididas por largas distancias de espaço ou de tempo. Os heroes da Iliada preludiavam ao travar as batalhas por combates singulares, com os quaes se excitavam o esforço e o enthusiasmo do commum dos guerreiros. A idade média viu muitas vezes renovarem-se estas scenas da infancia da civilisação grega, e nas raizes do carrancudo Soajo repetiram-se tambem esses duellos homericos. Entre os dous exercitos a veiga do Vez offerecia-se como uma vasta estacada, onde os barões e cavalleiros de Leão e Portugal podiam encontrar-se corpo a corpo, sem a desordem e confusão de uma batalha, e experimentarem qual das duas provincias da Hespanha gerava braços mais robuslos, animos mais féros. Foi um largo torneio em que a

com o que nada perdes, e assistir a uma rectificação, mais humilde ainda do que as pobres choças, com o que pouco poderás ganhar. Se o não tiveres, segue na tua leitura de excursionista e encontrarás acima de Aboim, o Vez, ou melhor, uma das suas origens dirigindo-se para leste, e recebendo n'esse ponto as aguas do ribeiro Rajado, que no logar das Choças da antiga freguezia de *SANTA MARIA DE ALVORA*, é atravessado por uma ponte de cantaria. Esse logar das Choças, segundo Carvalho, pertencia ainda no seu tempo metade á freguezia de Aboim, e metade a esta de Alvora. Fertil bastante, Alvora tem ainda uma pequena fonte de riqueza nas suas boas pedreiras da Mourisca.

Nunca a estrada fez mais zig-zags; a subida é ingreme, o valle vae-se distanciando e tomando cada vez mais largas dimensões, como se os accidentados do terreno se fossem pouco a pouco espalmando n'uma superficie egual, apenas divididos entre si pelas cambiantes da côr, o que os faz parecer cá do alto um extenso taboleiro de mosaico emmoldurado nos angulos das montanhas.

Temos proxima a freguezia de *MEI*, antigamente *Moimenta*. Foi do

victoria coube aos valentes homens de guerra do infante. Fernando Furtado, irmão do imperador, Vermudo Peres, cunhado de Affonso Henriques, o conde Ponce de Cabrera e muitos outros dos mais notaveis fidalgos da corte do imperador, derribados pelas lanças dos portuguezes, ficaram prisioneiros, segundo as leis da cavallaria. A memoria do facto perpetuou-se ahi no nome de *Jogo do Bufurdio* ou *Boforda*, que se pôz ao logar do torneio, o qual, depois, a tradição popular, engrandecendo o successo, segundo é costume, denominou Veiga da Matança, bem que a historia não nos diga que morresse no combate um só dos nobres contendores.»

Agora os fundamentos da nossa opinião.

O campo da Veiga da Matança, attente o leitor no mappa do districto, fica proximamente no angulo que a estrada municipal que vae para Santar fórma com a estrada real n.º 3, que vem da Barca para os Arcos; chama-se ainda ao sitio *os ataudes* ou *cruzeiro do ataude*, o que pareceria justificar a lenda da grande mortandade. Entretanto basta notar a distancia que vae d'ahi ao supposto acampamento de Affonso VII, nas alturas de Aboim, para affastar a idéa de que se ferisse n'esse ponto a celebre batalha, tanto mais que estando os portuguezes «*in loco altiori et aspero*», conforme diz a Chron. Adef., de modo algum se póde considerar que seja esse logar aspero a planicie formosa da Veiga da Matança. Depois, para justificar a minha opinião, ha a accrescentar, que Affonso VII, passada a Portella do Vez, acampou em frente do castello da Pena da Rainha. Este é o nome que ainda hoje se dá ao castello da Fôrna, o que talvez Herculano ignorasse, e não póde por isso admittir-se que fosse esse castello o que chamaram Torre de Pennaguda. Os nomes de *Fôrna* ou Bolhosa podem muito bem trazer a sua origem de *Boforda* ou *Jogo de Bufurdio*, palavra que significava, diz Herculano, o que depois veio a distinguir-se com os nomes de torneio e de justa.

O leitor viu já na descripção d'esse castello da Fôrna, que era esta a opinião de J. A. de Almeida e ahi conheceu tambem a noticia do dr. João Salgado de Araujo, de que no logar da Fôrna se encontraram os exercitos de Affonso Henriques e Affonso VII.

A topographia do terreno parece justificar as curtas descripções das Chronicas dos Godos e de Affonso, e a não ser n'esse planalto da serra da Bolhosa, chamado hoje a Chã das Pipas, proximo por um lado das asperas penedias da *Fôrna*, pelo outro de Aboim das Choças, onde da Portella do Vez, caminho seguido pelo rei de Leão, a tradição refere ter sido o seu acampamento,—não vemos outro logar em que melhor se harmonisem as tradições com a topographia local. E basta de poeira sacudida das chronicas por sobre a benevolencia do leitor.

bispo de Tuy, e D. Diniz a houve por troca, passando depois a padroado dos viscondes de Villa Nova de Cerveira.

Acima de Mei fica a parochia de *EIRAS*, em cujo sitio de *Villar* diz a tradição ter existido um castello de *Mouros*, e onde se observam ainda vestigios de fortificação.

Na mesma direcção da estrada fica a parochia de *PADROSO*, e depois, duas freguezias apenas encontramos durante o percurso que nos resta da serra do Extremo, pela estrada real que vamos seguindo.

Sobre a direita está a *PORTELLA*, hoje constituida pela annexação das duas parochias antigas de Santo André da Portella e Nossa Senhora da Portella, ou da Visage, assim chamada pela sua situação no alto da serra, dominando o grandioso panorama que breve descreveremos. Proximo da egreja parochial, no sitio do Crasto, encontram-se vestigios de fortificação antiga, e nos dois montes que formam a Portella do Vez construiram-se tambem reductos defensivos durante as nossas guerras com a Hespanha. Existe perto uma nascente de agua frigidissima.

Sobre a esquerda fica-nos o *EXTREMO*, limite do concelho com o de Monsão, onde temos de tomar pelos velhos caminhos da serra para visitar Sistello, Cabreiro e Loureda, que ficam situadas sobre as nascentes do Vez, a oeste e nos contrafortes silvestres das serranias da Peneda.

Mas, antes, cedamos a palavra ao primoroso paysagista que no capitulo e livro já citados descreve pela fórma seguinte, tão profundamente verdadeira como intimamente sentida, a belleza rara d'essa natureza exhuberante e casta.

«Á proporção que subimos, cresce em nós a alvoroçada curiosidade. Desenvolvem-se transformações novas, como n'um theatro se vão succedendo gradualmente as scenas para a surpreza final. Duas grandes fitas serpeiam pelo terreno: uma, branca, o rio Vez, sentindo-se-lhe as quedas de agua; a outra, amarella sobre o terreno escuro, é a estrada que vamos deixando em todas aquellas curvas.

—É aqui? pergunto ao cocheiro, rompendo o silencio em que vamos todos.

—Ainda não, senhor, respondeu elle.

E quanto mais subimos, mais se dilata ainda aquella preciosidade, mais contornos traça, phantasias mais caprichosas desenvolve.

E a subirmos sempre no mesmo passo vagaroso e solemne.

—É agora? pergunto de novo.

—Ainda não é.

Embebido n'aquella formosura, não imaginando como ainda podia ser maior, perguntava de momento a momento:

—Ainda não é aqui?

—Ainda não.

E sempre a subirmos.

De repente uma d'estas exclamações subitas, que são a verdade adivinhada pela alma, não já como pergunta, mas como certeza, sae-me instantanea dos labios:

—É aqui.

Era ali.

A carruagem pára.

Estamos finalmente no alto da serra do Extremo. Apeamo-nos no pinaculo. Nos limites fronteiros serras altas, um cortinado cinzento separando-nos do mundo; no grande espaço, lá em baixo, o Eden.

Leitor, que nunca vieste ao alto da serra do Extremo, ouve a originalidade d'esta vista, unica em todo o Minho. Não esperes que te descreva as casas de neve espreitando d'entre a verdura, nem a povoação dando vida áquella natureza, nem as aves cantando em córos divinos nos seus palacios de arvoredos, nem os sinos quebrando docemente a mudez dos campos, nem o balar dos rebanhos acordando nas almas a melancholia da saudade. Em toda essa extensão não se ouvem sinos, rebanhos, trinar de aves, nem se vê uma creatura humana. Poetas, quebrae as lyras, se precisaes d'esses elementos para cantar os campos do Extremo.

Mas então o que ha?

Só a natureza, como no momento de a fecundar o sol, ao mando do Creador.

Em redor de nós as penedias nuas, adornadas da sua mesma aspereza, e esta mudez e esta aspereza tornando assim mais solemne a vista que se desfructa. Em baixo planicies, nas planicies taboleiros de esmeralda. Dos dois grandes lados vão subindo thronos de arvoredo, thronos de degraus sem conta. Pelo meio de toda aquella extensão, quadros parciaes. No centro de uma planicie esverdinhadamente amarella, um arvoredo escuro tão compacto que o diriamos uma ilha. Bosques, searas. Mais ao longe, dois montes deixam vêr para além d'elles um accidentado de verdes claros, por tal fórma, que parece uma cidade phantastica nos recortados da casaria. O sol na força do esplendor abrilhantando tudo aquillo.

Maravilhado áquelle espectaculo, o espirito embebe-se a um tempo em impressões grandiosas, encantadoras e melancholicas. Toma-o principalmente a surpreza da novidade. Não é a *cruz alta* defrontando com a magestade de sete bispados, nem o Bom Jesus onde parece que a vida está saltando de contente. D'este pinaculo do Extremo, como de uma tribuna onde nos achamos extasiados, não se ouve uma voz, não se vê uma

creatura. É, no silencio da solidão, a natureza a contemplar-se a si mesma.» Bello!

Depois d'esta impressão tão docemente agradavel, em que o teu espirito bebeu a largos haustos a agua limpida do Ideal, a teus labios offerecida na taça diamantina da emoção naturalista, que traçou esta pagina, eu deveria fechar o capitulo silenciosamente e eclipsar-me nas sombras d'essa luz, que tantas vezes senti illuminar o meu pobre cerebro deslumbrado.

Sistello, desenho de João de Almeida, segundo um quadro da ex.^{ma} sr.^{a} D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque

Mas eu tenho de tomar o bordão nodoso de romeiro e seguir, seguir ávante, até que a ultima nota das impressões sentidas vibre na ultima pagina que tem de fechar o capitulo. E depois succede com as paysagens, como com as mulheres formosas; o deslumbramento em que uma nos deixou, é offuscado pela belleza da que vem; chega-se a desejar uma que seja bem feia e bem humilde, sobre cujo seio amigo a nossa cabeça escandecida repouse.

Mas terás d'isto, eu t'o prometto, quando a vegetação deixe de colorir os risos da campina e quando a penedia aspera e isolada te chegue a produzir a nostalgia das paysagens claras.

Facil até me seria agora proporcionar-te esse prazer; vae atravessando a estrada um rancho de romeiros em direcção á Peneda, e bastava com elles seguir pelos asperos declives da montanha, que a natureza rude te daria ahi a nota de contraste com a vegetação luxuriante que tens visto tapetar os valles e que não rareia ainda na freguezia de *SISTELLO*, embora o não atteste a gravura, que representa a sua egreja parochial, situada

sobre um alcantil de rochedos, que desce até ás aguas do Vez. Esse desenho é copiado por João de Almeida de um bello quadro a oleo da ex.^ma^ sr.^a^ D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque, que por esta fórma veiu gentilmente honrar as paginas d'este livro, transmittindo ás paysagens do seu Vez a nota encantadora da sua graciosa paleta de artista.

Como, porém, esses romeiros vão interromper na Estrica a sua jornada, e só depois de recuperadas ahi as forças, tomam definitivamente o caminho do afamado santuario, eu interrompo tambem as notas descriptivas da paysagem, para te fazer conhecer o coração de Sistello, um coração por signal que a generosa bizarria do Visconde de Rio Vez, d'aqui natural, fez pulsar com o ouro abençoado da sua fortuna. Como devem ser de jubilo as emoções do homem, que se elevou pelo trabalho, ao sentir que esse trabalho pòde facultar-lhe os meios de engrandecer a civilisação da sua terra, abrindo á ignorancia uma vereda luminosa! Ahi está a velha matriz remoçada, o cemiterio em boas condições de hygiene, a escola, como um pharol de luz suavissima, illuminando as pequeninas almas das creanças. Não tem Sistello mais que este padrão da sua felicidade; mas quantas desejariam egual e como este paiz seria regenerado milagrosamente, se houvesse, pelo menos, para cada parochia, um Visconde de Rio Vez.

Outr'ora foi Sistello vigararia annexa de *S. SALVADOR DE CABREIRO,* a proxima freguezia que vês acantonada nas crespas elevações da montanha, batida por um ar purissimo, e fertilisada pelo rio do seu nome — Cabreiro — gosando perfeitamente a fama de terra salubre, como attestam os seus vigorosos habitantes, que não raro ultrapassam os limites d'uma senilidade octogenaria.

Vae longe a noite da barbaria e entretanto a tradição ainda chega até nós, como o fio tenue d'um ribeiro que se tresmalhou pelas quebradas da serra.

Ouço distinctamente a sua voz e um queixume brando de resignação e agonia parece evolar-se d'ali, d'aquelle poço de Portocales, que muge ao fundo da enorme *lage escorregadiça,* sitio onde as aguas cahidas do Outeiro Maior são atravessadas por uma tão singela como antiga ponte.

Ouço distinctamente esse gemido, a dôr afflictiva d'uma vida que se esvae, embora resignada, embora voluntaria.

Approximo-me da margem e recuo de horror.

O corpo d'um pobre velho mergulha ensanguentado nas aguas sinistras do abysmo.

— Seria um suicidio?

— Não.

Tranquillamente, no alto, um homem impassivel como a estatua da indifferença, espera a ultima vibração d'essa agonia curta.

—É então o assassino?

—É o parricida, é o filho.

O filho, immaculado como a tunica da Lei, tranquillo e sem remorsos, consciente de haver cumprido um dever sagrado, imposto pelo codigo da tribu, pelo costume barbaro, pela necessidade feroz, que ordena o sacrificio de todo o velho inutil.

Madrugada ainda, dois homens caminham pelas veredas sombrias da montanha.

Um é vigoroso e forte, o sangue cantabrico nas veias; adivinham-se por baixo dos seus vestidos de pelles os musculos valentes como aço, o peito largo, o braço possante do guerreiro.

Caminha entretanto devagar.

Uma oscillação do seu espirito?

Quem o sabe!

Talvez que para não fatigar o companheiro, um pobre velho alquebrado de forças, octogenario tremulo, cego quasi na noite da sua existencia.

Adivinhava-se que eram pae e filho.

O novo, mais fatigado talvez da condescendencia que da marcha que trazia, tomou então ás costas o ancião.

D'esta vez caminhava seguro, apressadamente, o passo firme e cheio. Foi assim durante algum tempo.

—É longa ainda a jornada, meu filho?

—Para perto,—respondeu bruscamente.

Um sorriso de melancholia indizivel passou então nos labios tremulos do velho e a sua voz, como um gemido antecipado, murmurou clara:

—Bem sei, meu filho, levas-me aonde eu levei teu avô e onde teu filho te ha de trazer um dia.

Estas palavras foram como a revelação da brutalidade da lei, como o alvor d'uma aurora que havia de chegar um dia.

O filho não commetteu o parricidio—diz a lenda—e o costume barbaro cessou desde esse momento.

Esse momento, sabes tu, chama-se a *Civilisação*.

Abençoado sol.

Foi pensando n'esta formosa lenda, que avistámos, ao subir um dos outeiros que lhe servem de moldura, o pequeno valle de *S. MIGUEL DE LOUREDA*, a ultima freguezia que nos restava visitar n'esta excursão. É modesta a sua vida actual, assim como a sua vida historica; ape-

nas os escriptores da especialidade mencionam uma casa nobre, que ha annos se conserva na familia dos Caldas.

*
* *

Estamos na villa.

O carro que nos conduz, atravessa a ponte sobre o Vez, ha pouco reconstruida e pára na hospedaria nova, mesmo na embocadura sul da ponte, em frente do cruzeiro do Senhor dos Milagres. São dez horas da noite e sentimo-nos com fome.

—O peior é que não ha que ceiar! diz-nos sinceramente o hospedeiro.

—Nem ovos?

—Nem ovos!

—Pão e vinho?

—Isso ha.

—Um frango ao menos...

—Talvez ainda se possa arranjar, mas a esta hora... é difficil, muito difficil mesmo.

—Então n'uma villa como os Arcos!... exclamamos surprehendidos.

—É que as lojas estão já fechadas, frangos só vem aos mercados, é preciso ir bater á porta de quem os tem e tudo isso, comprehendem bem, demora muito.

N'este momento levantavam-se da meza redonda uns passageiros vulgares, contractadores de feira, morgados de aldeia.

—Mas então aquelles—e apontámos para os restos da comida—aquelles comeram e comeram peixe—observámos triumphantemente.

—Sim, comeram, mas é que tinham encommendado a ceia... pela manhã.

Estavamos vencidos; havia que succumbir perante rasões tão fortes, porque não era decididamente possivel encommendar a ceia urgente para as horas do jantar do dia immediato.

—Arranje o frango então.

—Vae-se vêr.

D'ali a pouco trouxe uma esperança.

—Talvez se possa, mas só d'aqui para uma hora.

—Seja.

—Que hão de querer mais?

—Dormir, é claro.

—Sim, mas é que...

—Diga lá.

—É que só tenho um quarto e os senhores são dois.

—Dormiremos no mesmo quarto.

—O peior não é isso—observou timidamente.

—Ainda ha peior?

—É que só tenho uma cama disponivel, por signal que é a cama que deixou hontem o sr. Guerra Junqueiro, o poeta do *D. João*.

Estremecemos pela poesia realista.

—Pois você lê o *D. João?*

—Sim, senhor, e varias coisas mais; o sr. Junqueiro—explicou—pernoita sempre aqui todas as vezes que vem aos Arcos fazer compras.

—Fazer compras?...

—Compras de objectos antigos; tudo o que fôr velharia acarreta com ella para Vianna; ainda d'esta vez comprou ahi n'uma aldeia um prato por uma libra; a mulhersita, quando viu a libra, queria por força que elle lhe levasse toda a outra loiça que tinha em casa.

Esta nota da vida do poeta interessava-nos sobremodo, mas o problema do leito ainda não fôra resolvido e era urgente resolvel-o ás 10 horas da noite.

—Então a cama do poeta e nada mais!

—Só essa!

—E não tem por ahi um colchão?

—Isso ha.

—Bem, arranje então uma cama no chão. Ficamos n'isso.

Curto silencio da nossa parte.

—Olhe lá, como havemos de arranjar cavallos para irmos para a Peneda ámanhã?

—Isso agora!... respondeu com uma lentidão pachorrenta—não é possivel.

—Pois ha de ser, e ha de ser por força; nos Arcos ha com certeza um alquilador que alugue dois rocinantes estropiados.

—Alquiladores ha, mas cavallos é que... me parece que hoje só ha um,—e poz-se a contar os que tinha cada alquilagem e o destino que tinham levado n'esse dia. Nenhum lhe vae lá; só ha um disponivel, com certeza. Os senhores sabem lá onde fica a Peneda!... isso é um caminho de serras... quando querem voltar?

—Ámanhã mesmo.

—Bem o digo eu; não sabem no que se vão metter! Além de que seria impossivel ir e voltar, nenhum alquilador lhe alugaria as bestas para esse serviço; é um caminho de cabras.

—Vamos sempre ao alquilador, emquanto se prepara a ceia.

—Como os senhores quizerem, mas duvido muito—dizia abanando a cabeça... isso quer-se com vagar, as coisas prevenidas... Levam de comer?

—Ora essa, comemos lá.

—Lá aonde?

—Pois não é o dia da romaria ámanhã?

—O dia da romaria! Lá a romaria é todo o mez, mas a grande é de 5 a 8 de setembro, e n'estes dias agora por sorte encontrarão quem lhes arranje de comer. Na festa sim, até nós lá vamos pôr hospedaria.

—Bem, previna então que nos mandem comprar e arranjar gallinhas para levarmos, pão, queijo e biscoutos. E vamos lá ao alquilador.

Atravessámos a Ponte. A noite desdobrava-se serena por sobre o Vez, formosa, uma noite de agosto. Mas nós queriamos burros, não queriamos scenario lyrico, e mal reparámos por isso na belleza da paysagem nocturna.

O alquilador foi d'uma inteireza de rocha. Inabalavel. Tinha um só cavallo disponivel e esse fizera na vespera uma jornada longa.

—Não, não podia ser, era matar o animal.

Eram onze horas já. Encolhemos os hombros perante aquella obstinação e resolvemos ir ceiar, formar um plano de viagem, tomar uma resolução qualquer.

O hospedeiro, entretanto,—creio que ainda o não apresentei ao leitor, com o seu nome de José Maria e a sua mocidade de vinte e cinco annos,—conferenciava baixo com o homem dos animaes.

—Só se fôr o Felix—disse depois voltando-se para nós.

—Mas quem é o Felix?

—Um almocreve que vem da serra; deve estar hoje ahi e talvez sem carga. Homem de confiança.

—Vamos então fallar ao Felix.

Era já uma esperança, embora não fosse uma consolação.

E fomos procurar o Felix, que... andava ainda por casa dos freguezes e que tivemos por isso de esperar, ou melhor, que fomos procurando de pousada em pousada, até que finalmente conseguimos fallar-lhe. Foi esse o nosso primeiro passeio atravez as ruas da villa, e com as informações que n'esse momento colhemos e com as outras que nos deram um pouco mais detidamente, depois que regressámos da Peneda, traçámos, reunindo-as ás impressões proprias e dos livros alheios, esta parte do capitulo que trata propriamente da villa.

O Felix fica para logo.

Da situação da villa e sua antiguidade de origem dissemos no prin-

cipio do capitulo o bastante para elucidação do leitor, que não seja um erudito exigente. O que o fôr, póde interrogar as poeirentas chronicas e d'ellas investigar se a *Arcobrica* dos Romanos foi a *Arcobriga* fundada pelos Gallo-celtas, 350 annos antes de Christo, segundo antiquarios credulos; d'onde veiu á villa o nome actual, confrontando os documentos anteriores e posteriores a D. Affonso Henriques e D. Manuel; e como e quando se transformou *Valle de Vice* em *Valle de Vez*.

Este nome é que, apezar de muito antigo já, tem um cunho de positividade historica e como tal o acceitamos. O leitor encontra-o, além de outros documentos na *Chronica dos Godos,* que serviu de material a Alexandre Herculano para a reconstituição da nossa historia durante a vida de D. Affonso Henriques.

Dividia-se antigamente a villa em dois partidos: um a O. do rio, tendo o seu foral no Carvalho de Penellas; outro que principiava na ponte d'Aspa, cortando a Portella do Vez pelo Nascente e com foral no logar das Choças.

Foi antigamente a villa do Infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e D. Ignez de Castro, e é cabeça de condado desde o tempo de Filippe III, que fez primeiro conde dos Arcos D. Lourenço de Brito e Lima, cuja descendencia por linha masculina se extinguiu em seu filho. O terceiro conde, por casamento com D. Magdalena de Bourbon, filha do segundo conde, foi D. Thomaz de Noronha, de quem procedem os actuaes condes.

Os monumentos historicos a visitar na villa são os arcos, que alguns querem que fossem a origem do nome da povoação e que chegam a attribuir a Affonso Henriques; o bello Pelourinho, estylo do seculo XVI, hoje collocado em frente do rio, proximo das poldras da Valeta, o qual damos em gravura, e os seus templos antigos, sendo os que merecem mais attenção a Matriz, a Misericordia e a egreja do Espirito Santo, em qualquer dos quaes se encontra magnifica obra de talha nos altares.

A matriz foi fundada em 1372 pelo abbade de Sabadim, e reedificada pelos annos de 1690 a 1700 á custa dos direitos do sal, por mercê de D. Pedro II.

Entre as alfaias do culto póde o visitante admirar a preciosa custodia e o vaso do sacrario, dois explendidos trabalhos da ourivesaria antiga.

A Misericordia e hospital annexo foram fundados em 1595, mas, tendo abatido a frente da egreja em 1710, foi então reconstruido o templo segundo o plano actual. Sobre a porta principal está collocada em um nicho a imagem denominada de *Nossa Senhora da Porta,* a que o povo da villa e das aldeias consagra fervente devoção.

Fallámos do hospital, mas pronunciando esta palavra não podemos

esquecer o novo e espaçoso edificio, que se está construindo ao sahir da villa, na margem da estrada para Vianna; é realmente um monumento erguido á philantropia, e que muito honra os arcoenses.

Na villa existiu tambem um pequeno convento de frades capuchos da provincia de Santo Antonio, dedicado a S. Bento e construido em 1678.

Visitados os edificios dos Arcos, o aspecto interior da villa nenhuma curiosidade nos offerece; ruas mais ou menos estreitas, que vão dar fatalmente aos tres largos *Municipal* ou *Terreiro,* onde se faz todos os dias um pequeno mercado; do *Espirito Santo,* entre a matriz e a egreja assim denominada; e do *Estraladario* ou *Trasladario,* talvez corrupção provavel de *Traz-do-adro*, hoje um espaçoso campo onde se faz a feira do gado e que seria um delicioso passeio publico, se para isso o apropriassem, em virtude da sua bella situação sobre o rio e proximidade da ponte. J. A. de Almeida explica da seguinte fórma a actual denominação d'este largo: «Affonso Henriques mandou em seguida fazer suffragios pelos que morreram na batalha da Veiga da Matança, não lhe esquecendo mandar chamar as *carpideiras,* que eram umas mulheres que se alugavam para prantear os mortos, costume praticado em toda a Hespanha, a cujas lastimosas palavras chamavam os antigos *Ladeiro,* e d'aqui vem chamarem ao cemiterio e sua circumferencia *Trasladario,* isto é, *Traz-do-adro.*» O que nos parece provavel é que Ladeiro venha de *Ludendum,* designação latina para exprimir o campo onde se faziam os jogos populares, e tanto parece ter-se perpetuado a tradição, que não ha muito ainda se effectuava aqui uma grande feira que durava oito dias e tinha os mesmos privilegios da de Aveiro.

D'entre os largos ou praças que enumeramos, a do Espirito Santo é sem duvida a que mais captiva o visitante pelo esplendido panorama que d'ahi se desfructa.

Um verdadeiro encanto!

Fallam na Suissa tantas vezes aquelles mesmos que nunca lá se viram, que eu chegaria a invejar aos que lá foram a fortuna das suas admirações enthusiastas, se não tivera aqui tanto á mão telas tão ridentes e formosas, como esta que se estende para diante do largo do Espirito Santo.

Um enlevo!

Entre nós e a collina fronteira a vegetação tem as pompas luxuriantes dos tropicos, sem a sua selvatiqueza, é claro, mas abraçando, emmoldurando, beijando os palacetes alegres, as casas de campo branqueadas pela cal, os eremiterios elegantemente situados de Villa Fonche e Parada.

Junto do muro do adro o jardimsito e kiosque da Valleta; em baixo as poldras sobre o rio; o valle em seguida, como que recortado em pequenos quadros pelas uveiras de enforcado; e á direita as serras, trepadas

ARCOS DE VALLE DE VEZ — *Vista geral*

umas sobre as outras, até attingirem a cupula azulada, onde parecem collar-se os pincaros do *Outeiro-maior,* o grandioso altar do Minho.

Venham vêr e digam depois da Suissa, meus senhores!

Como é deliciosa a pequena parochia de *VILLA FONCHE,* a *Guilhapouse* que foi em tempo a primitiva matriz dos Arcos, e como *PARADA* se engrinalda de frouxeis de verdura, para se tornar adoravel, *coquette,* pois que é feminina, diante de *RIO FRIO,* um nome masculo, que recorda o do commendador de Rio Frio, Rodrigo Alves de Araujo, sepultado, segundo se diz, na egreja da freguezia. Esta povoação é anterior á existencia da monarchia, e não faltam por isso as lendas dos mouros no logar, especialmente na penha do castello e gruta ou *lapa da moura,* onde a imaginação popular enterra os encantados thesouros.

No logar do Enxerto houve antigamente uma torre, solar de uma familia hoje extincta. Em 1679 era seu possuidor Balthazar de Araujo, que a vendeu ao dr. Pedro Gomes Dantas, o qual mandou edificar, com a pedra que d'ahi tirou, as casas chamadas do Hospital.

Foi um incidente esta noticia na descripção da paysagem, mas talvez a maneira mais facil de apresentar ao leitor as tres risonhas aldeias. E, pois que está visto o panorama formoso do Espirito Santo, sigamos o curso dos nossos apontamentos sobre a villa. Pouco ha tambem que dizer mais, visto que não fazemos historia e não podemos por isso ir folhear todas as suas paginas gloriosas. Entre estas, porém, achamos um nome que é de per si só a honra d'um paiz, e que mais justificadamente o tem de ser da terra que lhe foi berço.

Chamou-se em vida Bernardino Antonio Gomes. O famoso medico portuguez, um dos luminares da sciencia europea no seu tempo, tem na historia medica do seu paiz um nome venerando. Os arcoenses devem honrar essa gloria nacional, porque se nobilitam a si proprios, fazendo-o.

Uma outra gloria dos Arcos, segundo a opinião mais seguida, é João Gonçalves Zarco, o descobridor da Madeira. Segundo a opinião mais seguida, dissemos, e isto porque Lisboa e Thomar disputam para si a honra de terem como filho o navegador illustre.

As chronicas dos Arcos memoram ainda umas tres torres solares, de que hoje não restam vestigios a não ser talvez da chamada de Penaguda, sobre a qual A. Herculano assenta a hypothese de ter sido *acaso* o castello da Pena da Rainha. O leitor, se leu a nota respectiva, sabe já que discordamos do grande historiador.

O brazão de armas dos Arcos é como a gravura final o representa: —Escudo das armas reaes entre a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, divisas de el-rei D. Manuel.

Restam-nos umas pequenas elucidações sobre a villa actual.

Constituida pelas duas freguezias de S. Salvador e S. Paio, a primeira com séde na matriz, a segunda na egreja de S. Paio, do lado sul da ponte, a sua população é hoje de 2:528 almas, computadas pela fórma que o leitor verá no mappa respectivo, e distribuidas pelos logares que se enumeram ahi. Não fazemos a historia d'estas pequenas agrupações de

Villa Fonche, desenho de João de Almeida, segundo um quadro da ex.ma sr.a D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque

fogos, mas não podemos esquecer tambem a tradição que se refere a um d'esses, o de Morilhões, nome que explicam como derivado de *mouros longe*, phrase que o rei Bermudo II pronunciára alegremente, quando vira a campina do Vez varrida e limpa dos arabes.

Com jubilo egual ao do rei godo bateria eu as palmas de contente, se pudera na occasião em que não tinha mouros a desbaratar, mas serranias a transpor, dizer ao meu companheiro de excursões:

—Sou mais feliz que o tal Bermudo; os burros para irmos á Peneda não estão longe, como os mouros.

Mas não. Tudo parecia querer conspirar contra nós n'aquella noite malfadada em que tantas vezes percorrêmos as ruas silenciosas dos Arcos e ouvimos discutir no botequim da Valeta a politica da terra, á luz duvidosa d'um petroleo impuro.

O Felix apparece agora. Era um mytho ainda ha pouco, e n'este instante é quasi um mysterio, quando nos surge da tavolagem escura, onde repousava entre os companheiros sertanejos, esperando a madrugada para se pôr a caminho.

Exige meia libra por cada rocinante, despezas fóra, confiança implicita. Poucas palavras. A impressão primeira d'um salteador romantico. Má cara.

Acceitamos. Iria elle mesmo chamar-nos de manhã ao hotel.

E para este fomos nós entretanto, moidos, esfomeados, mas contentes pela certeza que levavamos de não interromper a excursão.

A ceia demorou ainda apezar de todo o intervallo em que andáramos por fóra; chegámos mesmo a demonstrar um ao outro, que havia chronologicamente decorrido o tempo para que uma gallinha chocasse o ovo, e do ovo sahisse o pintainho, e do pintainho sahisse o frango, e do frango a nossa modesta ceia!

Dormimos afinal. Um em leito sobre o chão, o outro na cama do poeta, que não podia dizer-se uma cama de rosas.

Madrugada!... qual madrugada!... Eram já umas boas seis horas da manhã, quando o Felix nos fazia trepar para os albardões dos seus machos e que atravessavamos a ponte, bifurcados, Deus sabe como, sobre aquellas pesadas machinas de colmo, que um patife d'um albardeiro tivera a ousadia rhetorica de baptisar com o nome de albardões, e que o Felix punha sem piedade sobre a lombada dos pobres animaes.

Mas ainda não eramos chegados ás poldras da Valeta e já o meu companheiro de excursões João de Almeida protestava pelo bambolear incommodo das suas pernas cidadãs, e reclamava a toda a força dos seus pulmões:

—Estribos e sellim sobre a alimaria.

Uma hora quasi perdida, em que o Felix principiou a desenvolver a sua actividade de arreeiro, conseguindo finalmente indireitar o albardão sobre o lombo do animal e dispôr uns estribos por fórma, que alguns passos andados Almeida começou de novo a reclamar; mas, d'esta vez, com protesto meu, escarranchado durante todo esse tempo sobre o albardão infame, alvo da curiosidade publica, que principiava a rodear-me e a interrogar sobre a homerica jornada aos logares santos. O Felix reforçou o meu protesto, dizendo que não havia outros estribos, nem quem por ali os emprestasse, e Almeida teve de resignar-se então, deixando, como eu, bambolear as pernas á mercê do chouto, certo pelo menos de que nunca attingiriam o ventre do animal, do qual estavam distanciadas um metro para cada lado.

Foi n'esta situação que atravessámos o Vez por sobre as poldras da Valeta e que nos internámos nos velhos caminhos da aldeia para seguirmos viagem até á Peneda.

A vegetação, abundantissima antes de principiar a serra, prepara-nos surprezas a cada instante, e abriga-nos dos raios solares, que principiavam já a tornar-se incommodos áquella hora da manhã. Uma caricia fresca de sombras avelludadas desce até envolver-nos suavemente, quando passamos sob as ramarias tufadas dos soutos de Requeijo, logar humilde da freguezia de *GIELLA*, e onde vinham antigamente os vereadores dos Arcos, na volta de Azere, *fazer corridas de cavallos* (na phrase pittoresca de Carvalho) e lhes era servido depois um bello refresco de doces.

Nós somos menos felizes que os camaristas antigos; apenas as arvores amigas nos servem o fresco das suas sombras, o que já não é pouco.

A gravurasinha que figura em pag. 321, desenhada sobre um quadro da nossa gentil collaboradora a ex.^{ma} sr.ª D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque, dá idéa das ruinas do Paço de Giella ou Gella, e da quinta e matta annexas. Consta que os paços foram obra de um D. Abbade de Sabadim; e dos seus possuidores antigos falla já o infante D. Pedro. O senhorio da torre veiu depois a ser da corôa, dando-o D. João I a Fernão Annes de Lima, com metade do senhorio dos Arcos e outras terras, por havel-o auxiliado na conquista de Tuy.

Os Britos dos Arcos tinham, não ha muito ainda, um praso em Giella, pelo qual a egreja pagava 60 alqueires de pão terçado, pela *medida reguenga*.

Deixando o largosito com tres cruzes, onde fica o logar de Giella, atravessamos um pinheiral, por entre os barrancos do caminho, e vemos além, sobre a esquerda, dominando uma pequena encosta cultivada, a torre da freguezia de *AZERE*, terra onde existiu um antigo convento de benedictinos sob a invocação de S. Cosme e Damião, hoje ainda oragos da freguezia; existia já em 568. A rainha D. Thereza coutou as terras de Azere ao bispo de Tuy em 1125; e n'essa doação determinou que ninguem tivesse vassallos nem possessões no couto de Azere sem auctorisação do bispo. Este contrahia, porém, a obrigação de vir todos os annos a Azere ministrar ordens e chrisma, e cantar na capella de S. Miguel da Veiga uma missa pela sua alma e dos reis seus successores. Além d'estes serviços piedosos, D. Thereza poz mais na egreja um capellão com obrigação de cantar missa por sua intenção e dos seus descendentes, todos os dias.

O leitor comprehende, que os bispos não teriam alojamento melhor que no mosteiro, e por isso tambem se determinou que os D. Abbades fossem obrigados a dar-lhes de jantar. Parece, porém, que SS. Em.as tuden-

ses ou não cumpriam muito á risca os preceitos de D. Thereza, deixando de visitar Azere, ou se o faziam guardavam um tão austero jejum, que em 1329 o D. Abbade Payo confessava *dever 102 jantares ao bispo.*

Opto pelo jejum, está bem de vêr! Nem se concebe que os bispos deixassem de cumprir as ordenações de D. Thereza, n'aquelles tempos revoltos, em que elles eram os que dirigiam os reis... Verdade, verdade, que esses jantares foram depois reduzidos a uma renda fixa... Mas, que a duvida não mostre a sua garra; antes o jejum.

Um pouco acima do logar onde hoje se vê a egreja, havia antigamente dois templos, um para os monges, o outro para os parochianos. Esta duplicidade é ainda uma prova da extincta nobreza de Azere. Uma outra é a seguinte, a que já nos referimos em Requeijo e que o padre Carvalho assim descreve: «Á ermida de S. Miguel d'esta freguezia vinha a camara da Sé dos Arcos, no terceiro domingo de julho (Anjo Custodio do Reino) acompanhando o mordomo, sempre mancebo nobre e solteiro; ouviam missa, e depois iam fazer corridas de cavallos a Requeijo, onde lhes apresentavam refresco de doces; voltavam depois para a villa, onde corriam canas e escaramuça dobrada, com grande perfeição, no terreiro.»

Fronteira de Azere, alveja além, na serra, entre pinhaes, o campanario do *COUTO*. Era no logar da Porta o foral das suas justiças, e estava por isso ahi o seu Pelourinho; a freguezia teve mesmo por muito tempo o nome de *Couto da Porta*. O seu primitivo nome foi, porém, o de Gandara.

O caminho não muda por emquanto de feição; vamos sempre subindo por azinhagas tortuosas, ordinariamente veladas pelas sombras dos carvalhos, das uveiras ou dos pinheiros bravios. Por um instante penetramos debaixo d'uma parreira bem tratada, que o Felix nos informa solicitamente pertencer ao sr. Diogo.

Aposto que tu, leitor, não sabes quem é o Diogo?

—Tambem eu não sei, mas nem por isso deixei de utilisar, como todos os viandantes, a sombra da sua formosa *latada,* um contraste de bom cultivo com a miseria em que a vinha é por aquelles sitios preparada. O Diogo deve ser, pois, ou um negociante retirado do commercio, ou um *brazileiro* ainda com amor pelo torrão patrio. As exterioridades não enganam; ficas, pois, conhecendo o Diogo, leitor amigo. E assim vamos subindo, subindo sempre, até ao marco, onde Azere vem trazer os seus limites e onde começa a parochia de *GRADE,* para cuja egreja o caminho nos vae encarreirando. No seu logar da Torre, existe a chamada torre de Pharo, edificada pelos *mouros,* segundo a tradição. Uns taes Gares, familia hoje extincta, foram os senhores d'este solar.

É provavel que d'elles venha o nome á freguezia, embora a tradição

o faça derivar de ser d'aqui natural o constructor d'umas *grades*, que os portuguezes teriam levantado contra os leonezes na phantastica batalha da Veiga da Matança.

Como o leitor sabe já o valor da tradição, não insistiremos em tal assumpto.

Ainda os mouros da lenda. No monte do *Castello*, dizem os chorographistas nacionaes, existe uma estrada coberta que vae communicar com o rio. Póde ser que seja assim; perguntámos, porém, á gente de Grade por essa estrada e ninguem nos soube dar informação a seu respeito.

Ao chegar á aldeia a paysagem vae diminuindo de belleza; a vegetação falta, o horisonte estreita; de onde a onde o dorso da montanha apresenta claros espaçosos, nodoas estereis de barro esbranquiçado e estevas rastejantes.

Passamos a egreja e entramos em seguida em plena serra.

Já é largo e dilatado o horisonte; a linha visual estende-se cada vez mais. As encostas principiam a nivelar com as planicies na optica illusão da nossa retina.

Casotas para o gado

No caminho chamam-nos a attenção umas cubatas subterraneas, e umas casotas de pedra solta, das quaes o leitor vê na gravura respectiva um exemplar, e que de espaço a espaço se encontram pela montanha.

Recorremos ao Felix para que nos elucide.

—São as côrtes para o gado —responde seccamente.

—Para o gado!

—Sim, senhor, recolhem-se por aqui os rebanhos quando voltam do pasto, ou que ha prenuncios de tempestade, ou visinhança de lobo.

—Mas isto póde desabar de um instante para outro.

—Ás vezes... assim acontece.

Vamos subindo, subindo sempre. Á esquerda, na serra, apparece-nos a escura e humilde *CARRALCOVA*, que era, como a sua visinha Grade, apresentação do thesoureiro da collegiada de Valença; e no caminho que vamos seguindo surge diante de nós, assombreado por umas oliveiras annosas e dominando pequenos socalcos de milharaes, o humilde eremiterio de *CABANA MAIOR*, cujo principal logar de Bouças Donas além destaca nas abas da serrania com as suas casinholas ennegrecidas. O seu

nome provém das *donas* que ahi acompanharam, segundo a tradição, a infanta D. Urraca, filha de um rei de Leão, fundadora, no alto do monte, de um convento hoje ruinas. Atravessamos a Portella e Bofeme, onde paramos um instante, porque, apezar de termos alentado o estomago com alguns biscoitos mastigados de longe a longe, iamos sentindo necessidade de alimento e pensámos por isso em procurar leite, que nos servisse de almoço.

Mas em Portella, onde havia tudo n'um estabelecimento de... capella, tenda, confecções e vinho verde, negou-nos a Providencia o leite

Paço de Giella,
desenho de João de Almeida, segundo um quadro da ex.ma sr.a
D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque

puro das vaccas, embora nos fornecesse o assucar *mascavo,* com que podessemos adoçal-o no primeiro momento.

Eu não quero aqui contar uma historia sobre esse precioso assucar, de que fizemos acquisição para tres dias e que o Felix armazenou no seu enorme bolso da jaqueta. Indiscreto seria, se te viesse narrar a ingenuidade com que Almeida, um *viveur* de Lisboa, perguntava á viuva do Joaquim se não havia melhor, depois que nós tinhamos pedido do superior.

Um escandalo quasi...

—Que o trouxesse, não lhe faltava a ella mais nada do que ter ali assucar do refinado para o fidalguinho que vinha lá, nem sabe o demo d'onde...

Foi preciso que o Felix deitasse abaixo uma valente *quartilhada* para que os espiritos serenassem. E serenaram.

O leite appareceu-nos em Bofeme, o logarejo immediato.

Que leite, meu dyspeptico amigo, que leite puro e riquissimo de nata!

Mesmo em cima dos machos, cada um de nós tomou a enorme infusa de barro vidrado e ora um, ora outro, accommodámos suavemente no estomago a mais bella e bem medida canada de leite, que por um pataco temos encontrado em nossos dias.

—E ainda foi caro—observou o Felix, que se impacientava com a demora, vendo que nenhum caso faziamos do sol já escandescente e receiando mais por nós do que por elle, a insolação dos seus ardentissimos raios.

Toda a vegetação cessou. Os alcantís da serra estão vencidos. A urze rasteja em volta do caminho, o granito irradia o calor na sua investidura côr de bronze.

O grande e luminoso valle do Vez sumiu-se já nas dobras da montanha; caminhamos na solidão, debaixo d'um calor intenso, de onde a onde amenisado por uma viração subtil, a viração das grandes alturas.

É selvagem, mas é magnifico. O ar é puro, a luz é virgem. Apezar do calor incommodo, os pulmões distendem-se, a alma como que se volatilisa na transparencia castissima da luz.

Olhamos para a direita e como que vemos emmoldurado n'um circulo de outeiros insignificantes um valle cultivado e no centro do valle uma povoação bastante densa.

É o Soajo.

O Soajo! Como a sua physionomia nos fez cahir por terra o ideal de selvageria que tinhamos imaginado! Mais uma lenda perdida, mais uma phantasia gorada! Sonhavamos um oceano de penedia, brenhas incultas, cubatas subterraneas, tribus inhospitas e afinal vemos d'aqui a perspectiva d'uma como que villa de provincia, toda banhada em luz, fecunda e fertilissima.

—Talvez fosse uma illusão da distancia—pensámos aturdidos.

O Felix, porém, protestou pelo Soajo. Conhecia-o, ia lá todas as semanas, levava as loiças, o bacalhau, o arroz, uma villa como se queria!. . . —concluia vaidosamente.

—Pois havemos de ir ao Soajo.

—Isso não é possivel agora; só na volta.

—Será na volta.

Um ponto esfumado apparecia-me ainda muito além do Soajo. Era Lindoso, o castello de Lindoso, de que mal se apanhavam os contornos.

—Iremos a Lindoso tambem.

D'esta vez o Felix encarou comigo.

—Isso é que não póde ser.

—Não ha impossiveis, já te disse, contas á parte, ração dobrada aos animaes.

Hesitação quasi vencida.

—Mas então, deixe-me cá vêr! Para irmos á Peneda, a Lindoso e ao Soajo, só dormindo hoje em Adrão.

—Pois dormiremos em Adrão, não venha d'ahi a difficuldade, tens carta branca para traçar o itinerario.

Vamos seguindo sempre atravez da serra. Nos pequenos regatos que descem do Outeiro maior os machos mitigam a sêde, e no marulhar das aguas os insectos coloridos esvoaçam; brilhantes coleopteros das altas regiões batem as azas iriadas.

Dobramos o alto do Estribilhadouro, ao lado do qual o pincaro mais elevado do Outeiro maior surge na sua grandeza collossal, e domina o mais largo panorama que podem disfructar espiritos sedentos do Bello.

Parece que não tem fim este caminho da serra; sentimo-nos fatigados, e quasi que nem analysamos as agrupações de penedos, que a todo o instante nos apparecem nas fórmas as mais variadas. Uma d'ellas, porém, é deveras encantadora, parece um castello de granito, um velho castello medieval, debruçado sobre os pendores d'um fundo abysmo que se lhe cava sob os alicerces. É o *Còto de Enxameia.*

Desde este sitio o caminho desce até á ponte de Bordense e humilde logarejo d'este nome.

Subimos de novo; o cançasso é maior, a serra mais arida. Vamos a um de fundo, lentamente, silenciosos, abafados pelo calor intenso.

Passamos finalmente a capella da Senhora da Paz, e dentro de um quarto de hora estamos em Adrão, onde apeamos exhauridos, molestos, as pernas fatigadas do bambolear incommodo, as coxas magoadas do albardão enorme, abertas em compasso.

No papo tinhamos 5 horas e um quarto de caminho, e apenas o leite que haviamos bebido em Bofeme.

Adrão é um pequeno logar pertencente á freguezia do Soajo, mas por assim dizer parochiada quasi independentemente, tal é a distancia que a separa da sua matriz. Pousam aqui os romeiros que se dirigem á Peneda, e a nenhum d'elles é desconhecida a pousada do Felix Martins, quer tenham de resfolegar os animaes, quer tenham elles mesmo de mitigar os ardores da marcha com uma tarraçada de vinho verde, que o almocreve costuma sempre ter do bom. E era-o d'esta vez, podémos aprecial-o quando

fizemos o enterro aos gallinaceos que haviamos trazido dos Arcos para o almoço.

E a proposito de enterros não quero deixar desapercebido um costume hoje quasi extincto, que em Adrão existia, e que nos foi referido pelo abbade de Soajo.

Nas mangas dos vestidos do morto deitam algumas sopas de vinho, e dizem, ao collocal-as, as seguintes palavras:

—*Se fores ao Jordão, bebe d'este vinho e come d'este pão.*

Depois de curto descanço de hora e meia, que Almeida aproveitou para fazer o *croquis* da mulher soajense, que figura n'um dos chromos, montámos de novo e tomámos o caminho da Peneda, que o Felix, exacto como um chronometro, nos disse gastar tres boas horas e sempre atravez de caminhos ruins.

Era uma hora da tarde.

Tu imaginaste já, leitor amigo, o que seja o choutear pacificamente por uma serra fóra, durante as horas mais abrasadoras d'um quente dia de agosto? Nem quasi t'o posso descrever. Eu sei apenas que os pobres animaes arquejavam, e que o Felix, um arreeiro de serra habituado por isso áquellas fadigas cruas, ia mornamente silencioso, quebrado, exhausto, como que mergulhado na somnolencia dos accommettidos pela insolação.

Sobre o animal que o conduzia, o Almeida, quasi deitado sobre o sellim, o guarda-sol amarellado oscillando com o chouto vagaroso, dando-lhe de longe a apparencia d'uma campanulacea gigantea, ia extenuado, lasso, surdamente irritado pelo calor e por uma gastralgia importuna, dando mil vezes ao diabo o Pereira, o editor que o mettera n'aquelle verdadeiro assado e desejando-o ali, querendo-o por força, para que partilhasse com elle o delicioso petisco da Peneda.

—Para saber... agora é que elle o queria ali!...

Mas o Pereira estava talvez áquella hora na sua Cintra encantada, gosando o fresco; e o que para nós descia do céo, á medida que nos approximavamos do alto, era a cada passo uma radiação mais quente, mais incommoda.

Chegou a emmudecer, no atordoamento morno da fadiga.

O Felix, por minha ordem, chamava-o de quando em quando. Iamos distanciados, e a voz do guia vibrando n'aquella solidão de luz, dir-se-ia como o álerta indispensavel nas *steppes* de neve, em que o frio e o somno mergulham na morte os viajantes.

O Almeida, porém, já não respondia.

—Vae morto—dizia-me o Felix, penalisado de o vêr soffrer.

—Morto vaes tu, alma do diabo; vá, anima esses machos; então

essa Peneda apparece ou está encantada? Nem pareces um homem da serra! Vê lá se eu tenho somno, ou se tenho calor!

—Mas é que o senhor é um *homem da maleita!* Raio de diabo!

Eu crescia na sua admiração,—estás vendo,—principiava o meu prestigio de chefe da caravana, desde que o Felix me considerava um *homem da maleita!*

Santuario da Peneda
Desenho do natural por João de Almeida

Foi assim que chegámos ao alto do Miradouro, e que avistámos em frente de nós o santuario da Peneda, ainda a uma boa legua de distancia. O panorama é largo, esplendido; as serras vão-se desdobrando como as varetas d'um leque gigantesco, e, n'um ou n'outro ponto, um artista de raça parece haver mosqueado com *silhouettes* de vegetação esmeraldina os arrendados cinzentos d'esse desdobramento de serras.

Esses humildes esbocetos, perdidos na immensidade agreste, chamam-se os logarejos de Tibo, da Gavieira, do Valeiral, da *Peneda,* e pertencem civilmente á freguezia da *GAVIEIRA,* cujo terreno vamos pisando e de que avistamos n'aquella garganta além o eremiterio singelissimo e humilde.

No alto do Miradouro descançamos por instantes; uma brisa relativamente agradavel, para quem tinha feito uma ascensão tão lenta, veiu refrescar-nos por um momento. O rio da Peneda mugia lá ao fundo como um rolo de espuma ennovelado entre os penedos do seu leito, e dava-nos, ainda que de longe, a sensação da frescura da agua. O granito tem agrupações phantasticas por estes logares, caprichos d'um Titan que solevantasse em hora de inspiração toda essa massa collossal. Chamou-nos a attenção uma pedra enorme, que parece descer n'um plano rapido sobre as aguas do rio.

—É a fraga da Nevea—nos indicou o Felix.

—E porque a chamam d'essa fórma?

—É que uma rapariga muito formosa, assim chamada por ser da brancura da neve...

—Ah, é então uma lenda, tem uma lenda aquella fraga?

—Foi um milagre da Senhora da Peneda.

—Conta isso, homem.

—... enganada se viu pelo nevoeiro, quando andava a guardar as ovelhas, e pondo um pé em falso escorregou por essa lage que ahi vê. Encommendou-se na sua afflicção a Nossa Senhora e, no meio, ficou suspensa, emquanto resava, indo depois cahir em baixo sem que se ferisse ou magoasse; foi d'ali direita para a Senhora agradecer-lhe, e levar o seu cabello como offerta, visto que não tinha mais nada de melhor que podesse dar-lhe.

O leitor instruido póde ver n'esta lenda da fraga da Nevea similhança com outras que se encontram no *Folk-lore* nacional; nós recolhemol-a singelamente da narrativa do Felix, porque estamos convencidos, que é a futura systematisação d'estas lendas colhidas da bocca do povo, que ha de ser um dia o alicerce da grande e verdadeira historia d'este paiz.

Apezar de avistarmos a Peneda, as tortuosidades do ingreme e detestavel caminho fazem com que nos demoremos ainda uma boa hora no trajecto, parte do qual temos de fazer a pé, porque, não obstante o muito habito dos animaes, é perigosa a descida até junto do Tibo.

Passamos na Valeiral ou Azuleiral e eis-nos emfim na *Peneda*.

A entrada do santuario fica voltada ao sul, apresentando a disposição que a primeira gravura d'este capitulo representa. Segue um extenso escadorio, e immediatamente as capellas na disposição que logo indicaremos, até se chegar ao adro, onde é principalmente o foco da grande romaria, quer os peregrinos se limitem a ficar ao ar livre debaixo dos velhos castanheiros, quer procurem abrigo nos quarteis que marginam todo o seu lado esquerdo, ou seja no velho quartel do Anjo da Guarda, sobre cuja

fachada se vê em um nicho a imagem do custodio, ou seja nos quarteis novos, de largas varandas corridas, assentando sobre alpendres de granito. Á direita do adro corre uma longa fila de tendas com os seus balcões, onde os bufarinheiros da occasião vendem aos romeiros os artigos do seu commercio.

Ha de tudo. Mercearias, bugigangas, fazendas brancas, latoarias, bazares, loiça, uma enorme *kermesse* do povo e para o povo, que ahi vem das serras proximas fazer o seu sortimento annual. As tabernas dos comes e bebes estendem-se em longa fila para além do edificio do mosteiro. Este levanta-se ao fundo do adro, assente sobre um novo escadorio de quatro lances dobrados, cada um dos quaes encimado no centro por uma estatua, representando a primeira a Fé, e as outras, successivamente, a Esperança, a Caridade e a Gloria. A torre ergue-se ainda d'este throno como um tocheiro giganteo, e coroando como um docel todo este enorme solio levantado pela piedade do povo, vê-se uma fraga collossal sobranceira ao campanario, tendo ainda por sua vez um penedo de menores dimensões no ponto mais elevado, penedo em que se notam umas rágadas trabalhadas pela chuva, ou por qualquer outro elemento cosmico, mas nas quaes o povo baseia a lenda da Senhora, que vinha disfarçada em pegureira estender ahi as suas meadinhas para córar.

—Vêem-se lá bem os signaes das meadas—dizia-me o Felix muito convencido.

Emquanto o Almeida, um pouco mais socegado pela frescura da sombra e pela boa agua da Peneda, fazia o *croquis* que a nossa gravura de pag. 325 representa, eu visitei os quarteis, e pude vêr então que estavam divididos em numerosos compartimentos, tendo cada um dos quaes apenas um lar e duas ou tres prateleiras para loiça.

O primeiro vindo recebe uma chave do mordomo ou sacristão, e faz d'ali o seu domicilio; depois atraz d'este vem outro, e ainda outro, ao qual seguem familias inteiras, e grupos de romeiros, accumulando-se por tal fórma nos quarteis, que as noites da romaria da Peneda são o que ha de mais prejudicial em materia de hygiene de alcovas para dormir, mas tambem o que ha de mais pittoresco em ajuntamentos populares, e... de menos escrupulos de pudor na promiscuidade dos dois sexos.

—Isso é que são noites—dizia-me o Felix, bocejando um vermelho sorriso de temperamento amoroso.

Emquanto se fornecem os quarteis gratuitamente aos romeiros, as tendas arrendam-se por 3$000 réis aos negociantes e todo este dinheiro, assim como o das esmolas, que attinge contos de réis, serve para beneficiar o santuario, augmentando-o e aformoseando-o successivamente.

— Vê o senhor os artistas que ali trabalham — observou-me o guia — pois é assim durante todo o anno; as obras nunca param na Peneda!

«... essa formosa paysagem alcantilada como as dos Alpes...» (pag. 333)

A casa da meza está annexa ao templo ou egreja, que é de uma só nave, com seis altares lateraes, formando capellas dois d'elles. Para que tu, leitor, faças idéa do throno em que se eleva o templo da Peneda, basta dizer-te, que da egreja ao adro descem 96 degraus; do adro ao portico dos Evangelistas 9; d'ahi para baixo 120 até ao primeiro largo de entrada, que conta seis capellas e tem ao centro a columna do Anjo da Guarda, e mais 75 d'ahi até á estrada.

As capellas, que são a admiração e pasmo dos romeiros, são ao todo 13 do lado direito, representativas da paixão do Christo, e 7, um pouco

maiores, do lado esquerdo, significando a infancia de Jesus. Adivinhas, é claro, como serão respeitados os principios que digam respeito á decoração das figuras; ha por lá o bello judeu com o seu chapeu de côco, e *claque,* mas o povo tem apenas a sua boa alma credula para os vêr, e é benevolo por isso com qualquer incorrecção artistica. Entretanto deve dizer-se que a disposição dos grupos e esculptura das figuras é um poucochinho superior aos antigos modelos do Bom Jesus.

A columna do Anjo da Guarda, vê-a o leitor na gravura; attesta em uma inscripção da sua base, que os administradores do santuario não deixaram o seu credito por mãos alheias. Assim, dizem os homens que: «depois de restaurarem as ruinas do santuario, impetrarem a graça do jubileu sagrado, collocarem o augustissimo sacramento no tabernaculo santo, ampliarem o antigo terreiro, e fundarem os magnificos edificios, puzeram esta pedra para monumento eterno do seu zelo, triumpho da religião e gloria immortal da Santissima Virgem, na era christã de MDCCLXXXVII.»

O zelo primeiro que tudo—haja-o por bem entendido a posteridade.

Como situação, o santuario da Peneda é talvez o mais humilde em horisonte e o menos favorecido em paysagem de quantos conhecemos no paiz. Está enterrado n'uma estreita garganta e assombreado de serranias asperas por todos os lados, apenas com um ligeiro desannuveado para o sul, que não vae ainda assim além d'uma legua, ao fim da qual se levanta o alto do Miradouro.

Na garganta passa o ribeiro da Peneda, que vae depois de reunido ao Fraguedo desaguar no Lima, em frente de Lindoso. As suas margens, tanto quanto o permitte a insignificante extensão, encontram-se n'um ou n'outro logar adornadas por alguns canteiros de milho, ou por fetos rachiticos. Nos pendores da serra, abrigados dos ventos frigidos, crescem alguns carvalhos e azinheiros, que não chegam a attingir grande corpolencia; de noite, algumas d'estas arvores mirradas e com o lenho a descoberto, dispersas por entre o arvoredo ainda novo, semelham phantasticos duendes dando á paysagem nocturna, triste por natureza, um encantador aspecto semi-tragico, para quem se recorda dos bons tempos do *Noivado do Sepulchro.*

Cahia o crepusculo quando emprehendemos a marcha para Adrão e dissemos adeus a essa Peneda tão desolada e selvagem, cenobita e santa, para fazer o conhecimento da qual todos os romeiros passam mais ou menos os martyrios do caminho, não tendo sido nós d'aquelles que menos fomos poupados.

A noite apanhou-nos em plena serra, noite sem lua, apesar de ser uma constellada noite de agosto; a temperatura suavisára-se, e creio mesmo

que chegariamos a ter frio, se não fosse a quantidade de calor que haviamos armazenado durante o dia, e do qual nos desfaziamos agora pela irradiação nocturna.

O Felix sentia-se mais vitalisado, e o proprio Almeida vinha menos cheio de irritação contra o destino que ali o trouxera.

Eram amigas aquellas sombras da serra, sós a sós com a abobada estrellada, que se diluia muito ao longe n'uma nevoa mysteriosa e infinita.

Que formosa que estava então a estrada de S. Thiago, o seio fecundo onde vivem os milhares de mundos ignotos!

E como era para nós um prazer suave este mysterioso encanto da solidão da montanha, sem um susurro, sem um murmurio, sem um echo de vida em toda a grande extensão, que mais adivinhavamos do que viamos. Ate o Felix parecia sentir as impressões d'essa natureza virgem, sonhando, como o poeta do Apocalypse, as grandes carnificinas da Besta —que era, na sua imaginação de sertanejo, o lobo feroz e cerval, cujos olhos de lume faziam estremecer o mais valente! E era-o elle,—diziam-o a sua musculatura de aço, o peito largo e cabelludo, o habito da serra, os seus trinta annos sadios, as suas proezas anteriores. Mas lá com lobos!... nem a lembrança!

Eram nove horas quando chegámos a Adrão, e tempo era de preparar a ceia ou jantar,— questão de nome apenas,— para depois de algumas horas de repouso jornadearmos na madrugada seguinte. O Almeida intitulou-se um quasi rival do Matta, e prometteu-nos arranjar um prato de bacalhau com ovos; mas a mulher do Felix, que na occasião em que partiramos para a Peneda havia posto o bacalhau de molho em um ribeiro da serra, julgou-se preterida nos seus direitos, e protestou delicadamente contra os culinarios intuitos do meu companheiro. Havia queijo e pão entretanto, para fazer bocca, e o vinho de Monsão, que o Felix tinha, era delicioso a valer! Fomos bebendo! E, quando o prato chegou, apezar da nossa melhor vontade, mal podémos engolir uns dois bocados, porque era tudo, menos bacalhau com ovos, aquelle cosinhado salgado e fumarento!...

O Almeida preferiu deitar-se no unico leito da casa, que o Felix nos tinha cedido obsequiosamente, privando-se para isso d'elle; mas apezar dos lençoes lavados que se tinham posto em nossa honra, lá foi apanhando a primeira carga do inimigo *pulga*, que o bateu desapiedadamente. Eu tinha fome deveras, e preferi esperar a ceia do Felix; o *menu* variára pouco: o bacalhau vinha agora cosido com batatas e cebolas, em vez de vir frito com ovos; azeite e colorau a transbordar. Em boa camaradagem fomos os dois comendo do mesmo prato e bebendo do mesmo copo, e podes acredital-o, meu amigo, esta semceremonia fez-me levantar ainda

mais no conceito do rapaz, que se não fartava de exclamar na sua phrase favorita:

—Um homem da maleita!

Como tu dispensarias as barricadas, ó santa democracia das viagens e dos estomagos famintos!

O interior da casa do nosso guia suppões já o que seja. Um leito unico, umas arcas enormes, que nos serviram de mesa e mais tarde de despertador, porque a todo o instante a mulher do Felix vinha buscar ali qualquer objecto; duas janellas sem porta nem vidraça; paredes de pedra solta; tecto de palha centeia; a roupa pendurada em paus atravessados, assim como grande parte dos utensilios domesticos e das provisões de bocca.

Ás onze horas a minha ceia e os meus cavacos com o Felix tinham terminado, e pela minha vez resolvi investir com o inimigo, que tanto sangue já havia feito derramar ao meu companheiro. Armei-me de rewolver, mas colloquei-o pacientemente debaixo do travesseiro, esperando os acontecimentos! Deitei-me, e... com vergonha o digo, não tentei a defeza! As hostes cahiram sobre mim, e eu resolvi dar-lhes tranquillamente o meu sangue, comtanto que me deixassem socegado o meu somno. Esperava a desforra para o dia seguinte, e foi completa, assevero-o.

Ás tres horas da madrugada pozemo-nos em marcha para Lindoso e Soajo. Iriamos primeiro ao castello e tomariamos em seguida o caminho da antiga villa. Era preciso arranjar um outro homem que nos ficasse com os animaes na margem do Lima, emquanto subissemos a Lindoso; d'isso se encarregou o Felix.

A luz da alva principiava apenas a esbater-se para além das serras gallegas de Penagache, e quando o sol appareceu, rutilante e enfachado no seu bello vestido roxo-anil, nós cumprimentámol-o sarcasticamente, como a um preguiçoso incorrigivel.

Passavamos então junto ao marco geodesico de Paradella, cujos casaes escuros e humildes se agglomeravam na aba da serra. Sobre a nossa esquerda, como que nos apparecia sepulto n'um tumulo de esmeralda o logar da Varzea, lá ao fundo, na margem do rio da Peneda.

Emquanto iamos descendo quasi a prumo o declive da montanha, encarregou-se o companheiro do Felix de nos ir arranjar leite em Paradella, e de procurar, como precaução, o barqueiro da passagem, para que não estivessemos retidos muito tempo sobre a margem direita.

O castello de Lindoso olhava-nos do outro lado da montanha, e bem quizeramos dispensar a sua fatigante visita, se d'este lado o lapis podesse apanhar-lhe os contornos; todas as tentativas n'este sentido consi-

deradas inuteis, resolvemos atravessar o rio e fazer a escalada da montanha.

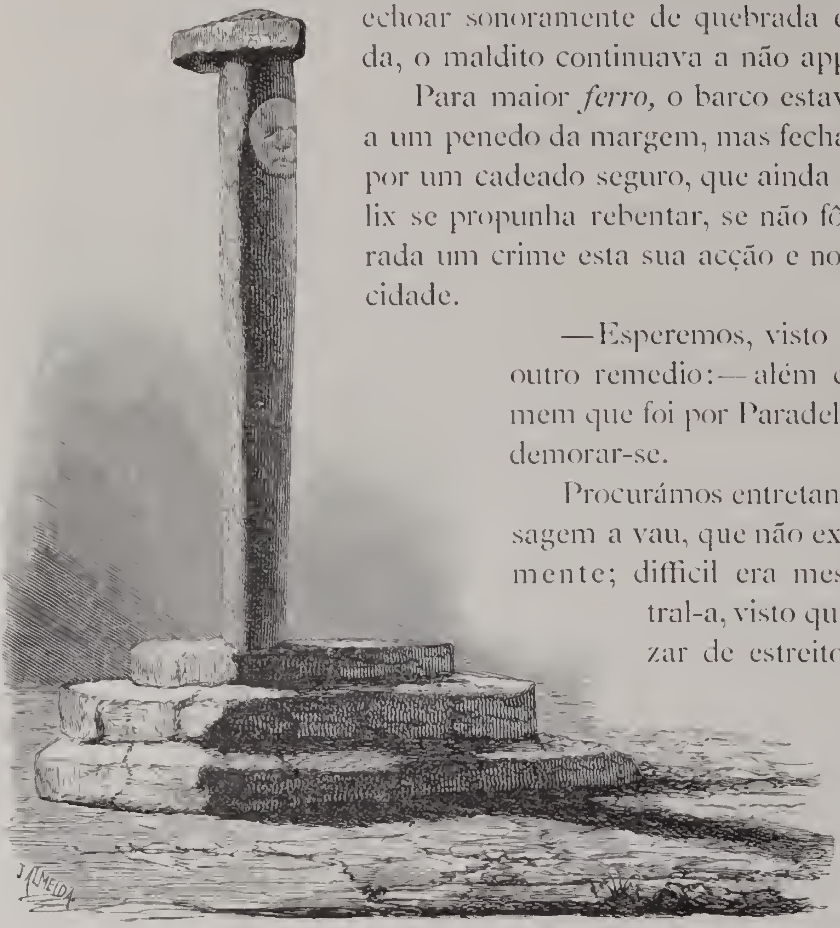
Eram 7 horas quando chegámos á confluencia do rio Fraguedo com o Lima, ponto deveras encantador, embora soterrado entre montanhas quasi a pique.

Mau prenuncio. O barqueiro ainda não tinha apparecido, e apesar da voz do Felix, chamando-o pelo seu nome, echoar sonoramente de quebrada em quebrada, o maldito continuava a não apparecer.

Para maior *ferro,* o barco estava ali preso a um penedo da margem, mas fechado á chave por um cadeado seguro, que ainda assim o Felix se propunha rebentar, se não fôra considerada um crime esta sua acção e nossa cumplicidade.

—Esperemos, visto que não ha outro remedio:—além d'isso o homem que foi por Paradella não póde demorar-se.

Procurámos entretanto uma passagem a vau, que não existia infelizmente; difficil era mesmo encontral-a, visto que o rio, apezar de estreito, vae cheio de margem a margem, e esta, ouriçada de penedias asperas, não permitte que se transite sem perigo, e isto mesmo utilisando toda a potencia muscular de mãos e pés, como faria um animal trepador.



Pelourinho do Soajo — Desenho do natural por João de Almeida

O sol principiava a aquecer, e n'aquelle fundo pittoresco d'um abysmo deviam ir-se concentrando pouco a pouco os seus raios, de modo a tornal-o uma fornalha dentro em breve. Mais suppliciados do que Tantalo, viamos do outro lado a sombra fresca da montanha, e junto de nós um barco, que não podiamos utilisar. E n'estas considerações estavamos, quando avistámos o homem que fôra em busca do barqueiro.

Aggravava-se a situação. O homem não trazia o barqueiro, nem ao menos a chave do barco, e ainda vinha, guiado por falsas informações, perguntar-nos satisfeito se elle não chegára já.

—E o leite, traz você ao menos o leite?

—Tambem não; tinha-o encommendado, é certo, mas como não calculava tão larga demora, deixára-o ficar em Paradella, onde tinhamos de passar no regresso.

Imprecámos o barqueiro, chamando-lhe maldito trinta vezes, e ao homem obrigámol-o de novo a voltar a Paradella, recommendando-lhe expressamente que não nos apparecesse sem o leite e sem o barqueiro.

O Felix calculou demora para mais duas horas, e como o sol continuava a apertar, tirou os lençoes que vinham sobre os albardões e formou com elles um anteparo provisorio contra o sol, de que se aproveitou, estendido sobre a terra, para dormir um somno de justo.

O Almeida procurou como pôde o abrigo d'um penedo, e folheou pela centesima vez o album dos esbocetos, onde acabou afinal por desenhar essa formosa paysagem na confluencia do rio Fraguedo com o Lima, alcantilada, como as dos Alpes, e na qual os rocinantes, pelo seu aspecto tragicomico, davam ao pequeno acampamento a nota pittoresca d'uma tribu de zingaros, em jornada.

Eu, mais impaciente, não podia acceitar resignado a situação, que nos encurralava n'aquella solidão de abysmo calcinado pelo sol, e fui-me a examinar um por um os elos do cadeiado do barco, para vêr se podia ainda transpôr o rio.

Inutil tentativa.

Attrahia-me e fascinava-me, porém, o local; via d'aquellas taboas pendendo o fim d'uma situação, que era ao mesmo tempo incommoda e ridicula, e não me resolvi por isso a voltar ao nosso pequeno acampamento.

De resto, a minha impaciencia continuava, e eu sentia-me como que mordido por ferroadas d'um batalhão de pulgas, dispersas sobre a minha epiderme.

—E se o fossem realmente!

Pensei então na cama do Felix e no quanto deveria ser delicioso um banho n'aquella piscina do Lima, depois das caminhadas da vespera e da madrugada.

Começa aqui a minha vingança contra as hostes d'esses aviltados hemipteros, que o leito do Felix cultivava como uma estufa de Balbiani, um zoologista a quem se deve a historia da pulga e suas variedades.

Despi-me dentro do barco, sacudi a minha roupa, cheguei mesmo a

sentir um tinir metallico, que se me affigurou de choque do inimigo sobre a agua, e atirei-me então ao rio, sinistro de vingança, o doce prazer dos deuses, que era para mim n'aquelle instante o delicioso prazer da natação e do banho. Mergulhei para que os inimigos me perdessem a pista, e, quando voltei ao lume d'agua, vi que uma larga nodoa escura ia correndo sobre o rio, jangada horripilante de sangue e de cadaveres de hemipteros, que, sem hyperbole, por dois dias talvez chegassem a impedir a navegação da barra!

Avistou-se o homem.

Trazia o leite; mas ainda não vinha acompanhado do barqueiro. Seria um novo incidente?

Approximou-se.

—E então?

—A chave está ahi, está no barco!

—No barco?!

—No barco, sim, debaixo d'uma gamella que deve estar á prôa.

Foi com avidez que saltámos todos para a margem e que se procurou a tal gamella. A chave lá estava com effeito.

A primeira impressão foi de alegria, a segunda de desapontamento, porque a chave era o barco nas nossas mãos, mas ainda não era o barqueiro! E eu senti uma terceira de raiva contra mim mesmo, aquella que todo o individuo experimenta, quando reconhece ter sido victima d'uma illusão dos seus sentidos!

—Ah! não era o choque do corpo dos meus inimigos sobre a agua que eu tinha comparado a um tinir metallico; era realmente esse tinir verdadeiro, o tilintar da chave contra a gamella, que tivera debaixo dos meus pés.

Nunca, nunca me penitenciarei assaz d'essa illusão!

Tomámos eu e Almeida o magnifico leite que o homem comprou em Paradella, porque o Felix dizia que compromettia o seu estomago mettendo lá em jejum... *agua de vaccas* e resolveu-se finalmente que mesmo sem o auxilio do barqueiro atravessassemos o rio. Como dos tres era eu o unico que sabia nadar e remar, eis-me arvorado em capitão de mar e guerra, fazendo derivar o barco sobre a corrente, forte bastante por causa da confluencia dos dois rios e perigosa ainda mais, porque o baixel parecia querer submergir-se com a agua que mettia. O Felix, medroso da agua como um gato, não ia lá muito satisfeito, mas quando se viu salvo e são depois da empreza, não cessava de exclamar enthusiasmado:

—Isto é que é um homem da maleita!

O leitor que deseje conhecer da nossa demora por Lindoso leia o ca-

pitulo immediato. N'este momento, em que o esquivo castello está finalmente apanhado dentro das folhas do album, não nos resta senão forçar a marcha para Soajo, onde mandámos preparar o almoço.

Tres horas ainda de caminho de serra, agreste e arida, solitaria sempre, e debaixo d'um sol ardentissimo de meio dia. Uma vez ou outra um bando de perdizes fugia espavorido para poisar logo perto; mas como os nossos instinctos venatorios não chegavam a acicatar-nos a vontade, a caça lá se ficava pelos montados, esperando a pontaria mortifera d'algum caçador soajense.

O Felix, tanto quanto o caminho o permittia, ia-nos contando varias usanças locaes relativas aos casamentos e mortorios, que em poucas palavras resumiremos.

Nos casamentos de gente moça, o noivo offerece á noiva uma *andada* de fato e *oira-a,* se tem posses para tanto; a noiva dá ao futuro esposo a camisa para o dia do casamento.

Combinado o dia, o noivo, acompanhado pelos rapazes seus amigos, vae buscar a noiva, que o espera acompanhada das suas amigas. Vão d'ali para a egreja e ha depois duas bodas, uma em casa do noivo, outra em casa da noiva, combinando-se de antemão que seja a ultima—a ceia—na casa em que elles teem de ficar. Quando o noivo vae acompanhado pelos seus amigos buscar a noiva, as companheiras d'esta fingem querer fechar a porta e escondel-a; e entre os grupos trocam-se apenas graças mais ou menos eroticas, segundo a familiaridade d'uns e d'outros.

Quando casam alguns velhos ha de noite grande troça feita pelos rapazes, com latas velhas, pandeiros, etc., em frente da casa dos nubentes.

Nos mortorios é sobretudo o dia dos officios o que tem mais originalidade. Apenas o individuo expira, partem logo *proprios* para todos os logarejos da serra a dar parte do acontecido, e no dia seguinte vem d'esses pontos uma pessoa de cada casa assistir ao enterramento e officios funebres. Toda essa gente come depois na casa do dorido, e retiram em seguida para as suas aldeias.

O Felix foi contando isto como pôde, porque longos espaços havia em que tinhamos de caminhar um a um nos corregos da serra, tão estreito e perigoso era o caminho.

Ao approximar do *SOAJO* essas difficuldades redobram; vae-se com o crédo na bocca, temendo a cada instante que o animal escorregue n'um falso passo, porque isso é mais que sufficiente para nos precipitar no fundo do despenhadeiro que vamos ladeando.

Proximo da ponte do rio de Soajo, o quadro attinge as proporções do bello horrivel; e o viajante, que não póde apeiar ainda que o deseje,

sente, como em nenhum outro ponto, o arrepio da commoção e entrega-se á providencia e ao macho, convencido de que não póde entregar-se aos proprios esforços.

Eram quasi duas horas quando entrámos na povoação. Mandámos o Felix avisar da nossa chegada, e na Eira do Penedo, como o sitio nos pareceu adequado, ficámos fazendo o esboço da velha e lendaria freguezia da serra.

A Eira do Penedo, onde estamos, é por assim dizer o celleiro da terra; n'ella está uma boa porção dos espigueiros do milho, todos com as suas pequenas cruzes, como ainda póde vêr-se no desenho geral da villa, por entre cujos predios se encontram tambem dispersos.

O terreno é commum á freguezia; os espigueiros, porém, teem cada um o seu dono.

A freguezia assenta em frente da Eira do Penedo; a nossa gravura dá uma perfeita idéa do seu amontoado de casas escuras, dos seus espigueiros similhando ermidas, da sua egreja, dos campos de milho, que chegam até ás casas vindo em socalcos doirados desde o fundo da serra, da penedia que fórma o fundo do quadro, agreste e semi-selvagem, como conviria ás tradições do Soajo.

Pouco ou nenhum arvoredo; apenas um ou outro pinheiro rachitico vegeta, como que annunciando o termo da zona florestal.

Almoçámos na venda da *Viuva,* e não ha de esquecer-nos, que a canja que nos prepararam, levou por indicação do nosso guia n.º 2 nada menos de meio kilo de presunto para tempero d'uma gallinha.

—E nem podia ser por menos—dizia o homem muito convencido.

O leitor, se leu sobretudo o livro de D. Antonio da Costa, espanta-se decerto se lhe disser, que pagámos generosamente o nosso almoço.

«Quem vae de fóra ao Soajo—diz o escriptor alludido, se não illudido—não tem mais do que entrar na primeira casa. Entrado que seja, apresentam-lhe comer e beber. Se não bebe logo o vinho, que o hospedeiro lhe offerece, leva-o pela cabeça abaixo como testemunho de consideração.»

Comnosco, francamente, quasi succedeu o contrario; fomos nós que tivemos de pagar vinho aos que estavam na occasião perto da mesa e se algum de nós o trouxe na cabeça, foi decerto segundo o principio d'aquelle personagem... que fazia prosa sem se aperceber de tal.

Era de rigor uma visita ao abbade, e nós não quizemos dispensar-nos d'esse prazer, tanto mais que elle melhor que ninguem poderia abrir-nos os thesouros d'essas tradições que andavamos buscando, e de que já tiveramos uma formal negação a respeito de comidas e bebidas.

SOAJO — *Desenho do natural por João de Almeida*

É certo que elle quasi as ia pondo em pé, tal foi a sua hospitalidade delicada e amavel para comnosco! Mas é preciso recordar, que esse bom velho foi no seu tempo um *viveur* do alto mundo de Lisboa, onde a sua destreza ao tiro na *Floresta Egypcia* espantava os elegantes de então, como por estes annos proximos teria despovoado de perdizes as serras da sua parochia, se ellas não fossem tão ferteis d'essa caça.

E com que saudade o bondoso parocho recordava esse tempo aureo da mocidade e com que magoa se via agora elle, um caçador de primeira ordem, amarrado á vida sedentaria da lareira, por causa d'uma hernia que o impedia de montear.

Foi esse bom typo venerando da familia Rocha Peixoto, que nos desfez as teias de illusão que o livro de D. Antonio havia posto no nosso espirito. Falla-se lá, por exemplo, em *homens bons,* como decidindo as contendas. É individualidade que não existe no Soajo. Tudo corre segundo as leis ordinarias d'este burocratico systema que nos rege.

Existem tradições, é certo, e uma vamos narrar como nol-a contou o abbade, visto que a sua versão mais pittoresca se affasta um pouco da que D. Antonio burila no seu livro.

«Commettera-se um assassinato na serra e o juiz do Soajo fôra, sem que o assassino o suspeitasse, testemunha ocular do homicidio. A culpabilidade do crime foi imputada a um innocente, que teve de vir sentar-se no banco dos reus. O juiz então, testemunha do facto, apezar de todas as apparencias condemnarem o innocente á pena de morte, e como por sua parte não podia intervir directamente na accusação, lavrou a seguinte sentença curiosa:

—« *Que o homem morra que não morra, dê-se-lhe um nó que não corra. Degredado por toda a vida e cem annos para se preparar.* »

Esta sentença sybillina, que ninguem sabia como poder cumprir-se, veiu para interpretar-se nos tribunaes superiores, que tiveram, depois de muito matutar, de mandar chamar esse juiz.

Veiu o soajense e não vendo cadeira em que sentar-se, sentou-se semceremoniosamente no seu farto capote de burel, e explicou então a sua sentença, que não significava senão a liberdade do accusado, visto que o nó da forca não havia de correr e cem annos para preparo do desterro ultrapassavam a vida do homem.

Terminou, levantou-se e sahiu, deixando no chão o capote. Chamaram-lhe para isso a attenção, mas o juiz respondeu com orgulho:

—Juiz de Soajo, cadeira onde se sentou, não mais a levantou.

Ainda hoje existem no logar de Tibo, por onde passámos ao chegar á Peneda, descendentes d'esse juiz, conhecidos pelo nome de Sarramalhos.»

Estas tradições, vivas ainda, vão-se pouco a pouco fundindo no grande banho da sociabilidade, e com tanta mais presteza, quanto os soajenses emigram hoje em grandes porções para as nossas primeiras cidades e para o Brazil, deixando por isso de se isolar nas brenhas e matagaes das suas serras, serras que, devemos dizel-o ainda uma vez, são, nas suas encostas sobretudo, d'uma fertilidade grande e sem a aridez que tantos imaginam.

É ainda uma phantasia o que diz D. Antonio da Costa a respeito das *pelles que predominam no seu simplicissimo trajo.* O que predomina ainda é unicamente o burel, grosseiramente tecido da lã das suas ovelhas, e esse mesmo, no verão especialmente, vae sendo desthronado pelos tecidos de algodão, de que se surtem nos Arcos.

Caçadores são-o realmente, e não raro as montarias ao lobo ou javardo enchem com o vozear dos monteiros os echos adormecidos da montanha. Na occasião em que passámos no Soajo, vimos ainda na casa do abbade a pelle d'um lobo, que estava acabando de curtir-se.

O Soajo teve foral dado por D. Manuel, e foi couto por muitos annos tambem, constando as suas justiças de um juiz ordinario, dois vereadores, procurador, dois escrivães e uma companhia de ordenanças, da qual o juiz ordinario era o capitão.

A nossa gravura de pag. 332 representa ainda o pelourinho d'esse tempo, que existe no meio do terreiro central da freguezia.

Teve grandes privilegios e entre elles o de não dar alojamento ás tropas em tempo de guerra, que só ahi podiam entrar quando fosse o rei em pessoa.

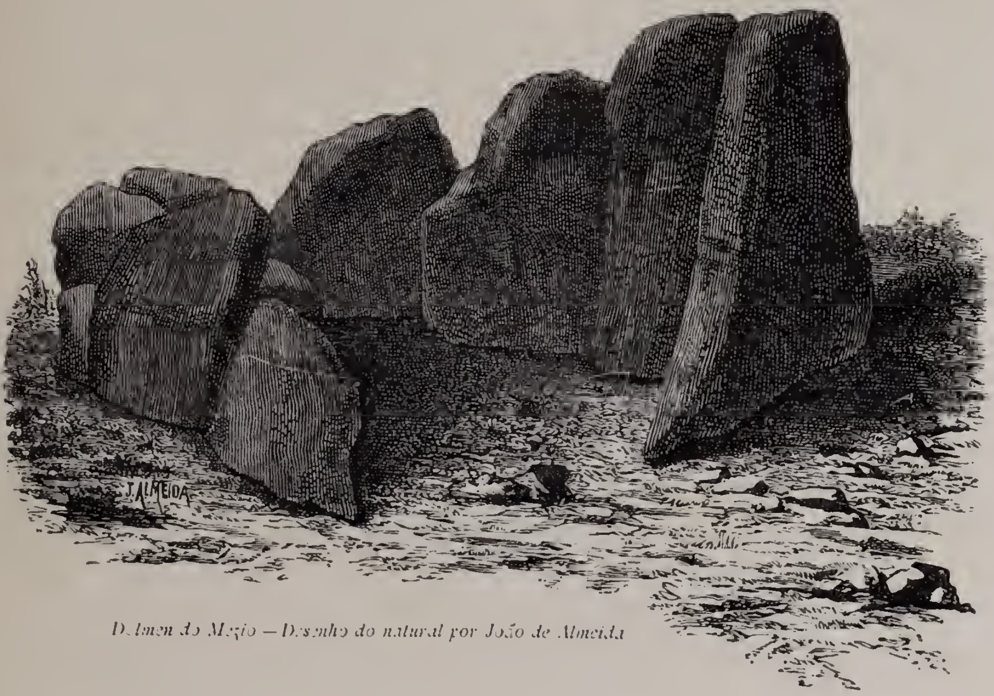
D. Diniz, que, segundo consta, estivera no Soajo nos principios do seculo XIV para ir visitar as obras do castello de Lindoso, augmentou, ou, segundo outros D. João I, esses privilegios, sendo curioso aquelle que ordenava—«*que nenhum fidalgo se demorasse aqui mais do que o tempo necessario para se esfriar um pão quente, posto ao ar, na ponta d'uma lança.*» Tinha este privilegio por causa as proezas e aventuras de alguns nobres das casas de Araujo e Lobios, que tendo vindo viver para o Soajo, tratavam como a roupa de francezes os pobres habitantes, e lançavam como lobos esfaimados a perturbação e a sizania no redil das boas soajenses.

Não teem faltado os filhos do Soajo aos seus compromissos de honra, e ainda na guerra da independencia em 1640 prestaram relevantes serviços á causa patriotica. Em tempos antigos a freguezia esteve annexa ao mosteiro de Ermello; mas, extincto este, e erecta a collegiada de Ponte de Lima pelo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, a terça dos rendimentos da egreja, assim como da Gavieira, passou para a nova collegiada.

Com saudade nos despedimos do amavel parocho, tão querido do seu bom povo, e ao martyrio do chouto de novo nos entregámos, afim de regressar aos Arcos.

Passámos em Villar de Soendro, onde, como na Eira do Penedo, notámos uma porção consideravel de espigueiros, e pela serra nos vamos internando, um pouco menos molestados depois d'este descanço em Soajo.

Ha uns dois caminhos a seguir. O Felix trouxe-nos pelo alto do Mezio, onde o Almeida descobriu o dolmen que figura no desenho que es-



Dolmen do Mezio — Desenho do natural por João de Almeida

tás vendo. D'alli presenciámos, olhando para a serra d'Amarella, o espectaculo de uma *queimada,* de que daremos a gravura e explicação no capitulo de Ponte da Barca.

No caminho que deixamos, e que ia mais pela falda da serra, ficam as freguezias de Ermello, S. Jorge, Valle e Oliveira, que resumidamente descreveremos.

ERMELLO, antigo curato de S. Pedro do Valle, pertenceu ao extincto concelho do Soajo, mas é hoje reitoria independente. A matriz e suas dependencias eram a séde d'um antigo mosteiro de benedictinos, que a tradição diz ter sido fundado pela infanta D. Urraca, filha do rei Ordonho de Leão, do qual accrescenta a lenda, que promettera dar á filha todas as terras que se avistassem do sitio escolhido para o mosteiro, pro-

messa que logo revogou, desde que a infanta indicou o ponto mais elevado do Outeiro Maior, d'onde se via uma grande parte de Portugal e Galliza. Fundou então o mosteiro na baixa de Ermello, mosteiro que o arcebispo de Braga D. Martinho supprimiu, passando então a senhores donatarios, um dos quaes parece ter de novo povoado o convento de benedictinos, visto que em 1515 o mosteiro estava occupado pelos religiosos d'essa ordem.

S. JORGE, freguezia proxima, tinha antigamente dois abbades; o primeiro coadjuvado por um cura, alternadamente apresentado pela mitra e conegos de Santa Cruz de Coimbra; o segundo, sem cura, e da apresentação dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, gosando das regalias do chamado *beneficio simples,* isto é, comer sem trabalhar. A unica tradição escripta, que da freguezia encontramos, é a que se refere ás virtudes curativas das aguas d'um poço do Lima, onde os lavradores deitam a nadar o gado, na crença de que fica são. Crença antiquissima, ao que parece, porque já o lavrador fidalgo Martim Velho ahi trouxe a banhar os seus rebanhos, e tanto se enamorou das margens do rio, elle que até ali vivera nos planaltos do Outeiro Maior, que em *Garção* fundou nova residencia, á porta da qual havia sempre para os viandantes uma cesta com vinho, carne e pão. Foi o progenitor dos Cerqueiras e Taveiras, que ainda pelo Minho existem.

E eis-nos já na parochia de *VALLE,* em cujo logar de Fonte Cova diz a tradição ter apparecido a imagem da Senhora do Valle, de muita devoção entre os naturaes, e no monte de S. Geraldo estar enterrado o corpo d'este santo. No monte da Pena e sitio de Traz-Tora encontram-se evidentes vestigios de fortificação romana; ainda chamam ao primeiro ponto o *Castello,* e ao segundo os *Castros,* denominações que são por si mesmas um testemunho da lingua latina. A torre de Tora é solar dos Valles, e a de Camposa dos Cerqueiras.

A freguezia que nos resta descrever é, antes de chegar aos Arcos, a de *OLIVEIRA,* que foi antigamente da apresentação do convento de Muhia, com reserva do ordinario. Metade era *beneficio simples* apresentado pelos freguezes, que por desavenças com um beneficiado o doaram ao visconde de Cerveira. O Paço de Oliveira de que foi senhor Ruy Martins de Oliveira, progenitor da famosa *Ribeirinha,* amante de D. Sancho, é n'esta freguezia. Foi o paço casa de condado, cujo ultimo representante D. Antonio de Almeida, conde de Oliveira dos Arcos, falleceu em Lisboa em 1873.

O leitor, se não é, por um acaso bem extraordinario, natural de qualquer d'estas ultimas parochias, fatigou-se decerto, e perpassou apenas pelos olhos a sua descripção summaria.

Outro tanto nos succedeu relativamente a todos os logares da serra por onde passavamos, vendo-os egualmente sinistros na sombra escura da noite, depois que deixámos o *dolmen* do Mezio e que perdemos de vista os ultimos reverberos da queimada na serra d'Amarella. Sentiamo-nos fatigados e abatidos, desejando como esperança unica attingir essa villa que mais parecia fugir-nos a cada passo das muares, como n'aquelles contos de fadas e duendes, em que a victima anda toda a noite sem nunca chegar onde deseja. Moidos, cabeceando com somno, aos valentes animaes deixavamos toda a liberdade, e, se por vezes uma ou outra sacudida rude nos ameaçava desequilibrar, era isso devido ao accidentado do terreno, que não á segurança dos animaes.

N'esse entorpecimento caminhavamos, quando... um côro distante chegou aos nossos ouvidos, còro de que mais nos approximavamos á medida que iamos adiantando terreno e que sentiamos cada vez mais cadenciado e suave, mais cheio da terna poesia popular, sentimental e vaga, como o effluvio castissimo do nenuphar do amor.

Prendeu-nos esse canto como o das sereias da lenda e fomos vêr o que era.

O leitor fica-o ignorando n'este instante; mas ha de sabel-o, quando n'este livro folheie o capitulo em que lhe fizermos essa revelação. Por agora basta que saiba que era meia noite quando, apezar de toda a nossa fadiga anterior, tomámos de novo o caminho dos Arcos, onde chegámos meia hora depois.

A mesma sorte fatidica nos esperava na hospedaria; não podémos conseguir ceia que nos reconfortasse, e só depois de muito procurar, conseguiu o nosso *maitre de hotel* arranjar duas miseraveis sardinhas, que o Almeida aproveitou, com muita satisfação do seu estomago e com inteira abnegação do meu, que se recusou a partilhar d'aquelle mais que modestissimo *menu*.

Pela manhã abri a janella do quarto. O rio Vez corria em baixo com uma tão suave frescura, que eu nem admitti comparação entre as suas aguas limpidas e as do banho que me promettiam no hotel, Deus sabe para quantas horas depois! Porque, ainda uma vez, a ironia do acaso fazia com que ambos precisassemos de banho e só houvesse uma banheira. Utilisou-se d'ella o Almeida, e eu fui tomar no Vez um delicioso banho fresco, tanto mais agradavel quanto a caminhada da vespera me havia fatigado em extremo.

Demos ainda alguns passeios na villa; confiei os queixos a um Figaro com a mais santa resignação de quem espera ficar sem elles, e partimos depois de almoço para Ponte da Barca, tendo durante esse breve percurso

de tres kilometros occasião de suavisar as nossas recordações das asperas serranias da Peneda, diante da formosura da veiga encantadora e fertil que debrua a estrada.

N'essa extensão encontramos, depois de terminar S. Payo, a freguezia de Paçô, sobre o nosso lado esquerdo, e a de Santar, sobre o direito, para chegar á qual temos a estradasita municipal, que entronca n'esta em que vamos, proximo do cruzeiro de *Ataude*.

PAÇÔ, terra abundantissima em generos agricolas, é uma das mais

Margens do Rio Vez — Desenho de João de Almeida, segundo um quadro da ex.^{ma} sr.^{a} D. Emilia de Labourdonnay Gonçalves Roque

antigas parochias não só de Portugal, mas tambem da Luzitania, informa Pinho Leal, pois já no meiado do seculo VI existia. Suppõe-se que a imagem da Senhora de Paçô foi achada nos fins do seculo V, e que logo se lhe construiu um templo, visto que o rei suevo Theodomiro achou já a egreja da Senhora constituida em séde parochial em 568 e a doou ao bispo de Tuy, doação que por D. Thereza e seu filho foi confirmada em 1125.

O mesmo escriptor diz tambem, que a causa de se dar á padroeira o titulo de Paçô, é porque a sua imagem foi achada em uma lapa, no sitio de Paço d'El-Rei ou Paço Velho, denominação que ao logar vem de ter sido ahi a residencia real de Bermudo II, quando em 998 junto com os

condes D. Forjaz de Vermuiz e D. Garcia Fernandes derrotára os mouros no sitio de Morilhões. Ao penedo e mosteiro que ficam sobranceiros á egreja chamam ainda o Pico d'Almansor.

Estas versões não se conciliam lá muito bem, pelo menos chronologicamente, mas o que ambas attestam, seja qual fôr a verdadeira, é a muita antiguidade da parochia e a devoção que desde remotas eras teem os povos d'estes sitios pela padroeira de Paçô, lithurgicamente Senhora do Soccorro. São d'isto prova os *clamores* que durante o anno vem das freguezias visinhas em piedosa visita á Senhora, cuja esculptura em pedra póde o leitor admirar no altar-mór da egreja parochial.

Hoje ainda as romarias da Senhora de Paçô são das mais concorridas do concelho, se exceptuarmos a Peneda. A 25 de março e a 15 de agosto se effectuam duas grandes romarias e feiras de anno, sobretudo notaveis pelo muito gado que a ellas concorre. Na freguezia existem as torres solares de Bemdevizo pertencente aos Azeres, do Outeiro aos Aranhas, e a casa e quinta de Campos que foi mais tarde dos Araujos. Existe em Paçô um sitio chamado *Altares* e d'elle diz a tradição ser assim denominado, desde que ahi se levantaram alguns para dizer missa ás tropas de Affonso Henriques, quando deu a batalha da *Veiga da Matança,* a que já nos temos referido, e que a lenda colloca exactamente n'esta planicie que vamos atravessando. Alexandre Herculano deu o golpe de piedade na tradição, como sabes, e realmente não póde admittir-se que fosse n'este ponto tão distante do acampamento de Affonso VII, que se ferisse o torneio dos homens do Leonez e do Infante. A tradição, porque existe, não basta a assegural-o, e póde muito bem succeder que ella seja muito anterior aos factos da nossa vida autonoma, e que o povo a haja depois encabeçado na historia da monarchia. [1]

Quem sabe se não terão sido os recontros com Almansor, ou outras correrias dos arabes, que por este logar se dessem, a causa d'essa confusão de lendas?

Junto do Cruzeiro do Ataude, cruzeiro de que só resta hoje a haste desmoronada, e que a tradição ainda refere á tal historica batalha, parte a estrada municipal para a freguezia de *SANTAR,* de *sentar,* diz a lenda que descreve a fadiga d'aquella infanta D. Urraca, que dissemos ser a fundadora do mosteiro de Ermello, depois que o rei seu pae lhe recusára o

[1] Como o assumpto d'esta lenda veiu de novo ao encontro da nossa penna, aproveitamos a occasião para rectificar o ultimo periodo da nota da pag. 302, em que uma inversão typographica altera o sentido do original. Deve lêr-se:

«... da *Fôrna*, pelo outro da Portella do Vez, caminho seguido pelo rei de Leão, e de Aboim das Choças, onde a tradição refere ter sido o seu acampamento,... etc.»

ponto do Outeiro Maior, e que n'esta freguezia repousára com as companheiras, quando andava procurando um logar para a fundação do seu mosteiro. A primitiva matriz de Santar era sagrada e antiquissima, mas sendo demolida no seculo XVII, perdeu esse privilegio com a reedificação.

Não tendo que examinar na freguezia, á estrada real voltamos, depois de vêr o cruzeiro do Ataude, e um pequeno passeio de meio kilometro faz-nos atravessar o logar da Prova, o ultimo dos Arcos, sobranceiro á ponte sobre o Lima, a metade da qual chega a sua jurisdicção civil, apezar de todos os desejos dos de Prova serem de pertencer á villa da Barca, situada mesmo em frente na outra margem do rio.

*

* *

O concelho dos Arcos de Valle de Vez é, como temos notado durante esta excursão, cheio de tradições e bellezas de paysagem, desde o que ha de mais luxuriante em vegetação, até ao que existe de mais silvestre na natureza. Abundante agricolamente, rico em pecuaria, é, no que diz respeito a industria, excessivamente pobre. A nota agricola sobreexcede todas as outras manifestações economicas, e ainda as que dizem respeito á actividade da intelligencia.

Tem tido varios representantes na imprensa o concelho dos Arcos; tiveram ahi a sua origem a *Atalaya do Vez*, o *Primeiro de Dezembro*, e alguns outros de vida ephemera. Hoje existe o *Commercio do Vez*.

As suas escolas officiaes são em numero limitado. Ha na villa uma cadeira de latim e duas primarias, uma para o sexo masculino e outra para o feminino. Particularmente existe tambem um collegio para meninas. As outras escolas primarias, todas para o sexo masculino, distribuem-se pelas freguezias de Aboim, Cabreiro, Padreiro, Prozello, Rio Frio, Rio de Moinhos, S. Paio, Sabbadim, Soajo, Sistello e Valle.

A frequencia media da totalidade das escolas é apenas de 410 creanças. Quão longe estão os Arcos em materia de instrucção de attingir uma proporcionalidade honrosa, sabendo-se que o concelho tem umas 50 freguezias e que a sua população total é de 24:409 almas!

A criminalidade da comarca é representada pelos seguintes dados, referidos, como nos capitulos anteriores, á estatistica mais recente:

Commetteram-se 39 crimes, sendo 4 contra a ordem, 22 contra pessoas, e 13 contra a propriedade. O numero de reus foi de 51, sendo 24 absolvidos, 6 condemnados a penas maiores e 21 a correccionaes. Eram 42 homens e 9 mulheres, sendo 44 reus da comarca e 7 de fóra. Sabiam lêr apenas 22, e os 29 restantes eram analphabetos!

Passando ás manifestações da vida agricola do concelho, temos sobretudo a notar a grande producção dos seus vinhos verdes e milho, e a industria hoje bastante florescente da creação e engorda do gado bovino. O mappa da sua riqueza pecuaria está bastante longe da verdade actual, pois é indubitavel que esta tem augmentado muito depois da ultima estatistica, já de si imperfeita:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	369	3:976$500
Muar	41	317$100
Asinino	40	88$500
Bovino	3:829	48:762$900
Lanar	2:875	629$780
Caprino	1:901	527$680
Suino	1:332	2:912$620
		57:215$080

A industria vinicola é quasi geral no concelho, tendo apenas a exceptuar as freguezias da serra. As mais productoras são as de Valle, S. Jorge, Souto, Tavoras, Couto e Gondoriz. Faz-se grande exportação de vinho para os concelhos visinhos e hoje para o estrangeiro. As vinhas são quasi todas de embarrado ou em uveiras, e apenas uma decima parte em latadas baixas ou em cordões. As castas de uva mais cultivadas são: entre as brancas, a *loureira*, a *lizedia* ou *branco loureiro*, que produz muito e quer andar muito levantada; a *esganosa*, a *trinca dente*, e o *espadeiro branco*, que tambem gosta de andar muito levantado para produzir mais. Entre as castas tintas ha as *espadeiras da terra* e de *Basto*, as borraçaes, o picalpolho que produz bastante em cepa baixa e podada em galheiros; a *feijoa*, que é muito productiva, a doçal e as verancelhas. As vindimas começam regularmente em 20 de setembro. As uvas vindimadas são postas nos lagares e ahi ficam pelo espaço de 24 a 48 horas, abandonadas, a compôr, segundo a expressão local, e no fim d'este tempo é que são pisadas, ficando depois em fermentação por 48 horas, e emquanto esta dura são as uvas repisadas e o vinho mexido por duas vezes, sendo envazilhado no fim d'este tempo.

Fabricam-se vinhos de primeira e segunda qualidade. Os primeiros só com uvas bem sasonadas e das melhores castas; teem côr, corpo e soffrivel gosto, e duram ordinariamente um anno. Os segundos são de qualidade e duração inferiores. Um vinho de Tavora examinado pelo visconde

de Villa Maior tinha 7,8 por cento de alcool absoluto, e era bastante carregado em côr, medianamente verde, bastante adstringente, gosto soffrivel, mas pouco aromatico.

Na Exposição de Londres expozeram vinhos dos Arcos o sr. José Luiz Gomes, da freguezia do *Souto,* sendo a sua força alcoolica avaliada em 11.4; o vinho reputado em 2.ª qualidade, e o preço do litro em 70 réis; o sr. Antonio Nicolau de Abreu Baptista, vinho de *Tavora,* com 12.4 de alcool, classificado em 3.ª qualidade; e o sr. José Pereira de Castro Peçanha, vinho de *Valle,* com 9,8 de alcool, classificado em 1.ª qualidade, e litro para 60 réis.

Os generos alimentares regulam ordinariamente nos mercados da villa pelos seguintes preços:

Milho, alqueire de 17l,882	600	réis
Trigo, » » »	700	»
Feijão, » » »	800	»
Centeio, » » »	480	»
Batatas, » » »	400	»
Ovos (duzia)	100	»
Gallinhas (cada uma)	400 a 500	»
Vinho, pipa de 624 litros	18 a 22$500	»
Coelho bravo	100	»
Perdiz	120	»

O dinheiro obtem-se ordinariamente a 5 por cento com escriptura, e a 8 por cento em letras.

Por estes dados póde o leitor avaliar da facilidade relativa da vida economica no concelho. Pelas impressões que a sua visita nos deixou, sabe já, que tem como nenhum outro a variedade da paysagem nos seus valles e serras alcantiladas, a emoção religiosa nos espiritos, o vinho verde espumante nas adegas.

CONCELHO DE ARCOS DE VALLE DE VEZ

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS	
Aboim das Choças, *Santo Estevão*	185	250	435	122	
Aguiã, *S. Thome*	209	253	462	133	*a*
Alvora, *Santa Maria*	309	349	658	163	*b*
Arcos de Valle de Vez, *O Salvador*	481	687	1:168	272	*c*
Arcos de Valle de Vez, *S. Paio*	586	774	1:360	335	*d*
Azere, *Santos Cosme e Damião*	162	198	360	96	*e*
Cabana Maior, *S. Martinho*	328	334	662	186	*f*
Cabreiro, *O Salvador*	436	500	936	264	*g*
Carralcova, *S. Thiago*	165	183	348	82	*h*
Cendufe e Rio do Cabrão, *S. Thiago — S. Lourenço*	263	384	647	171	*i*
Couto, *S. Pedro*	337	418	755	241	*j*
Eiras, *Santa Comba*	201	263	464	122	*k*
Ermêlo, *Santa Maria*	200	228	428	136	*l*
Extremo, *Natividade de Nossa Senhora*	114	126	240	77	*m*
Gavieira, *O Salvador*	241	261	502	161	*n*
Giella, *S. Vicente*	156	185	341	86	*o*
Gondoriz, *Santa Eulalia*	756	863	1:619	435	*p*
Grade, *Santa Maria*	265	263	528	151	*q*
Guilhadezes, *Santo André*	224	281	505	116	*r*
Jolda, *Santa Maria Magdalena*	202	237	439	112	*s*
Jolda, *S. Paio*	128	137	265	61	*t*
Loureda, *S. Miguel*	169	173	342	85	*u*
Mei, *S. Martinho*	127	143	270	79	*v*
Miranda, *Santa Maria*	473	535	1:008	253	*x*
Monte Redondo, *S. Bartholomeu*	168	192	360	93	*y*
Oliveira, *Santa Maria*	152	229	381	115	*z*
Paçô, *Nossa Senhora do Soccorro*	269	293	562	130	*aa*
Padreiro, *O Salvador*	193	197	390	101	*bb*
Padreiro, *Santa Christina*	127	161	288	78	*cc*
Padroso, *Nossa Senhora das Neves*	204	277	481	130	*dd*
Parada, *S. João Baptista*	115	122	237	60	*ee*
Portella, *Santo André*	282	290	572	178	*ff*
Prozello, *Santa Marinha*	369	408	777	234	*gg*
Rio de Moinhos, *Santa Eulalia*	652	714	1:366	449	*hh*
Rio Frio, *S. João Baptista*	286	385	671	179	*ii*
Sá, *S. Pedro*	91	146	237	77	*jj*
Sabbadim, *O Salvador*	332	458	790	209	*kk*
Santar, *Santa Maria*	67	76	143	42	
Santos Cosme e Damião, *Santos Cosme e Damião*	116	170	286	76	*ll*
S. Jorge, *S. Jorge*	634	641	1:275	307	*mm*
Senharei, *S. Cypriano*	224	267	491	155	*nn*
Sistello, *S. João Baptista*	435	411	846	262	*oo*
Soajo, *S. Martinho*	915	977	1:892	604	*pp*
Souto, *S. Pedro*	275	318	593	166	*qq*
Tabaçô, *S. Thiago*	88	87	175	48	*rr*
Tavora, *Santa Maria*	385	456	841	190	*ss*
Tavora, *S. Vicente*	144	168	312	87	*tt*
Valle, *S. Pedro*	687	786	1:473	363	*uu*
Villa Fonche, *Santa Comba*	167	194	361	94	*vv*
Villela, *Santa Maria*	189	226	415	122	*xx*
	14:283	16:674	30:957	8:488	

NB. Nos concelhos de *Arcos de Valle de Vez* e *Ponte de Lima* e talvez em outros d'este districto, ha parochias annexadas sómente para os effeitos da junta de parochia, mas sendo transitorias estas annexações não fazemos d'ellas menção.

a Comprehende esta freguezia os logares de Bocarinho, S. Martinho. Vizo, Cardida, Quintões, Pegido, Soutinho, Villa Nova.

b Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Alvora, Choças, S. Martinho, Casaldonte, Fonte, Barbeita

c Comprehende esta freguezia alem da parte respectiva da villa os logares de S. Bento, Leirada, Cepa, e as quintas do Ribeiro e Vessadas.

d Comprehende esta freguezia além da parte respectiva da villa os logares de Faquello, Egreja Velha, Morilhões, e as quintas de Fontascos, Outeiro, Regadas.

e Comprehende esta freguezia os logares de Azere, Nonide, Figueiredo, Toural, Casal Avesso, Mosellos, Devesa, Burgete, Barral, Assento.

f Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Portella, Bofeme, Boim, Villelhe de Lagos, Bustellinhos, Bouças Donas.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cabreiro, Sobreira, Villar, Avellar, Lordello, Villela Secca, Tabarca, Roçada, Freitas, Barreiro, Porto, Cerdeira, S. Sebastião, Parral.

h Comprehende esta freguezia os logares de Carralcova, Azevedo, Oncias, Pardieiros, Cortes, Lamas, Parede Nova, Vitureira, Arrochella, Fervenças, Egreja.

i Comprehende a moderna freguezia os seguintes logares:

Bouça, Agrellos, Outeiro, Villa Boa, Ribeiro, Lage, Costa, Bouças, Rodalho, Fabrica, Casaes, Mourigo, Boucinha, Deveza, Monte, Couto, Soutello, Portella, Chamadouro, Mengo, Espadanal, Crasto, Pinho, Castoura, Raposo, Codeceira, Montealegre, Passo, Quintella, Egreja, Rio, Fun'devilla, Monte, Pego, Mó.

j Comprehende esta freguezia os logares de Sellim, Pinheiro, Porta, Granja, Bouça, Trancoso, Cachão, Aldeia, Pousada, Piellas, Tejoinho, Couto da Costa, as quintas da Capella e Lage e as propriedades da Casa da Lage.

k Comprehende esta freguezia os logares de Eiras, Pinheiro, Eirado, Carvalhal, Barro.

l Comprehende esta freguezia os logares de Ermêllo, Villarinho de Souto.

m Comprehende esta freguezia os logares de Extremo, Pereira, Coutada, Castanheira.

n Comprehende esta freguezia os logares de Gavieira, Bouças, Tibo, Azuleiral, Valeiral, Peneda, Brando de S. Bento do Condo, Bouça dos Homens, Junqueira, Burgalinhos, Gorvellos.

o Comprehende esta freguezia os logares de Giella, Corredoura, Casa Nova, Prochina, Souto, Secca, Pedra Chão, Cachão, Coutada, Paço do M. de Ponte do Lima, Requeijo, Porta, Fonte da Maria, Real, Paço, Sobreiro.

p Comprehende esta freguezia os logares de Gondoriz, Guadelupe, Costa, Villar de Mouro, Costa de Cima, Fontão, Logar, Couto, Devesa, Boia, Tolla, Zebra, Portella da Zebra, Cabo de Villa, Costinha, Outeiro, Couto do Moinho, Mondão, Boa-Vista, Barreiras, Crasto, Entre-ribas, Chãos, Outeirinhos, Pedreira, Moural, Eiras, Portella de Jozao, Lameiro, Carvalhedos, Paredes, Rego, Sepedros, Trogal, Cruz, Costariça, Paço, Ungido, Selim, Villa Boa, Lombadinha, Ferreira, Assento.

q Comprehende esta freguezia os logares de Mó (ou Mó de Grade), Portellinha, Pousada, Gontaris, Carreira, Sil, Outeiro, Casal, Costa, Agrella, Villela; e as quintas de Cotinho e Torre.

r Comprehende esta freguezia os logares de Guilhadezes, Quintas, Carvalhos, Jaçoi, Nó do Cabó, Penacivel, Rigueira, Cadorcas, No da Lomba, Funtão-covo, Egreja e mais algumas casas entre uns e outros d'estes logares.

s Comprehende esta freguezia os logares de Jolda, Penellas, Saime, Valinha, Novaes, Villarinho, Semarreira; e as quintas de Boa Vista, Gloria, Quintella, Senra, Jolda, Torre.

t Comprehende esta freguezia os logares de Paio, Carregadouro, Reguengo, Carvalhoso, Bréa, Agravia, Vallia, Pena, Alem do Ribeiro, Xirto.

u Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel, Alem, Bespeira, Paradella, Laranjeira, Costa, Bouçó.

v Comprehende esta freguezia os logares de Barreiros, Cortinhas, Mei de Baixo ou casal de Mei: o casal ou quinta do Lombo; e as quintas de Corredoura, Pedra, Andeviso.

x Comprehende esta freguezia os logares de Miranda, Agrochão, Devesinha, Mangueiros, Casal Senim, Represas, Alminha, Pontinha, Ribeiro, Cendufe, Regueira, Padrão, Bugalhosa, Raposeira, Val Pereira, Carvalhal.

y Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Roças, Telhado, Paço, Adega, Outeiro, Devesa, Longarella, Chaves, Reguengo, Senra, Sabadão, Portella, Raiz, Felgueiras, Costa, Corgo, St.º Amaro.

z Comprehende esta freguezia os logares de Figueiredo, Trabaços, Roem, Veiga, Formigosa, Outeiro, Barral, Moreira; e as quintas de Cerdeiras, Paço de Oliveira, Carril, Cabouco, Caminho, Tauchado, Cerca, S. Sebastião.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Agua Levada, Paço Velho, Monte, Campos de Lima, Atande, Prova, Barreiro, Souto, Villar, Quintas, Laudeira, Lavaceira, Felpouzas, Rota Giesteiro, Arrumena, Casal Velho, Bemdevizo.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Valle, Porta, Ribeiro, Resteva, Casal, Costa, Fonte, Portellada, Tojal, Balota, Torre, Sant'Iago, Lameiro, Outeiro, Torneiros, Rotta, Polo.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Alvar, Bemposta, Pintas, Carrapassal, Terrão, Braziella, Ribeira, Cima de Villa, Crasto, Casal, Loureiro, Bieudo, Agrellos, Ribeira do Rio, Paúlo, Outeiro, Taravez, Fonte do Rei, Carvalhal, Penedo da Mó, Cruzeiro, Rua Cega, Monte do Valle, Residencia.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Quintaes, Lamozos, Cobello, Rua, Outeiro, Paredes.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Parada, Aldeia, Souto, Outeiro, Curral, Soutello, Casal, Cruz, Ribes, Couto; e a quinta da Boa Vista.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Cima de Villa, Outeiro, Casal, Além-parte, Frades, Mourisca.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Xurreira, Cova do Ouro, Ribeiro, Costa, Eiroz, Concieiro, Ramillo, Sucçães, Aldrigo, Gandra, Breia, Estanque, Portellinha, Cima de Villa, Campo, Lagôa, Farto, Gontilhe.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Breia, Monte, Masdão, Reduto, Calçada, Couto, Vinha Nova, Rebello, Aldeia, Cruz, Nogueiras, Soutello, Pouzada, Reboreda, Eiras, Cem, Goudião.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Cortinhas, Cirabade, Codessal, Arieiro, Sabugal, Veiga, Carvalhos, Eirada, Villa, Polvoreira, Rebulheira, Grova, Gavei, Tanchado, Cortes, Costa, Fontinhas, S. Vicente, Villa Franca, Grijo, Fojo, Laceiras, Avelleiras, Caneiro, Rodellas, Cachoufe, Barrouhas, Outeiro, Cordeira, Soutello, Goda, Hospital, Fiscainho, Cachomondinho, Enxerto, Linhares, Barreiro, Torre, Sobreira, Ranhados, Gumbra, Paradella, Madeirinhas, Barziellas, Casa Nova, Guilhera, Gondião, Barqueiros.

jj Comprehende esta freguezia os logares de S. Pedro ou da Egreja, Sá, Nogueira, Carreira.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Lamella, Porto do Rio, Barrosinha, Boeiro, Villa, Pomar, Barro, Boavista, Sanfis, Centieira, Fligido, Bragadas, Escampado, Ribóz, Bouça, Portellinha, Val d'agua, Pedreira, Santa Marinha, Arrotéa, Quintella, Lama, Saminho, Mosteiro, Sobreiro, Souto, Outeiro, Trogal, Cando, Quintão, Bogim, Paços, Real de Prado, Cestaes, Cabanas.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Gorei, Remerelhos, Mourinha, Carvoeira.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Longra, Pomar, Lamas, Picões, Pedrada, Campos de Sá, Souto, Fojo, Chãos, Rua, Burgo, Fraga, Poça, Lodeira, Boucinha, Painçaes, Cimo de Villa, Porta, Espinheiro, Senda, Viachã, Pomarinho, Barreiro, Villar de lobos, Garção; e as quintas de Vaos, Veiga, Quintella, Bouças, Cachada, Pousadella.

nn Comprehende esta freguezia os logares abaixo indicados, divididos nos seguintes povos:

Povos	*Logares*
Senharei	Soutello, Quintaes, Paúlo, Fenteira, Branços, Eidinho, Pinheiro, Casas novas, Meca, Mó, Solar, Egreja.
S. Mamede	Pereira, Brunhedo, Surrego, Codeçal, Caminho, Couto, Vieiro, Eirinha, Lage, Costa, Bouça, Coelheira, Barreirinha.
Santo Antonio de Travassos.	Capella, Eiras, Portella, Carvalhal, Aldeia, Abelheira.

oo Comprehende esta freguezia os logares de Sistello, da Egreja, Soutinho, Quebrada, Estrica, Padrão, Porto, Coba.

pp Comprehende esta freguezia, alem da Villa, os logares de Villar de Soente, Arão, Varzea, Paradella, Cunhos, Villarinho das Quartas.

qq Comprehende esta freguezia os logares de Millundos, Fonte Arcada, Deveza, Aval, Real, Feteira, Castro, Covello, Monte, Portella, Casal, Casares, Paço, Eirigos, Laranjeira: o casal de Vallinhas; as quintas da Torre, Carvalha e Azenha.

rr Comprehende mais esta freguezia os logares da Egreja, Matto, Tapada, Casa Nova, Boa Vista, Cova do Valle, Cachada, Portella, Senão, Penedo, Sertão.

ss Comprehende esta freguezia os logares de Tavora, Piedade, Calvos, Felgueiras, Cancella, Carvalhos, Torrão, Fonte Silveira, Ponte das Mestras, Monte de Abel, Quintaes, Forcados, Meia de Cima, Pindello, Commenda, Deveza, Combollos, Silveiros, Tavarella, Casal, Torre, Redondo, Buenos Aires, e a quinta do Matto.

tt Comprehende esta freguezia os logares de Barrio de Baixo, Bemposta, Egreja, Buenos Aires, Espinhal, Laceiras, Portellas, Picouço, S. Sebastião, Amião, Barrio de Cima, Costeiro, Barbas, Outeirinho, Eido-Velho Crasto, Bosaco, Casal, Lapa (parte).

uu Comprehende esta freguezia os logares de Bouça, Costa da Bouça, Eirinhas, Conto, Lama, Fonte Cova, Baião, Outeiro, Moinhos, Nogueiras, Bemposta, Redonda, Tora, Chãos, Vinhal, Redondello, Borralhaes, Porto, Deveza, Travessas, Cazares, Freita, Ferreira, Pena Cova, Cima Fontão, Congosta, Soutinho, Penedo, Milhora, Vessadas, Camposa, Souto, Devezinha, Sub-Deveza, Arrotéa, Carvalhedo, Parada, Casal, Gandaras, Passadouro, Paredes.

vv Comprehende esta freguezia os logares de Villa Fonche, Egreja, Fijo, Eira, Quinta, Fojo Arrancado, Casal Soeiro, Santa Barbara, Cepa, Pontilhão, Facho, Thomada, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Tourim.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Sobre-Egreja, Villa Nova, Telhado, Sordieiro, Redondo, Quinteiro, Gogido, Costa.

PONTE DA BARCA

Confluencia do Fraguedo com o Lima — Desenho do natural por João de Almeida

Aristocrata e barbara. Pequena, mas encantadora.

As tradições fidalgas prendendo-se, como a hera ás ruinas, pelos solares numerosos e antigos; os costumes agricolas e pastoris da serra da Amarella affirmando nos seus primitivos traços a nossa genese historica. Os alcantis asperos, as devezas formosas, os valles fertilissimos e ridentes de luz, beijados de oriente a oeste pelo decantado Lima.

A villa então é uma formosura, para quem a vê da ponte, emmoldurada como está em collinas de vegetação, d'entre que sobresaem á esquerda o castello de Aboim, á direita a egreja de Oleiros dominada pelo campanario da sua matriz; alegre, sem ser garrida, um vago tom de melancholia pantheista na sua singelesa de linhas, como se o povoado pu-

dera fundir-se por um instante no seio da grande natureza mãe, sem que por isso deixasse de ser bello o quadro em que destacam essas linhas.

Se eu podesse, como Walter Scott, descrever-te uma virgem escoceza de vinte annos, adoravelmente scismadora, quando pensa na poesia dos seus lagos e montanhas, talvez com olhos azues, mas d'um azul profundo e muito casto, teria decerto o buril com que gravar no teu espirito a impressão exacta d'essa natureza tão nova, tão fresca, tão melancholica e tão silvestre, que é todo o enlevo de quem visita a Barca, melhor diriamos ainda, de quem se enamora d'ella. O romancista do Ivanhoé, porém, morreu de ha muito e não me deixou, a mim, o segredo do seu pincel; por isso eu vou pedir ás tradições dos solares, á poesia do povo, á historia da pittoresca villa, os pobres materiaes com que elaborar um capitulo, onde possa condensar o que de mais interessante o excursionista encontra pelo concelho.

—Acompanhas-me, não é assim, leitor amavel?

Percorremos a villa. Tem o logar de honra. O nosso velho amigo e condiscipulo João Julio Vieira Barbosa, o medico estremecido da localidade, segue-nos com alguns amigos. Elle será, como conhecedor do concelho, o nosso *cicerone* obsequioso; e nunca ninguem o foi mais, ou o soube ser melhor, pódes acredital-o. E depois uma hospitalidade bizarra, que eu tenho n'este momento prazer em recordar, como prazer foi o de abraçal-o na Barca, depois de mezes longos de ausencia! É ainda uma surpreza agradavel esta, com que nos aguarda a provincia—a de encontrarmos em cada villa um condiscipulo querido, um velho companheiro de mocidade, que desde muito se distanciou de nós, vivendo ahi a vida remansosa e honesta do trabalho, medico, funccionario, padre, lavrador, negociante, o qual, um dia, esquece por um momento o cavaco na pharmacia para vêr passar a diligencia que chega, e que surprehendido, tão surprehendido como nós, abre n'uma alegria sincera os braços, em que nos recebe, em que nos abafa quasi.

Não é, pois, uma nota pessoal e unica esta, que impressionou o meu coração; é tua, leitor, é de todos os que um dia abalam d'esta capital inaturavel no estio, e vão por esse paiz fóra revigorar na provincia o sangue depauperado pela bacteria do caneiro de Alcantara e pelas oxidações imperfeitas a que o obriga esta lucta sem tregoa contra um meio ambicioso e violento.

Está apresentado o meu amigo; vamos com elle á matriz. O adro, se póde dar-se este nome religioso á formosa alameda de choupaes junto da egreja, está pittorescamente situado em um dos mais altos pontos da villa e é por isso um delicioso passeio para os habitantes. O templo, sob

a invocação de S. João Baptista, é a séde da unica parochia da Barca. A primitiva matriz foi a de S. Martinho de Paço Vedro.

Uma surpreza nos colhe logo á entrada; é a disposição do bello arco abatido sobre que assenta o côro; parece mais um plano horisontal do que um arco e admira-se como tem podido, apezar d'essas condições, conservar a firmeza da sua linha quasi recta. São notaveis os dois seraphins que se vêem logo ao entrar a porta, e de muito valor e belleza artistica o pulpito em talha, assim como algumas das capellas particulares que destacam do corpo da egreja, sendo apenas para sentir que estejam prejudicadas pelas camadas de cal que tanto as desfeiam.

A imagem do Christo morto não nos pareceu de grande valor artistico, embora seja muito apreciada pelos naturaes; a devoção entra de certo por muito n'essa admiração que nada justifica. Figura sempre nas solemnidades da Semana Santa, que são, digamol-o de passagem, as de maior luzimento religioso na villa, graças a um legado de *seis contos* de réis que para esse fim deixou D. Maria Amalia de Moraes Chaves Pimentel.

Cruz offerecida por el-rei D. Manuel

A alfaia, que de mais valia historica nos mostraram, uma cruz de prata, é a que a nossa gravurasinha representa; diz a tradição que foi offerecida á villa por el-rei D. Manuel approximadamente em 1503. O globo ou peanha em que vem terminar a haste é d'uma epocha bastante posterior e conhece-se bem o remendo feito para encobrir a deficiencia que existe.

O templo, vasto e elegante, d'uma só nave, é, segundo uns, reedificação acabada em 1720, e do primitivo apenas conserva o retabulo em pedra, representando o baptismo de Christo, sobre a porta principal; segundo outros, foi edificado *de fundamentis* no seculo XVII por D. Rodrigo Taveira, commendatario de Bravães e deão da Sé de Braga, o qual tinha n'elle, como seu padroeiro, *sepulturas altas*. D'esta familia dos Taveiras eram D. Thereza Taveira, mãe do thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa, o beato Fernando Gines, natural de Monsão, martyrisado no seculo IX; e Manuel de Araujo Azevedo, que, indo como embaixador portuguez de Malaca ao imperio de Achem, ahi foi martyrisado no anno de 1640.

A villa, pequena como é, percorre-se facilmente. O nosso amigo fez-nos apenas notar, e ainda sem o interesse d'uma visita demorada, a Misericordia e hospital, algumas ermidas de menos importancia, o theatro-

sinho fundado por subscripção voluntaria, o palacio da viscondessa de Souto de El-Rei, a modesta casa em que viveu e morreu a celebre Maria Lopes da Costa, a fundadora da villa, de que em breve te darei noticia, e finalmente os paços do concelho, cadeia e casa da camara, em frente da qual e proximo da ponte está o pelourinho, da epocha de D. Manuel, que a nossa gravura representa, e que o Almeida teve occasião para apanhar com a sua camara clara, muito socegado e tranquillamente, do escriptorio do meu amigo.

Emquanto o meu companheiro desenha e João Julio vae arranjar um carro que nos conduza a Bravães, cuja matriz nos dizem muito digna de visitar-se, eu aproveito o ensejo para te fazer n'um esboço rapido a historia da villa, tua conhecida já, depois d'este nosso primeiro passeio.

Chamou-se antigamente Terra da Nobrega á Ponte da Barca actual, e ainda hoje se podem vêr na freguezia de S. Priz as ruinas do castello da Nobrega, séde das justiças, e cadeia d'esse tempo, a favor do qual foram passados os foraes que depois se applicaram á villa moderna. D. Thereza lhe concedeu o primeiro foral em 1125 e D. Affonso II o confirmou em Guimarães em 1217. D. Manuel, dando á villa um foral novo, chama-lhe ainda terra da Nobrega. O nome de Ponte da Barca é, como póde concluir-se d'estas informações, relativamente moderno; deriva-se com effeito a sua etymologia da barca e da ponte que precederam a povoação, a qual só do meiado do seculo XIV em diante principiou a prosperar, sendo até ahi ermo o logar em que hoje assenta a formosa villa.

«É crivel mesmo, escreve o sr. Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco* de 1864, que o nome provenha sómente da *ponte,* que talvez o fosse de *barcas,* como a que atravessava o Douro entre Villa Nova de Gaya e o Porto, antes da construcção da ponte pensil. Não sabemos, diz tambem o erudito escriptor, a epocha da fundação da ponte; entretanto suppomos que teve principio no reinado de el-rei D. João III, tendo tido depois diversas reedificações de pouca importancia, feitas para reparar estragos causados pelas cheias.»

A nós parece-nos mais fundamentada a opinião, de que a ponte é construcção do tempo de D. Manuel, como o attesta a divisa d'este monarcha, n'ella existente.

O escriptor alludido refere pela seguinte fórma a iniciação historica da moderna villa:

«Até meiado do seculo XIV não havia aqui habitação alguma, embora desde tempos muito anteriores transitassem por este sitio muitos viandantes pela commodidade que lhes offerecia, primeiro, uma barca de passagem e depois, uma ponte, qualquer d'ellas de muita antiguidade. Pe-

los annos, pois, de 1350 aqui se estabeleceu uma familia edificando uma pobre casa de venda. A concorrencia de passageiros fez com que em breve prosperasse a vendasinha e essa prosperidade attrahiu ao sitio mais alguns moradores, de sorte que no fim do seculo já se viam varias casas, que formavam o nucleo d'uma aldeia.

Entre as familias que a esse tempo occupavam aquellas casas contava-se a de Maria Lopes da Costa e seu marido Gonçalo Affonso de Aboim, ambos de illustre linhagem. A esta senhora é que pertence propriamente o galardão de fundadora da villa da Ponte da Barca, pois que foi quem a povoou, e d'ella descenderam os senhores da villa. Maria Lopes viveu cento e dez annos; foi casada duas vezes e teve d'esses dois matrimonios cento e vinte filhos, netos e bisnetos, oitenta dos quaes residiram aqui em convivencia diaria com a sua fecundissima progenitora!»

Uma mulher verdadeiramente á altura da missão que se impoz de fundadora d'uma nova colonia!

«Quando el-rei D. Manuel foi á Galliza visitar S. Thiago de Compostella, pousou nas casas de Maria Lopes, as unicas que então havia de sobrado. Já não existia a boa da velhinha. Foi sua filha Isabel Gonçalves da Costa, que recebeu o soberano e lhe proporcionou o prazer de reunir em sua presença a numerosa prole de sua mãe. O monarcha não podendo competir em generosidade com quem lhe dera numero tão avultado de vassallos, contentou-se de fazer mercês a todos os membros d'esta familia patriarchal, segundo os sexos e edades, e concedeu tambem á terra foral com varios privilegios, quando fez revisão geral dos foraes. Até 1834 a villa teve juiz de fóra, camara com tres vereadores, e os mais empregados judiciaes e administrativos competentes—juiz dos orphãos com seu escrivão—todos feitos pelo rei, e quatro escrivães e um alcaide, feitos pelo senhor da villa.»

Ainda até á data que referimos, a Barca teve um regimento de milicias e cinco companhias de ordenanças, com seus capitães e subalternos, commandados pelo senhor da terra, que era seu commendador e capitão-mór nato.

A villa foi pelo principe regente D. João VI elevada em 1815 a cabeça de condado em favor de Antonio de Araujo e Azevedo, com o titulo de conde da Barca, simplesmente, «em premio da singular habilidade com que se houve na missão diplomatica de que fôra encarregado, junto á Republica Franceza, em 1797.» Já em 1787 o conde fôra nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á côrte da Haia e foi-o depois em 1801 nas côrtes de Madrid e Paris. N'esse mesmo anno vae em missão extraordinaria á Haia e em 1802 á Russia. Foi feito ministro

dos negocios estrangeiros e da guerra em 1804, conselheiro de estado em 1807, presidente da junta de commercio n'este mesmo anno e ministro da marinha e ultramar em 1814. Falleceu no Rio de Janeiro em 1817.

A curta biographia d'este filho de Ponte da Barca é, como se vê, apezar de tão resumidos dados, uma gloria que nobilita esta terra. Não obstante a villa ter sido elevada a condado em favor d'este illustre homem de estado, a rainha D. Maria II fez, por decretos de 1845 e 1847, 1.º barão e 1.º visconde da Ponte da Barca ao ministro de estado honorario e marechal de campo reformado Jeronymo Pereira de Vasconcellos, cujo titulo herdou seu filho Fernando Luiz Pereira de Vasconcellos, por decreto de março de 1875.

Visto que uma determinada ordem de idéas nos levou a indicar alguns dos nomes que mais teem illustrado esta terra, não deixaremos de aproveitar o ensejo para mencionar os nomes de *D. João Pimenta,* que foi bispo de Angra; *Jeronymo Pimenta,* desembargador do paço e jurisconsulto celebre; e *Diogo Bernardes Pimenta*, o *principe da poesia pastoril,* o amigo leal e companheiro sincero de Camões, junto de quem foi dormir o somno da morte no mosteiro das religiosas de Sant'Anna de Lisboa. Amigo de D. Sebastião, levou-o comsigo o principe á jornada d'Africa, para que o poeta cantasse a temeraria empreza. Esteve na batalha de Alcacerquibir, onde ficou prisioneiro dos mouros; resgatado como tantos outros, veiu na patria exercer o modesto cargo de *moço de toalha,* e com esses recursos viveu até ao dia da sua morte em 30 de agosto de 1595. Bucolico primoroso, ou não lhe correra a infancia na santa paz suave d'esta natureza louçã, a sua poesia — *O Lima* — é a mais bella descripção do rio, que tão celebrado tem sido nas lyras maviosas dos poetas peninsulares.

> O rio que verás tão socegado,
> que te parecerá que se arrepende
> de levar agua doce ao mar salgado,

viamol-o da casa do meu amigo deslisar sob a ponte, quando recordavamos a poesia de Bernardes, e, ou porque o feiticeiro fosse realmente o Lethes do esquecimento, ou porque o viamos tão commodamente sentados n'uma cadeira de braços, um cumulo de conforto para quem tinha os rins moidos da cavalgada da vespera, eu quasi estava a acreditar na lenda, sentindo-me incapaz do mais ligeiro esforço para excursões e trabalho, apezar de, como o poeta, tentar convencer o meu espirito de que não causaria...

> ... em mim esquecimento,
> ainda que tem virtude de esquecer
> o seu brando e suave movimento,

e isto era uma desculpa, que o João me não admittiu d'esta vez, porque nos esperava o carro para irmos a Bravães, e porque... sobretudo porque, leitor amigo, depois d'este breve cavar em ruinas, a historia da villa não tem mais de que se diga para tua elucidação de *touriste*.

O caminho para Bravães é ainda um trecho de bucolica mais ou menos capaz de inspirar uma lyra bem sensivel de poeta, lyra que tenha honestidade bastante para não ceiar camarões com D. João, e o bom gosto preciso para não dedilhar pieguices de enternecer... pedras duras.

Como a encosta vae toda enfestoada de vegetação e que tapete avelludado não é este do valle, que se vae estendendo sobre a nossa direita, entremostrando n'um ou n'outro ponto as aguas de crystal do Lima! Que lindissima situação não é a do campanario de *OLEIROS*, dominando a collina, e que bem que assenta ali a vivenda do ex.^mo^ sr. Rocha Peixoto, vendo sorrir toda essa natureza alegre, e dando ao viajante a idéa tranquilla d'uma *villegiatura* descuidosa, n'um mez de verão, debaixo das ramarias frondosas dos castanheiros gigantes!

É terra fertilissima esta de Oleiros, e os lavradores d'aqui entregamse bastante á industria remunerativa da criação e engorda do gado bovino para exportação.

Uma columnata da egreja de Bravães

Estamos já em *BRAVÃES* e pena é, que não cheguemos aqui no 1.º domingo de agosto, quando se faz a romaria da Senhora da Pegada, porque teria o leitor mais uma distracção a contar. Não obstante, a egreja matriz, que nos fica na margem direita da estrada, vale bem, pela sua belleza, a visita que lhe fazemos agora. Repare na entrada, de um bello estylo gothico! É sem duvida um dos mais formosos portaes que se encontram na provincia; um primor de trabalho magnifico, onde as columnas, as estatuetas, os rendilhados de granito se entrelaçam na mais artistica disposição, revelando assim o adiantado da esculptura na epocha d'esta construcção. Dentro, a capella-mór não é menos formosa, sendo sobretudo notavel o trabalho em pedra do arco cruzeiro e das bellas columnas espiraladas, que vão morrer no fecho d'esse arco. A porta lateral é egualmente muito curiosa.

Um capitel da egreja de Bravães

Foi o mosteiro fundado por Vasco Annes de Bravães, rico-homem d'aqui natural e um dos principaes vassallos de D. Affonso VI de Leão. Pertenceu na religião aos conegos regrantes de Santo Agostinho, e foi depois commenda de Christo, secularisando-o por fim o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra. Sobre a porta lateral da egreja existe uma inscripção latina

que se refere á morte de um prior, ou de um cavalleiro, conforme se interprete a legenda, que em vernaculo diz:

«*Na era de 1225 morreu o primeiro cavalleiro Mem Rodrigues... Leitor, roga a Deus por mim...*»

Ou então:

«*Era de 1225 morreu o prior da Eureja Mendes Elecim,... etc....*»

Opte o leitor por qual lhe parecer melhor, ou consulte para isso um artigo do sr. Reis de Lemos no *Pero Gallego,* de Vianna, mas lembre-se em todo o caso—*memento*—que... está fazendo um sol capaz de produzir meningites, e que teremos de esperar, em quanto chega o trem, que foi descançar um pouco á sombra dos arvoredos.

Está *vis-a-vis* do templo venerando um casarão, que o não é menos, e vamos por isso recolher-nos ahi dos ardentes raios solares. Tenho vergonha, pelo meu seculo, de dizer ao leitor onde viemos parar. O passado tem uma tão severa magestade n'aquella sua egreja de Bravães, que eu sinto pena de estar agora mettido no pardieiro da... Escola primaria. Ao menos aproveitemos o ensejo, que se nos depara, visitando o seu interior, já que as apparencias do edificio, atiradas como um escarro do seculo sobre esse portico antigo, levantado pela crença de mãos dadas com a arte, nos envergonham deveras. Quasi valia a pena ter entrado em uma córte de gado.

—Tambem o lyrio enflora os pantanos e a luz póde irradiar de qualquer sombra—dir-me-has.

Mas é triste, triste, que ainda em fim quasi cheio do seculo XIX, nós não tenhamos a comprehensão d'essa religião augusta da Instrucção, que já é uma aurora hoje, e que ha de ser um deslumbramento ámanhã.

O gothico portal de Bravães tem o valor d'uma ironia, ironia justa; e quando as creanças, ao sahir da escola, deparem com esse bello monumento do passado e o comparem com a humildade triste do edificio que deixam, como deve cahir intuitivamente nos seus tenros espiritos a semente da descrença em tudo isto, a idéa da inferioridade do seu tempo. —Que, se algum sonhasse estas reflexões, lá estavam dentro nada menos de tres ferulas de buxo para castigar-lhe a audacia do pensamento!

Socega, porém, ó veneranda pedagogia nacional, que nenhuma d'essas creanças cuida em revolucionar a tua vida anemica e beata; no que ellas pensam, quando muito, é em vêr-se livre de ti o mais depressa que

possam, para ir aprender nos vallados a construcção delicada dos ninhos dos rouxinoes.

Castello de Lindoso — Desenho do natural por João de Almeida

E entretanto como se tem, quando creança, amor a essa bandeira de panninho barato, que representa o estimulo e que symbolisa a gloria, embora o pardieiro em que ella se guarda seja coberto de telha vã e de rendilhados de teia de aranha, como acontece ao de Bravães!

Ainda uma nota curiosa:

A casa da escola é tambem o deposito funebre do cangalheiro da freguezia. Um ligeiro compartimento da sala da aula armazena os caixões vasios e os objectos indispensaveis á armação da egreja.

Como nós estamos adiantados!...

Estão feitos os esbocetos e não ha mais que vêr em Bravães, a não ser que visitemos a capella de Santa Leocadia, que a tradição diz ter sido a primitiva matriz no tempo dos templarios, senhores d'esta freguezia, ou que vamos provar as aguas da *Fonte santa*, agora em voga, para o que seria preciso descer até á margem do Lima. Massada sem proveito, e demais a mais inutil para o leitor, cujos olhos se voltam naturalmente de preferencia para o alegre campana-

rio de *LAVRADAS,* rindo ali bem perto, por entre as verduras da collina.

Foi esta freguezia solar de D. Rodrigo Taveira, ascendente dos Taveiras, a que nos referimos quando visitámos a matriz da Barca, e, porque nenhuma nota de mais interesse nos apresenta a sua historia, regressamos alegremente para a villa, onde nos espera o jantar, a que nos dão a honra de assistir as sympathicas irmãs do meu amigo João Julio, o que o torna mais deliciosamente agradavel.

Se o leitor percorreu com a sua attenção amavel todo o capitulo anterior, sabe que proximo da confluencia do Fraguedo ou Peneda com o Lima estanceámos por algum tempo, eu, Almeida e o nosso guia sertanejo, antes de atravessar para Lindoso. Sabe, mas ignora o resto. Pois é com as notas d'essa viagem, extrahidas da minha carteira, e com as que me forneceu o meu amigo, que eu vou reconstituir agora em cavaco do *dessert,* a vida e a historia das parochias da serra da Amarella, imaginando por um pouco ter atravessado de Lindoso para a Ermida e Germil, tomar em Azias a estrada velha, seguir pelas Chãs até S. Miguel e Britello, e collear depois com o Lima pelas encostas do valle, em que assentam as duas Touvedos e Villa Nova de Muhia, para entrar de novo na Barca.

Traçado este itinerario, o leitor não tem senão a empregar um pequeno trabalho de imaginação, que aliás a nossa gravura do principio d'este capitulo auxilia, para se collocar comnosco em *LINDOSO,* na margem esquerda do Lima, á sombra da montanha precipite ao rio, que o sol ainda não transpoz, reanimar os musculos com a frescura que se evapora d'essas aguas limpidas e preparar-se para uma ascensão quasi a prumo, por um corregosito estreito, onde vamos um a um, parando aqui e além, na intenção instinctiva de não deitarmos os bofes pela bocca fóra e de os guardarmos cautellosamente para casos analogamente espinhosos.

Tudo n'este mundo tem um termo, e teve-o por isso tambem a fatigante subida; por um bocado nos internámos ainda atravez dos milharaes de Lindoso; mas alguns instantes depois o castello estava em nossa frente, e breve gosavamos o prazer, só dado vulgarmente ás aguias, de passeiar pelas suas muralhas em ruina.

O panorama é encantador devéras; magestoso, largo, um ambito de luz e solidão, em que o espirito sente fremitos de voar. A oriente as serranias de Hespanha vão-se escalonando em gradações de côr, quasi negras primeiro, cinzentas depois, aniladas mais além, e, por ultimo, tão tenues, tão esfumadas, que parece que é n'esse ponto distante que o céo se prende na terra. A norte e a poente toda uma extensa corda cultivada desenrolando-se pelos pendores do Soajo, e a linha escura de serras mais acima, in-

transigente, selvagem, como que olhando com desdem a larga nodoa de cultura, entornada pelos abrigos dos seus flancos. A sul a freguezia de Lindoso, com a egreja humilde proxima do castello, n'uma pequena chã da montanha, quasi de todo occupada pelos innumeros caniços ou espigueiros de guardar milho.

Na base do castello um souto frondoso de castanheiros, e pela montanha abaixo, de socalco em socalco, os milharaes quasi maduros, dando a idéa d'um tapete de lhama d'ouro em tecido verde, estendido ao sol, que desde muito tempo o não acariciasse.

Foi á sombra d'esses castanheiros que eu me fui deitar, emquanto sob um sol ardente Almeida esboçava o castello e o Felix o acompanhava como entendedor em assumptos de arte e levantamentos topographicos.

—Porque, se ainda o não disse, declaro-o n'este instante, o paiz deve a cartographia do Soajo antes ao Felix, do que ao engenheiro distincto, a quem o governo confiou esses trabalhos. Fosse este para as serranias da Peneda com o theodolito e as bandeirolas, sósinho, sem o auxilio d'aquelle valente rapaz tão conhecido de todos os povos da serra, e veria como lhe ficava o cadastro, ia a dizer. . . o canastro! Por isso tambem o Felix, se me via apontar na carteira um ou outro ponto da paysagem, dizia orgulhoso de si:

—Escusa de apontar; isso marcámos nós lá no mappa.

Foi assim, *sub tegmine fagi,* que eu evoquei a historia d'esse castello vetusto, cuja sombra se projectava até mim.

Mandou D. Diniz edifical-o em 1287, e tão elegante e primoroso o achou, quando veiu visital-o, que lhe deu logo o nome de Lindoso, de que a villa se aproveitou depois, porque não ignoras decerto, que esta freguezia serrana, hoje decahida da sua grandeza antiga, foi villa e cabeça de concelho.

De mais longe, porém, lhe vem as tradições historicas, porque no seu logar de Cidadelhe, que fica além do de Parada, na encosta do monte, pretendem escriptores eruditos situar a antiga cidade *Bretolvao, Britonia* ou *Flavia Lambria,* fundados para isso nas velhas chronicas de Vaseo, e mais do que ahi nos vestigios que ainda se encontram em Cidadelhe, no proprio nome do logar, e na visinhança de Britello, que não seria senão uma parte da cidade de Bretolvão.

Outros pretendem tambem, que a Flavia Lambria seria entre Monsão e Valladares, dizendo Vaseo que no seu tempo se achavam ainda aqui vestigios de thermas romanas, e que n'esse logar se tinham encontrado cippos e moedas com o nome d'esta cidade. Ha ainda quem a colloque em Ribadavia na Galliza, e entre opiniões tão diversas, não póde dizer-se

nada de positivo, porque, mais do que os commentarios e as interpretações, falta o excavar de ruinas nos proprios logares, e seria este o caminho seguro para chegar ao descobrimento da verdade. Entretanto, fosse ou não em Lindoso a Flavia Lambria, não nos parece menos interessante o estudo de Cidadelhe e Britello, onde com toda a certeza existiu uma qualquer povoação romana.

Continuando na rememoração das tradições de Lindoso, notaremos o foral que D. Manuel lhe deu em Lisboa em 1514, com muitos e grandes privilegios. A casa real era senhora do concelho, e as justiças d'este constavam de camara, juiz ordinario e mais empregados respectivos, sendo os vereadores e juizes feitos pelo pelouro, dando-lhe o corregedor as cartas. O padroado da egreja de Lindoso pertencia ao sacro collegio patriarchal, que ahi apresentava o vigario collado com 100$000 réis de renda por anno.

Pelourinho da Barca — Desenho do natural por João de Almeida

Para que em tudo sejam completas as suas tradições, Lindoso diz-se ter sido a patria de Santa Eufemia, martyrisada em Obobriga, uma outra cidade romana de que fallaremos em um dos capitulos seguintes, quando passarmos em Rio Caldo, nas vertentes do Gerez.

Modernamente, Lindoso é uma das mais abundantes parochias da serra, tendo magnificas encostas cultivadas, em que a propria vinha se dá, apezar da aspereza do clima. São povoados de caça os seus montados e não raro o javali abala das suas brenhas silvestres para talar os campos de milho junto da povoação.

No logar da Magdalena, proximo da raia, faz-se no dia 8 de setembro uma das mais pittorescas feiras do concelho e a ella concorrem muitos dos povos da Galliza.

Caminhamos para *S. SILVESTRE DA ERMIDA*. A designação da modestissima parochia basta para definil-a; nem o leitor precisa mais do que esse nome para debuxar na sua imaginação a humilde esmeralda

engastada nas brenhas asperas da serra da Amarella. Pertenceu antigamente a Ermida ao couto de Aboim da Nobrega e fez parte da freguezia de S. Miguel d'Entre-ambos os Rios, de que se emancipou em 1834.

GERMIL não é menos modesta que a sua visinha, e se não foram os seus costumes um tanto primitivos, não teria o viajante que parar alli a fim de conhecel-a.

É sobretudo a estas freguezias da serra que podem applicar-se, embora depois de rectificadas, as noticias do communismo romanesco, com que o livro de D. Antonio da Costa alvoroçou, mais do que os espiritos constitucionaes, aquelles que pensam um pouco em recolher as tradições e usanças do paiz. O leitor encontrará mais adiante uma gravura, composição de Almeida, em que se representa com a fidelidade possivel em tão estreitos limites uma *queimada* na serra.

São especialmente os habitantes da Ermida e de Germil os que as promovem, ou seja com o fim de affastar os animaes do povoado, ou seja com o intento—aqui apparece o principio da associação communista—de produzir uma tal quantidade de carvão, que o resultado da venda feita na Barca ou nos Arcos possa cobrir os encargos das contribuições com que as freguezias são fintadas. Não é, pois, um cofre geral que existe com uma tal ou qual organisação economica; a necessidade do momento é que produz a associação das vontades dirigidas por uma mesma intenção.

O regedor diz que é necessario pagar e então os de Germil para se alliviarem do encargo dizem uns para os outros:—vamos a isto—e assim combinam fazer a *queimada*. Duram estas queimadas ás vezes horas e dias, e é do carvão das urzes que mais os montanhezes se aproveitam para o seu pequeno commercio.

Quem passa de noite a alguma distancia das *queimadas* gosa um espectaculo magestoso e bello, vendo lavrar o incendio pela extensão das estevas, largo e vasto, como a flux em toalha d'uma formosa aurora boreal.

De Germil para a freguezia de *AZIAS* o caminho continua pelas asperezas da serra, mas quando se tem dobrado o monte da Gallinheira e se olha para baixo, a vista repousa docemente na côr verde clara da vegetação do valle, d'onde uma agradavel sensação de frescura parece evolar-se, como se fôra realmente um lago emmoldurado entre montanhas essa bacia, em cujo centro se levanta o campanario da aldeia.

Moldura formidavel e grandiosa, em que a Fraga do Penedo ou Cumieira fórma a linha norte, a Gallinheira a de nascente, o Fojo Lobal a de sul, e os montes da Nobrega a do occidente!

Um quasi isolamento em que está esse valle fertil, onde as aguas

scintillam como diamantes e os prados teem o aspecto das alegres paysagens de Corot.

Parece ter sido antiquissima a povoação de Azias, romana certamente, segundo o attestam as muitas moedas com as legendas de varios imperadores que por ahi se tem encontrado.

A matriz de Azias foi reedificada no principio do seculo XVII. A freguezia tem mais duas capellas publicas; uma dedicada a S. Sebastião, construcção do seculo XIV, outra sob a invocação do Bom Jesus, edificada em 1700 e administrada pela confraria da mesma denominação.

Em Azias encontrámos a velha estrada que vinha da antiga comarca de Pico de Regalados por S. Miguel d'Entre-ambos os Rios e Lindoso, e será essa a que seguiremos, como t'o indiquei já no itinerario previamente traçado. Não imagines, todavia, que vamos seguir um caminho de rosas até chegar ás margens do Lima; continua o collear pelas encostas e planuras da serra, arido aqui, um pouco menos fatigante além, mas em quasi todo o percurso com a nota silvestre das sarças bravias da montanha, com os barrancos e ribeiros d'agua, que tornam estas excursões tão incommodas e perigosas a cada passo, valendo apenas aos viajantes a segurança dos animaes, que teem o habito d'estas caminhadas, e nenhuns melhores para isso que as bestas dos carvoeiros ou as dos almocreves. O que ellas não são é para pressas, posso affirmar-t'o por experiencia propria, apezar de o Felix me dizer muitas vezes que eu ia sobre o albardão tão bem como n'um comboyo.

Dá isto ao menos ensejo para estudar a paysagem e ouvir as lendas que o guia nos vae contando, quando as não vae cantando. Foi n'esse caminhar lento pela serra, que o Felix me apresentou em rima, nem sempre correcta, o retrato ideal d'uma namorada que se requesta e a quem o macho rouxinol vae enternecendo a resistencia com a enumeração das perfeições que n'ella encontra.

—Ora ouça lá—dizia-me o Felix, depois de ensaiar a sua voz de barytono e preludiar a toada tão original, que eu não te posso transmittir por ter um ouvido anti-musico, embora apaixonado pelas bellezas da arte.

Está em frente da sua Ella o cantador enamorado, e com o pincel de poeta vae-lhe fazendo o retrato, onde ha a *nuance* sentimental e inspirada, a côr vermelha e petulante do desejo, o traço delicado do mavioso lyrismo popular.

O leitor ouve o Felix, se é que a leitora, se este livro as tem, o não escuta de melhor vontade:

«Esse teu cabello loiro
é uma pasta de oiro fino,
o dia em que te não vejo
são saudades de contin'o.

Tens as orelhas de neve
como o doce assucaradas,
já te não fallo dos brincos,
nem das prendas que arrecadas.

A tua testa, menina,
é do mais fino crystar (al)
deves cobril-a com um véo
para se não abrasar.

Tens as sobrancelhas pretas
como as pennas d'um gaio,
quizera beijar-t'as ambas
se lhes não causára damno.

Tens o rosto vermelhinho,
vermelho côr de rubim,
são as rosas mais apuradas,
que tu tens no teu jardim.

Nos campos d'esse teu rosto
avistei dois diamantes,
elles se me representam
duas estrellas brilhantes.

Tem-l'o nariz delicado,
tua bocca tem virtude,
é um maná que se bebe,
que aos enfermos dá saude.

Tem-l'os dentes miudinhos
como pedrinhas de sal,
vel-as, se me representa
como o mais fino crystal.

Esse teu queixo, menina,
é pedra de marear,
é a coisa mais brilhante,
que trazes p'ra namorar.

O teu pescoço é branco
como o papel de escrever,
quem me dera ser doutor,
que n'elle aprendera a ler.

Tem-l'os hombros direitinhos,
direitinhos e eguaes,
nem são altos, nem são baixos,
são tão bons como os das mais.

Esses teus braços, menina,
são cintos com que me aperto,
se me apanho dentro d'elles
se me fórma um céo aberto.

Esses teus peitos, menina,
são duas peras maduras
comidas em todo o tempo
servem de proprias doçuras.

Tem-l'a cinta delgadinha,
trajas bem ao meu parecer,
menina que tanto apura,
dê combate ao meu saber.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Do teu joelho p'ra baixo
brilha sempre a melhor meia,
ai, dê-me parte, menina,
p'ra eu lá ir depois de ceia.

Debaixo dos teus sapatos
se fórma um grande exercito,
aqui tens minha menina
teu corpo notado em verso.

—Isto, porém, havia de ser ao som da viola—observava o Felix, não ha nenhuma que lhe resista.

O que eu não podia, porém, comprehender, era como na enumeração das bellezas da requestada figurava um grande exercito debaixo dos seus sapatos!

—Um exercito, um exercito d'estas perfeições que se cantaram—explicou-me então o Felix, dando pelo que se via á palavra a significação de numero, de agrupamento.

E a cantar cantigas vae o guia entretendo o tempo até que passamos

na primeira das Chãs, a freguezia de *S. JOÃO DE VILLA CHÃ*, sobre a esquerda do caminho. Nada de notavel encontramos que descrever, e vamos por isso jornadeando sem parar. No dia 20 de julho faz-se no logar de Santa Marinha uma boa romaria.

Ali está já o campanario da humilde freguezia de *S. THIAGO DE VILLA CHÃ*, dominando a pequena aldeia, que fica sobre a encosta, onde a cultura se estende como que em taboleiros arrelvados, cheios de viçosa frescura.

Sente-se a proximidade do Lima; os ribeiros são mais frequentes, descendo como formosas cascatas pelo declive da montanha. A natureza não é rude como na serra; tem já os encantos da agua, encantos ainda mysteriosos, que o rio parece esconder no profundo leito em que vae adormecido. De cá os pendores da serra da Amarella, de lá os alcantis do Soajo; em baixo as veigas de *S. MIGUEL D'ENTRE-AMBOS OS RIOS* com o seu tom alegre de verdes claros, recortando o cinzento escuro das montanhas, de cujas encostas se despenham as ribeiras affluentes do Lima, que na planicie formam sinuosidades graciosas, dando assim pela sua disposição hydrographica o nome á antiga freguezia e villa extincta, a que D. Manuel deu foral em 1519. É ás suas veigas de Meães que se refere D. Antonio da Costa, quando diz: «que estão divididas em quinhões pelas familias, mas que estas não as cultivam. A cultura e a ceifa executa-as de um extremo ao outro a communidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão.»

Isto não é inteiramente exacto, pois não existe o communismo a que allude o primoroso escriptor. É certo que a ceifa se faz geralmente em uma determinada occasião, mas não para que o producto se ajunte e seja depois quinhoado: o accidentado dos terrenos e a sua disposição em taboleiros é que obrigam á simultaneidade de serviço e ao reciproco auxilio de visinho para visinho. Como esses taboleiros de cultura teem servidões communs, fazem-se nos mesmos dias os trabalhos de lavoura ou ceifa, para obstar a que os mais retardatarios em semear ou os mais apressados em colher não prejudiquem os campos dos seus visinhos. De resto cada um colhe o que é seu, e guarda-o, como bem lhe parece, não tendo os espigueiros de commum ordinariamente senão o local, como vimos em Soajo e Lindoso, o que é ainda justificado por uma necessidade de terreno. Os proprios trabalhos de ceifa não são executados sómente pelos trabalhadores da localidade; os proprietarios vem para esses dias contractar jornaleiros ás freguezias mais visinhas da Barca e Arcos, os quaes para lá sobem effectivamente ás levas de sessenta, oitenta e cem pessoas.

Estes mesmos costumes se observam em *BRITELLO*, onde uma

PONTE DA BARCA

egual causa geologica subsiste a dar a explicação do facto. São, pois, entenda-se bem, communs os dias de trabalho, porque assim o exige a disposição da terra, mas individuaes as colheitas, e pagos até separadamente os jornaleiros, que mette cada lavrador nas suas courellas. É para determinar esse trabalho, quando a maturação das colheitas está prestes, que o *juiz* do logar toca de vespera a carrapita (buzio) com o fim de convocar o povo para uma reunião do dia seguinte, em que se decida da occasião da colheita. Comparece um individuo de cada casa e, segundo as circumstancias que cada um pondera, assim se resolve principiar ou não o trabalho, escolher os campos por onde deve começar a faina, detalhar n'uma palavra todo o serviço a fazer. E não é só para as colheitas que se effectua, sob a presidencia de um *juiz*, uma assembléa local; é tambem para as sementeiras, para as regas dos campos, havendo então os chamados *juizes da agua,* etc.

Não assistimos, com bem pezar, a nenhuma d'essas assembléas ruraes; mas porque visitámos as parochias da serra e nos informámos directamente dos seus costumes, interrogando os que ahi vivem e os que ahi mais ou menos teem permanecido, nos julgamos auctorisados a corrigir levemente as paginas coloridas do livro *No Minho,* onde vemos «accudirem ao logar os homens com os seus casacos de burel avivados de azul, calções, polainas, colletes e barretes de burel tambem, para discutirem em assembléa solemne os negocios de interesse geral.»

Ainda uma outra decepção esta a do modo de trajar, que mais particularmente impressionou o artista nosso companheiro de viagem, que por força queria achar *costumes* originaes para compor os chromos que figuram n'este livro. Veste o geral de modo vulgar, depois sobretudo que a emigração os separou das suas montanhas asperas; apenas alguns velhos dos logares de Lourido e de Sobredo, e as mulheres ainda, como o leitor póde vêr no typo da de Soajo, conservam a persistencia do antigo trajar tão pittoresco.

Da pastoreação dos gados diz tambem D. Antonio da Costa ser feita em commum, substituindo-se de tres em tres dias os pastores tirados de cada familia. Nem sempre é assim, e ordinariamente só com o gado bovino é que se tem o especial cuidado de lhe nomear os pastores, que porque se revesam no serviço, se chamam *veseiros* ou *vigieiros.* De resto são os rebanhos deitados para o monte, de manhã, e elles mesmo vem procurar á noite as respectivas côrtes, quando não ficam por lá ao abrigo das grutas naturaes, como vimos acontecer na serra da Bolhosa, nas penhas do castello da Fôrna.

Feitas estas rectificações ao que diz o escriptor referido, não pode-

mos com elle deixar de concordar, que a persistencia d'estes usos indica realmente uma organisação communista, original na verdade, e onde podem bem estudar-se ainda os vestigios da primitiva civilisação do nosso paiz.

Não podemos alongar mais estas investigações interessantes, porque é a d'um simples *touriste*, não nos cançamos em repetil-o, a excursão que vamos fazendo pela formosa provincia. Os especialistas, porém, devem ali encontrar um rico filão a explorar, e com tanta mais presteza o devem fazer, quanto a civilisação actual vae fundindo esses primitivos costumes, e carreando para as brenhas até agora isoladas das serranias do Soajo e da Amarella os materiaes que trasbordam do vehiculo do progresso.

Ainda não ha estradas, é certo, que facilitem essa sociabilidade, mas já no mappa do districto póde o leitor vêr o traço por onde está projectada a primeira, e ai das pobres tradições e lendas barbaras, quando o *macadam* invada, como um triumphador ovante, o recinto do solitario castello de Lindoso.

—Que, n'este momento, em verdade te digo, eu preferia, a ter de imaginar a estrada, que ella estivesse prompta para me conduzir desde Britello, onde estamos, até á Barca onde chegaremos breve, depois d'uma rapida visita ás duas Touvedos e Villa Nova de Muhia.

De *BRITELLO* dissemos já a proposito do logar de Cidadelhe, de Lindoso, o que a tradição refere ácerca da sua antiguidade. J. A. de Almeida no seu *Diccionario de Chorographia* indica a existencia d'uma estatua que, talvez convenientemente estudada, se ainda existe, podesse elucidar um pouco esse problema archeologico. Seria uma estatua como a do Pateo da Morte? Eis o que diz esse escriptor: «Na veiga do vão da Lage estava uma figura de pedra, sem cabeça nem mãos, nem pés, que foi passada para junto da capella do Rosario e tinha um escudo no peito; quando queriam chuva iam os moradores cantando a ladainha e a punham de bruços; no prestito deviam ir tres Marias virgens; querendo sol, a punham de costas; tirou este abuso o abbade Antonio Toscano de Lima.» Em Britello e proximo do rio está o paço de Britello, cujo primeiro senhor foi D. Payo Rodrigo de Araujo, a quem D. Diniz fez de *jure e herdade* alcaide-mór de Castro Laboreiro e Lindoso.

Festeja-se na freguezia a 8 de setembro Nossa Senhora da Penha, assim chamada porque á sua capella serve de docel uma grande penha de granito. Como a sua visinha Lindoso, a freguezia de Britello cria muito gado e caça, e é interessante a sua flora montesina, em que sobretudo os medronheiros abundam.

De S. Miguel d'Entre-ambos os rios para baixo as grandes massas

graniticas vão desapparecendo; o rio deixa de correr apertado entre as gargantas das montanhas, e a margem readquire essa poetica feição risonha tão nossa conhecida já. É n'esse quadro bucolico e singelo que vemos surgir a fertil *S. SALVADOR DE TOUVEDO*, cujo campanario dista da margem Lima uns dois kilometros apenas, e logo adiante e ainda mais proxima do Lima, como se quizesse disputar preferencias de paysagem á

.. um espectaculo magestoso e bello... (pag. 365)

sua homonyma, apparece-nos *S. LOURENÇO DE TOUVEDO*, onde existe a antiga torre solar dos Touvedos, que no seculo XIV passou para D. Leonor de Alvim, mulher do celebre condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'estes a sua filha unica D. Brites, que foi como esposa do 1.º duque de Bragança D. Affonso o tronco da actual dynastia.

VILLA NOVA DE MUHIA, a uma distancia sensivelmente egual da villa e da margem do Lima, continua com os mesmos aspectos de paysagem, esbatidas n'um tom de verde claro as suas formosas varzeas, assombreados os bosques, rendilhados de uveiras e arvores fructiferas os seus campos de cultura.

Pelo Espirito Santo, porém, quando as macieiras florescem e que os

amentilhos dos castanheiros franjam de oiro os verdes ramos copados, é que é vel-a, no dia da sua grande romaria a Santa Rita, festiva e alegre, como se para multiplicar-lhe as louçanias da natureza fossem necessarias as alegrias da festa.

Foi antigamente esta parochia abbadia e couto do convento de Muhia, de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado por D. Godinho Fafes de Lanhoso, rico homem que serviu a Affonso VI de Leão e a seu genro o conde D. Henrique. Em 1141 confirmou e demarcou D. Affonso Henriques o couto de Muhia; mas porque os Magalhães, senhores da Barca e Terra da Nobrega o quizessem mais tarde devassar, apezar de terem carta para se não intrometterem no couto (1404), foi este extincto por causa de tantos pleitos e passou á jurisdicção da Barca.

*
* *

Estamos finalmente na villa, e, como a sua visita está feita, apenas nos demoramos o tempo necessario para que se prepare o carro que tem de conduzir-nos pela estrada real que segue para Braga.

É tambem a que atravessa o concelho de norte a sul, e nas margens da qual ficam situadas, pela sua maior parte, as freguezias ruraes que ainda nos resta visitar. Vae comnosco o meu amavel condiscipulo e bom amigo João Julio, que tantas vezes tem percorrido, nas suas excursões clinicas, os velhos caminhos de todas essas aldeias e tantas vezes tambem a formosa estrada que o leva ao ninho seu paterno, no proximo concelho de Villa Verde, onde vae continuar a ser nosso guia e nosso hospedeiro bizarro.

Deixando sobre a esquerda o largo da Feira, que o leitor veria extraordinariamente concorrido, se aqui passasse, nos dias da feira bimensal, a 8 e 22, e passando em seguida proximo da capella de S. Bartholomeu, que fica ao fim da rua Direita e principio da carreira de Santo Antonio, onde se faz a grande feira annual de S. Bartholomeu, cuja especialidade consiste nas transacções sobre o linho,—interna-se o carro por uma formosissima alameda de uveiras, talvez de uns dois kilometros de extensão, e vae a gente encantada com esse magnifico lance de estrada, como ha poucos na provincia.

Sobrepujada pelo velho castello de Aboim fica-nos sobre a esquerda a freguezia de *PAÇO VEDRO DE MAGALHÃES,* antiga matriz da villa actual, á qual depois esteve annexa. Denominou-se primeiramente Magalhães ou Mangalhães, e só tomou a denominação actual depois que

a familia Magalhães ahi estabeleceu o seu solar, tomando o appellido do nome da freguezia onde já existia a quinta e paço velho (vedro) pertencente a D. Sancha de Novaes (outros dizem D. Aldonsa Martim de Castellães), com quem casou Affonso Rodrigues, o primeiro que no reinado de D. Diniz tomou o appellido de Magalhães. A fundação do prazo de Paço Vedro é de 1596.

Pelas informações que ficam dadas, póde o leitor avaliar da antiguidade d'esta parochia, cujo esplendor cahiu com os progressos da villa actual. É por isso antiquissima a sua matriz que tem o privilegio de sagrada e de n'ella se poder dizer missa sem pedra de ara. Em Magalhães faz-se em janeiro a romaria de S. Sebastião.

Vamos entre solares. Á esquerda o de Paço Vedro, que já te descrevemos, á direita a torre de Quintella, hoje pertencente ao ex.^mo sr. Antonio Pereira de Lacerda e Mello. Depois em *NOGUEIRA*, cujo campanario vemos além sobre uma ondulação do valle, a casa da Agrella que pertence aos herdeiros de Antonio de Faria Villas Boas.

O castello de Aboim parece acompanhar-nos ainda, quando olhamos sobre a esquerda e vemos o outeiro em que elle está situado. Se o transpozessemos, encontrariamos o campanario da freguezia de *S. PRIZ* ou *SAMPRIZ*, a cujo terreno pertence o monte da Nobrega, ainda hoje encimado pelas ruinas do antiquissimo castello, a favor do qual foram passados os foraes, que depois se applicaram á villa moderna de Ponte da Barca. Foi solar dos Nobregas e senhor d'elle D. Ourigo ou Rodrigo, o *velho* da Nobrega, essa figura lendaria de cavalleiro esforçado e generoso, que enche com o brilho dos seus feitos de armas contra os arabes as paginas primeiras da nossa historia. Escriptores crendeiros fazem subir a fundação do velho solar quasi aos tempos noemicos, attribuindo-a ao rei Brigo, bisneto de Tubal. A verdade é, porém, a que noticiamos, e não póde ir-se além da epocha de D. Affonso I, e quando muito do conde D. Henrique para a data d'essa fundação. Era n'esse castello, como já dissemos em uma das paginas anteriores, que se fazia outr'ora a audiencia e onde estava a cadeia da Terra da Nobrega.

Que massadora coisa é o cavar em ruinas, quando a natureza é tão risonha como no quadro instantaneo que o leitor agora vê. Fique em paz o castello de Aboim, com os seus privilegios esfarellados pelo tempo, e abra a gente os olhos para esta feiticeira paysagem, onde o outeiro coroado pela alvinitente ermida de S. Sebastião desafia o appetite á contemplação d'esta bucolica perfumada.

Estamos na freguezia de *S. THOMÉ DE VADE*, cujo campanario veriamos, se nos dessemos ao incommodo de fazer a pequena ascensão

do outeiro de S. Sebastião. Nada, porém, ha de notavel a visitar ahi, a não ser, e isso sob um ponto de vista muito restricto para um *touriste,* a torre de Pousada, que foi dos Araujos e depois dos senhores da Ponte da Barca, e a antiga casa e quinta das *Insuas,* de que é possuidor actual o sr. José Bento Pestana da Silva.

Não aconselho por isso o leitor a essa visita, mesmo porque tem melhor que vêr, se quizer desviar os seus olhos do outeiro de S. Sebastião e relanceal-os para esta encosta da direita, em que assenta o magestoso convento de *S. MARTINHO DE CRASTO,* todo enfofado em verdura, onde por certo empregaria melhor o seu tempo que em S. Thomé de Vade.

O convento, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), foi fundado em 1136 por D. Onerico Soeiro, senhor de Crasto, como consta da inscripção existente na porta da egreja:

«*Era M. C. LXXIIII* (1174 ou 1136 de J. Christo) *xvj.* (16) *hal. may. caepta est opera ista.*»

O fundador doou depois em 1142 ao mosteiro tudo quanto possuia n'esta terra e em 1196 o arcebispo de Braga, D. Godinho, mais ampliou as rendas e o edificio. Não se limitam aqui as doações. Em 1190 os quatro abbades de Oleiro, Sampriz, S. Romão de Nogueira e Bravães dão as suas egrejas ao mosteiro e n'elle vem professar; e quasi um seculo mais tarde, em 1278, Estevão João, cancellario de D. Affonso III, deixa ao convento todas as herdades, casas, quintas e vinhas que possuia em Valença e um grande casal que tinha em S. João de Longosvalles.

Mas como não ha bem que sempre dure, essa florescencia do mosteiro obedeceu á regra geral, e em 1615, depois de ter passado já a commendatarios, que absorviam todas as rendas, encontram-se apenas dois frades no convento, que n'essa mesma epocha é unido ao de Santa Cruz de Coimbra, por bulla de Clemente VIII. Feita a historia do mosteiro, a da hoje humilde parochia do Crasto, não tem com que fazer-nos demorar, e seguimos por isso até *CUIDE DE VILLA VERDE,* onde está a torre e paço de Villa Verde, que pertenceu á filha do velho fidalgo da Nobrega, D. Elvira, casada com Lourenço Mendes, de Gondar.

Ainda o monte que fica sobranceiro á freguezia conserva o nome de D. Elvira, talvez desde que aos seus ares puros se acolheu com mais outras senhoras a filha de D. Ourigo para viver ahi religiosamente por occasião de uma grande peste que assolou o reino.

O valle vae estreitando cada vez mais, sem que por isso a vegetação deixe de ser frondosa, tanto na encosta das montanhas, como nos campos que marginam a estrada.

Além está *SANTA EULALIA DE RUIVOS*, antigamente *Ruriolos* ou *Ruirolos*, parochia já pelos annos de 1408, como se vê de um prazo que um arcebispo de Braga fez a um tal Anagildo Fromarigues, n'essa epocha. É em Ruivos a casa de Real, solar dos Cerqueiras.

Estamos a chegar a *S. PEDRO DE VADE*. É da freguezia o campanario que nos apparece entre vegetação sobre o lado esquerdo da estrada. Esta e a *Vade*, que descrevemos já, constituiam, no principio da monarchia, uma só freguezia conhecida pelo nome de *S. Pedro de Vaadi*. A separação effectuou-se mais tarde, erigindo a primeira em matriz a ermida de S. Thomé, que ficou sendo o seu orago.

Um pequeno episodio revela-nos n'este instante uma usança do concelho, trivial em todas as suas freguezias.

Pela estrada vemos passar grupos diversos, um ou outro padre de batina sobraçada, mulheres ainda chorando a perda de algum ente querido. Trazem o caminho da egreja de Vade. Não ha duvida que vem de assistir a algum enterro, porque se reconhece, apezar de estar banhada em luz a natureza, o ar merencorio que apresentam nas physionomias. Entretanto a muitos vemos, aos que mais pobres se nos affiguram, trazer pães de trigo nas mãos. Dir-se-ia que para os lados da egreja se tinha aberto uma padaria ou alguma pipa do novo, a que toda essa gente acabava de fazer a prova.

O meu condiscipulo sorriu-se da observação e explicou o costume. Morrera alguem certamente, e todos os amigos do morto ou da familia vinham de assistir á inhumação do cadaver; recebia cada um no fim um pão de pataco e um ou dois copos de vinho; chamava-se a isto a *collação*, recebendo os padres mais uma ou duas velas de *quarta*.

Ahi estava a rasão dos grupos em que haviamos reparado; os que não comiam o pão mesmo junto da pipa, levavam-o para sua casa. A *collação* substituiu os banquetes funebres a que assistimos no concelho de Caminha e no Soajo. A familia dorida manda para junto do adro uma ou duas pipas de vinho e alguns cestos de pão, e mal as ceremonias funebres terminam, vem cada um receber a sua *collação*.

O leitor vê descer dos montes do Oural aquelle pequeno ribeiro confluente do Vade, que vae serpeando aqui pela planicie fóra? Não lhe sei o nome, creio mesmo que o não tem nas cartas hydrographicas; mas o que esse pequeno humilde tem, é, na encosta da serra, uns formosissimos effeitos de paysagem, quando faz saltar as suas aguas de rocha em rocha para formar assim a linda cascata da Fervença.

É já no termo da freguezia de *GROVELLAS* que o leitor tem de apresentar-se com o seu album, se é um paysagista amador, e deseja por-

ventura esboçar essas deliciosas quédas d'agua. Um pouco mais massador nos meus esbocetos, eu tenho de Grovellas a dizer-lhe apenas que foi antigamente do concelho de Aboim da Nobrega e que, segundo a tradição, no sitio chamado a Tina de Ouro, fizeram os arabes excavações do precioso minerio.

Estamos a chegar ao extremo sul do concelho e resta-me ainda fallar da fertil parochia de *BOIVÃES*, que vemos desdobrar-se além para sobre as vertentes da serra do Oural, cujos platós ou *chãos* as freguezias limitrophes aproveitam como pastagens magnificas para os seus gados, e como arena vasta para as suas proezas de caça. Estes *chãos d'Oural* foram sempre *realengos* e nunca, apezar de Boivães ter sido couto, ahi tiveram ingerencia os senhores do termo.

Findou a nossa excursão rural, e de Villa Verde é já a serra da Portella que temos de seguir. . . no capitulo immediato.

*

* *

O concelho de Ponte da Barca está visto e nas informações que seguem, o leitor sabe que não temos em vista senão apresentar uma condensação das suas manifestações de vida actual.

É o que vamos fazer.

Com uma população de 12:461 almas, das quaes pertencem á parochia da villa 1:007, sendo 430 homens e 577 mulheres, o concelho de Ponte da Barca entrega-se quasi essencialmente aos trabalhos agricolas, sendo de menos valia todas as suas outras manifestações.

Não tem jornaes que o representem na imprensa e as suas escolas primarias, em numero de 12, são ainda escassas para distribuir pelo povo a instrucção elementar. Uma apenas existe para o sexo feminino na villa; as restantes, para o sexo masculino, dividem-se pelas freguezias de Bravães, Britello, Crasto, Lindoso, Ponte da Barca, Villa Chã e Villa Nova de Muhia.

A estatistica dos crimes da comarca indica, para o anno de 1880, 21 réos julgados, sendo 16 os crimes, 2 contra a ordem, 9 contra pessoas e 5 contra a propriedade. D'esses 21 réos 18 eram homens e 3 mulheres; sabiam lêr apenas 9 e eram analphabetos 12. Eram 14 da comarca, 6 de fóra e 1 estrangeiro. Foram 9 absolvidos e 12 condemnados a penas correccionaes.

Da agricultura do concelho ha sobretudo a especificar a sua riqueza cerealifera e pecuaria; a vinhateira é pouco importante.

O censo dos seus gados desenvolve-o o seguinte mappa:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	166	1:447$600
Muar	18	242$500
Asinino	15	28$100
Bovino	2:998	49:252$000
Lanar	1:687	544$030
Caprino	1:463	439$610
Suino	1:628	2:865$800
		54:819$640

Do relatorio do visconde de Villa Maior transcrevemos, a respeito do concelho, o seguinte, embora reconheçamos que não são muito exactas as suas affirmações, tendo de então para cá havido maior desenvolvimento da cultura da vinha:

«Este concelho, diz o relatorio, tem só tres freguezias que produzem algum mas pouco vinho: são as de Bravães, Louredo e S. João, que produzem, segundo a estatistica official, sómente 190 pipas. Todas as vinhas d'este concelho são de embarrado. As castas que n'elle predominam são *borraçal, vinhão, espadeiro, feijão* e *verdelho,* entre as brancas. Vindimam nos fins de setembro e principio de outubro. Fazem o vinho em pequenos lagares de cantaria e tambem em dornas de madeira, onde primeiro deixam estar as uvas até que comecem a fermentar: pisam-as então e deixam continuar a fermentação por mais de quarenta horas, e depois envasilham o vinho sem lhe ministrar pelo tempo adiante mais tratamento algum. Não produzem senão vinho verde tinto, delgado, ordinario e que não se conserva além de um anno.»

Como prova do que avançámos antes d'esta transcripção, adduziremos que os vinhos de Nogueira e Paço Vedro foram na exposição de Londres considerados verdes de 1.ª qualidade e tinham uma força alcoolica de 10,3 e 10,4.

O expositor de Nogueira foi o sr. Antonio de Faria P. da C. Villas Boas e o de Paço Vedro o sr. Manuel de Brito F. Mendonça.

As feiras são nos dias 8 e 22 do mez. A vida economica, porém, regula pelas condições do visinho concelho dos Arcos, e não massamos por isso o leitor com mais minuciosas informações.

O que temos dito basta para conhecer o que é e o que vale o concelho de Ponte da Barca. O leitor tem ainda um meio para o comprovar:

ponha-se a caminho e visite-o; verá que vem encantado com a formosura casta das suas paysagens, com o tracto affavel dos seus habitantes, com o delicioso sorrir das suas correntes de agua por entre campos ou montanhas mais deliciosos ainda. Não pense na Suissa, quando quizer amar a natureza; é quasi um crime não conhecer primeiro esse rectangulo de terra encantador chamado *Ponte da Barca*.

CONCELHO DE PONTE DA BARCA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Azias, *Nossa Senhora d'Assumpção*	331	381	712	221 *(a*
Boiváes, *S. Miguel*	218	255	473	127 *(b*
Bravães, *O Salvador*	285	340	625	168 *(c*
Britêlo, *S. Martinho*	245	315	560	149 *(d*
Crasto, *S. Martinho*	261	332	593	169 *(e*
Cuide de Villa Verde, *S. Mamede*	146	222	368	104 *(f*
Entre-ambos os Rios, *S. Miguel*	382	416	798	235 *(g*
Ermida, *S. Silvestre*	42	51	93	27
Germil, *S. Vicente*	58	68	126	27 *(h*
Grovellas, *S. João Evangelista*	153	156	309	66 *(i*
Lavradas, *S. Miguel*	404	466	870	252 *(j*
Lindoso, *S. Mamede*	362	397	759	175 *(k*
Nogueira, *S. Romão*	176	196	372	112 *(l*
Oleiros, *Santo Adrião*	203	227	430	104 *(m*
Paço Vedro de Magalhães, *S. Martinho*	149	217	366	88 *(n*
Ponte da Barca, *S. João Baptista*	430	577	1:007	300 *(o*
Ruivos, *Santa Eulalia*	132	154	286	90 *(p*
S. Priz, *S. Thiago*	282	285	567	164 *(q*
Touvedo, *S. Lourenço*	184	204	388	97 *(r*
Touvedo, *S. Salvador*	116	143	259	70 *(s*
Vade, *S. Pedro*	121	126	247	62 *(t*
Vade, *S. Thomé*	193	271	464	112 *(u*
Villa Chã, *S. João Baptista*	331	340	671	212 *(v*
Villa Chã, *S. Thiago*	132	150	282	96 *(x*
Villa Nova de Muhia, *Nossa Senhora da Conceição*	375	461	836	228 *(y*
	5:711	6:750	12:461	3:464

a Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Lagôa, Podrenda, Salzedo, Mourello, Paço-travesso, Cochofrom, Cochogom, Villa, Casa Pedro, Cortonis, Casal Chonos, Granja, Onteiro.

b Comprehende esta freguezia os logares de Avelleira, Valle, Tuxugueira, Couto do Forno, Brumeiraes, Costa, Moinhos, Salgueiral, Barrio, Quintaes, Cruz, Carvão, Sestal, Paredes, Souto.

c Comprehende esta freguezia os logares de Bravães, Mosteiro, Porta, Redondello, Fim de Villa; os casaes de Eido, Vedoiro, Sontinho, Cova de Lobos, Requeijo, Ermeiro, Barbeitos, Bruzende, Peneirada, Sobrado, Ribeirinho; e as quintas dos Casaes, Redondello, Granja, Roda.

d Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Paço, Parada Monte, Mosteiró, e a quinta do Paço.

e Comprehende esta freguezia os logares de Serzeda, Córtes, Meijoeira, Souto, Continho, Castanheira, Costa, Pombas, Seara, Coval, Adega, D'Ero, Ruivos, Concieiro, Ancede, Outeiro, Veiga, Moinhos, Senem, Coutos, Couto, Trapa, Lage, Quintão, Matta, Mosteiro, Romeo, Motta, Eiriz, Cartas, Lacadas, Tojeiras, Caldas, Porto, Bom.

f Comprehende esta freguezia os logares de Quintaes, Quintaes de Baixo, Rio, Paço. S. Mamede, Marasa, Vieira, Medenha, Danaia, Lage.

g Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Tamente, Sobredo, Lonredo, Froufe.

h Comprehende esta freguezia os logares de Carvalha, Fun'devilla e Real.

i Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Soutello, Casaes Alvarinha, Mamoa, Barral.

j Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Codeceira, Onteiro, Burral, Resteva, S. Gregorio, Coutinho, Landim, Figueiras, Simães, Paço, Bemposta, Porta-dona, Ginzo, Fonte Coberta, S. Mamede, Painções; as quintas de Cima de Villa, Lage, Piado e Pombal.

k Comprehende esta freguezia os logares de Lindoso, Parada, Cidadelhe, e a quinta do Areal.

l Comprehende esta freguezia os logares de Motta, Quintella de Baixo, Quintella de Cima, Paredes, Pedregal, Terças, Tomadinha, Torre Velha, Conto, Cachada, Agrella, Figueiredo, Redondo, Vinha do Veiga, Lameirinho, Continho, Costa, Pereira, Moinho, Eidos, Egreja.

m Comprehende esta freguezia os logares de Lubeira, Airó, Vieira, Rua Nova, Fun'd'Oleiros, Marco do Conto, Ceromil, Sesta, Quintão, Egreja; os casaes do Monte, Pinheiral, Ribeiro, Boa Vista, e as quintas de Cavadas, Gandra, Covellas, Outeiro.

n Comprehende esta freguezia os logares de Paço Vedro, Egreja, Outeiro, Amendo, Cavadas, Painções, Fonte Cova, Paço, Felgueiras, Barreiro, Pençal, Penedo, Poça, Boncinhas, Talhoz, Alvaredo, Granhão, Campelinho.

o Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Feira, Cruzeiro, Raposeira, Painçaes, Campa.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Recoleta, Casal de Cima, Casal de Baixo, Burgo, Vencimal, Deveza, Aldegão, Enxertos, Portellinha, Outeirinhos, Velloso, Real de Cima, Real de Baixo, Tufe, Onteiral.

q Comprehende esta freguezia os logares de Cachadinha, Carriça, Paços, Crasto, Penella, Frades, Formiga, Goge, Quintão, Portella, Covello, Cardelha, Travessa, Ventozello, Gandra, Costa, Ribeiro; as quintas de Portella, Penella, Frades e Gandra.

r Comprehende esta freguezia os logares de Grouro, Roman, Martingo, Correlho, Novaes, Real, Hospital, Torre, Ribeiro, e as quintas de Beiral, Ribeiro, Ponte, Mimoso, Marquez, Villa do Conde, Azías, Carneiro, Postrellas, Lagos, Brazão da Torre de Cima.

s Comprehende esta freguezia os logares do Salvador ou da Egreja, Deveza, Quinta, Cagil, Breia, Pedrada.

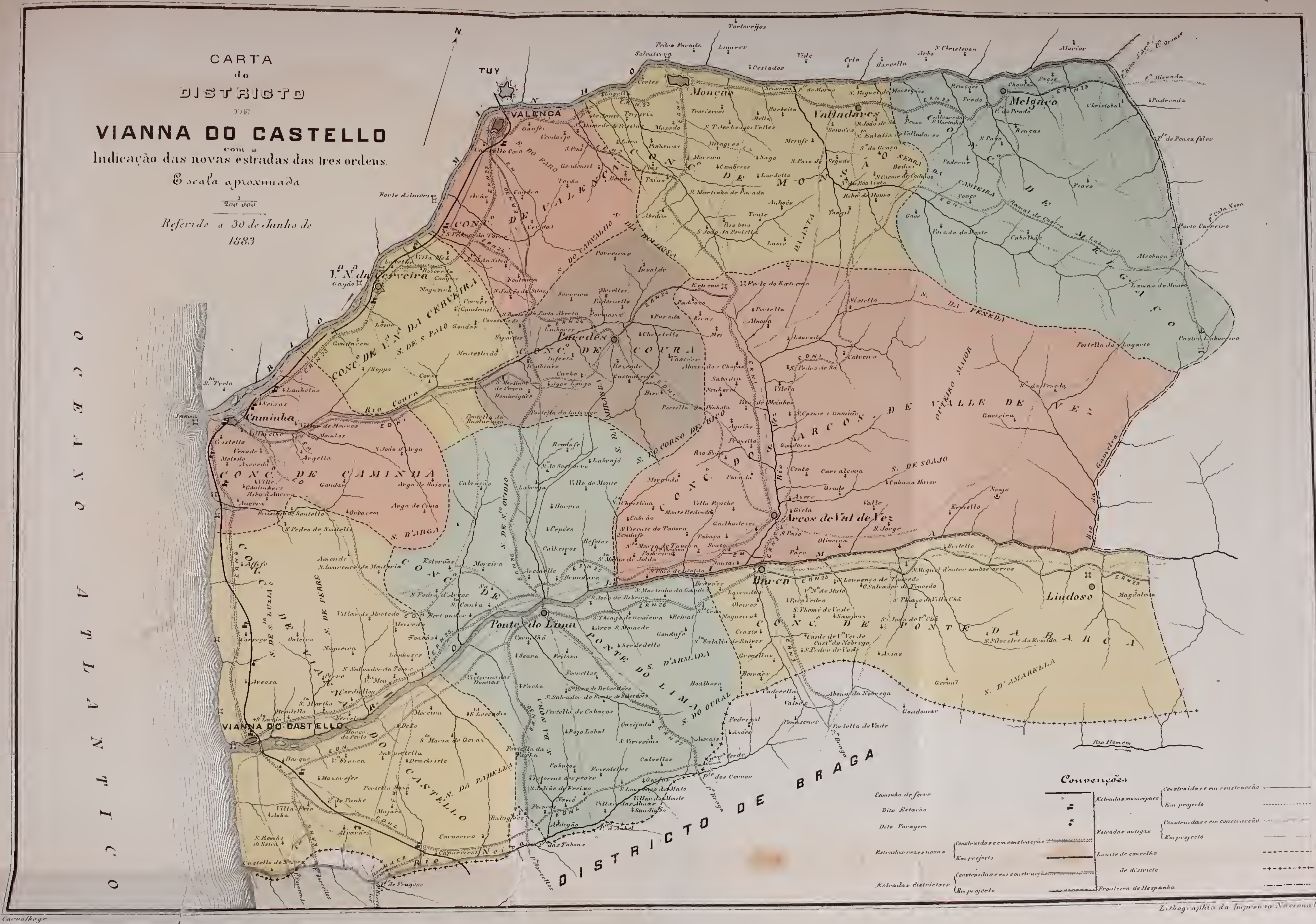
t Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Souto, Boi Vivo, Redondo, Onteiro, Figueirinha, Fonte de Gatos, Sedouro, Pina, e a quinta da Agrella.

u Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Outeiro, Airó, Milhara, Insuas, Lumião, Mouta, Paredes, Pousada, Veiga, Pedra, Conto, Barracas, Villa Meã, Loureiro, Arrotea, Chellos, Chouzella, Bemposta.

v Comprehende esta freguezia os logares de Portuzello, Paradella, Seixas, Egreja, Golfeiro, Quinteiro, Loureiro, Santa Marinha, Soborido, Calonrenço, Barral, Cajaneiro.

x Comprehende esta freguezia os logares de Villa Chã ou Sant'Iago, Seixenha, Barreiro, Eido de Baixo, Eido de Cima, Lamellas.

y Comprehende esta freguezia os logares de Villa Nova de Muhia, Mosteiro, Cima de Villa, Bouça, Carvalhal, Marialva, Carreira, Requeixo, Mulher Boa, Quintães, Lama, Souto, Thomada, Lages, Motta, Quintella de Cima, Quintella de Baixo, Conto, Entrevinhas, Casal; as quintas de Rodo, Padim e Fonte Cova.


CARTA
do
DISTRICTO
DE
VIANNA DO CASTELLO
com a
Indicação das novas estradas das tres ordens.
Escala aproximada
1/200 000
Referido a 30 de Junho de 1883
OCEANO ATLANTICO
DISTRICTO DE BRAGA
TUY
VALENÇA
Monção
Valladares
Melgaço
V. N. da Cerveira
Caminha
Paredes de Coura
Arcos de Val de Vez
Barca
Lindoso
Ponte do Lima
VIANNA DO CASTELLO
CONC. DE CAMINHA
CONC. DE V. N. DA CERVEIRA
CONC. DE COURA
CONC. DOS ARCOS DE VALLE DE VEZ
CONC. DE PONTE DA BARCA
PONTE DO LIMA
Convenções
Caminho de ferro
Dito Estação
Dito Paragem
Estradas reaes novas
Construidas e em construcção
Em projecto
Estradas districtaes
Estradas municipaes
Estradas antigas
Limite de concelho
de districto
Fronteira de Hespanha
Carvalho gr.
Lithographia da Imprensa Nacional

DISTRICTO
DE
BRAGA

VILLA VERDE

Campo do Allivio — Desenho do natural por João de Almeida

Estamos no districto de Braga.

Villa Verde é o primeiro concelho que o nosso itinerario aponta e para definil-o, eu não encontro, leitor, senão a propria palavra, que é na verdade a mais expressiva synthese.

É realmente isso e pouco mais o concelho. Vegetação por toda a parte, luxuriante e frondosa, indicando a intensidade da cultura. Os povos, e a politica tambem, lembraram-se um dia de crear algures um concelho e uma comarca, e uma e outra coisa foram feitas! Attendia-se apenas á justa questão da commodidade e era o bastante. Escolheu-se a villa actual para séde das justiças, como se podia escolher um outro ponto qualquer; differença de mais ou menos fogos.

Que diabo tambem haviam de fazer os de Villa Verde, se as condições economicas são por toda a parte as mesmas, se a cultura é por egual intensa no sul e norte, no oriente e occidente do concelho? Não havia razões historicas, muito menos artisticas. O Pico de Regalados talvez se *pique* pela affirmação, no que diz respeito á historia; foi villa antiga, tinha talvez direitos adquiridos. Não bastantes, ainda assim, para que, postergando outras considerações de commodidade, lhe dessem a superioridade

desejada. *Prado* poderia tambem reclamar; fôra, além de antiga, um centro industrial importante. Villa Verde ficava ao meio; ahi está a virtude! Foi ella a preferida.

O que me parece, leitor, é que, assim como os politicos, os paysagistas, se fossem os que houvessem de escolher o logar para séde da comarca, vêr-se-iam verdes para encontrar entre tanta verdura um logar que... não fosse verde.

O supplicio d'uns e d'outros não equivale, porém, áquelle que eu senti, quando, ao transpor a primeira zona do concelho, o meu amigo João Barbosa me disse:

—Olha que se o quizeres percorrer todo, tens a visitar cincoenta e oito freguezias!...

Talvez eu então me fizesse... verde tambem!

—Interessantes ao menos? perguntei esperançado.

—Eguaes, sensivelmente eguaes.

—Desisto.

—Como queiras...

Reflecti depois.

—O diabo nunca é tão feio como o pintam e o Minho tem que farte para encher a *carteira* de viagem de qualquer *touriste* curioso.

Enganei-me d'esta vez, porque está vasio o meu alforge, e apezar de tão prodiga essa natureza gentil, que veste luxuosamente os valles e as encostas, eu tenho de dizer áquelles dos meus leitores, que esperam episodios com rendilhados de estylo, descripções archeologicas, costumes e usanças locaes, que se despojem de tão fagueira esperança logo aqui á entrada do capitulo, onde não insculpo o verso de Dante

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate

com medo de estragar a citação do poeta e de ruborisar a minha modestia, guindada, como tantas outras, a fazer citações d'uma lingua, que ella mal conhece. Não desejava tambem, que o leitor se visse desalentado n'estas alturas da excursão e que me abandonasse, por isso, no momento em que mais preciso da sua companhia amavel para atravessar, com a minha bagagem de notas e de estylo, essas cincoenta e oito freguezias ruraes, mais terriveis para um *touriste* que escreve, do que os proprios circulos dantescos. Sabe o leitor de mais a mais que estes eram só nove!

— Ah, que feliz que foi o Dante!

E o diabo é que já escrevi o verso!

Fique embora. Começo a persuadir-me que o rio Vade, que vae a

descer por esta garganta da Portella, não é positivamente o rio Charonte, e que muito menos a modesta freguezia de *COVAS*, na encosta, toda enflorada de vegetação, póde ser o ante-vestibulo onde se encontram apenas almas sem virtudes e sem vicios. Com 609 habitantes, sendo 310 mulheres, não é lá muito plausivel a hypothese.

Covas pertenceu ao antigo concelho de Aboim da Nobrega e esteve annexa a S. Thomé de Vade, cujo abbade apresentava aqui o vigario.

Do mesmo lado esquerdo encontra o leitor, embora não veja d'aqui o campanario por ficar além da encosta, a antiga freguezia de *ABOIM DA NOBREGA*, couto que foi de D. João de Aboim, rico-homem do reinado de D. Affonso III e seu modormo-mór, que no logar do Outeiro, junto de Pico de Regalados, teve a sua residencia.

Patria do celebre capitão das naus da India, João Soares Vives, aqui nascido no *Casal do Eixo*, Aboim foi, além de couto, commenda da ordem militar de Malta e teve as suas justiças especiaes, constando de juiz ordinario e dois vereadores, procurador, meirinho, escrivão da camara e do civel, a cujas eleições presidia o corregedor de Vianna.

A sua egreja matriz foi em tempos remotos mosteiro de freiras bentas. O leitor encontra n'uma reliquia sagrada, que aqui existe, um preservativo contra a mordedura dos cães damnados, melhor diriamos, contra os seus funestos effeitos, porque é applicando esse amuleto sobre a ferida que o ameaçado de raiva fica livre. De que te serviu o estudar, ó ingenuo Pasteur, em face d'este amuleto, que é um simples dente!

Não se sabe bem, se será o do *siso,* ou se terão tido siso os que o procuram; crendice parva é que elles tem como averiguada. Escriptores, porém, com... *siso* teem investigado já a procedencia do *dente santo* de Aboim; ha quem o supponha das maxillas de S. Fructuoso, abbade de Constantim, junto de Villa Real, onde se vê a sua cabeça, exactamente sem um dente; quem o supponha de Santo Eleuterio, papa, martyrisado em 196, ou de Santo Eleuterio, arcebispo de Braga, fallecido em 560. Difficil caso é este, como vêem!

Questão para sabios e dentistas!...

Pelas margens do ribeiro que atravessa a freguezia, e na qual tem as duas pontes de Portabril e da Ordem, póde seguir-se até á parochia de *GONDOMAR*, na montanha, onde ficam as nascentes d'este pequeno affluente do rio Vade, a seu turno confluente do Lima. Foi Gondomar da apresentação dos Menezes da Barca e é terra fertil bastante.

No ponto em que vamos, subindo a serra da Portella, o valle é cada vez mais estreito, como se quizesse realmente fazer-nos sentir a linha divisoria dos dois districtos, fechando com as ultimas terras da Barca o de

Vianna, e apresentando-nos ésta pequena garganta em que assenta Covas, como corredor de entrada para um mundo novo e differente. *VALÕES,* sobre o lado direito, eriça ainda esta garganta cavada á custa das inclinações do Oural. Vê-se da estrada o seu modesto campanario, sobresahindo d'entre a folhagem dos soutos. Tem como visinha na serra a freguezia de *PENASCAES,* nome que basta para indicar o que seja essa humilde parochia montesina, assente sobre os alcantis do Oural.

Estamos no alto, na Portella de Vade. Bem te disse eu, meu caro, que iamos a entrar n'um mundo novo e que a natureza, fechando-se nas estreitesas do valle, parecia querer fazer-nos experimentar alguma sensação de surpreza. Como é largo e grandioso o horisonte d'este pinaculo da serra! Que belleza, que panorama esplendido!

A bacia do Homem e Cávado recorta-se lá muito em baixo em franjas d'um verde-claro, a casaria salpica de branco toda a extensão enorme, os pinhaes são nodoas escuras, as arvores meandros de jardim. Avista-se o Bom Jesus e o Sameiro, grande parte dos concelhos de Villa Verde, Amares e Braga!

Um deslumbramento!

Se o diabo viesse outra vez tentar o Christo, escolhia de certo a Portella de Vade para o fazer. E, queres que te diga a minha opinião?

—Não sei se o sonhador divino resistiria a esta seducção terrena, tantos encantos possue, tanto a podia julgar uma porção do paraizo.

Vamos descer.

Á direita espreita-nos da serra um logarejo pertencente á freguezia de *CODECEDA*, que além fica no Oural, distante de nós apenas uns 1:500 metros. Foi couto do mosteiro de Rendufe, tendo justiças proprias que o D. Abbade nomeava.

Alguns solavancos mais por esta descida fóra e encontramos á esquerda *ATHÃES,* o seu campanario soerguido sobre o monte do Picoto, dominando esta formosura do valle. Póde vêr-se ahi o *Paço de Athães,* casa nobre que foi dos Limas e a favor da qual foi passado um *padrão* em 1558 por D. Sebastião, privilegiando-a, assim como a toda a freguezia. A tradição refere que n'este paço estivera escondido algum tempo depois da derrota da ponte de Alcantara, em Lisboa, D. Antonio, prior do Crato.

Sob o nome de ribeiro das Prezas passa na freguezia um pequeno curso de agua, que, vindo de Barros e Gomide, vae desaguar no rio Homem, depois de unido a outros. Barros e Gomide são duas parochias, que ficam um pouco para além de Athães e de que n'este instante vamos pouco distanciados, aproveitando por isso o ensejo de fallar n'ellas.

BARROS, situada em um valle delicioso, na raiz do monte chama-

do *Cortelho* ou *Castello-de-Barros,* foi antigamente concelho independente com a sua camara e juiz ordinario, vindo depois para a extincta comarca do Pico, d'onde passou para Villa Verde. É ahi a quinta do Mouro, que foi de Domingos Annes, de Guimarães, porteiro-mór.

GOMIDE, do arabe *gomia,* especie de *faca* de matto, foi o solar dos Gomides, senhores de Villa Verde, o primeiro dos quaes foi Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade de D. João I. O grande Affonso de Albuquerque era bisneto d'este primeiro ministro de D. João.

Gomide foi couto de Malta, com grandes privilegios. Teve juiz para o civel, vindo do Pico de Regalados o escrivão para as audiencias.

A descida continua, e, n'este rapido deslisar do trem, mal temos tempo para abraçar com a vista as paysagens que se vão desenrolando ora da direita, ora da esquerda, paysagens em que, por assim dizer, cada quadro representa uma freguezia rural, tão densa é a população do concelho.

Por toda a parte casaes espreitando por entre a vegetação, campanarios esbeltos, macissos de arvoredo, ermidasinhas solitarias nos pinaculos das montanhas. Além está, por exemplo, a de S. Miguel do Anjo, sobre a nossa direita, d'onde o panorama deve ser encantador. Na falda da serra fica, d'esse lado, a freguezia de *GODINHAÇOS,* onde o leitor não tem senão a informar-se da lenda da torre de S. Mamede, obra dos mouros, segundo a tradição, que a considera como edificada por um, poderoso e rico, para n'ella poder guardar a sua amante, que, desnecessario é dizel-o, era uma peregrina belleza de typo arabe.

Descemos ainda.

VILLARINHO aqui está sobre a nossa esquerda, affastada da estrada sensivelmente um kilometro; e proximo está *SANDE,* a antiga Santa Vaia de Barros, onde se diz que foi, talvez na casa da Penha, o verdadeiro solar dos Barros, antigos padroeiros d'esta egreja.

Foi Babo o primeiro nome da freguezia, e d'ahi talvez a corrupção para Barros. *Sande,* do hebraico *Sandel,* indica tambem uma origem arabe, como *babou,* que significa *porta.* Não tencionamos destrinçar questões etymologicas e d'ellas apenas concluir para a antiguidade de Sande.

Depois d'esta erudição de emprestimo, dou a gloria das interpretações ao diccionario de Pinho Leal; parece-me, comtudo, que fica bem comprovado esse ponto.

Adiante,—melhor diriamos, volver direita, como se não tenha de ser senão um passeio militar, um como que reconhecimento de terrenos esta excursão ligeira e rapida,—fica *S. MIGUEL DE PRADO.* Estende-se pela encosta buliçosa e fresca a engraçada aldeia. Não tem historia nem lendas peculiares. Um sorriso basta pois, uma nota breve, uma pequena

amabilidade para essa boa rapariga do campo! Não nos corresponde com mais tambem essa jovial.

Passamos junto de *S. CHRISTOVÃO DO RIO* e descançamos por alguns instantes no seu logar de *Pico de Regalados,* no mesmo ponto talvez em que faziam paragem os almocreves que trafegavam trigos entre os Arcos e Braga, e que foram, por assim dizer, os fundadores da antiquissima villa de *Pico de Regalados,* hoje dividida entre as duas freguezias de *S. Christovão* e *S. Paio,* ambas designadas ainda officialmente pelos nomes de *Pico de Regalados* e differenciadas apenas pelos seus oragos e fogos. A villa de Pico de Regalados (depois simplesmente *Regalados,* como lhe chama D. Manuel no foral com que a doa em 1513), era uma das mais antigas comarcas e concelhos do reino, e como tal existiu ate ao decreto de 24 de outubro de 1855, em que a séde das justiças passou para Villa Verde.

Ainda hoje conserva o caracter de agrupação o logar do Pico, e póde, quem fôr curioso, estudar nos seus edificios os vestigios bem claros d'um passado de maior grandeza.

Basta-lhe attentar no edificio incompleto que foi solar dos Abreus-Silvas, construido em 1790 sobre as ruinas d'um outro antiquissimo que foi dos primitivos senhores de Regalados, os Abreus de Merufe, dos quaes dizia Sá de Miranda pelo abuso que faziam do seu poder e riqueza:

«Agora por que vos conte
«Quanto vi—tudo é mudado!
«Quando recolhi ao monte
«Por meus visinhos defronte
«*Vi lobos no povoado.*»

Não sei se ainda hoje póde affirmar-se com o poeta a existencia de lobos d'esta ordem em Pico de Regalados. Mas o que póde dizer-se dos seus actuaes habitantes é que são homens capazes de revolucionar o cèo e a terra, e tanto que até o proprio S. Sebastião fizeram politico, tomando-o como bandeira de guerra entre regeneradores e progressistas. Como bandeira de guerra e como pendão de festa! É cada qual dos grupos ha de solemnisar com pompas mais luzidas o martyr advogado contra a fome, a peste e a guerra!...

Se um dia os do Pico se lembram de o eleger pae da patria! e que o santo tem de vir em charola até S. Bento!...

Que diabo! N'este paiz em que Santo Antonio foi militar e seguiu postos até capitão d'um regimento, vencendo como tal o respectivo soldo, não seria isso muito difficil. Talvez até que os governos applaudissem,

apezar de ir distanciada de mais de um seculo a epocha beata de D. João V, em que o facto aconteceu!

Digamos da villa de Regalados. A estrada nova atravessa-a de norte a sul e, apezar de ser hoje, como dissemos, pertencente ás duas freguezias enumeradas, conserva ainda assim uma certa importancia, que o seu povoado lhe não deixa perder. Tem por isso feira de gado e generos alimentares nos dias 17 e em todas as primeiras sextas feiras de cada mez.

A estrada continua a descer e aqui temos já, um kilometro para a direita, um novo campanario. É o de *MOZ*, freguezia fertilissima, como o parecem indicar os seus campos intensamente cultivados, os gados que vemos pascer nos prados frescos e humidos.

Agora é, ainda sobre o mesmo lado, a egreja parochial da freguezia de *GEME*, aquella que vemos destacar além por entre a casaria do logar.

Não ha razão para que nos demoremos.

Seguimos atravez do valle; o caminho é quasi plano. Fica-nos á esquerda o campanario de *LANHAS*, onde nada tambem ha de notavel para entreter a curiosidade do viajante. N'este ponto a estrada envia dois ramaes, um para nascente, outro para poente; vae o primeiro até Oriz, por emquanto, devendo seguir até Valdreu; vae o segundo até Doçãos. Nós continuamos na estrada real e não precisamos andar mais de um kilometro para chegar á séde do concelho, ao largo terreiro arborisado onde assenta a pittoresca povoação de

VILLA VERDE

A nossa gravura de pagina, tirada exactamente do ponto em que a estrada, vinda do norte, entra no largo, dá uma idéa bem nitida do que seja esta villa moderna, ainda com a feição de vasta aldeia, tumida de arvoredo denso, os edificios affrontados pelas ramarias frescas, verde n'uma palavra, *verde* bastante para attingir a maioridade d'uma villa que se preze de o ser, com a sua monotona seriedade de construcções agrupadas em ruas estreitas, candieiros de petroleo, egrejas de frontispicio escuro, um ou outro largo com chafariz esbelto, alguma hospedaria onde se morra de fome, jornaes que sejam orgãos dos politicos da terra, club onde se adormeça da nostalgia do whist. Um dia virá em que Villa Verde, já então madura, tenha tudo isso e muito mais ainda. Os chronistas de então que façam o favor de lêr estas notas e de comparar os dois estadios da evolução e progressos da villa para admirarem a minha sagacidade de agora.

Hospedo-me em casa do pae do meu amigo João Julio Barbosa, um velho respeitavel e sympathico, e a sua familia é desde esse momento como

se fôra a minha. Assisto a esse expandir de corações honestos e amigos, da mãe que abraça o filho, das irmãs extremosas que o beijam, e da reprehensão tão meiga como severamente risonha da madrinha, que o accusa e o absolve, porque elle, o perdido, não tivera alma de vir da Barca uns dias antes para vel-a.

Parece que nos conhecemos desde muito e vimo-nos apenas ha alguns momentos. É assim a provincia. Sente-se a gente bem, á vontade, quando o acolhem n'um lar hospitaleiro, onde se respira uma franqueza sincera e se atira para longe este sorriso, que, na vida ordinaria da cidade, os labios levam de casa engatilhado para o primeiro *delicado* que nos apparece, como se leva o guarda-chuva quando chove, ou a *badine* quando faz bom tempo. Tenho ainda para com a familia do meu amigo uma divida de gratidão a pagar, além da que pessoalmente me prende pela sua graciosa hospitalidade; é a de me fazer apontar na minha carteira de viagem as notas que enchem este capitulo e que são as mais caracteristicas usanças do concelho. Assim, por exemplo, eu tinha muitas vezes ouvido fallar do palmito das noivas, mas imaginára sempre que se havia perdido já na tradição popular a realidade effectiva do symbolo. Enganei-me, sabes tu, leitor?

O *ramo do casamento,* ou palmito, é ainda hoje dado pelo noivo á sua noiva em Villa Verde e não seria de certo bem visto o casamento, em que a desposada não levasse á egreja o ramo que lhe dera o noivo. Além do ramo, este tem ainda de presentear a futura esposa com qualquer prenda de ouro ou roupa de vestir. Em troca a noiva offerece ao noivo a camisa de linho, ordinariamente tecido por ella propria e com lavores bordados por sua mão. As que não sabem bordar, encommendam então esse serviço a alguma das suas amigas ou costureira de nome, mas, Deus sabe a magua que lhes vae n'alma, de não poderem tecer com as proprias mãos esse linho, que foi talvez, n'uma das noites de espadelada nas eiras, o principio do seu romance amoroso.

> Talvez que um dia este linho
> tecido no teu tear
> seja a camisa de noivo
> com que hajas de me dotar.

Nunca mais a proposito veiu a gravurasita, que vae em pag. 396, d'esse espadeladouro usado em Villa Verde.

O rude cortiço usado para o Alto Minho cede o seu logar ao espadeladouro de madeira, burilado com desenhos varios, os mais catitas adornados com pequeninos espelhos embutidos. A espadela mais larga e

VILLA VERDE — *Desenho do natural por João de Almeida*

cheia, ponteada de pequenas figuras geometricas, differe tambem das do norte, esguias e singelas. Dir-se-ia que os instrumentos agricolas assim arrebicados e anchos traduzem na sua feição de arte a maior riqueza e abundancia dos concelhos, a vida mais alegre e farta.

Outros costumes o demonstram e vae d'isso inteirar-se o leitor, quando eu lhe disser o que são as *Obradas* (oblatas), com que o povo se persuade encommendar a Deus as almas dos parentes ou amigos. As *oblatas* fazem-se ao oitavo dia depois do fallecimento; como que são correspondentes á nossa missa do sahimento. Os parentes e amigos encorporam-se em casa dos doridos e assim vão enfileirados para a egreja, onde o parocho faz umas resas appropriadas ao caso. No fim dão todos ao padre uma esmola, que nunca será de menos de vintem, custo de cada um responso offerecido pela alma do finado; é a *oblata*. O costume da *collação* no dia do enterro existe tambem como o descrevemos na Barca; apenas se não dá vinho, mas é distribuido o pão, ou *mollete,* áquelles que o desejem.

Ha ainda no concelho de Villa Verde uma outra *oblata,* aproveitavel directamente ao padre, mesmo sem o latim do *Requiem.* É a que tem logar depois de colhido *o S. Miguel.* O abbade manda um carro a casa dos freguezes receber a *obrada* e de cada viuvo ou solteiro recebe uma rasa de milho, ou duas, sendo casados.

Não se limitam aqui as contribuições de Villa Verde. Por cada baptisado ou casamento recebe o parocho uma gallinha e dois pães, e por occasião da Paschoa, os ovos ou pão de ló, o trigo ou dinheiro com que a generosidade dos freguezes agradece a visita da *Cruz!*

A *Cruz!*

Podes tu avaliar, leitor, que não ès do Minho, o que significa essa visita do Christo em segunda feira de Paschoa a casa de cada um dos parochianos da freguezia, pobre ou rico, seja qual fôr a sua condição ou classe! É mais do que uma festa religiosa; é uma festa da natureza e uma festa da familia!

A primavera enche de aromas os campos, a seiva brota espontanea nas arvores, o sol scintilla na ebriedade da luz; fazem-se as grandes sementeiras do milho, os arados lavram fundo na terra. Alleluia, alleluia!

A egreja aproveitou bem o momento; é realmente a resurreição da natureza esse expandir alegre da seiva e do sorriso humano.

O Natal é a festa da noite, a Paschoa a festa do dia!

Pelos caminhos da aldeia o parocho revestido de sobrepeliz e estola vae acompanhado pelo *mordomo da cruz,* pelo *caldeirinha da agua benta,* pelo *campainha,* pelo creado encarregado de receber os folares. Partem sol nado.

São muitos e distantes os logares, e a cruz, enfeitada com bellos cordões de ouro e laços de fita coloridos, aromatisada com essencia de cravo ou rosmaninho, tem de ser beijada por todos os freguezes.

Os visinhos invadem uns as casas dos outros; os parentes teem de ir beijal-a a casa dos parentes, embora a distancia seja longa.

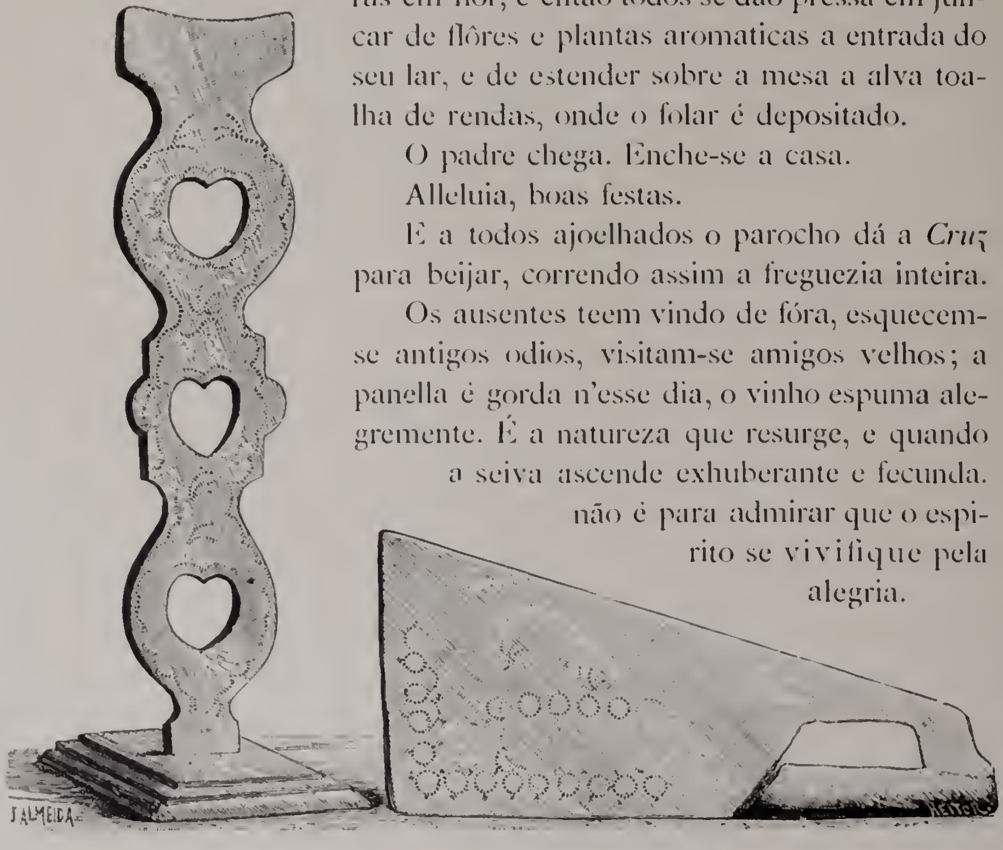
Avista-se além a *Cruz*, n'uma volta da azinhaga. A campainha vibra no ar embalsamado pelo perfume das macieiras em flôr, e então todos se dão pressa em juncar de flôres e plantas aromaticas a entrada do seu lar, e de estender sobre a mesa a alva toalha de rendas, onde o folar é depositado.

O padre chega. Enche-se a casa.

Alleluia, boas festas.

E a todos ajoelhados o parocho dá a *Cruz* para beijar, correndo assim a freguezia inteira.

Os ausentes teem vindo de fóra, esquecem-se antigos odios, visitam-se amigos velhos; a panella é gorda n'esse dia, o vinho espuma alegremente. É a natureza que resurge, e quando a seiva ascende exhuberante e fecunda, não é para admirar que o espirito se vivifique pela alegria.



Espadeladouro *Espadela*

Eis ahi o que é o dia da *Cruz* não só em Villa Verde, como em toda a provincia.

Algumas ligeiras notas sobre a moderna villa antes de emprehender as excursões que temos a fazer a norte-oriente e sul-occidente do concelho.

Villa Verde pertenceu ao extincto concelho de Villa Chã e foi o decreto, já por vezes citado, de 24 de outubro de 1855, que a elevou á cathegoria actual, sendo ainda mais modernamente instituida em comarca.

Até então era simplesmente a antiga freguezia de S. Paio de Villa Verde, hoje ainda o seu padroeiro.

São pouco para notar os seus edificios e, modernamente, apenas ao sul do largo se levanta a casa da camara, tribunal e mais repartições publicas, attestando pela sua simplicidade e falta de elegancia a nossa burocracia monotona.

*

* *

Nada mais ha que vêr dentro da villa; volvamos por isso ás nossas excursões. O nosso plano era de marchar a Terras de Bouro e d'ahi a Cabeceiras de Basto; temos de o modificar por falta de estradas e transportes, e depois de uns poucos de itinerarios adoptados e rejeitados immediatamente, combinou-se que fossemos primeiro a Bouro e regressassemos a Villa Verde para seguir d'aqui para terras de Amares.

Difficuldade primeira. Não havia quem nos alugasse cavallos dentro da villa, apezar de todas as diligencias que o nosso amigo empregou.

—Uma barbaridade! credo! Ir a Bouro e voltar logo! o que seria dos pobres animaes!...

Vamos por isso n'uma victoriasinha do Peixoto, até Oriz.

—Ahi vêr-se-ha o que se arranja! É já mais perto e alguem ha lá que tem animaes para alugar, informam-nos.

Levamos um guia. A manhã está deliciosamente fresca. A estrada vae plana até á capella gradeada do Senhor de Lanhas, onde se faz a 29 de junho uma das grandes romarias do concelho, e continua assim até á freguezia de *SABARIZ,* que se estende sobre a nossa esquerda, entre o ponto em que vamos e a estrada real da Barca, por onde passamos já.

Foi em tempos antigos villa e couto, cujo senhorio teve Fernão Savareguiz (d'onde Sabariz), de quem descendem os Araujos, Pereiras e Lagos, da cidade de Braga. Os abbades de Rendufe, senhores d'este couto por troca com os primeiros, eram os ouvidores do couto e aqui vinham dar audiencia com um escrivão de Pico de Regalados. Do castello solarengo da familia, que primeiro teve o dominio de Sabariz, não restam hoje vestigios.

Vamos entre pinhaes. Descemos. Ao fundo as veigas humidas e frescas da freguezia de *COUCIEIRO* abrem-se de repente como cortina luminosa. A egreja parochial merece, pelo menos, uma rapida visita. É antiquissima; a data de 1202, que se vê gravada em uma pedra, assim o attesta; foi convento de templarios. Na freguezia está ainda o paço e torre

em que viveram os senhores de Regalados, anteriores aos Abreus e tambem o paço de Linhares, que foi dos Barros.

É junto do logar da Veiga que a estrada se abre em cruz, dirigindo um ramo para Pico de Regalados e outro para a freguezia da *PONTE* ou *S. VICENTE DE CALDELLAS*, onde por emquanto morre, junto da margem do rio Homem.

D'esse ponto do entroncamento avista-se uma das melhores casas da freguezia, a do visconde de Carcavellos, e sobranceiro ao lado esquerdo vê-se o outeiro de S. Gião, encimado pela capellinha do santo e coroado por formosas agrupações graniticas, em fórma de *castello*, que aliás a tradição diz tambem ter ahi existido, attribuindo a sua fundação aos mouros.

O nosso guia phantasiou-nos uma *cova da moura,* com abobadas taes, de sons cavos e medonhos, que nos desafiou o appetite de subir a S. Gião para verificar o valor da lenda. Suppuzemos pelo menos ir encontrar algum dolmen ou citania e phantasiavamos, como o bom do guia, cavernas percorridas á luz de archotes, excavações interessantes, mumias prehistoricas, o diabo em figura de plyosauro, um mundo novo em folhinha para entregar aos sabios.

Realisamos, pois, na volta essa excursão, e no fim d'uma boa meia hora de trepadeira chegamos ao tal castello.

—A cova, as grutas?

O guia não sabia onde ficavam. A noite avisinhava-se e era realmente d'um desalento unico ter subido a encosta para visitar tão medonha caverna e não encontrar coisa alguma.

Eis-nos os tres a procurar, eu, Almeida e o guia. Um bom quarto de hora tinha decorrido e... nada! O sol havia-se escondido já, e a noite adiantava-se a passos largos. O panorama teria encantos n'outra qualquer occasião, porque é magestoso e rasgado o horisonte; n'aquella, porém, o que nós queriamos, no que nos obstinavamos era em procurar a gruta, a lapa, a cova da moira.

O guia confessava já:

—Que lhe parecia! todos diziam, e elle tinha-a visto ha vinte e tantos annos, isso tinha, mas é que lhe perdera o rumo!...

Achei eu esse rumo afinal; era tempo já, porque a noite cerrava-se mysteriosamente e como que se combinára com a lenda para nos vedar o prazer d'esta inquirição archeologica.

Entrámos, accendemos phosphoros. Apenas um ou outro fragmento de ceramica antiga nos prendeu a attenção e podémos verificar a pequena extensão da galeria, que a phantasia popular faz descer até ao rio Homem!

O logar parece-nos adequado á posição d'um simples crasto e nada mais. Resalvem-se, porém, futuras investigações.

Não resam mais os nossos apontamentos sobre a aldeia da Ponte.

Adiantamo-nos um pouco. A estrada termina e o terreno que pisamos é já o da freguezia de *ORIZ* (Santa Marinha), onde nos apeiamos do trem para visitar não só esta porção norte do concelho, como o de Terras de Bouro, que nos fica proximo.

Ainda no ponto em que a estrada termina, não conseguimos arranjar cavallos; informam-nos, porém, que descendo a *Vau* seria talvez realisavel o nosso desejo, se antes d'isso o não podesse ser em Barreiro.

Eis-nos, pois, percorrendo os velhos caminhos de Oriz, ora por baixo das latadas que os atravessam de lado a lado, ora entre as sombras das carvalheiras antigas.

A egreja fica escondida n'um souto, quasi abafada no meio da verdura. Aqui estamos já no logarejo de Barreiro. O nosso *desideratum* realisa-se a final; conseguimos arranjar dois animaes de cavallaria que nos conduzam a Bouro.

Em quanto os arreiam convenientemente, Almeida faz o *croquis* d'uma d'essas lagaretas tão vulgares nas aldeias da provincia e cuja gravura tu podes vêr reproduzida em pag. 401.

As eguas estão promptas. Montamos. Difficil foi chegar a esta acquisição, mas está feita de vez e não temos senão a dar parabens ás nossas pernas, que se preparavam para fazer em marcha forçada o caminho de Terras de Bouro.

Um dos animaes obtemol-o sob a expressa condição de o mandarmos ferrar em Vau e pagar 500 réis de aluguer.

O outro...

Quer o leitor saber as condições em que o obtemos?

De graça!...

O seu proprietario, que aliás nos não conhece, não quer receber dinheiro.

—Empresta, não aluga—responde ás nossas instancias.

E com a generosidade teimosa d'um bom minhoto, faz com que guardemos a nossa bolsa, deixando-nos ficar sob o enleio do reconhecimento.

—*Avis rara*—exclamará o leitor.

—*Avis unica*—bradamos nós, tanto mais enthusiasmados, quanto a occasião era deveras critica para as nossas commodidades! A cavallo, pois, atravessamos parte d'esta e da seguinte freguezia de *ORIZ* (S. Miguel), mais pequena ainda que a sua homonyma e menos populosa tambem.

Por entre carreiros e atalhos vamos seguindo até passar em *S. PEDRO DE VALBOM,* freguezia humilde e modesta, que pelos declives da montanha se acantona até ás margens do Homem. Encontramos logo adiante uma outra freguezia do mesmo nome, e por egual modesta no seu viver entre os soutos de carvalheiras frondosas. É a de *S. MARTINHO DE VALBOM,* em cujo logar de Paço existe um solar que foi dos Babos ou Barros, e que outr'ora teve cadeia e jurisdicção civil.

Entre as duas, ou melhor, um pouco mais para norte, póde o leitor visitar a freguezia antiga de *PASSO,* embora não lhe seja de grande utilidade ou recreio a visita, porque nada encontra ahi de notavel que lhe prenda a attenção, nem mesmo a paysagem tem bellezas que valham o sacrificio da jornada, curta embora, do ponto em que estanceamos.

Resta-nos visitar, para completar por este lado a nossa excursão do norte do concelho, a antiga freguezia do Salvador de *VALDREU* ou *BALDREU,* outr'ora couto de um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado pelo velho da Nobrega, existindo ainda no seculo XVI e passando depois da extincção para commenda da ordem de Christo, pertencente aos condes da Castanheira. Se viessemos em occasião propria iriamos os dois, leitor amigo, até á romaria de Santo Antonio de Meixões da Serra, embora houvessemos de galgar quebradas para lá chegar. Assim não passamos do logar de Cabaninhas, que te apresento com a sua lenda sinistra, um pouco similhante á da cidade biblica destruida pela sua impiedade.

Cabaninhas era um antigo logar posto sobre o cairel d'um abysmo, como um ninho de aguias orgulhosas. Impio, pouco observante da lei de Deus, negando hospitalidade aos peregrinos raros que por ahi passavam.

Uma vez aconteceu que um pobresinho pediu pousada aos de Cabaninhas, mas todas as portas se lhe fecharam; todas não, uma por excepção lhe foi aberta, compadecido o seu dono do desgraçado mendigo, que tinha de atravessar a serra n'aquella noite, que ameaçava tempestade.

Aqueceu-o ao seu lar, deu-lhe do seu pão e do seu vinho.

Fóra, a chuva cahia em fortes bategas, o vento ululava como precito raivoso. Sentiu-se então um forte abalo estrondoso e collossal.

O lavrador chegou á porta e recuou aterrado. O logar de Cabaninhas precipitava-se inteiro pelas arestas da quebrada e cahia sotterrado, lá em baixo, nas fundas margens do rio.

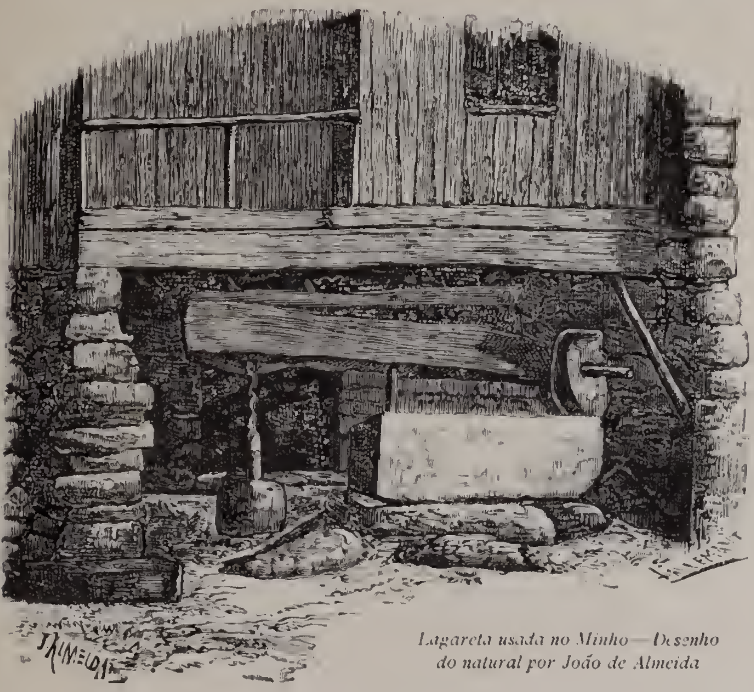
Apenas a sua casa escapou áquelle derruir medonho.

Deu graças a Deus. O pobre tinha desapparecido, porém, sem elle saber como, nem por onde. Era o Senhor disfarçado em mendigo, o que assim havia salvo a sua modesta choça e castigado a impiedade do logar.

A *Cabaninhas* de hoje é um pouco mais acima d'esta da lenda, que ficava no sitio ainda chamado *Cabaninhas da Quebrada*.

N'este ponto finda a nossa excursão ás freguezias do norte do concelho. O leitor saberá no capitulo de Terras de Bouro como passámos o resto do dia, depois de havermos atravessado o rio Homem no logar de *Vau*.

N'este instante não temos senão que regressar a Villa Verde, onde chegamos já de noite, e planear ahi o itinerario de novas excursões.



Lagareta usada no Minho — Desenho do natural por João de Almeida

Se a estrada municipal, que vae até Doçãos, estivesse prompta já até confluir na estrada real que vem de Ponte de Lima a Braga, não haveria duvidas no itinerario a seguir, porque se apanharia d'esta fórma toda a grande linha norte-occidente do concelho, assim como a mais extensa area da sua zona central. Não o está, porém, e esta razão leva-nos a reflectir nas cavalgadas inglorias e incommodas, que teriamos de fazer para seguir com pontualidade ingleza o velho caminho que vae de Doçãos até Pedregaes e d'ahi á Ponte dos Corvos, depois de ter chouteado pelas aldeias intermedias. Outro mais commodo recurso não o conhecemos tambem, e por isso achamos que melhor ficaria a difficuldade resolvida, se... prescindissemos d'uma tão massadora viagem.

A força das circumstancias, não diremos que fosse a *gravidade*, como soe dizer-se actualmente em politica, fez-nos adoptar este expediente triste e assim lançamos á conta dos auctores que descrevem essa porção do concelho, todas as incorrecções que não podémos verificar pessoalmente.

Supponha o leitor que percorre comnosco, de noite, todo esse longo

tracto de terreno, que as sombras encobrem n'um grande veu phantastico; imagine o pincel de Rembrandt passando vertiginosamente sobre a enorme tela d'um quadro, em que o assumpto fosse a vastidão mysteriosa, e isso será o bastante para que attribua muito benevolamente ás imperfeições do *meio,* o que deveria chamar antes as imperfeições do *conteur*. De resto, se a publica fórma, que o leitor vae encontrar nas paginas que segúem, não fôr inteiramente exacta, não accuse simplesmente o escrivão que a fez; dê o seu a seu dono, accuse tambem os chorographistas nacionaes.

A caminho, pois.

Aqui tem o leitor já com que entreter a sua sciencia de archeologia heraldica e genealogica, se porventura quer demorar-se em *PARADA* e *BARBUDO,* alfobre que foi de varios ramos illustres, como o demonstram hoje ainda as velhas torres solares que existem na freguezia.

Note desde já: o solar dos Barbudos, cujo primeiro habitador foi D. Gonçalo Peres de Belmir, e do qual é um dos mais illustres descendentes o mestre geral da ordem de Cavallaria de Alcantara, D. Frei Martim Annes de Barbudo, cujo epitaphio de sepultura diz:

Aqui jaz aquelle que de nenhuma cousa houve pavor em seu coração.

Tem depois na aldeia de Val a torre que dizem ter sido solar dos Barros e que hoje é, por compra, dos Falcões de Braga. Encontra em seguida as ruinas do paço dos Silvas, onde habitou D. Payo Guterres da Silva, rico-homem e viso-rei de Portugal pelo rei Affonso VI de Leão; e fecha com a casa do Sol, que foi de Pedro Barreto de Menezes, descendente por varonia dos Abreus de Regalados. N'esta freguezia de Barbudo faz-se em janeiro a Santo Amaro uma das mais concorridas romarias do concelho, e no ultimo domingo de julho ou 1.º de agosto uma outra a Santa Anna.

Meio kilometro andado na mesma direcção encontra-se a freguezia de *CARREIRAS* (S. Miguel de), onde viveu na torre, hoje ruinas, do logar assim chamado, D. Egas Paio Penagate, valido do conde D. Henrique.

Uma outra freguezia do mesmo nome, *CARREIRAS* (S. Thiago de), existe ainda, um pouco mais ao sul, e mais proxima tambem de Villa Verde. As duas estiveram annexas até ao fim do seculo XVIII.

Proseguindo na pequena estrada de Doçãos não leva muito que se aviste, além, por entre a vegetação que tapeta as encostas do monte do Castello, o campanario da freguezia de *TRAVASSÓS,* a cujo logar da Revenda se refere o foral do extincto concelho de Villa Chã.

Adiante mais, encontra-se a freguezia de *NEVOGILDE,* fertil nos seus terrenos e abundante de caça nos seus montados, a linha bucolica

das paysagens meigas, os prados floridos onde as abelhas esvoaçam. São por isso numerosas tambem as suas colmeias e magnifico o seu mel, informam os que o provaram, porque eu, leitor, não fui d'esse numero.

Á direita da estrada que vamos seguindo, vê o leitor um outro campanario. É o de *GONDIÃES*, antigo couto pertencente a D. Berengueira Aires, fundadora do mosteiro de Almoster. Esta freguezia esteve ainda não ha muitos annos annexa á de Esqueiros.

Estamos já em *DOÇÃOS* ou *Dos são*s, uma especie de epigramma á doença, senão pelo titulo, ao menos pela pureza do bom ar, pela sua situação abrigada e pela frescura das suas aguas limpidas. A egreja parochial fica na encosta do monte, dominando um formoso valle cheio de vegetação.

Termina, como póde vêr-se no respectivo mappa, a estrada municipal em Doçãos, embora esteja decretada já a sua continuação para Pedregaes, onde entroncará na estrada n.º 27 (em projecto tambem), que ha de vir do Pico de Regalados para o concelho de Barcellos.

Por emquanto, sabe o leitor que tem de percorrer a pé ou a cavallo os velhos caminhos ruraes, ora debaixo das copas das carvalheiras, ora torcicolando pelas encostas da serra, ao desabrigo do tempo, umas vezes saltando portellos, outras atravessando ribeiros.

O que de mais pittoresco encontra n'este genero são as nascentes do Neiva, tenues ainda,—e quando é que elle proprio deixa de o ser?—as quaes tem de atravessar para que visite *PEDREGAES*, cujo logar principal chamado *Assento da Egreja* fica sensivelmente quinhentos metros ao norte. É n'esta freguezia a casa de *Santa Magdalena*, de que é representante o sr. João Feio Soares de Azevedo.

Pedregaes é terra fertil e de muita caça.

Descendo para o valle encontra-se primeiro a freguezia de *DUAS EGREJAS*, commenda que pertenceu ao nosso poeta Sá de Miranda, e onde existe uma capellinha de Santa Luzia, de muita devoção entre os naturaes.

Entestando com ella e tão proximo, que no monte de Francos os ultimos cinco logarejos são meeiros, fica a parochia de *AZÕES*, na raiz do monte da Ventosa (serra do Oural), estendendo-se pelo formoso valle de Penella.

Se nós viessemos com vagar, podiamos, leitor, caçar o coelho bravo, por estes contrafortes do Oural, tanto abundam por ahi os saborosos herbivoros. A falta de tempo impede-nos, porém, esse prazer de caça e circumscreve-nos por isso ao desejo apenas manifesto em palavras, deixando tu mesmo de apreciar as narrativas das nossas phantasiosas proezas de

caçadores, que seriam, aliás, como as de todos os outros, muito dignas de fé.

No logar do Reducto houve em tempo uma fortificação de que ainda se notam vestigios. Azões tem uma feira franca a 13 de dezembro.

Pelas margens do Neiva vamos descendo e a um dos seus pequenos affluentes que perto encontramos, o rio Mau, deve o seu nome a freguezia de *RIO MAU*, terra fertil e abundante de madeiras, talvez porque as aguas a sulcam em todas as direcções.

GOÃES é a freguezia mais proxima de Rio Mau, e a mais proxima tambem da estrada real de Ponte de Lima a Braga, onde cessa para o leitor a fastidiosa excursão a cavallo, que vinha fazendo desde Doçãos.

Nada tem de notavel que prenda a nossa attenção e apressamos por isso a jornada d'este meio kilometro, que falta para entrar na estrada real, onde a viagem feita em carro é incomparavelmente mais commoda.

A Ponte dos Corvos, cuja gravura tu vês em pag. 409, póde considerar-se o limite dos concelhos de Ponte de Lima e Villa Verde. O rio Neiva, passando sob a sua arcaria, chega alli depois de pequenas bifurcações destinadas principalmente a pôr em movimento as suas pittorescas azenhas.

É n'este sitio, pois, que tomamos a estrada para a percorrer até ao Prado. Não é largo o horisonte. Vão encravadas entre montanhas as campinas, e d'um lado e d'outro parece que mais limitam a paysagem os semi-circulos de pinheiros, que se desdobram para além do valle.

Escondidos entre elles, avista o leitor á sua direita a casa e capella do barão de S. Roque no logar da Codeçosa da freguezia de *MARRANCOS*, outr'ora annexa á de *Arcosello*, mas hoje independentes as duas, apezar da sua proximidade.

ARCOSELLO é a freguezia onde está a casa do Paço dos Barbosas, que o leitor vae encontrar ja um pouco mais adiante e ainda sobre o seu lado direito, n'uma pequena baixa do terreno. A egreja parochial, que da estrada se não avista, fica a uma distancia de tres kilometros approximadamente, encoberta para nós pelo accidentado outeiro que vamos deixando.

Marrancos é o logar que n'este momento atravessamos, e onde nem sequer fazemos parar o trem, visto que nenhuma coisa ha ahi que possa despertar interesse. Pertenceu ao antigo concelho de Portella das Cabras, e ao de Penella depois até 1855, em que este foi extincto.

Pela estrada em que vamos, o leitor não póde vêr a *PORTELLA DAS CABRAS*, onde chegaria só tomando o caminho velho, que ahi conduz, depois d'uma hora de marcha. Situada além do monte, que fica sobre a nossa esquerda, é terra fria e pouco fertil, sendo a sua industria

principal a pecuaria, pelo que especialmente diz respeito á creação do gado miudo; — d'ahi talvez o seu nome vulgar de Portella das Cabras. Era antigamente dos Castros, senhores de Albergaria, e passou mais tarde á casa de Bragança. Foi séde de concelho, como já dissemos, e tinha feira nos primeiros domingos de cada mez. Teve foral velho dado por D. Affonso III em Santarem em março de 1260, e ahi se lhe chamava *Portella de Leitões*.

Ponte dos Corvos — Desenho do natural por João de Almeida

Caminhamos no silencio casto da paysagem. A estrada, unica fita branca destoando das variedades do tom verde, estende-se desanimada pela nossa frente; são poucos os casaes, e esses poucos escondidos por entre os pinhaes sombrios ou as carvalheiras solitarias.

De repente, uma volta do caminho faz-nos apparecer, como n'um diorama esplendido, Braga e o Bom Jesus, o valle recortado em meandros e as cristas plumbagineas da Falperra. Apparição que é momentanea. Uma cortina de pinheiros esconde todo esse encanto e *FREIRIZ*, um pouco arida, desenha logo o seu vulto de rapariga serrana.

Descançamos junto da estalagem ou taberna d'esta aldeia, que todos os cocheiros conhecem como estação de repouso.

—E não ha que vêr; é preciso pagar-lhes o vinho e beber tambem, para que não sejâmos appellidados de fidalguinhos da cidade.

Um amigo meu, lisboeta, contou-me um dia que já passára em Freiriz, por occasião de uma excursão de recreio que andava fazendo pelo Minho, com um companheiro tambem de Lisboa. O carro parou, é claro, e os dois *touristes* tiveram de obedecer á praxe fatal em paragens de taberna minhota. Ao provar o vinho porém, contrahiram-se-lhes todos os musculos da face, os olhos chegaram mesmo a lacrymar saudades do seu Collares querido!

—Verde, ein?—perguntou o cocheiro regalado.

—Verde! mais que verde!... murmuraram ambos *una voce,* pensando em se não seria um acido assim que o Longuinhos offereceu ao Christo na hora da agonia.

O cocheiro teve apenas um encolher de hombros misericordioso e compassivo de quem significa:

—Alfacinhas! Não foi para estes que o Senhor creou a vinha de enforcado!

Os meus amigos deviam ter sido infelizes de certo, visto que Freiriz, logar que foi de *Freires,* não podia, calculando pelas tradições das adegas monasticas, apresentar-lhes producto assim cruel.

Foi couto com as respectivas justiças e alguns dizem que pertenceu aos Freires Templarios esta freguezia. Era senhor d'este couto Fernão Nunes Barreto, mas passou depois a seu genro Fradique de Menezes, senhor da Barca. Esta casa rendia, afóra as mattas e outros rendimentos, sete mil e tantos alqueires de pão.

Vamos descendo.

Por entre os pinhaes divisam-se ao longe, na direcção de leste, as cumiadas do Gerez; perto de nós, a paysagem offerece o tom vulgar dos canteiros cultivados. Destacam n'este ponto numerosos eucalyptus da vegetação ordinaria do Minho; adivinha-se a propriedade d'algum negociante retirado do commercio, d'algum brazileiro que pensou em innovações florestaes.

Principia a ser menos arido o caminho. O valle, todo em frouxeis de verdura, deixa-nos vêr á direita a freguezia de *S. MARTINHO DE ESCARIZ,* fertil como a sua homonyma e visinha *S. MAMEDE DE ESCARIZ,* outr'ora annexas entre si e formando uma unica freguezia.

Atravessamos uma pequena ponte. É a que está lançada sobre o ribeiro que nasce na freguezia de *MOURE,* cujo nome toma, e da qual vemos, além, n'uma ligeira elevação, o campanario modesto sobresahindo por entre os casaes do logar. Cahida hoje do seu antigo fastigio, Moure é

apenas uma freguezia rural como qualquer outra, entregando-se aos trabalhos humildes da lavoura e á creação e *recreação* dos gados. Outr'ora foi o *Couto de Moure de Oliva* dado pelo conde D. Henrique ao arcebispo S. Geraldo, sendo os seus moradores isentos da jurisdicção real e obrigados apenas a ir á guerra, quando fosse o arcebispo, tendo em compensação o encargo de lhe cavar as vinhas que elle tinha em Braga. Arrancadas estas, porém, á ordem de D. Diogo de Sousa, que formou o *campo da vinha* (ainda por este nome designado em Braga), combinou o arcebispo com os moradores de Moure receber quatro almudes de vinho por cada fogo, o que lhe não foi de todo mau, porque a pensão elevou-se a cincoenta pipas por anno.

Existem na freguezia e logar de Santo André as ruinas da torre que D. Egas de Penagate doou ao arcebispo S. Geraldo. Cremos ser esta a que o povo chama actualmente a torre de D. Sapo, lendario ascendente dos D. Juans modernos, cuja historia narrámos em um dos anteriores capitulos d'este livro.

A origem de Moure, diz a tradição que deriva da existencia d'um antigo castello de mouros, cujos vestigios mal se encontram hoje no monte de Brito, visto ter sido grande parte da pedra da fortaleza empregada na construcção da ponte do Prado. No couto de Moure existiu um mosteiro benedictino fundado por S. Martinho de Dume em 505; e n'este sitio se tem descoberto algumas columnas e fragmentos de cantaria lavrada.

Para além de Moure fica a freguezia de *TURIZ*, que da estrada se não avista. É povoação antiquissima e foi villa, chamada *Tellianus* ou *Tendilannes*. Segundo Argote, estava esta villa situada debaixo do monte Barbudo, aguas vertentes do rio Cavado. Foi do antigo concelho de Larim, e ha mais de duzentos annos que representa a annexação de duas freguezias então existentes—Tradellos e Turiz.

Vamos seguindo.

Á esquerda fica-nos a casa apalaçada do sr. Cruz, de Braga, e tanto sobre este lado como sobre a direita se vae abrindo cada vez mais a planicie, recortada pelos pampanos virentes em talhos de intensissima cultura. Aqui se levanta ao pé de nós a egreja de *LAGE* e um pouco mais adiante, mas sobre a nossa direita, a casa do Fidalgo de Febros ou das *Febras*, como lhe chama o povo, edificada em 1763.

O ribeiro da Lage, que a estrada atravessa n'uma ponte d'um só arco, vae dar á freguezia de *ATHEÃES*, além estendida nas ondulações d'esta planura extensa, fertilissima e formosa. É ahi a quinta e antiga torre ameiada, que foi de D. Gastão José da Camara Coutinho.

Pelo occidente confina com *PARADA DE GATIM*, uma das fre-

guezias do concelho que limita com o de Barcellos, e cuja egreja parochial fica a uns quatro kilometros da estrada em que vamos, nas alturas da Lage, e legua e meia ao norte da margem direita do Cavado.

N'este valle extenso que vamos atravessando fica tambem *OLEIROS*, sensivelmente afastado da estrada uns dois kilometros. É terra feracissima, e o seu nome provém da industria da olaria que ahi floresceu e existe ainda hoje.

Chegamos a *PRADO*.

A estrada fórma com a que de Villa Verde vae para Barcellos uma verdadeira cruz. O campanario da parochia fica proximo da margem d'essa estrada e á direita por isso d'aquella que temos percorrido. Á nossa esquerda vê o leitor erguer-se a capella de Nossa Senhora do Bom Successo, edificada sobre uma enorme fraga, o que lhe dá um artistico aspecto.

A casaria do Prado enfileira-se a intervallos pelas margens da estrada e pouco temos que andar para chegar á vetusta e monumental ponte sobre o Cavado, de que dá uma idéa exacta a nossa gravura de texto.

O leitor conhece o Prado, que mais não seja senão porque muitas vezes tem ouvido fallar da sua loiça, tão usada na provincia entre as classes pobres. O *barro* de Prado passou mesmo a ser considerado, nas ironias populares, como a materia prima para modelar o typo do pretencioso.

— Se os quer melhores mande fazel-os a Prado — dizem quando se nota algum defeito ou má qualidade achada por um rigorismo fatuo.

A anedocta alcança mesmo aquelle virtuoso Fr. Bartholomeu dos Martyres que no concilio de Trento, pronunciando-se contra o celibato, dissera a proposito da venalidade carnal dos padres da sua diocese:

— Só em Prado conheço os que não peccam, mas esses são de barro e se Vossa Santidade quer, para cá lhe mando alguns assim formados.

A conclusão do leitor seria talvez em face d'isto.

— Achamo-nos em um centro industrial importante, um centro de olarias.

Engana-se, porém. Foi-o de certo o Prado; a sua telha cobriu, por assim dizer, os tectos das casas do Minho; a sua loiça invadiu todos os mercados da provincia; hoje, porém, essa florescencia decahiu e, embora se fabrique alguma loiça, é em muito menos quantidade. Deixamos por isso as suas olarias, que não tem já a grande nota industrial frisante e apenas se reduzem a limitados trabalhos domesticos e vamos esboçar em largos traços a historia da antiga villa.

Foi fundada ou reedificada por D. Affonso III, que lhe deu foral no anno de 1260. O senhorio da villa — escreve o sr. Vilhena Barbosa — per-

tenceu a diversos fidalgos, até que el-rei D. João III o deu, com o titulo de conde de Prado, a D. Pedro de Sousa que era senhor de Beringel, alcaide-mór de Beja e de Alcacer e capitão-mór de Azamor. Continuou o senhorio e condado do Prado nos descendentes de D. Pedro de Sousa, sendo o 4.º neto d'este, por nome D. Francisco de Sousa, e 3.º conde do Prado, feito marquez de Minas por el-rei D. Pedro II. Foi governador d'armas da provincia, e contra Castella a defendeu heroicamente.

Ponte do Prado — Desenho do natural por João de Almeida

O appellido *Prado*, tomado do senhorio do Prado no reino da Galliza, veiu para Portugal no tempo dos nossos primeiros monarchas.

A villa do Prado foi cabeça d'um antiquissimo concelho, que o decreto de 24 de outubro de 1855 supprimiu. As suas antigas justiças constavam de dois juizes ordinarios, tres vereadores, procurador do concelho, juiz dos orphãos, meirinho, escrivão da camara e quatro tabelliães, tudo provido pelos seus condes. Tinha capitão-mór com quatro companhias de ordenanças.

Alguns auctores pretendem que esta povoação existia já no tempo dos romanos, passando aqui uma das vias militares que ia de Braga a Astorga por Ponte de Lima e Tuy, e abonam a sua opinião no facto de se terem encontrado aqui proximo alguns marcos milliarios e sepulturas com amphoras contendo cinzas, objectos de ceramica, etc. Uma inscripção encontrada por occasião da reconstrucção da ponte no anno de 1710,

refere-se tambem ao nome de Augusto Cesar, devendo por isso ser lavrada pelos annos de 11 ou 12 de Jesus-Christo.

A ponte tem uma engraçada lenda amorosa a envolver as suas primitivas origens. Pinho Leal faz a sua narrativa: «Segundo a lenda, diz—quando os reis de Leão o eram tambem de Portugal e Galliza, um d'elles (não se sabe qual) estando em Braga, namorou-se de uma illustre dona, chamada Branca Guterres da Silva, senhora da villa do Prado e aqui residente. Como a ponte estivesse arruinada, o tal rei a mandou reedificar para sem obstaculos poder a toda a hora visitar a dama dos seus pensamentos. Consta que d'este rei e de D. Branca procede a illustre familia dos Prados, e que por isso traziam as mesmas armas que os Silvas, mudando sómente a côr do leão em negro, para denotar que a escuridade da noite encobria esses amores. O que é certo é que em 1510 houve no Cávado uma grande cheia, que demoliu a ponte, achando-se então nas suas ruinas uma pedra com esta inscripção:

Blanca. et Blancae. et Rex
Legionis Fecerunt.

O que parece provar a veracidade da lenda, sobretudo, diz Pinho Leal, se fôr a palavra *Leonis* e não *Legionis* a que deva lêr-se.

A primitiva matriz do Prado foi a humilde capella de S. Thiago de Francellos, hoje propriedade particular. Está n'um dos mais elevados pontos da freguezia, rodeada de velhos e corpulentos carvalhos. A parochia pertenceu desde o principio da monarchia á ordem do Templo, e por suppressão d'esta á ordem de Christo, instituida em 1319. A actual matriz é de architectura singela, embora elegante, e n'ella tem a sua séde quatro confrarias.

Poucos são os edificios que a rodeiam e que justifiquem a cathegoria de villa dada a essa abbadia; o proprio ribeiro do Prado parece que tem em vista isolal-a das agrupações que hoje constituem o melhor logar da freguezia—a Ponte—que vae por isso absorvendo para si a importancia da antiga villa, já hoje conhecida quasi por *Ponte de Prado*.

Além das egrejas mencionadas existem ainda na freguezia varias ermidas, dedicadas uma a Santo Antonio, outra a S. Bento, a terceira a S. Gonçalo, e a quarta a Jesus, Maria, José. Na penultima festeja-se o padroeiro a 20 de junho.

O logar da Ponte, o que mais tem prosperado em nossos dias, é povoado de bastantes casas modernas, que dão ás orlas da estrada a apparencia d'uma bella rua. Entre os seus edificios mais notaveis avulta por

sem duvida a casa dos srs. Limas, uns benemeritos a quem o Prado deve além de muitos outros melhoramentos, a construcção do seu cemiterio, onde a primeira inhumação foi, em 1870, por signal, a origem de graves desordens, que só uma verdadeira occupação por tropas de linha conseguiu pacificar.

São revolucionarios os do Prado, saiba-o o leitor, e basta dizer-lhe que foram dos primeiros a secundar o grito da revolta de 1846, que vinha soando de campanario em campanario desde as alturas de Vieira e Povoa de Lanhoso, como que agitando a corrente limpida do Cavado.

Deixando a villa do Prado e tomando a estrada que vae para Barcellos o passeio é déveras encantador. A planicie larga e fresca. O serpear da estrada vae correspondendo ao serpear do rio. A vegetação abunda, como é natural, em terrenos humidos batidos largamente pelo sol; tem sorrisos a paysagem, e é n'este enquadramento de bucolica, que nos apparece *CABANELLAS,* quasi sobre a margem do Cavado, debruçada sobre as suas aguas transparentes. Corta-a o ribeiro de *Purisso,* cujas origens vem do norte, e que no seu curso passa proximo do termo de *CERVÃES,* antigo couto privilegiado, a ponto de não poderem os seus criminosos, fosse qual fosse o crime, ser sentenceados á pena ultima. Constavam as suas justiças de juiz ordinario e do civel, crime e orphãos, dois vereadores, procurador, alcaide e escrivães.

A sua vetusta egreja foi convento de templarios, e por extincção d'estes pertenceu ao arcediago do *Couto,* sendo depois do concilio de Trento reduzida a beneficio *curado.* Antes, porém, dos templarios foi mosteiro de benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume em 560.

Além da egreja matriz, construcção de 1200, como se lê em uma inscripção da sua porta travessa, existem na freguezia as capellas de Nossa Senhora da Estrella, edificada entre duas fragas, tendo no reconcavo os passos da Paixão; e a de Nossa Senhora do Bom Despacho, um pouco mais acima d'esta, a que deu principio em 1640 o eremita João da Cruz, natural de Monsão. Mais levantadas intenções tinha o eremita, segundo resa a tradição, porque ahi pretendia fazer um mosteiro *duplex;* o povo oppoz-se, porém, á realisação de tal idéa, sendo preciso até que o general das armas da provincia, D. Diogo de Lima, viesse com tropa socegar esse fermento de revolta jacobina contra as santas intenções do anachoreta, que afinal não desejava senão que as beatas auxiliassem os bons frades. . . no cultivo da vinha do Senhor!

Um povo terrivel este de Cervães! Exactamente como o do Prado seu visinho, com o qual em tudo se parece, até mesmo na industria das olarias, sendo ahi que se fabrica muita da louça de barro ordinario.

N'esta freguezia está a torre de Gomoriz, solar antigo, de que foi senhor Francisco da Cunha e Silveira, descendente dos Azevedos.

Visitada Cervães, retrocedemos pelo mesmo caminho até ao Prado, e atravez d'elle continuamos na estrada que vae entroncar na que de Villa Verde desce até á elegantissima Ponte do Bico, onde chegam os limites da fertil freguezia da *LOUREIRA*.

Alveja sobre a nossa esquerda o campanario de *ESQUEIROS*, e namorando o Cavado, que junto d'ella vem já avolumado com as aguas do Homem, está a risonha *SOUTELLO*, em cujo terreno se faz o entroncamento das estradas a que alludimos acima, e d'onde apenas vae a distancia de dois passos até ao vasto campo do Allivio, cuja gravura o leitor viu no principio d'este capitulo.

Como romeiros vamos descançar um pouco sob esses frondosos sobreiraes e emquanto o nosso espirito e as nossas pernas repousam da excursão feita ao arrepio de 58 freguezias, admiremos a sumptuosa construcção do moderno templo, que á Senhora do Allivio está levantando a piedade do bom povo minhoto. Dentro em pouco o severo estylo ogival terá substituido a tua modesta habitação antiga, ó meiga e doce Mãe do Nazareno! Mas ó fragilidade do humano barro, nem por isso os teus devotos deixarão de avisinhar-se das portas esbraseadas dos *fornos*, que estão de espaço a espaço semeados por entre a vastidão umbrosa da alameda!

Ahi tens tu um estylo que não muda, porque jámais a piedade consentirá em visitar-te nos dois domingos de setembro, sem que saiba de antemão que os estalajadeiros de arraial ahi estão atarefados junto dos fornos publicos, ministrando á religiosa uncção dos crentes, de mistura com o arroz e o cabrito, as vidradas infusas de Prado, onde transborda a boa pinga do verde de Villa Verde.

*
* *

Lançando uma vista de conjuncto sobre a actividade economica do concelho, salta, entre todas as suas manifestações, a da vida agricola e pecuaria.

Intellectualmente póde dizer-se atrasado o concelho, e a esse atraso corresponde por egual a sua moralidade civil. Tem na imprensa um representante moderno, a *Folha de Villa Verde*, e as suas escolas encontram-se distribuidas pela seguinte fórma:

Aboim, uma para o sexo masculino; Cervães, masculino e feminino;

Duas Egrejas, masculino; Escaríz, masculino e feminino; Goães, Lage, Marrancos, Moure, Nevogilde e S. Paio do Pico, masculino; Santa Maria do Prado, masculino e feminino; Soutello, Valbom e Valdreu, masculino; Villa Verde, masculino e feminino.

A estatistica do crime refere-nos os seguintes dados:

Commetteram-se em 1880, 34 crimes, sendo 3 contra a ordem, 21 contra pessoas e 10 contra a propriedade. Foram 62 os réos julgados, sendo 49 absolvidos e 13 condemnados, um só dos quaes a pena maior. Eram 36 homens e 26 mulheres. Dos 62 réos sabiam lêr 26 e eram analphabetos 36; pertenciam á comarca 56 e eram de fóra 6.

A natureza fertil do concelho, os seus montes accommodados á apascentação dos gados, os seus prados relvosos e humidos fazem de Villa Verde um importante centro agricola.

O relatorio do agronomo do districto diz, no livro a que nos temos soccorrido, o seguinte a respeito do concelho:

«É sobretudo pelas freguezias de Aboim, Valdreu e Gondomar, proximas ás fronteiras do concelho de Terras de Bouro e tambem pela freguezia de Cabanellas, que Villa Verde tem producção e creação propria; pela maior parte das outras que elle *recria* e pelas parochias de Moure, Lage, Turiz, Soutello, Barbudo, Cervaes e outras, que pença e céva. A recreação é todavia o ramo dominante da industria bovina d'este concelho, não obstando isto a que se comprem fóra rezes já feitas. Os montes mais ferteis e accommodados á apascentação do gado são os de Aboim da Nobrega, Gondomar e Valdreu. O monte ou serra do Borrelho póde tambem dar bom pascigo aos gados, favorecendo a creação bovina na freguezia de Duas Egrejas, Goães, S. Miguel do Prado, Doçãos e circumvisinhas. N'este concelho ha, como nos de Cabeceiras de Basto, Vieira e Terras de Bouro, o cuidado de escolher e conservar as crias que promettem ser boas vaccas.»

O mappa seguinte dá o valor pecuario do concelho:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	518	8:651$000
Muar	119	3:450$000
Asinino	148	310$000
Bovino	5:658	196:065$000
Lanar	4:057	1:408$200
Caprino	572	330$240
Suino	3:723	15:974$000
		226:188$440

A producção vinicola do concelho é relativamente insignificante ás suas outras producções agricolas: são as freguezias da ribeira Homem e Cavado as que mais e melhor produzem, e d'entre essas especialisam-se Prado e Soutello. O relatorio do fallecido visconde de Villa Maior accrescenta que não ha particularidade que valha a pena mencionar-se, emquanto ás castas das uvas cultivadas, methodo de fabricação do vinho, construcção de lagares, etc. Na Exposição internacional de Londres não appareceram vinhos do concelho.

A vida economica é ainda facil em Villa Verde, como o prova a seguinte tabella:

Vinho, pipa de 20 almudes	19$000 réis
Trigo, alqueire	700 »
Milho, »	340 »
Feijão, »	500 »
Batatas, »	340 »
Ovos (duzia)	80 »
Gallinhas (uma)	300 »

São estes os preços correntes dos seus mercados quinzenaes, uma vez no Pico, outra na séde da comarca aos sabbados, e ainda nas suas duas grandes feiras de anno em 13 de junho e 13 de dezembro:

Uma infusa de Prado

CONCELHO DE VILLA VERDE

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aboim da Nobrega, *Nossa Senhora da Assumpção*	550	589	1:139	280 *(a*
Arcozello, *S. Thiago*	156	177	333	83 *(b*
Athães, *S. João Evangelista*	299	351	650	157 *(c*
Atheães, *S. Thiago*	158	223	381	90 *(d*
Azões, *S. Paio*	70	92	162	54 *(e*
Barros, *Santo Estevão*	130	177	307	86 *(f*
Cabanellas, *Santa Eulalia*	420	506	926	210 *(g*
Carreiras, *S. Miguel*	158	195	353	84 *(h*
Carreiras, *S. Thiago*	164	205	369	82 *(i*
Cervães, *O Salvador*	498	611	1:109	265 *(j*
Codeceda, *S. Pedro*	106	135	241	65 *(k*
Coucieiro, *S. João Baptista*	298	368	666	159 *(l*
Covas, *Santa Maria*	299	310	609	136 *(m*
Dossãos, *Santa Maria*	145	207	352	90 *(n*
Duas Egrejas, *Santa Maria*	601	673	1:274	357 *(o*
Escariz, *S. Mamede*	186	219	405	81 *(p*
Escariz, *S. Martinho*	181	236	417	90 *(q*
Esqueiros, *S. Pedro*	128	151	279	68 *(r*
Freiriz, *Santa Maria*	209	261	470	120 *(s*
Geme, *S. Claudio*	135	160	295	81 *(t*
Goães, *S. Pedro*	221	270	491	137 *(u*
Godinhaços, *Santa Eulalia*	253	289	542	145 *(v*
Gomide, *S. Mamede*	113	146	259	65 *(x*
Gondiães, *S. Mamede*	137	132	269	64 *(y*
Gondomar, *Santo André*	94	112	206	41 *(z*
Lage, *S. Julião*	517	683	1:200	319 *(aa*
Lanhas, *S. Thomé*	156	201	357	98 *(bb*
Loureira, *Santa Eulalia*	200	261	461	114 *(cc*
Marrancos, *S. Mamede*	108	121	229	51 *(dd*
Moure, *S. Martinho*	510	610	1:120	252 *(ee*
Móz, *Santa Maria*	137	207	344	85 *(ff*
Nevogilde, *Santa Marinha*	130	171	301	69 *(gg*
Oleiros, *Santa Marinha*	214	267	481	120 *(hh*
Oriz, *Santa Marinha*	183	256	439	114 *(ii*
Oriz, *S. Miguel*	138	174	312	83 *(jj*
Parada e Barbudo, *O Salvador — Santa Maria*	432	483	915	212 *(kk*
Parada de Gatim, *O Salvador*	263	313	576	132 *(ll*
Passó, *S. Miguel*	145	169	314	88 *(mm*
Pedragães, *O Salvador*	146	177	323	90 *(nn*
Penascaes, *Santa Marinha*	122	140	262	67 *(oo*
Pico de Regalados, *S. Christovão*	201	262	463	130 *(pp*
Pico de Regalados, *S. Paio*	283	360	643	164 *(qq*
Ponte, *S. Vicente* de Caldellas	207	286	493	123 *(rr*
Portella das Cabras, *O Salvador*	83	114	197	62 *(ss*
Prado, *Santa Maria*	895	960	1:855	370 *(tt*
Prado, *S. Miguel*	383	412	795	191 *(uu*
Rio Mau, *S. Martinho*	291	341	632	156 *(vv*
Sabariz, *S. Thiago*	139	157	296	62 *(xx*
Sande, *Santa Eulalia*	243	303	546	122 *(yy*
Soutello, *S. Miguel*	481	593	1:074	263 *(zz*
Travassós, *S. Martinho*	93	115	208	40 *(aaa*
Turiz, *Santa Maria*	339	410	749	194 *(bbb*
Valbom, *S. Martinho*	126	160	286	66 *(ccc*
Valbom, *S. Pedro*	132	166	298	69 *(ddd*
Valdreu, *O Salvador*	514	546	1:060	289 *(eee*
Vallões, *Santa Eulalia*	126	167	293	70 *(fff*
Villa Verde, *S. Paio*	468	545	1:013	246 *(ggg*
Villarinho, *S. Mamede*	175	180	355	84 *(hhh*
	14:289	17:105	31:394	7:685

a Comprehende esta fregnezia os logares de Cabo, Terreiro, Casaleixo, Fonte Nuilhe, Costa, Real, Paço-juz, Torre, Outeiro, Tojal, Souto, Borges, Gandarella. Monte, Martinga, S. Simão, Quintão, Costa, Serdeiras, Sa, Bacello, Rendufe, Lomba, Rossadas, Paio Calvo, Val, Nogueira, Pequenina, Povoa-dura, Bemposta, Egreja, e a qninta da Pena.

b Comprehende esta fregnezia os logares de Pereiro, Sano, Villartão, Lousa, Hospital, Fontes, Birtellos.

c Comprehende esta freguezia os logares de Paço, Lama, Eido de Fora, Onteiral, Athães, Trigual, Rival, Sepedellos, Penediscas, Couto, Portella de Abbade.

d Comprehende esta freguezia os logares de Ribeira, Fonte Christova, Villa Secca, Rna Nova, Barra, Outeiral, Cancella, Villa Verde, Ligo de Baixo, Ligo de Cima. Crasto, Souto, Egreja, Fonte Comba, Bacello, Bedro, Comieiras, Sobreiro, Monte, Boco, Sabaris, Paço, Bouças, e as quintas de Paço, Gondivau, Egreja on Assento, Sobreiro, Rna Nova, Casa Nova.

e Comprehende esta fregnezia os logares de Azões, Assento, Milharico, Amarelho, Boa Vista, Ventosa, Parreira, S. Miguel, Pereiro, Andonia, Cal, Ribeiro, Santa Luzia, Morga. Peña Cova, Lubagueira e mais cinco que são meeiros com a freguezia de Duas Egrejas e n'esta vão mencionados.

f Comprehende esta freguezia os logares de Egreja. Sobrado, Monro, Bouços, S. Martinho, S. Pedro, Sirão, Portella.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cabanellas, Gavião, Poços, Conchadas, Egreja, Casal, Aldeia, Eiras, Souto, Congosta, Fonte, Sant'Anna, Monte, Cruto, Traz Outeiro, Tilheira Velha, Estrada, Fial, Portuzello, Lagoa, S. Salvador, Moinhos, Campo, Souto de S. Gens, Espinheira, Monte de S. Gens, Rogalde.

h Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Bouça, Fontellos, Cabo, Fonte de Góda, Germel, Azenhas, Serem, Fontaiscos, Barrio, Costa, Burrella, Lameiro, Crasto, Villa de Cima, Villa de Baixo.

i Comprehende esta fregnezia os logares das Carreiras, Cruzeiro, Godinho, Eirado, Esmerizes, Estrada, Cachada, Monte Maior, Fonte Branca, Rolla, Bouça, Torre, Qninta, Outeiro, Sub Outeiro.

j Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Barreiro, Alcaide, Monte Pedreiro, Carcavellos, Corredoura, Monrento, Rio Bom, Covilhã, Quintães, Passado, Penas, Bacello, Leiras Covas, Casal d'Aires, Bemposta, Bréa, Ronquenas, Villa Chã.

k Comprehende esta freguezia os logares de Machinca, Louredo, Ermeira, Laceiras, Cobrosa, Cruzinhas, Devezas, Ribeiro, Barral, Carvalhal, Paço, Outeiro, Mangoeiros, Espaçante, Barreiro, Cervelhos, Cervainhos, Pedreira, S. Mignel, Sobral, Mosteiro, Agua Levada, Rezella, Agro, Villa Godim, Lombã, Soutellinho, Cruz, Castello, Penedo, Portella, Bouça, Ilhóra, Vigage, Bom Despacho (com uma ermida), Fontoura, Souto, Frondosa, Penoucos, Campellos, Leiroinha.

l Comprehende esta freguezia os logares de Villa, Souto, Ametade, Passos, Cabo, Alem. Valle, Egreja, Eiros, Villar, Gravital, Boa Vista.

m Comprehende esta fregnezia os logares de Egreja, Souto, Carvalhal, Fun'de Villa, Fundego, Quintella, Cachadas, Passos, Seara, Barreiros, Feira, Veiga, Figueirinha, Villar, Carcavellos, Carvalho, Varges, Ponte, Mascate, Toural, Quintas, Monte, e as propriedades de Paço, Linhares, Tojal.

n Comprehende esta freguezia os logares de Laranjeira, Egreja, Venda Nova, Lubagueira, Cernadas, Furada, Porta, Cainhas, Qnintães, Fun'de Villa, Esnella, Renda.

o Comprehende esta freguezia os logares de Rabaçal, Codeçal, Paços, Povoa, Conto, Barreiro, Santa Iria, Bouças, Esporigo, Cachadinha, Onteiral, Egreja.

p Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Deveza, Silva, Ribeiro, Bemposta, Outeiro, Cachada, Paredes, Ronco, Souto e Rives, Eiras, Thomada, Tarrogeira, Santiagões, Salgueira e Veiga, Pinhó, Barral, Pereiro, Curujeira, Chonzella, Páso, Cavanas, S. Mamede, Porrinhoso, Chasco, Bustello, Azedo, Braziella, Barroca e Leiras, Sobradello, Tonxeira, Codesal, Lagoa, Gontinho.

q Comprehende esta freguezia os logares de Cachopo, Quintella, Xisto, Egreja, Valles, Barroza, Au próa. Carude, Casal de Monte, Monte, e as quintas de Barroza e Carnde.

r Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Casaes, Brazilia, Passos. Eirados, Onteiro, Curros, Salgneiral, Entre as Devezas, Quinta, Tarrastal, Calvario, Garcio, Sardoal, Monte, Silveira, Poja. Costa, Agra.

s Comprehende esta freguezia os logares de Revenda, Pena, Mondim, Paredes, Quinta Nova, Quinta da Breca, Residencia.

t Comprehende esta freguezia os logares de Ninho, Gandra, Valle. Eido d'Além, Matta, Torre, Onteiro, Casal, Monte, Chãos, Souto, Chans, Cucos, Cerdeiras, Cabaças, Fonte, Castanheiro, Rego, Pedralva, Quintães, Rolla, Costeira, Pedreira, Veirigo, e as quintas de Paço de Freiriz e Carrão.

u Comprehende esta freguezia os logares de Geme, Rego, Aldeia, Passos, Bouça, Conto, Portella, Sá, Casal, Egreja, Monte, Senra, Sonto.

v Comprehende esta fregnezia os logares de Goães, Assento, Veiga, Aldeia, Carrapata, Ribeira, Gestosa, Monte da Ribeira, Eirinhas, Hospital, Casa Nova, Monte e Pico, Guarda e Leiras, Outeiro, Amarella, Cedofeita, Ponte, Sontello, Fonte Fria, Monrisco, Caselho, Rismos, Conra, Costeira, Villar, Casaes, Sandelhas, Ribeiro, Santo Thyrso, Boucinha, Lameiro, Montinho, Borrainho, Calçaperra, Quintães, Trigaes, Residencia.

x Comprehende esta freguezia os logares de Godinhaços, Egreja, Sontellinho, Cruzes, Lourido, Villela, Chicães, Cachadoufe, Brofe, Freitas, Seara, Real, Borrelho, Villa Meã, Passo, Campello, Fijo, Tres Horas, Fonte da Rama, Onteiro, Cham.

y Comprehende esta fregnezia os logares de Gomide, Egreja, Carvalhinhas, Bouro, Onteiro, Fun'de Villa, Deveza, Senra, e uma quinta ou propriedade de Bairão.

z Comprehende esta fregnezia os logares de Gondiães, Farrio, Deveza, Airo, Bouça do Matto, Sarrazim, Agrella, Pomar de Ledo, Bouça da Deveza, Brufe, Portella, Barroca, Costa, Ventosa, Boucinhas, Qnintarelhos, Egreja.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Gondomar, Porto, Cabo, Cal, Picoto, Nogneira, Ameixieiras, Casaes de Cima, Casaes de Baixo, Assento.

bb Comprehende esta freguezia os logares da Lage, Boca, Botão, Fonte. Ponte, Penedos, Sobreiro, Bellido, Cabo, Bouçós de Cima, Bouçós de Baixo, Cardeira, Sonto, Carvalhó, Regadas, Palmeiro, Urjal, Quinta dos Onteiros, Hospital, Sarrella, Montinho, Ribeira, Carvalhaes, Goja, S. Miguel, Febros, Boal, Bonelinho, Agnella, Seara, Nogueira, Roupeira, Godinho, Olivão, Onteiro, Cruzeiro.

cc Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Sonto, Lages, Passo, Barreiro, Quintã, Outeiro, Cantinhos, Cruzes; os casaes de Monte, S. Geraldo, e as quintas de Penedo e Bertiandos.

dd Comprehende esta freguezia os logares de Seara, [1] Vau, Lampadella, Paço, Covello, Esparide, Bacello, Campos, Lampada, Venda, Aldeia, Cruzeiro.

ee Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Sonto, Bouça, S. José, Monte Furado, Moinhos, Paço, Vera, Devezinha, Fens, Ordem, Poça, Costa, Marrancos, Casal, Ranho, Monte, Regadas, Cruzeiro, e as quintas do Paço e Regadas.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Monre, Residencia, Camara, Tanque, Agoella, Fontello, Gondrames, Corveira, Foz, Gondomil, Santo Antonino, Matta, Sezenda. Landeira, Portellinha, Vieiros, Conto, Ponte do Couto, Mó, Estrada, Sernande, Gandra, Eidinho, Gondivão, Ribeira, Seixosa. Santo André, Carredal, e as quintas de Bom Retiro, Muro, Paço, Camara, Gondomil, Santo Antonino, Sezenda, Landeira, Sernande, Eidinho, Gondivão.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Moz, Cruz, Monte, Barziella, Christello, Beçada, Souto, Veiga, Cajorge, Quintão, Casalvaro, Boucinhas: os casaes de Farrinhela, Campinho, Tomada, Hortas, Fontes, Barreirosa, e as quintas do Sol, S. Priz, Hortas, Farrinhela.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Pedreira, Cachopães, Quintã, Reiris, Bóca, Torre, Fonte, Deveza, Bairro, Egreja, e a quinta do Paço.

ii Comprehende esta freguezia os logares de Aldeia. Ponte Carreira, Egreja, Cazainhos, Friande, Paulo, Rilheira, Barral, Lamella, Carvalhaes, Veiga.

jj Comprehende esta fregnezia os logares de Assento, Barraes, Barreiro, Pedrogos. Cortinhos, Paço, Cabo, Borges, Estromil.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Portella, Residencia, Egreja, Marzagão, Gramosa, Boi Morto, Pedreira, Rego.

ll Comprehende esta freguezia os logares de Barbudo, Pousada, Eidos, Barrio, Paço (com a quinta do Paço), Boucinha, Costa, Mo, Quinta do Sol, Quinta da Lua, Quinta da Estrella, Egreja Velha, Boavista, Bouça, Cenra, Murigães, Quinta de

[1] O parocho chama a esta fregnezia *Seara*, mas assigna de Santa Eulalia de Lameira.

Gege, Miradouro, Souto, Castilhão, Outeiro, Casal, Sá, Pinheiro, Barrio, Gandra, Moreiral, Felgueiras, Lage, Parada, Monte Ribeiro, Coimbra, Real, Residencia.

mm Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Villa, Eira Vedra, Cacabellos, Concos, Senra, Souto Novo, Valinho, Covo, Sede, Tablado, Penellas, Palmas, Bustello, Agrello, Boavista, Penedo, Porisso, Sant'Anna, Bugalheiros.

nn Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Sobra, Eiras, Perdello, Telhado, Bunho, Portella, Cernje, Barroso, Passos, S. Lourenço, e a quinta de Penella.

oo Comprehende esta freguezia os logares de Assento da Egreja, Magdalena, Romeo, Fortinhaes, Pigeiro, Fonte, Pragal, Cristellos, Passo, Airo, Eido, Paredes, Ribeiro, Longras.

pp Comprehende esta freguezia os logares de Penascaes, Cruz, Gravetal, Outeiro, Villa, Conto e Real, Portella, Gariz, Purcel, Fonte d'Arcos.

qq Comprehende esta freguezia os logares de Pico de Regalados (séde do extincto concelho), Egreja, Outeiro, Couto, Venda, Avelleda, Barral, Vinhal, Carreiras, Monte, Bouças, Villa Pouca, Pico, Ribeira, Veiga, Carvas de Baixo, Carvas de Cima, Soutellinhos, Torre, Boavista, e as quintas da Torre e da Ribeira.

rr Comprehende esta freguezia, alem da parte da antiga villa, os logares seguintes: Egreja, Ventosa, Talhos, Curral, Monte de Baixo, Forca da Lomba, Mouriz.

ss Comprehende esta freguezia os logares de Portella das Cabras, Egreja, Portella do Meio, Pardieiros, Panascos, Salvador, Portella de Cima, Fontello, Picoto, Pico, Feira, Rua, Monte.

tt Comprehende a freguezia de Santa Maria, além da villa, os logares de Carvalhal, Rainho, Egreja, Fontainha, S. Bento, Santo Antonio, Rua Direita, Fonte, Portello, Campo, Carregosa, Monte Louza, Forelha, Ribeira, Bouça, Carreganho, Corga, Eido, Poço, Francellos, Murta, Estrada, Ramalha, Villar, S. Gonçalo, Barreiras, Souto, Barreiro, Caldas, Fial, Ponte, Forca, Outeiro, Loureiros, Correcas, Bom Successo, Pontido, Calçada, Feira, S. Sebastião, Ribeiro.

uu Comprehende esta freguezia os logares do Prado, Villela de Baixo, Villela de Cima, Marvão, Preza, Paranhó, Tarrio, Mendio, Carves, Fojo, Figueirinha, Cachada, Villa Nova, Porta, Pena, Aldar, Egreja, Costa.

vv Comprehende esta freguezia os logares de Ermida, Castello, Moega, Avelleira, Pinheiro de Baixo, Pinheiro de Cima, Lameirinho, Conto ou Feira Nova, Ribadal, Barral, Barreiro, Viso, Mourão, Sobrado, Pedreira, Suus, Cabo, Residencia.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Sabariz, Painçaes, Arinho, Rego, Agrello, Fun'de Villa, Roupeiro, Matto, Santo Izidoro, Fofinho.

yy Comprehende esta freguezia os logares de Bouças, Sande de Baixo, Sande de Cima, Casal, Cantarinhos, Calvario, Penouços, Cabo de Villa, Custeira, Lomba, Quartas, Villar, Paços, Assento da Egreja, S. Pedrinho (*meeiro* com a freguezia de Santo Estevão de Barros), e o casal da Cerca.

zz Comprehende esta freguezia os logares de Soutello, Egreja, Cruz, Lordeira, Burgueiros, Ribeiro, Cachada, Fontelo, Ameal, Codeçoso, Possa (ou Pena ?), Larim, Couto, Quelha de Larim, Ribeira, Casal, Calvario, Deveza, S. Paio, Alagoa, Eira-Velha, Fun'de Villa, Souto, Bouça, Quelha.

aaa Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Palmas, Outeiro, Linhares, Revenda.

bbb Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Penedos Altos com a quinta da Fraga, Cima de Villa com a quinta de Calheiros, Ribeiro, Araujo, Pombal, Cruzeiro, Arca, Carvalhaes, Ariosa, Fonte Cova, Lameiro, Gandra, Souto, Simão, Barral, Lagoa, Aldeia, Torre, Telheirinhas.

ccc Comprehende esta freguezia os logares de Outeiro, Zereje, Paço, Costa, Pomarelho, Calçada (?).

ddd Comprehende esta freguezia os logares de Pinheiro, Campello, Agrella, Cerca, Laranjeira, Carvalhedo, Rego, Ralde, Sardoura, Urzal, Assento.

eee Comprehende esta freguezia os logares de Valdren ou Baldren, Bodoval, Seninha, Campo, Quintãs, Costa, Guilhamil, Gonbim, Roda, Guarda, Lordello, Casal, Uveiras, Meixões de Baixo, Meixões da Serra, Cobelo, Cella, Cabaninhas, Cerzedello, Porto Maior, Bozegnimbra (ou Bozigimbra).

fff Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cotinhos, Portella, Lama, Estremadouro, Sequeirô, Prunedelos.

ggg Tem uma só freguezia que é a supra indicada, a qual conserva o mesmo titulo de abbadia e comprehende, alem da villa, os logares de Egreja, Bouça, Podome, Carvalhosa, Quintas, Reguengo, Cagide, Fafias, Monte de Cima, Campo da Feira, Oliveira, Cachada, e a quinta da Torre, pertencente ao C. do Casal.

hhh Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Escada, Santar, Vallinhos, Real, Paulo, Pomar.

AMARES

Arco de festa — Desenho do natural por João de Almeida

O pequeno concelho assim denominado tem a vida essencialmente agricola e, como natural consequencia, as suas tradições e as suas festas, as suas alegrias e os seus encantos.

Difficil fôra encontrar outros caracteres além d'estes, que tornassem para o *touriste* um aprazimento de curiosidade a visita ao pittoresco jardim banhado pelos rios Homem e Cavado. Jardim, se não devera antes chamar-lhe um pomar extenso, tanto é certo que as arvores fructiferas marginam as estradas, os laranjaes enchem com a tonalidade do seu verde glauco o fundo das campinas, as oliveiras escurecem nas suas sombras pallidas as aguas múrmuras dos rios. A propria villa de Amares não é senão um trecho mavioso d'esta bucolica infinita, surgindo rosada e fresca d'entre a vegetação que lhe cobre quasi os telhados dos edificios.

Mas não antecipemos.

O leitor toma um logar no carro que ponho á sua disposição junto da Ponte do Bico, e vae vêr com os seus olhos como é formoso este jardim de Amares,—quasi se pronuncia este jardim de amores,—cujos canteiros são mosaicos variegados, cujas estradas parecem aleas bem cuidadas d'um parque elegante e fresco.

Deixamos a formosa ponte e aqui vamos já em terreno de *LAGO,* por entre as sombras embalsamadas d'um pinheiral extenso. Que bem que se respira n'este ambiente puro, rescendendo ao perfume resinoso das seivas balsamicas do pinho!

Vae alegre o ar que de espaço a espaço bandos de gayos atraves-

sam, como flores aereas d'um colorido azul arrebatadas nas ondulações do vento.

Que bonita é agora a larga paysagem toda banhada em luz, estendendo-se por todo este valle da nossa esquerda. O campanario de Lago parece realmente justificar, no meio da serenidade tranquilla d'esta natureza enflorada, o nome aquatico da freguezia; dir-se-ia, ao vel-o, que é uma *orchidea* gigantea desabrochando ao de cima das outras flores do lago. A egreja matriz é boa e moderna, e tem um bello adro vasto. Ha na freguezia mais tres capellas,—Santa Martha, antiga, a do Senhor da Saude, moderna, e a da Careira, particular.

Particular é tambem o paço de Lago, solar da familia d'este appellido, florescente em Portugal desde o reinado de D. Affonso II. Podes dispensar a sua visita, leitor, visto que não encontrarias senão um exemplar, como tantos outros, mais ou menos arruinado, das velhas casas fidalgas da provincia.

Ceci tuera cela, verdade fatal, que te ha de occorrer de certo, se entrares de comparar os antigos solares, na sua maior parte ruinas, com as alegres casas de campo burguezas, que vão enchendo hoje as margens das estradas e as collinas engalanadas de verdura d'este formoso Minho. Falta em muitas a elegancia da linha architectonica, em todas aquelle ar solemne da fidalguia de *vieille roche,* que se lê, apezar de tudo, nas velhas casas solarengas. Mas ri lá dentro o conforto, a abundancia fraternisa as desegualdades sociaes, sente-se que é o trabalho que tem o seu repousar feliz.

Ahi tens um exemplar. A casa de que é proprietario o sr. José Antonio da Costa.

Muros bem tratados, ramadas altas, de que se póde apenas dizer, —quanto ás uvas,—como a raposa da fabula, porque lá está a bandeirola indicando-te a existencia d'uma *Ratoeira!* Bella ingenuidade a d'estas armadilhas, que se annunciam em largos caracteres! Encontras muitas assim, em casas sobretudo como esta do proprietario Costa, nas vivendas de campo em cuja exterioridade se lê o dinheiro do Brazil, o juro da emigração minhota.

Torcendo um pouco sobre a direita e caminhando na direcção do Cavado, encontra o leitor n'uma fertilissima campina a freguezia de *BARREIROS,* onde se diz ter sido o solar da familia assim denominada. A egreja parochial fica proximo da margem direita do pittoresco rio.

Não fomos lá, porque seria a demora desnecessaria e inutil, e mesmo porque os olhos estavam enamorando aquella magestosa fabrica do mosteiro de Rendufe que nos ficava exactamente no sentido opposto.

A estrada bifurca-se adiante da capella das Neves e por esse ramal tomamos para visitar *RENDUFE,* onde não perde o seu tempo o *touriste,* que deseje vêr o bello edificio do convento, e os primores de talha que ainda conserva a sumptuosa egreja.

Apeamos do trem junto da esquina da cêrca, ao presente quinta do sr. Azevedo, e á sombra das grandes arvores percorremos o caminho que nos conduz ao mosteiro. Houvera annos antes um incendio no edificio, e só pelas ruinas se póde avaliar hoje da sua sumptuosidade, que a tradição diz ter sido um dos maiores da ordem de S. Bento.

A egreja conserva-se ainda muito regularmente, se com este adverbio podem occultar-se os vandalismos praticados em tanta obra de arte que n'ella existiam. É magestoso o templo e d'uma só nave, com dois corpos lateraes; o côro assenta sobre um bello arco abatido e são n'elle para notar os dois lindissimos orgãos de talha phantasiosa e magnifica, e d'um elegantissimo desenho.

Pelourinho de Amares — Desenho do natural por João de Almeida

D. Egas Paes de Penegate, um dos principaes fidalgos da côrte de D. Henrique, foi quem deu começo ao mosteiro alguns annos antes de 1100 da era vulgar, e generosamente o dotou e concluiu, depois que se reconciliou com o arcebispo S. Geraldo, que, uma vez, em dia de solemnidade na côrte vimaranense, o mandára pôr fóra da egreja, excommungando-o como a incestuoso impuro. E porque fôra o mosteiro esquecido durante esse periodo de amores censuraveis, galhardamente resgatou D. Egas Paes o esquecimento a que o votára, fazendo larga a dotação, com que o abriu para o culto. O convento, além de muitos campos e granjas, teve ainda quatro coutos doados por alguns dos nossos reis, e vinham a ser o de Rendufe, o de Sabariz junto á villa de Regalados, o de Paredes seccas, e o de Codeceda na terra da Nobrega.

Não permitte a indole d'este trabalho mais larga noticia sobre o mosteiro de Rendufe; mas o leitor que o deseje, póde, sob a epigraphe adequada, lêr no diccionario de Pinho Leal dois extensos e completos artigos, um dos quaes é firmado pelo erudito professor Pereira Caldas.

A egreja do mosteiro é desde muito a séde da parochia de Rendufe, e ahi se effectuam, pois, todas as solemnidades do culto, a primeira das quaes é na freguezia a celebração dos Passos, fallada como um acontecimento em todas as freguezias dos arredores e concorrida por isso extraordinariamente. A procissão vae até á capella das Neves, parando nos differentes calvarios que pelo caminho se encontram.

Seguindo ainda um pouco para norte a estrada, que nos trouxe a Rendufe, o leitor encontra até Sequeiros algumas das freguezias do concelho, que se acantonam pela ribeira esquerda do Homem, a primeira das quaes é a de *S. VICENTE DE BICO,* situada em formosa campina, banhada pelas aguas do rio e por elle fertilisada nas suas veigas feracissimas. Pertenceu ao couto de Rendufe.

Alguns kilometros adiante a egreja da freguezia de *FISCAL* apparece-nos mesmo proximo da estrada, como se quizesse dispensar-nos de longas caminhadas atravez dos campos, para exigir a nossa visita de romeiros. Nada tem de notavel, porém, o templo e menos ainda a freguezia, a não ser a historica recordação da quinta da Tapada, presa ao nome do poeta Sá de Miranda, seu illustre fundador.

Ha n'esta quinta uma capella da invocação da Senhora da Guia, para onde passou pelos annos de 1618 a então florescente irmandade de S. Pedro de Rates, hoje em decadencia, e cujos fins eram uma especie de soccorro mutuo entre ecclesiasticos. Na freguezia ha mais as capellas de S. Bento e Santo Antonio.

Pouco temos que andar para chegar ao termo da parochia de *TORRE,* freguezia rural sem importancia historica, e apenas como tantas outras ataviada com as galas d'esta natureza uberrima e formosa.

O leitor foi alguma vez doente?

Se tal desgraça lhe aconteceu e teve necessidade de recorrer ao uso d'aguas mineraes, creio que se veria embaraçado para escolher a nascente que aproveitasse aos seus padecimentos, tão abundantemente brotam do solo do nosso paiz as fontes mineralisadas que a sciencia aconselha, mas que ainda não teve tempo para classificar devidamente, graças á incuria com que os governos olham para estes assumptos.

Esta reflexão veiu-me a proposito das *caldas de Rendufe,* em cujo caminho estamos, e que a concorrencia procura como panacea aos seus males. Situadas na pittoresca parochia de *CALDELLAS,* sobre a esquer-

da do ribeiro de Alvito, as aguas thermaes brotam em variadas nascentes, algumas mesmo no leito d'esse arroyo, e são aproveitadas em quatro tanques para banho, ordinariamente pouco aceiados, o que faz affastar, além de outras causas, o numero dos doentes.

O dr. Lourenço classificou-as como sulphureas, sendo de 32° a sua temperatura e calculado em 170:000 litros o total das aguas em 24 horas. O edificio actual dos banhos, assim como o pequeno passeio, foram construidos em 1803 á custa dos povos do concelho. Entretanto ha fundadas razões para acreditar que já no tempo dos romanos se fazia uso d'estas caldas, do que são prova, além da tradição, umas inscripções que ainda existem, posto que illegiveis, debaixo do alpendre proximo dos tanques, e a existencia da ponte de tres arcos sobre o Homem, que liga a freguezia com a de S. Vicente da Ponte: a origem d'essas inscripções é attribuida a esse povo guerreiro.

Além das suas thermas, Caldellas possue ainda, sobre a direita do mesmo ribeiro de Alvito, nascentes de aguas ferreas que ninguem utilisa, e que seriam não obstante um precioso auxilio therapeutico para os banhistas, que a este ponto affluiriam, se a desvial-os da preciosidade das thermas não estivesse a falta de recursos e do aceio dos banhos. Que, a não ser isto, Caldellas situada como está n'esta fertilissima e bonita ribeira do Homem, a duas leguas de Braga, com lindas estradas carroajaveis, tinha direito a mais numerosa concorrencia.

Pouco mais é o que ha a visitar na freguezia; entretanto como o leitor já viu as caldas e a ponte, póde entrar na matriz, que é um bom templo, reedificação do seculo XVIII, e visitar depois, se quizer, mais umas tres capellas, a primeira das quaes na importancia, não só do panorama, como da antiguidade, é a de Santo Ovidio, lá em cima em um cabeço do monte de S. Pedro Fins, reedificada em fórma de cruz de Malta no anno de 733. As outras duas estão uma sob a invocação de Nossa Senhora da Misericordia e outra sob a do Senhor da Saude, nada porém apresentando de notavel.

Temos de deixar Caldellas, mas não o faremos já agora, sem que deixemos consignada a tradição que em livros corre ácerca das suas raparigas.

São geralmente formosas e bem desenvolvidas — dizem os que lhes notaram a gentilesa plastica. O leitor escusa de perguntar a minha opinião sobre este caso, não venham por ahi os Doze de Caldellas tirar a limpo a belleza das suas patricias... da minha critica desdenhosa. Mas quer-me parecer que não virão d'ali já agora modelos para Madonas, ou femeas capazes de regenerar plasticamente esta pobre humanidade enfesada.

E d'ahi vá... que não sejam os typos vulgares de toda a provincia! Salve-se a tradição, ao menos em honra do sexo gentil.

Tocamos as faldas do monte de S. Pedro Fins.

Na vertente occidental fica *SEQUEIROS*, em terreno accidentado. É fertil bastante a freguezia, mas nada tem de notavel que mereça visita. Além da matriz apenas mereceria attenção a capella de S. Sebastião, se esta propria não estivera já ameaçando ruina e não fôra uma ermida vulgar.

Nas faldas septentrionaes do monte e um pouco para nascente de Sequeiros está situada *PARANHOS*, mais agreste e aspera que a sua visinha, e muito menos fertil tambem, vivendo por isso os seus habitantes mais a vida pastoril e de lenhadores na serra, que propriamente a vida tranquilla dos lavradores das planicies.

Para além de Sequeiros e Paranhos começa o concelho de Terras de Bouro, que no capitulo immediato descreveremos. N'este momento, o que nos resta, é volver pelo caminho andado para tomar de novo a estrada, que vinhamos seguindo, e que vae, salvas umas breves excursões, conduzir-nos até á villa de Amares.

Entramos já em *CARRAZEDO*, uma alegre freguezia situada em terreno plano, mas antes de nos approximarmos da egreja, que levamos intuito de visitar por ser ahi o tumulo de Sá de Miranda, chama-nos a attenção uma capella côr de rosa junto da estrada, que nos informam ser da invocação do Senhor da Piedade. É a imagem de maior devoção em Carrazedo, e aquella por isso que se festeja com mais luzida pompa. De manhã, na egreja, a bella missa cantada, com sermão; e, de tarde, procissão que vem até esta capellinha, onde egualmente ha sermão, e em seguida vistoso arraial á sombra das carvalheiras do logar—a Feira Velha—, assim chamado por n'elle se fazer antigamente nas primeiras quartas-feiras a principal feira do extincto concelho de Entre Homem e Cavado, feira que se effectua agora no grande *Largo da Feira-nova*, sendo uma das mais concorridas do concelho de Amares.

Quanto á festa, ao entrar o adro de Carrazedo vê o leitor erguer-se o arco triumphal, já com os ramusculos de buxo resequidos, mas bastante floreado ainda para attestar a bizarria do mordomo, que o levantou á sua custa, e que por isso o deixa estar em pé, até que o novo mordomo se resolva a derribar esta gloria do seu antecessor, para levantar a sua propria. O adro que circumda a egreja é o cemiterio parochial tambem, e posto que já hoje não exista em Carrazedo o costume que passo a descrever, significa ainda a sua tradição uma nota ethnographica importante, que me não parece dever ficar no olvido.

VISTA GERAL DE AMARES—*Desenho do natural por João de Almeida*

N'esta freguezia havia outr'ora o costume de pôrem mesas cheias de iguarias sobre as campas dos fallecidos, e ahi vinham banquetear-se os parentes vivos, que nas mesmas sepulturas se não esqueciam de metter uma parte do *banquete*.

A egreja de Carrazedo é modesta, embora escrupulosamente aceiada; foi reedificada em 1750. Tem da parte do Evangelho duas capellas antigas. A primeira, junto ao arco cruzeiro, dedicada a Santa Margarida, é propriedade dos condes da Figueira. A segunda, separada do corpo do templo por umas 18 grades de madeira pintadas a preto, é a da casa da Tapada, e onde repousam os restos do poeta Francisco de Sá de Miranda, conforme se lê no epitaphio seguinte:

EPITAPHIVM FRÃCISCI DE SA DE MIRANDA
RVSTICA. QVÆ FVERAT SOLIS VIX COGNITA SYLVIS,
AVLICA MIRANDÆ CARMINE, MVSA FVIT.
MATVROS QVE IOCOS ET LVDICRA SERIA LVDENS,
DIVINA HVMANVM MISCVIT ARTE MELOS.
CVM POSSET GLADIO TRANSCENDERE NOMEN AVORVM,
MALVIT ARGVTI MILITIAM CALAMI
OMNIA MIRANDVS, MIRANDVS PVLVERE IN IPSO EST
PVLVERE IN HOC PATRIÆ GLORIA SCRIPTA MANET.

DECLARASE EM PORTVGVES
A MVSA PASTERIL AINDA NOS MATOS MAL CONHECIDA
TORNOV FRANCISCO DE SA MVI CORTESAM.
DIZENDO GRAÇAS MADVRAS, E GALANTARIAS SISVDAS,
AIVNTOV POESIA HVMANA CÕSVAVIDADE DIVINA.
PODENDO CÕSVA ESPADA PASSAR A HONRA DE SEVS AVÓS
QVIS SOMENTE PELEIARE CÕAPEN DAPOESIA
EMTVDO MIRANDA, E NA MORTE TABEM FOI ADMIRAVEL
EM SVAS CINZAS ESTA ESCRITA A GLORIA DE SVA PATRIA.

Sahindo da egreja de Carrazedo e perguntando aos naturaes por qualquer outra curiosidade da terra, nenhum ha que deixe de indigitar-nos, apontando para o sul, a casa e torre de Castro.

—É antes de chegar a Prozello, informam—passa por lá o ribeiro, não tem que saber.

O leitor fica, pois, inteirado de que tem a seguir o *Ribeiro de Cães*, cujas nascentes aqui são, nome que perde logo para tomar o de Castro, na quinta assim designada, conservando-o depois de se juntar ao ribeiro

de Barrio até á sua confluencia no Cavado, um pouco acima do barco de Ancede.

A casa de Castro foi do marquez de Monte Bello e é hoje dos condes da Figueira. Estão arruinadas as habitações, e é ao nascente d'ellas que se levanta a torre quadrada com ameias, em uma das paredes da qual está o brazão dos Machados, tendo por baixo a seguinte inscripção:

ESTA TORRE MANDOU REFORMAR
ANTONIO E LUIZA, SUA MULHER
SENHORES DONATARIOS D'ESTE
CONCELHO. ANNO 1699.

Ao castello solarengo de Castro liga-se uma tradição de sangue, justificada por uma tragedia de ciume, em que Francisco Machado da Silva sacrificou sua mulher D. Maria e o commendador de Rendufe, porque suspeitou de amores entre os dois. A grande alma poetica do povo apaixonou-se pela morta innocente, e ainda hoje canta nas suas trovas singelas:

Ó D. Maria
pombinha sem fel
porque te matou
aquelle cruel.

O leitor seguiu, pelo menos em imaginação, o curso do Ribeiro de Castro até que elle entrou em *PROZELLO*. Permitte, pois, que lhe apresente esta encantadora freguezia rural, estendida em ligeiras ondulações de terreno por sobre a deliciosa margem direita do rio Cavado, que ahi proximo é atravessado por uma robusta ponte secular, do tempo do imperador Vespasiano.

É fertilissima Prozello e tem quintas importantes nos seus limites, sendo as mais notaveis a da Bouça alta, a da Levada e a do Porto, onde viveu Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia, um dos maiores ornamentos da universidade de Coimbra nos principios d'este seculo. A egreja matriz, construida por este tempo, foi restaurada ha uns dez annos, e é um templo vasto.

É um pouco abaixo d'esta ponte, ou melhor talvez proximo do antigo Barco do Bico, que o distincto amador Carlos Relvas apanhou em um soberbo instantaneo o aspecto do Rio Cavado tão formoso e tão pittoresco, instantaneo que o leitor vê reproduzido na bella gravura de pag. 433, e cuja photographia devemos á amabilidade d'esse generoso principe da Arte.

De Carrazedo á *Feira-nova* a distancia é curta e deliciosa a estrada. Antes d'ahi chegarmos, porém, fica-nos ao norte a freguezia de *BESTEI-*

ROS, a pouca distancia do caminho, e por isso aproveitamos a occasião para a descrever.

Constituida pela annexação de Besteiros do Salvador e S. Payo de Besteiros a parochia actual estende-se n'uma deliciosa e fertil planicie, e nos principios da encosta occidental do monte de S. Pedro Fins. A egreja matriz é antiga, mas foi reedificada em 1747. Procedendo-se no anno de 1862 á collocação d'um novo retabulo, encontrou-se por essa occasião no altar-mór uma pequena pia de pedra, tendo no interior uma caixa de metal, onde estavam varias reliquias acompanhadas d'um pergaminho, pelo qual se provava, que taes reliquias estavam n'esta egreja ha uns bons 400 annos. Isto confirma a antiguidade do templo.

N'esta egreja foi erecta a irmandade da Senhora do Amparo, que hoje tem a sua capella primitiva em Amares.

Ha tres capellas na freguezia: *Santo Antonio, S. Bento* e *Sant'Anna,* todas particulares.

No sitio da Quinta da Lama existe uma nascente de aguas ferruginosas.

Percorrendo um ou dois kilometros de mac-adam, breve atravessamos o grande largo da *Feira-nova,* logar que pertence á freguezia de *FERREIROS,* de que é sem duvida o mais importante, tantos são já os bellos edificios modernos, que embellezam esse espaçoso campo. Cremos até que a *Feira-nova* se propõe disputar primazias com Amares, e que pretende para si os fóros de villa, que a esta pertencem.

—Quer o leitor uma prova? Pergunte, chegando a Amares, pelo correio da terra, e logo lhe respondem os amarenses com magua, que o correio d'ali tem a sua estação na *Feira-nova,* o que é um escandalo e um desafòro devido a compadrios politicos—commentam indignados.

—E a distribuição?

—Manda-se lá uma mulher a quem pagamos 5 réis por cada carta; veja se isto não é uma enorme pouca vergonha!

O meu companheiro de viagem não teve remedio senão concordar com a objurgatoria, porque esperava encontrar o correio em Amares, séde do concelho e da comarca, e teve realmente de mandar á Feira-Nova uma mulher para lhe trazer a sua correspondencia.

Por este episodio vê o leitor, quanto principia a ser importante a Feira-Nova e que rivalidades ahi não vão com a cabeça do antigo concelho de Entre Homem e Cavado!

Em Ferreiros é o solar da familia Vasconcellos, descendente de Ramiro III de Leão, e a séde da antiga e nobre casa da *Corredoura.* A egreja matriz, ao fim do largo da Feira-Nova, é um templo vasto, para cujo por-

tico se sóbe por tres lanços de escadaria, cada um com o seu cypreste ao lado. Ha na freguezia mais duas capellas antigas — Santa Catharina e Santa Luzia.

Vamos descendo para Amares. A ponte que atravessamos está lançada sobre o ribeiro do Barrio, cujas origens ficam em terreno de *CAIRES,* nas faldas do monte de S. Pedro Fins, freguezia rural magnificamente situada, com um panorama largo e pittoresco estendido pelas suas deliciosas campinas.

Uma outra ponte atravessa este ribeiro entre os logares do Outeiro e Sobrado, e é como esta de um só arco. Caires, antigamente *Cayres* e *Quaires,* é muito abundante em todos os productos agricolas, e por isso mesmo uma das melhores freguezias do concelho. A sua egreja parochial aformoseada modernamente, conserva ainda restos da sua architectura primitiva, talvez coeva do seculo XI ou XII.

Além da matriz ha na freguezia mais quatro capellas: uma dedicada a S. Bento desde tempos immemoriaes, mas desde 1834 sob a invocação do Senhor da Salvação; a segunda dedicada a Nossa Senhora da Lapa; a terceira a Santo Antonio; a quarta finalmente, meeira com Caldellas, a S. Pedro Fins, sobre o pequeno plató do monte assim denominado. É esta com certeza a que mais chama a concorrencia da devoção publica, e se hoje não é já feita a solemnidade com o esplendente brilho de outros tempos, ainda assim é ella que mais attrahe os romeiros, em cuja alma popular se allia a aspiração da crença com a aspiração do bello.

O horisonte, que se limita por um lado com as linhas asperas das alturas de Barroso, e pelo outro, com a indefinida còr cérula do mar, é um dos mais formosos da provincia, e abrange todo o largo percurso dos rios Cavado e Homem, com os deliciosos valles que os dois rios fertilisam.

Um encanto, um verdadeiro encanto!

No primeiro domingo de agosto, quando o sol dardeja coruscações de ouro por sobre toda esta natureza fertil, é que é de vêr os *clamores* que sobem por estas devezas e quebradas, a cruz parochial alçada, até á capella de S. Pedro Fins. Vão de todas as freguezias do concelho; tal foi, pelo menos, o voto feito pela camara municipal, que antigamente tambem assistia encorporada á grande festividade. Os romeiros levam offertas ao santo, consistindo especialmente em frangos.

A capella é antiquissima, mas foi reedificada e ampliada em 1869 á custa d'um devoto e dos dois parochos respectivos (Caires e Caldellas). Afóra a occasião da festa, S. Pedro Fins não fica esquecido pela devoção popular. Elle é a tabua de esperança a que se soccorrem os povos de Amares por occasião das grandes calamidades que os ameaçam. Então

os clamores e as procissões de penitencia sobem a montanha sagrada, psalmeando em córos de religiosa uncção a supplica dos que imploram o auxilio divino e que vêem no refugio da sua crença o remedio para males extraordinarios.

Pouco mais temos que dizer de Caires, a não ser que noticiemos aos amadores da archeologia os vestigios de povoação ou castro, que de certo existia no sitio de *Grovos*, uns 600 metros a NE. da residencia parochial, onde tem apparecido diversos fragmentos de ceramica e metallurgica, pedras com lavores, etc.

No principio d'este capitulo affirmei eu ao leitor, que deveria chamar-se a Amares, antes que um jardim bucolico, um pomar extenso, tantas eram as arvores fructiferas que orlavam os seus campos. Ainda, porém, lhe não disse, que eram uma especialidade as laranjas de Amares e sobretudo as de Caires e as da *PORTELLA,* freguezia que se estende como a anterior pelas vertentes do monte de S. Pedro Fins, apenas um pouco mais para occidente. Creio mesmo que não é recommendavel por outra coisa a Portella; a nossa carteira, pelo menos, não nos informa que haja ahi, além da matriz, senão a capella de Santa Martha, uma e outra vulgares, não merecendo por isso mais desenvolvida noticia.

—Laranjas, sim!—dizem a fama e os que as teem comido nos mercados de Braga, onde ellas concorrem. Mas quer o leitor um conselho de amigo, para que lhe não aconteça o que me succedeu em Amares, a proposito d'uma outra fructa?

—Prove-as, prove-as primeiro.

A fama é uma grande coisa, mesmo quando não sirva senão para se levar um logrosito de vez em quando.

Ia eu confiado em encontrar magnificos pecegos em Amares, porque assim m'o havia asseverado não só a tradição, como até um pequeno conto da litteratura patria, vae senão quando Amares, a ingrata, me responde muito seriamente pela palavra auctorisada do meu hospedeiro, que a respeito de pecegos:

—Nem meio!

—Ah, que não sei de triste como o conte!... Mas, n'aquelle instante, obrigado a engulir mais aquella desillusão, quando, o que eu esperava, era engulir os mais saborosos pecegos do mundo, protestei contra o abuso naturalista dos escriptores, que teem comparado o rosto assetinado das suas heroinas á pennugem rosea dos pecegos de Amares, e jurei não mais acreditar em imagens... de rhetorica, penitenciando-me por conta propria d'algum peccado commettido n'este genero, contra a guloseima futura de amadores de pecegos, ou fructa menos sapida. Amares que me

perdoe, como eu lhe perdoei, logo que o hospedeiro me annunciou um almoço de peixe fresco, abundante para mim e para o meu companheiro dado a dyspepsias, apezar de virmos ambos submettidos desde dias largos á canja implacavel da gallinha cosida com febras de salpicão minhoto.

E tudo isto, pasmem os coevos, por seis tostões e um vintem!

*

* *

AMARES, sobretudo depois do alento d'um almoço, percorre-se bem em poucos minutos.

Engolphada na sua tunica de vegetação, onde apenas a estrada que vae para o Gerez abre modernamente um rasgão, que listra de branco a monotonia do verde, mal podem apanhar-se-lhe a distancia os contornos dos edificios, e trabalho teve o meu companheiro em fazer reflectir no prisma da sua camara clara as linhas que emergem para fóra d'essa bacia vegetal, em que parece banhar-se a pittoresca villa, coberto o corpo com as rendas françadas das vinhas altas e arvores fructiferas, e apenas a cabeça soerguida d'essa ondulação esmeralda, como se receasse olhares indiscretos d'algum lascivo Pan occulto pelas devesas.

O campanario que se avista na gravura, não é o da egreja matriz, como a sua posição dominadora pareceria indicar; é o da capella da Senhora do Amparo. A matriz de Amares é um pequeno templo, rodeado d'um estreito adro, a cuja entrada fica, entre dois barrotes de madeira, o verdadeiro campanario parochial, o sino da freguezia.

O pelourinho que figura na nossa gravura de texto, fica proximo d'ahi, n'um logarsito que outr'ora devera ser o ponto de reunião da *elite* do antigo concelho de Entre Homem e Cavado, e que hoje mesmo fica visinho dos edificios destinados a todas as repartições publicas.

D. Manuel deu foral em Lisboa a estas *Terras de Entre Homem e Cavado* a 6 de abril de 1514. Aproveitava tambem a Caldellas, Figueiredo, Odivellas e Prozello.

O principio da villa parece ter sido formado pelo nucleo d'umas pequenas tabernas, que n'este ponto havia, e em que os viandantes pousavam, quando faziam caminho da Ponte do Porto para a de Caldellas. Chamou-se primeiro a povoação de *Marecos* e depois *Amaraes*. Marecos, appellido nobre em Portugal, foi tomado ao que parece da quinta de Marecos, origem da actual villa, quinta de que foi possuidor um dos mais illustres filhos de Amares D. Gualdim Paes, aqui nascido. Este D. Gualdim, companheiro d'armas de Affonso Henriques, e por este armado ca-

BARCO DO BICO, *segundo uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas*

valleiro em Campo de Ourique, foi em Portugal o fundador da Ordem do Templo, e além de outros castellos e mosteiros deve-lhe Thomar a sua existencia. Batalhador infatigavel, tanto no Oriente como no seu paiz, resa das suas façanhas a *Chronica dos Templarios,* onde o leitor póde, se para isso tiver pachorra, encantar-se com as suas proezas estupendas.

Além d'este nome illustre, outros, que o não são menos, tiveram n'esta villa a sua origem nobiliarchica. Era aqui o *solar* dos *Machados,* descendentes do rico-homem D. Mendo Moniz, o tal que a machado arrombou as portas de Santarem, pelo que D. Affonso Henriques o galardoou com este appellido e com o senhorio de Gondar; e ha tambem n'esta villa a *Torre dos Vasconcellos,* familia de que procedeu o marquez de Castello Melhor e outros ramos nobres e fidalgos.

Os officios publicos do concelho eram da casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, menos o do escrivão das sizas, que era de nomeação regia. Amares tinha sargento-mór e tres companhias de ordenanças.

O leitor fica por esta exposição resumida conhecendo a villa, mas se quizer percorrer toda a freguezia encontra ainda os pequenos logares em que se distribuem os seus 91 fogos, onde por certo o não prende o interesse da curiosidade.

*
* *

Seguindo para o lado do Cavado, na estrada que vae á Ponte do Porto, encontra-se a uma distancia de dois kilometros para Este a freguezia de *FIGUEIREDO,* situada n'uma fertilissima planicie, banhada pelo pittoresco rio. Duas familias nobres aqui teem os seus solares; é uma a dos Abreus Limas, na quinta do Villar; é outra a da casa da Ribeira, de que hoje são proprietarios os descendentes dos Malheiros de Ponte de Lima.

Figueiredo, além da egreja matriz, que é razoavel, tem mais umas quatro capellas, tres das quaes particulares, sob a invocação de Santo Aleixo, S. Verissimo e Senhora da Conceição, e a quarta publica, dedicada a S. Sebastião, que é a mais festejada.

Realisada esta pequena excursão a Figueiredo, eu vou tomar com o leitor a estrada, que de Amares nos conduz a Bouro, onde arranjaremos cavallos, que nos transportem até ao sanctuario da Abbadia, um dos mais celebres no Minho, e digno por isso da nossa visita de *touristes.*

Para se fazer idéa da celebridade do sanctuario e da grande romaria que n'elle se effectua, basta dizer, que durante um curto periodo festival se consomem approximadamente umas 300 pipas de vinho verde, entre

as que abrem torneira no proprio sanctuario e as que estacionam pelos caminhos, em vendas conhecidas ou armadas *à propos,* sob os toldos enramalhados das carvalheiras frescas.

Lindissimo é o valle que vamos atravessando. O verde vegetal não tem aquella petulante côr das esmeraldas; a oliveira, que tanto abunda n'estes sitios, amacia-lhe as cruezas do claro e derrama em toda a paysagem uma como que sombra tenue de melancolia, que nos agrada. É n'este enquadramento de natureza, que nos apparece *DORNELLAS,* na encosta oriental do monte de S. Thiago, pequeno contraforte que vem da serra de S. Pedro Fins.

É n'esta freguezia a *Torre do Outeiro,* solar dos Dornellas ou Ornellas, ainda hoje erguida, como senhora feudal, por sobre as casas rusticas do logar. A egreja matriz é moderna e de regular amplitude. Mas, além d'este templo, mais cinco ermidas existem na freguezia, sendo tres particulares, que são as da Senhora do Resgate, S. Pedro e S. Francisco, e duas publicas, Nossa Senhora do Fastio e S. Thiago.

Dornellas era a freguezia mais oriental do antigo concelho de Entre Homem e Cavado, ao qual pertenceu até 1834. Passou depois para o concelho de Santa Martha de Bouro, e pela extincção d'este para o actual de Amares. Na extremidade leste da freguezia principiava o couto doado a Bouro por D. Affonso Henriques, segundo se lê na inscripção do cruzeiro de pedra que ahi existe. Em Dornellas passava a estrada romana da Geira, de que no capitulo subsequente nos occuparemos.

O campanario que n'esta encostasita vemos alvejar por entre a sombra vasta dos olivedos, é o de *GOÃES,* a terra dos lagares de azeite e dos engenhos de serrar, porque a isso a destinam as muitas correntes de agua, que vão, depois de lhe fertilisarem os terrenos, morrer na margem do Cavado.

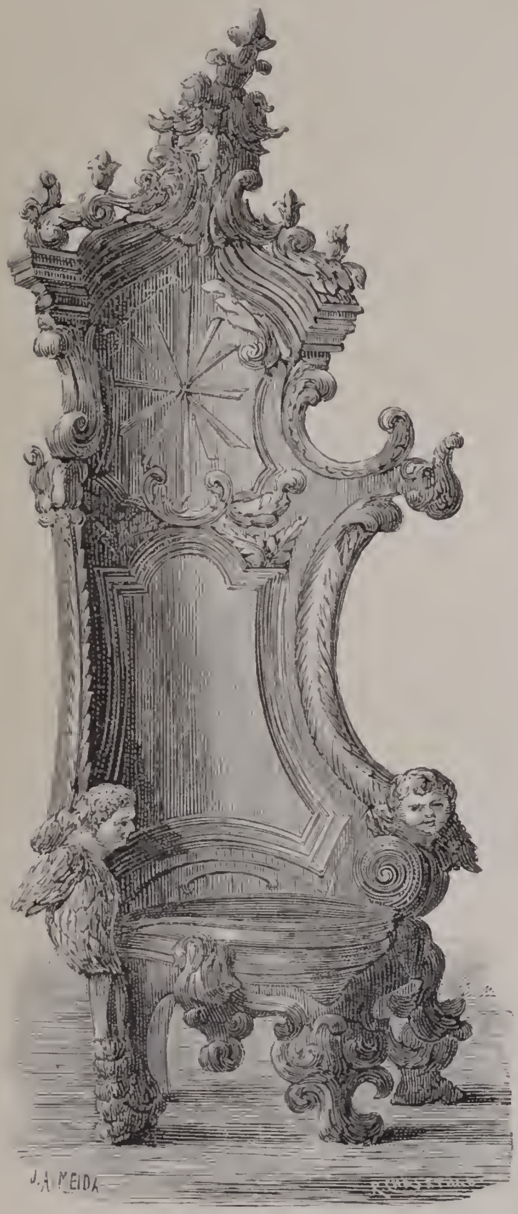
São tres os principaes ribeiros: o de Portozello, o de Ramourel e o Salgueiral, mais conhecido ainda pelas boas laranjas que nos mercados de Braga e Porto se designam com o seu nome.

Os romeiros da Abbadia conhecem tambem muito o Salgueiral; é ahi que elles refossilam as forças para a caminhada, nas barracas de *comes e bebes,* que se levantam n'este sitio, e que formam assim como que um fragmento da grande romaria.

Além da matriz, edificada no seculo passado, e reconstruida modernamente depois d'um desastre de raio, a freguezia tem mais as seguintes capellas: S. Lourenço (no monte assim denominado), Santo Antonio, Santa Marinha e Sant'Anna.

A noroeste de Dornellas e Goães ficam ainda nas vertentes do monte

de Santa Cruz duas pequenas parochias, que o leitor pouco interesse terá em visitar, a menos que não queira percorrer estadio por estadio a antiga via militar da Geira, que pelas duas atravessava, caminho do Gerez.



Cadeira abbacial do convento de Santa Maria de Bouro — Desenho do natural por João de Almeida

A primeira é a freguezia de *PAREDES SECCAS*, antigamente villa e couto do mosteiro de Rendufe, com mais alguns logares de Villela. Tinha juiz no civil e orphãos, almotacel e provedor (feitos por eleição popular), os quaes faziam as correições e aforavam montados, pertencendo-lhe ainda ordenar as montarias na serra, a que concorriam os povos de Amares, Bouro e Rendufe.

A segunda das freguezias indicadas é a de *VILLELA*, outr'ora pertencente ao extincto concelho de Santa Martha de Bouro, e situada em terreno accidentado nos contrafortes da serra de Santa Cruz, como a sua visinha. No alpendre da sua egreja existe uma pedra com inscripção, onde se faz menção de dois pretores romanos do tempo de Vespasiano.

Como naturalmente o leitor não pretende ir agora saber o que foi feito da estrada romana, que aliás terá bastantes vezes ainda occasião de encontrar, aproveito o ensejo para lhe apresentar este encantosito de valle, onde serpeiam as aguas do Cavado, que a gente namora d'este macadam batido pelo sol, vendo-o ali rumorejar tão fresco á sombra das oliveiras verde-escuras.

Entramos em *SANTA MARTHA DE BOURO*. Ali está a graciosa

egreja matriz n'uma eminenciasita pittoresca, rodeada por oliveiras annosas, ao lado da estrada, que o visitante tem de deixar, se quizer subir os degraus que conduzem ao adro.

Sentimos não vêr a custodia e cruz da freguezia, duas alfaias de prata, que nos disseram ser uma preciosidade artistica.

Santa Martha de Bouro, séde do antigo concelho d'este nome, que comprehendia as freguezias de Goães, Santa Isabel, Bouro, Paredes Seccas, Villela e Seramil, é uma povoação de remotissimas origens, suppondo-se que já no tempo do conde D. Henrique tivesse fóros de villa, visto que em 1148 D. Affonso Henriques doou o padroado da egreja e a villa de Santa Martha ao abbade D. Nuno.

As suas justiças constavam então já de juiz ordinario, feito em pelouro, a que presidiam o corregedor de Vianna e o D. Abbade do mosteiro de Bouro. Tinha tambem duas companhias de ordenanças. D. Manuel deu foral a esta terra em outubro de 1514.

Situada sobre formosa encosta sobranceira ao Cavado, é Santa Martha de Bouro fertil em todos os generos agricolas, e abundante por isso de recursos alimentares. O proprio rio, se hoje é mais avaro do seu peixe saboroso, chegou a ser fecundissimo n'outros tempos e d'isto resa um painel, cuja legenda assevera que Manuel de Araujo de Sousa, um felizão, pescou d'um só lanço a bagatella de vinte e dois salmões! Caso para se pintar realmente em honra das aguas do *Pêgo Negro,* poço do Cavado onde succedeu a pesca miraculosa. Junto do logar de Pereira e a cavalleiro do logar de Cabadouços fica a parochia de *SERAMIL,* alcandorando-se nas vertentes do monte de Santa Cruz, os veios d'agua manando do Gerez a fertilisarem-lhe o solo accidentado.

Curto é o caminho a fazer depois de Santa Martha para chegarmos a *SANTA MARIA DE BOURO.* O mesmo aspecto do valle e, além, sobre a outra margem do rio, a curiosa capella de S. Mamede, já do concelho da Povoa de Lanhoso, mettida na concavidade d'um penedo enormissimo.

Quando a estrada dá uma volta rapida, a physionomia do mosteiro avulta logo nas suas linhas de fabrica magestosa e, queira ou não queira o viajante, o carro sacode-o bruscamente no *Terreiro* do convento, os cavallos param porque não esquecem ali a tregoa do descanço, e o cocheiro quasi nos injuriaria, se não fossemos visitar o mosteiro em que nos fallou toda a jornada, uma maravilha no seu dizer, e que o é realmente para quem apreciar tantas bellezas de arte que para ali estão abandonadas. Na nossa situação especial não precisavamos tanto incentivo; tinhamos de parar ali por força, visto que o nosso intuito era visitar não só o mosteiro,

como o sanctuario da Abbadia, a uma meia legua d'este ponto, do qual tomariamos pela serra o caminho do Gerez, visto que a estrada carroajavel, que hoje existe aberta ao transito, estava então, no anno da graça de 1884, vedada ainda ao publico... que não viajava nos trens da Companhia Viação!

Emquanto, pois, o cocheiro se encarrega de nos alugar animaes para essa excursão, façamos nós uma visita ao mosteiro.

Sobe-se para o adro por uma magestosa escadaria de granito, e ampla e espaçosa é a frontaria do convento e egreja, onde se vê uma estatua collossal de D. Affonso I recordando a apparição de Ourique. Internamente a vastidão do templo não desdiz da sua amplitude exterior, e se não temos aqui espaço para mencionar todas as suas disposições e bellezas, não poderemos ainda assim esquecer as formosas quadraturas das cadeiras do altar-mór e a elegante cadeira abbacial, que o artista nosso companheiro de viagem esboçou no seu album e que hoje figura na nossa gravura de pag. 437.

A mais veneranda imagem do mosteiro é o Senhor da Columna, que se festeja no segundo domingo de julho, embora actualmente a innovação do Sagrado Coração de Jesus lhe comece a fazer temivel concorrencia com a sua festa no primeiro domingo de agosto! Entretanto, dos milagres do primeiro attestam já os pequenos paineis curiosos, que se vêem no altar-mór, e dos do segundo ainda a pintura não fallou, o que não é de somenos importancia aos olhos crentes dos devotos. Dir-se-ha que isto de paineis representa um pouco de vaidade, e lá mesmo eu vi um, de 1851, em que «*Manuel da Silva Abreu d'esta freguezia deu ao Senhor dos Milagres umas cortinas de damasco de seda para o seu oratorio e pela sua memoria se mandou fazer este;*» mas, vaidade ou não, o facto é que por emquanto o Sagrado Coração de Bouro ainda não apanhou pechinchas d'estas, nem painel correspondente.

A sachristia do convento é uma belleza no genero azulejos, largos quadros de figuras ao natural representando a vida de S. Bernardo; tem primorosa talha no tecto e ferragens lindissimas nos arcazes. As paredes do claustro eram tambem revestidas de azulejo antigo, hoje pouco a pouco desaggregado e pelo chão feito pedaços! O resto do edificio vae pela mesma ruina.

A historia do convento de Bouro, que é ao mesmo tempo a historia da Abbadia, é a que nas linhas seguintes vamos condensar, soccorrendonos para isso dos diccionarios de Pinho Leal e J. A. de Almeida.

Já em 883 se encontra noticia de estarem os Bentos em Bouro. Parece, porém, que por occasião das guerras com os arabes, d'aqui se reti-

raram, ficando apenas na capella de S. Miguel (Abbadia) um eremita de habito negro, a quem veiu associar-se depois Pelayo Amado, fidalgo da côrte do conde D. Henrique, por causa do sentimento e magua que lhe trouxe a morte de sua esposa D. Munia, dama da rainha D. Thereza. Um dia, ou uma noite, segundo conta a lenda, viram os dois cenobitas clarear na garganta da serra uma luz mysteriosa e viva, e para ahi se dirigiram avidos de curiosidade. Acharam no sitio uma esculptura de pedra, imagem da virgem, e desde logo destinaram fundar por suas mãos uma capella que lhe fosse dedicada. Outros eremitas a elles se juntaram, e D. Affonso Henriques mandou vir a seu pedido alguns religiosos de Alcobaça, que os iniciaram na ordem de S. Bernardo, e ao convento doou a villa de Santa Martha de Bouro, os dizimos do sal de Fão e outras rendas, dando-lhe tambem o senhorio do couto de Bouro em 1148, que em 1162 confirmou por causa d'um incendio que destruira o cartorio.

A profissão dos eremitas teve logar ahi por 1159; mas, alguns annos depois, vendo os monges quanto era desabrido e aspero o local da Abbadia, resolveram approximar-se mais da margem do Cavado e sobre ella fundaram o actual convento, para onde por mais de uma vez quizeram trazer a Senhora, que, teimosamente, diz a lenda, e por bom calculo dos frades, accrescenta um padre meu amigo, se obstinou sempre em fugir-lhes para a Abbadia. Tal é a origem do mosteiro de Bouro e do sanctuario que logo visitaremos.

D. Affonso II confirmou as doações de Affonso Henriques; mas D. Sancho, por conselho de sua mulher Mecia de Haro, quiz tirar aos frades o senhorio do couto, e tanto fez para isso, que o D. Abbade o teve de comprar por mil maravedis de ouro! D. Affonso III entrou de novo em questão com os reverendos; mas D. Diniz, seu filho, restituiu-lhes o coutado.

Por occasião das guerras de D. João I com Castella, o abbade de Bouro armou 600 vassallos seus, e á testa d'elles se foi a bater os castelhanos na Portella do Homem, o que fez com tanta perfeição, que D. Nuno Alvares Pereira, entendido na materia, deu aos abbades o titulo de capitão-mór e fronteiro-mór, podendo *appellidar* gente para a guerra, dizer missa nos tempos de peleja, usando apenas a *cogúla,* e trazer pagem d'armas em signal da sua dignidade militar.

É ainda pelo facto d'essa batalha que os povos de Bouro tinham o privilegio de não dar soldados ao rei, comtanto que defendessem e vigiassem a Portella do Homem.

D. Manuel deu foral novo ao couto do mosteiro em 1514. No seculo XVII foi a egreja reedificada, por causa da ruina que ameaçava.

EGREJA DA SENHORA DA ABBADIA — *Desenho do natural por João de Almeida*

A capella da Senhora do Rosario, annexa á egreja, era até á extincção dos frades (1834) a séde parochial; desde então ficou-o sendo todo o vasto templo.

Em algures das paginas d'este livro fizemos referencia já á formosa amante de D. Sancho I, D. Maria Paes Ribeiro (a Ribeirinha). O leitor piedoso, ou que deseje fazer philosophia sobre a ephemera belleza da carne, tem aqui a sepultura d'essa esplendida mulher, para que se contriste ou penitenceie. Escusa de lêr o *Hamlet,* ainda mesmo na sua traducção real!

Feita a visita do convento, aqui estamos no largosito, onde se faz quinzenalmente uma feira, em 8 e 24, para recorrermos de novo a esse meio de jornadear poetico—o cavallo de aluguer—, que este modernismo de estradas e vias ferreas veiu eliminar d'aquelle capitulo etiologico de certa doença em regiões perineaes, que, ao que se vê, era uma delicia de poetas arcadicos e romanticos em viagem. Aqui vamos, pois, chouteando mais uns sete kilometros de montanha até chegarmos á sombra dos annosos sobreiros da Abbadia.

Ahi estão as capellas.

São umas onze ao todo, oito maiores, representando a vida da Virgem e primeira infancia de Jesus, tres mais pequenas, significando já o drama da Paixão.

As primeiras retratam, em esculpturas mais ou menos aferidas pelas do typo do Bom Jesus:—1.ª Nascimento da Virgem—2.ª Apresentação no templo—3.ª Os desposorios com S. José—4.ª Annunciação do Anjo S. Gabriel—5.ª Visitação a Santa Isabel—6.ª Nascimento de Jesus—7.ª Adoração dos Magos—8.ª Fugida para o Egypto.

As segundas, intercaladas com estas, são:—1.ª Christo no Horto—2.ª Jesus preso á columna—3.ª Senhor da canna verde.

Depois das capellas segue um largo com grandes alpendres avarandados, ao fundo do qual se levanta o templo, que a nossa gravura representa, e em cuja frontaria se vê o oratorio protegido por fios de ferro, dentro do qual está a imagem da Senhora. É ahi que no dia 15 de agosto, o dia da grande romaria, celebra missa um sacerdote, que os romeiros ouvem ajoelhados no grande largo e quebradas proximas; a Abbadia tem n'esse momento o aspecto extraordinario d'um grande acampamento medieval. Dir-se-hia que todo aquelle povo se está preparando para as cruzadas gloriosas na Terra Santa, depois de haver recebido a benção d'um moderno Pedro Eremita!

Amarga desillusão dos tempos que vão correndo! Não é positivamente á Palestina que se propõe ir o bom minhoto! É para a sombra d'al-

gum sobreiro copado, que elle vae tasquinhar o salpicão e frango que levou de casa, junto com a borracha de vinho verde e com o *ex-voto* que depositou na casa dos milagres! E não teem por isto de queixar-se os que appellidam gente para a causa do Senhor!

Sobe regularmente a um conto de réis o producto dos donativos dos fieis, no periodo da romaria que vae de 10 a 15 de agosto! Entre as offertas mais avultadas figuram as de gado.

Se o leitor fôr por acaso á romaria, sabe, sem que lh'o digam, a occasião em que no sanctuario dá entrada uma d'essas pingues... esmolas! A phylarmonica vae com o povo esperal-as ao principio da avenida; e ao avistar os romeiros, que acompanham o boi ou juntas de bois com as pontas enfeitadas de fitas e flores, os clarinetes e trompas zurzem sonoramente os espaços, e o prestito vem, na pompa solemne das grandes occasiões, dar ao redor do templo o numero das voltas promettidas! Depois o animal é vendido em hasta publica, ou avaliado no seu preço, e o metal sonante cae nos cofres do sanctuario, como resgate d'uma divida em aberto entre o milagre e a crença.

Mas, verdade seja, no interior do elegante e espaçoso templo, os numerosos paineis attestam a grande efficacia dos milagres, que a Senhora tem operado a favor dos seus devotos e até das suas devotas possessas do diabo.

Avalie o leitor:

«Milagre que fez Nossa Senhora da Abbadia a Paschoa, solteira, natural da freguezia de Baldreu, que sendo atormentada de dois demonios, ouvida por Fr. Luiz das Chagas, religioso dos Franciscanos, lh'os lançou fóra por *intercecação* da mesma Senhora no anno de 1712.»

E é exactamente o que a pintura representa: Lá está o frade á direita do quadro; a Paschoa á esquerda com dois malditos demonios que a não largam, e a Senhora da Abbadia no alto, impassivel e boa, assistindo áquelle poder sobrenatural do franciscano.

A Paschoa tinha só dois diabos dentro de si, mas havia peccadoras que tinham mais.

Diz a legenda d'um outro painel: «Milagre que fez Nossa Senhora d'Abbadia a esta peccadora que atormentavam cinco demonios—Anno de 1715.» E lá estão realmente os cinco em volta da pobre victima, tão feios os raios, que é da gente estarrecer e abençoar a memoria do santo confessor, que se atreveu a enxotal-os do corpo e da alma da pobre rapariga.

Pouco mais tem que vêr o sanctuario da Abbadia. Entretanto póde o leitor visitar, se quizer, a capella de Santa Maria Magdalena que fica

por traz da egreja, e a de S. Miguel o Anjo no cabeço do monte proximo, onde fizeram vida ascetica os primeiros povoadores d'este local. Não esqueça tambem visitar a uns 200 metros ESE. do templo a *Lapinha* ou *Fonte da Senhora*, situada na concavidade d'uma gruta forrada de azulejos, e onde é tradição que appareceu a imagem. Ahi vão todos os romeiros beber e lavar-se, na crença de que esta agua os cura das suas enfermidades.

O sanctuario estende-se pela garganta d'uma ramificação do Gerez, com declive rapido um pouco analogo ao da Peneda, e quasi com os mesmos caracteres de paysagem. Os montes proximos dominam estes desfiladeiros tristes, raros de vegetação, que apenas borda o caminho e terreiro do sanctuario. Ao fundo da ravina solitaria salta de fraga em fraga o ribeiro da Abbadia, vindo de Santa Isabel do Monte e juntando-se mais abaixo em Pontido a um outro que vem de Paradella, indo morrer os dois na margem direita do Cavado.

Com a descripção do sanctuario da Abbadia fecha a descripção do concelho de Amares e da freguezia de Santa Maria de Bouro, a cujos limites pertence.

*
* *

Essencialmente agricola, como o leitor acaba de presencear, o concelho de Amares tem, depois das notas que deixamos apontadas, pouco a fornecer-nos para dizer syntheticamente do seu estado.

Comprehendendo 12:066 almas, 395 das quaes pertencem propriamente á villa de Amares, allia-se com o de Terras de Bouro para formar comarca judicial, cuja séde é na villa de Amares.

As escolas primarias do concelho acham-se pela seguinte fórma distribuidas: Amares, Santa Maria de Bouro, Caldellas, Ferreiros (masculino e feminino), Goães e Rendufe.

A sua estatistica de criminalidade apresenta-se com os seguintes algarismos:

Anno de 1880 — Crimes julgados 18, sendo 1 contra a ordem, 15 contra pessoas e 2 contra a propriedade. O numero dos réos foi de 24, sendo 12 absolvidos e 12 condemnados a penas correccionaes. D'estes eram 7 homens e 5 mulheres, e d'entre os 24 sabiam lêr 9, e eram analphabetos 15. Eram 22 da comarca e 2 de fóra.

Individualisando a sua riqueza agricola póde dizer-se que além da sua muita fructa o concelho de Amares é abundante em milho, centeio, feijão, vinho, azeite, castanha e linho.

Na pecuaria predomina—diz o *Recenseamento Geral dos Gados*—a recreação, sendo importadas de Barroso e outros concelhos e da Galliza muitas crias e gado já feito, que é *pensado,* isto é, levado quasi a meia engorda e algum cevado para vender para fóra.

As freguezias, em que ha maior producção e creação, isto é, em que nasce maior quantidade de rezes e se criam até apartar do leite, tanto para as vender n'este estado como para as recrear, são as de Santa Maria e Santa Martha de Bouro, e depois d'estas, em muito menor escala, as de Caires, Caldellas, Goães, Paranhos, Sequeiros, Seramil e Villela. O mappa dos valores pecuarios do concelho é o que segue:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	207	2:166$000
Muar	87	2:274$000
Asinino	86	200$000
Bovino	2:314	69:035$000
Lanar	1:314	685$700
Caprino	561	802$500
Suino	2:463	11:540$000
		86:703$200

O viver domestico regula-se pela seguinte tabella de preços correntes nos seus mercados ás quartas feiras e nas quatro feiras annuaes que tem a villa, duas em maio e duas em setembro:

Milho	620 réis
Feijão	700 »
Centeio	820 »
Castanha	400 »
Batata	320 »
Vinho (quartilho)	40 »
Gallinha (uma)	320 »
Ovos (duzia)	100 »
Laranjas (cento)	200 »

Marca-nos a tabella um preço tentador no genero laranjas; não sei se terá sido muito exacto o meu, aliás, consciencioso informador; mas o que o leitor póde ter como certo, é que todas as outras fructas de pomar, saborosas e magnificas, são, no tempo proprio, vendidas por um preço tão infimo, que se podem considerar *quasi dadas.* A expressão local indicando esta barateza relativa, vem, ao fechar do capitulo, confirmar-nos na idéa de que o concelho de Amares é verdadeiramente um pomar.

Por isso tambem eu não sei de melhor e mais legitimo brazão de armas, com que fechar artisticamente o capitulo, do que essa vinheta desenhada por Almeida, onde em vez de aspas de ouro em campo azul, póde o leitor saborear, *in mente,* as uvas deliciosamente loiras, os pecegos e maçãs avelludados, as ameixas temperantes, que pendem de um ramo da folhagem.

CONCELHO DE AMARES

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Amares, *O Salvador*	175	220	395	91 *(a*
Barreiros, *S. Pedro*	239	289	528	120 *(b*
Besteiros, *S. Paio*	154	203	357	101 *(c*
Bico, *S. Vicente*	95	131	226	53 *(d*
Bouro, *Santa Maria*	448	563	1:011	238 *(e*
Bouro, *Santa Martha*	439	472	911	184 *(f*
Caires, *Santa Maria*	286	371	657	196 *(g*
Caldellas, *S. Thiago*	300	353	653	158 *(h*
Carrazedo, *S. Martinho*	221	285	506	125 *(i*
Dornellas, *O Salvador*	189	279	468	126 *(j*
Ferreiros, *Santa Maria*	424	525	949	209 *(k*
Figueiredo, *S. Pedro*	235	300	535	134 *(l*
Fiscal, *S. Miguel*	277	372	649	164 *(m*
Goães, *S. Thiago*	213	270	483	115 *(n*
Lago, *S. Martinho*	285	400	685	172 *(o*
Paranhos, *S. Lourenço*	87	106	193	40 *(p*
Paredes Sêccas, *S. Miguel*	89	104	193	52 *(q*
Portella, *S. Pedro*	96	115	211	47 *(r*
Prozello, *S. Thomé*	239	277	516	111 *(s*
Rendufe, *Santo André*	283	384	667	167 *(t*
Sequeiros, *S. Paio*	147	161	308	69 *(u*
Seramil, *S. Paio*	129	155	284	61 *(v*
Torre, *Santa Maria*	113	170	283	70 *(x*
Villela, *S. Thiago*	168	230	398	87 *(y*
	5:331	6:735	12:066	2:890

a Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Paços, Cancella da Cruz, Eirado, Casas Novas, Ribeira, Capella, Granja.

b Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Monte, Queirões, Minhotos, Gorda, Passos, Alem, Pombal, Carvalhal, Barral, Pena, Eirado, Villar, Salgueiral, Lameira.

c Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Portinha, Estrumadouro, Carvalho, Samaça, Ouvim, Redondello, Banhadouro, Enxorreira, Souto, Cerdedo, Quinta Secca, Monte, Pedaço, Barrio, Espinheira.

d Comprehende esta freguezia os logares de S. Vicente do Bico, Egreja, Eirado, Castanheira, Valle, Malhada, Bouça, Covernas, Pedreira, Couto, Villa Meão de Baixo, Villa Meão de Cima.

e Comprehende esta fregnezia os logares do Terreiro, Lordello, Paradella, Dornas, Cano, Obra, Sobreira, Carrascal, Soalheiro, Enxido, Eira Grande, Abbadia, Boa Vista, Adegueiro, Ponte, Pontido, Molual; os casaes de Laranjeira, Tomada, Calçada, Cruzeiro; as quintas de Cabeceiros, Eiras, e as propriedades de Guizande, Teixugo.

f Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Calle, Torre, Outeiro Meão, Quintães, Martinga, Fonte, Roncio, Grova, Castanheiro, Monte Chão, Cerva Morta, Outeiro, Novaz, Lama, Felgueira, Ladredo, Morim, Valle, Cham Grande, S. Bartholomeu, Pereira.

g Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Outeiro, Freixieiro, Sobrado, Rios, Portellinha, Roupeiro, Geira, S. Vicente, Tornadouro, Crasto, Paço, Monte de Cima, Monte de Baixo, Cruz, Pennas, Soutello, Cal, Pousadas, e as quintas ou propriedades de Casinhado, Paço Velho, Proselho.

h Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Cabaduços, Pitães, Cachadas, Covo, Barral, Casa-Nova, Lamoso, Passos, Pereiro, Eirado, Agueiro, Esporões, Monte Carvalhinhos, Boavista, Caldas, Barrio, Ranhados, Real, Cima de Villa, Cornadella, Telhado, Barreiro, Villa Quintã, Agrinhos.

i Comprehende esta freguezia os logares de Carrazedo, Egreja, Afaia, Barrimão, Paredes, Alèm, Pinheiro, Villa Moure, Roman, Quintans, Redemoinhos, Casa de Castro.

j Comprehende esta freguezia os logares da Lage, Egreja, Seloureiros, Souto, Tal-rio, Eira-vedra, Passos, Outeiro, Torre, Carvalho, Gulpilhares. Monte, Monte d'Além, Pinheiros, Sobreiro, Perro, Santinha, Chello, Motrina, Obra, Pedra, Calçada, Barbadans, Funtão, Pardinheiro, Moleiras, Reponte, Casal do Monte.

k Comprehende esta freguezia os logares da Feira Nova, Egreja, Barrio, Cabo, Casaes, Além, Outeiro, Carredoura, Bibirellos, Certão, Monte, Lage, Veiga, Rio Bom, Vasconcellos, Bornaria, e as quintas de Bornaria e Egreja.

l Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Deveza do Monte ou Monte da Deveza, Cartem ou Forno Velho, Loureiro, Paço, Costeira, Palla, Grova, Transfontão, Villar, Ribeira, S. Verissimo, Chãos, Real, S. Sebastião.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, S. Bento, S. Pedro, Pedreira, Monte, Tojal, Villouços, Couto, Quinteiro, Rio, Bouça, Enxurreira, Aspra, Outeiro, Travenellas, Villa Nova, Pillar, Carriça, Sobrado, Barrio, Casal, Passos, Pena, Sub-Egreja, e a casa e quinta da Tapada.

n Comprehende esta freguezia os logares de Cavado, Assento, Fraga, Salvadora, S. Jorge, Falperra, Lages, Portella, Paço, Corredoura, Costa, Tojeira.

o Comprehende esta freguezia os logares de Lago, Egreja, Bouro, Barral, Telhado, Ribeira, Santa Martha, Ponte, Villa Nova, Telheira, Paço, Cruzes, Fonte-Coba.

p Comprehende esta freguezia os logares de Paranhos de Cima, Egreja, Além, Covas, Louredo, Farapilha.

q Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Carvalho, Quintã, Penosa, Lama, Via Cova, Urjaes.

r Comprehende esta freguezia os logares da Portella, Egreja, Cima de Villa, Cabo de Villa, Suco, Villa Pouca, Monte, Cernado.

s Comprehende esta freguezia os logares do Cruzeiro, Ensede, Cabo, Eido de Cima, Outeirinho, Certão, Logar Novo,

Outeiro, Pedregal, Fonte, Aldeia, Porto Burgo, S. Miguel, Ponte do Porto de Cima, Ponte do Porto de Baixo; as quintas de Levada, Porto, Bouças, e a propriedade de Montariola.

t Comprehende esta freguezia os logares de Carvellas, Faia, Eido, Rio Tinto, Olheiros, Neves, Monte, Terrões, Picoto. Valboim, Bouças, S. Fins, Gorda, Cova, Mosteiro, e uma quinta no logar do Mosteiro.

u Comprehende esta freguezia os logares de Sequeiros, Egreja, Paço, Cancella, Pousado, Quintã, Barrio, Pitins, Tojal, Ramalha.

v Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Assento, Outeiro de Villa, Seramil de Baixo, Seramil de Cima, Orijal, Crujeira, Bacello, Real.

x Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria da Torre, Ribeiro, Medello, Lagarteira, Cazellinhas, S. Gens, Pocinho, Fonte, Monte, Lage, Paçô, Aldeia, Fun'devilla, Eiravedra, Eirado, Egreja.

y Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Traz de Deveza, Fontes, Cabaduço, Pomarinho, Portella do Valle, Monte, Carvalho, Pinheiro, Charilhe, Quintães, Faquiães, Chouzellas, Linharelho.

TERRAS DE BOURO

Uma azenha do Rio Homem — Desenho do natural por João de Almeida

Situado nos alcantis e valles do Gerez, um pouco isolado ainda do convivio social com o resto do paiz pela falta de estradas e vias ferreas, o concelho de Terras de Bouro conserva, talvez como nenhum outro, vivas as lendas do nosso viver primitivo, fortes as tradições e costumes d'esse antigo povo caçador e guerreiro, amoroso e affavel na hospitalidade, que constituiu a cepa da nossa raça brilhante.

O nome do concelho não é talvez senão uma corrupção da palavra *Mouro* e na linguagem do povo o leitor encontra ahi, a cada passo, vestigios claros da civilisação celto-romana, que por tanto tempo dominou a peninsula. O *Folk lore* nacional tem n'este concelho um rico veio a explorar, acreditamol-o, e sentimos tão sómente que a nossa excursão rapida não podesse ajuntar materiaes, que só a paciencia e o firme proposito podem reunir abundantemente.

As *lendas dos mouros,* as caçadas no Gerez, a vida pastoril, as festas populares são, porém, elementos tão caracteristicos da vida do concelho,

que, seja embora superficial a visita que ahi se faça, não póde o espirito deixar de compenetrar-se do seu valor, e reconhecer que para além d'essa florescencia ethnographica, de que mal podemos sentir o perfume, correm fundas as raizes da vida nacional.

Sabe o leitor que leu os dois capitulos anteriores, que por dois pontos entramos no concelho de Terras de Bouro; atravessando o Homem junto de Baldreu, no sitio de Vau, e subindo a serra da Abbadia até ao alto do Formigueiro para nos dirigirmos ás Caldas do Gerez.

São essas excursões, feitas em dias diversos, que lhe vamos succintamente narrar, aproveitando com isso o ensejo de traçar em rapido esboço a historia de cada uma das freguezias, que pelo caminho encontramos, ou que nos ficam a mais curta distancia. De Villa Verde partiramos com destino á séde do concelho e em *Santa Marinha* conseguiramos, depois de alguns esforços, alugar animaes que ali nos conduzissem. Sabe o leitor tambem, que nos havia sido imposta a condição de mandar ferrar uma das eguas em Vau e foi ahi que Almeida, depois de havermos atravessado o rio pela fórma indigitada no nome do logarejo—*a vau*—desenhou essa encantadora azenha movida pela corrente do Homem, typo de tantas outras que no seu leito se encontram.

Entretanto a officina syderotechnica de Vau resgatava por seis vintens o nosso compromisso tomado com o proprietario da egua.

O valle tem pouca amplitude n'este ponto, mas é intensamente coberto de vegetação; á medida, porém, que se vae subindo para Sequeirós, logar de Chamoim e séde actual do concelho, o horisonte rasga-se em curva mais larga, embora em toda a sua extensão caracterisada pela deliciosa frescura do arvoredo.

A cavalleiro do rio estendem-se pela collina ondeante as freguezias ruraes, cujos campanarios alvejam de distancia em distancia, quando a verdura os não abafa e esconde aos olhos do *touriste.*

Vê-se bem d'aqui o de *SOUTO,* ou antigo *Couto de Souto,* de jurisdicção real, dado por D. Affonso III a João Soares Coelho em 1256; mas que se não visse perto, os sinos do seu campanario dobrando incessantemente a finados, obrigavam o menos curioso a perguntar o motivo d'aquella toada funebre, e a conhecer por isso dos usos da freguezia.

—É esse o costume—disse-nos officiosamente o guia—o sino dobra constantemente, desde que alguem morre até que se dá á terra.

—Mas não ha sineiro que resista!

—Chamam-se homens que se revesam n'esse serviço e assim os sinos tocam sempre!

Piedosa vingança dos mortos sobre os vivos, diz com graça Camillo

Castello Branco; mas seria um successo gravissimo que os badalos de Bouro fraquejassem e ninguem se lembra por isso de os interromper um instante.

Ao pé de Souto fica *S. MATHEUS DA RIBEIRA*, officialmente conhecida outr'ora pelo nome de *Ribeira do Homem*, nome aliás perfeitamente justificado pela sua situação junto da margem do pittoresco rio.

Cercado de frondoso arvoredo ergue-se na collina o campanario de *S. JOÃO DA BALANÇA*, nome com que o espirito ainda o menos dado a coisas lithurgicas não deixa de surprehender-se, porque não consta que o precursor do Christo se servisse, em acto solemne da sua vida, do precioso instrumento da justiça e das mercearias. Seja, porém, qual fôr a razão do symbolo original, o facto é que S. João padroeiro da freguezia sustenta na sua mão uma balança e d'ahi veiu o nome á parochia.

Passava na *Balança* a estrada romana da Geira e ainda por ali se encontram, mas completamente perdidos para a archeologia, alguns marcos milliarios d'essa importante via militar. Faziam 16 milhas de Braga a este ponto.

A freguezia de *MOIMENTA*, outr'ora annexa á de Balança, e da antiga comarca de Pico de Regalados, mal se divisa do caminho que seguimos, entufada como está nas redoiças de vegetação que vestem luxuosamente este vallesito do Homem.

Adiante fica *SANTA MARINHA DE VILLAR*, onde passava nos montes do Alto do Seixo a estrada da Geira, cujos marcos milliarios se vêem ainda no logar de Travassos.

Eis-nos finalmente em *CHAMOIM*, ou, melhor dizendo, no seu logar de *Sequeirós*, que é a séde do concelho de Terras de Bouro, onde vamos apanhar o *croquis* da physionomia local que a nossa gravura de pag. 457 fielmente representa.

O leitor quasi prevê que nada tem de notavel esse largo mais ou menos irregular, com os seus antigos alpendres para os feirantes a um lado, a capella de S. Braz e Senhora das Necessidades ao outro. Os edificios em que se alojam as repartições publicas ou em que vivem alguns particulares, mal podem desenhar as suas fórmas, aliás vulgares, assoberbados como estão pelas ramarias do arvoredo fructifero, que faz dar ao largo o aspecto d'uma clareira aberta em densa floresta. D'entre todos, o mais concorrido é de certo aquelle em que existe o estabelecimento do sr. Francisco de Sousa, um verdadeiro *pandemonium* de tudo quanto a industria tem produzido no seculo, desde a chita barata á vela de cebo, desde o tamanco nacional até ao vidro barrigudo dos candeeiros de petroleo.

Nós achámos ali um magnifico *lunch;* pão, queijo, vinho e marme-

lada, sem que para isso fosse necessario buscar recursos em outra parte! Tem de tudo e ainda... mais alguma coisa, estamos desconfiados!

A capella, a que já nos referimos, nada offerece de curioso, apezar do seu cunho antigo; festejam-se ahi a Senhora das Necessidades e S. Braz e d'isso dão prova as numerosas gargantas de cera, que estão penduradas pelas paredes e altares. A egreja parochial fica ainda distante, mas nada apresenta digno de interesse sob o ponto de vista artistico ou archeologico.

A archeologia de Terras de Bouro consiste especialmente nos monolithos que marcavam a estrada militar da Geira, que por Chamoim passava e não muito longe d'este ponto de Sequeirós. A curiosidade, mais que nenhum outro motivo, levou-nos a ir contemplar os restos d'essa tão fallada via militar e resolvemos por isso, guiados por um rapasito, ir em procura da Geira. O nosso pequeno guia, é claro, nunca ouvira fallar dos romanos, mas sabia, sem errar um passo, qual era o antigo caminho dos *mouros para a Gallіza* e não desconhecia a existencia d'alguns marcos milliarios dispersos ainda por essa estrada.

Montámos a cavallo e partimos. Uma chuva miuda principiava, mas que era isso, pensavamos, comparado com o prazer de ir pisar aquelle terreno tantas vezes trilhado pelos soldados do imperio, ora sob um sol ardentissimo de verão, ora sob as chuvas torrenciaes e brumosas do Gerez.

Era a segunda hypothese que se realisava comnosco. Melhor assim, que para calores de excursão ainda os lombos se queixavam d'aquelles com que nos tinha mimoseado a Peneda uns dias antes.

Sobe-se um pouco para alcançar a Geira, mas não é demorada a excursão, nem desagradavel o aspecto da paysagem. A vista apanha as ondulações do valle, os seus recortes montanhosos, as suas correntes d'agua, as suas aldeias povoadas. Se a chuva não ennevoasse o largo panorama, deveria ser d'um verdadeiro enlevo esta bacia fertilissima, emmoldurada em cintos de montanhas, d'onde a onde coroadas pelas ermidas alvinitentes, que poisam como aguias brancas no mais alcantilado dos pincaros cinzentos.

Parece que não deixa de acompanhar-nos aquella que fica além sobre a montanha da esquerda; e tanta é a insistencia d'esta illusão d'optica, que chegamos a perguntar como que enfastiados:

—Que ermida é aquella que de ha tanto vem comnosco?

—É a de Santo Amaro—responde logo o nosso pequeno guia—pertence a *CIBÕES,* terra de muito bons nabos; passa lá o rio n'um encanamento feito pelos mouros por debaixo da terra, mas ninguem lá vae.

—Então porque?

—Isso sim! Ficava-se logo tolhido; era morte certa se as mouras

vissem a gente; minha avó, e meu pae mesmo, quando era pequeno, viram um dia duas a passeiar cá na ribeira.

—Mas não morreram?

—Porque deitaram logo a fugir e minha avó resou o credo em cruz; e bom foi tambem ellas não os avistarem...

—Eram bonitas as mouras?

—Isso é que eu não sei; mas meu pae inda se lembra que vestiam como os padres nas missas cantadas, tudo de ouro!... São muito ricos os mouros, mas ninguem sabe das riquezas d'elles!

O leitor ficou sabendo d'estas informações sinceras do rapasito, que ha pelo menos em Cibões mouros encantados, que tiveram o capricho de soterrar o Homem—e que ha tambem... nabos de boa qualidade. D'estes diz Pinho Leal que se creou aqui um que offereceram a Affonso Furtado de Mendonça e teve de ser conduzido por dois homens em uma padiola!...

Vê-se que Cibões seria viveiro de tradições honrosas para o nabo, se o não fôra tambem de lendas poeticas de mouros. O tal encanamento, diga-se, não passa d'um sumidouro natural da corrente do rio, que uns noventa metros abaixo afflora de novo ao seu alveo.

Já agora que fallamos de Cibões damos uma nota breve sobre a sua visinha *GONDORIZ*, onde está a torre da Gardenha, que foi *honra* dos Coelhos e no reinado de D. Diniz passou aos Abreus, de Regalados. Foi do concelho d'este nome até 1855 e esteve annexa a Baldreu, egreja que d'este ponto avistamos, mas de que já demos resumida noticia no capitulo de Villa Verde, e que n'este ponto relembramos tão sómente, por que a ella andam tambem annexas as lendas d'esses *mouros* tão queridos da imaginação popular.

—Vê d'aqui a egreja de Baldreu?—dizia-me o pequeno guia—pois ahi tem; é uma das que os mouros levantaram da noite *para a pela manhã*.

—Isso podia lá ser!

—Toda a gente o diz, saiba-o o senhor; nem aquillo é obra de gente christã, tantos são os bichos de pedra que por lá se vêem!...

Cala na imaginação do povo a antiga architectura da matriz de Baldreu, mas pobre ignorante, que nunca viu a luz, elle não sabe distinguir estylos, nem lêr no esculpido do granito o trabalho dos artistas d'esse tempo, e são por isso os lendarios *mouros* que carregam com todas as responsabilidades historicas.

—Aqui está a estrada para a Galliza—bradou o nosso guiasinho.

—Sim, eil-a aqui, é esta a Geira, exclamamos por nossa vez, esporeando a egua e saltando, como um cavalleiro das legiões romanas (o que

esteve quasi a desequilibrar-nos, vá entre parenthesis), para o pavimento d'essa via militar, em que tantos soldados de Cesar fizeram a marcha de Braga para Astorga.

Mil e oitocentos annos ha.

O sol acaba de levantar-se, como um globo de ouro radiante, de sobre as cumiadas altissimas da serra.

A natureza solitaria e casta banha-se voluptuosamente no largo espaço luminoso. A vegetação enche as encostas, os rios serpeiam ao fundo do valle, como gigantescos reptís de escamas de aço luzente. Na grande via militar as legiões romanas, vindas dos lados de *Brachara Augusta,* despontam além por entre as sombras dos carvalhos sagrados, que se estendem como fila extensa e aguerrida pelas quebradas da montanha.

Vem adiante a cohorte *pretoria,* ou guarda do general, dividida nos seus tres manipulos, a seu turno subdivididos em duas centurias cada um.

Succedem-se as nove restantes, que constituem a legião, da qual fórma parte uma ala de cavallaria estendendo-se pelos flancos do *agmen quadratum.* Distinguem-se os *velites,* ligeiramente armados com um dardo curto e flexivel, pequeno escudo redondo, capacetes de couro ou pelles de animaes, apezar de irem distribuidos pelas companhias dos *Principes,* dos *Hastatos,* dos *Triarios.* São differentes as armas d'estes soldados, differentes as bandeiras que os *signiferi,* os terriveis porta-bandeiras, cobertos com pelles de animaes ferozes, empunham vigorosamente.

Scintilla glorioso o sol nas lanças e espadas dos Hastatos, nos seus capacetes de cobre de elevada cimeira, nos grandes escudos em fórma de meia canna, nas couraças de malha de arame de ferro ou cobre *(lorica cataneta* ou *hamis conserta).*

Os *Principes* usam apenas os gladios de dois gumes, o punhal e os grandes dardos, e vestem as mesmas armas defensivas.

Passam os *Triarios* com as suas espadas curtas e espontões de haste curta e ferro comprido e largo. Escarvam o pavimento cimentado os cavallos dos Equites, os soldados brilhantes da cavallaria legionaria, armados de lança e espada, couraças e capacetes reluzentes, o *clypeus* redondo e convexo feito de couro de boi, chapeado de tiras de metal, as botas de ferro desde o artelho ao joelho.

Tremulam as suas *flammulas* recortadas em pontas, os seus *vexillos* quadrados, suspensos do alto das lanças; a cavallaria adora estes estandartes, como a infanteria as suas aguias, ou as suas bandeiras de companhia, *signa manipulorum,* por cujo respeito jura, a cuja sombra inviolavel e sagrada confia, como a deposito seguro, os seus haveres e as suas prezas de guerra.

As trombetas acordam os echos adormecidos do valle, e toda a legião, original e sombria, passa, lenta e vagarosamente, emquanto o sol fulgindo no zenith faz scintillar em reverberos luzentes as couraças e as espadas, os capacetes e as lanças, as aguias dos estandartes e as lettras de ouro das bandeiras da cavallaria.

A tarde vae cahindo. Já destacam da frente os *metatores* para escolher e demarcar o logar do acampamento, o *castro,* onde passar a noite, ao abrigo dos animaes ferozes e das surprezas do inimigo. Quando o grosso da legião é chegado, cada soldado corre a fortificar o ponto que lhe pertence e ainda não vae extincto inteiramente o crepusculo, quando a palissada do arraial se levanta, abrigando no seu interior as tendas feitas de pelles, desde o *pretorium,* ou tenda do general erguida um pouco acima das outras, até á do *questor,* onde se deposita a caixa militar e os viveres, e ás dos soldados, onde estes descançam da fadiga da marcha ou do combate.

O serviço nocturno é rapidamente organisado, as guardas e sentinellas tomam á sorte os seus postos, a ronda de cavallaria vigia pela segurança do *castro.*

O silencio desce sobre o arraial da legião; e, se algum murmurio o quebra, é apenas o da clepsydra ou relogio de agua, que marca as horas de serviço a cada sentinella da noite.

Todo esse mundo viveu para nós um instante, evocado da noite do passado, leitor querido, quando nos sentimos pisando a Geira, a famosa via militar que o imperador Vespasiano mandou construir por estas quebradas do Gerez.

De onde a onde o pavimento da estrada mostra ainda uns restos do cimento, que argamassava os fragmentos do tijolo e louça, do ladrilho e pedra miuda que formava o *ruderatio* ou segunda camada da via, e, de espaço a espaço tambem, os formosos carvalhos seculares, estendendo-se n'uma linha orientada pelas cumiadas da serra, como que evocam as tradições das antigas arvores sagradas, a cujas sombras acampavam as temiveis legiões romanas.

Ou porque o espirito vá predisposto a estas recordações, ou porque a Geira as suscite pela sua disposição especial, a verdade é que a impressão entra em nós como luz esfusiando do passado, e, ao sentirmo-nos um instante que seja n'um ponto da antiga via, a curiosidade reclama a sua historia completa, e a singeleza de *touriste* como que se arvora em filaucia de archeologo, instigando-nos vontades de ir passo a passo percorrendo esse caminho secular.

Era a *Geira* a segunda estrada de Braga para Asturica, diz E. Hüb-

ner, e o imperador mais antigo que apparece mencionado nas suas columnas milliarias é Vespasiano, a cujo reinado se refere de certo a construcção da estrada; o mais moderno é Decencio.

«Sahindo de Braga, escreve Pinho Leal, passa sobre a ponte do Porto, entra no concelho de Amares, e por cima de Dornellas segue para Santa Cruz, S. João da Balança, Chorense, Moimenta, Villar, Travassos, Chamoim, Covide, onde corta a veiga de Santa Eufemia, passando proximo do monte em que a tradição diz ter existido a cidade de Calcedonia, vae a S. João do Campo e Villarinho, ultima freguezia do reino que a Geira atravessa e na qual, um pouco adiante da Portella do Homem, penetra na Galliza. Segue d'ahi para Orense e de lá para Astorga.»

O nosso passeio na via da Geira foi curto. Tivemos de castigar a obstinada curiosidade de antiquario, que ia nascendo já em nosso espirito, com o desvio,— e ainda bem que assim aconteceu,— em que nos lançou o guia, perdendo, depois d'um torcicolar de devezas, a pista da via romana.

Entretanto lá encontrámos uns dois marcos milliarios ao penetrar em Chorense, um com 1^{m},50 de altura, o outro partido já, mas ambos com inscripções quasi illegiveis.

Afóra estes vestigios archeologicos, que o nosso guia nos disse estarem no logar de Saimo, outros se encontram em Chorense, sendo os principaes uma columna levantada á memoria de Antonio Pio, um pouco adiante da capella de S. Sebastião e um padrão que parece dedicado a alguns pretores no sitio de Val de Fojos.

Deixando a Geira, passamos em frente da matriz, que é um templo vasto, e atravessamos o logar de Maús, onde existe a casa do antigo capitão-mór e a capella do Senhor do Bom Successo. Breve transpozemos o rio Homem a Vau, e já no concelho de Villa Verde fomos pernoitar em casa do nosso amigo Barbosa.

*
* *

Visitada Amares foi, como no principio disse já, subindo a serra da Abbadia, que novamente penetrámos no concelho de Terras de Bouro. Cinco horas da tarde, debaixo d'um sol ardente ainda, caminhavamos lentamente pela garganta da montanha, em que o ribeiro da Abbadia traz cavado o seu leito.

A solidão envolve-nos de todos os lados, a vegetação rareia, limitando-se ás humildes urzes que algumas ovelhas ruminam pacificamente,

SEQUEIRÓS, SÉDE DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO — *Desenho do natural por João de Almeida*

emquanto as não chama a rapariguita que n'uma quebrada nos apparece, curiosamente observando a nossa pequena caravana.

Um specimen das aves da montanha esvoaça n'este instante, rasteiro ás aguas do regato; é um formoso melro d'agua, entre branco e pardo, da corpulencia d'um melro vulgar.

N'um angulo do caminho surge um formosissimo souto de castanheiros, denso e impenetravel ao sol, estendendo-se pela montanha acima até ás rusticas choças de Alcrime, o primeiro logar da freguezia de *SANTA ISABEL DO MONTE,* que no trajecto encontramos. Pouco mais temos que subir para chegar ao alto do Formigueiro, um dos pinaculos do Gerez, cujos rendados alcantis vemos, d'este ponto, estenderem-se em toda a linha do horisonte.

Na aba do Formigueiro fica, na ribeira do Cavado, a fertil freguezia de *VALDOSENDE,* distante approximadamente um kilometro da margem do rio. Foi outr'ora do convento de Santa Martha de Bouro e era até o D. Abbade cisterciense do mosteiro, que apresentava aqui o parocho. Hoje passa ahi a estrada que vae de Amares ao Gerez.

Meia hora de descida leva-nos até ás veigas de *RIO CALDO,* cuja velha ponte atravessamos, sentindo só que isto não acontecesse no dia 15 de agosto para assistirmos á grande romaria de S. Bento, que na freguezia se effectua.

Atravez de prados humidos e fertilissimos seguimos, até que em *VILLAR DA VEIGA,* nome, como se vê, appropriado, entramos na estrada nova que vae ás *Caldas do Gerez,* logar pertencente a esta risonha parochia situada na confluencia do Caldo e do Cavado.

A noute vela com as suas sombras lugubres o desfiladeiro, em cujos declives vae contornada a estrada, e andando, andando sempre, sem podermos divisar um unico ponto luminoso que nos oriente, a sensação da natureza ameaçadora e pavorosa principia de impressionar-nos o espirito, que entresonha já encontros de feras sanguinarias e salteadores romanescos, acoutados nas brenhas solitarias d'aquella garganta medonha.

De repente quasi, a povoação das Caldas surge pela nossa frente. Ainda bem não lhe divisamos os contornos mal illuminados e já sentimos chegar até nós, tão proximo estamos, as vibrações plangentes d'uma pequena orchestra de amadores, que á musica e ás thermas confiam esperançados a cura dos seus padecimentos nevropaticos.

Adivinha-se bem que d'aquelles violinos desfere a melancholia gemedora d'alguma lesão de figado e d'aquellas flautas maviosas alguma queixa de baço hypertrophiado.

Tristes as Caldas, tristes!

Entramos no Hotel Universal — ha ainda o Luso-Brazileiro no Gerez — e depois de havermos jantado destinamos para a manhã seguinte uma ascensão á pittoresca serra, levando por fito S. João do Campo. No regresso diremos das notaveis thermas.

O caminho, aberto a custo nas inclinações da montanha, atravessa de onde a onde ligeiras toalhas d'agua, que se precipitam em flocos espumosos sobre um leito de rochas escarpadas, formando por vezes encantadoras cascatas. Nas ravinas que essas aguas fertilisam, a flora do Gerez desenvolve os seus mais curiosos specimens, sendo para notar os formosos medronheiros, os azereiros, os teixos, os rendilhados fetos, que a alturas tão elevadas encontram ainda as condições precisas á sua existencia. A urze veste quasi todas as encostas da serra e o zimbro rasteja mesmo nas grandes altitudes, de modo que, a não ser nas cumiadas, onde o granito afflora solitario e despido, toda a serra, principalmente nas quebradas em que os regatos serpenteiam, se póde considerar coberta d'uma ampla tunica vegetal.

Embrenhada n'essas densidades de arvoredo, a fauna do Gerez, constante de lobos, corças, javalis, rapozas, martas, cabras montezas, por ahi vae tomando o desenvolvimento que lhe permitte a perseguição arrojada dos caçadores, valentes sertanejos que chegam a disputar ás aguias os pincaros dos penedos, onde estas fazem os seus ninhos.

São curiosas as caçadas no Gerez e ainda no proprio dia em que chegámos, se tinha realisado uma ás corças, ficando mortos quatro d'estes bellos animaes. O relatorio apresentado á Sociedade de Geographia pelos srs. Leonardo Torres e Hermenegildo Capello e publicado no n.º 11 da 4.ª serie do Boletim d'essa sociedade descreve pittorescamente uma que em 1882 teve logar e cuja noticia textualmente reproduzo:

«No dia 20, ás quatro horas da manhã, principiava-se a sentir o movimento no pequeno largo defronte do hotel, augmentando cada vez mais, até que descemos ao arruado e nos sentimos na estimavel camaradagem de dezenove caçadores praticos, de que nos ficou grata recordação, pelo muito que fizeram para que tivesse o melhor exito o passeio, e pela sua educação.

É preciso dizer ao leitor que na serra do Gerez se não póde caçar sem o auxilio d'estes caçadores praticos, muito versados em questões de topographia local, e só elles sabem como se devem formar os cercos e em que posições esperar-se a caça (porco, corço, lobo ou cabra); era com o fim de vêr a cabra que tinhamos pensado n'este passeio.

Formada a sociedade venatoria, que em tempo de augmento de impostos poderia considerar-se temivel guerrilha, pois todo o pessoal, em

numero de 22, se achava convenientemente armado com sua espingarda e munições, seguiu-se no caminho de Leonte; passados os ultimos terrenos cultivados formou-se o conselho a fim de traçar o plano de perseguição aos corços, e n'esse parlamento ao ar livre pareceu-nos levantada séria discordia entre os discipulos de Diana, que a seu turno e tempo iam discutindo e atulhando os canos das colobrinas com verdadeiras mãos

Cabras do Gerez — Desenho de João de Almeida

cheias de polvora e surtido numero de projectís, onde figuram cinco, seis e mais zagalotes e quartos.

Discutiam os mais velhos impondo-se aos mais novos pela lei de mestre que nem reflexões admitte.

— Estão promptas as espingardas, rapazes? — perguntou Manuel Joaquim Alves (o Rigor).

— Promptas — respondeu Francisco Martins (o Pellameiro), e basta de conversas, que o sol principia a subir e os corços fogem para as cumiadas, e vocês sabem que lá difficilmente se lhes fura a pelle.

— Ó tu, Serafim dos Anjos, pergunta a esses senhores onde querem almoçar; é melhor em Leonte.

— Ó Vista (Serafim Affonso), isso de almoço só lá para tarde, por-

que é preciso bater as quebradas com a fresca, que o calor tira o faro aos cães... vamos, decidam.

—Está dito, resolveu Manuel Joaquim Alves, ha de ser na Adega de Agua.

—Está dito, na Adega de Agua... vocês dois conduzem a besta e os senhores vem por este carreiro, e eu lhes destino os pontos de espera e assim se livram de montear, que deixa as gambias á divina.

—E elles que vem lá da cidade são mesmo homens para cançar cabras, segredou um dos mais francos... Andam os tres diabos!... fui ás Borrageiras com elles no domingo, rompemos a direito e não fraquejaram, e d'elles nem um se assentou.

—Vamos tambem montear, amigo sr. Rigor, se isso não altera o seu programma.

—Ó Serafim dos Anjos, tu vaes com elles e diz-lhes onde devem ficar nas esperas, e que se não desviem d'ellas para não serem feridos quando principiar a fuzilaria.

—Vamos, leva arriba, sigam em regra e pouco fallatorio. Chama os cães e ao primeiro signal gatilhos em riba.

Manuel Joaquim Alves (o Rigor) ficou assim eleito chefe, e nem mais um momento homem algum lhe discutiu a competencia.

Principiou a *canzoada* batendo o bosque da primeira quebrada e haviamos nós occupado o cimo na encosta de leste; o silencio era completo, quando o latir canino se fez ouvir a meio da quebrada.

—É a cadella que vem com elle, disse um, ella já chora mais perto.

—Parece que sim, cuidado.

Um corre, outro espreita, o que se julga mais longe está inquieto, e na curva que limitava a pequena área onde estavam os nossos amigos passa rapido um corço offerecendo-se ás pontarias. Primeiro, segundo tiro, e o corço seguindo sem novidade passou a salvo diante das sentinellas.

—Morreu? gritou lá do fundo do valle um dos sitiantes.

—Comeu as cargas sem novidade...

—Este vae corrido, disse um dos guias que estava mais proximo do nosso posto, as nossas cargas são mais seguras e vae metralha grossa; os senhores fiam-se n'uma bala, e assim se perderam tres tiros e a pelle do corço.

—Foram só dois, respondemos.

—Pois valha a sua palavra honrada, mas o meu ouvido contou-me tres.

—Se contou com o ouvido contou bem, mas o terceiro tiro foi devido ao ter a bala rebentado ao bater na fraga; é bala explosiva.

—Sim senhor, sim, então seria.

—Rapazes, vamos, que os cães já foram, póde romper algum touro armado.

Pouco haviamos caminhado, quando ao estampido de um tiro se seguiu um formidavel grito:

—Elle cá está!

O corço havia de novo procurado as quebradas, esbarrando com um dos caçadores praticos. Sente-se grande animação, porque o primeiro tiro fizera a primeira victima em honra dos guias.

Agora vamos dar com elles á Adega de Agua, e talvez o porco lá esteja; ali dá pelo menos dois corços.

Formou-se o cerco e principiou a batida. Um corço pára em frente de quasi todo o cerco, cospem as metralhadoras e o corço segue direito ao *forno* da adega sem mais novidade de que o susto.

Perseguimos pela primeira vez este genero de caça, e notámos um facto extremamente curioso: ouvindo o estampido o corço agachou-se, parecendo assim que foi ferido ou vae cair, porém a velocidade da marcha não diminue.

Vamos almoçar que são dez horas... e uma amigavel camaradagem principiou um jogo de maxillas como póde imaginar-se.

Dispensamos o leitor da noticia das iguarias, podendo dizer-lhe que foi opiparo no rigor da palavra e nos deixou em ponto de vigor e aptos para a caça.

Batemos ou melhor monteámos ainda uma quebrada proxima; porém Neptuno que tinha posto famoso colar de nevoeiro no pico do Cabril deu larga ás aguas e sobre a Adega de Agua principiou chovendo abundantemente.

Na serra do Gerez ha uns abrigos que chamam fornos, provavelmente por causa das portas que só se podem entrar engatinhando, e dentro d'essa cubata podem dormir nove ou dez homens, deitados em palha e muito unidos.

A pulga e muitas vezes o *ganau* enxameam aquelles domicilios, que servem de casa aos guardas de gado que á noite o reunem junto d'estes fornos em uns pequenos planos mais abrigados que chamam *vezeiros*. Vimos dois d'estes *cacifres* ou casebres, um mesmo na Portella de Leonte e outro em Albergaria; n'este ultimo estava um velho guardador de extensa barba branca, e pelo tempo, local e aspecto fazia sem grandes difficuldades a felicidade de um sebastianista ferrenho.

Estavamos condemnados a estacionar e pernoitar no forno de Albergaria, porque a chuva continuava e continuou durante a tarde e durante

a noite, quando um dos guias lembrou que era mais limpo o abrigo do Penedo da Palla, no sitio do Ranhado, que nos ficava a uns duzentos passos de distancia; podem lá dormir dez homens e cinco debaixo do penedo que fica logo ao pé, e os sete seguiram logo para o dito forno. Foram dez para o forno, e por esse motivo no abrigo da Palla apenas dormimos sete, perfeitamente abrigados e aquecidos pela constante fogueira que durou toda a noite, sendo alimentada com lenha de carvalhos, que ali se encontram derrocados e não aproveitados.

O somno desceu com a noite, sendo entrecortado por numerosos gracejos dos guias, muitas vezes graciosissimos e sempre delicados.

Ás oito da manhã estavamos almoçando uns bifes mornos e ovos fritos, ás nove riu-se Neptuno, e o sol deixou-se vêr através das suas humidas fauces fechadas desde a vespera.

—Vamos ás cabras, que era um dos maiores empenhos d'estes senhores.

—Vamos, rapazes; e ao grito de reunir responderam os que vinham do forno que fica no caminho para onde nos dirigiamos.»

A cabra do Gerez, que damos em gravura, mereceria uma descripção especial e resumidamente a consubstancia o relatorio a que nos referimos e para o qual enviamos o leitor. Aqui apenas d'elle podemos transcrever os esclarecimentos que ahi se pedem a uma memoria especial do dr. Barbosa du Bocage sobre o elegante animal, e com tanto maior interesse, quanto a nossa gravura é copia de uma photographia dos exemplares que existem no museu de Coimbra, aos quaes se refere o sabio professor:

«São dois os exemplares que encontrei no museu de Coimbra, ambos perfeitamente adultos, e dos dois sexos, diz o dr. Bocage. Foram capturados no Gerez em estação mais adiantada que os individuos que me serviram para a precedente descripção, só differem nas dimensões do corpo e dos cornos, que a edade faz variar, e na côr de algumas regiões, que diversifica com a estação.

O macho mede 76 centimetros de altura á cernelha e 81 centimetros á garupa; a femea 65 centimetros á cernelha e 71 centimetros á garupa. Estas dimensões, tomadas sobre individuos mal empalhados, devem-se ter comtudo simplesmente como approximadas. Os cornos do primeiro teem de altura 43 centimetros e 48 centimetros de comprimento, tomado na maxima incurvação: na base ficam contiguos pelos bordos internos. Os cornos da femea teem 18 centimetros de comprimento.

A barba do macho, quasi inteiramente negra, é proximamente de 9 centimetros de comprido.

CALDAS DO GEREZ—*Desenho do natural por João de Almeida*

O macho, morto em novembro, apresenta uma risca negra dorsal, que se estende desde a cernelha, onde termina a crina, até á cauda; a face anterior dos membros, tanto anteriores como posteriores, é inteiramente negra; da parte superior d'estes prolonga-se horisontalmente uma risca larga e bem distincta, da mesma côr, que vem acabar um pouco além do meio do tronco. Sobre a região da espadua vê-se uma grande malha arredondada tambem negra, que inferiormente se confunde com a extremidade da que reveste a face anterior dos membros de diante, e internamente se prolonga, estreitando-se, e continua pela frente do peitoril com a do lado opposto. A crina, ainda na maior parte cinzenta, apresenta de espaço a espaço largas zonas verticaes negras; e é muito de crer que de inverno venha a tornar-se inteiramente d'esta ultima côr.

A femea foi capturada um mez, pouco mais ou menos, antes do macho, e por isso as alterações devidas á muda são n'ella menos pronunciadas. A risca dorsal existe já confusamente indicada sobre a garupa; porém das riscas horisontaes não existem ainda vestigios, e nas partes lateraes do peitoril, sobre a ponta da espadua, começam apenas a apparecer indicios de côr negra, que mais tarde ha de dominar n'estas regiões.

Em ambos os sexos a ponta do curvilhão é negra.»

Termina o dr. Bocage dizendo que, apezar de ter posto em duvida que a cabra montez do Gerez fosse a cabra hispanica, sem comtudo se pronunciar, depois de haver consultado os dois naturalistas Schimper e Graells, concorda convencido que a cabra montez do Gerez se deve referir á cabra hispanica.

O dr. Bocage, no seu consciencioso trabalho, transcreve as seguintes palavras de Link: «Que ne puis-je recommander à la bienveillance publique ces aimables habitantes, que le sot orgueil des anglais a couvert d'infamie!» E tributa o devido respeito aos dois naturalistas Link e Hoffemansegg.

Havendo assim levado ao conhecimento do leitor a cabra montez do Gerez, cujo macho ali chamam *reixèlo,* nada podemos accrescentar de novo, porque nem ao menos tivemos o gosto de avistar este animal, já, segundo nos informaram, muito raro n'aquellas paragens, mas não extincto, como tambem se affirmou, pois alguns dos caçadores que tivemos por companheiros nos asseveraram havel-os visto mezes antes.

Estes animaes habitam sempre as grandes altitudes, sendo admiravel, conforme nos disseram, a sua coragem em transpor e galgar verdadeiros despenhadeiros e por esse motivo é caça difficil e arriscada, porque elles se vigiam cuidadosos, e promptamente se desviam de pincaro para pincaro. Para caçal-os é indispensavel procural-os de manhã, e como

só se encontram junto do ponto, onde nasce o rio Homem, deve o caçador dormir na serra.

Tinha-se resolvido que fossemos dormir ao Forno de Albergaria e com esse intuito deixámos as Caldas, tendo a chuva motivado que tivessemos conhecimento do já mencionado Penedo da Pala, no sitio do Ranhado, onde, apezar de chover durante toda a noite, dormimos enxutos e sem receio dos parasitas que são *specimen* zoologico de taes fornos.

É sempre conveniente vigiar bem o aposento por causa das viboras que podem haver-se lá recolhido.

Deixámos o Penedo da Pala, que denominámos Hotel da Pala, e seguimos na firme intenção de visitar as montanhas em que nasce e corre o rio Homem, onde, segundo diziam os caçadores, vive este considerado specimen zoologico, habitando os pincaros e terrenos mais escabrosos, que das Lamas do Homem se estendem para os lados de Monte Alegre.

Haviamos passado a ponte de Albergaria e Ponte Feia, quando o aspecto chuvoso nos aconselhou a desistir da empreza, sendo resolvido que se désse caça aos corços nos terrenos limitrophes de Hespanha (Galliza), e no caso de o tempo o consentir ficar mais um dia na serra e dar caça ás cabras.

O nosso posto no cerco era na Portella de Homem ás onze horas da manhã, quando a chuva principiou a sua rega, tendo de lhe sentir os effeitos desde lá até ás Caldas, onde recolhemos ás tres horas e meia da tarde, soffrivelmente molhados, sem avistar a cabra.»

A caçada do porco não é menos interessante que as anteriormente descriptas. A prosa scintillante e viva de Ramalho Ortigão faz d'ella a seguinte descripção no seu livro *Banhos de Caldas e Aguas mineraes:*

«Os caçadores são dispostos a eguaes distancias uns dos outros na linha do percurso ordinario do animal, desde o logar em que elle se acoita até á represa d'agua mais proxima. Os caçadores estão armados de clavinas carregadas á bala, bons rewolvers americanos de grosso calibre, faca de mato ou machado curto, solido e bem empunhado. O porco levantado e seguido pelos cães vae passar successivamente por diante de cada um dos caçadores, os quaes são obrigados a fazer-lhe fogo, quer elle lhes saia a tiro, quer não. É pelo numero d'estes tiros, disparados a espaços certos, que cada um calcula o sitio em que está a caça. O quinto caçador sabe, por exemplo, que o porco se acha perto depois de ter ouvido o quarto tiro; se no espaço marcado para que elle o tenha á vista, o porco não apparece, o quinto caçador em vez de disparar sobre o animal e de o seguir como teem feito os quatro que o precederam, volta na direcção do ponto de que elle rompeu, certo de que irá encontral-o morto ou ferido na car-

reira. Os caçadores que se seguem ao quinto, notando que o tiro d'este deixou de ser disparado, fazem a mesma evolução que este fez, e todos vão assim reunir-se no sitio em que a fera está destinada a expirar.

Se o porco sobrevive ao fogo de toda a linha dos atiradores, estes seguem-o todos, e o animal vae então acabar, no lago a que se arroja, varado pelo tiroteio da fusilaria que o cerca.

Ha annos, em uma d'estas caçadas cheias de peripecias e de commoções nervosas, um dos caçadores distribuidos na linha e que era um dos guias da serra, habituado aos perigos de similhantes aventuras, esperou o porco frente a frente e disparou com elle quasi á queima-roupa. Erraram, porém, os dois tiros da sua clavina; o porco raivando esbaforidamente, muito adiantado da matilha que latia e galopava a distancia, cresceu para o caçador. Este, na precipitação da fuga, largou a espingarda, que não levava passada ao hombro na bandoleira, e trepou desarmado para o alto de uma arvore. O porco, que tinha atravessado a floresta arrancando ou partindo ás dentadas, com grandes ruidos, todos os estorvos que o empeciam, em vez de proseguir na sua carreira, fitou o inimigo que se lhe deparava e principiou a morder e a dilacerar em grandes lascas o tronco da arvore a que o homem subira.

Poucos minutos depois a matilha tinha chegado, os caçadores appareciam successivamente no meio do toque das bosinas e dos gritos estridentes de «péga! péga! avança!» com que cada um açulava os seus cães.

Então o porco, envolvido pela matilha furiosa, filado com dentes anavalhados e maxillas rijas e persistentes, como tenazes fixadas com parafusos d'aço ás partes mais sensiveis do seu corpo, rolava expirante, bramindo, golphando espuma e sangue.

Mas o que estava trepado nos galhos da arvore não descera durante o combate, nem respondia ás vozes dos seus companheiros victoriosos. Estava livido, immobilisado, com os beiços brancos, a bocca entreaberta, os olhos fitos. Fulminado pelo terror, não via nem ouvia. Desceram-o em braços, prostrado, inconsciente, passivo, como um idiota. Banharam-lhe as fontes e os pulsos com agua fresca, fizeram-o beber, e deram-lhe fricções de aguardente pela espinha dorsal.

Depois de longos e reiterados esforços o pobre guia recuperou a final as suas faculdades, mas tinha perdido o uso da falla, e ficou mudo até o resto dos seus dias.»

Surgiam no nosso espirito todos esses lances aventurosos das caçadas, agora que pelas escarpas da serra iamos seguindo, tomando cada vez mais a visinhança dos pincaros da Borrageira, onde essas caçadas se effectuam.

No alto, 1:092 metros acima do nivel do mar, o largo horisonte recorta-se pelas cumiadas asperas, e a vista apenas encontra a penedia desaggregada e solta, erma e despida de vegetação, contrastando singularmente com as pequenas manchas verdes, que n'uma ou n'outra quebrada se vêem dispersas, como se foram esmeraldas perdidas por algum joalheiro descuidado.

A sul-oeste divisa-se o templo do Sameiro, a nascente as alturas de Monte Alegre, a norte as montanhas da Galliza, na linha extrema do poente a curva cerula do mar, esbatida n'uma suave meia tinta.

Emociona-nos a idéa do magestoso, e se o espirito pudera formular algum pensamento n'aquelle meio já quasi ethereo em que a alma fluctua na luz, seria o de pedir á aguia a força das suas azas, para que, subindo mais, chegassemos a desapparecer na amplitude dos espaços.

Fica tão perto o azul!...

Descendo para S. João do Campo vêem-se para os lados do poente formosas veigas d'um verde macio e tenro, que a distancia se affiguram mettidas n'um cercado de penedia solta. São os campos de Covide e os de S. Paio da Carvalheira, confinando por sua vez com os de Brufe.

COVIDE é povoação antiquissima, ascendendo pelo menos á epocha romana, e aqui pretendem alguns que fosse a cidade de *Calcedonia*. Existem a E. da povoação actual ruinas d'um *castro* e ha por estes sitios vestigios da estrada da Geira, de que ainda se encontram alguns restos de marcos milliarios.

É na freguezia a veiga de Santa Eufemia e a capella d'esta festejada santa, cujas pégadas a lenda diz conservadas no *penedo*, sobre o qual fizera oração a bella fugitiva, quando vagára por estas rudes serranias com o fim de evitar a perseguição de seu pae.

Objectos de ceramica tem-se encontrado bastantes em Covide, o que junto ás tradições e lendas deve fazer acreditar, que não seriam talvez infructiferas para a nossa historia do passado todas as investigações methodicas que por esses logares se fizessem.

Na casa do Passadiço esteve em 1851 hospedado o marechal Saldanha quando fugia para Lóbios.

S. PAIO DA CARVALHEIRA gosava no antigo regimen de privilegios analogos aos de Covide, tendo por isso quasi uma historia identica. Um d'esses era não dar soldados para a guerra, tendo apenas por obrigação defender á sua custa a Portella do Homem das invasões castelhanas.

Situada em fertilissimas collinas sobre a ribeira do Homem, correlhe ao sul o regato de Rodas que em Cabaninhas é atravessado por uma

ponte de alvenaria de dois arcos, e que juntando-se a O. com o primeiro, como que faz de Carvalheiras uma pequena peninsula.

BRUFE mal póde avistar-se do ponto em que vamos, porque é já nos contrafortes da serra d'Amarella que fica situada, tendo ahi os vestigios claros da sua antiguidade celto-romana. Sepulturas antigas, restos de fortificações, padrões romanos attestam essa origem. As lendas não o comprovam menos, e se o leitor passar um dia em Brufe e interrogar um natural d'ahi a proposito do Poço da Moura, bellissima catadupa no alveo do Homem, elle lhe dirá com certeza que ahi está encantada uma moura, esperando a hora da sua transformação. O ribeiro do Espirito Santo corta a freguezia e vae juntar-se com o Homem acima de Pontido, contribuindo para formar a cascata da poetica lenda da moura.

Brufe teve outr'ora justiças proprias e os seus habitantes gosavam o privilegio de não ir para soldados, comtanto que defendessem as passagens da serra da Amarella.

A vida historica das tres freguezias serranas foi-nos surgindo ao par e ao passo que as suas veigas mais se approximavam de nós, n'este descer em que iamos correndo por umas quebradas quasi a pique.

O panorama mudou logo.

Estavamos perto d'um formoso bosque de carvalhos e vidoeiros e, no relevo da montanha, Carvalheira e Covide haviam desapparecido já.

Frente comnosco estendia-se na planicie a humilde parochia de *S. JOÃO DO CAMPO,* a cuja entrada se encontra esse originalissimo cruzeiro que se vê na nossa gravura, e onde o leitor reconhece como pilar um antigo marco milliario da estrada militar da Geira. Tem 2^{m},31 de altura por 0,43 de diametro e lê-se ainda n'elle uma inscripção latina, em que se marca a distancia de 27 milhas a Braga.

Um pouco adiante do cruzeiro corre sob as sombras frescas do *Quercus robur* e da *Betulis Alba* um placido ribeiro, formado pela confluencia de diversos arroyos. Sobre elle está lançada a ponte que figura no nosso desenho, ponte de cantaria com bellos cortamares que Argote diz ser obra romana, embora outros a julguem fundação ou pelo menos reedificação do tempo de D. Diniz. N'esta veiga tem apparecido restos de construcções romanas e alguns padrões da mesma epocha, denominando-se ainda *Leira dos Padrões* um campo a ella pertencente. Ao fim da veiga, no sitio chamado *Casa da guarda,* notam-se ruinas das fortificações que serviam para recolher as sentinellas dos povos de Bouro, que n'este ponto guardavam a fronteira.

D'ahi, a antiga via da Geira descae para o valle de Linhares, um dos mais bellos e extensos do Gerez, emmoldurado como está por ingremes

rochedos, alguns d'elles d'um effeito pittoresco, como é por exemplo o *Castello*, proximo da Portella do Homem, que se debruça sobre o leito do rio, similhando a distancia uma verdadeira torre medieval coberta de heras e outras plantas parietarias.

O valle fecha no desfiladeiro que se prolonga até á Portella do Homem, ultimo ponto da fronteira portugueza, e onde existem ainda alguns marcos da via militar, em um dos quaes se marca a distancia de 32 milhas a Braga.

Proximo da Portella estão as ruinas da antiquissima ermida de S. Miguel, imagem que o povo de Villarinho recolheu na sua capella, onde as freguezias circumvisinhas continuam a vir prestar-lhe culto.

Chama-se a festa dos Lombados esta que se devota ao archanjo, por ser n'um bosque de castanheiros seculares assim denominado, que os *clamores* se reunem para fazer parada e merendar.

Vae calmoso e sorridente o maio; as sementeiras estão feitas, a terra fecunda com a sua seiva os germens da colheita futura. O homem cumpriu o seu dever, agora que o céo lhe abençoe os esforços — S. Miguel é como que o Brahma creador, a quem se implora a fecundidade das terras; que elle seja farto, que encha exhuberantemente os celleiros e as adegas. Por isso ahi sobem atravez das ribas alpestres e pittorescas do Gerez as romarias e clamores vindos da Carvalheira, de Covide, de S. João do Campo...

A fadiga sente-se um pouco na volta.

Que importa isso?

Ahi estão perto os Lombados, rumorosos de sombras frescas, os amentilhos dos castanheiros em flôr engrinaldando as folhagens entufadas.

Que bello quadro ainda!

O serro do *Chão da Fonte* levanta-se em frente do bosque; abaixo um pouco, os despenhadeiros da Aguieira perpendicularmente talhados na rocha viva servem de leito procusteano a uma catadupa vertiginosa, cujas espumas vão rolando no embalar da corrente até ao encontro do Homem, que além vae sinuosamente refervendo por entre os alcantis da montanha. As dentaduras de granito coroam as projecções do Gerez, que vão cahindo, cahindo em ondulação suave até mergulharem ao longe, muito ao longe, no esbatido do mar.

A merenda, que bem que sabe a merenda, quando a toalha é a relva humida e florida, perfumada com o rosmaninho da serra, e a mesa é toda essa extensão larga e magestosa!

Todo o que passar é um conviva, um amigo que tem um logar no banquete geral.

Outr'ora o mordomo era obrigado a dar o vinho; hoje vão os tempos menos para generosidades, mas não falta ainda assim o espumante verde para alegrar o espirito!

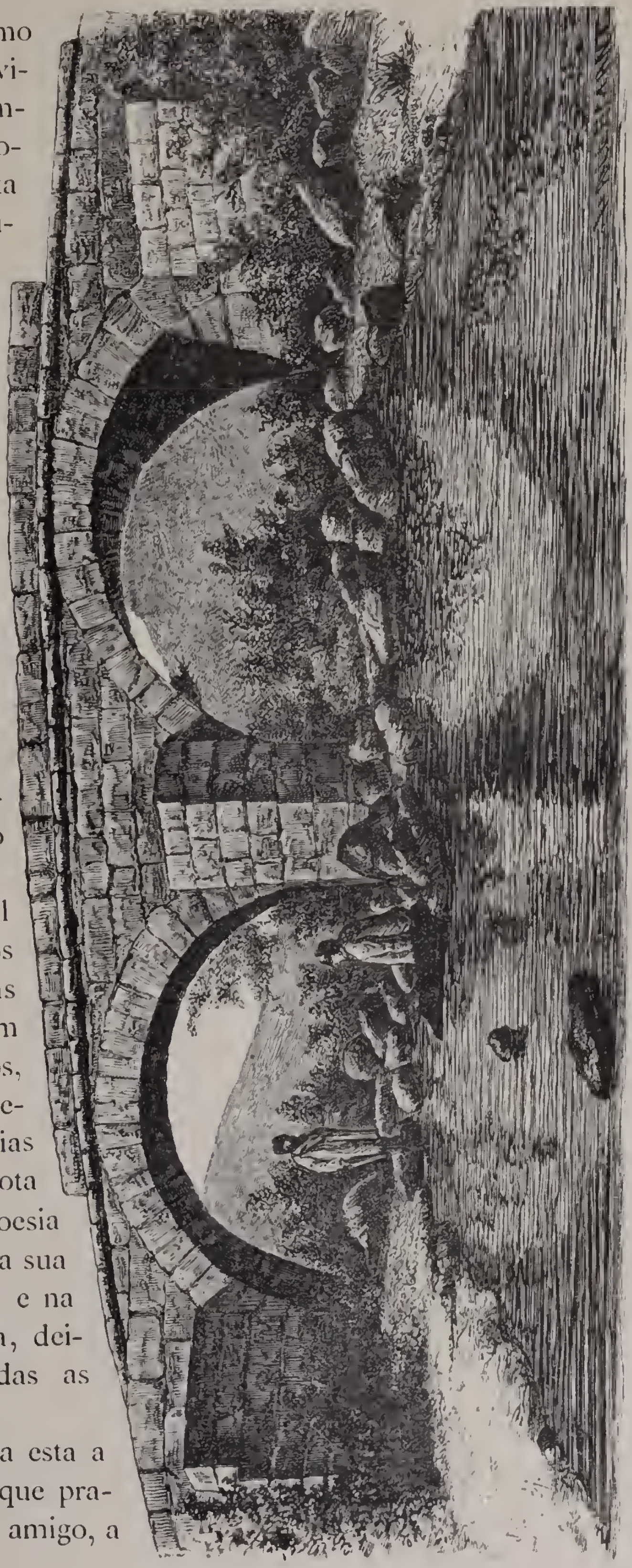
Que o S. Miguel o dê, que a terra seja fecunda!

—Leva arriba, vamos, senão apanhanos a noite no caminho e ainda por ahi ha muitas aguas.

Findou a merenda; o parocho dá as graças, o mordomo levanta a cruz, as raparigas põem á cabeça os açafates coifados do linho branco de neve.

E, quando o sol doira ainda nos raios do seu crepusculo as cumiadas solitarias, um cantico chega até nós, harmonioso e lento, repassado de melancholias saudosas, gemendo a nota casta do amor. É a poesia popular que vae ahi, na sua ingenuidade adoravel e na sua inspiração nativa, deixando pelas quebradas as trovas do seu sentir.

Boa e bella merenda esta a dos Lombados! Com que prazer tu assistirias, meu amigo, a



Ponte romana em S. João do Campo — Desenho do natural por João de Almeida

esse acampar de montanhezes simples sobre a relva humida da floresta! Mas... são dez horas já, o sol aquece, e o nosso estomago não póde embalar-se infelizmente com as recordações demasiado poeticas da merenda, a que o nosso espirito tão sómente assistiu no bosque dos Lombados!

Subamos a serra pelo caminho mais curto, desçamos, ahi estão as Caldas, vistas *à vol d'oiseau*. Foi quasi assim tambem que o *croquis*, depois da escolha do melhor ponto, foi tomado do alto da povoação!

Em quanto nos preparavam o almoço, visitamos as afamadas thermas. O *Boletim da Sociedade de Geographia*, que já citámos, traz uma circumstanciada noticia historica d'estas caldas, da qual transcrevemos, como mais curiosa, a parte que a Memoria extrahe do livro de Fr. Christovam dos Reis, *Reflexões experimentaes*, impresso em 1779:

«Costumavam, e ainda hoje o fazem os moradores de Villar da Veiga, Rio Caldo e freguezias visinhas, apascentar os gados por aquellas serranias, e vendo sahir fumo da margem do rio, que n'aquelle tempo corria ao redor de uma penha, o desviaram e observaram que por varias partes da mesma penha sahia agua mais ou menos quente.

Espalhou-se esta noticia pelos povos visinhos, e, ouvindo-a Manuel Ferreira de Azevedo, cirurgião de Covide, situado no alto da serra, pouco mais de legua ao poente do sitio das caldas, mandou abrir poços para observar os seus effeitos. Para isto mandou alguns enfermos, com trabalho, porque não havia outro caminho mais do que o que faziam os pastores e o gado.

Os bons effeitos que os banhos fizeram em todos os enfermos foi causa de se espalhar a noticia por terras remotas, e, tendo-a D. João de Sousa, foi usal-os, mandando abrir caminhos para cavalgaduras. Com isto correu muito povo ao sitio fazendo poços, barracas e cabanas para abrigo de noite e reparo de dia.

Assim permaneceram alguns annos, e, sendo o concurso muito e os effeitos das aguas maravilhosos, supplicaram os povos á Magestade Fidelissima do Senhor D. João V se dignasse por sua real grandeza mandar edificar tanques para os enfermos mais commodamente tomarem banhos, visto serem tão notorios os effeitos que recebiam d'elles.

Consignou o dito Senhor uma grande somma não só para tanques, mas para hospital, egreja e ponte no rio para a prompta passagem dos enfermos. O hospital ficou nas primeiras paredes acima do alicerce e a egreja reduzida a uma capella.

Pouco mais de oitenta annos haverá que se descobriram estas caldas e o principio foi, como fica dito, noticia que alcancei dos homens mais velhos d'aquellas visinhanças.»

As nascentes emergem da rocha plutonica e são um pouco variadas quanto á sua temperatura. Os tanques de granito, depois de cheios, servem para vinte banhos antes que a agua se despeje! Os principaes, diz o sr. Agostinho Vicente Lourenço no seu relatorio ácerca das aguas mineraes da provincia, são em numero de tres: o Forte, o Contraforte e o da Bica.

A temperatura oscilla de 42 a 49°, sendo, porém, na origem mais elevada, 53 a 63°. «Estas aguas,—diz o chimico citado,—muito dignas de attenção por causa da sua temperatura elevada, apresentam composição muito simples; 1:000 grammas de agua do banho da Bica deixaram pela evaporação 0,2675 de residuo solido, formado principalmente de silicatos e chloruretos alcalinos e calcareos. As aguas são limpidas e crystallinas, sem cheiro nem gosto.»

Esta analyse coincide com a que em 1850 fez o fallecido visconde de Villa Maior.

Como o leitor vê, não é a analyse que justifica a lenda terrivel de doentes *arrebentados,* por haverem exhorbitado em questões de dosagem ou dietetica. Mas vão lá argumentar com analyses diante da entranhada fé, que os doentes votam ás virtudes mirificas das aguas!...

—Cautella—dizia-nos um receioso pela nossa vida—cautella com a porção que está bebendo, que não vá a sua imprudencia ser-lhe deveras fatal!

O quadro dietetico collocado na sala de jantar do Hotel contribue pela sua parte a alimentar a lenda do terror! São taes as precauções que ahi se teem em vista, que um bocadinho de bom humor poderia fazer suspeitar de que tão rigorosa dieta é filha natural da economia do hospedeiro, senão dos recursos do exiguo mercado do Gerez.

Imagine por aqui o leitor da sensação que produziu n'aquelle pequeno refeitorio de hypocondriacos o almoço de nós dois, o meu sobretudo que tinha por si a condição attendivel de ser digerido pelo estomago d'um medico!...

Que a medicina me perdoe esse escandalo em attenção á minha jornada pela serra, e á normalidade physiologica do meu estomago!... De resto eu vou já deixar o Gerez, antes que o dogma cáia por terra e a lenda perca o seu prestigio! Amo demasiado as lendas para que faça a esta uma guerra de iconoclasta, tanto mais que a julgo d'um effeito salutar para os pobres doentes que assim, de bom grado, sacrificam os seus appetites á regularidade methodica do seu tratamento.

Deixo-te pois, ó nostalgica população de hepaticos, beliscada muito ao de leve a tua lenda terrorista, salvaguarda para que não rebentes abe-

berada pela agua quente da Bica. Fica no teu habitual socego á sombra do frondoso castanheiro do largo, olhando as montanhas que se levantam entre ti e o largo espaço, como as paredes d'um tumulo, e joga serenamente o dominó, ou desfia languidas toadas no teu violino de *virtuose*. É o melhor que tens a fazer nas horas calmas do verão, já que não sentes forças para trepar ás culminações da montanha e carregar ahi o teu sangue com o oxygenio puro do seu ar.

*

*   *

O concelho de Terras de Bouro sendo essencialmente agricola e pastoril, não póde no seu conjuncto offerecer outras notas de interesse que não digam respeito a esse ramo da actividade humana.

Intellectualmente atrazado, falto de vias de communicação, sem industria que não seja a da lavoura ou creação dos gados, com poucas e essas deficientes escolas, isolado quasi, deve pouco á acção tutelar dos governos e tudo á sua natureza uberrima.

As suas escolas primarias officiaes, em numero de oito e todas ainda para o sexo masculino, distribuem-se pelas seguintes freguezias: Chamoim, Chorense, Covide, Rio Caldo, Cibões, Carvalheira, Souto e Valdosende.

A estatistica do crime, reveladora da sua moralidade social, figura englobada com a de Amares, onde é a séde da comarca e para esse capitulo enviamos por isso o leitor.

Da sua riqueza agricola diz o relatorio que em identicas occasiões temos citado, o seguinte:

«É importante a producção e creação propria no concelho de Terras de Bouro e tal que ha até em algumas freguezias compromissos para a pastoreação dos gados. É nas freguezias de Villar da Veiga, Rio Caldo, S. João do Campo, Covide e Valdosende que mais avulta a creação bovina, e são o Gerez, Santa Isabel, Amarella, Brufe e Arvodello as montanhas principaes onde os gados são levados a pasto.

Os gados reunem-se ahi á noite n'uma especie de curraes a que chamam *vezeiras*. Este termo parece significar tambem os proprios rebanhos, que vão para a serra por um giro de maior ou menor numero de dias. Para este fim estabelecem-se compromissos entre as freguezias e n'elles se designa o sitio, em que os gados devem começar a pastar, quem os deve guardar dia e noite, o numero de pastores e o seu gyro ou *vez*, obrigações e penas em que podem incorrer, havendo um juiz e junta-eleita ou *ho-*

mens de falla ou accordo para regularem a direcção superior e casos omissos.

De uns bellos artigos que o ex.[mo] sr. Francisco de Castro Monteiro escreveu na *Provincia* ácerca do Gerez, destacamos os seguintes trechos:

«São os curraes grandes clareiras, espaços de terreno desmoitado, abrigado de todos os lados pelas arvores gigantescas da floresta, onde se recolhe o gado que para ali vem pastar, de todos os logares circumvisinhos, em certa epocha do anno. Corre perto um veio de agua, onde os animaes vão estancar a sêde: um casebre de pedra com a sua competente lareira e uma porta de castanho, bem segura, dá guarida, de noite, aos pastores. Fóra ha um pequeno resguardo, onde se accommodam ordinariamente os cães de guarda.

Cruzeiro de S. João do Campo — Desenho do natural por João de Almeida

São cinco os *curraes* e até lhes posso citar os nomes. Se um lhes não soar muito bem ao ouvido, tenham paciencia, ou façam que não percebem:

Vidoeiro, Seixello, Lage, Mijaceira, Leonte.

É muito notavel uma especie de organisação communal que ali se observa, não só no tocante ao pastoreamento dos gados, como tambem á maneira como, de ordinario, se dirimem os pleitos que se levantam entre os montanhezes.

Com relação ao gado é isto: reune-se o gado bovino de todos os la-

vradores d'aquellas redondezas, quando chega uma certa epocha, e lá vae para o curral d'aquelle anno, guardado por dois ou tres homens, a quem por seu turno pertence o desempenho d'essa obrigação.

Como atraz fica dito, são cinco os curraes, em differentes alturas da matta. Cada anno se junta o gado em um d'elles, passando gradualmente de uns para outros. Assim se diz: «O gado está no curral da Lage.» Quem estiver ao facto da topographia da floresta e do systema das pastagens, fica sabendo por isto, que os animaes se encontram no centro, pouco mais ou menos, da matta, e que, passados dois annos, se hão de reunir no formoso planalto de *Leonte*.

Se por desgraça se aleija ou morre um boi, provando-se ao tribunal arbitral da *communa* que foi por culpa dos guardadores, é o dono indemnisado por todos os proprietarios do prejuizo que soffreu.

E ordinariamente tudo se resolve na mais santa paz e harmonia.»

O mappa das suas especies pecuarias é o seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	234	2:392$500
Muar	10	135$000
Asinino	4	8$400
Bovino	2:261	52:755$000
Lanar	2:934	2:082$140
Caprino	4:254	3:068$040
Suino	1:800	4:753$000
		65:194$080

A producção vinicola não é muito consideravel no concelho. Deve orçar por uns 3:000 hectolitros. As videiras são levantadas ou embarradas em arvores ou tanchões seccos; predominam as castas da borraçal, espadeiro, cainho, vinhão tinto, mourisco e verdelho. Preparam-se tres qualidades de vinho, porém todo verde; o *branco,* que é mais alcoolico, de bom gosto, delgado, mas pouco duravel; o *tinto escolhido,* mais encorpado, verde, adstringente, de bom gosto e regular duração; e o *ordinario,* inferior a todos os respeitos.

As vindimas começam a 21 de setembro; o vinho, depois da pisa, reputa-se prompto no fim de tres a quatro dias de fermentação nos lagares, ou apenas de tres quando se faz nas dornas. Depois de envasilhado não recebe mais tratamento algum. O preço corrente do quartilho é de 30 a 40 réis.

O milho vende-se a 600 réis o alqueire e os demais generos oscillam pelo preço dos mercados de Villa Verde.

Tal é, em resumo, a synthese que póde fazer-se da vida agricola de Terras de Bouro, quasi diriamos ainda, no periodo pastoril, singelo e primitivo, se em terras de Chamoim não houvera a politica levantado a séde de um concelho. Prova de civilisação, que não destroe o effeito das quedas d'agua do Gerez, dos seus curraes solitarios, dos seus pincaros altissimos, da sua vegetação florescente.

CONCELHO DE TERRAS DE BOURO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Balança, *S. João Baptista*	237	285	522	112 *(a*
Brufe, *Espirito Santo*	62	57	119	20 *(b*
Campo do Gerez, *S. João Baptista*	174	190	364	89 *(c*
Carvalheira, *S. Paio*	328	335	663	126 *(d*
Chamoim, *S. Thiago*[1]	242	295	537	118 *(e*
Chorense, *Santa Marinha*	248	301	549	132 *(f*
Cibões, *S. Mamede*	292	338	630	137 *(g*
Covide, *Santa Marinha*	200	235	435	95 *(h*
Gondoriz, *S. Mamede*	247	237	484	120 *(i*
Moimenta, *Santo André*	193	211	404	93 *(j*
Monte, *Santa Isabel*	126	138	264	40 *(k*
Ribeira, *S. Mathens*	132	160	292	72 *(l*
Rio Caldo, *S. João Baptista*	398	449	847	204
Souto, *O Salvador*	247	311	558	140 *(m*
Valdosende, *Santa Marinha*	203	291	494	123 *(n*
Villar, *Santa Marinha*	171	155	326	79 *(o*
Villar da Veiga, *Santo Antonio*	344	373	717	168
	3:844	4:361	8:205	1:868

a Comprehende esta freguezia os logares de Assento. Villa, Levandeira, Barral, Espozende, Chãos, Pena, S. Pantaleão, Quintaes, Agua Levada, Moise, Serdeira, Carrazedo. Vau, Carril, e os casaes de Assento, da Cruz e da Pena.

b Comprehende esta freguezia os logares de Brufe e Cortinhas.

c Comprehende esta freguezia os logares de Campo e Villarinho.

d Comprehende esta freguezia os logares de Carvalheira, Assento, Quintã, Ervideira, Iufesta, Cavaueiras, Paredes.

e Comprehende esta freguezia os logares de Chamoim, Lagoa, Sequeirós (séde do concelho), Pergoiuho, Padrós, Santa Comba, Felgueira.

f Comprehende esta freguezia os logares seguintes: Souto Aboiuho, Vessada, Emaus, Surribas, Tojo, Quintella, Barrio, Real, Deveza, Fonte, Penella, Aldeia, Lage, Pretos, Casal, Paçós, Saim, Vesiguinha.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cibões, Gilbarbedo, Cabeuco, Figueiredo, Lama, Levada, Cutello, Bergaço, e o casal de Azilheira.

h Comprehende esta freguezia os logares de Covide, Egreja, o casal de Sá, a quinta de Varzeas e a herdade de Freitas.

i Comprehende esta freguezia os logares de Gondoriz, Egreja, Antas, Bostello, Gardenha, Refonteira, Bouças.

j Comprehende esta freguezia os logares de Moimenta, Egreja, Moimenta Velha, Cavadouro, Covas, Pesqueira, Costa, e a quinta da Ponte.

k Comprehende esta freguezia os logares de Isabel, Ventuzello, Campos, Abbades, Seara, Reboa do Chão, Alecrimes.

l Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Gojide, Chedemam, Outeiro, Casal de Cima, Casal de Baixo, Bau, Louredo, Real, Campo.

m Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Santa Cruz, Sequeiró, Passos, Pardieiros, Quintães, Sá, Santa Eufemia, Garcia, Caneiro, Porta, Outeiro, Paço.

n Comprehende esta freguezia os logares de Valdozende, Paradella, Villar-Amoute, Villarinho, Naval Velho, Perdizes.

o Comprehende esta freguezia os logares de Mota, Outeiro, Travaços, Paço.

[1] *Chamoim* é cabeça do concelho de *Terras de Bouro*, sendo a séde no logar de Sequeirós.

O MINHO PITTORESCO

COSTUMES

CONCELHO DE VALENÇA — N.º 1, Gondomil — N.º 5, S. Miguel de Fontoura — N.º 7, Gandra
CONCELHO DE COURA — N.º 4. Linhares
CONCELHO DE CERVEIRA — N.ºs 2 e 3. Covas — N.º 6. Candemil

VIEIRA

Qualquer que seja o lado para que nos voltemos, a vista não alcança um horisonte que não seja fechado por montanhas, uma paysagem que não seja tufada de carvalheiras viçosas.

Talvez que a abundancia d'esta especie florestal justifique as revoluções minhotas, que teem descido das alturas de Vieira resolvidas a varrer a cacete todas as oligarchias das terras baixas. A observação fica já agora como futuro elemento mesologico a determinar, quando se tenha em vista

estabelecer o laço intimo, que liga a abundancia do carvalho cerquinho com o espirito revolucionario das populações, que lhe sentem o zoar da rama.

No dia em que visitámos o montanhoso concelho, *a carvalheira zoava* tambem, mas d'esta vez, podemos affiançal-o, sem intuitos perigosos para as instituições que felizmente nos regem. Não era padre Casimiro o *general defensor das cinco chagas e o commandante das massas populares,* que vinha acaudilhando os revolucionarios de Vieira, e *fazendo tocar por todas as montanhas acima em diversas distancias e mui retirados uns dos outros os buzinões que atroavam aquellas escarpadas serras ao longe e ao perto, com som horrivel muito parecido com o do trovão, que fazia arrepiar os cabellos aos mais corajosos.*

Descance o leitor, se não tem a felicidade de ser calvo, porque não é, segundo a phrase de Camillo, uma alluvião torrentuosa de herulos que se despenham sobre Trebisonda. ou o mugido das trombetas dos sarmatas que irrompem dos sertões incognitos do coração florestal da Russia, esse fragor que sente vir dos desfiladeiros do Gerez. «O padre, diz o espirituoso escriptor, está em Margaride a plantar couves gallegas e a podar as parreiras do seu quintal, e não é por isso de receiar, que venha, como em 1846, appellidar gente para a guerra n'estas montanhas de Vieira.»

A natureza, generosa e boa, é que se resolveu a dar em nosso obsequio um pequeno festival de trovoada de verão, substituindo muito a proposito n'este concelho, de tradição tempestuoso, por uma ligeira orgia dos elementos cosmicos uma bernarda truculenta contra os vexames do imposto. Relampagueava apenas, quando atravessavamos do concelho de Terras de Bouro para este de Vieira, passando sobre o Cavado a ponte de granito, que une os dois concelhos.

Tinhamos de subir á estação do Penedo, onde nos esperava um trem, estação que é ponto forçado para todos os que das Caldas se dirigem á estrada da margem esquerda do rio, até ahi a unica para effectuar o transito, dispensavel hoje que se abriu á circulação a que vem de Amares por sobre a margem direita.

Tomam-se cavallos junto ao rio para fazer a ascensão, que é de 4 kilometros approximadamente. Para o leitor e para nós é um quasi nada mais longa, por que desviamos um pouco para a direita com o fim de visitar, depois de S. João da Cova e da Ventosa, que nos ficam no trajecto, e á ultima das quaes pertence o Penedo, as freguezias que se estendem sobre as margens do Cavado, e se denominam Carregado, Soengas e Parada de Bouro.

S. JOÃO DA COVA tem um nome, que a sua situação topogra-

phica realmente justifica, pois do caminho em que vamos, é entre soutos de castanheiros frondosos, que nos apparece enterrado o seu modesto campanario. O mesmo não succede com o de *VENTOSA*, que em ponto mais elevado domina esta frescura da encosta fertilissima, onde o verde das nogueiras tonalisa as outras cambiantes da vegetação.

O logar de Eirós, que atravessamos, é opulento de bellos exemplares d'essa especie, assim como de castanheiros prodigiosamente fructiferos; por isso tambem as nozes e as castanhas se vendem ahi extremamente baratas, apezar de magnificas. O commercio das madeiras é por egual um dos elementos da riqueza das duas freguezias, cuja historia antiga se compendia na da sua visinha *CANIÇADA* ou *CANIÇADA E SOENGAS*, como outr'ora se denominava a freguezia, séde do extincto concelho da Ribeira de Soaz, hoje constituindo, cada uma de per si, uma parochia independente.

O paço e foral das audiencias da Caniçada ainda hoje póde ver-se proximo da matriz; o concelho tem foral dado por D. Manuel em 1515 e n'elle se comprehendiam as povoações de Ventosa, Berrezal, Caniçada, Cova, Fornellos, Fradellos, Freande, Parada de Bouro, Portella, Pousadella e Soengas.

Esta foi outr'ora independente já, e só annexada á anterior nos fins do seculo XVIII, não tanto por ser muito pequena, como porque nenhum padre se prestava, por 20$000 réis e o pé d'altar apenas de rendimento, a ir parochiar tão insignificante redil.

Mais importante era de certo então, como ainda o é hoje, a freguezia de *PARADA DE BOURO*, assim denominada para a distinguir de tantas outras Paradas que pela provincia se encontram, e talvez porque a sua visinhança com o velho convento de Bouro a fez revindicar o nome, pelo menos, do celebre mosteiro.

Villa feita por D. Sancho I, que a coutou e lhe deu foral, teve as suas justiças proprias, e foi a formosa amante do monarcha, a *Ribeirinha*, a sua primeira dona. Na descendencia d'esta passou o couto, por dote de casamento, para os Menezes, fundadores do mosteiro de Villa do Conde.

Depois d'esta pequenissima excursão, volte o leitor comnosco ao *Penedo,* o mais importante logar da freguezia da Ventosa, não só pelas boas construcções que ahi existem já, como por ser estação indispensavel para quem se dirige ás caldas do Gerez, como dissemos. A posição é deveras magnifica, e d'ahi melhor do que de nenhum outro ponto, se nota a conglobação espheroidal da serra, dividida em dois macissos formidaveis por uma ravina profunda, em cujo leito passa a corrente do rio Caldo.

O hemispherio que nos fica á direita, vae ao fundo beijado pelas

aguas esverdinhadas do Cavado; o que nos fica á esquerda, entremostra nas arestas da garganta uma ou outra espadana de crystal, onde a custo se percebe o alveo do pequeno rio Freitas.

Esta paysagem, larga e magestosa, deve tornal-a mais surprehendente o inverno, fazendo galgar pelas escarpas os rolos espumantes das aguas pluviaes, e convulsionando em ruidoso mugir a corrente dos tres formosos rios.

N'esta quadra não tem a natureza horrores tragicos, e tapetam-se os abysmos de redoiças de trepadeiras; vale ainda assim a pena seguir a estrada que no Penedo passa para Chaves, e admirar os valles profundos e os despenhadeiros altissimos, que fragmentam aquelles contrafortes da Cabreira.

Quatro freguezias se encontram pelo caminho. É a primeira, logo ao voltar do Penedo, a freguezia de *LOUREDO,* situada na falda da serra, junto das aguas do Cavado, e affrontada pela vegetação luxuriante, em que não vimos predominar o loureiro, embora o nome da terra pareça significar a abundancia d'estas arvores. Era d'aqui natural o valente soldado da campanha do Roussillon, o marechal de campo Manuel Ribeiro.

Vae o panorama estreitando em limites, mas variando em accidentes de terreno. Os pequenos valles succedem-se aos elevados outeiros, as montanhas recortam-se em precipicios continuos.

A este caracolear de desfiladeiros chamam os naturaes as *voltas de SALAMONDE.* É realmente esta a freguezia que atravessamos, como antigamente, quando ella se denominava *Salveia,* a atravessaram os romanos que vinham de Braga para Aguas Flavias (Chaves).

O leitor, que aprendeu a lêr, ha uns vinte annos pelo menos, conhece o nome de *Salamonde,* da celebre cartilha do abbade d'este nome. A prodigiosa vulgarisação d'esse pequeno livrinho, que encheu todas as escolas primarias e soporificou de doutrina christã, inintelligivel para comprehensões infantis, mais que uma geração de rapazes, chegou de certo á sua escola tambem, e quantas vezes, sob o terror da palmatoria de buxo, o meu amigo não papagueou as «explicações do credo,» ou não declamou os *Actos* todos, desde o da Fé até ao da Contricção, sem perceber, — talvez o mesmo acontecesse ao abbade d'esta freguezia, Mesquita Pimentel, que por tal cartilha se tornou popular, — o valor e o alcance d'essa doutrina, que tanto doutor em canones tem mysteriosamente profundado. Eu tive, na minha infancia, um mestre de portuguez e latim, que todos os sabbados me fazia recitar e aos companheiros de classe a doutrina da cartilha do abbade de Salamonde. Doem-me ainda as palmatoadas, que as fugas da memoria, quando não as incorrecções da cartilha, — porque era um exe-

Ponte de Mizarella — Desenho de João de Almeida

geta terrivel esse velho typo dos professores de provincia, — me faziam apanhar semanalmente.

Dizia o abbade n'uma das edições do seu livrinho precioso, e eu conscienciosamente recitava, na ingenuidade adoravel dos meus dez annos:

«Credo, creio em Deus padre,... e em Jesus Christo, um só seu filho, o qual foi concebido por obra e graça do divino Espirito Santo,... etc.»

Aqui é que eram ellas!

O mestre embirrava com a palavra *obra* e querendo só a concepção do Christo pela graça, era uma graça a dança da ferula nas palmas das minhas mãos e dos meus desditosos companheiros!

Nunca me ha de esquecer a tal graça do divino Espirito Santo, nem a cartilha do abbade de Salamonde, concebida provavelmente sob a frescura d'estas mesmas carvalheiras, que amenisam a paysagem.

Em 15 de março de 1809 houve aqui um pequeno combate entre as tropas portuguezas e as do general Soult, que entrára pela Galliza, e n'esse mesmo anno, a 17 de maio, uma escaramuça ligeira entre o regimento 10 de infanteria e os francezes, que então batiam já em retirada, perseguidos pelo exercito anglo-luso.

Aqui estamos já em terras de *RUIVÃES,* tão celebres pela batalha que foi o epilogo da guerra civil de 1836 e 37, terminada pela convenção de Chaves, feita entre os generaes Antas, Saldanha e Terceira. Ruivães foi villa e séde do concelho até 1853, passando as freguezias que o constituiam a formar parte do concelho de Montalegre, á excepção de Campos, que ficou tambem pertencendo a Vieira.

Teve capitão-mór com duas companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão, dois alferes, dois sargentos e quatro cabos.

O concelho dava apenas recrutas para o 12 de infanteria, 6 e 9 de cavallaria e milicias de Chaves.

A freguezia, situada em valle accidentado, nas faldas da serra da Cabreira que a limita pelo sul, é ao poente limitada pelo rio Saltadouro, e a norte e nascente circumscripta pelos rios Cavado e Regavão (ou Mizarella) proximo de cuja confluencia existe a lendaria ponte d'este nome, tida e havida na superstição popular, como obra de Satanaz para apanhar a alma d'um patife, de terras de Além-Douro, que, perseguido continuamente pelas justiças, devia á natureza selvatica d'estes logares a decidida vantagem d'um refugio seguro.

Um dia porém,—ahi vae a lenda,—transviado quando o perseguiam muito de perto, achou-se de repente á borda d'este abysmo da Mizarella, medonho pelo alcantilado dos penedos e pelo fragor das aguas, que ahi se despenham em furiosas catadupas, e julgou-se irremediavelmente perdido.

Invocou o diabo para que o salvasse e tanto bastou, para que a visão de Satan surgisse na sua frente, como um bom diabo de magica.

—«Faze-me transpôr o abysmo e dar-te-hei a minha alma»—propôz afflicto o desgraçado.

Sorriu-se ironicamente Lusbel, e, para que o reprobo passasse, lançou immediatamente uma ponte sobre o rio. Tanto foi passal-a, e o estrepito da derrocada se fez de prompto ouvir.

Volveram os annos, mas quando soou para o precito a hora de entregar a alma ao seu possuidor legitimo, apavorou-o a infamia do pacto e confessou a um sacerdote esse contracto maldito.

Esperto era o padre, ao que o leitor vae vêr, porque teve artes, senão de arrancar a alma das garras de Satanaz, de se aproveitar da confissão, para que este maroto pozesse outra vez a ponte no seu logar.

Disfarçou-se em salteador o bom do padre e ao mesmo sitio se foi esconjurar o diabo, que immediatamente appareceu e acceitou logo o novo pacto, que lhe dava uma outra alma, mercê da mesma ponte.

Atravessou-a o padre, mas apenas se apanhou do outro lado, puxa d'um ramo de alecrim e d'uma caldeirinha de agua benta, que levava occulto, e asperge a ponte fazendo o signal da cruz e os exorcismos da egreja. O diabo, assim illudido, perdeu logo todo o seu magico poder, e, dando um estoiro medonho, fugiu espavorido, deixando o ar toldado d'um fumo negro e espesso, de resina, enxofre e pez.

A ponte conservou-se, para testemunhar o sobrenatural da sua origem!...

Ó supersticiosas crenças populares, como vós sois adoraveis ainda hoje, em plena luz do seculo XIX!

A ponte da lenda attribuem-n'a os eruditos á epocha romana, mas o facto é que por diversas vezes tem sido reconstruida, o que não abona muito os conhecimentos do sr. Engenheiro-Satanaz! Verdade seja, que os engenheiros hoje... mas o leitor aborrece de certo esta censura inopportuna e não me pergunta pelo que faz a engenheria moderna! Nem eu lh'o digo.

A ponte de Mizarella não é já agora motivo para criticas maldizentes, visto que tão horrivelmente bello é o sitio, em que ella atravessa a corrente do Regavão ou Rabagão, sitio d'uma selvatiqueza alpestre, com sussurros de catadupas e alcantis aprumados, que seriam para um paysagista de talento assumpto bem melhor que para um critico azedo.

N'esta ponte soffreu o exercito francez algumas perdas, quando batia em retirada e n'ella houve tambem em março de 1827 um pequeno recontro entre as tropas realistas do Silveira e as liberaes do general Zagallo.

Foi recordando a historia da ponte de Mizarella, que chegámos a *CAMPOS*, ultima freguezia do concelho n'esta facha norte da Cabreira, onde o Regavão fórma o limite divisorio entre Vieira e Montalegre.

Nada tem de notavel a pittoresca aldeia e por isso retrocedemos caminho andado até ao Penedo, por diante de cuja casa de pasto desfilamos, vindo tomar na Venda de Pinheiro a estrada districtal, que nos conduz á séde do concelho.

Vamos descendo.

A via recorta-se á esquerda nos angulos da encosta e leva á direita, distanceado por um horisonte curto, um outeiro de pequena elevação, onde as carvalheiras se alinham como esquadrões em marcha; no vallesito, que nos separa, os bosques do *Quercus Robur* tornam-se mais espessos, como se realmente formassem o grosso d'esse exercito vegetal, que parece descer pela collina.

A primeira freguezia que encontramos, é sobre a esquerda, a de *TABOAÇOS*, chamada tambem das Tres Egrejas, por ter estado a parochia em tres logares differentes. Nada tem de notavel. Fabrica-se ahi alguma louça grosseira. Sobre o mesmo lado, dominando um pequeno mas viçoso valle, encontra o viajante a capellinha de Sant'Anna, pertencente á parochia de *S. PAIO DE EIRA VEDRA*, uma das mais antigas do concelho, como a propria palavra vedra (velha) o está dizendo.

O scenario da paysagem muda como n'uma visão de magica; até ahi corria-nos o valle á direita e a estrada caracoleava pela encosta da esquerda; agora é exactamente o contrario. A estrada vae pela direita e é na esquerda que se desenrola o valle, intensamente cultivado, com as suas vinhas de enforcado, ondulando em redor dos campos. Na baixa fica o modesto campanario de S. Paio.

Entramos na freguezia de *MOSTEIRO*, ou melhor, no seu mais importante logar, que o é tambem de todo o concelho, o logar de Brancelhe ou séde da

«*VILLA DE VIEIRA*»

Uma praça unica, ou antes a estrada mais larga durante uns duzentos metros, baptisada não obstante com o nome de Barjona de Freitas, em testemunho talvez da gratidão local por este homem de Estado haver ahi creado uma comarca.

Pela gravura respectiva póde o leitor conhecer a physionomia d'essa povoação ainda na infancia, embora com vontade de progredir. Percebe-se bem, que é desde pouco que o logar de Brancelhe principia a trocar as suas maneiras rudes de villão pelas delicadezas enfatuadas de terra grada de provincia. A burocracia talvez ainda calce no inverno os grossos tamancos do camponez; entretanto põe já uma nota de superioridade ci-

BRANCELHE — SÉDE DO CONCELHO DE VIEIRA — *Desenho do natural por João de Almeida*

vilisadora sobre o indigena da localidade, habituado apenas ao convivio da natureza simples e bôa.

Movem-se no largo personagens novos, gente que bacharelou em Coimbra e pisou o pavimento das arcadas do Terreiro do Paço: o senhor juiz, o delegado, o administrador. A politica discute-se por emquanto ao ar livre, debaixo das carvalheiras do largo; um dia virá, porém, em que ella entre no club de parceria com o voltarete e que se dê o luxo de crear um jornal, talvez mesmo dois, onde se descomponham os compadres da terra. [1]

A *Estalagem da Maria do Pedreiro* é por egual um symbolo da civilisação da villa; o titulo basta, para que o leitor anteveja uma hospedaria sem conforto e sem aceio, onde os lavradores de longe vem pousar nos dias de feira ou de audiencias no tribunal, onde vive por acaso algum magro amanuense ou delegado novo, e onde o viajante paga por um triplicado preço uma hospitalidade sem commodos.

Os mais animados dias de Vieira são aquelles, em que se realisam os seus mercados semanaes ás segundas feiras, e os tres dias que seguem a primeira segunda-feira depois do S. Miguel, por n'elles se effectuar a grande feira d'anno, chamada pelos naturaes a *Feira da Ladra* e á qual concorre o povo dos quatro concelhos proximos.

Resume-se n'isto a historia moderna de Vieira; dos seus tempos remotos não nos sobra o tempo para dizer senão que foi este o antigo concelho da Vernaria, a que D. Manuel deu foral em 1514; constava então das freguezias de S. João, Eira Vedra, Taboaços, Cantellães, Pinheiro e Villar Chão.

A matriz da villa fica no logar do Mosteiro, a uns dous kilometros do largo, em que descançamos.

Diz-se ter sido a egreja do convento dos Templarios, que ahi existiu, e d'onde vem por isso o nome ao logar.

A estrada, que ahi conduz, seguimento d'aquella que nos trouxe a Brancelhe, está orientada para *Cabeceiras de Basto* e destinada por tanto a ser a principal arteria das parochias ruraes, que deve atravessar. Em quanto assim não acontece, só a pé ou a cavallo se póde fazer a sua visita, que aliás pouco ou nada offerece de notavel.

[1] Depois d'estas linhas escriptas appareceu já na imprensa com o titulo de *Jornal de Vieira* uma folha semanal litteraria, religiosa, commercial e noticiosa. Não sabemos se tambem será politica!

*
* *

Antes de principiar essa excursão para o sul, permitta o leitor que lhe apresente *CANTELLÃES,* que fica ao norte e cujo campanario vê além na aba da serra da Oliveira, dominando os esfumados casebres do povoado.

Como curiosidade archeologica póde o leitor visitar as ruinas do Castro de Villa Secca, ao qual a tradição refere uma estrada subterranea que vinha dar ao Ave. Escusado é dizer-lhe, que tal visita seria para o meu amigo uma decepção, como tem sido para nós tantas outras, quando nos deixámos embalar pelo cantar mysterioso das lendas.

Mais agradavel é de certo a visita a Cantellães no 2.º domingo de julho, em que se festeja ahi com estrondosa romaria Nossa Senhora da Fé, de cuja ermida apenas d'aqui avistamos o cruzeiro.

É esta por sem duvida a mais querida thaumaturga dos povos de Vieira, e por isso póde o leitor, se ahi vier n'esse dia, admirar a originalidade dos *ex-votos,* que o reconhecimento da crença vem depôr sobre o altar da Virgem.

Entre as *promessas,* não falta nunca a do *amortalhado,* como aliás acontece em todas as romarias de nome. Ahi está representado pela gravura um ainda menino, que a mãe prometteu em hora de afflicção á milagrosa Senhora da Fé. Caminha com toda a seriedade, conscio do seu papel, a vela de cera nas mãos, para entregar com alguns cobres ao mordomo da festa.

Outras vezes na mesma mortalha de gaze e flôres de papel vae um latagão crestado pelo sol, descalço como um penitente, um cyrio enflorado na mão, levando atraz de si a cohorte dos amigos, que o vão acompanhar na primeira resa e na primeira... pinga, depois de despidas as vestes angelicas, por cujo preço a Fé o libertou d'uma impertinente malina, mesmo sem o auxilio de sulphato de quinina.

Quantas leguas andaram esses *amortalhados,* assim vestidos, nos seus bellos fatos de tulle branco?

Atravessaram ás vezes uma serra, sahiram alta madrugada, vieram guiados pela estrella d'alva atravez das florestas orvalhadas pelo rocio da noute!

Que importa a caminhada?

Ó Fé, como tu és ainda a mysteriosa e consoladora flôr que perfuma o coração do homem!

*
* *

Vamos á nossa excursão: sigamos para o sul.

Um guia natural nos orienta. É o Ave, sobre cujas margens ficam, a maior ou menor distancia, os campanarios das freguezias, que nos restam para visitar, collocadas na sua maior parte sobre as faldas pittorescas da serra da Cabreira, que fórma por nordeste um grande semicirculo de abrigo.

PINHEIRO, é a primeira parochia que encontramos. Tem ainda logares meeiros com a freguezia de Mosteiro: fica o logar principal dois kilometros a NO. da margem direita do rio. É terra fertilissima e onde prospera por isso a industria da creação bovina.

Mais proximo do Ave e na mesma direcção noroeste ahi está *VILLAR CHÃO*, a terra dos carvoeiros que ao mercado de Braga e de Lanhoso vão levar o carvão feito na serra da Cabreira.

SANTA MARIA DOS ANJOS fica já sobre a margem esquerda do rio, na aba da montanha, assim como a sua visinha *ROÇAS* (outros escrevem Rossas), cabeça do antigo concelho d'este nome, a que D. Manuel deu foral em 1514 e do qual foram senhores os Abreus de Regalados e depois d'estes a corôa.

Ainda ahi existe a *torre do Bairro*, casa antiquissima que foi solar de Fernão de Sousa Botelho, senhor da freguezia.

No logar da Lama uma outra casa solarenga existe tambem, cujo primeiro possuidor foi Antonio de Machado Coelho.

Não param n'isto as tradições fidalgas das casas de Roças; ainda no logar de S. Pedro estavam aquellas em que viveu o bravo Diogo Alvares Correia, o mesmo que na batalha de Alcacer-Kibir operou prodigios de valor, combatendo apenas com a mão direita, visto que, sabe o leitor, a esquerda lhe servia já para segurar os intestinos extravasados da cavidade abdominal pelos golpes do inimigo.

O territorio de Roças é dos mais ferteis do concelho, e se não póde dizer-se que ahi seja o verdadeiro jardim de Pomona e Ceres, ninguem contestará a abundancia dos seus excellentes fructos, a deliciosa qualidade do mel das suas colmeias, a nediez dos seus numerosos rebanhos.

Descendo para sul fica-nos *GUILHOFREI* ainda sobre a margem esquerda do Ave, de que dista approximadamente uns quinhentos metros.

Transpomos o rio e dobramos a montanha para descansar um pouco na freguezia de *ANISSÓ*, cujas terras de lavradio se estendem entre a serra de *Pena Mourinha*, onde existe uma gruta notavel pela sua extensão,

e o monte de *Crasto,* dois nomes que sem esforço nos recordam as tradições arabes ou romanas. De facto, no monte de Crasto observam-se ainda vestigios d'um antigo castello, assim como por egual se notam no sitio ainda hoje chamado de *Crasto Medoeiro.*

SOUTELLO é a freguezia visinha de Anissó, que ainda nos resta visitar. Nada tem de notavel que mereça ahi uma demora especial e por isso nos limitamos a atravessal-a para vir tomar a estrada real junto da Venda de Pinheiro, aproveitando ainda uma vez o ensejo de, na despedida, podermos admirar os alcantis do montanhoso concelho e a belleza dos seus bosques de carvalheiras viçosas.

Um amortalhado — Desenho do natural por João de Almeida

* * *

O concelho de Vieira é exclusivamente um concelho agricola, sem que mesmo n'este genero apresente uma nota predominante de cultura. Sob os outros diversos pontos de vista, por que temos encarado os concelhos anteriores, este é relativamente atrazado. Em desculpa sua deve dizer-se, porém, que é muito curta ainda a sua vida de emancipação concelhia, e ninguem ignora que esta condição é essencial para aproveitar os poucos ou muitos recursos de que póde dispôr um determinado cantão, até ahi enfeudado a um municipio visinho. Tem um hebdomadario noticioso intitulado *Jornal de Vieira,* e as suas escolas primarias, como se vê da seguinte nota, existem nas freguezias de:

Mosteiro, para os dois sexos, e para o sexo masculino em Anissó, Cantellães, Caniçada, Anjos, Eira Vedra, Guilhofrei, Rossas, Ruivães, Parada de Bouro, Salamonde, Villar Chão e Ventosa.

Da sua moralidade social informa a presente estatistica do crime: Julgaram-se em 1880, 30 réos e foram 27 os crimes commettidos, sendo 7 contra a ordem, 10 contra pessoas e 10 contra a propriedade; foram absolvidos 14 réos e 16 condemnados, um só dos quaes a pena maior.

D'esses 30 eram 26 homens e 4 mulheres, sabiam lêr 13 e eram analphabetos 17. Da comarca eram 22, de fóra 6 e estrangeiros 2.

Digamos da sua vida agricola.

O relatorio do intendente de pecuaria do districto, citado já, diz o seguinte da sua industria pecuaria:

«É Vieira um concelho em que, apezar da deficiencia dos dados officiaes, julgo predominar a producção e creação proprias sobre a recreação e importação das rezes estranhas, e haver tambem exportação de crias, apezar de ser grande a matança em relação ao numero de bois e vaccas abatidos para consumo, numero que foi em 1870 de 11 d'estes para 238 d'aquellas. As freguezias de maior producção são as de Campos, Ruivães, Anjos, Rossas e Mosteiro; e as serras onde pastam os gados são as da Cabreira, Canteliães, Salamon de eMorouço. Este concelho de Vieira pelas condições orographicas deve considerar-se para a creação dos gados intermedio a Terras de Bouro e Cabeceiras de Basto, ponto que elle occupa tambem pela sua posição geographica. Não ha no concelho a industria da engorda das rezes bovinas.»

Segue o mappa dos seus valores pecuarios:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	321	4:662$000
Muar	55	1:506$500
Asinino	47	250$000
Bovino	3:879	72:221$500
Lanar	9:756	3:076$000
Caprino	4:591	2:286$500
Suino	3:060	13:927$000
		97:929$500

Sobre o fabrico e producção dos seus vinhos diz o visconde de Villa Maior: Todas as freguezias d'este concelho produzem mais ou menos vinho, sendo, porém, segundo as informações officiaes, mais productivas as de Caniçada, Cantellães, S. João da Cova, Eira Vedra, Guilhofrei, Louredo, Mosteiro, Parada e Rossas.

As videiras são todas levantadas em uveiras. As castas de uvas predominantes são: a borraçal, o vinhão de tinta, a mollar, o sousão, o gallego, o mourisco tinto e branco, e ainda o cainho e variedades do espadeiro.

Prepara-se uma só qualidade de vinho verde e tinto ordinario, sendo

de pouca duração. A vindima começa a fazer-se no fim de setembro e principios de outubro. Os lagares são os ordinarios de cantarias. O trabalho de fabricação consiste apenas em pisar as uvas por duas vezes e em deixar correr a fermentação no lagar durante quatro ou cinco dias, no fim dos quaes se envasilha o vinho, e não se lhe presta mais algum tratamento.

São mais bem reputados n'este concelho os vinhos de alguns proprietarios de Louredo, Eira Vedra e Mosteiro, ainda que por differenças pouco perceptiveis.

Os outros generos agricolas não merecem uma nota especial, e supprimiremos até a tabella dos seus preços, por ser sensivelmente a mesma que regula para o concelho de Terras de Bouro e para o seguinte da Povoa de Lanhoso.

As madeiras para construcção são um elemento de riqueza de Vieira, não devemos esquecel-o, embora o não possamos aqui asseverar com dados officiaes, porque seria deixar sem justificação a primeira impressão que nos feriu os sentidos ao penetrarmos em terreno do concelho, — a abundancia das suas carvalheiras vestindo os alcantís dos seus montes, onde a caça é ordinariamente abundante.

CONCELHO DE VIEIRA

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Anissó, *Santa Maria*	139	190	329	71 *(a*
Anjos, *Santa Maria*	245	339	584	135 *(b*
Campos, *S. Vicente*	208	235	443	104 *(c*
Caniçada, *S. Mamede*	211	261	472	124
Cantellães, *Santo Estevão*	314	422	736	165 *(d*
Cova, *S. João Baptista*	182	190	372	93 *(e*
Eira Vedra, *S. Paio*	265	242	507	136 *(f*
Guilhofrei, *S. Thiago*	394	505	899	217 *(g*
Louredo, *Nossa Senhora do Rosario*	285	310	595	128 *(h*
Mosteiro, *S. João Baptista* [1]	709	921	1:630	402 *(i*
Parada de Bouro, *S. Julião*	344	402	746	165 *(j*
Pinheiro, *Santa Maria*	298	306	604	130 *(k*
Rossas, *O Salvador*	1:067	1:269	2:336	576 *(l*
Ruivães, *S. Martinho*	650	743	1:393	300 *(m*
Salamonde, *S. Gens*	272	297	569	142 *(n*
Soengas, *S. Martinho*	86	103	189	45 *(o*
Soutello, *Santo Adrião*	112	144	256	58 *(p*
Taboaças, *S. Julião*	278	386	664	168 *(q*
Ventosa, *S. Martinho*	184	218	402	107 *(r*
Villar Chão, *S. Paio*	147	194	341	78 *(s*
	6:390	7:677	14:067	3:344

a Comprehende esta freguezia os logares de Anisso, Maceira e Povoa.

b Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Carude, Cernadas, Seixal, Fun'de Villa, Portellas, Codeçaes, Cabo, Pomar Grande, Bouça, Rajoi, Outeiro, Casal de Mouro, Campos.

c Comprehende esta freguezia os logares de Campos e Lamalonga.

d Comprehende esta freguezia os logares de Cantellães, Assento, Pezo, Berredo, S. Pedro, Carril, Outeiro de Lamas Portella, Carvalha, Fontellas, Quintãs, Souto, Tares, Torre, Santins, Airó, Mo, Nogueiras, Chavens, Silvares.

e Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Quintães, Insua, Portellada, Gavinheiras, Travaços, Guimbras, Penedello, Pedras, Cortinhas, Orieiro, Fraldrem, Crasto, Portellinha.

f Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Espaio, Villar, Paço, Boucos, Servas, Palla, Requeixo, Terra-Feita, Trás do Rio.

g Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Ermal, Crasto, Muda, Lonredo, Calvellos, S. Silvestre, Quintão, Avinho, Varizellas, Pelame, Portella do Rego, Pinhó, Tuxo, Roda, Enchido, Vallalhe, Requeixada, Guilhofrei.

h Comprehende esta freguezia os povos e logares seguintes:

Povos	*Logares*
Chiqueira	Chiqueira
Sudro	Sudro
Sella	Varzea Sella Outeiro
Louredo	Cuvo Barco Candão *Louredo*
Fornellos	Carreira Fojaco Aldeia Quintão

i Comprehende esta freguezia, alem da villa, os logares de Mosteiro, Tutorio, Gandra, Taboadella, Azevedo, Sangunhedo, Brancelhe, Villa Secca, Mágoi, Figueiró, Cortegaça, Retorta, Rio Longo (estes tres são meeiros).

j Comprehende esta freguezia os logares de S. Julião, Pandozes, Aldeia e Cabo d'Alem.

k Comprehende esta freguezia os logares do Pinheiro, Parada Velha, Espinheiro, Taboadello, Cima de Villa, Portella de Covello, Rajaço, Ruival, Barbeite, Cerdeda, Villela, Cortegaça (este é meeiro com a freguezia de Mosteiro).

l Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Celeiro, Ramil, Pinheiro, Lama, Terreiros, Paços, Bairral, Coutada, Santa Martha, Villarinho, Santa Marinha, Pombal, Touça, Cristello, Ortozello, Paredes, S. Pedro, Politeiro, Arrotea, Calvos, Outeiro, Fonte, Agra, Barreiros, Lamedo, Covello, Bairro: os casaes de Tallhô, Entre os Outeiros, Ribeira, Paço, e as quintas de Pombeiro e Lodeiro.

m Comprehende esta freguezia, além da villa, os logares de Quintã, Valle, Espindo, Zebral, Botica, Santa Leocadia, Soutello, Frades.

n Comprehende esta freguezia as habitações de Salamonde, Barca e Lavandeira.

o Comprehende esta freguezia os logares de Soengas, Calvellos, Varzeas, Villares, Portellinha.

p Comprehende esta freguezia os logares de Soutello, Outeiro, Passos, Ribeiro, Lavandeira.

q Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Villa, Porte-Meão, Loureiro, Outeiro, Barreiros, Real, Pessim, Passadouro.

r Comprehende esta freguezia os logares de Ventosa, Bouças, Eirós, Quintã, Revolta, Paredes, Penedo, Picoto, Foz, Corrello, Assento.

s Comprehende esta freguezia os logares de Villar Chão, Abelheira, Pereira, Bolteiro, Amiã, Lage, Portella.

[1] *Mosteiro* é cabeça do concelho de *Vieira,* sendo a séde no logar de *Brancelhe.*

POVOA
DE
LANHOSO

Lá vem Maria da Fonte
com as pistolas na mão
para matar os Cabraes
que são falsos á nação.

Instinctivamente, quando se entra no territorio de Lanhoso, o espirito recorda a revolução de 1846 e os labios trauteiam as notas guerreiras do hymno do Minho, a marselheza nacional, que levou alegremente nossos paes ao combate e que nos levará, ou a nossos filhos, á estacada, onde se defenda o moderno ideal dos povos livres.

Vendo palpitar a luz do sol fecundo sobre aquellas montanhas cobertas de vegetação e sobre aquelles campos povoados de casaes alegres, á flôr dos quaes sobresae o velho castello de Lanhoso, presente-se que pulsou ahi o coração da provincia, recebendo das tradições seculares o sangue da vida nacional, para com elle vivificar as aspirações da consciencia publica no momento inevitavel da lucta.

Eu não vou até prophetisar que venha novamente de Lanhoso o grito clamoroso da revolta, que tem de convulsionar o existente; seria de

vêr que fosse germinar no seio d'uma população dominada pelo fanatismo e ignorancia a semente do novo Ideal. Mas quero acreditar que existem ahi poderosos elementos ethnicos, materia indispensavel para que essa germinação prospere. Quem auscultar attentamente esse fóco do coração da provincia sentirá ainda vivos os ruidos da passagem das legiões romanas, das arremettidas impetuosas dos homens d'armas do nosso primeiro rei, do estridor revolucionario das turbas que fizeram o movimento da Patuleia. Por entre esses clamores guerreiros talvez se ouça o soluçar pranteado da rainha D. Thereza, carregada de cadeias nos subterraneos do castello, e se escutem as palavras d'amor proferidas pelo conde de Trava, o seu fiel amante.

Ha, pois, na Povoa elementos de sobra para constituir o que a sciencia moderna chama a preparação d'um *meio*, e que a poesia antiga aproveitava para construir uma epopeia brilhante. Assim vestira o alto cothurno d'um epico o auctor d'este livro, que a Povoa seria exaltada em endecassyllabos grandiosos. Tanto mais, deve o leitor ficar sciente, que sendo preciso metter n'essa epopeia um episodio analogo ao da Ilha dos Amores, não faltariam, segundo nos assevera o padre Carvalho, nas *freguezias do concelho mui formosas e presumidas moças,* que naturalmente se prestariam a representar a sério o seu papel de Nayades.

O leitor perde que eu não seja um epico; a Povoa naturalmente é que lucra com isso. Vamos, pois, ambos jornadear terra a terra, deixando a um filho qualquer de Lanhoso o alto encargo de edificar em verso heroico um monumento ao seu berço patrio. Não ha de faltar ali um poeta, que ao abrir as azas da imaginação tome alor até á immortalidade, onde eu não chego!

*
* *

Descendo a estrada real, que vem do concelho de Vieira para o da Povoa de Lanhoso, o primeiro campanario que sobre a esquerda encontramos é o de *SERZEDELLO,* hoje quasi trocado no religioso amor do indigena pelo da Egreja Nova, mais pittorescamente situado e modernamente construido.

Para o norte, a uma distancia sensivelmente egual, a freguezia de *COVELLAS* estende sobre a montanha, em que está situada, os seus fertilissimos taboleiros de cultura e logo adiante a capellinha de S. Mamede, que avistamos, indica-nos que é ahi a parochia de *FRADES*, onde no 3.º domingo de agosto os caçadores das circumvisinhanças se dão *rendez-vous* festivo, sendo a romaria de S. Mamede a que marca o principio da

caça. Como offerenda ao santo levam os seus devotos vasilhas com leite puro.

Aqui está já *RENDUFINHO*, terra fertilissima em productos agricolas e com a industria da creação dos gados bastante desenvolvida. Proximo encontra-se a freguezia de *CALVOS* ou *S. GENS*, visto que mal conhecida é pelo nome do seu oragô, estendendo-se em um delicioso valle.

O logar de Pinheiro, pertencente a *GERAZ*, freguezia que representa hoje a annexação de duas parochias antigas, Santo Estevão e Santa Tecla de Geraz, marca o ponto de entroncamento da estrada em que vimos seguindo com a que á direita chega até Ponte do Porto, limite de Amares, sobre o Cavado, e com a que á esquerda nos ha de conduzir até á villa da Povoa de Lanhoso.

No mesmo valle, ou angulo de cruzamento d'essas vias, encontra o leitor ainda a freguezia de *FERREIROS*, onde está a quinta da Torre, que foi solar dos Machados, o primeiro dos quaes, Martim Moniz, arrombou a machado,—e d'ahi o seu brazão,—as portas de Santarem.

O leitor segue comigo, por um pouco, a estrada que vae á Ponte do Porto, unica arteria viavel que temos para visitar algumas das freguezias ruraes do norte do concelho; finda essa rapida excursão, volveremos a Pinheiro, para irmos ceiar e dormir na villa da Povoa.

A unica freguezia que sobre a esquerda encontramos, n'esta falda da serra do Carvalho, é a de *MOURE*, em terreno accidentado e pittoresco. Houve ahi, no tempo dos suevos, um convento de monges benedictinos, que os arabes arrasaram por occasião da sua invasão.

A egreja matriz é fundação dos principios do seculo XVII e tem uma espaçosa capella-mór, forrada de azulejos antigos. A torre, muito baixa, foi construida á custa dos parochianos em 1719, como o demonstra uma inscripção existente sobre a porta.

N'esta freguezia fica a chamada quinta das *Sete-fontes*, magnificamente situada sobre as margens do Cavado.

As margens do Cavado!

Como são encantadoras e deliciosas, emquanto o formoso rio vae correndo por entre os campos de Amares e da Povoa de Lanhoso e como eu desejaria, leitor, poder demorar-te aqui mais algum tempo, fazendo-te sentir a poesia d'uma natureza tão doce e tão fecunda, a cujo contacto a alma se dilata nas largas inspirações do bello.

Mas vamos, pois que não é arido o caminho, fazer o conhecimento d'essas modestas parochias que alegremente se debruçam sobre o espelho das aguas múrmuras do rio, ou que mais do alto da montanha o namoram enfeitiçadas pela doce tranquilidade do seu leito.

Aqui temos já a freguezia de *AGUAS SANTAS,* a uns quinhentos metros da margem, e mais para sudeste a freguezia de *MONSUL,* parecendo recordar uma tradição antiga, ou que a palavra venha de *Mons sanctus,* uma qualquer montanha sagrada aberta ao culto das religiões primeiras, ou que venha do arabe *Moçaum,* indicando a passagem por estes logares das tribus dos Moçamudes que na peninsula entraram em 1147.

AJUDE E S. JOÃO DE REI, duas freguezias hoje annexadas para todos os effeitos civis e ecclesiasticos, tiveram no passado mais fastigiosa chronica do que a teem no presente. S. João de Rei, uns mil e quinhentos metros a sudeste do Cavado, foi até 1853 a séde do concelho d'este nome, ao qual D. Manuel concedeu foral em 1514.

Da casa de Pousadella d'esta freguezia era natural a formosa amante de D. Sancho, D. Maria Paes Ribeiro, da nobre familia dos Paes Ribeiros, ricos-homens de Lanhoso. Do antigo concelho de S. João de Rei foi senhor Lopo Dias de Azevedo, um bravo que D. João I armou cavalleiro na batalha de Aljubarrota, e cujos descendentes são hoje os Azevedos de Sá Coutinho.

A antiguidade de S. João de Rei sobe naturalmente á epocha romana, como parece attestal-o a existencia do monte de Crasto, um pouco acima da egreja parochial, e onde se encontram ainda vestigios de fortificação.

VERIM, situada á margem Cavado, é a freguezia limite de S. João de Rei. Não tem o leitor que admirar ahi senão a sua natureza fecunda e a sua paysagem agradavel, o que aliás não é um exclusivo da pittoresca aldeia, como sabe já agora, que conhece todas estas deliciosas margens do Cavado. Resta-nos visitar a parochia de *FRIANDE,* antigamente Friães do Rio, nome que demonstra melhor que uma descripção larga a sua situação sobre a corrente do Cavado, cujas aguas banham na realidade os seus campos fertilissimos. É a freguezia mais ao norte do concelho da Povoa de Lanhoso, a cuja séde nos vamos agora dirigir.

*
* *

Vespera de feira.

O leitor vae comnosco alojar-se na mais importante hospedaria da terra, embora o titulo não abone muito as suas altas qualidades, nem seja positivamente um convite para *touristes* bipedes! Hospedaria da Ferradeira — vá, acceite-se o nome, á falta de melhor, com tanto que nos arranjem de ceiar!

Havia um ovo... no gallinheiro, o que não era muito, nem mesmo muito pouco!

—Bata esse ovo,—aconselhámos nós,—bata-o bem para arranjar com chouriço, e mate no entretanto a gallinha que o poz, para nos fazer uma canja.

—Nem que me dessem todo o seu dinheiro; olha agora matar a gallinha, uma creadeira como não ha! Lá um frango que ainda ahi tenho, vá, mas a gallinha...

Pelourinho de Lanhoso — Desenho do natural por João de Almeida

—Pois bem, sacrifique o frango! Temos fome de vêr no seu coração ainda quente o vaticinio do que nos espera na Povoa.

—Fome, comprehendo que os senhores tenham; vae já matar-se o frango.

Emquanto nos preparam a modesta ceia, eu, sentado á mesa da sala de jantar, folheava uns apontamentos que me dessem a historia da Povoa, e que me poupassem a excursões inuteis. Almeida, o meu companheiro de viagem, passeiava nervoso d'um ao outro angulo da casa, depois de ter soffrido a decepção de não encontrar ainda correspondencia no correio da villa, cujo director fôra arrancar de mais a mais á bisca do club.

A Povoa tem este elemento de civilisação, fique notado aqui.

Os apontamentos póde o leitor examinal-os comigo, emquanto a ceia não chega, e, talvez por experiencia o saiba, leva sempre tempo a chegar quando se tem appetite e se entra a deshoras n'uma hospedaria de provincia.

É a villa actual constituida pela aggremiação dos principaes logares das duas freguezias *LANHOSO* e *FONTE ARCADA,* que o ribeiro de Pontido separa, mas que uma ponte de cantaria lançada sobre a corrente une para a vida social.

A Lanhoso pertence a ruina veneranda do castello, a que andam ligadas as tradições do periodo inicial da nossa vida de nação e a lenda das lagrimas de D. Thereza, uma vez sitiada ahi por sua irmã D. Urraca,

outra agrilhoada a pesadas cadeias depois de vencida nos campos de Guimarães por seu filho Affonso Henriques.

Na Fonte Arcada, couto antiquissimo, de que foi fundador Godinho Fafes, pae de D. Fafes Luz, rico-homem do conde D. Henrique, estão ainda os paços do concelho e os antigos edificios publicos das repartições do Estado, provando assim que foi ahi o fóco da vida publica do antigo concelho. No Largo da Fonte e encimando um chafariz de duas bicas, existe ainda hoje o vetusto pelourinho, incompleto de certo, mas que o leitor póde conhecer, tal como está, pelo desenho respectivo.

As duas freguezias da villa teem ambas, como se vê, pergaminhos que fallam da sua velha nobreza. O castello de Lanhoso, porém, não se limita a ser um monumento da localidade; é uma pagina viva das nossas tradições nacionaes, e bem mal tratada por signal que está essa pagina gloriosa.

A nossa gravura, copia d'uma photographia primorosa, retrata um dos aspectos d'esse venerando castello, cuja construcção se attribue aos romanos, naturalmente na mesma epocha em que foram construidas as pontes do *Porto* e de *Perozello,* que o leitor já conhece de menção e cuja fundação data do reinado de Vespasiano, pelos annos 75 de Jesus Christo.

N'este castello residiu por muito tempo a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique e d'aqui são datados muitos dos foraes e doações que ella concedeu a diversas terras do reino.

Assistindo ao seu periodo de esplendor, o velho monumento romano assistiu por egual aos transes afflictivos da rainha-infanta. É uma sombra a sua que povoará sempre estes logares, emquanto a tradição nacional existir.

Foi ao castello que D. Thereza se acolheu em 1121, quando perseguida por sua irmã D. Urraca, e foi por egual ahi, sete annos depois, que a tradição refere tel-a encerrado D. Affonso Henriques, carregada de cadeias, depois do recontro de Guimarães, onde tambem lhe foi adversa a sorte das armas.

«Não desdiz a tradição dos costumes ferozes do tempo — escreve o nosso primeiro historiador — mas desdiz dos monumentos coevos, que não a auctorisam.»

«Affonso Henriques, continúa Herculano, não quiz ou não ousou aproveitar-se das vantagens obtidas para se vingar de sua mãe e do conde, contentando-se com expulsal-os de Portugal» . . . «As memorias que nos restam da filha de Affonso VI durante os dois annos que sobreviveu desterrada são assás escassas. Fugitiva e sem o prestigio da auctoridade, quem se lembraria mais d'ella? o que parece provavel é que seguisse para

Galliza Fernando Peres. Este, ao menos, não se esqueceu de quanto D. Thereza lhe sacrificára e, ainda depois da sua morte, empregava ácerca d'ella expressões que revelam amor sincero e affectuosa saudade. «—Se alguem—dizia o conde fazendo exarar uma doação de terras á Sé de Coimbra, para que Deus associasse aos bemaventurados a já fallecida princeza—: se alguem houver ahi que intente annular (o que não creio) a doação que ora faço, pague em dobro a ousadia á auctoridade real, e se fôr algum inimigo tão poderoso e cruel que possa conservar-se pertinaz, seja o seu destino na morte o de Dathan e Abiron.»—A fórma insolita porque termina este diploma diz-nos que os restos de D. Thereza ainda tiveram quem sobre elles vertesse lagrimas. Os monumentos historicos contemporaneos apenas, porém, nos referem que fallecera no primeiro de novembro de 1130. Um antigo tumulo na cathedral de Braga nos assegura, finalmente, que as suas cinzas foram transportadas para o logar onde tambem repousam as cinzas de seu marido.»

Do primitivo castello pouco mais resta do que a parte que a nossa gravura representa.

A piedade, senão a barbaridade, do rico negociante do Porto, André da Silva Machado, natural do logar de Valle de Mil d'esta freguezia de Lanhoso, transformou, no anno de 1680, a velha fortaleza romana em sanctuario catholico devotado á Senhora do Pilar, desmantelando para isso os reductos, bastiões e adarves, que tinham assistido á infancia de Portugal. A nossa gravura de pag. 513 dá uma idéa do que seja o principio d'essa formosa avenida, que em *zig-zag* bordado de capellinhas representativas da paixão do Christo, sobe até ao templo do Pilar, um dos mais bem situados do Minho e concorrido estrondosamente pela devoção publica no dia 29 de junho.

O panorama é encantador e variado; o leitor imagina-se no centro d'uma ampla bacia culta e povoada, cujos bordos altos e pittorescos são formados pelas serras de S. Mamede e da Cabreira, a longa cumiada dos Morouços e a cordilheira de S. Miguel, accidentada sobre o Ave: e tendo admirado essa encantadora natureza, esplendida e uberrima, dir-me-ha depois se o espectaculo o não compensou de sobejo da fadiga da ascensão, se tal póde chamar-se á curta distancia de um kilometro, pouco accidentado, que tanto medeiará entre a villa e o sanctuario.

Da ermida do Pilar dá uma idéa bem nitida a nossa gravura respectiva, e por isso nos dispensamos de minuciosa descripção.

A pouco mais do que á historia lendaria do seu castello e do popular sanctuario se reduzem os pergaminhos de Lanhoso, nos nossos apontamentos. Entretanto digamos ainda.

Foi a villa antigamente concelho e em 1292 lhe deu foral D. Diniz, o qual D. Manuel renovou em 1514.

As armas de Lanhoso, segundo escreve Pinho Leal, consistem n'um escudo partido em pala, tendo na 1.ª as armas de Portugal, e na 2.ª, em campo de purpura, um castello de ouro, chammejante, sobre rocha de prata, todo lavrado de preto. Por timbre, corôa mural de prata, com o castello por cima. No concelho era o solar dos Mottas, o primeiro dos quaes foi Ruy Gomes de Gondar da Motta, que viveu no reinado de D. Affonso II e tomou este appellido da sua quinta da Motta em Santo Estevão de Villa Chã.

Feche o leitor comigo a carteira dos apontamentos, porque... a ceia chega fumegante e aperitiva.

*
* *

Manhã nada, que surprehendente frescura é esta da formosa bacia da Povoa e que appetite por isso de passeiar um pouco, indo pelas estradas, humidas ainda do orvalho da noute, ao encontro d'esses pittorescos grupos de camponezes, que se dirigem para a feira.

A Povoa, no coração do Minho, d'este Minho tão religioso e poetico, não se limita ao unico sanctuario do Pilar. O da Senhora de Porto de Ave não é menos grandioso, nem menos concorrido. Vamos, pois, visital-o.

Que linda que é a estrada, e como se respira um ar purissimo e lavado atravez da formosura d'estes campos.

—Uma egreja antiga ali sobre a esquerda.

—Vamos vêr.

Salta-se do carro, corta-se um milharal viçoso, e breve se defronta com a bella fachada gothica da matriz de *FONTE ARCADA*. O oculo, caracteristico do estylo, as paredes, o arco-cruzeiro elegante, em cuja rosacea ainda se notam alguns preciosos vidros coloridos, attestam a antiguidade do templo. A chronica resa que é fundação do rico-homem D. Godinho Fafes em 1067, sendo a egreja a d'um mosteiro de benedictinos, que parece ter sido supprimido depois de 1434.

A estrada prosegue na sua linha viçosa de vinhas de enforcado; vae para Cabeceiras de Basto e se o leitor a percorrer, encontrará ora nas suas margens, ora sobre as da corrente do Ave algumas parochias ruraes, deliciosamente situadas.

A primeira é já *OLIVEIRA*, na aba da serra d'este nome, e cuja

VISTA GERAL DA POVOA DE LANHOSO

egreja matriz merece uma visita, que mais não seja senão para admirar a capella de Santa Cruz, um bello trabalho de esculptura em bronze.

Adiante, proximamente a uns quinhentos metros do Ave, levanta-se o campanario de *TRAVASSOS,* e um pouco mais acima o da freguezia de *BRUNHAES.*

Sobre a margem do rio encontra-se ainda *SOBRADELLO DA GOMA* e mais adiante a freguezia, limite do concelho, *S. BARTHOLOMEU DA ESPERANÇA.* Uma palavra só as define na sua expressão mais viva —a fertilidade. De resto, o leitor comprehende bem que seja assim, tanta é a densidade de vegetação que veste as collinas circumvisinhas.

Uma nota commum a todas ellas, e que pode generalisar-se aliás. A morte bateu á porta d'um lar. Os amigos correm das aldeias proximas e o enterro, ainda ordinariamente feito nas egrejas, é seguido por uma comesaina funebre, que de certo substituiu os antigos jantares pagãos. A casa da refeição é quasi sempre a sachristia da matriz ou a habitação do sachristão; o vinho, o pão e o queijo é distribuido a todos os convidados, e se algum, mais intimo dos doridos, o não recebe ahi, é porque na casa dos enojados o espera um banquete um poucochinho superior a essa collação modesta.

Dia de enterro nas aldeias da Povoa, fica o leitor sabendo pois, é dia farto e alegre, como convém para espancar tristezas negras, que pesam sobre o espirito.

Mas... deixemos essa estrada, visto ser outro e mais perto o nosso destino agora. Aqui temos a bifurcação que directamente nos leva ao sanctuario de Porto de Ave, na freguezia de *THAIDE.*

É grande o templo e ornamentado de magnificos azulejos decorativos. O tecto é em abobada, apainelado, contendo cada painel uma pintura a oleo. Fica no sopé da collina e sobranceiro ao Ave, tendo por isso, ao contrario de todos os outros sanctuarios do Minho, os calvarios ou capellas a cavalleiro, unidas entre si por lances d'um escadorio largo e espaçoso.

Em um d'esses, no terreiro central, fica o elevado oratorio ou capella do Senhor, decorado por seis grandes estatuas de granito, representando personagens biblicos. É n'elle que o padre diz a solemne missa campal da romaria, que o povo escuta em baixo, ajoelhado sobre o largo.

Ha sete ou oito annos,—como se fórma uma lenda, quando é preciso encobrir com ella a inviolabilidade da religião!—o ceo brumoso e triste, saturado de electricidade, pesava sinistramente sobre o sanctuario de Porto de Ave e promettia aos romeiros algumas horas mal passadas. Não repinicavam as violas, nem gorgeiavam cantigas os namorados poetas; no ar-

raial pittoresco uma sombra de pavor ia dominando intensamente os espiritos. Para os lados da Cabreira a tempestade rugia ameaçadora e medonha.

A hora da missa chegou.

De joelhos, querendo pela attitude piedosa applacar a colera celeste, o povo mordia a terra, nas austeridades da contricção e penitencia.

Sobre o varandim do oratorio, o sacerdote, paramentado festivamente, entoára solemne o *Introibo ad altarem Dei.*

De espaço a espaço, quando se voltava para o acampamento silencioso, onde milhares de cabeças curvas pelo terror, esperavam a saudação do *Deus seja comvosco,* as scentelhas electricas corriam em *zig-zag* na atmosphera caliginosa e uma luz sinistra radiava por sobre a lhama de oiro das suas vestes.

O padre sentia-se apavorado e na alma dos crentes uma visão surgia, como a não sonhára o visionario do Apocalypse. Aquelle faiscar luminoso, esfusiando rapido sobre o oiro da casula, ria, como podia rir Satanaz na hora suprema d'um triumpho de gigante.

Não era o Deus misericordioso e bom, cujo espirito envolvia a santidade mystica do oratorio sagrado. Satan estava ali; os seus olhos reverberavam scentelhas, os seus risos troavam pelas quebradas. E, no momento solemne, quando o sacrificio do Deus vivo ia para ser consummado, que a hostia, o cordeiro da paz, se levantava sereno, como um beijo de luz, nas mãos tremulas do sacerdote precito, um raio estala, o relampago dardeja no espaço, e, fulminado pela colera celeste, o padre cae para sempre, sepultado na derrocada do altar, que elle havia profanado com a impureza dos seus crimes.

Um trovão medonho corresponde no céo ao grito de panico proferido pela terra; ao cataclysmo da atmosphera responde no acampamento a voz clamorosa de «Misericordia!»

—Que missa, que missa foi essa de ha oito annos!

E desde então a lenda teve principio. Ha quem tenha visto errar pelos campos de Thaide a alma penada do padre, supplicando a esmola da oração, e relatando o numero de missas que havia deixado por dizer, embora tivesse recebido já a competente esportula. Salve-se ao menos com este sacrificio do padre condemnado o credito da Senhora do Porto do Ave.

Do resto do sanctuario não precisa o leitor uma descripção minuciosa. Os seus calvarios ou capellas, em numero de nove, comprehendendo a capella da invocação de Sant'Anna, representam passagens da infancia de Jesus, ou do periodo de gestação da Virgem.

Todas as figuras são de tamanho natural, e verdadeiros anachronismos da Arte.

Contiguos ao templo vêem-se numerosos edificios que servem não só para alojar os romeiros, como de habitação ordinaria aos habitantes do logar. Entre esses destaca sensivelmente uma casa apalaçada, em cujos angulos se notam esculpidos os brazões de armas dos differentes arcebispos de Braga. A explicação está, em que os prelados bracharenses, depois de 1744,

Castello de Lanhoso — Desenho de João de Almeida

teem mais ou menos estendido a sua protecção ao sanctuario. A origem d'este data de poucos annos antes d'essa epocha e se não existe uma lenda romanesca a bafejar-lhe os primeiros periodos, a tradição que acompanha a origem não revela menos o grande poder do coração do povo, quando incitado por uma emoção psychica de natureza affectiva. No caso presente foi a saudade, o delicioso pungir de acerbo espinho, que levantou o Sanctuario do Porto de Ave. Francisco de Magalhães Machado, um mestre-escola da aldeia, — o que seria um professor primario em 1730? — houve a si uma velha imagem da Senhora do Rosario, da matriz de Thaide, que o padre visitador mandára enterrar por estar sufficientemente damnificada.

A lenda refere, que pouco tempo depois de a ter em sua casa o pedagogo fôra surprehendido ao achar encarnada, dourada e limpa a velha imagem carunchosa.

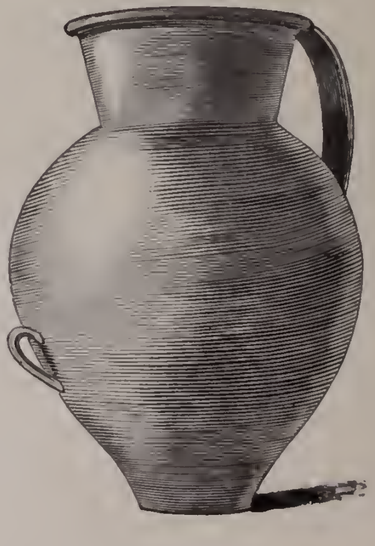
Milagre no caso e d'elle se lavrou acta, que existe ainda na camara ecclesiastica de Braga.

Machado tinha a imagem n'um humilde nicho, proximo da fonte, que se vê ao lado da egreja, e ahi costumava levar todos os dias os seus pequenos discipulos para rogarem á Virgem intelligencia e boa memoria. Esta, mercê d'essa impressão singelissima da infancia, não escasseou aos futuros emigrantes das terras de Santa Cruz, os quaes, logo que a fortuna lhes sorriu, principiaram a enviar dinheiro com que adornar a ermida.

Os donativos cresceram e em 1740 era já a imagem levada com pomposa solemnidade para o altar que lhe era destinado na sua nova capella.

Depois os arcebispos de Braga, e com elles os devotos da Senhora, fomentaram por tal fórma as obras do sanctuario, que hoje é quasi no Minho um rival do Bom Jesus e a sua romaria a 8 de setembro uma das mais concorridas da provincia.

O sitio é deveras ameno, embora accidentado, e a frescura das suas fontes, a sombra das suas accacias, olivedos e carvalheiras torna-o um remanso agradavel para veranear em setembro. O panorama, que se gosa do ponto mais elevado do sanctuario, junto da capella que representa Jesus entre os doutores, não é por certo inferior em belleza a esse tão decantado do Bom Jesus, já agora um logar commum para avaliar, na linguagem do viajante commodista, os encantos da paysagem minhota.



*

* *

Visitado o sanctuario de Porto de Ave regressamos á Povoa pela mesma estrada, n'este momento largamente movimentada pelos grupos animados, que chegam para formar a feira mensal da villa.

Que bello quadro este para um pintor colorista!

A praça municipal está cheia de gente que vende e compra; ficam ahi as camponezas que expõem á venda os linhos em rama, as gallinhas creadas na liberdade do campo. Adiante, no Campo da Feira, as tendas dos bufarinheiros erguem-se por sobre o acampamento alastrado de loiça de barro, a olaria singela e economica cujas fórmas são tantas vezes artisticas, como

se póde vêr pelo exemplar da nossa gravura de pag. 510. Em um angulo a sapataria ambulante, onde o comprador experimenta trinta vezes o forte sapato de couro amarello; no centro os cestos emmedados de pão alvo, o pão appetitoso, que em breve vae fazer bocca á pinga do rascante de Basto. Atravessa-se a ponte, e, desbordando pela estrada, a feira continúa sempre, até que se alarga em duas praças vastas. Na da esquerda, *o largo d'Alegria*, apregoa-se a boa limonada de cavallinho, a restea de cebolla; calam-se as bojudas melancias, escolhendo as mais frescas de entre as empilhadas, nos carros que vem de Braga, e escuta-se o cantar das *Povoeiras*, que vendem o seu peixe, loquazes e tagarellas como o marulhar das vagas que ainda na vespera haviam escutado.

—Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres... e assim até ás vinte e cinco, a conta do quarteirão da sardinha, que o lavrador pacovio interrompe para verificar se foi ou não enganado.

No outro largo, o de *Barbosa de Castro*, os cestos com milho e centeio, com feijão, os instrumentos de lavoura, as espadellas para grammar o linho, de fórma um pouco differente das dos outros concelhos, como se vê na gravura, as fructas da estação; e mais acima, para além do gradeamento, a feira do gado, a feira das grandes transacções, em que as libras se aquilatam pelo toque nas pedras da calçada, e onde a taberna ultíma os bellos negocios lucrativos.

Como é animado todo o quadro, que sussurro esse da onda humana, que se agita e falla! Como a viveza dos costumes produz effeitos pittorescos e *nuances* de colorido, que fariam a felicidade d'um artista!

*
* *

LANHOSO e *FONTE ARCADA* constituem com as freguezias do sul, que dentro em pouco vamos visitar, a zona onde levedou o fermento da revolução de 1846, historicamente conhecida pela *Revolução da Maria da Fonte.*

Camillo Castello Branco n'um delicioso livro que tem por titulo o nome da celebre heroina, deu-se ao encargo de proceder a excavações historicas sobre o assumpto e pôr a limpo, se foi «a Maria da Fonte a personificação fantastica de uma collectividade de amazonas de tamancos ou se

realmente existiu em corpo e fouce roçadoura uma virago revolucionaria com aquelle nome e appelido?»

O espirituoso escriptor conclue pela segunda das hypotheses a favor d'uma das varias Marias da Fonte, que a tradição lhe apresentou como a mais authenticamente habilitada para dar ingresso no pantheon das mulheres celebres. Pela nossa parte, indifferentes a que houvesse ou não uma heroina de carne e osso e fouce roçadoura, que prefaciasse a revolução do Minho, no seu nome vemos antes uma personificação mythica, symbolo dos protestos populares, do que uma camponeza qualquer da Povoa, mais ou menos fanatisada, e sem a comprehensão nitida do seu papel de revolucionaria, figura que tem necessariamente de elidir-se na poesia da lenda, quando a critica faça o estudo d'essa insurreição nacional, em que a mulher, pela sua expansibilidade affectiva, foi a primeira a erguer o grito da revolta.

Em volta d'esse nome fez-se um perfeito cyclo de poesia popular, a que nem mesmo a musica deixou de fornecer o seu contingente, exprimindo, d'um modo não apagado ainda no sentimento nacional, o fundo impressivo da paixão politica, que foi a base d'essa revolução.

Os typos esmiuçados tão humoristicamente pelo talento do nosso primeiro escriptor fundem-se pois, perante o facto historico de 1846, n'uma synthese unica,—a mulher do Minho, expurgada de todos os defeitos individuaes, e simples e singela, como o sentimento que personifica,—a consciencia intuitiva da revolução.

Os canticos e os hymnos são exclusivamente para esta, e d'este modo nos apraz evocar essa figura lendaria, agora que vamos atravessar os campos, onde o seu nome surgia como um symbolo de revolta e de protesto, embora a sua individualidade, tal pelo menos como a apresenta Camillo, se molde nas crenças d'um realismo de *Assomoir*. [1]

*
* *

Descemos para o sul; vamos na estrada das Taipas.

Ahi tem o leitor já o campanario de *GALLEGOS*, freguezia d'uma antiguidade superior á da monarchia portugueza. N'ella viveu o conde D. Fafes Sarrasim, de Lanhoso, bom e rico-homem, que pelejou e morreu na batalha de Agua de Maias, junto a Coimbra, pelo seu rei D. Garcia

[1] Depois de publicado o livro do nosso grande escriptor vi por acaso no *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, um pequeno artigo do sr. Martins de Oliveira, da Povoa de Lanhoso, em que se referem os episodios do principio da revolução de 1846, citando-se ahi varias *Marias*,

Avenida do Pilar — Desenho de João de Almeida

contra D. Sancho, rei de Castella. Succedeu-lhe seu filho Godinho Fafes, de quem descendem os Godinhos, e que foi o fundador dos mosteiros de Fonte Arcada e Muhia.

Na revolta da Maria da Fonte, Gallegos foi por vezes theatro dos acontecimentos, em que figurou a celebre heroina. Esses episodios revivem nas paginas do livro de Camillo, nas informações sobretudo que ao eminente escriptor forneceu o senhor da casa da Agra, da Povoa de Lanhoso, José Ferreira de Mello e Andrade, fallecido em 1881. Transcre-

conhecidas do auctor do artigo, vivas ainda hoje, e que tomaram activa parte na revolução. Escrevi a s. ex.ª pedindo-lhe pormenores e perguntando-lhe se conhecia a genuina *Maria da Fonte*, individualidade que tem sido posta em duvida por escriptores distinctos. O sr. Martins respondeu-me que tratava de colligir os seus apontamentos, pondo-me na sua carta de sobreaviso contra as opiniões um pouco romanescas emittidas por Camillo, e que eram filhas de informações erradas. Não tendo tido a honra depois d'isso de receber de s. ex.ª mais elucidações, transcrevo de alguns numeros do jornal *A Maria da Fonte,* da Povoa de Lanhoso, os esclarecimentos que

vendo-os, o leitor assistirá ao tumultuoso engrossar da corrente insurreccionista, que se alastrou dentro de poucos dias por esta bacia pittoresca e montanhas alcantiladas, entre cuja vegetação sobresahem, como brancas flôres de magnolias, as cupulas bysantinas dos campanarios, que vão surgindo aos lados do nosso caminho.

No dia dos tumultos da Povoa, em que uma das Marias da Fonte, lançando mão d'um machado, arrombou as portas da cadeia e soltou as

o distincto jornalista Azevedo Coutinho ahi publica sobre este caso, visto que elles são baseados nas informações do mesmo sr. Martins de Oliveira, testemunha coeva dos successos:

«Sobre a entidade Maria da Fonte, que deu o nome á revolução correm differentes versões, e é mui difficil e quasi impossivel apresentar qualquer d'ellas como verdadeiras. [1]

Entre o povo de Font'Arcada e algumas revoltosas sobrevivenies é ainda hoje firme crença de que a verdadeira Maria da Fonte era a Maria Angelina, de Simães. Ignora-se, porém, d'onde lhe procede o cognome, porque a revoltosa não habitava proximo de fonte, que podesse originar-lh'o, nem a casa de morada tinha tal denominação. Querem alguns que a origem lhe venha do nome da freguezia «Font'Arcada», d'onde era natural, e que por abreviatura lhe supprimissem «Arcada», ficando «Maria da Fonte» em logar de «Maria de Font'Arcada». Mas isto é uma simples supposição.

Ha, no entanto, alguns factos, que mostram pertencerem a ella as honras de heroina da revolta. Um, é ter sobresaido logo nas primeiras manifestações hostis e acompanhar, salientemente, até ao seu termo, a revolta feminina: outro ser ella a unica que andava armada de pistolas, presas em volta da cintura; e é bem conhecida ainda a letra do hymno popular da Maria da Fonte, que na seguinte quadra allude a este facto:

Viva Maria da Fonte,
Co'uma pistola na mão
Para matar os Cabraes
Que são falsos á nação!

Tambem a seguinte quadra, d'uma canção popular, que as revoltosas cantavam:

Viva Maria da Fonte,
De nome tão magestoso,
Em Font'Arcada nascida,
Do concelho de Lanhoso

parece dirigida a Maria Angelina, pois que d'entre as revoltosas de Font'Arcada foi ella a que mais notavel se tornou.

Mas nada d'isto confirma a origem do cognome, de que a sua possuidora se lisonjeava sobremodo, pois quando pela primeira vez appareceu na villa da Povoa o padre Casimiro, foi-se lhe ella apresentar, como heroina da revolta, reclamando para si a gloria e renome de Maria da Fonte.

O celebre chefe da insurreição popular convenceu-se facilmente (!) de que tinha na sua presença a famosa revolucionaria, cujo nome eccoava já por todo o paiz. Lisonjeado com a inesperada visita da revoltosa, não a deixou retirar-se sem a gratificar com 4$800 reis, o que ella propria confessava.

[1] O que sobre este assumpto, e a proposito da Maria da Fonte do Vido, logar do Barreiro, freguezia de Font'Arcada, narra o fallecido sr. José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade nos apontamentos ministrados ao illustre escriptor o sr. Camillo Castello Branco, e por este transcriptos no seu livro *Maria da Fonte*, é pura creação romantica; pois procedendo a minuciosas informações e revendo os livros de assento de baptismo concluí que tal entidade nunca existiu. Ainda assim, querendo certificar-me positivamente da veracidade dos factos, dirigi-me ao sr. dr. Balthazar Aprigio de Ferreira de Mello e Andrade, filho do sr. Ferreira de Mello, acima citado, e confirmou-me a não existencia da Maria da Fonte de Vido; pois que, como os alludidos apontamentos eram destinados a romance e não a historia, imaginara seu fallecido pae aquelle episodio romantico.

prezas, levando-as em triumpho, n'esse dia, fins de abril de 1846, «ao pôr do sol, um destacamento de 50 praças do regimento 8, estacionado em Braga, commandado pelo tenente Taborda, entrou na Povoa. Mas para que tão diminuta força, no estado a que as coisas tinham chegado?... e que commandante!... Inteiramente desmemoriado e tão pusilanime que não descançou emquanto não foi mudado para a freguezia de Gallegos, que, dizia elle, era um bello ponto para uma retirada sobre o Sanctuario

Maria Angelina, filha natural de Angelica da Lage, da freguezia de Font'Arcada, era uma rapariga de vinte annos de edade, estatura mediana, musculos reforçados, temperamento sanguineo e apparencias d'uma saude vigorosa e resistente. Era um bello *specimen* de aldeã do Minho.

Terminada a revolução ficou sendo conhecida pelo nome de Maria da Fonte; e, passados annos, ausentou-se da sua terra natal, *enredada* n'uns amores illicitos, sem que, por muito tempo, se descobrisse o seu paradeiro. Soube-se, afinal, que fôra gosar os seus amores para as proximidades de Famalicão, onde falleceu.

Ainda outra Maria, natural da freguezia de Oliveira, d'este concelho, tem seus proselytos, que crêem pertencer a ella a gloria da legendaria Maria da Fonte.

Era a tal Maria uma rapariga de dezoito a vinte annos de edade, estatura mediana, elegante e de notavel formosura campesina.

Foi ella que, de saia vermelha apanhada na cintura, alegre e ligeira como uma gazella, e á frente da turbamulta feminina, armada com um machado, foi, e muitas outras, a casa do juiz pedir a chave da prisão para libertar as companheiras. Não conseguindo, por este meio, realisar o que ella e todas desejavam, encaminhou-se, resoluta, para os paços do concelho, e foi a primeira que levantou o machado, descarregando-o, com toda a força, na segura porta do tribunal, e dizendo ao mesmo tempo: — «Não ha outro romedio.»

Foi tambem ella que, n'essa occasião, depois de libertas as companheiras, exclamou: «Viva a rainha! Morram os Cabraes! Abaixo as leis novas! Queimem-se os cadastros.»

Eis os factos mais notaveis d'esta revolucionaria, que passou tambem por ser Maria da Fonte, sem que, no entanto, se désse circumstancia especial, que podesse originar lhe o cognome, para a tornar a heroina da revolta.

Julgam tambem alguns que o titulo da revolução traz a sua origem do facto de se apresentar como Maria da Fonte a Josepha Caetana, da casa da Fonte, freguezia de Gallegos. [1]

Não parece assente sobre solidas bases esta opinião, porque quando se deu este facto, já a revolta lavrava havia tres mezes, e não é crivel que um tão simples incidente désse origem ao titulo da revolução, já a esse tempo muito ateada.

Demais, esta revoltosa, depois de libertada pelas companheiras na serra do Carvalho d'Este, não mais se tornou notavel na revolta, que quasi abandonou.

Nenhuma d'estas tres revoltosas se chamava Maria da Fonte, embora a Maria Angelina fosse quasi geralmente julgada como tal, por ser a que mais se distinguiu.

Mas, necessariamente, devia ter uma origem o titulo da revolução. E teve a, com effeito.

Já anteriormente a 1846 havia na villa da Povoa uma hospedaria de que era proprietaria Maria Luiza Balaio, que pela circumstancia de habitar proximo a uma fonte, que ainda actualmente existe no largo do mesmo nome, era de todos conhecida por Maria da Fonte.

Quando as revoltosas se dirigiam em numerosos concursos á villa, tomavam para ponto de reunião a hospedaria da Maria da Fonte, e esta gostosamente lh'a franqueava, preparando-lhes, sem retribuição alguma, abundantes refeições.

As revolucionarias, reconhecidas pelo acolhimento obsequioso da estalajadeira, ajudavam-n'a n'essas occasiões nos seus misteres culinarios, cujas iguarias depois saboreavam com prazer.

E assim, fortalecendo os estomagos e despejando, uns após outros, cangirões cheios de bom vinho verde do Minho, saiam da hospedaria um pouco electrizadas, levantando enthusiasticos *vivas* á Maria da Fonte, que tão generosamente as acolhia.

[1] Esta revoltosa procurou illudir a auctoridade administrativa, tomando o nome de uma sua creada.

do Bom Jesus e d'ahi para Braga!... Porém, como o fóco da reacção era todo do lado do Nascente, tornou-se indispensavel remover aquelle destacamento para a freguezia d'Oliveira. [1] Eis que se dá outro enterro tumultuoso na freguezia de Gallegos, onde appareceu Maria da Fonte e suas amazonas! O enterro fez-se, como nas mais partes, com a differença de estar o clero funccionando dentro da egreja. Foram prezos depois pela policia um homem e uma mulher que mais se distinguiram n'aquelle motim

Em todas as occasiões, em que as revoltosas concorriam á villa, apparecia-lhes logo a Maria da Fonte á janella ou á porta da sua habitação, sempre com semblante prasenteiro, mostrando o contentamento que lhe causavam aquellas manifestações femininas. Eram-lhe então levantados repetidos *vivas*, que ella agradecia, reconhecida, pela natural affeição que as revoltosas lhe votavam.

Mas Maria Luiza Balaio, ou, como lhe chamavam, Maria da Fonte, nunca tomou parte activa na revolução feminina, limitando-se simplesmente ao que fica narrado, e a incitar as revolucionarias a proseguirem com ardor no caminho que seguiam.

Os *vivas* á Maria da Fonte foram-se repetindo por todas as revoltosas, muitas das quaes nem sequer procuravam indagar d'onde vinha a origem d'aquelle grito de revolta.

A Maria Angelina, que foi, na verdade, a que mais notavel se tornou durante a revolução feminina, julgou-se com direito á gloria que tornaria legendaria a heroina da revolta e soube attrahir a si as attenções, inculcando-se como Maria da Fonte, e acolhendo os vivas que em principio só eram dirigidos á estalajadeira da Povoa.

Conseguiu em grande parte o seu ambicioso fim, pois vemos que as canções populares que as revolucionarias cantavam lhe eram dirigidas e não já á Maria da Fonte, estalajadeira da Povoa, porque esta, embora natural de Fonte Arcada, nunca saiu ao campo da revolta; e a seguinte quadra, cantada tambem n'esse tempo,

> Retirou-se a heroina,
> Sem a ninguem offender;
> Dizendo: Viva a rainha,
> Cabraes fóra do poder!»

mostra que era dirigida a uma revolucionaria façanhuda que acompanhou sempre a revolta, tomando n'ella a parte principal, e merecendo por seus effeitos o titulo de heroina.

Não conseguiu, porém, a bem conhecida revoltosa, a decantada Maria Angelina, desvanecer da memoria de muitos os factos primitivos, que no meio das differentes versões, mais ou menos provaveis que correm, attestam que foi a Maria Luiza Balaio, conhecida por Maria da Fonte, a que deu o nome á revolução.

Por muito tempo conservou ella tambem o seu prestigio, não por feitos notaveis, que não operou, mas por transmittir o seu nome a uma revolução, que abalou fortemente todo o paiz.

Estacionando na villa da Povoa, durante algum tempo, um destacamento de infanteria n.º 3, de Vianna do Castello, foi a dita Maria da Fonte alvo de lisongeiras manifestações por parte dos officiaes e soldados, que a obsequiavam com mimosas serenatas, levantando-lhe calorosos *vivas*, que ella gostosamente agradecia.

O predio em que era estabelecida a estalagem da Maria da Fonte, foi demolido ha annos pelo córte da estrada districtal n.º 6, que segue de Amares a Refojos de Basto; construiram-se varios e bonitos predios, e tem agora aquella avenida o nome de rua de Lisboa, uma das melhores e mais extensas da villa.

Assim, pois, embora a Maria Angelina de Simães fosse a heroina da revolta, não foi, por certo, a que deu o nome á revolução, e a unica origem acceitavel, e que se crê verdadeira, de tal nome, é a que fica fielmente narrada.

[1] Taborda, aboletado na residencia, obrigou o parocho a mandar abrir, na taipa, uma porta, para uma sentinella lhe rondar a cama, em quanto elle dormia!

Sanctuario da Senhora do Pilar — Desenho de João de Almeida

e logo enviados para Braga; mas, ao passarem na serra do Carvalho, lá vão tiral-os á escolta os moradores das proximas freguezias de Ferreiros e Geraz. Estava visto que o vulcão se ia espraiando, e para suffocal-o com pequenas forças---já era tarde. Maria da Fonte tornou a esconder-se.

Em consequencia de tudo isto, n'uma manhã, ainda que tardiamente, chegou á Povoa outra força de 250 bayonetas do regimento 8, commandadas pelo major Malheiro, a qual fazendo juncção com a do primeiro destacamento, ficou ás ordens d'aquella patente superior. Foram aboletadas na freguezia d'Oliveira e parte oriental da de Font'Arcada, onde se conservaram poucos dias, até que vindo do administrador do concelho de Vieira uma lamentosa requisição, por se ter ali sublevado o povo, marchou para lá toda a força. Ao mesmo tempo foi novamente occupada á freguezia de Gallegos por outro destacamento, do regimento n.º 9, composto de 50 praças, cujo commandante não só fraternisava com o povo, senão mostrava as confidencias que recebia!. . . por isso, foi d'ali transferido para Guimarães, onde o povo das freguezias do norte, conduzido pelo padre José das Caldas, no dia 15 de abril, tentou entrar. Houve tiroteio entre elle e a tropa, ficando com um quarto quebrado por uma bala aquelle commandante.

No mesmo dia os povos de Prado, depois de queimarem o archivo

da administração do seu concelho, capitaneados por outro padre, avançaram a Braga e atacaram de surpreza os quarteis do regimento 8... Foram, porém, repellidos e perseguidos até ao rio Cavado, deixando bastantes mortos e feridos: pelo que foi mandado recolher o major Malheiro com toda a força do seu commando que se achava em Vieira.

Tambem, n'esse mesmo dia, os povos da freguezia de Souto, Donim e Briteiros, do concelho de Guimarães, homens e mulheres, invadindo o concelho da Povoa de Lanhoso pela freguezia de Santo Emilião, entraram em S. Martinho do Campo, atravessaram Villela e foram pernoitar nos logares de Quintella e Porto d'Ave, na freguezia de Thaide, obrigando a seguil-os todas as pessoas que encontravam. Aqui se lhes uniu Maria da Fonte com as suas pistolas e clavina.

Ao outro dia, 16 de abril, tocando todos os sinos a rebate, era pavoroso vêr, ao som d'elles, como se abalava aquella mole de povo, a qual subiu, com toda a lentidão, ás freguezias de Travassos, Brunhaes e Esperança, desceu a Oliveira, baixou a Font'Arcada, deixando queimados, nas regedorias, todos os papeis, e fazendo juncção com os povos de Gallegos e Lanhoso.»

Recordando estes episodios póde o leitor ir vendo de passagem a situação d'essas freguezias. Depois de Gallegos ali tem *VILLELA*, onde existem ainda as ruinas do solar e paço dos Villelas. Além, na baixa, na orla d'esta deliciosa veiga, que o Ave banha pelo nascente, levanta-se a matriz de *GARFE*, uma das primeiras que presenceou as scenas tragicoburlescas das inhumações feitas pelo povo amotinado.

Sobre a direita fica a pequena freguezia de *LOUREDO*, outr'ora meeira com *S. MARTINHO DE CAMPO*, cuja egreja, assombrada pelas oliveiras do adro, se ergue mesmo sobre a margem da estrada.

Na occasião em que passamos, surge d'uma azinhaga um prestito curioso, a proposito vindo para evocar recordações de enterramentos! Mas quão differente este pequeno cortejo funebre, que sobe d'um logarejo ignorado da margem do Ave, trazendo, atravez d'esta serenidade da natureza, o cadaver d'uma creança para ser sepulto em sagrado, d'aquellas tumultuarias exhumações feitas pelo mulherio ignorante e fanatico! O sol dardeja no pino do meio dia; as arvores não bolem, os campos estão arfando na embriaguez da luz. O senhor vigario, de sobrepeliz branca e estola cruzada sobre os hombros, debaixo do seu guarda-sol descorado pelo tempo, caminha vagaroso, derreado pela soalheira. Um garotito, o filho do sachristão provavelmente, adiante, vibra de longe a longe a campainha. E, oscillando, nas mãos de quatro homens, o pequenino caixão sobre que de certo cahiram não ha muito as lagrimas doridas d'uma mãe, embala

essa creança que dorme o eterno somno d'onde se não acorda. Na solidão casta d'este meio dia da aldeia, vendo passar esse cherubimsito que dorme, como lembram aquelles versos de Junqueiro:

Ó mães, que tendes filhos, mães piedosas
Quando elles morrerem creancinhas
Enfeitae-lhe os caixões de brancas rosas
Deixae, deixae voar as andorinhas
Em busca das paragens luminosas.

Não acordeis as timidas creanças
No pequenino tumulo risonho:
Ditosos os que vivem como esp'ranças,
Felizes os que morrem como um sonho!

*
* *

Entramos na ponte.

Termina ahi S. Martinho de Campo e principia a freguezia de *SANTO EMILIÃO*, a ultima que nos resta visitar do concelho da Povoa. Ali está o seu pequeno adro assombrado por velhas oliveiras e o campanario isolado, uma torresinha destacada da matriz, onde oscilla nas ondulações da brisa o sino parochial. Adiante logo encontra o leitor a capella de S. Bento, que pela sua capacidade se prestava melhor a ser a matriz da freguezia. É espaçoso o seu adro e ornamentado por formosas oliveiras. Em julho faz-se ahi pomposa romaria e em todos os primeiros domingos de cada mez uma boa feira, a melhor das quaes é em março, *pelo tempo do gado*. No adro existe ainda a pequenina capella do Senhor dos Passos.

Uma nota commum a quasi todas as freguezias da Povoa.

Quando casa uma lavradeira rica, o *arco* da festa, cujo exemplar o leitor conhece já d'um capitulo anterior, ordinariamente situado ao entrar do adro, é por essa occasião enfeitado com lenços de seda e cordões de ouro, que as mordomas ou amigas da noiva emprestam para esse fim. As mulheres que o enfeitaram, collocam-se junto d'elle na passagem da noiva e esta, conforme a sua generosidade ou riqueza, dá-lhes uma libra ou meia, que é distribuida por todas.

Depois do casamento e em seguida a este cortejo espaventoso, ha boda larga e farta na casa para onde vão os desposados.

*
* *

Fechando o capitulo.

A Povoa de Lanhoso, como o leitor teve occasião de vêr, é um concelho especialmente agricola, e de fundas tradições politicas e religiosas.

Cremos sinceramente que, apezar de quarenta annos decorridos, a Povoa de hoje não vae muito além da revolucionaria de 1846, e que no fanatismo das suas mulheres se encontraria ainda com que modelar os mesmos typos de insurgentes.

A imprensa da Povoa é hoje representada pelo jornal *A Maria da Fonte*, hebdomadario noticioso, litterario e agricola, nascido em linha recta do *Castello de Lanhoso*, que teve uma existencia ephemera. As suas escolas primarias reduzem-se a duas em Lanhoso, uma para cada sexo, e a mais sete para o sexo masculino, distribuidas pelas freguezias de Ferreiros, Monsul, S. Bartholomeu da Esperança, Serzedello, Thaide, Travassos e Verim.

Na estatistica do crime referida a 1880 colhem-se os seguintes dados: Foram julgados 22 crimes, sendo 3 contra a ordem, 14 contra pessoas e 5 contra a propriedade. Eram 40 os réos, sendo absolvidos 10, 1 condemnado a penas maiores e 29 a correccionaes. D'esses 40 pertenciam 26 ao sexo masculino e 14 ao feminino, sabendo lêr apenas 7, e sendo analphabetos 33. Eram 8 réos de fóra da comarca.

Pelo que respeita á riqueza agricola do concelho em dois grandes ramos a podemos dividir: industria pecuaria e cultura do milho e vinho. Segundo as informações officiaes não é o concelho dos mais favorecidos sob o primeiro ponto. Assim é que o valor dos seus gados se eleva apenas á cifra de 144 contos, dizendo o intendente de pecuaria no seu relatorio, «que é na Povoa quasi nulla a creação bovina, embora as condições physicas do terreno sejam geralmente accommodadas ao pascigo dos gados.» Deve ter, porém, segundo o mesmo funccionario, alguma importancia a creação vaccum, assim como a recreação do armentio barrozão e braguez, como a tem a ceva que se exerce em algumas freguezias, mórmente em Aguas Santas e Geraz.

O valor pecuario é computado no seguinte mappa:

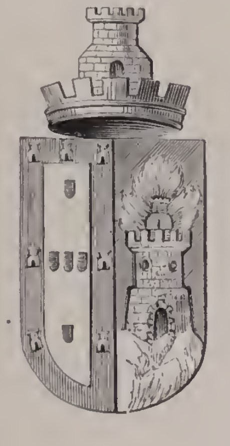
ESPÉCIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	550	5:436$500
Muar	59	1:626$000
Asinino	135	276$900
Bovino	3:803	114:658$000
Lanar	2:889	1:377$700
Caprino	335	367$700
Suino	4:219	21:089$500
		144:832$300

Não temos elementos para avaliar da intensidade e extensão da cultura do milho, que é a mais importante, assim como não offerecem uma exactidão segura os dados estatisticos que se podem apresentar para demonstrar a producção, que se calcula ser no concelho de 2:000 pipas approximadamente. As vinhas são quasi todas de embarrado, predominando as castas conhecidas pelos nomes de borraçal, espadeiro, vinhão tinto, mollar, verdeal, bastardo e alvarelhão. Geralmente prepara-se uma só qualidade de vinho verde tinto com a mistura de todas as castas, havendo, porém, alguns lavradores que fazem a selecção da uva e preparam por isso uma qualidade um pouco superior. Os vinhos de melhor reputação são os do valle de Geraz. As vindimas fazem-se por todo o mez de setembro, sendo o vinho feito ordinariamente em lagares de cantaria.

Resumidas assim as informações que podem colher-se sobre a industria agricola da Povoa de Lanhoso, resta-nos apresentar ao leitor um pequeno rol dos preços correntes nos seus mercados semanaes:

Vinho (pipa)	18 a 22$500 reis
Milho (alqueire)	420 »
Centeio	500 »
Feijão amarello	560 »
» rajado	530 »
» fradinho	460 »
Batatas	320 »
Castanhas	400 »

Fechando o capitulo com o baraço que prende o taleigo das compras, eu devo lembrar ao leitor que é exactamente nas animadas feiras da Povoa que melhor póde apanhar-se a physionomia pittoresca e viva d'essa população vigorosa, trabalhadora e fanatica, hoje ainda inflammavel com as recordações historicas da foice roçadoura de 1846.



CONCELHO DA POVOA DE LANHOSO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aguas Santas, *S. Martinho*	228	279	507	113 *a*
Brunhaes, *S. Paio*	158	203	361	91 *b*
Calvos, *S. Gens*	241	266	507	109 *c*
Campo, *S. Martinho*	233	278	511	121 *d*
Covellas, *S. Julião*	121	137	258	53 *e*
Esperança, *S. Bartholomeu*	215	305	520	130 *f*
Ferreiros, *S. Martinho*	148	182	330	82 *g*
Frades, *Santo André*	144	200	344	96 *h*
Friande, *Santo André*	190	275	465	127 *i*
Gallegos, *S. Martinho*	138	173	311	91
Garfe, *Santos Cosme e Damião*	401	486	887	204 *j*
Geraz e Santa Teda, *Santo Estevão*	273	356	629	148 *k*
Louredo, *O Salvador*	98	134	232	59
Monsul, *S. Martinho*	318	382	700	168 *l*
Moure, *Santa Maria*	152	174	326	83 *m*
Oliveira, *S. Thiago*	202	295	497	132 *n*
Povoa de Lanhoso — Fonte Arcada, *O Salvador* [1]	796	941	1:737	405 *o*
Povoa de Lanhoso, *S. Thiago*	531	731	1:262	292 *p*
Rendufinho, *Santa Maria*	306	343	649	147 *q*
Santo Emilião, *Santo Emilião*	203	243	446	100 *r*
S. João de Rei e Ajude, *S. João Baptista — S. Pedro*	257	332	589	143 *s*
Serzedello, *S. Pedro*	526	483	1:009	217 *t*
Sobradello da Goma, *Santa Maria*	389	548	937	215 *u*
Thaíde, *S. Miguel*	510	627	1:137	254 *v*
Travassos, *S. Martinho*	321	367	688	142 *x*
Verím, *Santa Maria*	168	206	374	94 *y*
Villela, *S. Miguel*	247	313	560	139 *z*
	7:514	9:259	16:773	3:955

a Comprehende esta freguezia os logares de Calborio, Poço de Vides, Loureiro, Robuido, Patos, Cabo, Moinhos, Egreja, Crugeira, Pomares, Olival, Serzeda, Insua, Passo, Recobello, Bouça.

b Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Sequeiros, Leiradello, Boa Vista, Torre, Covas.

c Comprehende esta freguezia os logares de S. Gens, Torão, Nasse (com os moinhos de Porto de Bois), Reguengo, Quintães, Paredes Secas, Calvos (com os moinhos de Pontido).

d Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Souto, S. Pedro, Vias Covas, Cazelhos, Deveza, Costa, Agro, Villans, Agra, Casal Novo, Outeiro, Orieiro, Regos, Motta, Monte, Bouça, Fonte Cova, Vinha, Ventuzella e Casal de Lonredo, e o casal de Naceiros.

e Comprehende esta freguezia os logares de Covellas, Sinde, Guivães, Egreja, Villa, Quintãs, Monte, Badieiro, Carvalho, Feiteira, Boucinha, Braceiras, Pardieira, Bouça dos Fojos, Ribeirinha.

f Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Villar, Murteira, Ermida, Outeiro de Amores, Barzias, Ponte, Lamosas.

g Comprehende esta freguezia os logares de Ferreiros, Cruzeiro, Portella, Boa Vista, Valinhas, Quintã, Lama, Primaveres, Alminteiro, Cachada, Egreja, Magalhans, Ribas, Paredes, Souto, Casa Nova, Barrello, Boa Vista, Torre, Bolhoso, Boncinhas, Real, Nogueiras, Bouça, Cruzes, Carvalho.

h Comprehende esta freguezia os logares de Torrão, Senra, Portellinha, Rego, Torre, Vicente, Courellas, Barrio, Pereira, Seara, Requeixo, Via Cova, Quintãs, Passadiço, Costa, Outeiro, Fontellas.

i Comprehende esta freguezia os logares de Friande, Fradellos, Travassos, Souto, Egreja, Quintã, Traz da Serra, Longães, S. Silvestre, Outeiro.

j Comprehende esta freguezia os logares de Garfe, Assento, Rando, Egreja, Barral, Tapada, Gondians, Veçada, Roda, Esteiro, Eiras, Quintã, Gastos, Condes, Fun'de Villa, Cavallos, Passo, Deveza, Carvalhinho, Costa, Comieira, Togueira, Salgueiros, Pinheiro, Azenha da Carreira, Grova, Fonte do Milho, Real, S. Pedro, Commenda, Azenha Nova, S. Roque, Teire, Trahidos, Sub Outeiro, Outeiro d'Oris, Penna.

k Comprehende esta freguezia os logares de Santo Estevão de Geraz, S. Vicente de Portos, Monte, Passos, Costa, Rego, Amaraes, Pinheiro, Penedo, Traz Sola, Arcas, Outeiro, Mattos, Longainha, Bouça, Quintã, Benello (?), Santo Antonio e Olival, Casa do Senhor, Calva, Monte, Quixomar, Pena.

l Comprehende esta freguezia os logares de Lamas, Tulho, Real, Monte, Burgo, Montorro, Barja, Estremadouro, Souto, Outeiro, Lacaió, Cancella, Lavandeira, Barrio, Monte de Baixo, Pousadella, e a quinta de Monsul no meio dos ditos logares.

m Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Casa Nova, Monte, Silvares, Sardoal, Breia, Costa, Boucinha, Caldezes de Cima, Caldezes de Baixo, Barrio de Cima, Barrio de Baixo, Outeiro, Rabosido, Rechão, Sete Fontes, Arrabalde, Lage, Lirio.

n Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Lage, Lamella, Fonte, Fun'de Villa, Nespereira, Bario, Monte, Passos, Poça, Calçada Nova, Outeiro, Senra, Quintães, Alem, Rio, e a quinta do Monte.

o Comprehende esta freguezia: *Metade da villa da Povoa* onde estão o pelourinho, paços do concelho, cadeias e admi-

[1] Grande parte da freguezia de *Fonte Arcada* faz parte da villa de *Povoa de Lanhoso*.

nistração; os logares de Portella, Bagões, Quintãs, Oliveira, Barges, Mosteiro, Arrifana, Cruzeiro, Carvalhal, Barreiro, Aldeia, Moinhos Novos, e o casal de Padim.

p Comprehende esta freguezia, alem da maior parte da Villa da Povoa, os logares de S. Pedro Aldemil, Horto, Pinheiro, Boa Vista, Tonral, Quintas, Feira Velha, Fonte do Rei, Villa e Oliveira, Cima de Villa, Real e Barro, Villa Nova, Sequeiros e Pedreira, Souto de Cima, Souto de Baixo, Cal, Pregal, Egreja.

q Comprehende esta freguezia os logares de Santa Maria de Rendufinho, Sobradello, Arcas, Amarellos.

r Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Lagedo, Sobreira, Arcas, Pincas, Pinheiro, Painçais, Monte, Pedreira, Poça, S. Bento, Rendufle, Quintãs, Pombal, Villa Seca, Retorta de Baixo, Retorta de Cima.

s Comprehende esta freguezia os logares de S. João de Rei, Casaes, Cancellos, Corredonra, Cabo, Lages, Outeiro, Crasto, Antas, Argainha, Requeixo, Gêsto.

t Comprehende esta freguezia os logares de Botica de Baixo, Portella, Val de Luz, Cima de Villa, Serzedello, Fornello, Carvalhal, Botica de Cima, Bezerral, Pardieiros.

u Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Lages, Pennas, Bacello, Vargiellas, Duquezas, Moleiras Novas, Vage, Villarinho de Baixo, Villarinho de Cima, Mouta, Soutinho, Egreja Velha, Cabanellas, Carreira, Berraria, Quintã, Alconce, Pinhel, Outeiro, Souto Velho, Godinhos, Varzeas, Bellomonte.

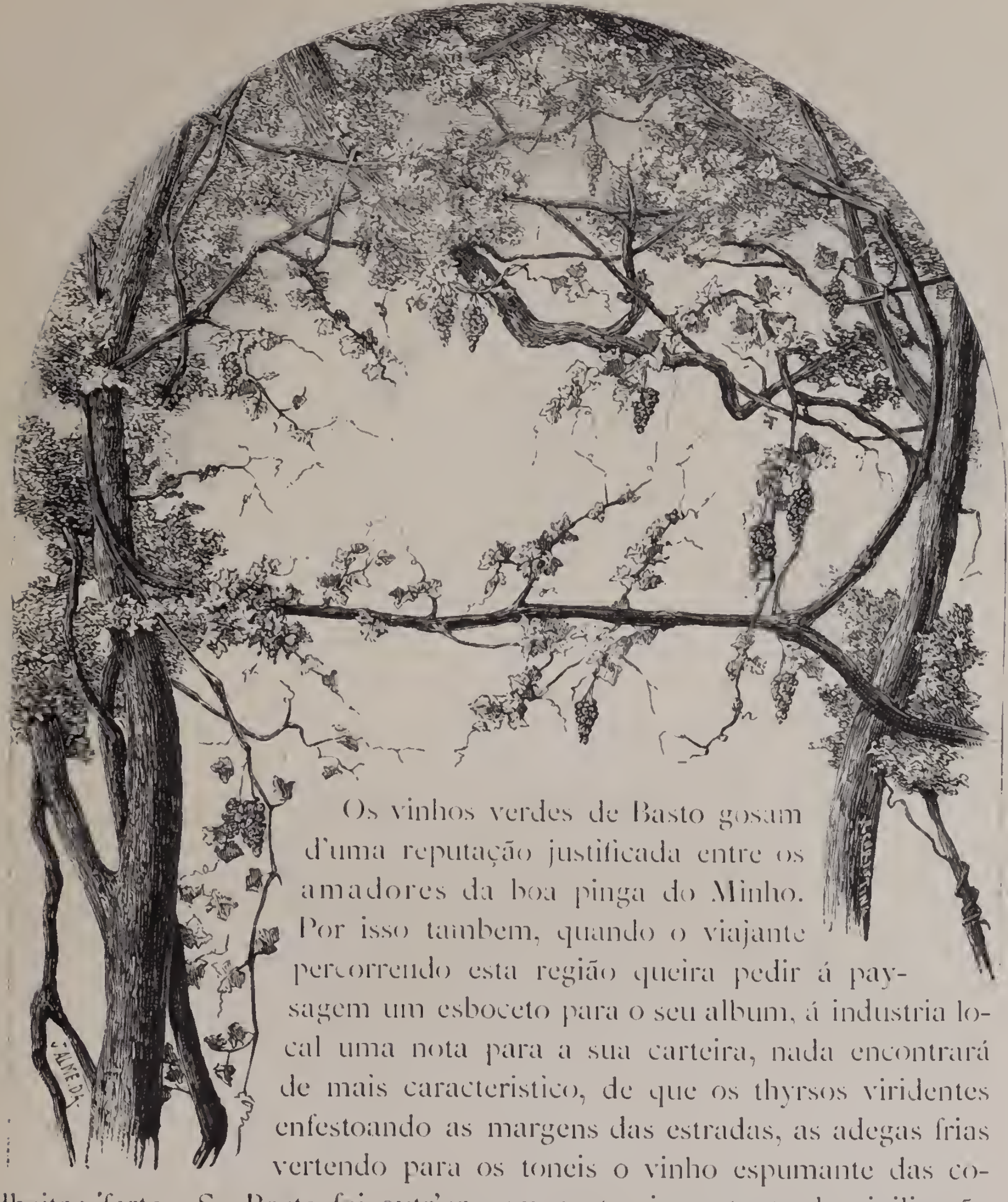
v Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Figueiredo, Tapadas, Monte Oliveira, Quintella, Moinhos da Porla, Bubeiro, Castro, Bouça, Cima de Villa, Lages, Ribeiro, Corredoura, Pedreira, Verdial, Pomar, Souto, Santo Amaro, Outeiro, Porto d'Ave, Ralde, Cruz.

x Comprehende esta freguezia os logares de Travassos, Bustellos, Paredes, Rio Ave, Monte, Villas, Leiradella.

y Comprehende esta freguezia os logares de Verim, Egreja, Lagido, Cima da Bouça, Deveza, Maia, Paredes, Barrio, Gmssói, Batocas, Linhares, Sarolla, Bouças, Quintella, Pereiro, Cruz.

z Comprehende esta freguezia os logares de S. Miguel de Villela, Paço Velho, Portella, S. Thome, Monte, Chã, Lama, Ribeira, Telhado, Pomar Maior, Boucinha, Paço Novo, e as quintas de S. Domingos e Portagigui.

CABECEIRAS DE BASTO



Os vinhos verdes de Basto gosam d'uma reputação justificada entre os amadores da boa pinga do Minho. Por isso tambem, quando o viajante percorrendo esta região queira pedir á paysagem um esboceto para o seu album, á industria local uma nota para a sua carteira, nada encontrará de mais caracteristico, de que os thyrsos viridentes enfestoando as margens das estradas, as adegas frias vertendo para os toneis o vinho espumante das colheitas fartas. Se Basto foi outr'ora um centro importante da civilisação peninsular, um copo de vinho, rutilando como rubis fundidos, foi decerto o phyltro mysterioso, que fez apagar essas tradições, para que hoje não tenha Basto outros cuidados, que não sejam os de dormir descançado debaixo dos pampanos viçosos, sonhando apenas nas grandes alegrias da sua vida agricola.

Uma vez por outra o verde de Cabeceiras sobe um poucochinho ás cabeças; signal de que elle é bom! Ainda outro dia na romaria dos Remedios, no Arco de Baulhe, o diabo fez das suas, e tal e tanta foi a bordoada, que alguns morderam a terra para todo o sempre, coitados!...

—Boa romaria faz quem na sua casa fica em paz—haviam de dizer

os que não foram, se é que n'esse dia algum faltou no Arco;—o vinho, o vinho,—commentariam esses—eis ahi a causa de tão lamentaveis desgraças!

Acceitemos, leitor, o commentario e porque sabemos de tradição, de quanto é capaz o *verde* da localidade, cautella, que vamos a entrar em terras de Cabeceiras.

*

* *

Vindo da Povoa de Lanhoso pela nova estrada districtal, que passa em Rossas, a primeira freguezia que nos fica sobre a esquerda e a de *BUCCOS*, a duas leguas ainda de Refoyos. Coroada no inverno pelos toucados de neve, com que a presenteia o enamorado noivo o Marão, transforma-os ella depois nas sinuosas fitas, que estende até o Tamega, com os nomes de ribeiros de Agua Telhada, Villa Boa, etc., depois de os haver encontrado na confluencia da ponte do Gado, por sob a qual passam para fertilisar a campina. Deliciosa na sua situação elevada, Buccos domina um horisonte largo e encantador; e se o viajante nada mais tem que apontar na sua carteira de notas além d'esse aspecto pittoresco e viçoso, o povo d'ahi é que não esquece a ermida de Santa Marinha, que tres vezes no anno visita em romaria, animado pela sua ingenua crença piedosa.

Aqui temos já *CABECEIRAS* ou S. Nicolau, n'uma situação um pouco mais amêna, mas em todo o caso rescendendo a poesia singela e forte das montanhas. Ella foi outr'ora a séde das Terras de Basto e ao seu concelho deu foral D. Manuel em 1514. É n'esta freguezia o solar da illustre casa da Taipa. Parece que antigamente, diz P. Leal, houve duas freguezias com o mesmo nome de Cabeceiras, tendo uma S. Nicolau como orago e a outra Santa Marinha,—talvez a ermida a que já fizemos referencia—e isto porque a de S. Nicolau era apresentada pelos arcebispos de Braga, emquanto a de Santa Marinha era apresentação dos Pereiras, da Taipa, sendo esta decerto mais antiga visto ser descripta pelo *Portugal sacro e profano,* que não menciona a primeira.

Dominada pela cruz da Ranha fica-nos sobre a esquerda *ABBADIM,* couto d'este nome, no concelho de Cabeceiras de Basto, e que até 1834 teve ainda juiz ordinario com os respectivos escrivães e mais empregados. Na torre do Bairro, de que hoje só restam ruinas, foi a prisão do couto. Uma outra torre ameiada no sitio da Lama foi o solar dos Badins, segundo é tradição.

A freguezia do *OUTEIRO,* que nos fica a uma distancia analoga de Refoyos, embora mais para noroeste e por isso á direita do caminho em

que vamos, ahi está entre a frescura embalsamada dos seus pinheiraes, confrontando por um lado com *PASSOS*, a montanheza, visinha, pelo outro, do logar da Raposeira, pertencente á *PAINZELLA*, terra de vinho excellente, e fructos saborosos, que se podem aproveitar agora que vamos fazer um curto descanço para visitar

REFOYOS

a séde da moderna comarca de Cabeceiras de Basto. Desemboca-se n'um espaçoso largo, ornamentado por Australianas viçosas. Ao fundo o vulto do mosteiro, fabrica sumptuosa, que dá á primeira vista uns ares da Estrella de Lisboa, domina, pela sua imponencia, todos os edificios que lateralmente ornam o largo, embora sejam para notar algumas das construcções modernas, que ficam sobre a faixa esquerda. É no convento que estão as repartições publicas e é n'elle tambem que o viajante póde encontrar o que ha de melhor em Refoyos, ou Refojos de Basto.

—Vamos, pois, vêr o mosteiro.

São obsequiosos e affaveis os cavalheiros de Cabeceiras, e com a maior amabilidade nos acompanham durante essa visita. É d'uma só nave o templo e com um zimborio elegante, da altura de 33 metros, tendo na base 36 de circumferencia e sendo n'esse ponto rodeado por uma varanda interior, a que exteriormente corresponde uma outra, onde existem as estatuas, em tamanho natural, dos doze apostolos. No remate do zimborio eleva-se a estatua de S. Miguel, com $2^{m},64$ de altura. O côro da egreja é explendido, de talha magnifica, infelizmente pintada a branco,—um horror de conservação só admissivel em terra de barbaros—e tem ao centro da grade que o circumda um Christo crucificado, de preciosa esculptura. Os dois orgãos, um real, o outro simulado, são encimados pelas estatuas da Fé, Esperança, Caridade, Justiça, Fortaleza e Temperança, e sustentados por satyros, explendidamente esculpturados, com as mais soberbas physionomias que temos visto n'esse genero de trabalhos. Em ambos os orgãos, deprehende o leitor, é prodiga a ornamentação de talha, prodigalidade que continúa nos quatro altares lateraes e altar-mór da egreja, nos pulpitos, nas grades de ebano, archibancadas e estantes, etc. Se do templo passarmos á sachristia, a nota de grandiosidade continúa a accentuar-se ainda e o leitor póde sobretudo admirar os bellos arcazes, em que se guardavam os paramentos, e uns quadros a oleo em que se representa a genealogia do povo de Israel. O purificatorio é tambem um distincto trabalho digno de vêr-se.

Subindo da sachristia para as antigas cellas, passa o leitor por sob um

formoso *arco abatido,* se arco póde chamar-se a uma verdadeira linha horisontal, que sustenta parte da larga escadaria. A meio do caminho convido-o a subir os degraus que levam até á torre, onde por certo não dirá mal do convite, se o dia estiver claro, pois se lhe offerece ensejo de gosar d'ahi a viçosa bacia de Cabeceiras de Basto.

*
* *

Aqui tem a seus pés a alameda e a povoação de Refoyos, dominada pelo moderno cemiterio, cujos muros de alvenaria destacam na côr acinzentada da collina, e na sua frente entre os pinheiraes que enchem a montanha, parte das freguezias do Outeiro e da Painzella, que já lhe descrevi, para o norte a cruz da Ranha dominando Abbadim, mais na serra *RIO DOURO,* que era apresentação do D. Abbade d'este mosteiro de Refoyos, e cujo pequeno rio vem das vertentes da serra da Orada até ao Tamega; *PEDRAÇA,* um pouco já para nascente, fertilissima nos seus valles e montados, onde um estudo minucioso de archeologia deveria ser feito para se averiguar das preciosidades que por ventura existam ahi do tempo dos romanos.

Por mais de uma vez já se tem encontrado no seu termo, — uma foi no logar de *Bradella,* — moedas romanas de prata do tempo de Augusto, outras de bronze de Galliano e Constantino, perfeitamente conservadas.

A ceramica antiga, que reproduzimos em gravura, é contemporanea d'essas epochas e foi aqui achada tambem, não podendo todavia precisar o sitio.

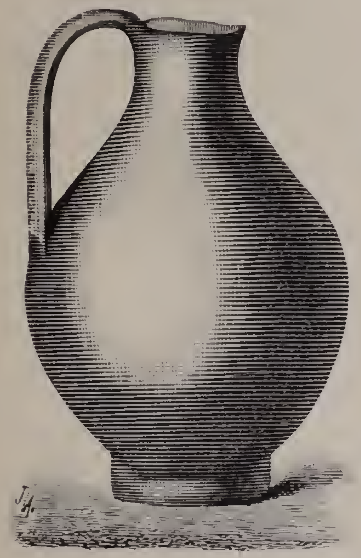
Ahi estavamos nós a divagar, do alto, — sem trocadilho, visto que é no alto da torre que nos achamos, — e embebidos n'essa frescura de paysagem, cujos contornos queriamos delinear.

*
* *

Desça o leitor comnosco ao espaçoso claustro, quadrado de elegantes columnas e taça de granito ao centro, e vamos visitar o resto do mosteiro, que é hoje destinado ás repartições publicas e ao... publico que não é das repartições.

N'um dos refeitorios, sabe o leitor, está alojada hoje a escola primaria! Que pena que o *a b c* substituisse o chispe com feijão branco! No outro, — estremecei, ó manes dos monges piedosos! — os curiosos de Cabe-

ceiras ergueram um templosinho á Comedia! E, quando a chuva das noites de inverno rufa lá fóra por sobre o arvoredo crispado com a folhaca da neve, elles, os impios, recitam poesias comicas, ou representam dramas sentimentaes, sem se lembrarem que ahi, sob essas mesmas arcadas, onde á luz da stearina as senhoras de Cabeceiras ostentam as suas *toilettes* de gala, fazendo perder a cabeça a muitos dos espectadores, os frades benedictinos passaram pelo alçapão da gula muitos peccados veniaes em soberbos pratos deliciosamente estudados e em preciosos vinhos mais deliciosamente bebidos. Como hão de hoje estremecer... de riso as sombras asceticas dos Bentos ao verem na meza do palco um jantar de papelão e uns vinhos de agua assucarada!

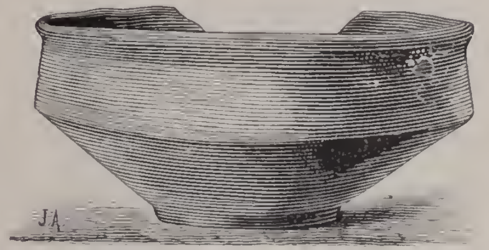


Ceramica romana (V. pag. 528)

Mas, vamos, é para Cabeceiras o meio mais rasoavel de cortar a semsaboria das suas longas noites de inverno e de crear convivencia amavel entre gente, que morreria de tedio sem essa irradiação espiritual da civilisação.

Ainda te não fiz a historia do mosteiro e no entanto estamos de novo no largo em frente da sua espaçosa fachada, cujas minuciosidades a gravura me dispensa de descrever; como curiosidade narrarei apenas, que no altar de S. Miguel, cuja larga varanda fica entre as duas torres, se diz missa no dia do santo, 29 de setembro, assistindo a ella o povo ajoelhado na alameda, por occasião da grande feira annual de S. Miguel.

O mosteiro foi, segundo alguns, fundado em 670 pelo rico-homem Hermigio Fafes; segundo outros por D. Gomes Soeiro, cujo retrato se vê ainda na casa que foi capitulo, tendo a seguinte legenda: — *D. Gomes Soeiro, fundador d'este mosteiro, em 670.*



Ceramica romana (V. pag. 528)

Floresceu em religião durante a dominação arabe, chegando a ter n'essa epocha 67 monges, e em 1403 passou a abbades commendatarios. D. João III, em 1525, doou-o a seu filho bastardo, D. Duarte, arcebispo de Braga e prior-mór de Santa Cruz

de Coimbra e mais tarde a fr. Diogo de Murça, que obteve do papa Paulo III um breve para se extinguir o convento, e fazer em Coimbra os collegios de S. Bento e S. Jeronymo, empregando ainda o remanescente na fundação de um instituto para doze ecclesiasticos pobres. Os monges de Refoyos oppozeram-se, porém, a este breve e o convento não foi supprimido, e tão boas razões apresentaram elles que foi o proprio fr. Diogo de Murça que requereu ao pontifice a conservação do mosteiro, o que Paulo IV auctorisou em 1555. E d'ahi até 1570, data em que fr. Diogo morreu, sendo sepultado na capella-mór, não cessou a sua iniciativa de fomentar os accrescentamentos d'esta casa religiosa, que só em 1690 de todo se concluiu, ficando então um dos mais sumptuosos monumentos da provincia. O mosteiro foi um dos mais ricos do Minho, provindo-lhe a maior parte da sua riqueza dos fóros e propriedades que possuia em Barroso (Traz-os-Montes), doação de Vasco Gonçalves Barroso, primeiro marido de Leonor de Alvim, senhora que em segundas nupcias casou com o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Tão boas eram as rendas do convento, que, apezar de terem os monges de mandar para Coimbra 3:500 cruzados annuaes, o que lhe sobrava de fóros, rendas, direitos de padroado e dizimos que recebia, fazia ainda assim d'elle um dos mosteiros mais ricos da ordem, subindo a uns 13:000 cruzados o seu rendimento annual.

Afóra isto possuia o convento um grande couto, com justiças proprias da nomeação do D. Abbade, ouvidor nato d'esse couto, tanto no civel, como no crime. Segundo um quadro que representa o abbade D. Bento Mendes pagando a D. Affonso Henriques o ajuste da compra e recebendo d'elle a carta de mercê, vê-se que o couto foi comprado a esse monarcha pelo preço de que resa o theor da carta de mercê—*800 mararedis—Eu, Egregio D. Affonso, por amor de vós Bento Mendes, que muito estimo, faço couto para o mosteiro de Refoyos, firme e valioso, por oitocentos morabitinos, que de vós recebi, e tudo quanto n'elle me pertence, dou por livre e absoluto, etc...*

O convento foi em varias epochas collegio da ordem e em 1834 tinha ainda um abbade, um prior, 12 monges e 25 leigos. A sua valiosa livraria foi mandada para Braga em 1838; durante os quatro annos de abandono, quantos roubos e vandalismos se não praticariam ahi!

Esta a historia do mosteiro de Refoyos, que é, por assim dizer, tambem a da freguezia, ou antiga villa de *Refoyos de Basto*, a que D. Diniz deu foral em 1307, e D. Manuel foral novo em 1514.

Archeologicamente, o que de mais notavel existe em Refoyos é pertencente ao logar de *Santa Comba*, onde em 1805 um monge do convento,

fr. Bento de Santa Gertrudes, achou nas ruinas d'um mosteiro de monjas, que ahi se diz ter existido, uma inscripção romana, que o epigraphista allemão dr. E. Hübner completa da seguinte fórma:

imp. CAES . M
au T O N I O
g O R D I A N O
au G . PIO . P . P
conse CRATVM
pe R . M . VAL
ca R V M . E T
m . VAL . PRO
cu LINVM . E
iu S . PRAEF

Se foi ou não ahi um mosteiro de benedictinas, que, segundo alguns escriptores, succedeu a um templo de vestaes, não é perfeitamente averiguado; o que fóra de duvida se póde, porém, pôr, é que ahi existiu, segundo Hübner, uma povoação importante, visto que o dedicador é um representante do imperador—*præfectus jure dicundo*.

Modernamente a villa de Refoyos, séde do concelho e comarca de Cabeceiras de Basto, não offerece ao *touriste* outros aspectos, que não sejam os que lhe dá a sua situação pittoresca, ou os episodios alegres da sua vida agricola, apanhados *d'après nature* nas feiras, nas romarias, nas vindimas, nas esfolhadas, nos serões, ou nas esturdias.

Quanto a romarias, por exemplo, não escasseia o seu numero. Póde o leitor escolher a de S. João, a de Santo Amaro em Chacim, a da Senhora da Orada em Cucana, a da Senhora das Neves na Lagoa, afóra outras que teremos ainda occasião de lhe noticiar.

*
* *

Aqui tem a proposito um grupo de romeiros, que vem descendo a Raposeira e vão para *CAVEZ*, onde contam deixar, com a protecção de S. Bartholomeu, o *mafarrico*, que os apoquentou durante um anno. O que eu desejava saber era qual do grupo ia possesso do maldito mafarrico; se esse rapaz folgasão, de largo chapeu de palha, que vae na frente tocando melodiosamente o seu pifano de barro, se a rapariga esbelta, de capa do-

brada na cabeça e sóccos na mão para marchar mais ligeira, cantando em competencia com o tocador:

> Ai, minha canninha verde
> ai, ó, do verde limão
> quem me dera, amor, trazer-te,
> dentro do meu coração.

Se não eram os dois os mais endemoninhados do grupo pela mocidade, que é sempre um pouco demonica, não o eram decerto os dois compadres, que iam ao lado da moça, o bello guarda-sol debaixo do braço, os varapaus ao hombro, d'onde pendia a jaqueta; nem as duas ou tres comadres que fechavam o rancho, com os alvos merendeiros á cabeça, e os tamanquinhos na mão, como que para demonstrar o luxo e a superfluidade d'essa peça de vestuario. O leitor, porém, póde destrinçar esta duvida, se tem a peito saber qual do grupo é o possesso do mafarrico; basta que os siga até que se aviste a capella de S. Bartholomeu. Então o possesso ou possessos entrarão em scena immediatamente, com tregeitos e berregos tragi-comicos, convulsões spasmodicas em que o diabo se vê atenazado, paralysias d'um hysterismo soez, que os que vão sãos no grupo curam arrastando os endemoninhados até á capella, onde ordinariamente tal agitação acalma, não muitas vezes sem auxilio d'uma *benzedeira,* quando os casos são um pouco mais complicados, e que o pobre S. Bartholomeu se não entende com elles.

Não é esta a unica usança curiosa, que deve incitar o leitor a ir á romaria de Cavez. Chegado ahi, na manhã de 24 de agosto, especialmente, verá que todos os romeiros se dirigem a uma fonte que existe na margem direita do Tamega, para beber da agua d'essa nascente, que preserva de todas as molestias futuras, curando ainda por cima todas as presentes! Melhor e mais barato que a Salsaparrilha de Ayer.

Não se limitam simplesmente a beber; d'ahi a levam em cantaros, garrafas, cabaças, etc. para ter de reserva em casa e offerecer aos amigos. É tambem costume levarem ahi as creanças doentes para se banharem, sendo do ritual lançar a camisinha pelo rio abaixo, onde pessoas conhecidas a vão apanhar. Ao leitor, que não visita Cavez, cumpre-nos dizer que essa nascente é sulphurosa, havendo mesmo a tradição de que ahi existira antigamente um hospital, onde vinham tomar banhos os doentes do hospital de Braga. A fonte emerge de terrenos graniticos no lado direito do Tamega, como notámos já, e sobre a margem esquerda é que fica a capella de S. Bartholomeu.

Uma antiga ponte de cantaria, mandada edificar no seculo XIII, ao

que se diz, por fr. Lourenço Mendes, une os dois logares, pertencendo por isso a capella á provincia do Minho, que vae até ao meio da ponte, e pertencendo a nascente á provincia de Traz-os-Montes. Esta scisão dá muitas vezes logar, quando sobretudo o vinho tem corrido em abundancia, a verdadeiros duellos das duas povoações, que aos gritos de *Vira o Minho!* ou *Vira Traz-os-Montes!* se batem denodadamente a cacete e á pedrada, quando não é muitas vezes a tiro, dizendo os da margem esquerda para os contrarios—*andae á fonte;* respondendo-lhes os da direita—*andae ao santo*. E como brios são brios, a noute de 23 é n'essas occasiões uma verdadeira noute tragica para os que vão á romaria de Cavez.

Ao norte da freguezia ficam as de *VILLAR DE CANHA,* antigamente annexa á de Cavez, mas hoje independente, e a de *GONDIÃES* e *SAMÃO,* outr'ora duas parochias, mas hoje uma reitoria unica, sem historia que possa interessar-nos a ponto de demorar a nossa excursão, que foi principalmente á romaria de Cavez.

Fallando d'este logar, eu não me perdoaria o deixar de fazer conhecer ao leitor, que por ventura a não conheça, uma deliciosa perola litteraria engastada por Camillo Castello Branco no titulo «*Como ella o amava*» e que é um episodio d'essa popular romaria, descripto com aquelle poder de colorido, verve e sentimento, de que só o grande artista possue o segredo.

COMO ELLA O AMAVA!

I

Aos 24 de agosto, na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tamega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os Montes, celebra se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz. Vem aqui, de muitas legoas em volta, dezenas de creaturas obsessas. É para notar que raro homem alli vá incubado de demonio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso unico, a meu vêr, em que os sobreditos espiritos se mostram espirituosos.

É de saber que o demo tem caprichos sujos; e n'isto, como em muitas outras coisas, parece homem, com resalva do leitor. A legião d'elles, que se entranhou na vara de cochinos, era indecente. S. Jeronymo, na vida do beato Hilarião, conta d'um formidavel demonio que se alojou n'um camelo, o qual, levado á presença d'aquelle santo, urrou, caíu, e desfez-se do sevandija que o incommodava. O mesmo conta fr. Luiz de Sousa de um urso possésso, que, ao signal da cruz de S. Bartholomeu dos Martyres, caíu, estrebuchou e morreu. Tambem se mette nos legumes o maldito! O mesmo santo farejou-o n'uns feijões fradinhos. Já é condição mui rasteira, ou muito má vontade aos feijões em odio aos frades!

Affirmam insignissimos auctores que ha seis especies de demonios: igneos, aérios, aquaticos, subterraneos e lucifugos. Anda a gente cercada d'estes malandrins, que zombam da policia, e fazem praça do seu despejo até ao escandalo de se metterem n'ella!

A mim, pois, não me espantava o grande concurso de mulheres endiabradas que vi na romaria de S. Bartholomeu, em Cavez. Do usurpado senhorio de algumas direi que me fez inveja a besta immunda! Eram desempenadas raparigas de Barroso, escarlates e possantes como as

matriarchas do genero humano; pulsos de ferro, olhos coriscantes, e fórmas tão esculpturaes da belleza antiga, que eu fiquei scismando se o demonio desengraça com as raças adelgaçadas, e vae ás montanhas procurar corpos com capacidade de o receberem. Ainda bem que vae. Se assim não fosse, a sala de baile havia de ser um pandemonium!... E quem sabe se é? O regirar vertiginoso dos bailados não parece coisa macabra, doidice satanica, vortice em que as almas vão remoinhando até cairem nas fauces do dragão? Eminentes sabios e santos estão commigo.

Oiçâmos o congregado Bernardes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vêl-o de fóra para confessal-o. Aquelles mesmos movimentos do corpo, tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento.»

E ajunta:

«...Bem certificados podêmos ficar de que os bailes, danças e saraus costumam trazer comsigo muitos peccados. A não ser assim, nem os demonios insistiram tanto em os persuadir...»

S. Valeriano na *Homilia 6.ª*, *De otiosis verbis*, diz que as danças são laços do demonio que ajudam a dar muitos garrotes. E o psalmo 139, quando diz *caput circuitus eorum*, quer dizer que o diabo é o cabeça das reviravoltas de um baile.

Logo: os bailados são diabruras.

Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquellas energúmenas que eu vi na egreja de Cavez, em 1842. Ha que annos isto vae!... N'aquelle tempo, até as mulheres com espirito ruim me pareciam bôas.

Voltei lá no anno seguinte, armado de figas que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractarios ao demonio.

Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartholomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprasados para alli. Um morgado, meu visinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mór de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandára demolhar em póças um braçado de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elasterio, e cingirem-se melhor com as costas das victimas. Estes preparatorios aqueciam me o animo bellicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze annos.

Por 9 horas da noite do dia 23, saímos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma legoa distante. Por volta das onze horas, fizemos alta n'uma aldeia chamada Aroza, convisinha dos montados por onde se estendia o arraial. Alli reuniu se comnosco uma estúrdia, que vinha dos lados de Cerva, e n'esta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas egualmente impunes que arrogantes, e especie de barões feudaes, a cujas barbacans não ousavam chegar as justiças d'el rei. A cantadeira da esturdia era uma rapariga de dezoito annos, sécia talhada a primor, carregada de oiro, mas ainda assim leve como uma arféloa, saltando quando não cantava, rindo a escancaras quando não saltava, linda como as dryades dos córregos, alegre como a felicidade das serras. Oh! que moça! Que legião de tentadores demonios ia n'ella!

O morgado Pacheco de Andrade abraçou o maioral da turba, e concertou o plano da batalha.

Dizia o de Cerva:

—Eu quero-me vêr peito a peito com o Victor de Mondim! Um de nós ha de ficar escutando a cavallaria.

—Que tens tu com elle?—perguntou o morgado.

—Tenho que elle conversou dois annos com a Isabelinha do Reguengo; depois ella deixou o á minha conta, e voltou-se para mim. E vae elle, na feira de S. Miguel, caíu sobre mim, e mais vinte dos seus. Fiz face a todos, em quanto o páo me não estalou na cabeça d'um. Depois caí debaixo d'um bosque de estadulhos, e estive á morte. Aqui tem o sr. morgado o que eu tenho com elle.

—A moça vale a pena?

—É esta que está a cantar.

—Guapa rapariga!... Tens razão, Lobo!

—Já correu o primeiro pregão dos banhos.

—Casas com ella?

—É a melhor lavradeira do povo, e de cara ninguem no concelho lhe deita agua ás mãos.

—Então será bom que te poupes, Lobo! Nada de morrer!

—Que tem lá isso? Se morrer, já não preciso casar. Morra o homem e fique a fama!

A este tempo cantava a Isabelinha do Reguengo:

Quem quizer cantar commigo
ha de ter no peito amores;
amam as aves cantando
entre arvoredos e flores.

E o competidor respondia:

Entre arvoredos e flores
já te eu vi, linda pombinha,
deixei-te ir sem te dar fogo,
que eras d'outro e nem já minha.

O Lobo de Cerva ouviu esta copla, e franziu a sobrancelha, envesgando os olhos ao cantor; depois foi á beira de Isabel, e disse-lhe:

—Não cantes mais.

—Porque, João?!

—Não cantes mais, faze-me isso... Oiço cantigas que me bolem cá no interior.

—Pois não canto. Vamos conversando—disse ella com alegre condescendencia.

Á meia noite entrámos no arraial. Já o tiroteio tinha rompido das duas margens do Tamega. As balas assoviavam nas ramagens da carvalheira onde se ajuntavam os caudilhos em conselho de guerra. Nenhum romeiro pacifico já se mettia á ponte. Os atrevidos agrupavam-se nas extremidades; os da esquerda esperavam a ronda de Cerva, os da direita a de Mondim. Na ponte passeavam uns doze soldados de infanteria, idos de Guimarães; pobres homens de quem os contendores não faziam caso nem conta. Os tiros, pelo arder da escorva, viam-se romper dos altos das mattas fronteiras. A tropa estacionára na ponte, encarregada de evitar o choque das duas rondas inimigas.

Ora eu, prevalecendo-me da inoffensiva presença dos meus annos, desci á ponte, e atravessei-a como coisa que ninguem vira. Fui direito á egreja observar a lucta de S. Bartholomeu com o diabo. Era isto principalmente o que me chamava.

Quando cheguei vi simplesmente cinco demoniacos, amarrados por cincoenta braços de pujantes barrosãos, em quanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demonio rabiava n'ellas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre levantava a voz tambem enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do genero humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas caíam sem forças no regaço das mães chorosas, archejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depôr no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a egreja.

Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demonio respectivo de cada uma tinha declarado.

Que officio adopta o diabo ás vezes!... Assim mesmo é o mais util que eu lhe conheço.

II

Quando volvi á ponte já não pude romper a mó de povo que se baldeava d'uma a outra margem do caminho, e se desfazia em filas desordenadas, as quaes pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira acima.

Tinha começado a lucta.

A ronda de Cerva avançava da parte d'além; a de Mondim, recebendo aquelle movimento como signal de batalha, avançou tambem. Ribombavam os zabumbas de ambos os lados, e guinchavam as requintas por sobre a vozeria da tropa, que se esforçava em evitar o encontro, de baioneta calada.

O alarido das mulheres e rapazio d'um e d'outro lado, retinia nos echos das margens penhascosas do Tamega. As fuziladas relampagueavam entre os mattagaes. A vertigem do terror estendera-se a todo o arraial. Dirieis que os demonios desalojados dos corpos das mocetonas, exasperados de raiva satanica, tomaram á sua conta fazer alli um inferno provisorio, mesmo nas barbas de S. Bartholomeu!

Ouvi o retintim das baionetas sacudidas dos seus engastes pelos páos certeiros dos barrosãos, bandeados na hoste de Mondim. Divisei os doze soldados espremidos entre as multidões inimigas. De repente os de Cerva fizeram pé atraz; os de Mondim tambem, e por momentos reinou um silencio, que devia ser como a serenidade d'um céo torvo de borrascas na intercadencia de dois raios. Que suspensão fôra aquella? Cingi-me com a guarda da ponte, e cheguei ao meio. Avisinhei-me do primeiro grupo dos d'além, e ouvi dizer que, no afôgo da briga, Isabel do Reguengo se lançára entre as vanguardas dos combatentes, e bradara: «Matem-me primeiro a mim!» E, dito isto, cruzara os braços.

Victor de Mondim reconheceu-a, e clamára aos seus: «Alto, meus rapazes!» e o Lobo de Cerva, cobrindo-a com o seu páo argolado de cobre, exclamára: «olhae que é minha noiva!»

Assim se explicava o improviso regresso de cada exercito aos seus arraiaes. Caso digno de memoria!

É, pois, certo que Victor de Mondim lhe queria muito ainda. Que milagre! Dois annos a vêl-a todos os dias santificados, e andar duas legoas para vêl-a, duas legoas tão queridas na ida, e outras duas tão longas e saudosas na volta!... Porque assim deslealmente o deixaste, Isabelinha do Reguengo? Por que havias de ser tu mulher como tantas? Que atomos da peste das cidades coavam em tua alma, ó virgem dos arvoredos?

Fui onde estava a gente de Cerva. Isabel comia cavacas, e repartia d'ellas com o Lobo, que ensopava um lenço de sêda em camarinhas de suor. Uns pimpões estavam encostados aos páos, cruzando com elles as pernas, outros emborcavam grandes picheis e canecas de vinho. O meu visinho morgado José Pacheco de Andrade empannava a cabeça partida, e desequilibrava as pernas, não já por causa do terreno, senão que o vinho desmentia n'elle o caracteristico humano da posição vertical, com quanto o meu visinho, mais que nenhum outro corpo, com grande gloria de Newton, pendesse ao centro da terra.

Ahi por volta das tres horas vieram parlamentarios d'além, propondo a passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder, e tartamudeou:

— Não ha convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

Disse, e deu ares de se acabar primeiro que o restante do mundo. Cambaleou floreando o cerquinho elastico, tropeçou no proprio páo, e caiu na calçada, que, por ventura, a fantasia rica e ardente lhe afigurou almofada com toda a flacidez convidativa d'um longo somno.

Os parlamentarios foram repetir com gravidade as palavras do ébrio. Rompeu de lá temerosa grita, e logo o tiroteio.

Lobo depoz o varapao, e pegou da sua clavina de dois canos. Isabel segurou-o pelos alamares de prata da jaqueta, rogando-lhe que se aquietasse. O bravo, que seguia a maxima do «morra o homem fique a fama» sacudiu de si a moça e bradou:

— Rapazes! á ponte!

Ergueram-se todos, e o proprio morgado lá das trevas espessas da sua modorra, ainda rugiu:

— A elles!

Os de Mondim, quando ouviram o instrumental, avançaram á entrada da ponte. A passo egual iam ganhando terreno uns e outros.

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da musica. Era Victor de Mondim que bradava:

— João Lobo de Cerva!

Lobo fez calar os seus, e respondeu:

— Quem me chama?

— É Victor de Mondim.

— Aqui estou.

— Se es homem, sáe sósinho, que eu tambem saio ao meio da ponte.

— Nunca o diabo te mostrou homem mais homem! Ahi vou.

Isabel lançou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de afflicção e ternura. E elle repelliu-a com desamor de inimigo, exclamando:

REFOYOS, SÉDE DO CONCELHO DE CABECEIRAS — *Desenho do natural por João de Almeida*

—Que diabo me pedes tu, mulher? Queres que eu cáia aqui morto de vergonha?!

E eu *estava de angulo a espreitar*, como um santo bispo de Sevilha diz em seus cantares, o qual santo, segundo modestamente confessa, espreitava de angulo o batalhar de godos e sarracenos.

Senão quando, os dois paladinos, adiantados de suas immoveis cohortes, param a vinte passos, com as clavinas aperradas.

—Não ha de ser tua nem minha! — disse Victor.

—Tua, por Deus te juro que não será! —respondeu Lobo.

E, a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois moribundos arquejantes.

Que horror de grita restrugiu então! Que frenesi de espedaçarem-se conglobou em feroz abraço os dois campos! Era um segundo duello de homem para homem com cem braços. Os de Mondim levantaram o cadaver de Victor, e defenderam n'o; os de Cerva, cegos de furial vingança, não viram que os outros remessavam ao Tamega o cadaver de João Lobo.

Isabel tinha caído como fulminada pelo relampago das escorvas. Passaram por cima d'ella os seus parentes e amigos a vingarem-lhe o noivo. Pizaram-lhe o peito, onde já não havia coração que sentisse a dór. E eu approximei-me, reconheci-a entre a multidão, e pedi que me ajudassem a tiral-a da ponte.

Assim se fez. Deram-lhe um encosto sobre as caniçadas d'um carro de fructa, e rodearam-n'a algumas mulheres temerosas, que, pouco depois, a desampararam, fugindo ao silvo das balas.

Eu tinha ido ao longo da ponte, na aberta em que os de Mondim retiravam a segurarem da represalia o cadaver do seu chefe.

Quando voltei, ao nascer do sol, fui ás caniçadas, e não vi Isabel. Perguntei por ella e disseram-me que tinha fugido como doida.

Por ambas as margens do Tamega se alinharam duas fileiras de homens, rebuscando o cadaver de João Lobo. Palmilharam meia legoa de caminho fragoso, sem o encontrarem. Volveram desanimados, cuidando que o cadaver fôra ao fundo, e lá encalhára na penedia, ou se engastára nas raizes dos salgueiros. Os melhores mergulhadores bateram todas as cavernas conhecidas. Perdidas forças e esperanças, volveram de novo á ira, e recobraram alento para se vingarem.

Em quanto a raiva os reaccende, e o arraial fica abandonado ás correrias dos valentes e dos ébrios, vamos encontrar Isabel, sentada na margem esquerda do Tamega, sobre uma rocha que se debruça a cavalleiras da corrente.

Tem o rosto entre as mãos, e os olhos cravados na espuma do jorro de agua precipitado em bacia de fragas. Assim está desde que o sol nasceu, o sol ardente de 24 de agosto, que lhe cáe a prumo sobre a cabeça.

Que espera alli aquella mulher como empedernida pela dôr?

Que pensam d'ella uns pastorinhos que da serra fronteira lhe perguntam que faz alli?

Não os vê nem ouve.

Espera o resvalar do cadaver do noivo no rolheiro d'onde não descrava os olhos pávidos?

O sol inclina já ao poente, e ella cerra as palpebras, e cobre-as com as mãos, baixando a cabeça no regaço.

Talvez que o fogo do céo lhe houvesse calcinado o cerebro, e os lampejos da torrente a cegassem!

A rocha em que Isabel está é puida e resvaladiça.

Instantes de desmaio bastarão a despenhal-a. Um ancião, que d'além a vira desde a madrugada até sobre tarde, vadeou o Tamega nas poldras, chegou á raiz da rocha, e disse:

—Ó cachopa, que fazes ahi?

Isabel estremeceu, e circumgirou os olhos, esfregando-os.

—Que fazes ahi, môça? —tornou o velho.

—Estou á espera do meu defuncto — respondeu Isabel.

—Do teu defuncto!? Então elle vem pelo rio!? Querem vossês vêr que tu eras mulher do Lobo de Cerva?... Eras ou não?

—Havia de ser... —disse Isabel a grandes brados, erguendo-se de golpe; havia de ser!... havia de ser!...

—Desce cá para baixo, creatura, que o mal da morte não tem remedio. Vem d'ahi que eu dou-te agasalho, e ámanhã irás para os teus. Olha que tu malhas ao poço, mulher. Deus te defenda, que morres!

N'este momento, Isabel abordára mais á aresta do penedo.

O velho, que não podia trepar á rocha escorregadia, gritou pelos pastores d'além. A moça poz as mãos em oração; e, depois, tapando os olhos, despenhou-se!

Antes de baquear-se na refervente cachoeira da bacia, já tinha abolado o craneo n'um angulo da rocha.

Os pastores esperaram o cadaver n'um remanso d'agua, e alli o velaram, durante a noite, aguardando que a justiça fosse alevantal-o.

Como ella o amava!...

Camillo Castello Branco.

*

* *

Vamos deixar Refoyos para nos dirigirmos a algumas freguezias do sul. Ao fundo da alameda a ponte lançada sobre o pequeno rio Basto introduz-nos directamente na estrada districtal, que vae ligar com a que vem de Guimarães, no Arco de Baulhe, e uma vez ahi esta vegetação luxuriosa do Minho,—custa já a empregar o adjectivo consagrado,—expande-se em frouxeis tão viçosos, em ramarias tão entrelaçadas e frescas, em tão densa espessura de pampanos e olmeiros, que a gente chegaria a acreditar-se perdido n'este labyrintho vegetal, se a estrada, o unico fio de Ariadne que nos orienta, não nos viesse indicando por ali fóra o caminho, cada curva do qual fórma uma deliciosa paysagem. E então como é bello o effeito das videiras lançadas, como verdadeiros festões, de arvore para arvore, na extensão de alguns metros! Dir-se-ia que o homem teve em vista não consentir uma unica interrupção entre as arvores que orlam os seus campos e que, accedendo a esse pensamento tão gracioso, mais talvez que productivo, as uveiras se deram os braços alegremente, como que para formar um lindo cordão de festa. A nossa gravura reproduz do natural essa disposição tão artistica da cultura da vinha, cuja originalídade pertence exclusivamente a estas terras de Basto.

—Ali está *SANTA SENHORINHA DE BASTO*, indicam-nos ao encontrarmos sobre um vallesito proximo da estrada duas torres emergindo da verdura, como que mettidas n'um quadrado de olmeiros entrelaçados de vinha.

Desce-se um corrego estreito e poucos minutos depois, caminhando por entre os campos de milho, estamos na egreja parochial, a Sé de Basto, como lhe chama o povo, talvez querendo indicar com a sua denominação a antiguidade do templo, que encerra os manes de Santa Senhorinha, a quem se attribue a fundação n'estes sitios—talvez no Campo da freira?—d'um convento, de que não restam hoje vestigios.

Santa Senhorinha era filha do conde Ufo Ufes, ascendente dos Sousas, e, já na qualidade de freira benedictina, para aqui veiu do convento de Vieira, em 930, estabelecer um mosteiro da sua ordem. Morreu em 982. O seu nome é hoje ainda invocado pela crendice popular contra a cura das intermittentes, sendo curioso o modo por que o povo pede para esse fim a intervenção da santa. Vão doentes resar junto do seu tumulo, que está a um dos lados d'uma capella no interior da egreja, e, depois da resa,

Hospedaria do Arco — Desenho do natural por João de Almeida

rojam-se sobre o pavimento para com uma penna, um ramusculo, ou qualquer outro instrumento appropriado, esgaravatarem por entre as fendas ou intersticios do tumulo o solo onde elle assenta, e *pedirem assim a terra á santa* para curar as maleitas, operação que é feita depois em casa, tomando a terra n'uma infusão de hervas escolhidas. Aquelles, porém, que assim conseguem um pouco do pulverulento remedio, são os eleitos de Deus, os justos e innocentes de macula; porque aos outros, áquelles que estão em peccado mofento, a santa *nega* o prodigioso pó do seu tumulo.

Estas informações, textualmente colhidas d'um lavrador que andava mondando milho em um dos campos proximos da egreja, attestam, pela sinceridade com que eram ditas, o grau de atrazo da nossa educação po-

pular. E no entanto esse trabalhador obscuro, queimado pelo sol, mal vestido e mal alimentado, que fugiria talvez da escola para não gastar dinheiro em livros e papel, tinha dispendido á sua parte, como mordomo da festa da Santa Senhorinha, para cima de 30$000 réis.

— Só em andores, dizia-nos ufanamente, gastei eu 12$000 réis! Conte depois o sermão, e missa cantada, o fogo, etc., etc., e veja quantas moedas ahi não vão!

— Mas é rico, você?

— Trabalha-se, vae-se vivendo; mas acabou-se, a santinha tudo merece.

Foi este mesmo desconhecido trabalhador, que nos levou tambem a uma fonte ou pequeno tanque ultimamente descoberto, a alguma distancia da egreja, em cuja agua o povo principiou logo a encontrar effeitos maravilhosos, sendo, após essa descoberta, extraordinaria a concorrencia, que hoje diminuiu por opposição do proprietario do campo.

Seria alguma taça ou fonte do tradicional convento de Santa Senhorinha? Só futuras explorações o podem decidir, mas ao leitor basta saber que não só antes, como depois d'essa epocha marcada pela vida de Santa Senhorinha, esta povoação floresceu, quer sob o dominio romano, como sob o reinado de D. Affonso II, que lhe deu grandes privilegios, entre os quaes o de couto á freguezia, que só em 1620 foi extincto. D. Affonso III e depois D. Pedro I confirmaram e ampliaram esses privilegios, entre os quaes citaremos, por curioso, o de não ser o povo d'aqui obrigado a dar palha nem verde para os cavallos do real serviço. No logar de Pereiras, onde se faz ainda hoje uma feira mensal no ultimo de cada mez, era a séde d'esse extincto couto, fazendo-se as audiencias na casa chamada do Paço.

Da existencia d'uma colonia romana importante falla, segundo Hübner, a inscripção seguinte, por este epigraphista completada e corrigida:

*i*MP . CAES
*t. ael*IO . HADR
iano . AITONINO
AVG . PIO
per t. FVRNIVM
m. f. gal. PROCVL
*um e*T . A . VEGETI
um . f. gal. . . .
. . . .

Ainda um trecho bucolico de paysagem, a que não falta a doce tranquillidade da agua corrente do pequeno ribeiro de Santa Senhorinha e eis-nos em *ARCO DE BAULHE,* na famosa hospedaria do ou da Pacheco, conhecida por todo o viajante que transita do Minho para Traz-os-Montes, deliciosamente celebre, como a Capua de Annibal, para quem arroste fadigas e leitos ruins, immundicies e trombas sugadoras de insectos, por essas hospedarias e tavolagens das duas provincias do norte. Uma consolação essa modesta mas aceiada hospedaria do Arco, onde o viajante encontra um banho fresco que o predispõe maravilhosamente ao almoço, servido na sala de jantar varrida e limpa, a toalha escrupulosamente branca, o vidro dos copos como que lapidado de fresco. É o timbre e a vaidade da sr.ª Pacheco este aceio hollandez da sua hospedaria, tão de estranhar entre os habitos da provincia, *avis rarissima* nos hoteis do norte, ainda mesmo nos de algumas terras de importancia. E porque assim é considerada por todos os viajeiros, como recordação nossa ahi fica tambem essa gravura, em que fielmente se representa a hospedaria do Arco de Baulhe, ou de Bagulhe ou Baunte, como lhe chamam por vezes. O nome de Arco provém á aldeia do que sustenta uma antiga ponte de cantaria lançada sobre um confluente do Tamega, que do *vau* para baixo divide a freguezia da de Santa Marinha de Pedraça e que morre n'aquelle rio junto ás formosas cachoeiras do *Telhado,* notaveis não só pela belleza, como pelas trutas magnificas que ahi se criam. A matriz do Arco, um pouco acima do logar em que fica a hospedaria, é bastante espaçosa e foi fundada em 1700.

Se outra occasião não tiver o leitor de visitar o Arco e o deseje de proposito fazer, deve effectuar a sua excursão nos dias 7 e 8 de setembro para assistir ahi a uma das mais importantes romarias do concelho, a de Nossa Senhora dos Remedios. A ella concorrem os povos de todas estas alturas de Basto e com especialidade os das freguezias mais proximas, como são *VILLA NUNE,* á margem Tamega, a mais visinha do Arco de Baulhe, com quem limita pelo norte, tendo ao sul Canedo, freguezia de Celorico, onde o parocho reside, accumulando as funcções de pastor de Villa-Nune por ser esta pequena e pobre. A matriz de Villa-Nune é por egual singelissima e humilde, e apenas tem digna de menção especial a capella de S. José cujo fundador foi, em 1792, o homicida Miguel Teixeira, da casa do Valle, que em seguida ao crime praticado por questões de uma agua de rega, fugiu para o Brazil, onde adquiriu boa fortuna. Foi elle tambem o fundador da confraria de S. José e Almas, que ainda hoje existe, pensando por suas pias intenções resgatar perante Deus o acto que por allucinação commettera.

Á festa de Baulhe não falta tambem a gente de *FAIA*, ou *Sant'Iago das Bichas*, assim denominada—diz Faria e Sousa—por haver ahi um rio pequeno que «em dois ou tres dias do anno, vespera e dia d'aquelle santo, se povôa de sanguesugas, e onde os enfermos que vão em romaria entram, e ellas subindo por elles acima os mordem e chupam o sangue, e saem sãos.» Em Faia está a quinta de Villar que foi dos senhores de Regalados, Limas de Abreu, e por allianças matrimoniaes passou aos Rebellos Lobos e Pereiras da Silva; *ALVITE* finalmente, na falda da serra da Orada, que o leitor avista sobre a sua direita ao subir para Gandarella, sorrindo alegremente por entre os soutos dos seus castanheiros, e dando-se uns ares de *vieille roche* com as apparencias da casa d'Alvação ou Torre de Alvite, que fica a pouca distancia da estrada. A 2 de setembro faz-se em Alvite uma feira importante, notavel sobretudo pela concorrencia da famosa raça dos touros barrosãos. Á freguezia pertence a capellinha de Santa Catharina, no monte d'este nome, curiosa por estar edificada sob duas grandes penhas de granito.

Finalisamos a nossa excursão por Cabeceiras; a estalagem do Arco foi ahi a nossa ultima estação de descanço e agora que o trem nos conduz lentamente para a Gandarella, o leitor tem occasião de lançar uma vista de conjuncto sobre as recordações que trouxe de Refoyos para com ellas fundamentar o seu juizo sobre a vida actual d'este concelho.

—Vamos, que lhe parece?

A impressão está fresca ainda; a paysagem tem os mesmos contornos, a vinha os mesmos enlaçamentos artisticos.

Pois bem, é isso mesmo. Ahi está a synthese do concelho de Cabeceiras de Basto—a vinha tratada com arte—o vinho... pelo amor da arte.

*

* *

O concelho caracterisa-se pela riqueza dos seus vinhos e pela sua grande producção bovina. Daremos as informações sobre estes ramos da sua vida agricola, depois de alguns outros esclarecimentos uteis.

Na imprensa um semanario, modernamente nascido, o *Jornal de Basto*, veiu ainda ha pouco representar Cabeceiras. Não sei se teve a vida ephemera das rosas, ou se continúa ainda na estacada em defeza do partido progressista, a cujo programma adheria. Na instrucção não vae além de nove o numero das suas aulas primarias, sendo duas em Refoyos, uma para o sexo feminino, outra para o masculino de 1.º e 2.º grau, e as restantes em Abadim, S. Nicolau de Cabeceiras, Rio Douro, Pedraça, Cavez,

S. Martinho do Arco e Villar. Na criminalidade julgaram-se, em 1880, 26 crimes, sendo 2 contra a ordem, 15 contra pessoas e 9 contra a propriedade. Eram 36 os réos julgados, sendo absolvidos 23, 3 condemnados a penas maiores e 10 a correccionaes. Formavam este numero 29 homens e 7 mulheres; eram analphabetos 19, e sómente 30 pertenciam á comarca.

Da industria vinicola de Cabeceiras de Basto diz o relatorio do visconde de Villa Maior:

As videiras n'este concelho são todas levantadas em arvores altas e é ali opinião geral que, quanto mais altas andam, melhor vinho produzem. As castas cultivadas são numerosas, predominando o *souzão forte,* o *souzão gallego* e a borraçal. Prepara-se geralmente uma só qualidade de vinho tinto, que é muito estimado em toda a provincia e no Brazil. Os vinhos de Basto estabelecem a passagem dos vinhos verdes para os maduros. Teem geralmente uma bella coloração, em que predomina o rubro purpureo do souzão; seccos, sem demasiada rijeza, gosam de uma agradavel adstringencia de mistura com algum verdor; são aromaticos, gostosos, tonicos, e muito hygienicos. A sua conservação póde prolongar-se por mais de quatro annos sem trasfego e sem auxilio de aguardente e supportam as viagens maritimas. A força alcoolica é de 7,8 a 9. As vindimas, depois do apparecimento do *oidium,* teem-se antecipado á epocha em que antigamente se faziam, sempre depois de 8 de outubro; hoje fazem-se logo nos fins de setembro. Cheio o lagar, as uvas são pisadas pelos homens, unicamente o tempo sufficiente para se reputarem bem esmagadas. Deixa-se estabelecer a fermentação, que dura tres dias, indo n'este periodo alguns homens ao lagar para mergulhar o cango e dar uma pequena pisa — o que chamam mexer o vinho. Finda a fermentação envasilha-se o vinho não soffrendo mais tratamento algum.

A riqueza pecuaria do concelho computa-se no mappa seguinte, hoje talvez accrescentada pelo desenvolvimento que tem tido essa industria:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	283	4:123$500
Muar	96	2:796$000
Asinino	74	305$500
Bovino	3:369	101:361$000
Lanar	12:207	3:937$880
Caprino	7:829	4:584$000
Suino	5:907	40:425$000
		157:532$880

«É n'este concelho, diz o intendente de pecuaria do districto, onde ha proporcionalmente maior producção bovina, sendo as freguezias de Villar, Samão e Gondiães, Rio Douro, Abbadim, Bucos, e S. Nicolau (Cabeceiras), freguezias que confinam com as do concelho de Montalegre e ficam na região chamada de Barroso, onde ella tem logar. E não só criam rezes até aos quatro, cinco e seis mezes para se venderem depois aos *bezerreiros*, que as levam em grandes manadas para os outros concelhos, mas até se recriam, vendendo-se muitos bois e algumas vaccas para fóra. Das crias femeas, porem, poucas se vendem, porque a maior parte fica para dar creação. São por isso muito poucas as rezes que este concelho importa para recrear, e as já adultas ou feitas.

Tambem n'este concelho se pensam alguns bois. Os montes que melhores pastos prestam ás creações e que teem por isso maior nomeada são o monte Maçã, da Vibora, das Ribeirinhas, da Arada e do Cavallo. Esta grande quantidade de femeas para creação faz naturalmente pensar na abundancia do leite e no seu aproveitamento para manteiga e queijo. Effectivamente a industria dos lacticinios tem um importante logar em Cabeceiras, especialmente nas ultimas freguezias que citámos. Regula o preço do kilo da manteiga por 300 reis, subindo a mais de mil kilos a producção, quasi toda consumida no proprio concelho.

As camaras de Cabeceiras de Basto deviam pensar um pouco no desenvolvimento d'esta industria, que ahi tem as suas condições naturaes de existencia. Não importaria em muito o estabelecimento de uma *fructuaria*, dotada com todos os apparelhos modernos e a perfeição do fabrico daria em resultado o consumo espalhar-se pelo paiz e conseguintemente a riqueza para a localidade productora. Que a politica não absorva todas as attenções e que os municipios reclamem do Estado os auxilios que este póde dar-lhes para o fomento da vida local!

Prégar no deserto... e por isso concluimos dando ao leitor a nota do cabaz das compras, que póde fazer em Cabeceira nos seus mercados ao domingo, ou nas suas grandes feiras de S. Miguel:

Vinho (decalitro)	500	réis
» (pipa)	20$000	»
Aguardente bagaceira (decalitro)	2$250	»
» de medronho	1$800	»
Milho grosso (20 litros)	420	»
» miudo »	800	»
Trigo »	900	»
Castanha »	400	»
Batata »	300	»
Centeio »	420	»
Feijão »	600	»

Tremoços (20 litros)	420 »
Painço »	800 »
Uma gallinha boa	400 »
Mel (um litro)	200 »
Manteiga da terra (kilo)	240 »
Carne de vacca ou vitella (kilo)	220 »
Ovos (tres)	20 »

A vinheta que fecha este capitulo, em vez de um brazão de armas mais ou menos glorioso, representa, como o leitor vê, um simples cacho de uvas; póde bem ser o symbolo do concelho, embora talvez, se não houvesse anachronismo de mythologias, eu preferisse o alegre Baccho montado no boi Apis ou na vacca Isis, os deuses sagrados do Egypto. Vá o cacho de uvas, que não vae mal como brazão de Cabeceiras de Basto.

CONCELHO DE CABECEIRAS DE BASTO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abbadim, *S. Jorge*	270	320	590	136 (*a*
Alvite, *S. Pedro*	230	309	539	124 (*b*
Arco de Baulhe, *S. Martinho*	467	588	1:055	263 (*c*
Basto, *Santa Senhorinha*	368	383	751	199 (*d*
Buccos, *S. João Baptista*	375	460	835	182 (*e*
Cabeceiras de Basto, *S. Nicolau*	489	686	1:175	279 (*f*
Cavez, *S. João Baptista*	696	854	1:550	386 (*g*
Faia, *S. Thiago*	290	363	653	151 (*h*
Gondiães e Samão, *Senhora dos Remedios*	267	287	554	96 (*i*
Outeiro, *Santa Maria*	380	432	812	195 (*j*
Painzella, *Santo André*	281	333	614	161 (*k*
Passos, *S. Sebastião*	171	205	376	81 (*l*
Pedraça, *Santa Marinha*	397	443	840	102 (*m*
Refojos de Basto, *S. Miguel*	1:213	1:574	2:787	669 (*n*
Rio d'ouro, *Santo André*	1:009	1:058	2:067	409 (*o*
Villa Nune, *Santo André*	119	140	259	67 (*p*
Villar de Cunhas, *S. Lourenço*	252	225	477	88 (*q*
	7:274	8:660	15:934	3:678

a Comprehende esta freguezia os logares de Abbadim, Travaçò, Porto d'Olho, Turrinheiras, Eiró, Casas de Baixo, Carvalho, Portella de Baixo, Portella de Cima, de Cima da Aldeia, do Nuno, do Passadouro, do Amado, Corredoura, Egreja, das Beladaos, da Ramada, Bouça, Figueiredos, Mo, Redoudinho, Torre, Passo, Castro, Covello; os casaes de Travaço, Marco, de Gabriel Pereira dos Santos, de Gabriel Pereira de Carvalho, Porto d'Olho, de Baixo, Barroso, Carvalho, Correia, Turrinheiras, da Nova, do Teixeira, d'Alem, de Antonio de Lima, e as quintas de Batoco, Bamdo, Ranha.

b Comprehende esta freguezia os logares de Alvite, Cachena, Reiros, Petimão; os casaes de Pomar, Hortas, Sontinho, Outeiro do Forno, Penedo, Pereira; as herdades de Adro, Pero Basto, Torres, Alvação, Santo Antonino, Barbeitas, Samedes, Portella do Conto, Pelhteiro, e a quinta do Retiro.

c Comprehende esta freguezia os logares de Arco, Baulhe, Morgade, Carvão, Val Velho, Portella, Pertença, Paço, Gaiteiras, Telhado, Malhão, Cazal, Cima de Villa, Penedo, Bacello, Fonte, Fun'de Villa, Penissa, Canal, Tarimba, Recheira, Tarimba de Baixo, Quintã, Galés, Sobreira, Trofa, Ramada, Cal, e as quintas de S. Martinho e Arrabalde.

d Comprehende esta freguezia os logares de Ollela, Deveza, Paço, Rabaceira, Rendufe, e onze quintas sem nomes especiaes.

e Comprehende esta freguezia os logares de Buccos, Villa Boa, Carrazedo, Cazares.

f Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Celeiro do Monte, Lapella, Gondarem, Sandim, Fragoa, Beuteliberne, Penedo, Queiroal, Encosturas; os casaes de Val de Fontão, Lamellas; as quintas de Cumieira, Parada de Lamellas, Parada de Covas, Covas, Bouças, Taipa, Brea de Baixo, Brea de Cima, Mourigo, e uma herdade em Soutello.

g Comprehende esta freguezia os logares de Cavez, Aroza, Mumenta, Raviçaes, Revoriça, Ribeiro do Arco, e os casaes de Villa Franca e Ponte de Cerdedo.

h Comprehende esta freguezia os logares de Ribeiro, Amparo, Bouça Fria, Logar Novo, Terças; os casaes de Ginzo, Covilhã, Nogueira, Ribeira; as quintas de Villar, Souto Maior, Togeira, e as herdades de Agoeiros e Soutellos.

i Comprehende esta freguezia os logares de Gondiães, Samão, Penedo, Torneira.

j Comprehende esta freguezia os logares de Mallanços, Pinhel, Cabo-Villa, Panelladas, Pinhó, Fojos, Ervideiro, Mallanços de Baixo, Rio Trutas, Campos, Mortas, Esquiro, Nogueira, Penedo, Sobreira, Casa Nova, Pena Redonda; os casaes da quinta do Outeiro, Taipa, Vallado, Quintã, Casal, Ribeira, Encourados, e as herdades da casa do Covello, Ruival, Refojo, Espinhaço, Farrapa.

k Comprehende esta freguezia os logares de Balutos, Terreiros, Raposeiro, Gragilde; o casal de Cima de Villa, e as quintas ou herdades de Boal e Piellas.

l Comprehende esta freguezia os logares de Passos, Fun'de Villa, Cima de Villa, Portella, Quintim, Vinhal, Vizeu, Boa Vista, Bandeira, Cruz, Ribeira, Poço, e a quinta do Prado.

m Comprehende esta freguezia os logares de Pedraça, Boadella, Paço, Torrado, Valle, Carrapata, Ponte, Parada, Fun'de Villa; o casal de Sobreira, e as quintas ou herdades de Rogido, Pontinha.

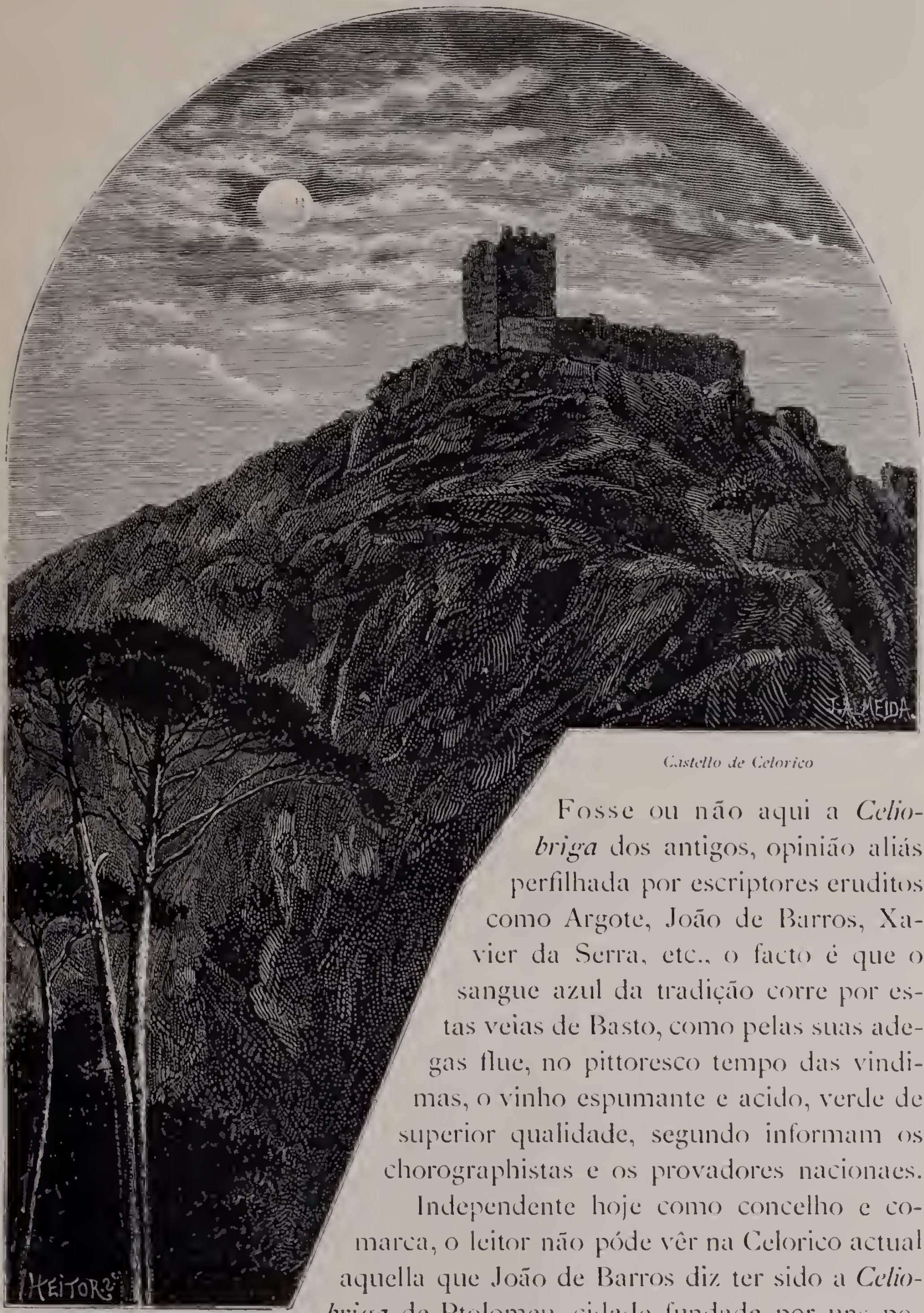
n Comprehende esta freguezia os logares de Refoyos, Cucana, Agua Redonda, Ponsadouros, Sernadella, Novaes, Salgados, Cancello, Regedouro, Pereiros, Carrazedo, Carvalhosa, Lameiros, Outeirinho, Sobreiro, Monte, Freita, Fontão, Chacim, Ponte de Pe, Charada (?), Raposeira; os casaes de Pinheiro, Novo, Barrosão, Lamellas, Ranhados, Alvação, Paredes, Calvellos, Mosteiro, Ribeira, e as herdades de Val de Flores, Rapo, Santa Comba, Montes Novos.

o Comprehende esta freguezia os logares de Rio d'Ouro, Eiro, Teixugueiras, Travaço, Magusteiro, Juguelhe, Formigueiro, Tomuha, Moscoso, Meijoadella, Villela, Leiradas, Asnella, Cambezes.

p Comprehende esta freguezia os logares de Villa Nume, Residencia, Gaudra, Valle, Casa Nova, Fojaes, Bouça, Silva, Frontelheiro, Muro, Oleiros, Picoto, Val de Mosteiros, Meroços de Cima, Meroços de Baixo, Roçada, Outeiro, Crujeira, Bouça de Cruieira, Ribeira, Carqueijal, Vinha da Cancella, Simães, e os casaes de Gandra, Oleiros, Crujeira, Ribeira.

q Comprehende esta freguezia tres aldeias, que são: Villar, Cunhas e A Hus (?).

CELORICO DE BASTO



Castello de Celorico

Fosse ou não aqui a *Celiobriga* dos antigos, opinião aliás perfilhada por escriptores eruditos como Argote, João de Barros, Xavier da Serra, etc., o facto é que o sangue azul da tradição corre por estas veias de Basto, como pelas suas adegas flue, no pittoresco tempo das vindimas, o vinho espumante e acido, verde de superior qualidade, segundo informam os chorographistas e os provadores nacionaes.

Independente hoje como concelho e comarca, o leitor não póde vêr na Celorico actual aquella que João de Barros diz ter sido a *Celiobriga* de Ptolomeu, cidade fundada por uns povos chamados *celerinos* (outros dizem Bastulos ou Bastianos), que vieram emigrando dos confins da Andaluzia; muito menos póde a minha ignorancia de chronista em viagem ou a sciencia dos sabios versados n'estas mate-

rias determinar-lhe precisamente o ponto, em que floresceu essa colonia, porque ainda a archeologia não desvendou esse mysterio. Quanto a mim difficil será mesmo exhumal-o de entre as camadas de *humus* secular que o sepultam, afóra as profanações da barbaria indigena que ao vel-o surgir por acaso n'uma lapide, n'um cippo, n'um vaso funebre, n'um tumulo, n'uma moeda qualquer, a elle se atira brutalmente destruindo-o, com aquelle hereditario rancor que das guerras antigas lhe ficou contra tudo o que é dos... *mouros*.

Precisamente, pois, o leitor não ficará sabendo por este capitulo, onde era Celiobriga, mesmo porque são tantos por estas terras de Basto os elementos, que affirmam a existencia de mais de um nucleo de civilisação semi-barbara, que seria difficil escolher o verdadeiro e o mais importante. Console-se em poder affirmar a remota antiguidade d'estas regiões, e se não tenta levar muito longe a sua inquirição historica, em saber de positivo que por aqui passou largamente o influxo da civilisação romana. Do resto a nossa historia falla com dados incontroversos, sendo por isso quasi desnecessario recordar ao leitor, que no tempo de el-rei D. Manuel era Celorico um importante concelho, a que este monarcha deu foral no anno de 1520. Quem hoje, pois, deseje visitar Celorico, ou ha de levar a picareta de operario para desobstruir camadas de terreno e dispôr de tempo para estudar n'essas excavações a historia do seu passado, ou ha de levar apenas o seu binoculo de viagem, e quando muito o seu album de *croquis* para apanhar de relance os seus montes e valles accidentados, um ou outro monumento que afflore ao solo, o seu aspecto moderno, os seus costumes, a sua vida actual n'uma palavra. Vamos com o nosso tempo, e com a indole do presente trabalho; deixar a archeologia para o sr. Possidonio.

*

* *

Quer o leitor vir comigo?

Ahi tem já uma romaria por entrada; nada mais alegre, sobretudo n'este mez de agosto, em que os milharaes estão lourejando e o *pintor* principia a experimentar o pincel n'um ou n'outro cacho mais exposto á luz clara do sol. Vão os romeiros para a Senhora d'Apparecida, e nós que os tomamos como guias, com elles vamos tambem, tendo assim o ensejo de logo ao sahir de Cabeceiras entrarmos na freguezia de *S. CLEMENTE DE BASTO,* a mais ao norte do concelho, outr'ora apresentada alternadamente pela mitra, pela casa da Tapada e pelo convento de S. João de Rei, e á qual pertence o encantador logar da *Gandarella,* na vertente orien-

tal da serra d'este nome, logar que todos os passageiros conhecem por ser paragem para beber uma pinga, quando os *gourmands* o não procuram expressamente por causa do appetitoso *pão de ló*, que ahi se fabrica, rival, ao que soa a fama, do *bate* de Margaride. Na Gandarella costuma festejar-se no ultimo domingo de agosto a Senhora da Oliveira, cuja capellinha o leitor vê sobranceira á estrada, rodeada pelas arvores que parecem justificar com o seu nome o da invocação da Senhora. A festa não é rija, como por lá se diz, e o leitor póde avaliar isto pelo numero de foguetes que a pyrotechnia prepara para o arraial—umas vinte duzias, uma miseria, bem vê.

Um pouco abaixo da Gandarella destaca a estrada para Freixieiro, que vamos visitar. Descendo, descendo sempre, corre á nossa direita o declive da montanha, á nossa esquerda e na frente um valle extensissimo, embora estreito. As parochias ruraes succedem-se como visinhas de perto, que vem conversar um bocadito para o soalheiro: e assim é, que deixamos já ali a egreja de *RIBAS*, mettida entre as sombras das oliveiras e a frescura das vinhas de enforcado, com o seu aspecto melancholico de velho mosteiro, que realmente foi, de frades cruzios, fundado por D. João Peculiar, arcebispo de Braga. Principiaram as obras em 1153 e tomou d'elle posse em 1160 o seu primeiro prior D. Mendo, homem que *nunca deu um unico passo que não fosse em serviço de Deus*, segundo diz a inscripção da pedra que lhe vela as cinzas. Foi demolida parte do mosteiro e o que resta, como residencia parochial, tem soffrido modificações diversas.

Continúa a descida. A paysagem tem linhas severas de melancholia; não ri, talvez porque lhe falta o espelho da agua e a natureza costuma ser garrida, como as mulheres novas, talvez porque o sombrio das oliveiras que abundam, ou dos pinheiraes que desbordam pela montanha em grossas filas, tirem ao verde a tonalidade glauca.

Proximo fica a parochia de *CORGO*, antiga apresentação do abbade de Refojos de Basto, fertil e pittorescamente situada, e descendo, descendo sempre, vemos perpassar sobre a esquerda a humilde torre de *VAL DE BOURO*, como que a espreitar-nos pelas ogivas dos seus dois campanarios, dois olhos agachados na verdura quando por elles passamos, mas que se levantam, como pertencendo a um pescoço curioso que se ergue lento, quando mais para diante o valle se curva em ondulações da mesma vegetação sombria, e que o levanta a elle n'uma d'essas ondas. Val de Bouro é uma parochia antiquissima, como se vê das *Inquirições reaes*, mandadas fazer por D. Affonso III. O vigario era apresentado pelo D. Abbade do convento de Pombeiro de Riba Vizella.

GAGOS,—ahi tem o leitor a freguezia por que vamos passando, felizmente sem nos vermos gagos para isso. Pára o carro por um instante em *Fermil*, o logar mais importante da freguezia e um tambem dos primeiros do concelho, a ponto de ser por isso a séde d'um julgado. É quasi uma villasinha e d'ahi parte um ramal de estrada, em construcção ainda, para Cabeceiras de Basto. No largo principal faz-se em 20 de julho a romaria de S. Gregorio, cuja capellinha se vê a um dos lados, em frente do solemne mastro da bandeira, que ainda ficou da festa e que em pé se conservará até que, rei morto, rei posto, outro seja levantado em seu logar ao som estridente d'uma philarmonica.

A estrada sobe um pouco de Fermil em diante, e emquanto na encosta, á nossa direita, surge por entre o arvoredo o campanario de *MOLARES*, terra de bom vinho e excellentes fructas, avista-se em baixo, no valle, a freguezia de *VEADE*, viçosa na frescura das suas pastagens, rociadas pelos orvalhos do Tamega e aproveitadas por isso como elemento de engorda pelos ruminantes pacificos, de que a Inglaterra aproveita os mais saborosos musculos em... *beefs*. Confinando com ella está a freguezia de *CANEDO*, sobre a margem direita do rio, apenas um pouco mais ao norte, offerecendo sensivelmente os mesmos aspectos de Veade.

Descemos novamente.

A egreja de *BRITELLO* apparece-nos á esquerda servida por uma elegante estradasinha, e, quando passamos a ponte, a

VILLA NOVA DE FREIXIEIRO

que afinal é o mais importante logar da freguezia de Britello, reclama pelo agrupamento da sua casaria e elementos de civilisação moderna a cathegoria de séde do concelho e comarca de Celorico de Basto. A fundação da villa n'este sitio é relativamente moderna, diz o diccionario de Pinho Leal, pois a antiga e a primeira séde do concelho, denominada *Villa de Basto*, era na freguezia de Arnoia, junto do antigo castello de Celorico de Basto. Por provisão de D. João V com data de 21 de abril de 1719 foi a villa mudada para o sitio actual tomando o nome de *Freixieiro*, por ser fundada ao norte e em continuação do antigo logar d'este nome, pertencente a Britello e junto do rio tambem denominado Freixieiro, sendo a razão da mudança da séde do concelho o estar a villa velha do castello em local agreste e frio. Escolheram primeiro os povos o logar de *Outeiro Coelhos*, na mesma freguezia de Arnoia; mas a isso se oppoz a casa de Telhô, conseguindo afastal-os para Freixieiro. Uma vez aqui, principiaram as obras publicas da nova villa, taes como o pelourinho, os paços do

FREIXIEIRO, SÉDE DO CONCELHO DE CELORICO DE BASTO — *Desenho do natural por João de Almeida*

concelho, o tribunal, a cadeia, a residencia dos ministros e uma capella, depois fizeram a ponte e em seguida se foram construindo alguns predios particulares, tomando a villa apenas algum incremento desde essa epocha e até que foi desligada de Cabeceiras e se erigiu em comarca. Da *Rua Nova* sahe a estrada para a Lixa, que logo havemos de percorrer em parte, e a ella segue o largo principal da terra, o coração da villa, como a nossa gravura o representa, com os edificios publicos e particulares, alguns d'elles magnificos, escondidos por entre a vegetação densa e copada, què adorna esse terreiro vasto. A hospedaria recebe-nos com uma canja de gallinha adubada com azeite,—ó santo escrupulo das sextas feiras!—mas felizmente com uma toalha lavada, cheirando ao rosmaninho dos campos, os talheres limpos, o vinho fresco.

Sahimos para vêr Freixieiro, que, bem contado o caso, estava visto desde que fizemos o trajecto da ponte á hospedaria, mas breve tivemos de recolher ao hotel, porque uma trovoada medonha e uma chuva diluviana nos impossibilitaram de permanecer na rua, como curiosos, se não melhor como objectos de curiosidade, porque eu não sei bem se n'uma terra de provincia o desconhecido que chega é o que vae examinar, ou o que é examinado.

Devia ser bella a trovoada, se tivessemos assistido a tão magestoso espectaculo, mas—que prosaismo o nosso—, aproveitámos o tempo para dormir um pouco, tomando assim a unica desforra possivel d'essa brincadeira atmospherica, que nos privava de visitar em Freixieiro, pelo menos, a egreja e o club, esses dois pontos fataes do itinerario de todo o chronista em viagem, porque recolhe n'uma as tradições do passado, encontra no outro a physionomia do presente.

Está-se bem agora. O céo tem a limpidez pura d'um crystal e em frente de nós o alto picoto da Senhora da Graça desenha tão nitidamente as suas arestas rendilhadas, que a gente sente instinctivamente o desejo de ter azas para poder voar n'esta frescura do ether até ao seu mais elevado ponto e ir pousar sobre o bloco de neve que ahi alveja—a capellinha da Graça—, para gosar o largo panorama que se estende em toda a linha do horisonte.

Á falta de azas e porque o picoto da Graça pertence já a Mondim de Basto, embora os de Celorico ahi façam romaria por occasião do S. Thiago, nós vamos em trem pela estrada da Lixa, aproveitando esta frescura da tarde para visitar o castello de Arnoia, o mais antigo monumento do concelho.

*

* *

A estrada principia a subir logo desde a *Rua Nova* e vae colleando a encosta da montanha, envolvendo assim nos arcos das suas curvas pedaços de paysagem, que vemos d'est'arte por mais de que um aspecto. Como a trovoada cessou, e a atmosphera está extraordinariamente limpida, a vegetação, orvalhada pela chuva, apparece com os tons do verde mais avelludados e mais tenros, envolvendo os grupos de casaes ou os presbyterios isolados. O valle e a collina, que nos seguem pela direita, são intensamente cultivados e na ultima sobretudo abundam as pequenas povoações ruraes. Além está já a primeira, *S. MIGUEL DE GEMEOS,* por cujo logar de Loureiro a estrada vae atravessando. O nome, diz a tradição que lhe provém de terem sido uns dois irmãos gemeos,—especie de siamezes unidos pelo abdomen,—os fundadores da egreja parochial. O cinzel reproduziu toscamente as suas figuras no tumulo que lhes vela as cinzas, e é talvez porque deseja gosar a sua companhia amavel paredes dentro do templo, que o povo de Gemeos não quer ouvir fallar no cemiterio novo, embora lh'o apresentem como a mais hygienica medida, que a civilisação podia levar ao coração da freguezia.

Depois já da nossa excursão por Celorico fallaram os jornaes d'um motim popular em Gemeos por causa d'uma inhumação no cemiterio; as mulheres, em especial, tomaram á sua conta a revolução contra a lei nova, e ai das auctoridades que ousassem disputar-lhes a presa do cadaver, que no chão sagrado da egreja devia ser sepulto!

Uma resurreição da Maria da Fonte, genuina, que não foi de certo por diante, graças a não ser o sr. Fontes o Costa Cabral e a estarem as tropas entretidas na caça do microbio lá para as fronteiras do paiz.

Dobrando o monte, que fica sobranceiro ao campanario de Gemeos, encontra o leitor um outro valle, cujo extremo norte é occupado pela freguezia de *CAÇARILHE* ou *Cassarilhe,* terra muito fertil e abundante em caça nas faldas da serra do Viso; o meio do valle é occupado por *SANTA TECLA DE BASTO,* terra por egual fertil, creadora de gados e productora de bom vinho, e na parte sul fica a parochia de *INFESTA,* correspondendo já a esta encosta, em que o nosso trem vae paulatinamente subindo, até que se passa em *CARVALHO,* cujo principal logar o leitor ahi vê, agrupado pittorescamente sobre esta elevação da collina.

ARNOIA, onde alguns escriptores querem que fosse a Celiobriga romana, fica-nos sobre a esquerda, e se da estrada em que vamos não logramos vêr o seu presbyterio, o mesmo não nos succede com relação ao

castello, o velho monumento romano de Celorico, cuja fundação o povo attribue aos mouros, como sempre que ignora a historia de qualquer construcção antiga.

Ahi está elle dominando todo um horisonte largo, formoso nas suas linhas singelas, venerando nas suas ruinas, que os seculos hão respeitado mais talvez do que os proprios homens!

...esse mendigo ambulante ... (pag. 559)

Saltamos do trem e como a hora do crepusculo vem proxima, o nosso primeiro cuidado é escolher um ponto d'onde se possa desenhar a sua physionomia, que é tal como o leitor a vê na gravura que abre este capitulo de Celorico. Uma curta ascensão é precisa ainda para visitar o desmantelado monumento e com antecipado prazer a emprehendemos, porque adivinhamos já a formosura do panorama, que deve desenrolar-se d'essa culminação da montanha.

As ruinas pouco de curioso offerecem; encontram-se as linhas de fortificação mais ou menos desmoronadas, algumas rasas já com o solo, avalia-se das divisões interiores do castello, que devia ser espaçoso, nota-se ainda a cisterna que o abastecia de agua, encanta-se a gente com a contemplação da sua bella torre de menagem, mas tudo isto parece recolher-se mysteriosamente n'uma vaga sombra de humildade, quando os olhos, desviando-se das negras paredes em ruinas, deparam com a larga tela em que se desenham os valles e as collinas, as montanhas distantes e os outeiros proximos, as massas espessas de arvoredo e as aldeias alegremente espalhadas por entre a profusão da folhagem.

Sobre a esquerda o aspero e solitario monte Farinha abriga a matriz

de S. João do Ermo d'Arnoia, egreja que foi de um antigo convento de benedictinos, aqui fundado por D. Arnaldo de Bayão em 995.

Ao sopé do castello, e estendendo-se pelo valle que vae até á Lixa, acantonam-se as freguezias de *MOREIRA* ou *Moreira do Castello,* como lhe chama o povo pela proximidade do velho monumento. Est'outra freguezia que ali se vê no valle é a de *FERVENÇA*. Mais para nascente alcandorada sobre o Tamega fica a parochia de *CODEÇOSO*, a que poderiamos chamar o Hymeto de Celorico, porque é ahi abundantissima a colheita do mel silvestre.

Para mais longe se estende o valle, mas são já do concelho de Amarante as freguezias que avistamos do castello, e em outro logar por isso hão de ser mencionadas. N'este momento, antes que nos voltemos para norte, espraie o leitor a vista ainda uma vez sobre essa tão formosa paysagem, e diga-me se não é deveras encantador esse quadro banhado na luz dilucular da tarde, luz purissima e casta, depois que a tempestade passou, deixando nos prados a humidade que vê evolar-se agora em fumosinhos tenues, confundindo-se com esses outros que sahem das cabanas rusticas dos camponezes, a essa hora preparando a ceia.

Tão diaphano o céo, tão puras as linhas das montanhas, tão avelludado o verde da paysagem, que admira que cheguem até nós os canticos meigos das raparigas que voltam do trabalho!

Melodia doce e longinqua, indefinida, mas deliciosa, o coração vibra suavemente com ella e não ha que fugir a este lyrismo emotivo, que vem da natureza enternecer-nos docemente o espirito.

Que bem que está, leitor, não é verdade?

Nasce dentro de si alguma cousa de bom e de casto sob este influxo pantheista, um desejo de beijar a sua filha talvez, a saudade da sua noiva, se a tem, a aspiração para uma outra alma que o enamora, a lembrança serena de sua mãe, que morreu, abençoando-o, a pobre velhita tremula, que ainda o considerava uma creança, sem se recordar que o meu amigo a fizera avó. E como deslisam brandamente no rio azul do pensamento essas aspirações indefinidas, petalas de rosa desfolhadas da fina flôr da sua alma!

Vão longe, perdeu-as agora de vista; o seu ouvido pode escutar ainda a musica popular e a musica da natureza, ondulando como os accordes ultimos d'uma harpa eolea, mas o entorpecimento lyrico passou. Passou e ainda bem, porque o seu espirito reconfortou-se ao contacto d'esta natureza pura, sem que se enervasse para as luctas asperas da vida.

Que bem, que bem que faz ás vezes banhar a alma á vontade n'uma onda purissima de luz!

Deixemos o castello, sigamos para o norte. Está para ahi o caminho eriçado de montanhas, corregos estreitos e barrancos intransitaveis.

Passa sempre quem quer e nós queremos... que a nossa imaginação passe.

Um guia pratico se nos offerecia no momento; era esse mendigo ambulante, que tanto é de Celorico, como de Fafe, ou como de Braga, porque tem o viver cosmopolita dos da sua classe, que andam leguas e leguas de sacola ou cesto ao hombro para recolher a esmola. Uns verdadeiros corretores da pobreza, elles proprios, porque vendem aos jornaleiros de uma aldeia o milho, que recolheram em outra mais farta, o pão de milho, com que lhe encheram o sacco. Mas, por Deus, leitor, não vale a pena o sacrificio de termos de galgar esses montes asperos, direitos á Gandarella, onde passa a estrada real, só para vêr quatro freguezias ruraes, sem importancia descriptiva. Dobra-se a montanha para nascente; no valle, entre uns arroyos timidos que vão confluir ao Tamega, fica a parochia de *AGILDE,* humilde e modestamente situada. Nova ascensão para norte, e descida ingreme para um outro valle, em que está *BORBA DA MONTANHA,* enterrada entre os seus pampanos e carvalheiras, gulosamente comendo o mel das suas colmeias.

Depois *OURILHE,* no monte d'este nome e contrafortes da serra de Viso, que se tem de percorrer para attingir *S. BARTHOLOMEU DO REGO,* em cujo logar da *Lameira,* já na estrada, a gente vae cahir extenuada de cançasso, feliz ao menos se calculou a chegada para um dia 4, em que póde encontrar na feira uma caneca do bello vinho do Rego ou a refrigerante limonada que lhe acalme a agitação nervosa, restituindo ao sangue o sóro que perdeu na caminhada. Triste logar, fóra d'esses dias ou do 21 de agosto, em que ha feira annual, este da Lameira, que se encontra no alto da Gandarella, quando se vae para Fafe. Um charco no inverno, um paul amarellento no verão, com uma ou outra casa coberta de colmo e uns alpendres para as feiras, mais ou menos arruinados.

Descansamos. A marcha agora é para Fafe. Antes, porém, digamos adeus a Celorico, ou melhor recebamos o seu cartão de visita, para que o possamos apresentar ao leitor.

*
* *

A physionomia de Celorico é sensivelmente a mesma de Cabeceiras, e só por pequenas *nuances* se podem distinguir as duas, quando queiramos olhal-as, como madame Ratazzi olhou a Portugal.

Comarca ha poucos annos estabelecida, sem jornal que a represente ainda,—pensava-se n'isto ha pouco,—as suas escolas primarias em numero apenas de cinco, Veade, Fervença e Borba, e duas em Britello, sendo a do sexo masculino do 1.º e 2.º grau, vê-se que não são ainda muitos os factores, que possam contribuir para o seu desenvolvimento intellectual.

A sua criminalidade demonstra bem o seu atrazo, ao passo que revela a boa indole da sua população; senão attenda o leitor:

De 41 crimes julgados em 1880, só 1 foi contra a segurança do estado e 5 contra a propriedade; os 35 restantes, classificados—«contra pessoas»—dão a entender, que houve mais ou menos desordens, bulhas em arraiaes, o varapau dos valentões a descrever circulos aereos. Note-se, foram absolvidos 20 dos réos e 21 condemnados a penas correccionaes.

Eram 27 homens e 14 mulheres,—viu já o leitor o que eram as de Gemeos,—e dos 41 réos sabiam lêr 17. Á comarca pertenciam unicamente 33.

A vida agricola de Celorico, como a do concelho anterior, tem os dois grandes ramos da pecuaria e da vinicultura mais desenvolvidos que quaesquer outros. Das vinhas do concelho diz o relatorio citado: Pertencendo á mesma sub-região que o antecedente, é Celorico considerado como productor dos melhores vinhos do Minho, querendo alguns que, pelo menos, o de alguns sitios da margem do Tamega seja superior aos melhores de Cabeceiras. As vindimas começam aqui no principio de outubro e em alguns annos só depois do dia 15. É esta de todo o Minho a zona onde as vindimas começam mais tarde, circumstancia que não é indifferente para a superioridade dos vinhos d'esta sub-região. Os processos de vinificação não differem. Os vinhos d'este concelho gosam de bons creditos, sendo os melhores os que se produzem nas propriedades da margem direita do Tamega. São de boa reputação tambem as freguezias de Valle de Bouro, Ribas, Molares, Canedo, Gagos, Britello, Corgo e Veade.

Na exposição de Londres apresentaram-se vinhos d'estas freguezias, com a força alcoolica de 10,8 até 12 em graus centesimaes, sendo reputados de primeira qualidade os dos srs. Bernardino Vaz Lobo, de Molares, Domingos de Barros Teixeira da Matta, de Gagos, e Domingos Alves Machado, de Veade.

Quanto ao valor dos seus gados é, segundo o ultimo recenseamento feito em 1870, 163:416$760 réis, valor que deve ter augmentado muito de então para cá.

Ao contrario de Cabeceiras predomina aqui a recreação, e a maior producção que ha, é nas freguezias de Borba, S. Clemente e Rego, que teem proximo os montes do Vizo, da Lameira e Vaccaria. Fabrica-se tam-

bem aqui alguma manteiga, especialmente no Rego. Nas outras freguezias as rezes são ordinariamente vendidas ao apartar do leite, importando-se gado para recreação, trabalho e engorda.

Nos mercados aos domingos, e na feira annual de Santa Catharina e S. Thiago a 24 de julho, regulam os preços do concelho anterior.

Com uma vinheta egual á de Cabeceiras deveria fechar este capitulo, se uma das *nuances* de que fallamos não fosse realmente a do maior desenvolvimento da industria caseira dos tecidos de linho, que tantas vezes no mercado se compram, como fabricados em Guimarães. Assim pois, que esse tear, de velhas engrenagens, recorde ao leitor uma das curiosidades de Celorico, as suas toalhas de linho bordadas, o melhor e mais artistico objecto para trazer, como lembrança de viagem, na impossibilidade de metter na mala uma pipa do verde de cima Tamega.

CONCELHO DE CELORICO DE BASTO

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Agilde, *Santa Eufemia*	437	581	1:018	233 *a*
Arnoia, *S. Joao Baptista*	837	1:105	1:942	476 *b*
Basto, *Santa Tecla*	275	330	605	201 *c*
Basto, *S. Clemente*	793	1:009	1:802	461 *d*
Borba da Montanha, *Santa Maria*	626	739	1:365	470 *e*
Britello, *S. Pedro*[1]	757	976	1:733	428 *f*
Caçarilhe, *S. Miguel*	212	255	467	121 *g*
Canedo, *Santa Maria*	439	537	976	265 *h*
Carvalho, *S. Miguel*	342	480	822	218 *i*
Codeçoso, *Santo Andre*	204	293	497	130 *j*
Corgo, *S. Romao*	211	261	472	137 *k*
Fervença, *O Salvador*	504	698	1:202	308 *l*
Gagos, *S. Thiago*	231	346	577	150 *m*
Gemeos, *S. Miguel*	337	403	740	175 *n*
Infesta, *O Salvador*	248	310	558	147 *o*
Molares, *Santo Andre*	240	310	550	158 *p*
Moreira do Castello, *Santa Maria*	222	275	497	126 *q*
Ourilhe, *S. Thiago*	166	186	352	80 *r*
Rego, *S. Bartholomeu*	425	494	919	240 *s*
Ribas, *O Salvador*	486	556	1:042	242 *t*
Valle de Bouro, *S. Martinho*	388	474	862	237 *u*
Veade, *Santa Maria*	323	383	706	199 *v*
	8:793	11:001	19:794	5:202

a Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Agilde, Queiriz, S. Pedro, Meijão, Barreiro, Fim'devilla, Carreira, Costa, Carvalheira, Varzea, Estrada, Muro, Monte Negro, Casal, Outeiro, Ribeira, Quintão.

b Comprehende esta freguezia os logares de Corredoura, Villa Verde, Villalba, Trabaços, Trabacinhos, Lage, Cruz de Baixo, Figueira, Cegoa, Taipa, Casinha, Bouça, Tosando, Temperas, Tornadouro, Outeiro Coelho, Cabo, Souto, Lama, Pereira, Villa Pouca, Lourido, Casal de Nino, Serra, Arnoia, Gandra, Telho, Casal, Rabaldo, Cruz de Cima, S. Jorge, Torre, Levada, Boucinha, Fojo, Mosteiro, Salmães, Villar, Cima de Villa, Santo Thyrso, Chello, Casa Nova, Castello, Cergnida, Carvalho Verde, Ferreiros, Souto-maior, Pombal, Padim.

c Comprehende esta freguezia os logares de Arosa, Barrosinho, Crasto, Gandarella, Peitimão, Pereira, Portellinha, Vaccaria, Villar, Ferram, Quintella, e os casaes de Alem do Rio, Portella do Couto, Soterrado, Lama.

d Comprehende esta freguezia os logares de Lavandeira, S. Martinho, Fragas, Travaços, Aveia, Fonte, Costa, Cima de Villa, Nogueira, Fenxe, Toutaim, e os casaes de Lameira, Toutinheira, Cascalho, Regada, Monte.

e Comprehende esta freguezia os logares de Borba, Quintella, Redondo, Afams, Lameiros, Villar, Cabanellas, Alvarães, Moinhos, Mondrões, Barrega, Porção, Morgido, Sncado, Assento, Ribeira, Egreja de Baixo, e os casaes de Pillo, Manoela Lucas, Eido, Eidinho Villar, Thomaz, Carvoeiro, Bexiga, Huche, Lama, Gadelho, Miguel, Regadeira, Custodia, Domingas, Picoto, Tornal, Casinha de Cima, Lameira, Ferreiro, Ribeira, Biroza, Chinchorro, Cunha, Teite, Curro, Sozao, Castanheira, Codeçaes, Carreira, Marinho, Praia, Costa, Capitão, Gabriel Cunha, Costinha, Lages, Farrapo, Fonte, Maneta, Fraga, Morgido de Cima, Outeiro, Quintella.

f Comprehende esta freguezia o logar de Freixieiro e a quinta do Vao.

g Comprehende esta freguezia os logares de Quinta, Basto, Sobre Egreja, Inchouzella, Basto, Alfarella, Quinta, Linhares, Peneirada, Leirinhas, Parreira; os casaes de Cabanellas, Pujalhos, Lage, Egreja, e as quintas ou herdades de Alfarella, Pujalho, Cruz, Linhares.

h Comprehende esta freguezia os logares de Padredo, Villarinho, Santa Luzia, S. Mamede, Portella, Bairro, Tornadouro, Rego, Eido, Eira, Corredoura, Abelheiro, Passo, Casaes, Ribeiro, Egreja, Cerdeirinhas, e os casaes de Regadinhas, Soutellos, Ribeiras (tres), Val de Vinha, Pinheiros, Bouça, Cabovilla, Casal, Quirois, Talhos, Figueiredo, Barreiro, Matto, Peso, Barges, Portello-dado.

i Comprehende esta freguezia os logares de Carvalho, Castello, Covas, Cabreira, Pousada, Casas, Mattinho, Costeirinha, Outeiro, Campo, Lamas, Silvares, Santa Barbara, Rebalde, Lameiro do Souto, Paixam, Retorta, Portella, Sobrinha, Assento.

j Comprehende esta freguezia os logares de Aldeia de Baixo, Couto do Fundo, Vinhas, Portella, Agro Covo, Fonte Nova, Ribeiro de Moinho, Sardoal, Cerdeirinhas, Pedras Alvas, Presenhe, Outeiro, Esporis, Quinhonsos: os casaes de Sobre Alvarinha, e as quintas ou herdades de Barrurenho, Nagueda e Serrinha.

k Comprehende esta freguezia os logares de S. Romão, Villa Nova, Corgo, Egreja, Castanheiro, Carril, Marbão, Prado, Fim'devilla, Logar Novo, Lampaça, Cozelhos, Quintans, Lage, S. Paio, Perre, Mottas, e os casaes de Corgo, Egreja, Carril, Marbão, Prado, Fim'devilla, Quintans, Lage, S. Paio, Praça, Cozelhos de Cima, Cozelhos de Baixo, Bugalhos, Bouça.

l Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Vinhal, Burgo, Santa Marinha, Paradella, Portella, Bouças, Sao Mil, Caminho, Souto, Ribeirinho, Roço, Prelada, Asparedes, Real, Paredes, Cana, Motta, Lameirão, Burguinho, Tapado, Povoa, Granja, Eiró, Casal, Lama, Fundoaes, Moinho Vedro, Pizão, Bouça, Melhjoso, Fim'devilla, Colles, Penellos, Curoteiras, Retorta, Outeirinho, Dafloes, Fontão.

m Comprehende esta freguezia os logares de Gagos, Passagem, Golheira, Monte, Cruz, Fermil, Alhaes, Torre, Portella, Rua, Outeiro, Moxoco, Granja.

n Comprehende esta freguezia os logares de Residencia, Assento, Logar Novo, Logar da Egreja, Bouça, Fontão, Villar,

[1] *Britello* e a cabeça d'este concelho.

Boques, Boa Vista, Casas Novas, Crujeira, Refontoura, Rosso, S. Silvestre, Moinhos das Carvalhas, Olival, Adoufe, Monte Lage, Sobreiro, Lama, Erva, Loureiro, Tribude, Quintella, Quinta, Fontainhas.

o Comprehende esta freguezia os logares de Rebordeos, Caquabellos, Borguete, Emelles, Assento, Sontulho, Chellas, Colmiaes, Ponte do Feixe, e os casaes de Prelada, Rebunhado, Subriba, Trabesses, Pinho, Figueiredo, Soutello, Calles, Lombo, Costinha, Ribeira, Onteiral, Moreiras, Ferreiros, Ruival, Cossieira.

p Comprehende esta freguezia os logares de Molares, Fonte Coberta, Fermil, Campo, Arada, Soutello, Ponzo, Tapada, Cima de Villa, Combro, Estrumadouro, Vreia, e os casaes de Campo, Quintella de Baixo, Quintella de Cima, Residencia, Arada, Capella, Eido de Cima, Eido de Baixo, Lameiro, Lameiros, Soutello de Cima, Soutello de Baixo, Cima de Villa, Tapada, Valle, Quebrada, Eiras, Cardaes, Outeiro, Costa Vinha, Toijal, Chouza, Vreia, Couto, Alem Ponte, Aldeia, Fermil, Lameiras, Cruz de Pedra, Praça.

q Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Sequeiros, Carvalhal, Outeiro, Deveza, Leira Maior, Outeirinho, Rio Bom, Torre, Carreira; os casaes de Cabo de Villa, Aldeia, Eido de Baixo, Fonte, Sobrido, Passagem, Carvalhal, Outeiro, Deveza, Fontellos, Figueiros, Alem de Leira Maior, Leira Maior, Fontiço, Ricadouros, Rio Bom, Rio Mau, Eira, Capella, Casas de Baixo, Torre, S. João, Egreja, Carreira, Residencia, e a quinta ou herdade de Figueiros.

r Comprehende esta freguezia os logares de Ourilhe, Fun'devilla, Paçô, Bairro, Outeiro, Gumbra, Muro, Fortunhos, Cabo de Villa, Carvalhas, S. João, Salgueiros, Paredes, Novaes e Padreiro, Serdeirinhas, Lavandeira, Vinhaça, Estraganhaes, Porto e Monte, Sobreiro, Bouça, Egreja, e os casaes de Fun'devilla, Muro, Serdeirinhas.

s Comprehende esta freguezia os logares do Rego, Villa Boa, Alijo, Lobão, Arbouça, Pedroso, Lameira, Quintella, Bollada, Pedaço.

t Comprehende esta freguezia os logares de Cerdeira, Soutello, Lordello, Passo, Cabo, Eiras, Barreiros, Raia Secca, Lamellas, Estorninheira, Fun'devilla, Bom Jardim, Eiroso, Torre, Cereiães, Escalheiro, Picoto, Quintã, Cardoso, Souto, Portella, Assento; os casaes de Redondo, Covilhã, Valdoufe, Regueira, Cortes, Barziellas, Couto, Maceda, Valbo, Bairro, Vilha, Quinta, Figueiredo, Touça, Cruz, Torgueda, Bouça, Boa Vista, e as quintas ou herdades de Eiras, Bouço, Porto de Bouro, Vitora, Val da Cruz, Selabentes.

u Comprehende esta freguezia os logares de Val de Bouro, Alem do Rio, Nespereira.

v Comprehende esta freguezia os logares de Boucinha, Cerdeirado, Outeiro, Calçadas, Escoivo, Peneireiros, Boa Vista, Fermil, Boucelha, Cortes, S. Gregorio, Tornadouro, Aldeia, Santa Christina, Gordello, Aldeia, Outeirinho, Serrinha, Cruzeiro, Gandra, e as herdades de Caniço, Matta-Maseda, Seara.

FAFE

Encosta de Antime — Desenho de João de Almeida

É moderna a villa d'este nome, pois data apenas de 1840, mas não assim o concelho, a que já D. Manuel deu foral em 1513, chamando-se então de Monte-Longo. Se quizeramos buscar mais titulos de antiguidade de Fafe, encontral-os-iamos e indubitaveis, quer entroncando a origem do seu nome no do rico-homem e alferes-mór do conde D. Henrique, D. Fafes Luz — principios da monarchia — quer investigando do periodo romano, já devassando mesmo a nebulosa escuridão dos tempos prehistoricos á luz de mais que um documento coevo d'essa edade, como seja por exemplo o *menhir* de Cepães ou a estatua de Santo Ovidio.

Mas quer o leitor saber a minha opinião a este respeito? É que deixemos esse conspicuo assumpto para o sr. Vilhena Barbosa, se s. ex.ª quizer encarregar-se d'elle na sua alta competencia, e que vamos nós ambos por estas estradas fóra ouvir no rosicler da madrugada cantar a cotovia, nas luarentas noites o gorgear dos rouxinoes. Isto sem enternecimentos lyricos, que não é para pieguices esta boa terra, cujo nome instinctivamente traz a idéa aquelle esplendido typo do *Morgado,* que fez por tanto tempo as delicias das platéas, em que nossos paes eram os janotas. . . *bécarre,* — como hoje diz quem não quer passar por tolo perante a civilisação. . . *boulevardiére.*

Olhe, meu caro, esta boa terra de Fafe é assim: pão pão, queijo queijo—portugueza de lei, hospitaleira, franca até á rudeza e capaz tambem de pôr um bom cacete de cerquinho, a sua *justiça* d'elles, onde el-rei não haja posto a sua propria.

E é que a *espada vae na burra,* e nada por isso de contrariar a altaneira Fafe. Mas é de sympathisar, não é verdade?

Eu, de mim, quando ao regressar de Basto, em uma das excursões que fiz pela provincia, cheguei ao alto da Gandarella e avistei a larga bacia enflorada de esmeraldas, em que assenta a maior parte do concelho, paysagem onde a luz ri e a agua brinca, tive a comprehensão d'essa alegria mascula e saudavel, deparando no valle extenso e nas montanhas rudes com o aspecto d'uma natureza, que é ao mesmo tempo uberrima e alegre, forte e expansiva. Ahi tem o homem explicado pelo meio.

*
* *

Ao descer a Gandarella nos torcicollos, que a estrada vae abrindo por entre a urze rasteira, a freguezia rural que mais proximo nos fica é a de *MOREIRA DE REI,* solar, segundo cremos, do illustre visconde d'este titulo, que o paiz conhece como um dos mais intransigentes oradores parlamentares. Ahi tem o leitor um exemplo vivo, do que lhe disse ainda ha um instante,—a representação do meio pelo homem. Veja se o visconde de Moreira de Rei, expondo chãmente e sem papas na lingua os vicios da administração publica, não é o que se póde chamar um portuguez á antiga, como os seus patricios de Fafe, de quem elle tem sido tantas vezes o genuino representante em côrtes. Moreira chamada do *rei,* por ter sido couto do monarcha, tendo os privilegios dos *Taboas vermelhos* de Guimarães, foi antigamente villa a que D. Affonso Henriques deu foral e D. Affonso II confirmação em 1217. É uma terra fertil e abundante em caça, sendo um dos ramos mais prosperos da sua industria o da creação dos gados.

Ao norte confronta com *VARZEA COVA,* sua companheira na industria da creação e engorda do gado bovino, para o que muito se presta a sua situação em valle cortado pelas nascentes do Vizella. A esta industria deve decerto Varzea-Cova a sua prosperidade, pois quasi tem augmentado em dois terços a sua população desde 1768 aos nossos dias. Pelo sul limita Moreira de Rei com a parochia de *S. GENS,* cuja matriz o leitor ali vê á nossa direita, occulta pelas sombras das oliveiras, que mal deixam perceber a torre de tres campanarios, orientada para aquelle outeiro escalvado, que lhe fica em frente, enquadrando em muros de alvenaria a

capella da Senhora do Soccorro, uma das mais festejadas pelos fafenses no periodo alegre das romarias, o agosto. Esta matriz de S. Gens era a egreja d'um mosteiro antigo de monges benedictinos, fundado por D. Rodrigo Forjaz. D. Affonso Henriques o deu aos cruzios, e no tempo dos commendatarios o prior João de Barros á collegiada de Guimarães, que ahi ficou apresentando o vigario.

N'este ponto a serra principia a dizer adeus ao rosmaninho e á urze, e vae cobrindo as calvas extensissimas com macissos de arvoredo e logarejos povoados. Justamente atravessamos n'este momento um d'esses; é o da Pica de *QUINCHÃES*, freguezia cujo presbyterio se avista proximo, mal dominando a cupula das uveiras enfestoadas e das oliveiras sombrias, que lhe vedam quasi o panorama do valle.

Passamos em frente do sanctuario ou capella da Senhora do Soccorro, que o voltear da estrada parece approximar de nós, e dispensamos a visita á freguezia de *RIBEIROS*, que nos fica encoberta pela collina, por sabermos de antemão que seria pouco proveitosa a colheita de notas para a nossa carteira de viagem. Transpomos em breve a *Ponte da Ranha* e solavanco mais, solavanco menos, eis-nos em

FAFE

olhando das janellas do hotel da *Vista Alegre* a physionomia da graciosa villa, que mais de perto vamos analysar, o que aliás é facil e se executa em pouco tempo, porque, exceptuando a parte que o leitor vê na nossa gravura de pagina e que é, por assim dizer, o coração de Fafe,—haja attenção ao relogio da Praça municipal que lhe marca as pulsações,—a duas ou tres ruas mais e a um outro largo se reduz a topographia local.

Fazendo essa visita percebe-se bem, que vae n'uma phase crescente de prosperidade a velha Fafe e que o elixir da fortuna a remoça deveras; as construcções particulares ahi estão na sua abundancia para o comprovar, tanto mais que em muitas se lê o sorriso da abastança alegre, que deve animar a physionomia dos seus proprietarios.

Os edificios publicos, que mereçam especial menção, ainda são poucos, ou quasi se limita o seu numero ao bello hospital construido em 1860, no largo de D. Pedro V, e ao asylo situado na rua de D. Maria Pia. Este ultimo, não tendo a sumptuosidade material do primeiro, não lhe é de certo inferior nos intuitos moraes e isto basta, para quem deseje avaliar da civilisação d'uma terra. O club não falta em Fafe tambem, elemento de civilisação que aggremia em sociabilidade intima os naturaes e os adventicios, centro de recepção, onde chegam as novidades do mundo, que á

noute são discutidas entre um *volte* de copas e um calix de genebra. N'este meio assim preparado o jornal da terra brota espontaneo, como um nenuphar nas aguas dormentes d'um lago; o club, o asylo, o municipio, o hospital, o passeio, a politica, formam os fios d'essa pequena lampada de incandescencia, com artigo de fundo e sala de visitas para o *high-life* da terra, que mão ousada levanta, para allumiar com intermittencias hebdomadarias o caminho do progresso, em que vae encarreirado o espirito local. Ainda n'este ponto Fafe não desmente a regra; ahi tem na imprensa o seu orgão, a sua voz social, perdão, é melhor pôr a palavra no plural, visto que Fafe, politica ao ponto de escrever artigos de fundo... com marmelleiro, não poderia viver sem dois orgãos, um que fosse pelo grupo A, outro que fosse pelo grupo B.

Mas, que diabo! os assumptos,—porque Fafe não é positivamente uma Babylonia,—esgotam-se depressa, e ahi se ficam no marasmo os pamphletarios vigorosos da vespera, esperando, oh céos, que uma eleição venha sacudir-lhes os nervos em crispações de estylo, mais apopletico na côr, do que o verde de Basto que nos serviram no hotel. Uma das coisas melhores que lá servem por signal, se exceptuarmos o caldo verde primorosamente feito! E valha ao menos isso para esquecer as alcovas abafadiças e pouco olorosas, as ferroadas de varios insectos escarlates, o aceio, que falta como para animar o viajante a voltar ao seio d'esta frescura de natureza, esquecendo a pouca frescura das hospedarias minhotas!

Mas basta de... vistas tristes no hotel de Vista Alegre!

A téla está vivamente colorida; o quadro resurge vigoroso de luz e movimentado largamente. Basta para isso sacrificar um pouco a chronologia e imaginar-se o meu amigo nos dias 16 de maio ou 22 de agosto, assistindo ás feiras de anno, que teem logar na villa. Na primeira faria um pintor animalista a sua colheita farta, estudando, esboçando as attitudes das numerosas manadas, que ahi concorrem; na segunda, não menos animada, chamada a *feira das cebolas* por ser quasi exclusivamente este o genero que ali se vende, encontraria um artista explendidos motivos para o estudo, transportando para o seu album os costumes das lavradeiras, a physionomia risonha dos burguezes da villa ou das donas de casa que vêem fazer as suas compras, os carros enfileirados, em volta de que se agrupam os compradores, as dansas, os descantes populares!

Os descantes!...

Como elles fazem especialmente deliciosa a noute da vespera, quando, balouçada nas ondulações do luar, a alma do grande poeta, o povo, vibra em canções repassadas de sentimento, e ora soluça, ora ri, nas cordas dos violinos populares, stradivarios phantasticos, onde a inspiração nativa sub-

FAFE — *Desenho do natural por João de Almeida*

stitue o talento, a educação e a arte. Ah, meu amigo, perdôo-lhe o sorriso de ligeira ironia, que vejo perpassar nos seus labios, ao lembrar-se de que eu queria apresentar-lhe talvez, como rivaes de Paganini, os meus singelos tocadores de rabeca, vindos a Fafe para commerciar em cebola! Perdôo-lhe, porque não sentiu, como eu, n'uma d'essas estradas, que vão dar á villa, alta noite, quando a natureza dormia beijada pelo luar, a emoção mysteriosa, que vem para o nosso espirito, d'essa musica tão simples e ao mesmo tempo tão profunda, voz melodiosa que parece traduzir um sonho d'essa vegetação que segreda na sombra, d'essas correntes de agua que teem quasi medo de murmurar, d'essas montanhas elevadas que indistinctamente se fundem no escuro!

*

* *

E agora, meu caro, para fóra da villa.

É bem formosa a estrada de Felgueiras, para que de todo a esqueçamos e nas suas margens assentam povoações pittorescas, de que precisamos ter noticia.

Imagine a paysagem illuminada pelo sol de um fresco dia de abril.

Deixa as ultimas casas de Fafe, a estrada desce, as macieiras em flôr cortam, como um sorriso alegre, o verde escuro dos outeiros, e o claro esmeralda das campinas. Ahi tem, sobre uma elevação, a pequenina capella de S. José e logo em baixo, quando a ponte nova salta sobre um affluente do Vizella, as aguas, que se despenham tremulas, em uma cascata formosa, os olmeiros subindo ao alto, os penedos cobertos de vegetação similhando ilhotas em agrupações tão artisticas, que a gente tem vontade de as metter na mala para adornar com ellas a nossa habitação na cidade.

Á esquerda, na encosta, apparece luzente e branca a torre parochial de *ANTIME,* sobresahindo como o pescoço de um cysne, ao de cima das aguas esverdeadas de um lago! E é-o, mas de vegetação esse que ondula desde a collina á ribeira, onde Antime vem dar as mãos a Fafe, se como taes quizer o leitor considerar as guardas das pontes nova ou velha lançadas sobre uma origem do Vizella.

Urge accrescentar: corroborando a união physica, a união moral tem, além de todos os laços administrativos, politicos e commerciaes que prendem as duas freguezias, um elemento poderoso de consolidação a garantil-a. Adivinha de certo que é o elemento religioso? Justamente; é a Senhora de Antime, da Misericordia ou do Sol, pois pelos tres nomes é

conhecida, quem se encarrega de unir para a vida e... para a festa as duas amaveis visinhas. Garantia de peso aliás, porque a padroeira de Antime, de bom granito metamorphico, orça pelas suas oito arrobas, afóra o andor tambem de pedra que pesa outras tantas, pouco mais ou menos! Um doce fardo ainda assim para os oito valentes rapagões, que a conduzem, esperançados em que, tendo sido os conductores da santa, serão bem succedidos mais tarde na vida matrimonial!... Dir-se-hia que é uma experiencia para avaliar do fardo pesado do casamento! E tanto mais, que apezar da sua valentia, por vezes tem acontecido ficar algum esmagado debaixo do andor e da imagem!

É no 2.º domingo de julho, leitor caro, que esse festival de confraternidade occupa as duas freguezias. Logo de manhã se celebra missa e sermão na egreja parochial de Antime, vindo depois a Senhora em procissão pela ponte velha até ao largo de Portugal, onde Fafe a vem condignamente receber, e onde processionalmente a vem entregar á tarde, depois de lhe haver cantado outra missa e prégado outro sermão. Este segundo encontro marca a hora fastigiosa do grande arraial, que ahi se fórma, e onde o leitor póde encontrar gente de todas estas redondezas, sobre que a sua vista se espalha n'este momento.

Não faltam lá os de *ARMIL*, uma freguezia que se occulta entre os arvoredos, que nos ficam sobre a direita, nem faltam os de *SILVARES*, essas duas parochias cujas egrejas vemos sobre a esquerda, a de *S. Clemente*, modestissima, uma ermida quasi a meio da collina, espreitando a estrada pelas duas sineiras da sua torresinha, a de *S. Martinho*, como se vê na gravura, um pouco mais esvelta, um agrupamento de casaria na base, um renque de pinheiros dominando-a do alto do outeiro, contra o qual parece que vae acabar a estrada.

Posto que o horisonte seja estreito, a paysagem não deixa de ser minhota; vegetação basta, aguas que serpenteiam por entre os campos de cultura, um ou outro casal de lavrador erguendo para o azul a tenue columnasinha de fumo!

Com estes elementos um traço de vigor, que vem das montanhas proximas, e que tira o amaneirado de ecloga pastoril a esta natureza tão sadia e bôa, tão productiva e alegre. Mas é preciso deixar a estrada para visitar as quatro freguezias que ficam a sudoeste d'aquella que descrevemos e que limitam pelo sul o concelho de Fafe com o de Celorico e Felgueiras. Apreste-se, pois, o leitor para transpôr montes, valles e ribeiros, se quizer conhecer *SEIDÕES*, uma boa rapariga da montanha, alegre na sua fertilidade, forte nos seus habitos de caça. *REGADAS*, um quasi nada mais selvatica, mas por egual fecunda, *ARDEGÃO* e *ARNOZELLAS*,

duas visinhas que ora se unem para o convivio espiritual e civil, muito amigas então, annexadas mesmo sob o patrocinio do mesmo orago, *Santa Eulalia,* ora rivaes e desunidas, ciosas cada uma da sua independencia, das suas justiças e dos seus fóros. Um dia, é claro, estas rivalidades desapparecerão e as duas, por que ambas são pequenas, unir-se-hão definitivamente para a vida social, como já o estão para as tristezas ou alegrias do trabalho, para os encantos da natureza solitaria e agreste, entre as abas dos montes de Rosso e da Esfollada, vendo recortar-se nas linhas do seu

S. Martinho de Silvares — Desenho de João de Almeida

horisonte vasto as cumiadas da Falperra, de Montim e da Pedra Quebrada, como de tantos outros ramos que nascem dos grandes contrafortes da Cabreira.

*

* *

Uma outra excursão, mas d'esta vez para o norte, tem o leitor de fazer, se pretende tomar conhecimento da zona arctica de Fafe, região uberrima e intensamente povoada, onde o Vizella teve a poetica intuição de nascer, mas onde, á falta de vias carruajaveis, ha que recorrer ao classico albardão dos cavallos de alquilador, quando se não tenha coragem e boas pernas para, com o auxilio de um simples pau ferrado, fazer esse passeio um poucochinho longo.

Leitor, vamos nós á pé?

Não custa nada, percebes, agora que tens diante de ti o alinhamento correcto do typo impresso, e talvez até que seja mais divertido.

Pela margem do Vizella, ou da mais importante das suas origens, corre para Aboim, distanciada do rio sensivelmente um kilometro, a velha estrada, que atravessava e servia differentes povoações, pondo-as em com-

municação com Fafe. É por essa arteria do antigo concelho de Monte Longo, que ambos vamos jornadear, não promettendo seguil-a em todas as suas sinuosidades e barrancos, ja porque seria enfadonho e attentatorio contra a nossa liberdade de *touristes,* já porque o rio vae por vezes no valle tão proximo das povoações, que melhor que a estrada nos é guia seguro n'este meandro ajardinado, em que ha sombras de arvores e raparigas alegres, murmurios timidos de arroyos e rouxinoes que trovam nos loureiros. Um idyllio, que apenas uma vez por outra a paysagem rude substitue, como para tornar mais agradavel o contraste.

É sem fadiga que chegamos a *MEDELLO,* e vergonha seria que assim fosse, visto que não andámos ainda senão uns dois kilometros. Nada tem de notavel a fregnezia, a não ser talvez o nome, em que se póde vêr uma origem arabe, significando *medello,* pequena cidade, de que aliás não existe sequer a tradição.

VINHÓS, uns dois kilometros adiante, fresca e risonha como uma rapariga de vinte annos, parece esperar que lhe chegue de *REVELHE* o noivo appetecido, o trovador de viola chula, que mais que nenhum lhe enternece a emotividade dos sentidos, algum rapaz affeito ás rudezas da caça,—abunda, segundo nos informam, nos montados proximos,—algum lavrador com boas terras de pão, pois é fertil e rico n'este sentido tambem o productivo terreno de Revelhe.

ESTORÃOS é um outro ponto de paragem; basta visitar a *Mourisca,* a sua principal herdade, a um kilometro e meio do Vizella, para se conhecer quanto vale em fertilidade a mimosa freguezia. O nome de Mourisca é porventura uma tradição arabe, quem sabe se ligada a algum drama de amores, á existencia d'algum sonho oriental que entreabriu a corolla perfumada debaixo d'este azulino céo, para logo mergulhar, como as mouras encantadas, nas aguas do rio, que lá ao fundo soluçam a sua canção eterna. Eia, montanha acima, para chegar a *PEDRAIDE,* que não é facil sahir de Estorãos pela margem rio para attingir ao menos o logar do *Souto,* o principal da freguezia. O nome parece traduzir a rudeza da aldeia; seja por isso ou não, o facto é que a sua população, pouco numerosa, como que testemunha a crueza do clima e as ingratas condições do solo. O mesmo succede á sua visinha *FELGUEIRAS*, que na estrada para Aboim encontramos; é a menos povoada de todas as do concelho.

GONTIM pouco adianta. Modestissima e pobre, a situação do seu principal logar, quasi diriamos unico, attendendo a que nenhum outro de importancia por ahi existe, é proximo da velha estrada que nos conduz á antiga freguezia de *ABOIM,* acantonada entre dois montes, vertentes da Cabreira, mais inclinada já para a bacia do Ave do que para a do Vizella,

que no seu territorio adquire as suas primeiras origens. Pertenceu ao antigo concelho de Cabeceiras de Basto, e passou a Fafe em 1853. O que de mais notavel ha em Aboim para vêr é sem duvida o templo da Senhora da Lagoa, se não pelo que interiormente vale, ao menos pela vastidão do horisonte que d'ahi se disfructa. Da imagem, diz a lenda ter sido achada por uns pastores que andavam n'esse monte de Aboim, e do que ella hoje vale em devoção dizem-n'o as concorridas romagens que ahi vão de muitas das terras dos concelhos de Fafe, Lanhoso e Cabeceiras. Chegados a esse pincaro da serra de Morouços, para poente vamos seguir, até que em Freitas encontremos a estrada que de novo nos ha de conduzir á villa. É ardua a empreza, mas não mais do que o foi para chegar até este ponto.

S. MIGUEL DO MONTE, ahi está já encoberto pelas suas carvalheiras e pinhaes, rude, sylvestre, debruçando-se sobre a altissima varanda da montanha, vendo o Ave a deslisar lá em baixo e as veigas da Povoa de Lanhoso a sorrirem além na sua feracissima cultura. No seu logar de Luilhos, informa Pinho Leal, ter uma rapariguita encontrado, no anno de 1880, uma nascente de agua mineral, emergindo de rocha, a qual o povo diz ser efficacíssima para a cura de molestias cutaneas. O povo, na sua credulidade supersticiosa, chama-lhe já os *banhos de S. Sylvestre*, por acreditar que ahi proximo esteja enterrado o santo; o sitio, apezar da sua aridez, é já concorrido na estação balnear, formando então como que um acampamento provisorio. Visinha de S. Miguel do Monte fica a populosa *QUEIMADELLA*, freguezia cuja antiguidade ascende até aos principios da monarchia, mas nem por isso menos remoçada e alegre na sua vegetação fecundissima.

Vão-se amortecendo as ravinas agudas da montanha; o Ave corre em baixo, placido e dormente, e a frescura dos valles substitue a urze dos elevados pincaros. Assim nos apparece *AGRELLA*, n'uma deliciosa situação, mal chegando a gente a persuadir-se que este mesmo limpido sorrir da natureza presenceasse em 1846 um d'esses dramas sanguinolentos, que tanto perturbaram o nosso desgraçado paiz. Lancemos um véo sobre as atrocidades cabralinas que se praticaram n'este sitio, e tomemos depressa o caminho de *SERAFÃO*, onde está já em construcção a estrada que vae ao sanctuario de Porto de Ave e pela qual descemos a *FREITAS*, depois de rodear o monte do Fojo. É ahi o solar dos Freitas... mas toda a heraldica que iamos n'este momento inventariar, fugiu espantadiça perante uma voz argentina que se levantava d'entre os milharaes e que mais prazer temos em ouvir, do que em recordar quantas estrellas de ouro em campo de purpura os Freitas tinham no seu brazão.

N'uma toada amorosa, essa enamorada,—que o é por çerto e que se pressente acompanhada,—diz na sua voz de *prima-donna* de aldeia:

Por mais que meus olhos busquem
Onde entregue o coração
Não ha olhos que me agradem
Como são os de João.

O patife, na outra orla do campo, assim lisonjeado por aquella confissão á queima roupa, vae apanhando vagarosamente o pendão do milho, como quem está certo da conquista:

Ó minha linda pombinha
Toda ternuras e ais
Tu sabes de quem eu gosto
Escusas de dizer mais.

E n'esse desafio vão os dois aproveitando o tempo, e deixando fallar o coração, o musculo talvez que por ser ôco mais se parece com a larynge, na expressão sonora dos cantares amorosos. Pan, o deus alegre das florestas, que te conte o resto, meu amigo, se por acaso desejas saber no que terminou esse phrasear de rouxinoes em plena liberdade, novos ambos, e sob um céo calido de agosto.

A minha missão e a de te fazer parar em *TRAVASSÓS*, ou *Travaços*, para ahi te referir a sua antiguidade, superior á da monarchia, e accrescentar que foi aqui o solar dos Travaços, o primeiro dos quaes a usar tal nome parece ter sido D. Pedro de Travaços, contemporaneo de D. Sancho I e D. Affonso II; senão para isto, ao menos para te fazer a historia d'um testamento, cujo legatario, d'esta freguezia natural, deixou ahi o seu nome gravado nas lettras do ouro mais indelevel, que jámais a posteridade esquece. Foi em 1874 que falleceu em Lisboa Antonio Joaquim Vieira Montenegro, natural d'este concelho e freguezia, negociante no Rio de Janeiro, onde o seu testamento foi aberto. D'entre os legados que ahi se encontram avultam, entre outros, os seguintes: 2:000$000 reis para o hospital de Fafe, 14:000$000 réis á camara municipal para mandar construir um asylo para meninas pobres do concelho, e 7:000$000 reis para edificar em Travassós uma casa para escola do sexo masculino.

Se no mundo d'além tumulo podera sorrir esta alma, como seria de infinito prazer o seu sorriso ao sentir chegar até si o côro abençoado, que n'esta alegre estação, aberta á locomotiva do futuro, soltam os pequenos operarios na soletração do *a b c*.

Que o exemplo fructifique e o espirito dos que podem, se inunde d'es-

tes momentos de immaculada alegria, tal foi o desejo expresso em nossa alma, quando avistámos essa casa côr de rosa, enfestoada de trepadeiras, onde o nome de um benemerito luz, como estrella inextinguivel, na formosa via lactea da civilisação. Com o cerebro assim docemente commovido, a gente mal repara na importancia de Travassós, na sua industria de chapeus de palha tão largamente disseminada, e quasi até nas freguezias proximas, especialmente em *VILLA COVA*, que nos fica perto e na graciosa *S. VICENTE DE PAÇOS*, cujo campanario mal se divisa na collina fronteira, assoberbado pela vegetação que o rodeia.

Capella de Santo Ovidio — Desenho de João de Almeida

Em Paços está a casa do Ermo, de que foi fundador o capitão de Malta e abastado proprietario Rozendo Lopes, pae dos Vieiras de Castro, que tanto se nobilitaram nas campanhas da liberdade, sendo Antonio ministro em 1836, José tenente de voluntarios durante o cêrco do Porto e Luiz desembargador da Relação, depois de haver pertencido ao batalhão academico. Este ultimo era o pae do desditoso Vieira de Castro, esse formosissimo talento, que a morte roubou depois de ter sido antes apunhalado pelo infortunio.

Estamos chegando á villa e *FORNELLOS* quasi nos esquecia! A culpa é d'ella tambem, que não sabe fazer fallar de si e que nem ao menos tem a amabilidade de vir *poser* diante do viajante, que percorre a estrada que vem de Travassós.

E eis-nos outra vez no Hotel da Vista Alegre, onde nos resolvemos a não descançar senão o tempo preciso para beber um copo de vinho e provar o pão de ló de Fafe.

*

* *

A estrada para Guimarães é um encanto, e com uma feiticeira de ordem tal não ha tregoas a conceder ao musculo que se fatiga! Veja aqui já ao sahir de Fafe, como estas ruas Formosa e de Baixo formam um delicioso *boulevard*, ornamentado com as suas vivendas esmeradas e gra-

ciosas, de onde a onde espreitando por entre as uveiras em festão! Depois a posição pittoresca da capellinha de Santo Ovidio, que figura em uma gravura nossa, tirada do lado da Ponte das Bouças, convidando a uma romaria folgasã, senão que, para os que forem estudiosos, a trabalhos serios de investigação, pois se tem encontrado ahi antiquissimos objectos, do mais importante talvez dos quaes, uma estatua callaica, está de posse o distincto archeologo dr. Martins Sarmento. Aqui temos já Villar, pertencente a *GOLÃES*, onde se festeja pomposamente o S. Lourenço, aquelle de que diz o annexim:

Por S. Lourenço
Vae a vinha
E enche o lenço

signal de que a uva amadurece e que para breve estão as alegrias da colheita.

Lá está a egreja parochial na encosta á nossa direita, vendo em baixo deslisar o Vizella no fundo d'esta bacia atapetada de arvoredo, tão denso e tão basto, que mal se entrevêem os casaes, dispersos pela collina. Fogenos depressa o encantador vallesito, mas nem por isso nos foge esta luxuriante vegetação do Minho; parece que vamos caminhando por entre um canal de verdura, e quando queremos, no fim, apanhar outra vez o golpe de vista d'essa formosissima bacia, a encosta, melhor, as suas paredes, são as que logramos vêr, coroada a do sul pelo cemiterio novo de *CEPÃES*, cujo cremiterio fica um pouco mais na baixa, ao lado d'esse Vizella, que vae passando, cada vez mais formoso, o patife, sorrindo ironicamente talvez, dos lamentos com que Cepães chora a sua perdida *honra*,— sem trocadilho, porque o foi antigamente, sendo donatarios os condes de Unhão e tendo até por isso o seu juiz ordinario e dos orphãos, chegando D. Affonso III a dar-lhe foral em março de 1251. O leitor sabe tambem já, que se Fafe póde entrar pela prehistoria dentro, assim como quem entra por sua casa, o deve em parte a esse monumento megalithico de Cepães, o *menhir*, a que se referem alguns archeologos nossos, entre elles Filippe Simões e Pereira da Costa. Os frades bentos de Pombeiro eram os que em Cepães apresentavam o vigario, padroado que lhes não rendia menos de 300$000 reis, producto dos dizimos da freguezia. Diz Pinho Leal, que a causa d'isto fôra o estar sepultado em Pombeiro o conde de Barcellos, D. João Affonso de Albuquerque, pae e sogro do infante D. Affonso Sanches; mas é de acreditar que esta doação venha de mais longe e seja comprehendida talvez n'aquella que a rainha D. Tareja, mãe de D. Affonso Henriques, fez ao convento de Pombeiro, «*de quanto possuia dentro dos coutos de Arizella.*»

Assim ou não, o que parece provavel é, que á visinha freguezia de *TAREJA* venha o nome antes de *Tareja* (Thereza), do que do vocabulo arabe *Taruja* —prazer —segundo pensava Pinho Leal, que assim a denomina *povoação do prazer*. Ha tambem, e com solidas razões, quem julgue ser Tareja a antiga cidade *Aufrazia*, fundada alguns seculos antes de Christo e destruida pelos arabes em 965. Um dos argumentos é a descoberta que ahi se fez, nos fins do seculo passado, de umas setenta sepulturas de remotissima origem. No concelho de Felgueiras teremos occasião de voltar a este ponto, e por isso o leitor nos relevará da falta commettida agora, se falta é, pois que á sua competencia especial deixamos o problema para resolver. Incapazes nos sentimos para tão arduo estudo, agora sobretudo que o nosso intento de apresentar-lhe Tareja, assim *á vol d'oiseau*, está conseguido, emquanto vimos jornadeando por esta deliciosa estrada, d'onde as suas collinas e valles mal se avistam, pois mais visinha é a linda Tareja da estrada de Felgueiras, do que d'esta, em que nos encontramos.

O sitio que atravessamos n'este instante é a Ribeira Nova, por onde Golães confina com *S. ROMÃO DE ARÕES*, cuja egreja vê o leitor levantar-se mesmo ao pé da estrada, a bella torre de dois campanarios, como um binoculo de campo, espreitando toda esta nova e fresca bacia, estendida em frente do elegante cruzeiro.

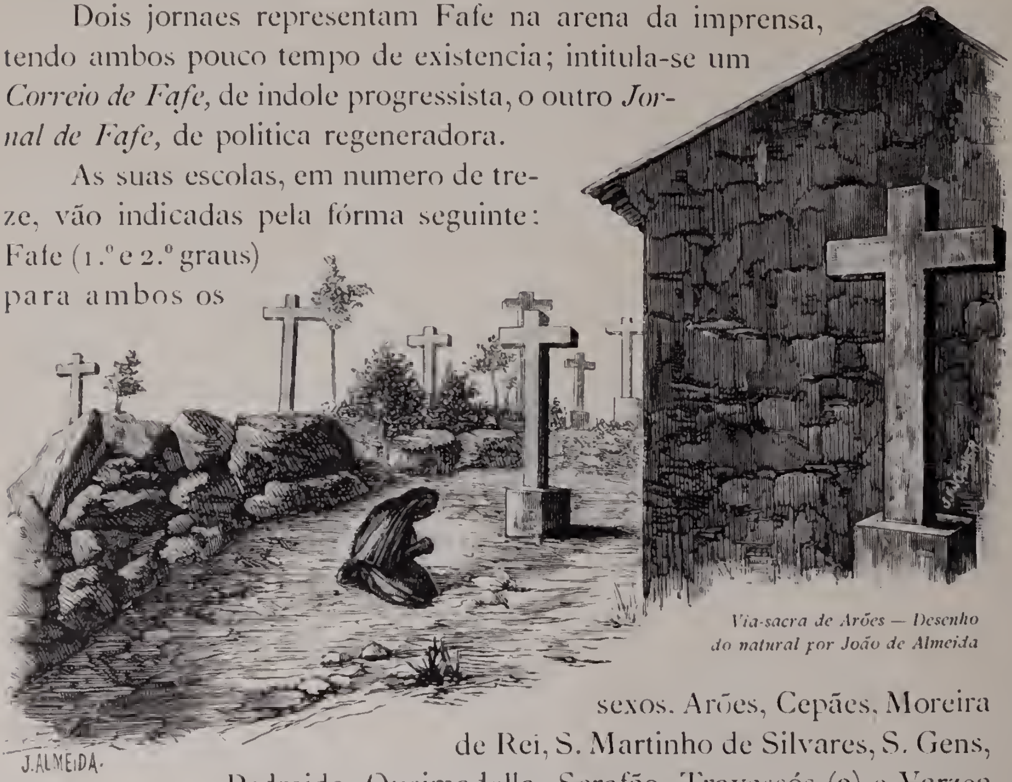
Duas são as *Arões*, uma tendo como orago S. Romão, a outra Santa Christina, que mal se vê da estrada. A sua situação, porém, é quasi a mesma, e a sua visinhança germana-as por isso, como os seus nomes o fazem já. Se um outro laço fosse preciso, ahi o encontrava o leitor n'essa *Via-sacra* de Santo Antão, que ao passar a Portella de Arões se levanta no outeiro sagrado, onde vem as procissões das duas freguezias homonymas. Reproduziu-a o lapis do meu companheiro de viagem, e eu sinto, leitor, não poder traduzir-lhe por egual as impressões que essa collina sagrada, alumiada por uma luz frouxa de crepusculo, deixou no meu espirito. n'aquelle instante, não sei por que obstinação psychologica, pensando no glorioso centenario de 1789, que vem proximo.

Dos devaneios me tirou o chocalhar alegre d'umas campainhas, que vinham proximo e o estrepitoso rodar d'uma diligencia que passava. Era «*O velocipede*» que vinha de Guimarães, com quatro passageiros somnolentos, e duas lavradeiras na almofada, o tejadilho coberto de malas de couro, o cocheiro fazendo estalar a pita do chicote e a sua praga favorita!

E pois que o *Velocipede* passa, e breve desapparece em uma curva da estrada, quando eu transponho os ultimos limites do concelho, cumpre-me aproveitar o exemplo da sua carreira vertiginosa para dizer adeus tambem á boa e alegre Fafe.

*
* *

Seguem as notas, que podem dar sobre o concelho a synthese mais approximada do seu valor economico e social.



Via-sacra de Arões — Desenho do natural por João de Almeida

Dois jornaes representam Fafe na arena da imprensa, tendo ambos pouco tempo de existencia; intitula-se um *Correio de Fafe,* de indole progressista, o outro *Jornal de Fafe,* de politica regeneradora.

As suas escolas, em numero de treze, vão indicadas pela fórma seguinte: Fafe (1.º e 2.º graus) para ambos os sexos. Arões, Cepães, Moreira de Rei, S. Martinho de Silvares, S. Gens, Pedraido, Queimadella, Serafão, Travassós (2) e Varzea Cova. A estatistica do crime marca os seguintes algarismos em relação ao anno de 1880: Foram 23 os crimes commettidos, sendo 3 contra a ordem, 12 contra pessoas e 8 contra a propriedade. Os réos julgados foram 28, sendo absolvidos 14, 2 condemnados a penas maiores e 12 a correccionaes. Entre os 28 contavam-se 23 homens e 5 mulheres, sabendo lêr 10 e sendo analphabetos 18. Um só era de fóra da comarca. Sobre a pecuaria do concelho diz o relatorio já citado: «Segundo as informações recebidas, ha pouca creação de gado bovino, vendendo-se os bezerros e vitellas depois de aleitadas, aquelles para creação e estas para consumo —sabe o leitor que é afamada a vitella de Fafe—e ambos ainda de leite para este ultimo fim, sendo mais geral comprar fóra o gado já feito, tanto para trabalho, como para pensar e engordar. É pouco usual a recreação, a qual quasi sómente tem logar para as rezes vindas de Barroso e Cabeceiras de Basto; a ceva ou engorda do gado bovino é tambem rara (hoje menos). Em Fafe, mais que em nenhum dos outros concelhos, se faz re-

paravel a discordancia entre as vaccas de creação, que attingem o numero de 2:717 cabeças, quantidade que nenhum outro accusa, e o numero de 221 crias até um anno recenseadas; mas este reparo deve desapparecer ou pelo menos perder muito da importancia, notando-se que em Fafe é grande, relativamente aos outros concelhos, a matança de vitellas, e que até se exportam, pela fama que teem, para outras localidades.»

O mappa da riqueza pecuaria é o que segue:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	383	3:425$400
Muar	113	1:659$000
Asinino	120	351$200
Bovino	5:330	120:500$900
Lanar	6:788	1:435$020
Caprino	395	234$200
Suino	3:716	38:404$000
		166:009$720

Sob o ponto de vista vinicola são as seguintes freguezias as mais productivas, segundo a memoria por vezes citada: Antime, Armil, Cepães, Estorãos, Fafe, Freitas, Golães, Passos, Ribeiros, Serafão, Travassós e Villa Cova. Quasi todo o vinho é consumido no concelho, sendo algum que se exporta substituido por egual importação dos dois concelhos de Basto. As videiras são todas levantadas em uveiras sobre as arvores que cercam os campos. As castas mais cultivadas são o *azal preto,* a *borraçal,* o *espadeiro,* o *vinhão tinto,* a *tinta molle* e o *souzão.* Fabrica-se uma especie de vinho, que é verde e tinto, sendo ordinariamente palhetes, moderadamente verdes e adstringentes, alguns com o cheiro agradavel da parra, mas todos geralmente bons. A media alcoolica é de 6,6 por cento. A vindima começa no principio de outubro, sendo o vinho feito em lagares de cantaria. Não ha escolha, nem separação de uvas. Depois da pisa o mosto entra em fermentação, e ao segundo e terceiro dia entram por algum tempo os homens no lagar para calcar o cango, sendo ao fim do terceiro dia, quando o mosto tem perdido a doçura, que o vinho se envasilha. Na adega não se faz tratamento algum e raros são os que trasfegam. Os vinhos conservam-se até dois annos não melhorando com a edade.

O preço dos generos alimentares é regularmente o seguinte:

Milho (alqueire)	640 réis
Feijão »	600 »

Batata (alqueire)	340 réis
Vinho (pipa)	15$000 »
Gallinha	320 a 420 »
Ovos (duzia)	90 »

A esta pequena tabella póde o leitor accrescentar a barateza e abundancia das fructas, a especialidade do pão de ló, e sobretudo, sobretudo a deliciosa vitella, que torna Fafe uma celebridade entre os amadores da carne tenra e branca.

CONCELHO DE FAFE

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Aboim, *Santa Maria*	289	367	656	160 *a*
Agrella, *Santa Christina*	133	156	289	79 *b*
Antime, *Santa Maria*	243	314	557	148 *c*
Ardegão e Arnozella, *Santa Marinha e Santa Eulalia*	255	301	556	157 *d*
Armil, *S. Martinho*	267	357	624	158 *e*
Arões, *Santa Christina*	182	209	391	84 *f*
Arões, *S. Romão*	373	477	850	203 *g*
Cepães, *S. Mamede*	371	443	814	158 *h*
Estorãos, *S. Thomé*	353	452	805	219 *i*
Fafe, *Santa Eulalia*	1:078	1:450	2:528	645 *j*
Fareja, *S. Martinho*	196	242	438	95 *k*
Felgueiras, *S. Vicente*	60	75	135	38
Fornellos, *Santa Comba*	196	252	448	118 *l*
Freitas, *S. Pedro*	255	325	580	152 *m*
Golães, *S. Lourenço*	405	445	850	208 *n*
Gontim, *Santa Eulalia*	100	143	243	51
Medello, *S. Martinho*	150	175	325	79 *o*
Monte, *S. Miguel*	337	419	756	198 *p*
Moreira de Rei, *S. Martinho*	599	835	1:434	455 *q*
Passos, *S. Vicente*	268	287	555	141 *r*
Pedraido, *S. Bento*	161	192	353	89 *s*
Queimadella, *S. Pedro*	446	601	1:047	247 *t*
Quinchães, *S. Martinho*	551	653	1:204	356 *u*
Regadas, *Santo Estevão*	316	382	698	193 *v*
Revelhe, *Santa Eulalia*	299	368	667	173 *x*
Ribeiros, *Santa Maria*	208	321	529	144 *y*
S. Gens, *S. Bartholomeu*	639	842	1:481	370 *z*
Seidões, *S. Martinho*	210	232	442	103 *aa*
Serafão, *S. Julião*	421	525	946	234 *bb*
Silvares, *S. Clemente*	133	192	325	89 *cc*
Silvares, *S. Martinho*	235	322	557	131 *dd*
Travassós, *S. Thomé*	452	616	1:068	261 *ee*
Varzea Cova, *Santa Maria*	327	364	691	175 *ff*
Villa Cova, *S. Bartholomeu*	215	284	499	108 *gg*
Vinhós, *Santo Estevão*	130	186	316	81 *hh*
	10:853	13:804	24:657	6:300

a Comprehende esta freguezia os logares de Aboim, Figueiro, Barbeita de Cima, Barbeita de Baixo, Mos, Lagoa.

b Comprehende esta freguezia os logares de Agrella, Souto, Cabo, Vinhas, Eidos, Aldeia, Portella, Chão do Fojo, Lojas e Ribeiro Gonçalo.

c Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Porinhas, Docim, Outeiro, Cruz, Balões, Tibaes, Portas, Ribeira, e os casaes ou quintas de Quintã, Estris, Ribeiro, Cepeda.

d Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Feira, Renda, Fragão, Pelloale, Estrada, Abelleiro, Villa, Fundões, Ribas, Idães, Tharezo, Regedoura, Egreja, Fontinhal, Rol de Egreja, Passo, Barroco, Fonte, Castanheirinhas, Couto, Fundevilla, Alem; os casaes de Aldeia, Abeleira, Corego, Outeiro, Curto, Ribas, Idães, Barroso, Lugal, Palhal, Fonte, Poço, Portella, Manlheiro, Gira, Cancella, Telhado, Covas, Chaves, e a quinta do Reguengo.

e Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Retorta, Eira, Assento, Deveza, Cachadinha, Cova, Eidos, Agro, Soutinho, Abragão, Lameiro, Covo, Boucinha, Portella, Pias, Outeiro, Porta, Vieira, Bouça, Seara, Fonte, Pitella, Sobrado, Ribadaes, Lama, Passo, Cortes, Carvalheda, Quinta, Lamellas, Bacello, Albergaria, Mures

f Comprehende esta freguezia os logares de Aguiar, Agrello, Outeiro, Gaia, Ribeira d'Alem, Barroca, Lama, Villa Pouca, Ribeira de Baixo, Quinta, Matta, Carvalho, Pinho e Castanheiro Talhado, Boa Vista, Mende, Trepeço, Veiga, Capareira, Penna de Gallo, Souto Novo, Agmarinho, Boucinha, S. Pedro, Monte, Cruz, Assento; os casaes de Ribeira d'Alem, Gaia, Lama, Villa Pouca, Quinta, Pinhoe, S. Pedro, e as quintas e herdades de Veiga, Penna de Gallo, Agmarinho.

g Comprehende esta freguezia os logares de Bouco, Oleiros, Torre, Ferreiros, Subaco, Venda, Assento, Bouçó, Fontello, Subtorre, Pestana, Ribeira, Lage, Estrada, Portal, Penedo, Azenha, Castanha, Traz o Paço, Quintã, Seara, Lameira, Nogueira, Pinhão, Casa Nova, Estrufans, Souto da Nogueira, Reguengo, Prelada, Outeirinhos, Crespos, Porto, Carvalhinho, Tomada, Azebral, Prendal, Outeiro, Monte, Vinha, Paulinho, Penoussos, Rego, Quinta, Carvalho, Carvalho de Lobo, Portella da Penha, Soutinho; os casaes do Souto, Telhado, Cerdeira, Requeixos, Ribeira, Fonte, Tregim, Logar, Penedo, Sub Nogueira, e a quinta ou herdade de Campo.

h Comprehende esta freguezia os logares de Moinhos de Baixo, Moinhos de Cima, Rans, Bellide, Passo, Fonte, Sobrefonte, Barroca, Vinha, Retorta, Soutinho, Carneira, Cruz, Traganhel, Pereirinha, Boa Vista, Martins, Bacello, Devezinha, Casa Nova, Alminhas, Retortinha, Alminha, Cesteiro, Casa Nova do Soutinho, Soutinho, Brandões, Carreira, Alem, Outo-

zello, Cancella, Boncinha, Telhado, Bouça, Rapozeira, Pinto, Santeiro, Souto, S. Paio, Soutello, Soeiro, Mattinho, Deveza, Castonado, Nogueiras, Portella, Lage, Calçada, Pombeira, Pombeirinha, Capella, Assento, Egreja.

i Comprehende esta freguezia os logares de Costa, Cabeceiros, Cabornegas, e as herdades de S. Simão, Passos, Bairro, Turnadouro, Quintella, Barroca, Lis, Fundello, Cancella, Outeiro Alto, Quintãs, Lamas, Groiva, Estrada, Villares, Pena-Grande, Ribeira, Torre, Baceiros, Sargaça, Ermo, Outeiro, Mourisca.

j Comprehende esta freguezia, alem da villa, os logares de Bouça, Agrella, Falôa, Crasto, Calbellos, Sa, Feira Velha, Concelho, Travessa Nova, Ponte da Ranha, Cham de Bouças, Santo, Seara, Corredoura, S. Gemil, Tojal, Devezinha, Portugal, Moinhos da Ponte e Ferro, Pardelhas e Assento.

k Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Bacellos, Marco, Fun'devilla, Areal, Moinhos de Fun'devilla, Moinhos da Egreja, Moinhos da Casa Nova, Moinhos Novos, Pizao, Guimaterra, Casal, Eido d'Alem, Palhaes, Loge, Padrao, Tive Quinta, Lagoas, Regato, Bouça, Montinho, Porfias, Gandra, Guntão, Monte, Portella, Cruz, Vinha da Pedra, Hospital, Paço, Ponsa, Cauna, Ribeirinha, Santinho, Ribeira, Ribeira d'Alem, Residencia.

l Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Ribeiro, Barroca, Veigas, Fervença, Passô, Casas Novas, Outeiro do Casal, Carvalhal, Cima de Villa, Carvalhinhas, Val Escuro, Vinhas, Riêlho, Fornello, Via Cova, Corredoura, Torre, Quintã e Luz, Panellada, Fontello, Veiga.

m Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Corvo, Tabaço, Portella, Paço Villas, Estrada, Pardieiras, Tapada, Santo Antonio, Sobreira, Bouça, Botoca, Cruzinha, Boa Vista, Outeiro Alto, Vigogem, Redondo, Pinheiro, Eirinhos, Pereira, Souto de Pereira.

n Comprehende esta freguezia os logares de Ponte de Bouças, Romeu, S. Gidos, Gaia, Barziella, Soutellinho, Fontellas, Peguite, Magurra, Villar, Eira Vedra, Cima de Villa, Souto, Casal de Grillo, Parochia, Subaco, Torre, Quintã, Lameiro, Samoça, Lousido, Cruz, Outeirinho, Outeiro, Ribeiro, Egreja, Hospital, Sub carreira, Adro, Assento, Sub-devesa, Calvario, Portellada, Bairro, Casas Novas, Moinho de Bairro, Eiras, Barroco, Engenho, Portellinha, Villa Boa, Fonte Estevão, Fun'de villa, Poça do Torto, Roferta, Serinha, Ribeira.

o Comprehende esta freguezia os logares de Crujeira, Vinheiros, Carvalhinho, Rielho, Ordem, Sueiro, Bouça, Valle, Sub-rego, Casal, Ascenção, Batoca, Assento, e as herdades de Bouça, Rio.

p Comprehende esta freguezia os logares da Egreja ou Assento, Casal de Estime, Luilhas.

q Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Moreira de Rei, Marinhão, Areal, Portella, Barca, Feira, Foral, Bemposta, Villela, Soutello, Cortinhas, Val-Tulha, Eira doniga, Villa Ponca, Barbosa, Fontella, Parrainha.

r Comprehende esta freguezia os logares de S. Vicente de Passos. Assento, Lustoso, Cima de Villa, Areal, Ermo e Cubiça, Eiras, Tear e Fun'devilla, Ovial, Outeirinho, Pedra, Passo, Abelheira, Lages, Portella, Costa e Crasto, Antadega, De Goiva, Bairro e Torre.

s Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Fun'devilla, Pontido, Valle, Moreira, Quintans, Roda, Via Cova, Val de Cima, Barras, Vega de Cima.

t Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Meixedo, Argonde, Calcões, Cheda, Pontido, Repullo, Ribeiras, Santa Cruz, Villa Franca.

u Comprehende esta freguezia os logares de Eiros, Serrinha, Pica, Veiga, Agrello, Ranha, Cavadas, Ribeirinhas, Tomada, Docim, Assento, Lavandeira, Torre, Costeira, Outeiro, Cortegaça, Portella, Casadella, S. Lourenço, Montim.

v Comprehende esta freguezia os logares de Doroso, Arida, Outeiro, Fun'devilla, Lamella, Loureiro, Paço, Ribeiro, Quintella, Cortinhas, Deveza, Saibro, Sardadello, Travecellas, Entre-Devezas, Padrões, Quinta e Balsa, Boncinha, Ribeiras, e as quintas de Vocal e Telhado.

x Comprehende esta freguezia os logares de Revelhe, Assento, Goival, Canto, Outeirinhos, Lamella, Sobradello, Gallinhoso, Miguel, Reguengo, Louredo, Quintães, Cortegaça, Lamellas, Baluzal, Outeiro Mau, Souto, Crasto, Cacho.

y Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Veiga, Herdade, Ponte, Portella, Crasto, Torre, Ribeiro, Verão, Berranca, Recovellas, Passos, Deirão (ou Leirão?), Reconco, Real, Felgueira, Casal, Cima de Villa, Redondello.

z Comprehende esta freguezia os logares de S. Gens, Mosteiro ou Assento, Gondim, Valle, Penedo das Pombas, Ribadeiras, Falperra, Chãos, Estremadouro, Ce[illegible]a, Cazelhos, Real, Campo, Pontinhas, Votreno, Campo de Cima, Gervide, Bairro, Rio, Monte, Villares, S. Lourenço, Boucinhas, Casaes, Torrão, Ruivaes, So[illegible]o, Coroado, Deveza, Paredes, Povoação, Burgueiros, Villela, Portella.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Seidões, Souto, Villar, Villar d'Oufe, Bouça, e as quintas de Souto Cabral, Cima de Souto, Cruz.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Assento e Gondifes.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Abbarinho, Pinheiros, Balbom, Crasto, Boucinha, Cortinha, Mulêlle, Outeiro-Longo, Pousada, Figueira, Lama, Passo, Veiga.

dd Comprehende esta freguezia os logares de S. Martinho, Ortezedo, Levadinha, Casadella, S. Miguel, Covas, Outeirinho, Campo, Requeixo, Tresmil, Barreiro, Outeiro, Sobradello, Nogueiras, Cortes, Padreira, Assento, Barzia.

ee Comprehende esta freguezia os logares de Requeixo, Lestides, Cobelo, Villar, Bouças, Custeira, Vizella, Ponte, Moinhos, Sanfins, Seiras, Barrinhas, Ribeiro, Soutinho, Outeiro, Freixo, Quintaes, Linhares, Santos, Atalaia, Goutinho, Casinhas, Souto, Maceiro, Castanheira, Compostella, Pena, Samorinha, Varzea, Lage, Lagieto.

ff Comprehende esta freguezia os logares de Varzea Cova, Bastello, Lagoa, Cerdeira, e os casaes do Outeiro e Facha.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Villa Cova, Assento ou Egreja, Vallado, Passos, Lameira, Cotelhe, Touticço, Outeiro, Casaes, Padinho, Crujeira, Valdelhe, Lamas, Bairro, Monre, Castanheira, Sancha, Rio, Loureiro, Fornello, Portella, Boa Vista, Outeiro, Carvalhal, Calçada, Quinta Ma, Aidro, Lata, Portellinha.

hh Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Sernadello, Carvalho, Casa Nova, Outeiro da Linha, Outeiro da Vinha, Godim, Lagar, S. Mamede, Campo, Adegas, Outeiro, Deveza.

GUIMARÃES

Castello de Guimarães   Desenho de João de Almeida

O *berço da monarchia* — diz reverentemente a tradição.

A colmeia industrial do Minho — deve accrescentar modernamente a historia.

Bem pouco ha. O palacio de Villa-Flor abriu as suas portas brazonadas e o espirito publico pasmou surprehendido do prodigioso concurso de elementos industriaes, vigorosamente agrupados pelo concelho vimaranense, n'um certamen todo seu, exclusivamente seu. Luz abençoada do progresso, que assim invadiu triumphantemente o velho burgo de Mumadona, illuminando-o com a nobilissima aspiração, honradamente nacional, do que deve ser o dia de hoje na vida independente do paiz.

Eis a terra, onde viemos parar, querido companheiro d'estas singelissimas viagens, e da qual vou, antes de tudo, apresentar-te a physionomia especial, pedindo á prosa scintillante e profundamente honesta de Ramalho Ortigão os traços, com que elle a desenhou no seu formoso e utilissimo livro *Banhos de Caldas:*

«A pequena cidade de Guimarães é a mais rica de Portugal, a mais trabalhadora, a de mais recursos proprios e independentes de todo o favor alheio. Sustenta umas poucas de industrias importantissimas: a dos pannos de linho, a da cutelaria, a das linhas e a do couro, cujos productos espalha por todo o paiz e exporta para o Brazil e para a Africa.

Além da ourivesaria e principalmente das filigranas e das obras de malha de prata, quasi todas feitas na freguezia de S. Cosme, o Porto não tem outra industria que se compare com as de Guimarães.

Lisboa—inutil é dizel-o—não tem industria nenhuma que se sustente independente do favor do Estado e da protecção das pautas, do que resulta uma riqueza equivoca e uma prosperidade fabril, cuja importancia nunca chegámos a comprehender senão de um modo excessivamente ambiguo.

Guimarães, no meio do movimento interior do seu trabalho, de uma feição essencialmente moderna, conserva nos seus aspectos exteriores o fundo cunho tradicional, antigo, legitimamente portuguez.

Extremamente abastada e poderosa, Guimarães não faz senão violentamente e em grau muito restricto concessão alguma ás invasões espurias da moda alheia e da modernidade. Conserva os seus velhos usos e costumes, os seus antigos habitos, com a rigidez severa de um burguez honrado que despreza as futilidades vaidosas dos *parvenus,* e que tem principios solidos, convicções firmes, inquebrantaveis e propriamente suas.

É por esse lado tradicional que Guimarães é profundamente interessante para as observações da arte e para a educação nacional do espirito e do caracter.

São geralmente imperfeitos os homens nascidos nas grandes cidades, creados e educados n'esses centros internacionaes, em que os costumes, os principios, as idéas, as mesmas palavras, os proprios aspectos da natureza pouco e pouco se deturpam, se desgastam da sua feição primitiva, se desnacionalisam—porque assim o digamos—no contacto das civilisações extrangeiras. Falta a esses homens a feição de raça, a marca indelevel imposta ao caracter pela influencia de certa porção de sólo, de certo e determinado *meio* moral. Em todas as manifestações do espirito, na arte, no theor de vida, no gosto, na moda, os homens assim destemperados na sua intima fibra perderão lentamente a inspiração original, a faculdade inventiva, o dom creador e o ponto de vista critico. Cahirão na inspiração de segunda mão, no espirito de imitação, na exageração affectada e burgueza ou na trivialidade chata, incolor e insipida.

Para as minhas necessidades como consumidor de camisas, de gravatas, de luvas e de perfumarias, o Chiado offerece vantagens superiores

ás que me proporcionam alguns outros sitios mais obscuros do reino. Mas para mim, cidadão, para mim, portuguez, para mim, escriptor e artista, —que o Chiado me perdôe—acho-o insignificante, incaracteristico, ordinario, sem feição, sem relevo, sem linha, e prefiro-lhe a angustiada e escura rua dos Gatos em Guimarães, com os seus estreitos portaes, as suas escadas empinadas e as suas miudas gelosias encanastradas como as do côro dos mosteiros, pela qual rua a antiga diligencia do Porto entrava no *berço da monarchia* com um ecco estrepitoso e pesado, ao som dos estalos do chicote e das campainhas das parelhas, aos solavancos da berlinda pelos buracos da calçada toscamente lageada.

É claro que não é nosso intento inculcar Guimarães, *berço da monarchia,* como sendo egualmente o berço da critica e da poesia nacional, nem deixar crer que os futuros artistas e philosophos tenham de vir exclusivamente de Braga, de Santarem ou de Amarante.

O que pretendemos simplesmente notar é que a litteratura de um povo —e damos o nome de litteratura a toda a escripta collectiva do pensamento—vive dos dois elementos combinados do progresso e da tradição, e que por maiores que sejam os desenvolvimentos produzidos pelo estudo comparativo das civilisações, o talento tenderá a abastardar-se sempre que se não inspirar no espirito nacional que o gerou.

É em tal sentido que nos parece duplamente saudavel que os que viajam no verão em Portugal, os que percorrem as suas terras de Caldas no interior das nossas provincias se banhem na genuina tradição popular, o especifico reconstituinte da adoentada alma portugueza.»

Não desacatemos nós o conselho e não desperdicemos sobretudo o tempo, tanto mais que o creado do *Hotel de Guimarães,* um astrologo de polpa, que nos serve familiarmente á meza, annuncia aguaceiros fortes e trovoada de derrubar telhados e beiraes, ao observar pachorrentamente, com a travessa do assado em uma das mãos e a caneca do *verde* de Basto na outra, o céo brumoso e plumbagineo que pesa sobre a velha sé, a egreja da Oliveira, ali quasi ao alcance das vidraças da nossa casa de jantar. Vamos primeiro ao *Castello,* que é ahi no monte, onde campeia o velho alcaçar, que mais se agrupam as reminiscencias historicas da Guimarães antiga, e onde o espirito melhor póde evocar as tradições gloriosas do *berço da monarchia.*

Facil é a ascensão, e podem até os menos lestos fazel-a de carruagem; um quarto de hora, quando muito, é o bastante para chegar á pequena eminencia, onde assenta o modestissimo bairro agrupado em volta da torre de menagem do castello. Bairro foi esse por sem duvida, que outr'ora constituiu a Guimarães primitiva, a predecessora da actual, conhe-

cida entre os antigos com o nome de *Vimaranes,* d'onde incontestavelmente derivou o nome da povoação moderna. Os antiquarios levam até aos tempos mythologicos a origem da povoação primeira e d'entre elles os mais modestos contentam-se em attribuir a sua origem aos gallo-celtas uns 500 annos antes de Christo, que a chamariam *Araduça* (cidade das lettras), chrismada depois em *Leobriga, Columbina* talvez mais tarde, e *Vimaranes* por ultimo.

«Se as conjecturas em casos taes são boas,—dizemos com o sr. Vilhena Barbosa,—o que póde suppor-se mais proximo da verdade é que serviu de nucleo á povoação uma torre ameiada, tambem de fundação duvidosa, mas que ha motivos para a crer obra dos romanos.»

Sobre a etymologia de Vimaranes dizem tambem alguns archeologos antigos, que a palavra seria a corrupção da legenda *Via maris,* gravada em uma pedra da entrada da torre, indicando essa inscripção o caminho d'uma estrada para o mar, via maritima, ou *via militaris* (outra hypothese), que de Braga ia por Amarante a Traz-os-Montes, passando em Guimarães. Outros, com melhor fundamento, dizem que o nome proveiu da *quinta da Vimaranes,* onde a condessa Mumadona edificou o seu mosteiro de Santa Maria, de que adiante fallaremos. O nome da quinta consta de escripturas authenticas, diz o sr. Vilhena Barbosa, e quanto á inscripção, se acaso existiu, nenhum vestigio se encontra hoje d'ella. Está, pois, o leitor elucidado sobre as origens do nome de Guimarães e para si guardará a hypothese que mais grata fôr ao seu espirito, visto que é difficil garantir-lhe a veracidade de qualquer, embora tenhamos por mais justa a ultima que reproduzimos.

Das origens do castello vae com mais afoiteza elucidal-o a tradição historica por todos os escriptores egualmente referida.

«O conde de Tuy e do Porto, Hermenegildo, casado com D. Mumadona, tia de D. Ramiro II de Leão, governava, por 920, esta provincia do Minho, então encorporada na Galliza. Falleceu o conde deixando a viuva herdeira de avultados bens, e recommendando-lhe que podia gastar a quinta parte em obras piedosas como reparo e construcção de mosteiros, soccorros aos pobres e peregrinos, etc. A condessa, respeitando-lhe a vontade e ouvindo tambem a voz do proprio coração, que das pompas do mundo a sequestrava, resolveu fundar, na sua quinta de Vimaranes, um mosteiro consagrado a Santa Maria, *duplex* para monges e freiras, a quem impoz a regra de S. Bento, dando-lhes habitações em separado e apenas a egreja por logradio commum. Largamente dotou a viuva de Hermenegildo o seu mosteiro com terras e rendas na provincia e na Galliza, além de ricas alfaias para o culto, camas, rouparia e gado para o serviço do

convento. Em santa paz religiosa vivia com a sua colmeia a pia viuva do conde de Tuy, quando a má nova soou, dentro dos muros do mosteiro, de que o celebre hajib Al-mansor vinha fazendo uma devastadora algara por terras da provincia. Era boa a oração em lances taes, mas cumpria não descurar a defesa do mosteiro e do burgo, que elle ia desenvolvendo em redor—pensaram os mais prudentes. Foi essa de certo a opinião seguida pela condessa, porque á resolução passou logo de edificar um *Castello,* que servisse ao mosteiro de defesa e aos christãos de refugio, contra as investidas dos infieis.

«A torre antiga, que se erguia nas visinhanças do mosteiro,—diz o sr. Vilhena Barbosa,—alta, de excellente construcção e com sua corôa de ameias, era de per si um valioso contingente para a obra que se projectava, além de ser a sua posição muito apropriada para assento de uma boa fortaleza, quer pela elevação do terreno, quer pelas rochas que ahi se lhe offereciam para base. Começada a fabrica com o fervor de quem tinha abundancia de meios, e grande necessidade d'ella, não tardou muito a concluir-se, ficando um castello fortissimo, não pela grandeza da área que occupava, mas sim pelas grossas muralhas de cantaria e pelas torres ameiadas, que a espaços as guarneciam. A torre antiga ficou solitaria no centro da fortaleza como torre de menagem.»

Foi esta, leitor amigo, a origem do castello de Guimarães, que a condessa Mumadona dedicou a S. Mamede, e que tu vês representado na gravura respectiva, o que me dispensa de uma descripção minuciosa. A torre de menagem, macissa e quadrangular, que o sr. Vilhena Barbosa considera anterior ao resto da fortaleza (do que póde discordar-se attento o seu estylo em harmonia com o todo, e o estado da pedra, indicando a mesma edade), ergue-se ainda como altivo gigante a recordar á cidade ajoelhada a seus pés a nobreza das tradições, que os seculos escreveram nas suas pedras venerandas.

E que tradições, meu amigo!... Começa ahi, póde dizer-se bem, dentro da alcaçova d'essa fortificação vetusta, o periodo brilhante da nossa independencia, como nação, o facto inicial da nossa autonomia politica. Para Guimarães, póde dizer-se tambem, coincide a sua prosperidade de simples e modesto burgo agrupado em volta do asceterio de D. Muma com o estabelecimento na alcaçova da côrte do conde Henrique e com os fastos guerreiros do venerando castello.

Sabes a historia.

«Em 1097,—diz Herculano,—o conde Henrique dominava todo o territorio do Minho ao Tejo... e Affonso VI, casando com elle sua filha Thereza, não se limitou a entregar-lhe o governo da provincia portuga-

lense;... as propriedades regalengas, isto é, do patrimonio do rei e da corôa passaram a ser possuidos como bens proprios e hereditarios pelos dois consortes.»

Deve d'essa epocha datar o estabelecimento em Guimarães da côrte do genro de Affonso VI «se tal se póde dizer de uma residencia incerta e quasi annualmente interrompida», observa o historiador. Henrique dedicou-se acaso nos primeiros tempos a prover ás mais urgentes necessidades de uma provincia assolada por tão continuas guerras» e assim, é de suppôr que fosse edificado n'este periodo o paço para sua residencia e restaurado e accrescentado o castello de D. Muma. No romance *O Bobo*, cuja acção tem por theatro o formidavel castello de Guimarães, escreve o historiador-romancista: «O ameno e aprazivel sitio attrahiu os poderosos; o conde Henrique quiz ahi habitar algum tempo e sobre as ruinas de *um fraco e pequeno castello,* a que os monges se acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros, se levantou aquella machina, notavel por sua fortaleza, vastidão e elegancia, e não tendo outro por trinta leguas em roda, que ousasse disputar-lhe primazia.» Opinião tão auctorisada leva a crer, que não é a construcção de D. Muma essa, cujos restos se observam hoje, mas obra do conde Henrique, o que aliás não amesquinha a sua gloria respeitavel. E quem sabe, o que restará da obra do conde borgonhez, que não haja sido retocado, ou quando D. Diniz e D. Affonso IV cercaram a villa de alguns lanços de muralhas, em parte ainda existentes, ou quando D. João I a defendeu com as torres ameiadas, que as vereações desde 1848 derrubaram já em parte para calcetamento das ruas! Mas, repetimos de novo, a gloria do monumento não se amesquinha por isso.

Com a côrte desenvolveu-se o burgo; «muitos Francos, diz Herculano, vindos em companhia do conde ahi se tinham estabelecido e os *homens de rua* ou moradores do burgo constituiram-se em sociedade civil. Então surgiu o municipio, e essas casas apparentemente humildes encerravam já uma porção do fermento da resistencia antitheocratica e antiaristocratica, que, espalhado gradualmente pelo paiz, devia em tres seculos pôr manietados aos pés dos reis a aristocracia e a theocracia.» Guimarães breve obteve do conde um foral, uma carta de municipio, tudo *pro bono pacis,* como resa o documento respectivo. É na alcaçova d'esse castello que nasceu o unico filho varão do conde, o infante Affonso Henriques, mais tarde o valoroso consolidador da monarchia portugueza, sendo ainda hoje disputada a verdadeira data do seu nascimento. [1]

[1] Na nota XI do vol. I da *Historia de Portugal,* encontra o leitor este assumpto tratado com a grande proficiencia de A. Herculano «que no meio de tanta incerteza prefere o testemunho da *Chronica dos Godos* attribuindo esse facto a 1111.»

Tinha dois para tres annos o infante quando seu pae morreu em Astorga, e só principia d'elle a occupar-se a historia, quando em 1125 se arma cavalleiro na Sé de Zamora, indo por suas proprias mãos, como era costume dos reis, tirar as armas de cavalleiro de cima do altar de S. Salvador, e vestindo junto d'elle a loriga e o cinto militar.»

Durante este periodo, apezar das lendas com que lhe aureolaram o berço muitos livros de historiadores crendeiros, elle apenas apparece uma vez ou outra, diz Herculano, como confirmante de alguns diplomas de sua mãe, segundo a formula de chancellaria, vulgar n'esse tempo, de se lançarem nos documentos antes dos nomes dos bispos e ricos homens confirmantes os dos filhos do principe, muitas vezes ainda na primeira infancia d'elles.

O castello de Guimarães é, na menoridade do infante e após a sua empolgação do poder, theatro de acontecimentos importantes. Primeiro passam-se ahi as scenas amorosas entre Fernando Peres e D. Thereza, depois, as primeiras tentativas de revolta do filho contra a mãe auxiliada pelo odio que os barões portuguezes votavam ao favorito conde de Trava, tentativas que a invasão de D. Affonso VII veiu por algum tempo addiar, visto que para repellir o inimigo commum se calaram n'essa occasião as discordias. É a esta invasão terminada pelo sitio de Guimarães que Herculano refere a heroica devoção de Egas Moniz, tantas vezes citada como exemplo de honra e lealdade. Era apertado o cerco e conhecendo «que as suas forças não bastavam para repellir os cercadores, os barões e cavalleiros encerrados nos muros de Guimarães declararam em nome do moço Affonso que elle se consideraria de futuro vassallo da corôa. Egas Moniz,... que talvez mais que nenhum gosava a reputação de homem leal, ficou por fiador da promessa. O rei de Leão levantou o cerco; depois de reduzir á obediencia D. Thereza retirou para Galliza. Quando os successos de 1128 entregaram Portugal nas mãos do filho do conde Henrique, elle esqueceu as promessas de Guimarães e com elle as esqueceram os barões portuguezes. Só Egas Moniz se lembrou do que juràra. Seguido de sua mulher e filhos, dirigiu-se á côrte do monarcha e apresentando-se perante elle descalço e com uma corda ao pescoço, pediu para resgatar com a morte a sua palavra nunca trahida. Era grande a colera de Affonso VII, mas venceu-o aquella inaudita façanha de lealdade. Deixou-o partir solto e livre, e, o que era mais para o nobre cavalleiro, sem a tacha de deslealdade.»

Os successos de 1128 sabe o leitor, que se referem á guerra civil entre a mãe e o filho, terminada pela batalha de S. Mamede junto a Guimarães, «em que n'um só dia de combate o poder supremo que o moço

principe tanto ambicionava lhe cahiu nas mãos», fugindo D. Thereza para o castello de Lanhoso, do leitor conhecido já.

Nos paços de Guimarães, cujos andares arruinados ainda podem vêr-se dentro do lado oeste do castello, conservando nas suas janellas preciosos specimens da architectura dos seculos X e XI, continuou ainda D. Affonso, até que de todo transferiu a sua côrte para Coimbra, onde as luctas com os sarracenos mais reclamavam a sua presença. Com esse abandono não fechou a sua chronica de recordações o castello de Guimarães; as suas pedras inscrevem ainda gloriosos feitos em periodos posteriores da nossa historia, até pelo menos quando a invenção da polvora veiu mudar a tactica da guerra. De entre esses basta lembrar o assedio de 1323, em que Mem Rodrigues Vasconcellos o defendeu em nome de el-rei D. Diniz contra as tentativas do infante D. Affonso; e, meio seculo mais tarde, o cêrco pelos castelhanos, de cujos assaltos repetidos sempre ficou victorioso o velho alcaçar vimaranense.

Depois de evocar as suas gloriosas tradições pede a verdade, que digamos, que para tal conseguir foi necessario esquecer o formosissimo panorama, que por toda a parte o rodeia. Se o não fizessemos, grave risco teriam de correr essas recordações, offuscadas pelos encantos d'uma natureza tão prodiga, d'uma paysagem tão variada. E tal é o deslumbramento, com que nos assoberba esse pedaço de terra, vestida pelas mais opulentas galas da vegetação, que a penna tem por força de ser imperfeitissima ao trasladar do cerebro para o papel a nota exacta de todas as cambiantes da verdura, do agrupamento da casaria da cidade e das aldeias, do vago tom de mysticismo com que se nos apresenta aquelle poetico mosteiro da Costa, do arrendado cinzento da penedia que orla o outeiro de Santa Catharina, dos valles, dos jardins, dos prados humidos, dos bosques de carvalhos e castanheiros, das collinas subindo em ondulações insensiveis, dos campanarios adormecidos entre a folhagem, das serras que formam ao longe a moldura violeta de tão feiticeiro quadro.

Com o espirito ainda cheio d'estas impressões coloristas, mal se preoccuparia o viajante do pequenino templo de S. Miguel, que ao sahir do castello encontra, se a historia o não obrigasse a parar ahi um pouco, chamando-lhe a attenção para a singelissima egreja, a que na opinião de alguns antiquarios pertencem as honras de primaz entre todas as do arcebispado de Braga. Parochia da villa velha de Vimaranes, e anterior por isso á fundação da monarchia, que outro brazão a não nobilitasse, esse de certo seria bastante para a engrandecer aos olhos das gerações que respeitam o legado dos seus maiores; mas tem mais valia historica o humilde templo, pois além de gosar da preeminencia de capella real do conde

Henrique, na sua pia baptismal recebeu o primeiro sacramento aquelle que foi como guerreiro um paladino da cruz e como politico o fundador arrojado de uma nação independente. Deve tomar-se no seu meio a grandeza d'esse vulto proeminente do seculo, e reconhecer, sem prejuizos de escola, que a evolução social que se operava lentamente no espirito do

Egreja da Senhora da Oliveira

povo, teve a sua mais brilhante encarnação n'esse trabalhador infatigavel, o qual, talhando um throno para si, soube conscientemente dirigir o movimento de insurreição e autonomia, que lavrava irresoluto ainda no espirito de uma população semibarbara, embora com aptidões herdadas para realisar essa grande transformação politica. Por isso eu me descubro com respeitosa piedade diante da modesta ermida, que me recorda o primeiro acto social, em que á vida publica apparece o nome lendario do esforçado cavalleiro que a cidade de Guimarães considera, e com razão, como o seu mais glorioso filho, principiando por isso a pagar o tributo de homenagem devido á sua memoria, não só com o monumento que lhe

está erigindo no aprazivel campo de S. Francisco, como ainda com a celebração que fez do 7.º centenario da sua morte, em 6 de dezembro de 1885. A respeito da historia da egreja, que o povo conhece pelo nome de *Santa Margarida*, de quem é, ou foi por ventura, mais devoto, que do padroeiro respectivo, diz, em resumo, o sr. Vilhena Barbosa no vol. VII do *Archivo Pittoresco*: Boas razões fazem suppor que a egreja de S. Miguel foi erigida no segundo quartel do seculo X... existindo já esta primeira parochia da villa, quando o conde Henrique e D. Thereza tomaram posse do condado de Portugal. Embora a porta principal do templo revele uma data posterior, pois a sua fórma original pertence a um estylo de architectura introduzido em Portugal sómente annos depois da morte do conde, o facto explica-se por uma reedificação feita por D. Thereza ou seu filho, comprovando-se d'esta maneira a data da fundação, pois não é provavel que precisasse similhante obra tendo menos edade, sendo a fabrica solida e construida de grandes pedras de cantaria. Exclue-se tambem a idéa, de que a tal reedificação fosse emprehendida posteriormente ao reinado de D. Affonso Henriques, por que sendo a egreja de S. Miguel uma abbadia antigamente apresentada pelo Dom Prior de Guimarães, não se encontra noticia de tal obra no archivo da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, como era uso fazer-se n'essas eras, sendo aliás esse archivo um dos mais ricos em documentos e dos mais completos. A antiguidade do templo é ainda revelada pela existencia de uns tumulos de pedra mettidos em arcos abertos no grosso da parede que olha para noroeste.

Nada tem que vêr interiormente a capella, muito menos depois que a despojaram em 1664 do baptisterio, onde S. Geraldo ministrou o sacramento do baptismo ao infante Affonso Henriques. Esta preciosidade archeologica foi no anno referido mandada transportar para a collegiada pelo Dom Prior Diogo Lobo da Silveira e n'essa epocha ou depois coberta de ridiculas doiraduras e pinturas, como se para tornar digno esse glorioso padrão historico houvesse necessidade de esconder a face veneranda do granito com arrebiques de tal ordem.

Ainda a retina está docemente impressionada com a meia luz reflectida pelas paredes do humilde templo e já um novo attractivo vem despertar-nos a attenção, não sendo para isso preciso mais do que vêr erguerem-se no alto as chaminés dos Paços dos Duques de Bragança, como a disputarem competencias com a visinha torre do Castello.

Principiou a fundação d'este edificio tão vasto, hoje desmoronado, o duque de Bragança D. Affonso, filho legitimado do rei D. João I; não logrou elle vêr concluida a sua tarefa, o que, porém, conseguiu seu filho D. Fernando. Viveram aqui muitos dos membros d'essa familia nobilis-

sima, sendo o ultimo o principe D. Duarte, neto de el-rei D. Manuel, e desnecessario é accrescentar, que o mais opulento fausto rodeiava a sua existencia privilegiada. Quinhentos familiares se empregavam no seu serviço particular; oitenta mil vassallos dependiam, no tempo de D. João II, do poderio da casa de Bragança. Por isso tambem os vemos, nas conquistas de Africa, equipando e sustentando verdadeiros regimentos á sua custa, como fez o duque D. Fernando, levando comsigo dois mil infantes e setecentos homens de cavallo; e como fez D. Jayme, quando foi á conquista de Azamor, levando quatro mil infantes e quinhentos cavalleiros.

Eram immensas as suas riquezas em baixellas de oiro e prata, e teriam de escrever-se volumes, se se quizesse especialisar todos os privilegios, regalias e immunidadades que gosavam, todos os officios de justiça e de fazenda que nomeavam, todos os beneficios ecclesiasticos que apresentavam.

Entretanto, a não serem as formosissimas janellas gothicas e o portico florido, que eram da capella dos seus paços, e que ainda ahi se admiram, só as agigantadas proporções do edificio dão exteriormente idéa d'essa grandeza assombrosa. Não estranhe o leitor esta contradicção apparente, por que o que faltava ao Paço em primores architectonicos, era de sobejo compensado pela profusão luxuosa das tapeçarias e alfaias, que interiormente o adornavam. Podesse o leitor, ainda mesmo em espirito, penetrar n'essa mansão opulenta, e veria como eram uns pobres palacios os inventados pelas fadas, diante d'essa riqueza artistica dos brocados e velludos, franjados de oiro e prata, dos guadamacins doirados que forravam as paredes, das alcatifas da Persia que vestiam os pavimentos, dos leitos de sandalo e oiro, das mezas formosas de mosaico, dos vasos e porcellanas da India, dos mil objectos, emfim, que nas salas vastas do Paço davam um relevo artistico e valioso á fortuna collossal dos duques de Bragança.

E agora que estão vistos o castello, a egreja de Santa Margarida e os Paços, em ruinas, dos opulentos duques, que além do titulo honorifico de Bragança, tiveram ainda os de duques de Guimarães e de Barcellos; de marquezes de Valença, Villa-viçosa e Monte-mór; de condes de Barcellos, Ourem, Arraiolos, Faro, Neiva e Faria, e Penafiel, é tempo de descer até ao coração da cidade, e dirigir em primeiro logar os nossos passos para a historica *Sé* de Guimarães, ou Egreja da Senhora da Oliveira, o monumento mais celebre que temos a visitar, e aquelle que por assim dizer synthetisa a vida historica da cidade. Dispensando-nos a gravura de descrever o exterior do venerando templo, que o mau gosto profanou com uns concertos despropositados, eis-nos piedosamente descobertos sob as arcarias do seu interior.

O leitor sabe que foi D. Muma a fundadora do sanctuario dedicado á Virgem, procedendo em 927 á construcção de um mosteiro duplex e dotando-o em seguida largamente. Desenvolveu-se o burgo de Vimaranes á sombra do mosteiro e veiu em 1093 ou 97, não discutamos agora datas, estabelecer ahi a sua côrte o conde D. Henrique. Não podia ao marido de D. Thereza ser indifferente asceterio de tanta nomeada, e por isso resolveu consideral-o *capella real,* alcançando do papa a extincção do mosteiro e a erecção da sua egreja em collegiada subordinada a um Dom Prior. Da collegiada fez D. Affonso Henriques quasi uma Sé, taes foram as prerogativas que em seu favor accrescentou. Estendendo-se a fama milagreira da Senhora, affluiam de toda a parte os romeiros para supplicar a sua intercessão. A villa prosperava par a par com o sanctuario, e longe de sentir uma depressão na sua vitalidade, quando a côrte se transferiu para Coimbra, parece que mais risonha floresceu, alentada pela extraordinaria concorrencia de peregrinos, que ora podiam affoitos seguir para Guimarães, pois de todo haviam cessado n'esta parte do paiz as correrias dos mouros. Muitas familias nobres se vieram aqui estabelecer, e differentes casas religiosas surgiram tambem, durante o longo periodo de florescencia da villa, para não perderem o ensejo de explorar a affluencia de fieis, que era numerosa á egreja de Santa Maria de Guimarães. Como os effeitos de concorrencia não poupam os proprios sanctuarios, a esta causa deve por certo attribuir-se, assim como á desastrosa guerra civil entre D. Diniz e o infante seu filho, o maior ou menor abandono a que foi votado o templo de Santa Maria, que, apezar de conservar ainda a antiga fama, vimos encontrar ruinas no reinado de D. João I.

Foi por esta epocha, 1380, que se deu o milagre do reverdecimento da oliveira, e que a santa imagem, que a lenda diz ter sido trazida a Guimarães pelo apostolo S. Thiago, cresceu em fama de milagres, e tomou o nome de Oliveira, que ainda hoje conserva. O Mestre de Aviz, acclamado defensor do reino por essa occasião, homem do seu tempo e do seu meio, encommendou-se cheio de devoção á Senhora da Oliveira de Guimarães, fazendo voto solemne de ir a pé em romaria ao seu templo, e ahi fazer-se pezar a prata para lh'a offerecer em vasos e alfaias, se a Virgem lhe concedesse a victoria contra os inimigos da patria.

Foi estrondosa a batalha de Aljubarrota e cheia de gloria para o nome portuguez, que ahi mais uma vez consolidou a sua independencia. Então o monarcha, em cumprimento do seu voto, não só presenteou com riquissimas joias a Senhora da Oliveira, mas fez demolir o velho templo fundado pela Mumadona e começou a reedificação do actual em 1387, segundo consta da lapide existente no lado direito da porta principal da

egreja. «Este templo era muito inferior ao da Batalha — escreve o sr. Vilhena Barbosa,— e conta-se que o architecto João Garcia primeiro cahira no desagrado d'el-rei por não ter satisfeito ao que o soberano lhe encommendára. Comtudo algumas partes se viam no edificio, de muita riqueza

Casa da Camara de Guimarães — Desenho de João de Almeida

e primor, como eram o grande espelho da frontaria e as janellas da egreja, que mostravam em excellentes pinturas muitas e variadas imagens, e em todas o escudo das armas de D. João I e o da rainha sua esposa. Conservou-se toda esta fabrica até ao anno de 1670 em que o principe D. Pedro, então regente, fez demolir a capella-mór por estar damnificada, mandando construir a actual.»

É n'esta capella que se venera a antiga imagem da Senhora, cuja tradição referimos, e que ahi se vê, especialmente nos dias de festa, adornada com vestidos riquissimos e joias de grande valor artistico. Por detraz

está o velho claustro com varios tumulos antigos, e contiguo fica o palacio dos priores, que serviu de habitação a el-rei D. João I.

Com os aformoseamentos,—melhor diriamos, barbaridades,—que o templo gothico soffreu modernamente, rasgando as ogivas em arcos de volta redonda, gessando e doirando as severidades do granito, etc., perdeu hoje o seu grande interesse artistico a obra de D. João I, e só a fachada principal conserva a grande janella d'esse tempo, ou melhor parte d'esse espelho vasado em arcos ogivaes, todos guarnecidos de estatuas e rendilhados, que são um primor de arte, embora descurado pelo desleixo e mau gosto. Entretanto, ha ainda muito que vêr e admirar na velha Sé, sendo recommendada a todos os viajantes a capella onde estão os tumulos dos conjuges Coguminhos, no pavimento inferior da torre, tumulos notaveis pelo seu lavor aprimorado, a pia onde foi baptisado D. Affonso Henriques pelo arcebispo S. Geraldo, e sobretudo o *thesouro da Senhora da Oliveira,* onde estão não só as riquissimas alfaias com que o triumphador de Aljubarrota enriqueceu a Senhora, como ainda muitas outras, devidas á piedade dos principes e do povo. Na sachristia mostram tambem o *pelote,* que o mestre de Aviz trazia vestido na jornada gloriosa de Aljubarrota e que um latagão qualquer veste hoje no dia da festa da Oliveira, vindo expôr-se ao publico no adro da velha Sé.

O *thesouro* é uma das mais preciosas,—tem n'este caso verdadeiro valor o adjectivo,—curiosidades que o *touriste* deve examinar em Guimarães, e que os naturaes nunca se esquecem tambem de lhe recordar.

Figuram ahi o altar colhido por D. João I, como tropheu, na batalha de Aljubarrota, todo de prata doirada, com finos esmaltes e esculpturas representando passagens da vida da Virgem, baixos relevos, etc., uma corôa de oiro e diamantes offerecida por D. João III, uma cruz de prata com primoroso lavor dada por D. Affonso IV, resplendores, custodias, sendo uma obra esplendida a chamada *custodia rica,* calices notaveis como o de S. Torquato, ou o doado pelo chantre Fernando Alvares, no tempo de D. Manuel, e tantos outros objectos emfim que seria prolixo enumerar, mas que attestam o prodigioso estado a que chegou no nosso paiz a arte da ourivesaria, na qual, seja dito de passagem, Guimarães primou como poucas terras do reino. E porque tão notavel é o thesouro da Oliveira e tão gratas recordações nos lega na sua, embora rapida, visita, quando a gente sae da sachristia para o interior do templo, e de novo repara nos vandalismos, que ahi praticou o mau gosto de uns conegos idiotas, parece que mais avultam esses defeitos, como se houvera na nossa alma uma voz a dizer—que só a severa magestade das arcarias gothicas era digna de guardar as creações formosas dos grandes artistas portuguezes. E por-

que o templo não rescende já a mystica poesia das egrejas vasadas n'aquelle bello estylo, sae o viajante da velha Sé de Guimarães sem que haja experimentado a emoção, que deixam ordinariamente no espirito os grandes monumentos d'esse genero, e dando ao diabo os conegos que alarvemente o transformaram.

Fóra do templo encontra o *touriste* no largo principal, que lhe serve de vestibulo, dois gloriosos padrões da boa e antiga cidade, um dos quaes a Casa da Camara, assente sobre arcadas de granito, é fundação coeva de D. Manuel, como o attestam as espheras armillares, que avultam sobre as janellas, embora modificado na reconstrucção que soffreu no seculo passado; a figura que se vê no frontão do edificio representa Guimarães, segundo a tradição popular. O outro, propriamente denominado o *padrão*, tem como fundador a el-rei D. Affonso IV e é um curioso cruzeiro de granito, coberto por uma abobada de pedra, sustentada por quatro elegantes arcos em ogiva. No cruzeiro, de estylo gothico, admiram-se, além dos brincados lavores de cinzel, as imagens do Christo crucificado, Nossa Senhora, S. João, S. Damaso, S. Torquato, Senhora do Rosario, S. Filippe apostolo, e S. Gualter. Uma lamina de bronze cravada na haste da cruz diz que o auctor da obra foi Pero Esteves, de Guimarães, mercador em Lisboa. Debaixo da mesma abobada, mas encostado ao arco fronteiro á egreja, está um altar com a imagem da Senhora da Victoria, em commemoração da batalha de Aljubarrota. Proximo existia ainda ha pouco tempo uma oliveira secular, dentro de uma gradaria de ferro, e era essa, ou pelo menos recordava essa, a oliveira da lenda que deu á Senhora o titulo e a Guimarães o motivo para o seu brazão de armas.

A velha arvore reverdeceu, diz a lenda, quando por junto d'ella passou uma cruz trazida da Normandia para a Senhora, no anno de 1380, e desde então a imagem cresceu em fama de milagres, e um raminho de oliveira foi o condão maravilhoso para todas as enfermidades dos seus crentes. Quando ha pouco o municipio quiz alargar a praça e teve necessidade de sacrificar a arvore lendaria, o povo oppoz-se a isso tenazmente, sendo necessario que viesse alta noite o serrote municipal commetter o selvagem arboricidio, que foi causa de grave descontentamento na cidade. Teve o municipio de transigir com a magoa popular e ainda plantou do lado do tanque o tronco da oliveira; mas a transplantação não salvou a arvore sagrada e hoje só d'ella resta a memoria. Para Guimarães foi essa arvore ou a imagem que ella recordava, uma verdadeira arvore phallica e porque a ambas deveu a sua vida, no seu brazão de armas figura por isso em campo de prata a imagem da Virgem, tendo nos braços o menino Jesus, que empunha na mão esquerda um ramo de oliveira.

A visita aos dois mais bellos monumentos de Guimarães não dispensa o *touriste* de percorrer a cidade para admirar os outros que ahi abundam, especialmente no genero religioso. Além de que, parte dos edificios, que são consagrados á religião, offerecem pelo seu caracter particular de estabelecimentos de caridade, uma nota curiosa, que dá um relevo singular á physionomia de Guimarães; vêem-se distinctamente n'estas sympathicas agrupações das grandes confrarias e irmandades, hoje destinadas a um fim duplamente religioso e philantropico, as boas tradições de independencia do terceiro estado, a organisação do povo como poder politico, em contraposição ao feudalismo e á realeza. E ainda é tão viva a força d'essa tradição honrosa, que poucos são os vimaranenses que não pertençam a uma ou mais d'essas irmandades, tornando-as assim florescentes e prosperas.

É possivel, é certo mesmo, que a organisação intrinseca d'estas confrarias tenha de mudar em harmonia com o espirito do seculo, e a evolução do esforço associativo as encaminhe para um fim, em que a philantropia será por mais e a religião por menos, se é que a transformação não tenha de ser em um sentido inteiramente diverso, tornando-se verdadeiras cooperativas de trabalho e instrucção, e contribuindo por este modo brilhante para os progressos da localidade. Mas seja ou não, o que ellas teem conseguido e continuam a conseguir ainda, é enraizar no coração do povo o luminoso e fecundissimo principio da associação, tornando por isso Guimarães, talvez como nenhuma outra terra da provincia, respeitada dos estranhos pela união dos seus filhos. Teremos adiante ensejo de pôr em relevo as excellentes qualidades do povo vimaranense, e por isso, leitor, permitte que te apresente n'este instante os edificios que me suggeriram em parte as considerações que ahi ficam ao correr da penna, exactamente como as notas impressionistas que no meu espirito e na minha carteira ficaram, depois que visitei a boa e antiga cidade de Guimarães.

Tem o *touriste* para vêr os templos seguintes, e os importantes estabelecimentos hospitalares ou de beneficencia que lhes estão annexos: Logo no Toural, a praça mais elegante da cidade depois que foi modernamente aformoseada, encontra o leitor a egreja de S. Pedro, recentemente concluida, ou melhor proximo da sua conclusão, visto que faltam ainda as torres a hombrear com a cruz pontifical, que lhe encima a frontaria. Depois, ao sahir d'essa praça ajardinada, centro da cavaqueira indigena, a matriz parochial de S. Sebastião, e logo em seguida a praça de S. Francisco, onde se erguerá em breve o monumento de Affonso Henriques, e onde se levantam desde muito as egrejas de S. Francisco, formando, por assim dizer, um angulo diedro, uma das faces do qual é occupada pela

VISTA GERAL DE GUIMARÃES—*Desenho de J. Christino*

frontaria de S. Francisco velho, a outra pela capella dos Terceiros de S. Francisco, e hospital. São estes ultimos edificios construcção do seculo XVII, tendo sido reformados e melhorados por diversas vezes, depois d'isso. A irmandade é uma das mais ricas de Guimarães e o hospital um dos seus primeiros estabelecimentos de caridade. S. Francisco velho era o convento da ordem seraphica assim denominada e é construcção de 1322, segundo escreve o sr. Vilhena Barbosa no vol. IX do *Archivo Pittoresco,* sendo esta a terceira fundação em Guimarães de um convento d'aquella ordem. Fôra o primeiro um simples asceterio, que S. Gualter e um outro companheiro haviam fundado no logar de Villa-verde, quando em 1216 fizeram romaria a S. Thiago de Compostella. Durou essa casa de oração uns oitenta annos. Ameaçando ruina o edificio não só pela edade, como pela mesquinhez da construcção primitiva, resolveram os frades edificar novo convento junto da cerca das muralhas da villa, contiguo á *torre velha,* no logar occupado pelo antigo hospital do *Anjo,* nome que ainda tem a rua para onde deitava a sua porta principal. Durou pouco esta segunda fundação, porque tendo rebentado a guerra civil entre D. Diniz e o infante D. Affonso, depois rei, quarto do nome, este se aproveitou da situação que lhe offerecia o convento para hostilisar a villa, o que, sabido por D. Diniz, foi motivo para mandar proceder á sua demolição. Cuidaram os frades em edificar novo mosteiro e n'este empenho foram auxiliados por muitas familias nobres e pelo arcebispo D. Tello, que fôra religioso da mesma ordem. Foi este o que veiu lançar a primeira pedra do terceiro e ultimo edificio, quasi concluido quando falleceu D. Diniz (1325), e que da primeira fabrica apenas conserva o portal.

No diccionario de Pinho Leal encontra-se uma outra versão: Segundo este escriptor, foi ao longo da parede do hospital, que existia junto da torre velha, que D. Fr. Tello lançou a primeira pedra para o convento em 1290, e só no tempo de D. João I, em 1400, é que se edificou o que existe, com licença d'este rei e sob *a condição de não ser mais chegado á villa do que estava o de S. Domingos.*

No seculo XV foi o convento muito protegido pelos duques de Bragança, que em Guimarães estabeleceram o seu paço, tendo sido a capella-mór reconstruida pelo primeiro duque. Esta predilecção foi tambem motivo para que D. Constança, esposa d'este em segundas nupcias, escolhesse o convento para sua sepultura e ahi está ainda o seu singelo tumulo. S. Gualter, o fundador primitivo da ordem n'estas terras de Guimarães, tem aqui tambem o seu sepulchro em uma das capellas do templo. Pobre de primores artisticos, não offerece motivos para mais dilatada visita a velha egreja de S. Francisco, a menos que o leitor não seja um amador

de azulejos, porque os tem e magnificos a sua capella-mór. O claustro, com as suas galerias sustentadas por columnas de granito, e o convento, de um typo vulgar, nada offerecem de notavel e por isso eu conduzo desde já o leitor para o *convento de S. Domingos,* ou da Senhora das Neves, em cujo templo póde admirar a bella obra de talha doirada, que interiormente o ornamenta. A primeira fundação do convento em 1270 é referida por Pinho Leal nas seguintes palavras: Em 12 de dezembro de 1270 (em uma sexta-feira) o povo da villa que com Fr. Alvaro, prior do convento de S. Domingos do Porto, Fr. Estevão e outros frades da mesma ordem se tinha congregado na egreja de S. Thiago «*deram licença aos ditos frades para a fundação do convento; dando muitos particulares logo para isso dinheiro, campos, casas e quintas.*» Este convento foi derribado, porém, pelo mesmo motivo, que o segundo de S. Francisco, e em 1350 foi então edificado o actual, sendo ampliado em 1395, e novamente restaurado no seculo XVII.

O hospital dos Terceiros de S. Domingos é o sympathico rival dos Terceiros de S. Francisco; isto basta para dizer, que ahi encontram os doentes o carinho, o conforto e os recursos, que a sua prosperidade póde proporcionar-lhes. É vasto o edificio destinado a hospital e tem contiguo um espaçoso jardim, que poderosamente contribue para a sua boa hygiene.

Santo Antonio dos Capuchos merece a nossa terceira visita. Foi erecto em 1644 e pertenceu aos frades capuchos da provincia da Soledade. O templo pouco apresenta de notavel e o convento tem servido para alojar o hospital da Misericordia, que, diga-se de passagem, é uma das mais bellas e ricas instituições de Guimarães, e que deve ficar, depois da sua reconstrucção concluida, um dos primeiros hospitaes do paiz. Eram estes os tres conventos que havia em Guimarães para o sexo masculino e quatro os que se destinavam á reclusão de religiosas, existindo ainda em um ou dois d'elles pequeno numero de freiras. Os templos, ainda consagrados ao culto, conservam-se em bom estado de apresentação.

O mais antigo dos ultimos quatro é o convento de *Santa Clara,* espaçosa fabrica que teve principio em 1540. Segue-se o de *Santa Rosa de Lima,* de freiras dominicas, edificado em 1680, o das *Capuchas ou Madre de Deus* construido em 1681, e o de *Santa Thereza ou Carmo,* por ultimo, em 1685. Este era de freiras carmelitas e foi secularisado em 1850; serviu de quartel ao batalhão 7 de caçadores e foi depois concedido á sociedade instituidora do asylo de infancia desvalida de Santa Estephania.

Visitados os conventos e os templos que lhe eram peculiares, não pense o leitor que acabará para nós a romaria piedosa ás egrejas de Guimarães. Tem ainda para vêr, no Terreiro da Misericordia, praça do co-

ração da cidade, adornada com um chafariz, a capella do Senhor Jesus e palacio da familia Motta Prego, a egreja da *Misericordia* com o seu asylo de entrevados, fundação de 1585, mas onde pouco lhe vale a pena demorar, por que é destituido de interesse artistico o templo, e ha apenas para admirar ahi alguma obra de talha, moderna. Depois o de *S. Damaso,* fundado em 1641, como homenagem ao primeiro papa d'este nome, que a tradição diz ter nascido nos arredores de Guimarães, talvez na *Citania,* então ainda florescente, e que teve a tiara desde 367 a 384, anno em que falleceu. Se não é natural de Guimarães, é pelo menos o seu padroeiro, e a cidade honra-se em ter como tal o varão, de quem dizia S. Jeronymo: «*Vir egregius et eruditus in scripturas, et virgo ecclesiæ virginis doctor.*» E vá lá a ultima qualidade, pois é bem possivel que as suas contemporaneas não tivessem aquella notabilidade, que o *Diccionario* de Larousse aponta ás vimaranenses modernas! Mas emfim, isso é lá com S. Jeronymo e com as lusitanas de ha mil quinhentos e vinte annos!

Uma outra egreja, a de *S. Thiago,* ha a visitar, mais pela tradição que tem ligada á sua existencia, do que pelo seu valor artistico ou archeologico, pois é de tempos modernos a sua reconstrucção. E foi quando a isto se procedeu, que a tradição surgiu de que fôra ahi um templo dedicado a Ceres, no periodo da dominação romana, graças a uma lapide encontrada nas excavações que se fizeram.

Moderno templo e lindamente situado é tambem o de *Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos,* vulgarmente conhecido pela egreja do *Senhor do Campo da Feira,* em razão de se levantar sobre o espaçoso campo assim denominado a uns dez metros approximadamente da embocadura da ponte, que atravessa o meio d'esse campo. Dá ingresso para o adro uma larga escadaria guarnecida de balaustres de pedra, e se nem a frontaria onde se vêem estes apostolos, tem opulencias de estylo, nem o interior do templo riquezas artisticas, não faltam ao todo as apparencias d'uma elegancia singela, nem o aceio que ennobrece as mais humildes casas de oração. Foi começado o templo no primeiro quartel do seculo XVIII, tendo sido para isto demolida uma antiga capella ahi existente, consagrada á Senhora da Consolação e servida por uma confraria do mesmo nome, de que é successora a actual, a cargo de quem está egualmente o culto do moderno templo. Apezar de principiadas no primeiro quartel do seculo XVIII soffreram as obras diversas interrupções, por isso que só o corpo da egreja foi aberto ao culto em 1785 e a capella-mór apenas se concluiu em 1798.

D'esta egreja sae a procissão de Passos no quarto domingo da Quaresma e desde o tempo, em que era simplesmente uma capella, gosa da prerogativa de virem aqui os conegos da Oliveira celebrar a benção dos

ramos no domingo assim denominado. Deixo ao leitor o investigar ácerca das outras casas de oração, que a cidade possue em grande numero, embora menos importantes que estas de que lhe dei noticia, assim como tambem me dispenso já de citar-lhe as inscripções antigas, que dentro d'ellas se tem encontrado, porque este livro não póde medir competencias com as *Memorias* de Argote, com a *Chorographia* de Carvalho, com as *Varias antiguidades* de Gaspar Estaço, e com tantos outros que se teem dedicado ao assumpto.

Isto assente, é facil descer a escadaria do ultimo templo que visitámos, para passeiar um pouco n'este espaçoso largo do Campo da Feira, um dos mais lindos se não o mais bello passeio de Guimarães, ou seja quando o *touriste* o visite em um dos animados dias de mercado aos sabbados, nos das feiras annuaes de S. Gualter, em agosto, e da Rosa, em maio, extraordinariamente povoado então por homens e animaes formando no seu conjuncto um quadro de movimento largo e pittoresco a que dão um effeito indescriptivel as corridas de cavallos; ou seja simplesmente em um d'estes dias tranquillos da provincia, osculado pela ineffavel paz da natureza, em que o espirito parece receber de cada murmurio de agua uma consolação amoravel, de cada cantico de rouxinol occulto na balseira um sorriso de luz, com que dissolve o negror dos dias da existencia. Creio que é ainda mais bello no ultimo dos casos o passeio do Campo da Feira, á hora sobretudo em que o diluculo reveste de oiro as collinas, ou em que o luar brinca infantilmente nas arvores frondosas que se debruçam para beijar o timido arroyo, que vae correndo sob a ponte, com medo de a vêr tão soberba em relação á sua pequenez humilde.

É talvez até d'ahi que vem o dizer-se que a cidade tem *ponte sem rio*, assim como tem *Sé sem bispo*, e *Paços sem rei*.

A ponte justifica em boa verdade a ironia popular; encontra-a o leitor ao centro do campo, larga, comprida, perfeitamente plana, com os lados e o pavimento arborisado, as embocaduras decoradas pelas estatuas de granito de quatro apostolos, levantadas em altos pedestaes. Era ponte para atravessar um rio de mais espaçoso leito, e não o ribeiro singelo, que mal se vê por entre as ramarias do arvoredo. E não obstante este pequeno curso de agua é capaz de confundir o mais habil geographo da nossa sociedade com a nomenclatura variada da sua hydrographia.

—Eu sei lá; chamam-lhe o rio da Villa, o rio do Fato, o rio do Campo da Feira, da Ramada, de Couros, etc., tudo para afinal só depois de junto com outro formar o Cellinho, affluente do Celho, a seu turno pequeno confluente do Ave, que não é lá grande coisa tambem.

Parece que isto vem justificar o velho aphorismo,—*quod volumus, fa-*

cile credimus—, e Guimarães, que se vê desprovida de um rio que a embelleze, multiplica por isso as denominações do Celho.

E deixo o meu papel de contemplativo junto da ponte do Campo da Feira, como alijei ha um instante o encargo de me embrenhar em investigações archeologicas pelo passado de Guimarães.

Significa isto que feche a minha carteira de viagem e prepare a mala para excursões nos arrabaldes?

De modo algum.

Mas que o leitor tem da paysagem o que poderia offerecer-lhe de mais ameno, da historia o que poderia colher de mais sazonado para o seu paladar de *touriste;* e que, não sendo bastantes a natureza, ainda nos seus mais seductores tons, a historia e a arte ainda nos seus monumentos mais severos, para exprimir-lhe todos os traços da boa e antiga cidade de Guimarães, cumpre que apanhemos em flagrante o seu viver moderno, para melhor gravar nas nossas recordações o que é e o que vale a Guimarães contemporanea. É para isso preciso entrar no seu theatro de *D. Affonso Henriques,* um titulo que indica uma boa educação historica, porque é uma homenagem do presente ao passado, nos seus passeios, embellezados uns, ainda esquecidos os outros, nas suas lojas, em que o bom negociante fecha ás oito horas e manda pelos marçanos abrir de manhã cedo, nas officinas domesticas, onde se lavra o ouro, se tece o linho e se tempera a cutelaria, nas casas onde se prepara e vende o afamado doce de fructa, nos cafés modernos frequentados mais pela população nomada e por dandys em ocios de vadiagem, que pelo bom burguez ainda com o justo horror dos botequins, nas ruas tortuosas e sombrias, onde parece viver a alma do passado, nas escolas, nas casas modernas das associações, que vão alluindo os velhos ideaes para em seu logar cimentarem a nova comprehensão do futuro,—em todos os edificios finalmente, desde o palacio do fidalgo ao lar aconchegado do burguez e á choupana miseravel do proletario. Porque é em tudo isto, meu amigo, que se revela o caracter de uma povoação, e se consegue verdadeiramente apanhar o traço mais seguro da sua physionomia, e não errará, creio eu, quem avançar que a cidade de Guimarães é hoje um perfeito typo de transição entre o passado e o futuro, prendendo-se por um lado ás suas recordações historicas, devotada pelo outro ao seu adiantamento progressista. Ah! meus amigos, eu ia confiado apostar como, em quanto os labios murmuram, sem quasi já lhe comprehender o sentido, o terço a Nossa Senhora, o cerebro medita no modo de injectar com o vapor da machina a velha officina do trabalho, na maneira de lançar no mercado uma nova cutelaria, ou um padrão mais artistico de tecelagem. Ergue-se ainda um monumento a Pio IX, mas abre-

se ao mesmo tempo uma escola industrial ou um instituto de ensino pratico.

A formula não mente: *ceci tuera cela.*—O conego disse:—*Non possumus,* o homem respondeu: Para diante.—E na comprehensão nitida do seu dever moderno, da sua missão de livre, creou a escola, que é um monumento maior, que o de um marmore sem vida.

Ahi tem Guimarães um formoso exemplo,—a sociedade Martins Sarmento. O nome só é de per si um padrão glorioso—ou recorde o homem, o archeologo erudito, honra do seu paiz—ou recorde a aggremiação sympathica, que tomou esse nome honroso, como bandeira honrada. Não é preciso conhecer os seus estatutos, ter ao alcance da mão o seu programma; bastam os seus actos, que são a affirmação solemnissima de quanto póde a boa vontade, dirigindo patrioticamente o renascimento de um povo.

É a ella que a cidade deve a sua exposição industrial de 1884, a sua escola de desenho Francisco de Hollanda, de uma direcção pratica e intelligente,—basta para o comprovar, o facto de ainda recentemente confiar algumas das suas alumnas mais distinctas aos cuidados da professora madame Pilar, para lhes ensinar o córte de roupa de senhoras,—a quem deve ainda a fundação de cursos nocturnos de francez e desenho para industriaes, e de um instituto escolar com o quadro das disciplinas do Lyceu, a abertura ao publico de uma bibliotheca... Emfim, eu teria quasi de escrever um volume, se pretendesse pôr em relevo a dedicação d'essa benemerita sociedade pela causa sagrada da instrucção popular.

Quanto á exposição industrial, a que teremos de referir-nos mais que uma vez e sobretudo um pouco largamente na parte puramente positiva d'este capitulo, repetimos as palavras enthusiasticas do presidente do municipio na sua allocução da abertura: «É um arrojo conceber uma exposição geral de um concelho de provincia, embora importante; mas circumscrever essa exposição á industria, e emprehender realisal-a com probabilidades de exito honroso, é uma verdadeira temeridade; executal-a, porém, de modo que seja uma gloria para Guimarães, isso é um prodigio que assombra.» Pois esse arrojo, essa temeridade, esse prodigio, executou-o a fecunda iniciativa da sociedade Martins Sarmento, e do modo como se desempenhou do encargo, fallou na respectiva occasião a imprensa, unanime em applaudir tão arrojada empreza. Sentimos não caber nos limites do estreito espaço de uma carteira de *touriste* o relatorio da exposição, elaborado por dois moços de talento, a um dos quaes me prende a velha amizade nascida nos bancos das escolas; por elle veria o leitor, que não foi sem razão que abrimos este capitulo chamando a Guimarães—a colmeia industrial do Minho.

GUIMARÃES — PRAÇA DO TOURAL

Quem diz colmeia diz trabalho e diz associação de esforços, e ao vêr a sincera dedicação do povo vimaranense por tão luminoso principio, eu não admiro já, que elle se levantasse energico, digno e unido para repellir a affronta, que uma cidade aliás nobre e fidalga, em um momento de má inspiração, cuspiu sobre os representantes d'esse povo honrado.

E assim como a boa critica tem de procurar essa união de energias menos na grandeza da affronta, que nas qualidades pundonorosas de um povo, em cuja alma lavra tão fundo o principio associativo, assim tambem deve dizer-se que o conflicto entre as duas grandes cidades do Minho vem já de muito longe, e que a nuvem de 28 de novembro não foi senão aquella que trouxe, por assim dizer, o excesso de accumulação electrica, fazendo estalar o raio.

Guimarães quiz desde então a sua annexação á cidade da Virgem, as flamulas tremularam em todas as casas com o distico — *União ao Porto* —, e se a tempestade passou, depois de ter derrubado um ministerio, é certo que essa pertinacia no querer, alguma cousa conseguiu, indo em breve o concelho tornar-se independente, segundo o preceituado na recente reforma administrativa.

Foi bem, foi mal?

Que me importa isso e a ti leitor, que não sejas de Guimarães ou de Braga?

«É bom sempre o que bem acaba», diz lá o adagio, e como o caso não chegou ás proporções de lucta sanguinolenta, apezar de ser um *verdadeiro casus belli,* não fallaremos mais n'elle.

De resto, se as duas visinhas se agatanhavam desde tempos immemoriaes, porque não havia de vez pôr-se cobro a esses ralhos continuos, que servem, quando muito, para recordar as hostilidades locaes em pleno vigor entre os antigos, rasoaveis talvez quando a organisação politica as justificava, mas sem fundamento hoje, que o progresso da civilisação tem diminuido, e ainda bem, essas incompatibilidades de raça para raça, de nação para nação, ou de communa para communa?

Pois que não é possivel conseguir que as duas rivaes dêem mutuamente o osculo da paz, como no seculo XIII, em signal de haverem posto termo aos muitos aggravos dos dois concelhos, se beijaram os alcaides da Covilhã e de Castello Branco, — ao menos que o paiz não presenceie esse irrequieto estado de duas cidades importantes, de tradições cavalheirosas as duas, e que estiveram dando de si uma prova de civilisação, bem triste, no meio da luz radiante do seculo XIX, que o phenomeno atavico da sua hostilidade reciproca veiu manchar, como uma pequenina sombra, bem desnecessaria n'esta altura.

«O espirito satyrico da edade média, que inspira os *fabliaux* e as farças, foi em parte o reflexo d'estes antagonismos sociaes e locaes» diz o sr. Theophilo Braga, nos seus estudos de *Ethnographia portugueza*. Pois sabe o leitor o que eu desejava na questão pendente?

Era que um espirito cheio de graça e engenho soubesse pôr as duas rivaes frente a frente, e quando ellas se preparassem para um duello sério, um duello de morte, tão terrivel pelo menos, como o dos dois grillos que acabaram por se comer um ao outro, o riso estalasse alegremente nas bochechas de ambas, e as duas, mordidas pelo contagio, alliviadas *do oxygenio da experiencia* — veja-se o *Doutor Ox*, de J. Verne — rissem, como boas irmãs, que se convenceram de ter praticado uma scena pouco edificante e satisfeitas ambas, trocassem nas collinas da Falperra a taça da amizade, — que podia ser no caso presente uma boa infusa do verde — e fossem d'ahi alegres para o seu trabalho honesto, uma fazer chapéos e peregrinações em louvor e honra do Bom Jesus, a outra temperar as suas cutelarias e linhos para maior gloria de S. Torquato, que, aqui para nós, tem as suas culpas em cartorio a proposito d'este antagonismo.

Mas isso é para logo, ou para já, se o leitor quizer sair comigo para os arrabaldes da cidade, e percorrer em um *landau* aberto as estradas, que recortam o territorio do concelho.

*
* *

Leva-nos o trem pela estrada de S. Torquato.

A formosa planicie, para onde vamos descer, depois de ter deixado o largo do castello, é como um tapete vasto de esmeralda e oiro, desdobrado ao sol, fingindo a cultura intensa o entretecido da téla, formando os campanarios e as aldeias o alto bordado em relevo.

Veja o leitor como é um encanto todo este valle, em que assenta *AZUREM*, e como a fecundidade parece mysteriosamente evolar-se de toda esta natureza abeberada em luz. Como o trabalho tem transformado a terra que outr'ora foi apenas uma devesa de *azereiros*, especie florestal d'onde se originou talvez o nome da freguezia, cujos habitantes gosaram, na sua qualidade de caseiros da Senhora da Oliveira, todos os privilegios dos Taboas vermelhos.

Se o valle é uma formosura no sitio em que vamos, imagine o que será visto do outeiro, em que assenta a egreja parochial de *ALDAO*, d'onde se avistam umas oito freguezias, e para o qual o leitor póde tomar pelo caminho velho, que destaca da estrada junto á capellinha da *Madre*

de Deus de Fóra,— é da localidade o euphemismo. Aldão foi berço do celebre jurisconsulto D. Agostinho Barbosa, bispo de Ughento na Italia. A antiguidade da freguezia parece ascender á epocha romana, pois na quinta de Aldão se encontrou uma lapide commemorativa d'esse periodo.

Vae a estrada descendo por entre os renques formosissimos das vinhas de enforcado, quando á esquerda, por entre os pinhaes da encosta, surge a poetica egreja de *PENCELLO,* com a sua torre piramidal erguida em um recorte de fundo azul do horisonte, como que a dizer á modesta ermida de *S. LOURENÇO DE CELHO:*

—Eu sou a graça.

—E eu sou a modestia, sem a qual tu nada vales—póde responder-lhe *Celho,* meio escondida na sombra do outeiro coroado de penedos soltos, que lhe fica a nascente. E valha a verdade, que lhe responderia bem porque tudo é modesto em Celho, desde a humilde egreja, situada na encosta, até á pequena ponte velha, sob que passa o timido ribeiro do seu nome, e que o *touriste* vê, uma gracilidade de paysagem fugitiva, amenisada por umas azenhas, que a tornam mais pitttoresca.

É preciso deixar a estrada e trepar um pouco pela collina, se se quizer vêr *GOMINHÃES,* a terra do *sócco* e da *chinella.* Homens e creanças se empregam n'essa industria: aquelles fazendo todos os trabalhos de faca, estas os accessorios, como debruns, palmilhas, etc. E ao fim de um dia, official e aprendiz teem feito tres pares de chinellas, ou pregado dez pares de sóccos, cujo preço não vae além de 500 réis e cujo mercado se estende desde o consumo na localidade até ás regiões da Beira Alta e Alemtejo.

Uma estrada municipal corta o valle á nossa direita; vae passar em *S. COSME DA LOBEIRA* terra solar dos fidalgos d'este nome e segue para *RENDUFE,* couto e villa ha muitos annos extinctos, e freguezia hoje devotada á industria da creação dos gados.

Imagem de S. Torquato

Agora attenção.

O burgo de *S. TORQUATO* populoso e rico surge na nossa frente, o carro toma pela avenida de carvalheiras, que leva ao vasto adro do sanctuario. Fica a egreja parochial em cima, em uma situação ridente, mas é

claro que o *touriste* e a piedade se esquecem d'ella face a face do monstruoso templo, que se está edificando ao santo arcebispo. Representa a nossa gravurinha o projecto definitivo, mas Deus sabe quantos annos ainda terão de correr, antes que a edificação actual, principiada em março de 1825, esteja concluida.

Existia já a confraria em 1693, como se vê na confirmação dos estatutos feita no tempo de D. João VI, mas só desde a data que referimos pensou em dar ao sanctuario a larga sumptuosidade que se deprehende da gravura. Apezar de eventual a receita da confraria orça por uns cinco contos de réis annuaes, o que é mathematicamente uma prova da alta

Projecto definitivo da egreja de S. Torquato (em construcção)

fama milagreira de S. Torquato, e que demonstra mais peremptoriamente ainda, como houveram razão os de Guimarães em disputar aos de Braga a posse de tão venerando como rendoso martyr. Foi o caso em 1597. O arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus e Castro ordenou que se fizesse a trasladação do santo para a Sé de Braga; foi tal, porém, a resistencia que a esta ordem oppozeram os povos circumvisinhos do mosteiro, que não teve o arcebispo que dar-lhe volta. E ahi tem o leitor uma das *rivalidades* que entre si pleitearam ha tres seculos as duas cidades do Minho, e que ora reviveu, microbio mumificado em argumento, na bysantina questão da separação projectada.

O que de tudo se conclue é que o S. Torquato é de fama e virtudes acima dos outros seus collegas do *Flos sanctorum*, como o attestam a casa dos retratos, e dos milagres ou paineis, e a romaria *de rachar*, que lá se faz no mez de julho. Ahi tem o leitor um appetitoso programma:

S. TORQUATO

FESTIVIDADE E ROMARIA

No primeiro domingo de julho, terá logar esta afamada romaria nos suburbios de Guimarães, 5 kilometros a norte, percorridos n'uma estrada a *macdame*.

É uma das mais concorridas e animadas do paiz, não só pela grande devoção popular para com a milagrosa reliquia do corpo inteiro incorrupto do Santo martyr Torquato, arcebispo de Braga, mas tambem pela formosura do local, acrescendo agora a magnificencia das obras do vasto templo, que já avulta formosissimo em rendilhados e florões de pedra.

Na vespera de tarde e na alvorada do dia, duas bandas marciaes tocarão no arraial, seguindo, ás 10 horas da manhã, a festa principal, como conclusão das novenas celebradas, e constando de missa cantada a grande instrumental com o Santissimo Sacramento exposto e sermão por um dos mais conhecidos oradores de Guimarães.

De tarde terá logar a vistosissima e apparatosa procissão, engrandecida com dois carros triumphaes allusivos á vida do santo arcebispo, symbolisando o primeiro o triumpho da Religião pela virtude dos seus santos e principalmente pela virtude da Humildade christã. Este carro é precedido d'um côro d'anjos cantando hymnos de gloria a Deus e de honra a S. Torquato.

Seguir-se-ha o segundo carro allegorico á virtude da Humildade, que o santo sempre revelara em todos os actos da sua vida, indicando que elle, á imitação de Jesus Christo, tambem chamava a si as creancinhas para as instruir e educar na pratica das virtudes. Este carro será adornado com um côro de virgens exalçando em canticos harmoniosos as virtudes da Mansidão e Humildade, em que o santo fôra illustre.

Formará o prestito o corpo da irmandade e o corpo clerical com o *Santo Lenho* debaixo do pálio e levando no centro varios anjinhos, ricamente vestidos e allusivos ás virtudes da Fé, Esperança, Caridade, Pureza, Firmeza, Innocencia, Liberalidade, Sciencia divina e Gloria, conduzindo esta o sol com a cruz no centro dos seus raios e sustentando-lhe o grande manto ainda mais quatro anjos. Fechará o prestito uma banda marcial e a guarda d'honra.

Recolhida a procissão subirá ao ar um *balão monstro* e ainda outro em fórma de um grande cavallo.

A noite illuminados profusamente os pateos e logares adjacentes ao sanctuario, subirão novos e variados balões do afamado artista Brandão, e queimar-se-ha abundante e variadissimo fogo do ar e preso, confiado á pericia de sete pyrotechnicos, entre os quaes o festejado e bem conhecido Antonio Pereira Caneco.

A meza administradora esforçando-se quanto póde para mostrar de anno a anno o augmento da grandiosa obra do novo templo, construcção sem duvida a mais arrojada d'este seculo, não se poupa tambem a esforços e despezas para que esta solemnidade seja feita com o lustre e explendor que caracterisa as ceremonias religiosas do culto catholico.

Accrescem ainda agora as commodidades do caminho de ferro de Guimarães, cuja companhia deliberou, de combinação com os caminhos de ferro do Minho e Douro, que nos tres dias de romaria houvessem comboyos extraordinarios com bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, proporcionando aos romeiros o goso d'um passeio agradabilissimo n'uma linha por certo a mais formosa do reino.

Em face de tantas pompas festivas, a que dá um vivo colorido o genio artistico do sineiro do sanctuario, com a musica alegre dos seus carrilhões, eu teria de lamentar o Bom Jesus e o Sameiro, se não houvera para estes largos creditos estabelecidos e quasi uma clientella á parte, e se tambem o S. Torquato podesse competir com elles na magnificencia panoramica, não obstante ser um encanto o largo e delicioso valle, que se estende em frente e vae subindo por degraus avelludados de vegetação até á crista pittoresca da Penha.

Dissemos já que o burgo de S. Torquato era dos mais populosos do concelho; dos seus habitantes devemos accrescentar, que se entregam bastante ao trabalho industrial, alternando-o com a vida agricola. A industria dos couros floresce no logar da Corredoura e, porque a materia prima abunda, a sapataria estabelece-se ao pé, fabricando para exportação o bello sapato amarello, o sócco atauxiado, a chinella com posponto e retroz de côres. Uma outra industria, hoje decadente, nobilitou em tempo a freguezia de S. Torquato. Era essa a da famosa ourivesaria portugueza, que tantas maravilhas deixou pelos thesouros dos mosteiros, e que hoje se reduz, na formosa aldeia, á fabricação, em prata, de alguns faqueiros, fivellas e anneis, e em ouro á de *bijouteries* de uso mais commum.

Que saudade dá este definhamento, não porque á humanidade seja absolutamente necessaria essa industria de luxo, mas porque recorda uma epocha de abundancia e prosperidade, em que a arte floresceu entre nós. Vão hoje perguntar em S. Torquato, em *GONÇA,* fertil visinha e companheira alegre de trabalho, em *CASTELLÕES,* a terra antiga de nobres *castellãos,* onde param aquelles artistas, que faziam a *filigrana* de ouro, e rendilhavam o metal com as delicadezas mais subtis, onde estão os *cravadores* de pedras finas, os lapidarios, os *lavrantes de prata,* de cujas mãos sahiam as formosas salvas que eram o luxo e a riqueza das casas solarengas da provincia! Só a tradição responderia triste e amargamente, recordando o bello desabrochar da flôr da Arte, que as miserias da patria vieram posteriormente seccar, como vento empestado de mau gosto.

> Olhae para a lua cheia
> como está enramalhada
> por dentro é toda *oiro fino*
> por fóra *prata lavrada.*

Ainda hoje se canta nas aldeias de Guimarães, e possa embora vêr-se na cantiga um resto das tradições cultuaes da lua e sol, ninguem dirá, que a poesia local não possa referir essa quadra ao periodo florescente de uma industria, que foi a vida d'essas aldeias

Fallámos de Castellões antes de descrever *SANTA MARINHA DE AROZA*, que mais proxima é de S. Torquato e de Gonça, e que se debruça como esta sobre as collinas que ficam na margem esquerda do Ave. Não perdeu o leitor com a interrupção, nem Aroza se descontentará tão pouco, visto que nada tem a mostrar ao *touriste* além dos seus bellos tecidos de linho e lã, que ainda assim fabríca em pequena escala, sendo a urdidura feita a fio de linho tinto e os relevos altos a vistosas lãs coloridas.

Encontramos em *GONDOMAR* uma estrada municipal, que directamente nos leva a *S. SALVADOR DE DONIM*, a primeira freguezia do concelho, cuja egreja matriz rodeada de annosas oliveiras, encontra no seu caminho todo o que vier do norte pela Povoa de Lanhoso.

É dentro dos seus limites o Poço de Ola, que a lenda diz ser a terminação de uma estrada coberta, que vinha da proxima Citania.

A evocação d'este nome faz esquecer a doce amenidade da paysagem. Importa pouco ao viajante, a pittoresca situação das duas *SOUTOS* (Santa Maria e S. Salvador) estendendo na encosta, que vem quebrar sobre o Ave, os seus fertilissimos taboleiros de cultura, os seus pomares, as suas devesas de um verde tom escuro. Menos lhe importa saber que é ahi a séde da industria dos garfos finos, que o paiz conhece pelo nome de garfos de Guimarães, e tão pouco a curiosidade o leva a investigar por que se chama a uma das freguezias Souto do Mosteiro, sendo a outra simplesmente Souto, embora em ambas houvesse conventos regulares, sendo um de freiras conegas regrantes de Santo Agostinho, no termo de Santa Maria, sendo outro de frades cruzios no termo de S. Salvador, o qual em 1552 o arcebispo de Braga reduziu a abbadia secular. Nada o interessa n'esse ponto do concelho, affirmamos, senão a montanha coroada de granito, que vê levantar-se sobre a sua direita, no territorio já de *S. SALVADOR DE BRITEIROS*, visto que, mercê da iniciativa e do talento de um só homem, ninguem ha hoje, que não conheça, ao menos de nome, as prehistoricas ruinas da Citania de Briteiros. Uma nota explicativa desde já: São tres as freguezias assim denominadas, que existem no concelho de Guimarães, mas só á que acima designamos pertence propriamente a Citania. As duas outras são visinhas e muito proximas. Assenta *SANTO ESTEVÃO DE BRITEIROS* no valle que o rio Ave atravessa, e fica *SANTA LEOCADIA DE BRITEIROS* a nordeste da Citania, na encosta vertente da montanha sagrada do Sameiro.

Como o leitor comprehende, é a intermedia, que mais o deve interessar, quando em viagem de recreio excursione por esta zona do concelho.

A CITANIA DE BRITEIROS

O mallogrado escriptor Filippe Simões na sua *Introducção á archeologia da peninsula* resume nos seguintes termos o que se tem escripto a respeito d'esta estação archeologica:

No monte de S. Romão de Briteiros, entre Braga e Guimarães, em pequena distancia das Taipas, jazem umas ruinas, mencionadas desde o seculo XVI pelos nossos antiquarios, e recentemente exploradas pelo sr. Francisco Martins Sarmento. Discutiram largamente sem chegar a con-

Citania de Briteiros — A pedra formosa

clusões decisivas, Brito, Estaço e Argote, que povoação teria sido esta em tempo dos romanos. Mas o atrazo da archeologia não lhes deixou entrevêr que tal questão não seria de certo a mais importante d'aquellas que o exame das ruinas poderia suscitar. Os problemas de maior interesse apparecem agora á vista dos restos que o sr. Martins Sarmento, com zelo e dedicação de que até hoje não houvera ainda exemplo em toda a Peninsula, desentranhou da espessa camada de terra que os occultava.

A existencia da povoação na epocha romana demonstra-se com certeza pelas moedas e inscripções ali encontradas. Mas, a par com esses vestigios, teem apparecido outros, representantes de uma civilisação anterior que na Peninsula, á falta de estudos e de explorações, não se destaca ainda claramente das trevas prehistoricas. A promiscuidade dos caracteres romanos com os de outros alphabetos ou com lavores esculpidos de outro estylo, tudo conjunctamente nas mesmas pedras, provando mais com egual evidencia que todos esses vestigios são contemporaneos, não se póde explicar senão pela insufficiencia da civilisação romana para destruir e substituir por outros os velhos costumes transmittidos de geração a geração entre os habitantes d'esta parte da Peninsula.

Depois das grandes explorações ultimamente emprehendidas, vêem-se os restos das quatro muralhas que defendiam a povoação pela parte do sul e poente; percorrem se as ruas e praças, algumas d'ellas lageadas com losangos de granito perfeitamente apparelhados; entra-se nas

casas, em cujas paredes, conservadas de pé até certa altura, muito bem se observam todas as particularidades da construcção.

A mais forte das primeiras impressões e a que produz no espirito a vista das muralhas e das casas. Quem estiver habituado a observar a regularidade do apparelho romano, a superficie lisa dos grandes silhares, a nitidez das linhas de união, a firmeza resultante do endurecimento da argamassa pelos soes de muitos seculos, necessariamente estranhará a falta de todo o apparelho nas muralhas e o limitar-se unicamente á face externa nas paredes das casas mais bem construidas, e da mesma sorte o não terem sido ligadas as pedras com argamassa. Esta circumstancia e tambem o revestimento interior das paredes das casas com pedras pequenas, faz lembrar as construcções denominadas cyclopeas, que se encontram na Italia, Malta, Grecia, etc.

Porém o não se descobrirem vestigios correlativos da epocha remota de taes construcções induz a crér que a falta da cal seria a causa de se conservar no monte de S. Romão o costume de construir com pedra insossa, como ainda hoje acontece nas povoações ruraes circumvisinhas. Não se explica da mesma sorte por circumstancias locaes uma singular particularidade observada n'algumas casas, e vem a ser o formarem as pedras maiores das paredes, series espiraes, que principiam junto do solo e se prolongam com regularidade geometrica até á parte superior.

Esta disposição das pedras de certas paredes e as espiraes que se vêem gravadas n'algumas das rochas do monte e n'algumas das pedras desenterradas relacionam estes vestigios com outros prehistoricos da epocha do bronze, e mais em particular os signaes das rochas com outros similhantes que se conhecem na Irlanda. A gruta artificial, que denominam *Penedo da Moura*, e alguns consideravam como um dolmen, com sulcos artificialmente gravados na face inferior da pedra que lhe serve de tecto, liga-se ainda naturalmente com esses vestigios. Alguns dos fragmentos de louça parece terem uma ornamentação prehistorica. Finalmente a esculptura das pedras assimilha-se mais aos desenhos prehistoricos de que aos dos estylos conhecidos, e menos ainda ao romano que aos outros. Mas, como estes ultimos ornatos existem em pedras com inscripções romanas, em vez de reportal-os á epocha da pedra polida ou do bronze, deveremos antes suppôr que todos esses costumes se conservaram ainda n'aquella parte da Peninsula durante a dominação romana, pela repugnancia que os dominados offereceriam a acceitar a civilisação dos dominadores.

Já no tempo de João de Barros chamavam ruinas da *Citania* ás do monte de S. Romão de Briteiros. Esforçaram-se alguns, porem inutilmente, para fazer esta palavra equivalente da *Cinnania* ou *Cinninia*, mencionada por Valerio Maximo. Parece que *Citania* seria antes um appellativo, pois dizem haver na provincia de Entre Douro e Minho, outras ruinas de povoações antigas assim tambem denominadas. Da mesma sorte a palavra *Cythiau*, tendo talvez a mesma ethymologia, se applica no paiz de Galles ás velhas ruinas gaelicas, segundo escreve Amadeu Thierry na sua *Historia dos Gaulezes*.

Esta analogia, só por si, poderia e deveria passar desapercebida, se outras não fizessem maior força. Os signaes com a fórma de espiral, gravados nas rochas e em pedras apparelhadas, encontram-se na Citania, bem como na Irlanda e n'outras partes da Grã Bretanha. Emfim os povos que habitavam o territorio bracarense no tempo das invasões dos romanos (*gallaici bracari*) eram de origem celtica e por tanto ethnicamente relacionados com os povos d'aquelle paiz procedentes do mesmo tronco. No capitulo X d'este livro demonstrámos que as regiões occidentaes da Peninsula, assim como as partes da Europa, banhadas pelo Atlantico, estariam naturalmente sujeitas ás emigrações dos povos que viessem da Asia pelo noroeste, em quanto as regiões orientaes da Hespanha, litoraes do mediterraneo, receberiam pelo contrario gentes diversas, vindas do oeste da Asia ou da Africa septemtrional.

Os caracteres dos vestigios encontrados na Citania, que evidentemente não são romanos, serão portanto celticos. A fórma das casas e o deverem ter sido cobertas de colmo, por se não encontrarem vestigios de telhados concorda com os termos em que os auctores antigos descrevem as casas dos gaulezes. Além das moedas romanas achou-se outra celtica, infelizmente perdida. O estylo da ornamentação da *Pedra formosa* e de outro fragmento é caracteristico. No desenho dos ornatos predominam os circulos concentricos, as espiraes e as cordas torcidas. Na Galiza achou-se um vaso de bronze cuja ornamentação essencialmente differente do estylo dos romanos ou de quaesquer outros dos povos que depois dominaram a Peninsula, tem os mesmos elementos mencionados, e, por isso, toda a similhança com o da Citania. As casas descobertas nos castros da mesma provincia são tambem analogas ás da Citania. Finalmente nas ruinas de

algumas d'aquellas que se teem desenterrado nos castros verificou-se o serem formadas por paredes duplas, separadas por um pequeno intervallo. Em Sabrôso, proximo da Citania, achou o sr. Martins Sarmento ha poucos dias vestigios similhantes de casas com paredes duplas.

Começa hoje a ser estudada a civilisação gallaica. Os castros da Galiza, explorados pelo sr. Villa-amil, deram já alguns subsidios. Mas os mais importantes, pela qualidade, numero e variedade, são incontestavelmente as ruinas da Citania de Briteiros.

Depois de escripto o que precede, realisou-se em 1880 em Lisboa o congresso de anthropologia, e a convite do ex.^{mo} sr. Martins Sarmento foram alguns d'esses homens de sciencia visitar a Citania de Briteiros.

Do *Compte rendu* do congresso, traduzo os trechos em que M. Virchow, o grande nome europeu conhecido de todos os que lêem, descreve essa romagem scientifica.

«Depois do encerramento do congresso uma excursão bastante extensa se realisou ao norte do paiz para visitar uma serie de restos de estações humanas que ahi existem.

Do assumpto tratou já o nosso collega Hübner no decimo quinto volume do *Hermes,* e se é certo que elle não assistiu pessoalmente a excavações, estava todavia em circumstancias favoraveis para fazer uma descripção viva d'esses logares, pois tinha não só á mão as publicações que lhe foram consagradas, como um grande numero de photographias, que podia consultar, e d'ahi a sua descripção completa, direi mesmo, correcta até á epocha em que escreveu. Mas depois da sua publicação as explorações continuaram com dedicação e zelo, e isto permitte accrescentar algumas informações ao seu trabalho.

Como Schliemann, M. Sarmento tem desde alguns annos despendido importantes sommas n'essas excavações, já adquirindo os proprios logares para os garantir contra mãos inhabeis, já explorando em cada um a superficie do terreno, e reunindo cuidadosamente todos os objectos encontrados, de modo a constituirem hoje um interessante museu.

. . . .

Recorda a palavra Citinia as de *cité, city, civitas* e alguns philologos pretenderam derivar essa denominação de um radical celtico. Não entrarei na questão e simplesmente direi, que se póde constatar a existencia d'esse nome desde seculos, o que prova a sua antiguidade. Tão pouco posso dizer, como Hübner affirma, que todas essas estações sejam pelo povo conhecidas sob tal designação. [1]

[1] A palavra *Citania* parece ser uma denominação generica; todavia entre as nossas antigas estações ha apenas quatro, ás quaes se póde attribuir o appelativo, se elle o é realmente. Sabroso não entrando no numero, para as outras mesmo a denominação é mais ou menos duvidosa.

(Nota do sr. Martins Sarmento).

M. Sarmento preparára-nos em Briteiros uma recepção amavel. Soberbas raparigas, em trajes de festa, nos esperavam para espalhar flôres sobre nós... Subimos a montanha, ao pino do meio dia, debaixo de um sol ardente. O terreno é arido, revestido apenas por algumas hervas rasteiras e queimadas. Notava-se o *Colchicum autonnale,* a *Scilla,* uma ou outra flôr do *Aster aragonensis,* do *Leucoium autonnale,* e poucas plantas mais, de pequeno talhe.

A meia altura descobrimos series horisontaes e obliquas de trincheiras de alvenaria, bloqueando a montanha. A impressão que recebi, foi a de serem antigas fortificações. Junto do vertice ruas estreitas, com o pavimento de pedras chatas. Tão perfeito fôra o desentulho, que se podia traçar nitidamente a planta da Citania. Reunindo-se a estas ruas ora directamente, ora por avenidas curtas e estreitas, vêem-se os alicerces de pequenas edificações, a maior parte redondas, ou de cantos arredondados, attingindo algumas a altura de muitos pés. São construidas com blocos irregularmente affeiçoados e alguns de tal maneira dispostos, que formam verdadeiras espiraes em volta do edificio. Esta construcção devia assegurar uma solidez maior ás casas, do que o faria a simples sobreposição dos materiaes. M. Sarmento mandou construir no alto da montanha algumas casas aproveitando antigos alicerces. O aspecto é similhante ao dos pequenos moinhos de vento, que por toda a parte se vêem no paiz. No interior, encontram-se objectos de toda a especie, que M. Sarmento reuniu em longas mezas collocadas no topo da collina. Sómente, em quanto em Sabroso se recolheu um grande numero de instrumentos de pedra pertencendo á edade da pedra polida, aqui na Citania de Briteiros tem sido restricto até hoje o numero d'esses objectos. N'uma e n'outra se tem encontrado objectos de metal, bronze e ferro. As duas estações pertencem, pois, á edade do ferro; a Citania de Briteiros, porém, parece ter sido por muito mais tempo habitada, visto terem-se ahi encontrado objectos de arte romana, o que não succede em Sabroso.

«Entre os achados na Citania deve assignalar-se antes de tudo um grande numero de blocos de granito com esculpturas e baixos relevos. Os desenhos recordam em parte os ornatos, que se encontram nos dolmans irlandezes e nos rochedos da Suecia, ou fórmas similhantes ás encontradas em Mycena e nas ilhas gregas...

(Virchow descreve alguns e chega depois á descripção da *Pedra formosa* que damos em gravura).

Entre essas peças, uma grande pedra que se achava sobre o plató que corôa a collina, tem sido desde muito tempo o objecto de uma attenção darticular. Chama-lhe o povo a *Pedra formosa* e fôra no principio do se-

culo trazida para o adro de Santo Estevão de Briteiros, d'onde M. Sarmento a fez remover ultimamente, collocando-a de novo na montanha ao abrigo de uma das casotas reconstruidas. É uma pedra de grandes dimensões — 2^{m},28 por 2,^{m}90, — tendo sido necessario para transportal-a vinte e quatro juntas de bois. Tem o aspecto geral de um frontão, que se imagine em pé. D'ahi veiu a idéa de se lhe attribuir o papel de um ornato antigo, que encimasse qualquer porta e Hübner inclina-se a acreditar, que a posição vertical fosse a primitiva... O reverso é de pedra bruta; a face, pelo contrario, apresenta uma porção de ornatos extravagantes, profundamente gravados e cinzelados, que a cobrem completamente... Das discussões que no logar se travaram sobre a significação d'esta pedra, resulta para mim, que o seu destino era o de uma ara de sacrificios. Esta opinião sustentada principalmente por M. Sarmento adquiriu maior plausibilidade, depois do exame do objecto feito por um conhecedor da força de Guimet, para quem não teem mysterios as praticas religiosas de differentes nações, e que formou até um grande museu em Lyão para a exposição e estudo d'essas practicas em todos os povos e edades, instituição que já lhe custou milhões. Guimet fez, elle proprio, a experiencia de se collocar sobre a pedra... e podémos reconhecer que a disposição do monolitho era a mais conveniente para um sacrificio humano, comtanto que a victima, fortemente subjugada, tivesse os joelhos dobrados. Hübner pronunciou-se contra a hypothese da *pedra de sacrificios* e são de peso os seus argumentos; todavia elle não considerou, que o sacrificio poderia muito bem exigir uma victima humana.

. . . .

Se se perguntar em que epocha foi estabelecida a estação da Citania, dados muito importantes existem n'ella para resolver a questão... Está positivamente demonstrado que o ultimo periodo, pelo menos, durante o qual foi habitada a Citania de Briteiros, coincide com o tempo da dominação romana, isto é, com os primeiros imperadores.

Parece, que, pela vez primeira, temos aqui a prova da existencia de uma cidade em grande parte prehistorica, que se manteve sob o dominio romano...

Em Sabroso, pelo contrario, não se tem achado inscripção ou objecto, que possa denunciar a presença dos romanos; mas os indicios de infiltração de uma civilisação italica não deixam de apparecer em abundancia...

Não pretendo dizer que esta civilisação seja, no seu conjuncto, italica; parece-me até, que para alguns productos, especialmente ceramicos, os modêlos foram trazidos de mais longe, do Oriente.

. . . .

Perante estes objectos parece-me impossivel não admittir, que a civilisação dos antigos oppidums luzitanos não haja recebido bem cedo a influencia do Oriente.

...É preciso convir que a ornamentação dos blocos e a dos vasos indica uma origem oriental commum, que deve ter sido mais antiga que qualquer das influencias romanas que attingisse este paiz. Essa influencia póde ter sido grega. Pensando entretanto, que a civilisação que nos offerece taes especimens, pertence na propria Grecia aos tempos mais affastados, e que, segundo t das as probabilidades, ella foi importada do Oriente, não se estará muito longe de acreditar, que a civilisação phenicia tenha podido encontrar meio de chegar até aos oppidums edificados sobre as collinas d'estes valles affastados da região luzitanica.»

Ahi tem o leitor, o que resumidamente e attendendo á indole d'este trabalho podemos dizer-lhe sobre a Citania de Briteiros, que nós visitámos á 1 hora da tarde, em um quente dia de agosto, unico ponto que a nossa visita teve de commum com a dos sabios, pois nem ajoelhámos como Guimet sobre a *Pedra formosa,* nem as camponezas nos receberam com flôres, nem a cerveja Bass circulou no alto da montanha, horror de anachronismo em materia de bebidas, embora tonico refrigerante em discussões de allemães e gaulezes. Diga-se aqui á puridade, que os sabios fizeram excellentemente as honras ao vinho verde de Briteiros, no que naturalmente não excederam nem excedem as colonias celto-phenicias de Guimarães, que o dr. Martins Sarmento convida uma vez por outra para lhes mostrar com a sua grande amabilidade de erudito alguma descoberta nova arrancada áquelle mysterio da Citania. De Sabroso, a montanha que fica em frente da capella de S. Romão, pouco temos a dizer depois das notas apresentadas por Virchow. Foi em 1877, cremos, que o sr. Martins Sarmento principiou ahi as suas explorações, tendo a felicidade de encontrar desde logo um bom numero de objectos, que parece indicarem uma civilisação anterior á da Citania, e alguns outros que talvez possam vir a elucidar muitos dos enigmas d'esta ultima estação archeologica.

Como o nosso intento não é atacar esses problemas de prehistoria, nem sequer apresentar ao leitor um relatorio, que seria um volume, das descobertas do sabio vimaranense, por aqui nos cerramos em admiração sincera e applauso espontaneo a esse trabalhador infatigavel, a quem o paiz deve já não pequenos titulos de gloria.

Dado o primeiro logar á sciencia, é justo que o leitor veja em seguida a larga e formosissima paysagem, que se descobre da Citania. Abrigue-se por um pouco á sombra projectada pela ermida de S. Romão e

galgue com a vista, sob esta serenidade de um céo de meio dia, a serra que lhe fica a norte. Nodoas de verde escuro mancham a inclinação cinzenta da collina; são os grandes pelotões de carvalheiras, vindas d'além, de Braga, e escondendo nos seus flancos as freguezias d'este concelho — Espinho, Sobreposta, Pedralva. Recortes escalonados franjam depois a montanha; são as rendas de granito que toucam os cabeços de Carvalho d'Este e S. Mamede. Correndo para oriente vae ao fundo,— que bella côr azul!— a facha do Gerez a emmoldurar-se na Cabreira, a qual desenha toda a linha de nascente. Em baixo uma ampla bacia de esmeralda, iriada, com tenues veios d'agua; a Povoa, como ilha isolada, parece fluctuar n'esse interior, onde a alegria canta e a fecundidade ri.

O sanctuario do Pilar lembra um bando de pombas brancas, graciosa e timidamente esperando, que sobre a sua alvura cáia a plumagem negra do velho falcão tristonho, o castello de Lanhoso, isolado na sua lenda, concentrado na sua melancholia de tradições. Agora, a sul, banhando as serranias de Moroussos, ahi está esse feiticeiro Ave a namorar as aldeias de Briteiros, freguezias do Souto, de S. Claudio, de Prazins. Dizia a lenda, que os mouros iam da Citania por um subterraneo ate ás suas margens! Que frescura deliciosa devia ser essa do tal caminho, comparada com a d'esta calcinada via que eu e o leitor teriamos de percorrer para visitar, além, na encosta, *SANTO THYRSO* e *SANTA EUFEMIA DE PRAZINS,* boas visinhas da modesta e graciosa *CORVITE,* mas rivaes as duas, ou melhor, independentes entre si desde o principio do seculo XVII para os effeitos civis e religiosos, embora homonymas sempre, irmãs nas lendas, como na productividade agricola. As raparigas de ambas as Prazins vão por egual ao *Penedo dos casamentos* atirar a sua pedrinha para saber quando se casam, e os homens acreditam do mesmo modo nos *mouros* que habitavam o monte de S. Miguel, se o não habitam ainda. Mas, como elles não nos ensinam o tal caminho subterraneo,— bem pouco amaveis são os taes mouros,— deixe o leitor a situação de Prazins e volva antes os olhos para o poente.

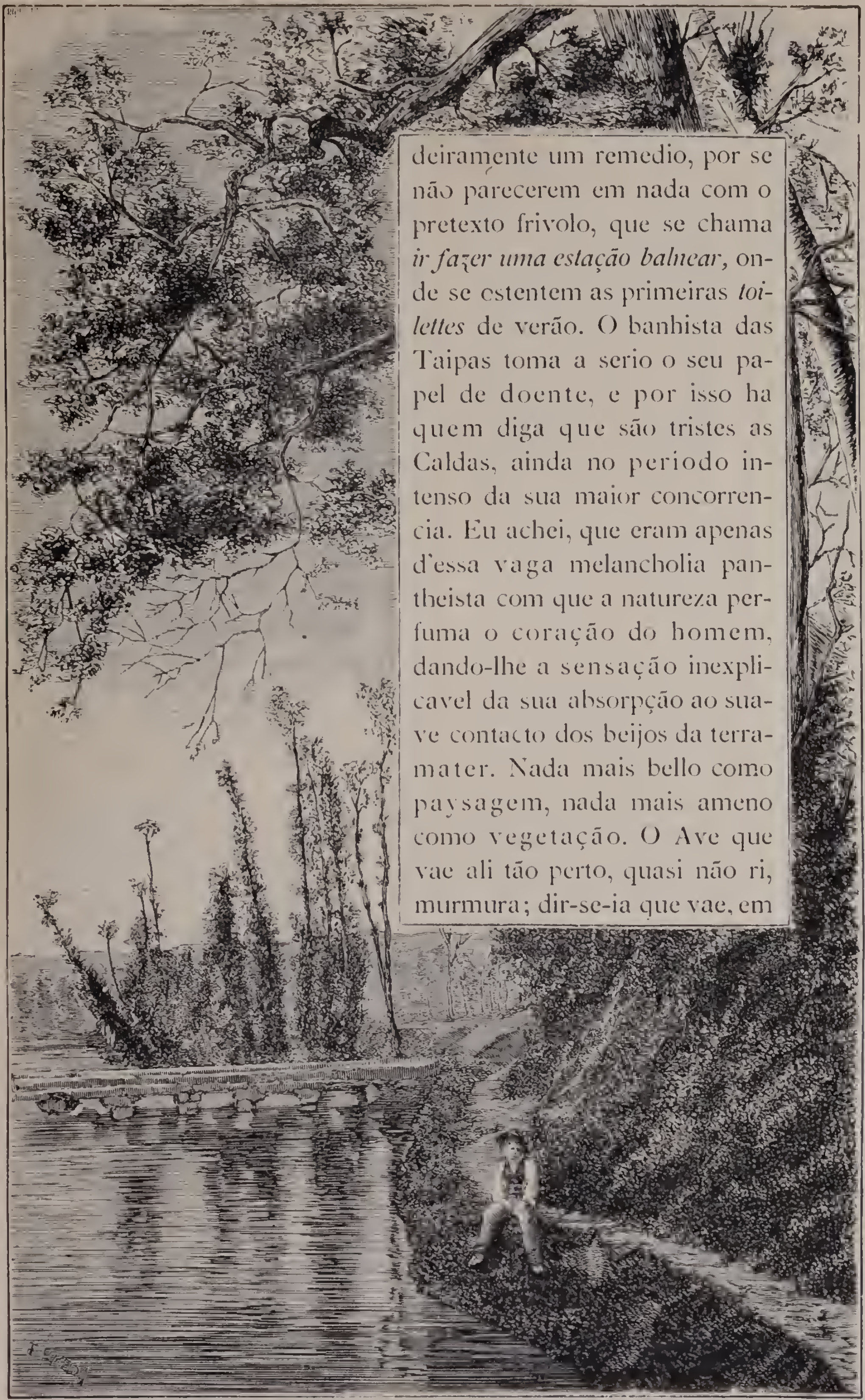
Descendo as abas da serra da Falperra note ahi a situação das quatro *SANDES* (S. Clemente, S. Lourenço, S. Martinho e Santa Maria de Villa Nova), embora em uma excursão pela estrada de Braga melhor tivesse ensejo para as conhecer, visto que marginam o caminho á esquerda Villa Nova de Sande e S. Clemente, e á direita, no fundo de uma pittoresca bacia vegetal, S. Martinho e S. Lourenço. As tres Sandes primeiras formaram até ao seculo XVI uma só parochia, dividindo-se depois em tres curatos dependentes do de S. Martinho, que era e é o mais importante, tanto sob o ponto de vista de população, como de recordações historicas.

Era de fundação antiquissima o seu mosteiro de benedictinos, pois existia já no seculo v, e foi pela familia dos Sandes reedificado. Em 1596 o arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro doou-o aos eremitas de Santo Agostinho, do Populo, que dentro em pouco o reduziram a abbadia secular. Depois foi commenda da ordem de Christo. Na chronica dos seus monges figura como varão egregio pela piedade e erudição o poeta Receswinto, que assistiu ao concilio de Toledo. Da moderna Sande o melhor edificio publico é o da escola no sitio das *Gaias*, offerecido ao governo por D. Maria Alexandrina Vieira Marques e custeado depois pela junta de parochia. As quatro Sandes figuram na industria vimaranense como productoras em larga escala dos garfos ordinarios, — ponham-se de recato as canellas ao passar por lá, — e n'essa industria as acompanha *SANTA CHRISTINA DE LONGOS*, cuja situação, na encosta do Sameiro, perfeitamente se descobre d'esta elevação da Citania, assim como a de *BALAZAR*, já na serra da Falperra, rodeada de arvoredo e cortada por veios d'agua, sendo o principal o ribeiro chamado Agua de Vide. No monte da Falperra, e em terreno que ainda lhe pertence, está a ermida de Santa Martha, em logar que a tradição diz ter sido uma *cidade de mouros*, o que naturalmente significa alguma estação romana ou prehistorica. Ahi tambem, como d'aqui póde vêr-se, está a capella de Santa Magdalena.

Depois d'este rasgar na linha do horisonte, não penso em prender mais um instante o meu amigo n'estas ruas antigas da Citania; desçamos a montanha e vamos estrada fóra, até pelo menos onde a sombra de uma arvore nos deixe irradiar um pouco do calor apanhado no alto da Citania. Bonita estrada. Só o nome de *S. CLAUDIO DO BARCO*, a pequenina aldeia que ali está, esboçando no pensamento frescura de aguas correntes, convida a refrigerar o sangue de tanta prehistoria e soalheira. E nunca mais a proposito passou junto de nós um carro de melancias, que ia para a feira de Lanhoso! Sempre é certo, que ha uma providencia para todos os viajantes! Boa e fresca melancia, assucarada, mil vezes superior aos famosos sorvetes do Martinho! mas tão grande, tão grande, que só tres rapazitos, depois de nós, foram capazes de a levar ao fim. E, sem mais, toca a parar um instante que entramos na estação balnear das

CALDAS DAS TAIPAS.

Arvores copadas, de uma doce tonalidade fresca, enchem o grande largo. Ha uma indefinida simplicidade, um ar intimo, quasi de familia, na população assim mergulhada no seio d'aquella natureza poderosa e boa. As thermas, hoje em edificio regularmente montado, chegam a ser verda-



deiramente um remedio, por se não parecerem em nada com o pretexto frivolo, que se chama *ir fazer uma estação balnear,* onde se estentem as primeiras *toilettes* de verão. O banhista das Taipas toma a serio o seu papel de doente, e por isso ha quem diga que são tristes as Caldas, ainda no periodo intenso da sua maior concorrencia. Eu achei, que eram apenas d'essa vaga melancholia pantheista com que a natureza perfuma o coração do homem, dando-lhe a sensação inexplicavel da sua absorpção ao suave contacto dos beijos da terramater. Nada mais bello como paysagem, nada mais ameno como vegetação. O Ave que vae ali tão perto, quasi não ri, murmura; dir-se-ia que vae, em

Caldas das Taipas Ponte Velha — Desenho de João de Almeida

meio d'este silencio, cantando uma canção ossianica de uma tristeza dolente. Pois esta serenidade, que irrita os nervos das meninas solteiras e chega a curar os rheumatismos dos papás abeberados de iodeto de potassium, oh prodigio! é exactamente o que se diz o grande defeito das Taipas!

Aconselho por isso o leitor, a que não defenda a tranquillidade d'esta natureza tão meiga e tão ineffavel, se por ventura é pretendente á mão de alguma menina, que foi melancholicamente scismar na Cascalheira ou na ponte velha de Vizella, emquanto no Cruzeiro se preparava o salão para o baile da noite. Mas se o meu amigo é um honesto homem casado, economico, indo gastar o seu dinheiro para o utilisar com vantagem, não desdenhe as Taipas; verá como vem de lá com a alma satisfeita e com o rheumatismo curado, ou com a pelle menos pintalgada de zonas herpeticas. Para isto são preciosas as aguas de *S. THOMÉ DE CALDELLAS*, —é este o verdadeiro nome da freguezia, de que as Taipas constituem um logar. Classificadas como sulphureas quentes, a sua temperatura é de 29 a 30°, e 1:000 grammas de agua conteem 0,00242 de acido sulphydrico, deixando pela evaporação 0,2035 de residuos solidos, compostos principalmente de silicatos e chloretos alcalinos e de saes calcareos e de magnesia. São quatro as principaes nascentes exploradas, podendo todavia fazer-se mais larga exploração. Ainda não ha muito, que em um campo proximo da povoação appareceram novos mananciaes, que por em quanto se não aproveitam. O dispendio total da agua avalia-se em 200:000 litros diarios, e sobe a mais de 25:000 o numero de banhos dados durante a estação, para o que hoje existe um novo, embora pequeno, edificio escrupulosamente aceiado. Estas aguas mineraes foram já conhecidas dos romanos, que tinham montado aqui um estabelecimento thermal. Prova-se isto pelos numerosos vestigios, que se tem encontrado d'esta civilisação, sendo os mais recentes bastantes moedas achadas nos campos dos novos mananciaes. Dos primeiros fallam os archeologos, que se occupam das Taipas, referindo-se a duas inscripções latinas encontradas aqui nos principios do seculo XVIII, e é ainda confirmação a famosa *ara de Trajano* ou *ara de Nerva*, que o povo conhece pelo nome de *Penedo da Moura*.

Este monolitho, por muitos annos escondido entre denso silvado, foi pela camara vimaranense de 1844 exposto na situação que ainda tem, aformoseando-se então o local, e . . . talvez *aperfeiçoando-se* tambem, como diz Pinho Leal, o monumento, que muito bem poderia ser uma anta preceltica. No lado E. havia uma inscripção latina, que em 1818 a camara mandou pintar de preto, e que mal se conhece hoje, pondo-lhe n'essa occasião por baixo uma traducção mais ou menos avariada, que deve lêr-

se: — *Esta obra mandou fazer o imperador Trajano Augusto, filho de Cesar Nerva, vencedor dos germanos e dacos, pontifice maximo, sete vezes tribuno, quatro vezes imperador e cinco vezes consul, e pae da patria.* Do lado sul, para não deixar o seu credito por mãos alheias, a mesma camara mandou gravar:

Para alivio da humanidade e remedio de rebeldes doenças herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos thermaes por ordem do senado da camara da villa de Guimarães, sendo seu presidente o dr. juiz de fóra Estevam Pereira da Cruz e vereadores Francisco Cardozo de Menezes Athaide e Antonio do Couto Ribeiro — secretario José Leite Duarte, procurador Manuel Luiz de Sousa — Em testemunho de zêlo e actividade, e para emulação dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscripção que desafia e venera o tempo e a antiguidade, em 1818.

O leitor vae vêr, porém, que os illustres vereadores se não contentaram com a apotheose do seu zêlo n'esta prosa chata e burlesca; para mais era o pulso d'aquelle senado brioso de Guimarães e por isso aos lados da fonte, que existe ao descer do terreiro arborisado, fizeram esculpir em verso heroico, — nem outra medida cabia ao seu cothurno, — as seguintes inscripções:

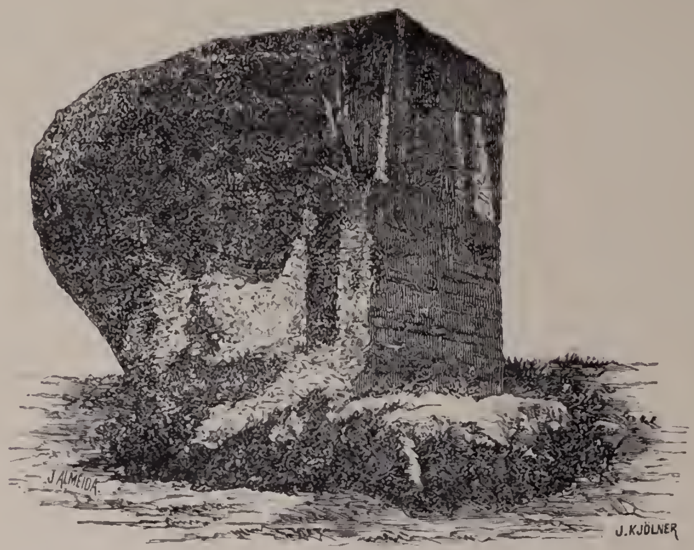
— «João, primeiro rei do reino-unido
«Para que a morte mais tropheus não conte
«D'inexhaurivel, salutar bebida,
«Esta levanta milagrosa fonte.

«Eras vindoiras! desejaes os nomes
«Dos varões claros d'esta obra auctores?...
«Sousa, procurador, juiz Estevam
«Couto, Pinto, Athaide, senadores.

Agradecendo, pela minha parte de vindoiro, a noção que me cabe da fama de tão illustres edis, eu só tenho a lamentar que os homens se não lembrassem do unico nome, que tinha direito á gratidão das eras sobreditas, — o do monge carmelita, fr. Christovam dos Reis, que em 1753 descobriu as aguas, até ahi cahidas no esquecimento, e principiou a fazer as suas applicações á therapeutica. Mas vamos com Deus, que 165 annos depois já não fizeram pouco os vereadores zelosos, fomentando o desenvolvimento das preciosas thermas, hoje incontestavelmente umas das primeiras do paiz, não só pelo seu valor medico, mas tambem pelas commodidades que ahi encontra o banhista doente, aquelle que na realidade precisa do convivio bonançoso dos homens e da natureza, mais do que das commoções da baêta verde da rolêta, e da poeira luminosa dos bailes de salão, quando cá fóra vae alto o mais esplendido luar.

A estrada que nos leva até Guimarães, corre das Taipas em tão suave planicie e vae debruada de tão feiticeira paysagem que instinctivamente se recommenda ao cocheiro para caminhar lentamente, embora essa não seja a sua vontade e o seu preceito de boleeiro minhoto ao entrar em cidade ou villa de importancia.

Que formosos campos estes de *S. JOÃO DA PONTE*, agora que estão cobertos pelo oiro verde dos milharaes. Nem a gente pensa, que vive ahi uma população industriosa e trabalhadora, fabricando os garfos de



Caldas das Taipas: o Penedo da Moura — Desenho de João de Almeida

fino aço, ao triste salario de onze vintens por dia. A forja quasi se não vê, assoberbada por esta vegetação opulenta.

Atravessamos *FERMENTÕES* pelo seu logar de Caneiro, e posto que a vegetação seja ainda a mesma, percebe-se que estamos em um centro industrial, porque as forjas humildes vem facear com a estrada, e sentem-se cantar os velhos teares de carvalho, em notas monotonas de um *tras-trus* batido a lançadeira, que não deixa ouvir os melros nos silvados.

E porque esta affluencia de forjas e teares se vae multiplicando, e porque a physionomia viril do operario nos entre-olha de passagem e sobretudo, ai, sobretudo, porque temos de pagar o anachronico direito de barreiras, que a cidade entrega, como cartão pouco delicado, a quem a vae visitar, conhecemos que estamos em Guimarães, no *berço,* onde não nos deixaremos embalar, senão o tempo preciso para repousar uma noite.

*
* *

Manhã cedo, era na primavera por signal, pintavam as cerejas, e os grandes *bouquets* das macieiras em flôr alacriavam de um tom de rosa vivo a grande verdura fresca da campina.

A estrada sobe lentamente, enlaçada primeiro ás recordações historicas do castello, em curva sinuosa depois pelo flanco da montanha. As vinhas de enforcado não teem ainda os sarmentos bastos, deixam vêr nitidamente os recortes dos campos semeiados, as cupulas elegantes das egrejas. O valle estende-se á direita, e entre elle e a renda de granito que touca o monte da Penha, ali está fundindo a sua côr escura no grande macisso de arvoredo o historico mosteiro de *SANTA MARINHA DA COSTA,* primeva fundação para cruzios da rainha D. Mafalda, esposa de Affonso Henriques, e augmentado e coutado por D. Diniz em 1280, por carta regia feita em Braga a 8 de junho d'esse anno. Reduzido a abbadia secular no principio do seculo XVI e dado por D. João III em commenda ao duque de Bragança D. Jayme, este o doou então aos frades Jeronymos, auctorisando Clemente IV a doação e formação do mosteiro. Meio seculo depois, quando após o desastre de Alcacer-Kibir, os pretendentes enxameiaram para salvar a nacionalidade portugueza e augmentar o prestigio proprio, D. Antonio, o prior do Crato, um dos mais tenazes, vencido na ponte de Alcantara, veiu, diz a tradição, refugiar-se n'este poetico mosteiro da Costa, onde a mocidade lhe correra por certo mais amena, na ditosa quadra de estudante. Porque, tome nota o leitor, um pouco acima do convento houve outr'ora uma especie de universidade, onde se cursavam humanidades, philosophia e theologia, e na qual estudou tambem o infante D. Duarte, filho de D. João III, dando-se ainda o nome de *Fonte de D. Duarte* a uma que existe ahi e onde o infante costumava ir passeiar. Hoje o convento é propriedade particular, e só a egreja permanece aberta ao culto, como séde da parochia.

As tradições que vimos referindo não as conhece de certo o povo, que vae á grande romaria do S. Thiago da Costa, em 25 de julho. Festa rija, como ha poucas, vindo ali os monstruosos andores de umas poucas de freguezias, acompanhados das respectivas rondas ou clamores!

No S. Thiago
Pinta o bago

diz o proverbio, e como a festa parece ter um sentido mythico de festa agricola, ha por lá quem venha por dentro e por fóra bem tingido com o summo do tal bago.

Uma curiosidade da Costa, que me ia esquecendo—é um formoso carvalho, que a tradição diz ter sido plantado pela rainha Mafalda.

E de vagar continuamos a subir na estrada, tendo sensivelmente o mesmo horisonte até *S. ROMÃO DE MESÃO FRIO,* cuja modestissima egreja fica ao nosso lado direito; paredes meias com o humilde cemiterio.

Agora lance os olhos sobre este valle da esquerda, a que chamam, apezar de não ser um rio, a formosa ribeira de *ATHÃES;* o campanario, escuro por falta de cal e mais ainda pelo assombreado das oliveiras, que o cercam, lá está a meio da collina, como um anachoreta encantado da solitaria paysagem. Ao longe avultam as linhas do mosteiro de S. Torquato, cada vez menos contornadas e nitidas ao passo que a estrada vae subindo.

—Uma bella casa esta de Passô! e sobretudo em uma situação explendida! Que formosas manhãs devem gosar-se d'ali e que tardes encantadoras, quando o sol tenha dobrado já a serra de Santa Catharina e que o valle extensissimo, mergulhado na luz indecisa do crepusculo, appareça em toda a magestade do seu encanto, as arvores emmoldurando os pequenos quadrados da cultura, e dando á vista a optica illusão de um grande exercito em marcha, a vanguarda para o norte, fundindo-se além, muito além, no tom da luz roxo-anil, que veste a essa hora os montes da Falperra.

Termina para nascente o concelho de Guimarães, reunindo-se ao de Fafe no sitio da Portella e d'este logar de Passô destaca para Felgueiras a estrada que vae á séde d'este ultimo concelho, seguindo primeiro alguns kilometros em territorio de Fafe e formando, por assim dizer, até encontrar o Vizella a facha limite d'este concelho com o de Guimarães. Acampando sobre as collinas e valles, que ficam á direita d'essa estrada, encontra o leitor, primeiro, a freguezia de *MATAMÁ,* que nada lhe offerece de notavel e em seguida a de *VILLA NOVA DOS INFANTES,* ou das *Infantas,* como lhe chamam muitas publicações officiaes e chorographias conhecidas, embora, segundo a bem fundada opinião do dr. Pedro Ferreira, continuador do diccionario de Pinho Leal, deva ser o primeiro nome o que deve dizer-se, pois a parochia tomou o titulo da doação, que D. Sancho I fez aos infantes Martim Sanches e D. Urraca Sanches, filhos naturaes que teve de D. Maria Ayres de Fornellos. Aqui foram creados os dois, e não foram por isso as irmãs ou irmãos de D. Affonso Henriques, nem as irmãs de D. Sancho I, que deram o nome á parochia. Este couto, que foi propriedade e vivenda dos infantes Martim e Urraca, foi pelos mesmos vendido mais tarde ao mosteiro de Santo Thyrso, juntamente com outras terras.

A par da egreja havia outr'ora, segundo diz Viterbo, uma fonte chamada da *Onega,* da qual el-rei recebia como coima uma *taça de agua,* o que não era liquido, aqui para nós, capaz de acompanhar o *carneiro,* que elle havia tambem da mesma pena.

Seguindo, fica na montanha sobre a nossa direita e em plano inferior á capellinha de Santa Catharina a ermida da *Senhora da Lapinha,* irmã, segundo a lenda, de uma outra de Guimarães a quem visita todos os annos, pelo verão, quando os milhos, ainda verdes, tapetam os campos de esmeralda. Visita pomposa e festival, com mais de sessenta cruzes alçadas, e indispensavel,—na superstição popular,—porque, desde que a Senhora sae, *o bicho não bole mais no milhão.*

Figuram na processional visita a fertil *SERZEDO,* que ora encontramos banhada pelo Vizella, as duas *ABBAÇÕES,* S. Thomé e S. Christovão, confinantes com ella, e entre si unidas até meiados do seculo XVII, e outras ainda, que em breve apresentarei ao leitor, quando venha comigo admirar os sorridentes valles do Vizella.

*
* *

Mas, antes, deixe-me partir pela estrada de Famalicão, uma das mais encantadoras da provincia, que lhe quero mostrar ahi as aldeias enamoradas do Ave. Aqui tem já *CREIXOMIL,* a cujo orago cantavam os rapazes:

S. Miguel de Creixomil
Dae nos favas e perrexil, etc.

É Creixomil um arrabalde formoso da cidade, as casas dando-se a mão á fertilissima campina, em que a freguezia assenta. A quinta da Porcariça, cujos autos de demanda andavam de tribunal para tribunal em cima de um burro, está aqui situada. A capella de S. Lazaro foi antigamente um hospital de *gafos.*

Passa a estrada sobre o Celho, atravessando o terreno de *SILVARES,* terra a que D. Affonso III deu foral em 1259. Ao lado esquerdo de Silvares a freguezia de *S. JORGE DE CELHO* confina com *S. CHRISTOVÃO DE CELHO,* um pouco mais ao sul, parochias antigas ambas e tirando provavelmente o nome do ribeiro de Celho, o antigo Celio dos romanos, de que se falla tambem em diversas escripturas do livro de Mumadona. O vigario de S. Jorge era primeiro apresentado pelo bispo de Constantina, depois por um conego da collegiada de Valença, que o no-

meava *ad nutum,* isto é, podendo livremente nomeal-o ou despedil-o. O de S. Christovão era apresentado pela mesa capitular do arcebispado de Braga.

A sudoeste fica a deliciosa ribeira de *PARAIZO,* um nome adequado para exprimir este jardim banhado pelo Ave, sobre o qual lança *GONDAR,* na antiga estrada para o Porto, a pittoresca ponte da Serva. Não a vê o leitor no caminho que vae fazendo, mas console-se com o admirar

Capella das Taipas — Desenho de João de Almeida

esta magnifica ponte de *BRITO,* formosa como obra de arte e mais formosa ainda pela paysagem que a rodeia. No Paço da Carvalheira foi o solar dos Britos, um dos quaes, D. Soeiro de Brito, fundou no reinado de D. Affonso V um mosteiro, que existiu aqui, de frades benedictinos.

Depressa o leitor esquece estas informações historicas encantado com o lanço de estrada que vê, desde a ponte de Brito, desenrolar-se na sua frente, em linha recta de uns dois kilometros de extensão, larga ao principio e estreitando depois por um conhecido effeito de optica, até parecer que tem no fim a largura apenas de alguns decimetros. Na encosta do monte que nos acompanha sobre a direita ficam *S. PAIO DE FIGUEIREDO,* cujo vigario era apresentado pelo prior de S. Vicente de Fóra, de

Lisboa, *SANTA MARIA* e *S. JOÃO DE AIRÃO,* a primeira um pouco pendida para o valle, a segunda olhando mais de perto os cabeços da serra da Corveã, em cujas collinas fecundas assenta *LEITÕES,* singela e humilde parochia, tanto quasi como a sua visinha *OLEIROS,* cujo nome parece indicar a existencia da industria ceramica, talvez herdada do periodo arabe ou romano, pois na freguezia se tem encontrado vestigios d'essa civilisação.

Na planicie a estrada córta ainda o gracioso valle de *RONFE,* de que é proxima visinha *S. MAMEDE DE VERMIL,* e orlada por esta exuberancia de vegetação que é todo o seu encanto, segue a estrada através do valle de Joanne, em territorio de Famalicão.

Uma nota antes de terminar a excursão, para o leitor que deseje abastecer-se dos linhos de Guimarães. É nas freguezias, com que travou agora conhecimento, que mais especialmente são tecidos os lenços de linho e algodão, o panno para lençoes, as toalhas e colchas adamascadas. Esta industria, que occupa approximadamente 692 teares no concelho, exerce-se por egual nas freguezias que immediatamente vamos visitar, partindo de Guimarães pela estrada de Santo Thyrso, que seguiremos até encontrar o Vizella, vindo depois pela sua margem, no comboyo, descançar na poetica estação das Caldas.

*

* *

Sahindo de Guimarães fica-nos á direita o formoso valle de Creixomil, que deixamos em breve, avistando já sobre a esquerda o campanario de *PINHEIRO,* terra que foi solar dos morgados Rebellos e Almeidas, mas que além d'esse fôro de fidalguia tem alguma coisa de melhor, que é o seu excellente vinho verde.

Confina pelo sul com *URGEZES,* outra terra de fidalgos, conhecidos por este appellido, e pelo occidente com *S. PEDRO DA POLVOREIRA,* cuja egreja parochial vemos quasi assente no alto da collina, vigiada por uns tres cyprestes merencorios. A acreditar um pouco nas tradições e notando o facto da persistencia do isolamento da egreja n'esse logar ermo, deve suppôr-se que proximo existiu talvez algum castro, ou povoação romana, cujos habitantes se dispersaram pelo valle, mercê de uma causa qualquer desconhecida para nós. É certo que na Bouça da Quinta, ahi perto, se teem encontrado fragmentos de ceramica romana e vestigios de fortificação. Este *castro* do monte da Polvoreira não deve confundir-se todavia, como a lenda o parece ter feito, com a *Furna dos Mouros* da Lujó, que existe na parte sul do monte da Polvoreira, logo ao poente

da egreja de Enfias, pois que na Lujó propriamente dita escasseiam de todo os vestigios de povoação. A *Furna dos Mouros* da Lujó foi já descripta pelo sr. Pereira Caldas e pelo dr. Martins Sarmento, que a considera, apoiado em concludentes argumentos, uma gruta funeraria pertencente a uma povoação prehistorica qualquer, coeva da Citania, e analoga a uma outra existente em Soalhães, concelho de Canavezes.

Como o leitor não vae de certo estudar agora estes problemas, e o carro, que nos conduz, vae sahindo já da Polvoreira, deixe-me apresentar-lhe *MASCOTELLOS,* que á direita nos fica presa ás duas *CANDOSOS,* mais que pela confinação dos limites a sudoeste, pelo cordão milagroso da fé, que *Santo Amaro* representa, chamando ahi na grande romaria e feira de 15 de janeiro os povos circumvisinhos. A matriz de S. Martinho de Candoso, situada em ameno valle, d'onde se avista Guimarães, é antiquissima, segundo o revela uma inscripção existente junto á porta lateral.

Atravessando o logar da Valinha, ainda pertencente á Polvoreira, a paysagem perde os largos effeitos panoramicos e a estrada vae entalada entre duas collinas, mais ou menos melancholicas, o horisonte parecendo terminar na linha denticulada dos outeiros. O comboyo que passa é como um refugiado que vem da luz, seguindo a todo o vagar para a tranquillidade da sombra amena e perfumada. Como um *titan* com somno, ou um cavallo de alquilador ao farejar a manjadoura vasia, dir-se-hia que vae calçar as suas chinellas de couro ali a Guimarães, para depois contar á familia, com toda a pachorra, os trabalhos em que se metteu durante o dia.

—Nada, nada de velocidades, que elle é um bom comboyo portuguez, de via reduzida!

Aqui está a matriz de *NESPEREIRA;* não vale a pena saltar do carro para subir a escadaria, que leva até ao seu portico. Nada ha ahi de interessante, que estimule a curiosidade. O logar da Magdalena que atravessamos pertence á freguezia, e existe ahi um apeadouro da linha ferrea.

Adiante um pouco surge sobre a nossa esquerda uma estrada districtal, a que vulgarmente se chama o ramal de Vizella, por atravessar esta povoação, seguindo para Entre-os-Rios (Penafiel).

Na sua margem assenta *INFIAS* ou *ENFIAS* ao poente, de cuja egreja fica o lendario monte da Lujó, e logo em seguida *TABOADELLO,* antiquissimo burgo a que D. Sancho I deu foral em 1202, confirmado depois em Coimbra por D. Affonso II. Tem n'esta freguezia — diz Pinho Leal—apparecido muitos vestigios de uma estação prehistorica, em sitio proximo da Polvoreira, mas, se n'isto não estamos em erro, são esses os de que fallei ao leitor, quando lhe descrevi esta ultima.

Continuando pela estrada de Santo Thyrso, breve deparamos á beira

do caminho com duas construcções modernas, uma á direita—o palacete do *Cidade,*—outra á esquerda, mais modesta, mas muitissimo mais util—a escola de instrucção primaria fundada pelo fallecido commendador Manuel da Cunha Guimarães Ferreira. Proximo está o humilissimo cemiterio de *S. MARTINHO DE CONDE,* appellido tomado de ter ahi vivido o conde D. Henrique, o sino encasado em um pequeno arco de alvenaria, como que invejando a situação do campanario de *MOREIRA DE CONEGOS* que se levanta além sobre uma ondulação da collina, a egual distancia da estrada em que vamos e da margem direita do Vizella, onde a fabrica de papel dos srs. Ribeiro & C.ª produz o chamado *papel das caldas.*

O horisonte rasga-se sobre os valles e meandros que ficam á nossa esquerda, em quanto á direita a montanha continúa na sua linha entrecortada de pequenas ravinas.

No alto a festejada Senhora do Monte, no territorio de *SERZEDELLO,* é a grande attracção dos povos circumvisinhos. Vá que faltem ahi as procissões de Nespereira, de Infias, de Moreira de Conegos, de S. Martinho, de Lordello, da Guardizella! Festa rija, coincidindo demais a mais com os dias grandes, os dias de S. João, uns dias que dão para tudo, na phrase chã do minhoto! A egreja matriz de Serzedello foi em tempos antigos mosteiro de benedictinos.

O valle, que ao longe vemos, pertence já ao concelho de Santo Thyrso, de que se avista a freguezia de S. Martinho do Campo. O rio Vizella passa no centro, em baixa que ainda se não divisa. Á direita continuam os casaes por entre a vegetação. É envolta em ampla tunica de folhagem, que nos apparece a *GUARDIZELLA*, proximo de um novo entroncamento de estrada municipal, que se destina a Freamunde. A sua visinha *GANDARELLA* por egual se aproveita da frescura que recebe do Ave para tapetar de um verde exhuberante as suas collinas e pequenos valles.

Atravessamos *LORDELLO.* A egreja modestamente encoberta pelo arvoredo, sem campanario esguio que a faça resaltar d'entre a folhagem, quasi se não vê da estrada. Importa pouco; vê-se em compensação o Vizella, sorrindo limpidamente, em um encanto de paysagem, que faz lembrar o sorriso da noiva na sua *toilette* engrinaldada de flôres de laranjeira. E que bello souto este de elegantes carvalheiras, aqui á beira da estrada.

Não ha tempo senão para dizer:

—Que belleza!

E na ponte, que é quasi terreno neutro, abandonamos o trem para tomar em *Negrellos* o comboyo, que nos leve ás Caldas de Vizella.

*
* *

A linha vae correndo parallela ao rio; o valle é fechado, de horisontes curtos; mas que frescura, que meiguice, n'essa encantadora natureza, n'essa casta monotonia da agua, onde se vão reflectir as arvores que beijam a corrente, os moinhos cobertos de musgo, as pontes rusticas de madeira, uma das quaes, a de Caneiros, a nossa gravura de pag. 641 reproduz com toda a fidelidade.

Alguns minutos de paragem na impropriamente chamada *estação de Lordello,* visto que é de Moreira o terreno em que fica situada, e um quarto de hora depois o rio desapparece, a paysagem muda e a gente apeia-se alegremente na estação de

VIZELLA

Logo em frente e um pouco á esquerda da estrada, que leva á povoação, vê-se na collina a pequena egreja de *S. MIGUEL DE VIZELLA,* que fórma reunida com a de *S. JOÃO* do mesmo titulo a pittoresca estação das *Caldas,* em um hotel da qual póde o *touriste* pousar a sua mala, tomar um banho, e escovar-se antes de ir conhecer a terra. Ficam-lhe á mão o *Hotel Vizellense* ou do *Padre,* depois o *Vizella,* ao lado o *Cruzeiro,* na Lameira o *Central:* para todos os gostos e para todas as bolsas.

Fresco do banho, leve no seu fato de verão, o pau ferrado para se apoiar, aqui me tem na estrada para lhe mostrar as Caldas.

—Isto é quasi uma villa,—dir-me-ha,—predios novos, ruas alinhadas, consultorios medicos, restaurantes, bilhares, hoteis!...

—Sim e não! Villa ficticia e vida que o não é menos; quando o ultimo banhista sae, Vizella fica a sós com as suas recordações e com a formosura amoravel da sua natureza! Então é que ella é deveras encantadora! Mas o meu amigo, que não vem de certo ás Caldas n'esse periodo da sua soledade melancholica, tem razão em me pedir que lhe apresente a physionomia que Vizella tem para toda a gente, a sua physionomia de verão.

É isto que vê. Os que se divertem e os que tratam de se curar, vendo divertir os outros. De manhã o banho, o lenço de lã atabafando o pescoço; á tarde o passeio, os vestidos claros e o chapéu de palha adornado com um ramo de papoulas ou de rosas chá. Os mais pacatos chegam até á Ponte Nova, demoram-se nos bazares de quinquilherias, fazem sortimento das toalhas adamascadas, ou linhos de Guimarães para leva-

rem como recordação das Caldas; os mais affoitos vão ao Pisão, á Cascalheira, barqueiam no rio ou sobem uma montanha. Os ultimos são raros.

Antes de chegar á Ponte Nova, um dos mais bellos logares de Vizella, o leitor tem á esquerda a egreja parochial de S. João, branca de neve, e o *Parque* ainda em construcção; tem á direita os estabelecimentos balneo-therapicos da Companhia, incompletos ainda, mas espaçosos já para a concorrencia, podendo dar mais de 50:000 banhos de immersão em cada epocha, afóra as *douches* hoje tanto em uso, os banhos divididos em clas-

Vizella Ponte Velha — Desenho de João de Almeida

ses, onde não falta o aceio e o conforto, o edificio para doenças contagiosas isolado convenientemente.

As aguas de Vizella, sulphurosas quentes, brotam abundantemente em terrenos graniticos, algumas no proprio leito do rio e apresentam temperaturas variaveis desde 17.º até 65.º centigrados. As aguas pertencentes á Companhia são hoje as mais concorridas, havendo todavia na margem esquerda o banho do Mourisco, e outros em terrenos particulares, como no Hotel do Padre, por exemplo, que os seus hospedes particularmente utilisam com menos incommodo pessoal.

Transpondo a *Ponte Nova* o meu amigo encontra no passeio do *Pisão* o banhista, que vae beber o classico copo d'agua na fonte que tem

aquella denominação; depois, saboreando ainda a frescura do liquido, elle vae, melancholico e grave, arrastando o seu rheumatismo sub-agudo, até á margem do rio, onde vê reflectir-se a imagem da ponte velha, ennegrecida pelo tempo, e o *chalet* do Inglez, alcandorado entre festões de verdura. Na agua os pequenitos saltam ou nadam alegremente; o banhista tem sempre o sorriso amavel para essa infancia traquinas, e sempre a mesma nota contemplativa para os choupaes que se debruçam sobre o rio, ou para a agua que vem saltando alegremente dos açudes. O banhista do Pisão é ordinariamente pacato, pouco amigo de folias, casado de tempo, calmo nas suas emoções, com uma ou duas creanças loiras, e uma mulher deliciosa que já fez com certeza trinta annos. Não está para massadas; vae para o Pisão porque é perto, ha sombras, e o rio é n'aquelle sitio verdadeiramente encantador.

O banhista novo, ou a banhista que faz das Caldas um modo de divertir-se, prefere a Cascalheira, passando pelo Parque, onde joga o *Lawn-tennis*. O Parque é ainda uma creação, quasi uma planta topographica do que deve ser passados alguns annos, quando as arvores cresçam e a agua corra abundantemente nas fontes, e no lago.

Uma bôa historia esta do lago. O Vizella embirrou com elle, e tinha as suas razões de artista para isso.

—Pois que! um lago aqui á minha margem! pensou o gracioso rio—que sou eu e que tenho eu sido senão isso mesmo! E ainda por cima desviarem-me a corrente, esta corrente beijada pelas arvores, embalada pelo cantar das lavadeiras, saudosa dos mudos olhares dos amantes! Esperae lá, que eu vos arranjo!

E deixou sahir a gente das Caldas, deixou passar o verão, deixou correr o outomno! Depois, quando o inverno veiu, elle vingou-se; foi uma brincadeira quasi a destruição do lago, saltou por ali dentro, mugiu, precipitou-se sobre o rival e coitado, lá está o pobre, secco, arenoso, com um ou outro charco immundo, d'onde se evola apenas alguma intermittente febril.

Oh, que lindo lago não é elle proprio, o Vizella, e como elle fez bem, esse artista sonhador, em destruir os planos da muito illustre vereação de Guimarães.

A seguir ao Parque tem o leitor a Cascalheira, poetica estancia do bipede que vae ás Caldas para romantisar amores ou dar caça á fortunasinha de alguma brazileira gentil.

Tem a consagração dos felizes e dos parvos, que muitas vezes são os mais felizes. Mas, apezar de tudo, a Cascalheira e o Moinho que lhe fica perto, são deliciosos a valer, como paysagem perfumada de um bucolismo

adoravel. As colonias dos banhistas visitam muitas vezes estes pontos, sobretudo queridos da gente nova, que se ama, e que acha tanto mais bello o passeio, quanto mais extenso é. Os papás, as mamãs, as tias ficam ordinariamente na margem direita; elles vão saltando as pedras da Cascalheira, entre os risos e os pequeninos mêdos das romanticas meninas, até descançarem no *Moinho*, vendo a roda da azenha trabalhar alegremente na sombra. Um ou outro incidente corta muitas vezes a travessia; uma donzella timida, que molhou a botina, deixando rapidamente entrever a perna bem torneada, um gordo que chegou a cahir na agua, um *dandy* querendo simular de valente e que deixa cahir a dama a que pressurosamente tinha offerecido a mão forte, como ponto de apoio fraco. Os episodios commentam-se depois, em quanto os namorados protegidos pelo ruido do açude, confidenceiam os seus amores esperançosos. Outras vezes esses episodios trazem consequencias sérias, ou consequencias alegres; uma entorse que faz o desespero da senhora que a arranjou, no primeiro caso; os amores terminando em eclipse de hymeneu para a menina que mostrou graciosamente a pernita bem feita, no segundo caso.

A Cascalheira não tem apenas o enxame das visitas aos bandos. Tem, para si propria, os seus enamorados, os solitarios, que vão a uma hora a que ninguem lá vae, debaixo da torreira do sol, ouvir cantar a cigarra de Anacreonte debaixo da verde olaia. Levam um livro que não lêem, um album em que de raridade desenham. São fortes, almoçaram bem no hotel, e vão fazer a sua digestão sadia sob o enternecimento doce d'aquella natureza cariciosa. Estendem-se na relva, á sombra, o timido murmurio da corrente ao lado, embalando os sonhos queridos da sua imaginação. Chegam ali amortecidos os ruidos longinquos; ũma cigarra inopportuna canta, percebe-se nitido o rodar da azenha. Sobre a agua volitam os insectos iriados, de azas translucidas, brilhando ao sol. Vae na corrente uma folha cahida, um ramo de arvore, uma flòr silvestre. Segue-se com os olhos primeiro, com a phantasia depois. Outra passa, pequenina gondola entregue sómente á viração, e a primeira esquece. O sonho nasce, segue-a, sonho de visionario que veiu como a corrente e que desapparece como ella. No silencio calmo uma avesita desprende o seu trinado. Não se vê o sympathico *virtuose*, no grande palco da folhagem, mas é um artista, cujas modulações conhecemos, uma aria que se nos affigura ter ouvido, muito longe, na infancia talvez, quando era pela quadra dos ninhos. E que significará essa melodia? O amor, a tristeza, a felicidade, a fome?

Alheiamento de idéas, que a cabecita espalmada e verde de uma rã vem interromper, coaxando, ironicamente, como a prosa da vida real, a que se tem de voltar. Sob a magia encantada d'este lyrismo pantheista o

solitario da Cascalheira esquece as horas em delicioso sonhar, acaricia o impossivel com os beijos da sua imaginação, e,—Dante pensando em Beatriz, Homero sentindo-se capaz de uma Iliada—, consulta o relogio para vêr se são horas do jantar á mesa redonda, e, ou se levanta com preguiça, dizendo—que bem se estava aqui!—ou se deixa de novo mergulhar no doce Nirvana dos sonhos, a ponto de muitas vezes sonhar deveras, dormindo uma gloriosa somneca.

—Ai, que linda, que linda a Cascalheira!

Depois, de novo pelo Parque, ou por um caminho rural que pela rua de S. João vae dar á Lameira, a praça central da terra, e logar dos antigos banhos assim denominados, entra-se na povoação, que á tarde passeia pela estrada, desde a Ponte Nova ao Caminho de ferro, como se não tivesse mais para onde ir.

O banhista que ame os estudos archeologicos tem nas Caldas com que se entreter, pois as velhas piscinas, do tempo dos romanos, conservam ainda reliquias de mosaico e marmores, e nas suas immediações se tem encontrado lapides com inscripções, moedas, etc. que attestam a sua antiguidade.

«Entre as lapides encontradas em Vizella,—diz o sr. Ramalho Ortigão,—ha uma de Tito Flavio Archelau, legado augustal na Luzitania nos annos 81 a 90 depois de Christo, no reinado do imperador Dauriciano, edificador em Roma de umas thermas famosas. Esta lapide, com a configuração de cimalha de portico, acha-se recolhida na quinta de Aldão, do concelho de Guimarães, e tem a seguinte inscripção:

. . . .

DEDICAVIT T. FLAVIVS. ARCHELAVS CLAUDIANVS LEG. AVG.

«Outra lapide com inscripção foi encontrada no Mourisco em 1841, e conserva-se hoje no quintal da sr.ª D. Maria da Costa, junto da Ponte Velha do Vizella, na margem esquerda d'este rio.

Ha ainda na quinta do Paço, em S. João das Caldas, uma lapide votiva ao deus *Bormanico* como a que existe na propriedade da sr.ª D. Maria da Costa. A lapide que se acha na quinta do Cyrne, segundo diz o sr. Emilio Hübner, ou na quinta do Paço, segundo nos informa o digno professor sr. Pereira Caldas, tem a inscripção seguinte: *C. POMPEIVS GAL. CATVRO NIS F. (ib). (r) E (et) VGENVS. VX SAMENSIS DEO. BORMANICO. V. S. L. M QVISQVIS. HONOREM. AGITAS. ITA. TE. TVA GLORIA. SERVET PRAECIPIAS PVERO. NE LINAT. HVNC LAPIDEM.*

Se raros são os banhistas archeologos, poucos são tambem os excursionistas que passem além da Cascalheira ou de Guimarães, em caminho de ferro ou caleche. O leitor vae, porém, comigo até á egreja de S. Miguel e depois de ter admirado a veia poetica dos artistas que compozeram alguns epitaphios do adro, encorpora-se na procissão da Senhora das Candeias, que vae no primeiro domingo de julho visitar a freguezia de *TAGILDE*, ao lado nascente de Vizella. É uma visita de todos os annos, que os de Tagilde não dispensam, porque, segundo a tradição, a Senhora é propriedade sua, embora os das Caldas não lhes attendam a reclamação. Andores e musicas a acompanham e outros a vem esperar ao caminho, sobretudo na Lagôa, junto da capellinha de S. Crau, onde a procissão descança um pouco. Tagilde, segundo a tradição, é fundação de um rei godo, Atanagildo, nome d'onde naturalmente procedeu o actual. Uma

Ponte de Caneiros, segundo uma photographia do ex.mo sr. José de Varziella

das curiosidades de Tagilde é o seu logar da Arriconha, onde no casal do Paço se conserva a casa em que nasceu por 1200 S. Gonçalo d'Amarante; a outra é a sua interessantissima cruz de prata, em estylo gothico, de um alto valor artistico, pelos lavores e esculpturas de que é ornada.

Uma vez em Tagilde póde o leitor visitar *S. PAIO* e *S. FAUSTINO DE VIZELLA,* embora nada lhe offereçam de curioso, e passar em seguida a *GEMEOS,* honra que foi dos *CALVOS,* illustres fidalgos que deram o nome a est'ultima freguezia, como a abundancia dos partos duplos o deu naturalmente á primeira, e como a *PENTEEIROS,* que fica proximo, o deu a sua industria de pentes, materia cornea trabalhada primorosamente, por aquelles talvez, que arranjavam em Gemeos umas maternidades em dobrado. Mas, o leitor ainda não sabe porque veiu a Tagilde a Senhora das Candeias, e quasi me esquecia dizer-lh'o, se não voltassemos agora com ella para S. Miguel e na passagem não visse em muitos campos uns arcos ou ramos entrelaçados de buxo, que são um amuleto collocado durante as orvalhadas de S. João contra o bicho *que póde dar no milhão.*

Pois é para isto tambem, que a Senhora das Candeias sae no seu andor festivo e vae pelos campos fóra até á egreja de Tagilde.

—*É para que o bicho não dê no milhão.*

Em Vizella ainda umas outras curiosidades lhe desejava apresentar, e eram a belleza das suas trovoadas e a praga infernal das suas moscas. Mas, Deus infinito, ha trovoadas e moscas em toda a parte, e nem sempre ha comboyos a partir para Guimarães, onde eu tenho de fechar este volume, depois de ter encerrado o capitulo que diz respeito á cidade industrial do norte.

*

* *

O leitor viu, ainda que muito de corrida, que em dois grandes ramos economicos se póde dividir a actividade do concelho,— no ramo agricola e no ramo fabril. O segundo é sobretudo importante, e tanto mais quanto elle tem recebido ultimamente no sangue das suas tradições o influxo das idéas novas. Se a rotina prevalece ainda, mercê de muitas causas que mal podemos apontar, como a falta de escolas industriaes, de vulgarisação da instrucção, de protecção ao trabalho nacional, etc., ainda assim ella tende, incomparavelmente mais que a sua irmã, a rotina agricola, a emancipar-se dos velhos habitos e a remodelar-se nos processos modernos.

Escreve no relatorio publicado no n.º 243 do *Diario do Governo* o

professor Gustavo de Sousa, officialmente encarregado de visitar a Exposição de Guimarães:

«Todos lamentam a sua falta de conhecimentos, todos desejam produzir tão bem, como se produz lá fóra; mas essas aspirações, aliás justas, quebram-se de encontro á ignorancia.»

«—Se nós soubessemos—dizem a cada passo.»—E n'esta phrase está o mal não só de Guimarães, como de todo o paiz.

Restringindo a nossa analyse ao concelho, vejamos quaes os elementos da sua instrucção, os meios de publicidade de que se dispõe ahi, e o que póde e o que vale a iniciativa particular.

Conta Guimarães uns oito jornaes, de differentes parcialidades politicas, sendo anteriores ao conflicto com Braga o *Imparcial,* o *Commercio de Guimarães,* a *Religião e Patria,* o *Progresso Catholico* e o *Espectador,* e posteriores a esse movimento o *Enthusiasta,* o *Futuro* e o *17 de Julho.* Publica-se ainda a bem elaborada *Revista de Guimarães,* orgão da Sociedade Martins Sarmento.

As suas escolas primarias officiaes são em numero de doze, (!) sendo 2 em Guimarães, para os dois sexos, 2 em S. Torquato, idem, 2 na freguezia de S. Martinho de Sande, idem, 1 em S. Lourenço de Sande, 1 em S. João de Brito, 1 em S. Jorge de Celho, 1 em S. Miguel das Caldas e 2 para os dois sexos em S. João das Caldas de Vizella. Ha uma particular em S. Martinho do Conde (vide logar respectivo), e outra instituida em Briteiros pelo dr. João Antunes Guimarães.

É limitado o numero em relação á população do concelho e á boa vontade de se instruir que essa gente mostra. Felizmente que a iniciativa particular é rasgada e fomenta o desenvolvimento da instrucção. Existem muitas escolas particulares, outras da iniciativa das confrarias, algumas de sociedades civis ou religiosas, que vão arando com proveito geral o bravio terreno da ignorancia. Entre essas devem especialisar-se as do asylo de Santa Estephania (elementar e complementar) para os dois sexos, as da confraria do Coração de Jesus (elementar e complementar), as do collegio da Conceição (idem), as da Ordem Terceira de S. Francisco (elementar) para os dois sexos, a da irmandade dos Santos Passos para meninas (elementar), a aula nocturna para adultos de Mourão, subsidiada pela camara municipal, e finalmente, para fechar com chave de ouro, as da Sociedade Martins Sarmento, que ministra ensino gratuito e livros aos pobres e tem pela sua iniciativa aberto aulas de desenho e de ensino superior, e conseguido pelos seus esforços que o Estado cuidasse um pouco tambem da educação do concelho, abrindo em Guimarães a escola de desenho «Francisco de Hollanda», insufficiente todavia para servir de orien-

tação e norma ao progredir da população operaria, longe, muito longe ainda de attingir o *desideratum* de aperfeiçoamento artistico e social, que deve ser a sua condição de vida.

A estatistica do crime, referida ao anno de 1880, apresenta os seguintes algarismos: Foram 62 os crimes commettidos, sendo 1 contra a religião, 11 contra a ordem, 33 contra pessoas e 17 contra a propriedade. Eram 82 os réos, sendo 12 absolvidos, 2 condemnados a penas maiores e 68 a correccionaes. D'esse numero ha a distinguir 64 homens e 18 mulheres; sabiam lêr apenas 22. Eram 61 da comarca, 20 de fóra e 1 estrangeiro. Contam-se 46 industriaes.

Fallando da importancia agricola do concelho, devemos dizer que foram insufficientes os dados que podémos colher para a sua avaliação. Assim, pois, nos limitamos a transcrever dos Relatorios já citados em anteriores capitulos, o que a este diz respeito.

A sua riqueza pecuaria computa-se no mappa seguinte:

ESPECIES	NUMERO DE CABEÇAS	VALORES
Cavallar	464	9:240$000
Muar	146	2:882$000
Asinino	257	659$000
Bovino	8:156	310:785$000
Lanar	4:998	2:028$840
Caprino	468	278$500
Suino	9:759	68:320$000
		394:193$340

Algarismos evidentemente longe da verdade, pois o proprio intendente de pecuaria do districto, diz de Guimarães, «que se póde calcular o gado bovino em 15:000 cabeças approximadamente com um valor de mais de 700:000$000 reis, sendo insignificante a producção e creação proprias, mas importantissima a recreação das rezes vindas de Barroso, e de Cabeceiras de Basto, e das Braguezas, assim como a ceva dos bois d'estas procedencias e da Galliza.»

A producção vinhateira de Guimarães é consideravel tambem, não tendo todavia os seus vinhos o aroma e força alcoolica dos de Basto, Amarante ou Monsão. As freguezias que se reputam melhores productoras são as de Aldão, Athães, Brito, S. João e S. Miguel das Caldas, Fermentões, Gondar, Ponte, Ronfe, S. Torquato e Silvares. A vinha cultiva-se ordinariamente segundo o processo de embarrado ou enforcado, sendo

Vizella: a Cascalheira — Desenho de João de Almeida

as principaes castas o azal, a borraçal, o espadeiro, o mourisco, o vinhão tinto e o molle, o verdelho e o sinzal. Nas brancas o esganinho, o azal branco e o molle. As vindimas começam regularmente depois de 25 de setembro, sendo o vinho feito em lagaretas de cantaria ou dornas de madeira.

Os preços dos generos alimenticios regulam, nos seus grandes mercados semanaes e nas feiras de S. Gualter ou da Rosa, pela seguinte tabella:

Trigo	850 réis
Milho	500 »
» alvo	700 »
Painço	600 »
Centeio	480 »
Batata	480 »
Feijão amarello	600 »
» branco	700 »
Vinho (pipa)	18 a 22$500 »
» (quartilho)	30 ou 40 »
Ovos (duzia)	100 »
Gallinha (uma)	400 »

Ao fechar este capitulo, eu desejaria transcrever na integra, se não o *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães* realisada em 1884, ao me-

menos, aquelle a que já me referi do illustrado director do Instituto industrial do Porto, encarregado de visitar officialmente a Exposição. Impossivel me é realisar um ou outro desejo, por de todo m'o não permittir o espaço de que disponho, e a indole do trabalho que estou executando. Mas, porque é uma nota interessante, a mais interessante mesmo da vida fabril d'este concelho, não me posso furtar, sem quebra de dever, á transcripção dos artigos que a notavel folha do norte, *O Commercio do Porto*, por essa occasião publicou, devidos á penna do seu auctorisado collaborador Joaquim de Vasconcellos:

. . . .

O andar nobre do palacete está dividido, em toda a sua extensão, em duas linhas de salas, que correm parallelas, a partir do grande atrio; do lado do jardim, cinco; do lado opposto, na frontaria, apenas tres, mas muito maiores. Estas duas linhas estão ligadas, na extremidade da ala, por dois pequenos gabinetes transversaes com um vestibulo de entrada, que dá sahida para um dos lados do jardim. O andar superior, talhado *en mansarde*, segundo a moda franceza do seculo XVIII, é de menor altura, mas não tem divisão parallela.

São tres salas, uma das quaes ainda está vazia.

Quem subir a elegante escada encontrará na primeira sala o que ha de mais appetitoso no genero *dôces*, desde o pão de ló monumental de 0,60 centimetros de diametro, até á fructa confeitada de maior preço, occulta entre as flôres e rendas de uma boceta vistosissima. Os visitantes lançam por todas aquellas maravilhas um olhar melancholico: muito bonito, sim, mas inviolavel; só o jury é que gosará do privilegio de examinar, *a fundo*, todas aquellas seductoras gulodices. O unico remedio é pedir, supplicar aos srs. Serafim Barbosa, Mendes Guimarães, Sousa Junior, ás sr.as D. Maria dos Prazeres Varandas, D. Maria Mendes, etc., que favoreçam as visitas com um bom sortimento no proprio restaurante da exposição.

Foi uma excellente ideia estabelecer ali um elegante *chalet* com refrescos, mas pôr os bellos dôces tão longe, precisamente quando o viajante chega fatigado ao termo da sua jornada atravez do andar nobre, isso não foi bem calculado. Sollicita-se, pois, um fornecimento em duplicado. Não pediremos outro tanto ás sr.as D. Antonia Amalia Viegas, D. Anna Moreira, D. Isabel Freitas Costa, que apresentam as mais primorosas bocetas; é difficil esgotar qualquer d'esses exemplares n'uma tarde, mas não faltaria quem o levasse para casa como lembrança.

Ao lado das gulodices apparece, como salutar aviso, a therapeutica (sala segunda), os productos das Caldas de Vizella, as famosas aguas, o enxofre como residuo de canalisação e, principalmente, uma magnifica collecção dos principaes desenhos e estudos technicos que serviram (e servirão ainda) para as obras do grande estabelecimento thermal. São nada menos de quatorze quadros, alguns de grandes dimensões. Póde-se ali estudar todo o plano complexo dos nossos laboriosos engenheiros; oxalá não falte o capital necessario para concluir obra tão notavel, que ficará sendo (se já não o é) a primeira do paiz. Os banhos fornecidos durante o anno de 1883 ascendem á importante cifra de 44:639; sendo o activo da Companhia 135-36 contos. Junto da obra moderna estão restos muito respeitaveis da obra antiga, os formidaveis tijolos romanos, adobes collossaes, delicados mosaicos na idade de 1000-1500 annos, tubos de barro e de chumbo, telhas e telhões de todos os feitios e edades, ao lado de fina ceramica romana, de importação. N'esses banhos, cujos restos ahi vêmos, procuram cura e allivio celtas e romanos, godos e arabes, principes, patricios e proletarios. O culto, as superstições, e, por ultimo, a sciencia e a arte aproveitaram com essas reliquias. Veiu agora o caminho de ferro, o vapor, revolver todo o immenso jazigo e trazer á luz os restos de cinco civilisações, um capitulo de historia duas vezes millenario. Saudemos, respeitosamente, as quarenta gerações, que por ahi passaram, e desçamos a escada ao andar nobre, onde nos espera a industria moderna.

Logo no grande atrio da entrada encontramos a industria mais poderosa de Guimarães, a dos cortumes. Em 1811, e apezar das tres invasões francezas, havia na villa 18 fabricas; em S. Thomé de Travassos 62; no couto de S. Torquato 3; em Lanhoso 1 e em Fonte Arcada 2; to-

tal 86. A informação do corregedor da camara dava todas estas fabricas como vivendo em estado progressivo, gastando os seus productos no reino.

O ultimo grande inquerito industrial de 1881 é muito laconico em tudo o que diz respeito ao concelho de Guimarães. Em certas industrias ha grande differença de cifras entre as indicações officiaes e as do catalogo da exposição; este ultimo calcula só o valor da producção no fabrico de cortumes em muito mais de 1:000 contos por anno; o catalogo especifica claramente as verbas:

Valor das materias primas	458:000$000
Dito da producção (120:000 pelles)............	513:700$000
Capital fixo e circulante......................	600:000$000

O numero de operarios concorda: são 300. É impossivel tratar em uma revista, muito breve, por miudo, um assumpto tão especial e que exige conhecimentos que não temos. Traduzindo sómente as nossas impressões, devemos confessar que a collecção de exemplares é variadissima, e se impõe como o resultado de uma grande riqueza tradicional. Ha mesmo opulencia; lembremo nos de que na sala immediata (segunda) ha a continuação do espectaculo que presenciámos no atrio e no primeiro salão, o couro applicado á industria, o calçado mais popular e o mais fino; as sellas e selins de variadas fórmas; os arreios para cavallos de trem, os aprestos de caça, etc. D'esta industria applicada, d'estes variadissimos productos, não nos diz o inquerito de 1881 uma unica palavra.

Julgar-se hia que a industria de cortumes se limita simplesmente ao preparo mais ou menos perfeito das pelles naturaes, sendo o destino ulterior d'ellas desconhecido na localidade. E, comtudo, o calçado fino dos srs. Silva & Filho e Antonio José de Macedo póde apparecer sem receio, no Porto ou em Lisboa. Digamos, emfim, que a exportação de calçado ordinario para o Brazil, principalmente chinelos e tamancos, é consideravel, calculando-se a producção em 80 contos! Não era isto digno de uma menção official?

Hoje, principalmente, que o ordinarissimo sapato de ourêlo, pouco aceiado, pouco economico e anti-hygienico, ameaça a existencia do popularissimo tamanco e da pittoresca chinela, é preciso sustentar e auxiliar a tradição popular. O povo sabe muito bem que não ha vantagem na troca, principalmente para a vida da aldeia; e a nossa lavradeira ficará sabendo que perde uma parte do seu donaire, um elemento essencial do seu trajo, abandonando o tamanquinho ou a chinela recortada, pespontada, cheia de recamos, bordados, prégas e frócos, que condizem admiravelmente com o bello avental, com a formosa saia e o lenço de estado. Os srs. Gonçalves, Jeronymo Felix, Simão Ribeiro e Ribeiro Pitta devem continuar, sustentando os bons creditos de uma industria popular muito sympathica, e que honra o concelho.

Os entendedores, que consultámos, acham as sellas e selins, arreios, etc., ainda susceptiveis de bastante aperfeiçoamento; nota-se, porém, que os exemplares expostos não têem pretensões a obra de primeira classe: dão prova de applicação e merecem de certo a attenção do jury.

Juntando todos os artefactos que derivam da applicação do couro mais ou menos fino, achamos falta de muitos productos, de innumeras peças que dão no estrangeiro milhares de contos, annualmente. Lembraremos só o genero carteiras e *porte-monnaies*, estojos, tinteiros, etc., a industria de Klein em Vienna!

Uma cidade que apresenta um material tão notavel, uns couros preparados com tanto esmero, não devia deixar fugir o lucro que póde e deve tirar da applicação do material a todos os innumeros artefactos da quinquilheria de mais ou menos luxo.

Uma escola industrial faria maravilhas n'este capitulo.

Os srs. Mattos Chaves e João Antonio de Almeida & Irmão, tomaram conta do atrio, e apresentam-se brilhantemente. Na primeira sala ha mais 16 expositores que apresentam todas as variedades possiveis e imaginaveis — atanados séccos, bezerros verdes, pelles de toura e vitella, com apparelho branco e preto; pelles verdes e séccas para selleiro, correeiro e tamanqueiro, com apparelhos branco, preto e roxo; até lá encontrámos bellas carneiras bronzeadas, côr de aço e côr de pinhão, imitando as francezas, que o inquerito de 1881 não menciona. Os fabricantes trabalham para o aperfeiçoamento em todos os preparos, segundo nos affiançam.

A Sociedade Martins Sarmento contribuirá decerto com as suas luzes, com a sua legitima

influencia, e graças a um trabalho assiduo e á sua provada imparcialidade, para afastar uma mal entendida rivalidade; a reducção de preço forçada, a concorrencia desleal, que o inquerito de 1881 deplora.

Os principaes expositores são, além dos citados, os srs. Bento José Leite, José Maria Leite, Manuel José Martins, Meira de Abreu Guimarães, Araujo Nobre, João José Gomes, Leite de Mattos, M. J. Teixeira, A. J. Ribeiro, Mendes Guimarães, Ferreira Pimenta, J. C. da Silva Basto, Ribeiro Peanha, A. J. Lage, A. Joaquim Gomes, M. de Sousa Leite, etc.

Deixaremos por ora a terceira e quarta sala, que abrangem variadissimos productos, e entremos na quinta e sexta, que contéem os tecidos de linho — outra gloria de Guimarães, que não se contenta com duas corôas e ainda pede a palma do triumpho para a sua cutelaria! Feliz terra, pensamos nós, e abençoado paiz, diriamos tambem, se houvesse um governo capaz de estender generosamente a mão a essas tres nettas da nossa antiga industria nacional! Imagine o leitor 28 expositores de cortumes, 39 expositores de obra de linho, 8 de cutelaria, mas 8 que valem 40; emfim 8 ourives, apesar da lucta perigosissima por que esta ultima industria tem passado, especialmente em Guimarães! Tudo isto em um pequeno concelho; é verdade que o grande inquerito não sabe que ha ali ourives!

A sala em que estão accumulados os tecidos de linho e algodão communica com a sala da cutelaria; aqui o brilho vivissimo do metal, tudo brilhante com um ar historico e um cunho artistico superior, incontestavel. Tiremos o chapéo, e diga o leitor commigo que esta terra de Portugal ainda está fadada a melhor sorte, se lhe accudirem a tempo, isto é, quanto antes.

Sabemos perfeitamente que prestariamos um máu serviço á benemerita cidade e ás suas valiosas industrias exaggerando, ainda que pouco, o merito do seu trabalho; mas, dando todo o logar á verdade, e fallando com toda a franqueza: ninguem imaginará o que vale essa antiga industria da cutelaria, senão vendo; devemos admirar e — confessar mais uma vez que não sabiamos de tal cousa.

Na sala do linho está a gloriosa recordação da familia portugueza, das virtudes das nossas mães, do nosso lar.

Tudo alvo, puro, respirando o perfume da modesta flôr azul, espalhando a frescura dos ribeiros e dos lameiros. Será talvez sentimentalismo, mas um minhoto não olhará para aquelle quadro encantador, para as maravilhas da roca e do fuso, sem alguma commoção.

*
* *

Na secção do linho esmeraram-se principalmente quatro firmas, as dos srs. Joaquim Martins de Oliveira Costa, A. C. da Silva Basto, Antonio da Costa Guimarães, filho & C.ª e a sr.ª viuva Nogueira e Sousa.

Os tecidos lisos distinguem-se, em geral, pela igualdade da trama, pela solidez e finura do afamadissimo fio e pela notavel brancura da teia. N'este ultimo ponto póde-se ir, e deve-se ir mais longe, para tirar ao negociante do producto estrangeiro o ultimo pretexto de preferencia. Dizemos pretexto, porque em tudo o mais, nas qualidades intrinsecas, o nosso tecido de linho desafia a comparação com o de fóra.

A fama do fio de linho portuguez era tão grande já no seculo XVI, que até figurou em proverbios na poesia popular e nas novellas da litteratura hespanhola:

De Francia vengo, señora,
De por hilo portuguès.

(*Jogo Infantil*).

F. Lopez de Ubeda, o famoso auctor da *Picara Justina*, faz dizer a um dos seus personagens, a proposito de uma questão difficultosa, de uma meada tenuissima:

«en enredos, hilo portuguès.» (1605)

O visitante encontrará no genero de tecidos lisos, chamados *pannos de linho*, variadissimas amostras desde 230 o metro até 1$400 réis e mais; regula, em geral, não só a qualidade mas a largura do panno, que vae até 2m,80 centimetros. O adamascado tem pouca variedade de padrões, tanto no linho como no algodão; ha muito que aprender n'esta parte com bom ensino de desenho. Os tecidos de algodão têem bastante procura, mas preferiremos sempre o linho, apesar da differença do preço, e da opinião de certos hygienistas.

Recommendaremos ao visitante muito especialmente as especialidades: toalhas de linho, sarjadas e adamascadas, tanto de mão como de meza, as cobertas e as piugas. As meias lavradas para creanças, e mesmo senhoras, são de um lavor precioso.

A sr.ª viuva Nogueira tem, n'este genero, verdadeiras maravilhas de 1$200 réis; ouvi citar o preço de 500 réis como feitio muito subido! Mas como é possivel fazer-se por similhante preço, perguntaria eu, duas vezes?

Os tecidos de bretanha de linho são em pequeno numero, mas causam admiração. Em certos casos, nos objectos menores, nos lenços, por exemplo, acrescem os bordados mais subtis e de uma execução prodigiosa, ás vezes. O gosto, porém, só raras vezes dirige a agulha.

Os desenhos são, com variadissimas excepções, monotonos, do mesmo gosto, *baroque* e *rocóco*, que ainda impera no nosso mobiliario, nas nossas casas e até — na architectura dos nossos confeiteiros.

Ha falta de variedade, porque não ha invenção; e não ha faculdades inventivas porque não ha o conhecimento elementar do alphabeto das fórmas e da combinação dos elementos caracteristicos de cada estylo. Copiam-se uns aos outros. Suppõe-se, em geral, que a obra que ostenta mais lavor, *maior numero de pontos*, é tambem a mais digna de ser admirada. Não se entende o que seja economia no movimento da agulha, a economia do effeito.

A obra mais simples d'este mundo, feita com bom gosto e apurada technica, é e será sempre preferivel ao lavor mais complicado; vencerá em toda a parte onde houver criterio. Temos, pois, a declarar que não concordamos, em geral, com os bordados em branco da exposição (incluindo os de fio azul, côr perdida na primeira lavagem), muito embora sejam ás vezes perfeitissimos na mão de obra; não concordamos sob o ponto de vista do estylo e da economia do trabalho.

Com os trabalhos de côr concordamos ainda muito menos. Ha aqui aberrações como as que vimos na exposição districtal de Coimbra e na exposição de industrias caseiras do Porto, havendo, porém, n'esta ultima, em compensação, trabalhos feitos com grande arte e apurado gosto. Segue-se que temos de reformar radicalmente o ensino da sala de lavôr; que temos perdidas umas certas qualidades e conhecimentos que tinham nossas avós, nas casas, nos paços e nos conventos, a sciencia da combinação das côres, a arte de graduar o relevo e, principalmente, a conducção, a eurhytmia das linhas em qualquer fórma de desenho.

Sentimos ter de fazer estas reservas, que não serão do agrado de muita gente, mas ás gentis obreiras podemos assegurar que temos o maior respeito pela sua applicação, pela solidez e firmeza do trabalho, e que as julgamos capazes de competir com os modelos estrangeiros mais perfeitos, no dia em que as classes dirigentes lhes déem o ensino e a instrucção abundante que têm as suas rivaes. Isto refere-se á grande maioria dos bordados em branco, que são muito numerosos; nos de côr, n'esses ha a reformar completamente os processos. Ha na sala dos tecidos uma vidraça com bordados a ouro sobre sêda e velludo, de modesto effeito. É na sala anterior (4.ª) que estão quasi todos os bordados a que alludimos; não citaremos, depois do que fica dito, os nomes dos expositores (20 e tantos), na maior parte senhoras. Parece-nos que seria indiscrição.

Ainda um pequeno aviso; é: abandonar o chamado *ponto de velludo*, que não vale mais do que as flôres e fructos de lã, as aves e os mammiferos em alto relevo, e o sempiterno e barbaro ponto de escumilha, condemnado por todos os physiologos.

O fio de linho, exposto em variadas graduações, é admiravel; na *vitrine* da sr.ª Viuva Nogueira ha um grosso masso de 3$000 réis, que não pesará mais de 200 grammas; é fio de renda de bilro; póde vêr-se, em *crú*, enrolado n'uma singela maçaroca, que está na sala anterior á sahida, lado direito. Essa maçaroca é um pequeno prodigio de uma arte admiravel, que se vae perdendo. Já vimos um exemplar d'esses em outra occasião, fiado por uma senhora da cidade, que tinha aprendido a arte de uma mãe portugueza, á antiga. Fóra do Minho, onde se encontrará uma maçaroca d'essas, em Portugal?

Não ha rendas na exposição, excepto uma amostra na sala 4.ª, o que admira n'uma terra

que produz o fio mais admiravel de Portugal. Talvez se lembrem de me dizer que o labor da renda pertence ao littoral, onde nasceu, naturalmente, na cabana do pescador. Isso poderá ser verdade, em Portugal, desde Vianna do Castello até Peniche e Setubal, desde Villa Real de Santo Antonio até Lagos. Mas não existe a industria das rendas como arte antiquissima em varias regiões montanhosas da Europa central? Não podia existir em Guimarães?

Não devemos concluir com os tecidos sem sublinhar muito energicamente o merito excepcional dos cotins de linho crú e tingido da Real Fabrica de Caneiros, em Fermentões, que pertence aos srs. Guimarães & Filho. Temos a convicção que estes productos sustentariam o primeiro lugar mesmo n'uma exposição geral portugueza. Os entendedores affirmam que elles não se distinguem dos exemplares inglezes e allemães mais perfeitos. Preços de 300 a 500 réis, baratissimos! Os mesmos fabricantes apresentam bons cotins de algodão, e fio de algodão com bellas e variadas côres.

O sr. Luciano Guimarães tambem concorre com bons exemplares de cotins de algodão, entre os quaes ha bellissimos padrões no gosto popular, com desenhos extremamente caracteristicos. É justo não esquecer a tinturaria especial de algodão do sr. Alexandre José Rodrigues, no Pividem, com typos muito variados, extensa escala de côres e de bom effeito.

Os tecidos de lã não compareceram, e é pena.

Devemos ligar a este capitulo a obra de colchoaria; ha um expositor, o sr. Placido Pereira, com colchões, almofadas, etc., que se apresentam com certa solidez e apuro.

Algumas cifras eloquentes com relação á industria dos tecidos:

O fio, como industria caseira da população feminina nas freguezias ruraes, occupa umas 1:600 pessoas e rende 22 contos.

Os bordados em branco e em côr (incluindo as flôres artificiaes, aliás muito modestas) occupam 700 a 800 pessoas desde os 16 até aos 60 annos (!) e rendem a respeitavel somma de 45 contos.

Os tecidos brancos de linho e algodão representam os seguintes valores:

Materias primas (sommas redondas): 160 contos; producção 257 contos; capital 63 contos. Pessoas empregadas 912.

Cotins e riscado de algodão: mais os seguintes valores nas tres verbas: 150 contos — 210 — e 45 contos. Pessoal 710.

São sommas muito respeitaveis para um pequeno concelho, como o leitor vê. Tudo trabalha, a valer.

Na mesma sala n.º 4, onde estão os bordados, encontra o leitor a ourivesaria, industria tão celebre na antiga Guimarães! Ha ali obras muito dignas de exame, além das do sr. Rocha Guimarães, que obteve um diploma de progresso na ultima exposição do Porto. Bem dizia eu então a este corajoso operario que os seus collegas me pareciam demasiado timidos; e vejo, felizmente, que não me enganei. Não se deviam ter retrahido. São oito expositores, srs. J. José Fernandes, João José Pinheiro, A. A. da Rocha Guimarães, Dias de Sousa, A. José Fernandes, Eduardo de Sousa Pereira, Ferreira da Silva e Mattos da Silva.

A obra segue os bons modelos do Porto e iguala, ás vezes, em peças pequenas e simples, os trabalhos mais apurados das officinas portuenses.

Não ha obra de prata.

Valor da materia prima, 24 contos; producção, 29 contos; capital, apenas 8:500$000 réis.

Ha na cidade um relojoeiro muito habil, o sr. José Clemente Jacome Guimarães, que faz, caso unico em Portugal, relogios de bolso muito bons, segundo reza a fama.

Os seus relogios (menos o de sala, que é muito notavel) estiveram na exposição de ourivesaria do Porto; e causaram grande surpreza. Não valia a pena aproveitar este artista tão habil?

Concluimos com esta mesma sala, citando a obra de vestuario para senhora e homem. Expositores, os alfaiates srs. Pimenta, Pereira Mendes e Ribeiro Anta; a obra de sirgueiro, com a qual figura muito razoavelmente a sr.ª D. Anna de Oliveira. Os alfaiates occupam 150 pessoas e produzem 13 a 14 contos. A chapellaria (ainda na mesma sala) é industria popular da freguezia de Balazar; emprega 16 pessoas durante seis mezes; as cifras são: materias, 3 a 4 contos; producção, 4 a 5 contos; capital, 800$000 a 900$000 réis.

Das flôres artificiaes já fallamos.

A typographia apresenta-se com dois expositores, srs. Silva Caldas e Carvalho Guise; o primeiro trabalha com gosto e apuro, seguindo bons modelos; a photographia tem como repre-

sentantes os srs. Silva Cardoso e dr. F. M. Sarmento, nem mais nem menos, ambos com bellos exemplares.

Ha, finalmente, o papel almasso de escrever, branco, anilado e o pardo para embrulho. A fabrica é a de Moreira de Conegos, no logar de Antevillar. O trabalho é razoavel. Materia prima, 1 a 2 contos; producção, 5 a 6 contos; capital, 8 contos; pessoal, 28.

Resta-nos fallar do *Annexo*, e prestar as honras á afamada cutelaria, que saudámos só de passagem.

*

* *

Ha muito que vêr no *Annexo*, mas tenho de ser breve. São tres repartimentos; no centro: obra de serralheria, fundição, funilaria e carpinteria; á direita o mobiliario e amostras de madeiras de construcção e de marcenaria; á esquerda o trabalho tradicional do oleiro, o fabrico de sabão, sêbo, cêra e cólla.

Outra surpreza n'este annexo: a obra de marceneiro.

O sr. Francisco Candido Pinto podia mandar os seus moveis de nogueira preta ao Porto, fazendo lhe algumas ligeiras emendas em certas proporções da obra de torno; em tudo o mais merece louvor incondicional. O seu collega Sousa Neves vendeu logo um bom guarda vestidos com espelho central por 100$000 réis; é de mogno e está bem trabalhado; a obra de talha (remate superior) *rocóco*, dispensava-se; são muito bons e de bom lavor de talha os aparadores que estão proximos, e pertencem a uma guarnição de sala de jantar, com meza elastica e cadeiras de nogueira, de trabalho verdadeiramente apurado. Ha ainda um berço do sr. Antonio José de Faria, digno de menção.

Os outros expositores d'este grupo são os srs. Candido Pinto, Costa Ribeiro. padre Abilio Augusto de Passos e José Barroso Pereira. Falta no catalogo o nome do sr. Francisco Ribeiro, que apresenta um armario com obra de talha, sem verniz ainda, nem preparo algum; é muito curioso por encontrarmos ali os motivos ornamentaes e até o processo de entalho dos feitores das bellissimas cangas de bois do Minho; primitivo, de uma rusticidade ingenua, mas precioso como specimen ethnographico para um museu. O sr. Francisco Candido Pinto, já mencionado, offerece-nos uma riquissima collecção de madeiras nacionaes e algumas de arvores exoticas, mas nascidas no concelho. Contamos umas quarenta variedades, amostras grandes, troncos inteiros, talhados ao meio. Eis algumas: oliveira amarella, salgueiro vermelho, nogueira preta e branca, platano, hera, mimosa, sabugueiro, buxo, japoneira, amieiro, choupo, freixo, acacia, teixo, cedro, cypreste, carvalho, etc.; depois, toda a qualidade de madeira de arvore de fructo; emfim: a oliveira da Australia, a nogueira da America (chamada vulgarmente *tulipão*), a grevilea, a wellingtonia, não esquecendo o nosso afamado pinheiro bravo.

É pena que o catalogo não separe as especialidades de cada expositor, envolvendo-as todas n'uma só rubrica collectiva de classe ou especie. O catalogo dá como expositores de productos da exploração florestal os srs. dr. Antonio Coelho da Motta Prego, digno presidente da camara municipal, e Carlos de Castro de Araujo Abreu; a maior parte das madeiras estão, porém, marcadas com as iniciaes do sr Francisco Candido Pinto, talvez só industrial e não productor.

A serralheria e carpinteria de construcção têem futuro, a julgar por um carro, systema Rippert, da «Fundição Vimaranense» dos srs. Almeida & Freitas; o aspecto é optimo; a obra menor de fundição, avulsa, é susceptivel de melhoria.

Os funileiros são dois, os srs. Figueiredo e Antonio Fernandes, que fizeram obra muito razoavel.

É occasião de intercalar aqui a obra de latoeiro e caldeireiro, que figura depois da cutelaria, no pequeno atrio da escada que conduz ao andar superior do palacete.

O sr. Francisco Lobo, caldeireiro, sabe muito bem do seu officio; uma alquitara formidavel emparelha com um possante alambique; pelo meio, obra miuda, grandes caldeiras, etc. Representam a latoaria miuda: fivelas, passadores, esporas, trellas, taxas, etc., os srs. Francisco Lopes, Baptista Lemos, e J. Antonio da Rocha. Esta obra miuda de latoeiro ainda depende, até certo ponto, da industria maior da cutelaria, que lhe pede bastantes peças menores; por isso está vizinha e ficou ali muito bem.

A fama da cutelaria da cidade deve augmentar muitissimo com a exposição. Nunca se viu um fornecimento tão selecto e tão abundante. Imagine o leitor toda a variedade de tesouras, desde o *bijou* cinzelado, prateado e dourado, até ao instrumento mais formidavel da alfaiateria moderna; todos os instrumentos de jardinagem; todo o serviço de cutelaria de mesa; todo o material horrifero de carniceiro e cozinheiro.

O hortelão e o caçador tambem lá têem muito que vêr, não esquecendo o barbeiro da aldêa e da cidade. Toda esta gente, nobreza e povo, damas e costureiras, artifices e jornaleiros devem um cordial agradecimento a esses homens bons do honrado officio de cuteleiro. A surpreza foi tão grande para nós, que não temos coragem (nem espaço, infelizmente), para analysar em detalhe, milhares de objectos de tanto merito.

Saiba-se que a industria occupa 433 pessoas, que representa o valor de 16-17 contos de materias primas; mais de 56 de producção e 23 de capital; emfim, que tem um capital inexgotavel, a maravilhosa agua de Guimarães, para a tempera do aço (um segredo da natureza), que o artifice mais celebre de Lisboa manda buscar, de proposito, para concertar os instrumentos mais apurados da cirurgia lisbonense.

Na primeira sala da cutelaria defrontamos com a elegantissima vitrine dos srs. Cunha & C.ª, grande, repleta, a ponto de não caber lá um alfinete, e disposta com gosto singular; defronte está a sua rival, com as obras da casa do sr. Manoel de Mello; no centro o sr. Domingos José Ferreira da Silva Guimarães, os productos do sr. Cerqueira, laureados em Londres em 1851 e em varias exposições nacionaes, um especialista primoroso no genero tesouras finas.

Depois olha o visitante para as peças do sr. Antonio Francisco de Oliveira Guimarães e fica em duvida, indeciso, pensando na difficultosa tarefa do jury! Note-se que ha ainda os srs. Augusto Mendes da Cunha, José Francisco da Silva e Manoel da Silva, que reclamam os seus fóros, e que ha outros muitos, por exemplo, os operarios d'estes senhores, que devem merecer, sem duvida, alguma menção como *collaboradòres*. Este principio, de premiar o operario, e não unicamente o expositor, ás vezes simples agente de venda, vingou em Vienna de Austria, em 1873, com applauso de todo o mundo. Em Guimarães não se deve fazer excepção; por isso mesmo teriamos estimado muito que os senhores negociantes tivessem indicado os nomes dos operarios mais distinctos, que occupam. Lembro-me de umas tesouras de alfaiate, magnificas, com a marca Sousa, sobre um leão; este nome falta no catalogo, e assim muitos outros collaboradores; lembro ainda o habilissimo fabricante Cerqueira, já referido, e que tambem não figura na relação official. Lá estão as marcas, mas quem as lê?

Os mesmos expositores de cutelaria, representam ainda outra industria, a dos pentes de massa, imitando tartaruga, e de outros artigos de chifre, que não é pequena. Por anno, 12:000 duzias. Materias primas, 5 a 6 contos; producção, 10 a 11 contos; capital apenas 1:770$000 réis. Não esqueçamos as bellas esporas e freios, dos srs. Carvalho Guimarães e Manuel de Mello — e depois dando um pequeno salto, encontramo-nos de novo no *Annexo*, no ultimo aposento que nos resta percorrer. No centro está a olaria, á esquerda os productos agricolas que não entram na alimentação, outras varias substancias e productos animaes.

A fabrica de sabão dos srs. Abreu & Irmão, trabalha bem, dentro dos seguintes preços: 500 a 2$100 réis por cada 15 kilos, sabão amarello e marmoreado. Os srs. Ribeiro Guimarães e Cunha Guimarães fabricam muito boa obra de cera, vélas e tóchas de todos os tamanhos, ex-votos de todas as fórmas, etc.; o segundo mostra-nos a cêra, desde o seu primeiro estado até á flôr de imitação; ao pé está o sr. Ribeiro Peanha com uma abundante collecção de cóllas, extrahidas dos couros; nada se perde na industria da cidade.

A olaria trabalha nas suas fórmas tradicionaes, ás vezes muito formosas; entre os expositores ha um, o sr. Alves da C. Guimarães, que foi premiado na exposição de ceramica do Porto. Todos os quatro: o citado e os srs. Costa Rainha, Bernardo de Oliveira e J. José Antunes, conhecem bem as fórmas populares, e polvilham os cantaros de mica brilhante, que assenta bem sobre uns relevos caprichosos, moldados á parte.

Não podemos concluir sem dar á commissão executiva os nossos sinceros parabens pela disposição geral, que revela bom gosto; em tudo uma simplicidade elegante. Repare o visitante nos quatro trophéus do grande atrio, compostos com ferramenta dos quatro officios principaes: carpinteiro, ferreiro, serrador e linheiro; n'este ultimo escudo figura a róca, em logar de honra! O linho, cortado e secco, está na escada do segundo andar, defronte de uma grande cabelleira de estôpa eriçada de fuzos.

Acaba aqui a minha narrativa, mas não acaba a lição que se colhe dos factos. O grande inquerito industrial de 1881 disse umas certas cousas de Guimarães; a exposição diz outras muito differentes:

1. Temos a *ourivesaria*, que foi esquecida. Capital, movimento de producção, incluindo materias primas: 61:500$000 réis por anno.

2. Temos a *obra de calçado*, que foi tambem esquecida. Capital, movimento, etc., (*ut supra*): 192:406$000 réis.

3. Temos a *obra de bordados*, que foi ainda esquecida. Capital, etc., 45:000$0000 réis.

4. Temos o *mobiliario*, mais de 17 contos; a *olaria* com outro tanto: a typographia, o fabrico de papel, etc., etc. — tudo esquecido. Somma geral: 350 a 400 contos por anno.

N'estas industrias figuram milhares de pessoas, principalmente do sexo feminino, o qual não tem ainda, entre nós, senão o ensino caseiro, que se transmitte na familia, ou se dá em casa de uma mestra, que repete hoje, sem criterio, o que se fazia ha cem annos. Ha, pois, a reparar uma grave injustiça, a pagar uma grande divida ao sexo desprotegido; dar-lhe escolas, dar-lhe boas mestras, bons modelos e abrir-lhe um vasto mercado — todo o paiz.

Que fiquem lá fóra com essa obra de refugo, com essas custosas bugigangas, perfeitamente inuteis e sobre inuteis ridiculas, apanhadas no *boulevard*, quando já ninguem as quer lá. A força de modas novas, acabamos por tirar á mulher portugueza o ultimo bocado de pão da bocca. E é, geralmente, a senhora mais rica, mais remediada que faz isto á mais pobre, sem o saber, sem o querer, de accordo, mas o facto subsiste. A *estrangeirice* ainda triumpha.

Ao governo ha a pedir um novo inquerito ás pequenas industrias qua se podem ver mesmo sem oculos. E façam o favor de mandar alguem a Guimarães, vêr, ouvir e estudar.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

É um pouco extensa a nota para este livro, mas indispensavel, como o leitor comprehende, para se poder justificar o titulo, que por excellencia póde accrescentar-se ao berço tradicional da monarchia, de cidade industrial do norte.

CONCELHO DE GUIMARÃES

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
Abbação, *S. Christovão*	64	105	169	44 (*a*
Abbação, *S. Thomé*	150	171	321	72 (*b*
Airão, *Santa Maria*	193	188	381	88
Airão, *S. João Baptista*	142	168	310	80
Aldão, *S. Mamede*	100	120	220	51 (*c*
Aroza, *Santa Marinha*	135	180	315	87 (*d*
Athães, *Santa Maria*	259	268	527	130 (*e*
Azurem, *S. Pedro*	497	584	1:081	255 (*f*
Balazar, *O Salvador*	202	212	414	111 (*g*
Barco, *S. Claudio*	121	156	277	84 (*h*
Briteiros, *Santa Leocadia*	246	318	564	135 (*i*
Briteiros, *Santo Estevão*	130	150	280	74 (*j*
Briteiros, *S. Salvador*	204	295	499	118 (*k*
Brito, *S. João Baptista*	317	368	685	173 *l*
Caldas de Vizella, *S. João Baptista*	397	475	872	210 (*m*
Caldas de Vizella, *S. Miguel*	600	741	1:341	369 *n*
Caldellas, *S. Thomé*	459	537	996	253 (*o*
Calvos, *S. Lourenço*	116	148	264	69 (*p*
Candoso, *S. Martinho*	237	270	507	116 (*q*
Candoso, *S. Thiago*	124	129	253	56 (*r*
Castellões, *S. João Baptista*	133	212	345	91 (*s*
Conde, *S. Martinho*	100	98	198	43 (*t*
Corvite, *Santa Maria*	106	133	239	63 (*u*
Costa, *Santa Marinha*	218	246	464	113 (*v*
Creixomil, *S. Miguel*	864	975	1:839	516 (*x*
Donim, *O Salvador*	130	172	302	74 *y*
Fermentões, *Santa Eulalia*	448	513	961	245 (*z*
Figueiredo, *S. Paio*	110	136	246	70
Gandarella, *O Salvador*	117	158	275	79 *aa*
Gemeos, *Santa Maria*	92	134	226	56 *bb*
Gominhães, *S. Pedro Fins*	131	162	293	73 *cc*
Gonça, *S. Miguel*	185	226	411	120 *dd*
Gondar, *S. João Baptista*	190	240	430	123 *ee*
Gondomar, *S. Martinho*	208	263	471	114 *ff*
Guardizella, *Santa Maria*	241	299	540	155 *gg*
Guimarães — Castello, *S. Miguel* [1]	183	84	267	68
Guimarães — Oliveira, *Santa Maria da Oliveira* [2]	1:411	1:958	3:369	861 (*hh*
Guimarães, *S. Paio*	889	1:100	1:989	428 (*ii*
Guimarães, *S. Sebastião*	1:116	1:464	2:580	629 *jj*
Infantas, *Santa Maria*	171	232	403	102 *kk*
Infias, *Santa Maria*	194	233	427	110 *ll*
Leitões, *S. Martinho*	180	210	390	108
Lobeira, *Santos Cosme e Damião*	96	120	216	61 *mm*
Longos, *Santa Christina*	385	441	826	218 (*nn*
Lordello, *S. Thiago*	449	560	1:009	269 *oo*
Mascotellos, *S. Vicente*	68	90	158	39 (*pp*
Matamá, *Santa Maria*	101	110	211	43
Mesão Frio, *S. Romão*	222	267	489	106 *qq*
Moreira de Conegos, *S. Paio*	354	444	798	225 *rr*
Nespereira, *Santa Eulalia*	222	284	506	123 *ss*
Oleiros, *S. Vicente*	151	196	347	98
Paraizo, *S. Miguel*	84	87	171	46 *tt*
Pencelo, *S. João Baptista*	127	152	279	69 *uu*

(Continúa)

[1] Annexada civilmente á de *Oliveira*.

[2] Subdivide-se em duas freguezias para os effeitos ecclesiasticos com dois parochos que são de direito conegos.

FREGUEZIAS E ORAGOS	VARÕES	FEMEAS	TOTAL	FOGOS
(Continuação)				
Pentieiros, *Santa Eulalia*	74	70	144	32
Pinheiro, *O Salvador*	118	149	267	67 (*vv*
Polvoreira, *S. Pedro*	257	307	564	133 (*xx*
Ponte, *S. João*	373	448	821	229 (*yy*
Prazins, *Santa Eufemia*	137	158	295	71 (*zz*
Prazins, *Santo Thyrso*	146	153	299	70 (*aaa*
Rendufe, *S. Romão*	196	203	399	93 (*bbb*
Ronfe, *S. Thiago*	439	540	979	239 (*ccc*
Sande, *S. Clemente*	319	359	678	173 (*ddd*
Sande, *S. Lourenço*	252	286	538	148 (*eee*
Sande, *S. Martinho*	406	504	910	214 (*fff*
Sande—Villa Nova, *Santa Maria*	103	121	224	52 (*ggg*
S. Torquato, *S. Torquato*	844	932	1:776	429 (*hhh*
Selho, *S. Christovão*	153	152	305	76 (*iii*
Selho, *S. Jorge*	401	483	884	254 (*jjj*
Selho, *S. Lourenço*	155	163	318	79 (*kkk*
Serzedello, *Santa Christina*	289	350	639	192 (*lll*
Serzedo, *S. Miguel*	189	219	408	129 (*mmm*
Silvares, *Santa Maria*	297	311	608	158 (*nnn*
. , *Santa Maria*	202	199	401	114 (*ooo*
Souto, *S. Salvador*	236	297	533	151 (*ppp*
Taboadello, *S. Cypriano*	88	92	180	43 (*qqq*
Tagilde, *O Salvador*	195	297	492	135 (*rrr*
Urgezes, *Santo Estevão*	360	392	752	191 (*sss*
Vermil, *S. Mamede*	125	162	287	72 (*ttt*
Vizella, *S. Faustino*	121	159	280	73 (*uuu*
Vizella, *S. Paio*	186	267	453	130 (*vvv*
	21:030	25:355	46:385	11:860

a Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Casa Nova, Farrio, Venda Nova, Monte, Portella, Bouça, Cimo de Villa, Bacello, Surribas, Casal, Celorios, Outeiro, Ribadeira, Curraes, Bouça do Outeiro, Carvalhal, Barroca, Bemviver, Paraizo, Vinha Velha, Fornalha.

b Comprehende esta freguezia 40 logares ou habitações isoladas, que não são porém povos reunidos, segundo informa o parocho.

c Comprehende esta freguezia os logares de Eidos, Assento, Pulo, Cima de Celho, e diversos casaes e habitações isoladas.

d Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Barral, Ribeira, Fun'devilla, Espinhoso, Monte, Fonte, Pontinha, Boucinha, Fradellos.

e Comprehende esta freguezia os logares de Verdeal, Mestre, Vallinho, Souto (todos agglomerados). Isolados são 80 e entre estes os principaes Bargiella, Loubresinho e Bouça.

f Comprehende esta freguezia os logares de Cano, Santa Luzia, Madre de Deus, Pegadas, Cruz, Pedreira, Bornarias, Bons-ares, Arcela, Azureis, e diversos casaes e habitações isoladas.

g Comprehende esta freguezia os logares de Portella, Cobinho, Casa Nova, Assento, Cruzes, Granja, Outeirinho, Carreira, Botoca, Eirado, Quintã, Ruivos, Requiano, Rio de Paos, Vendas, Quintas, Barreiro, Soutello.

h Comprehende esta freguezia os logares de Barco, S. Martinho, Torre, Caminho.

i Comprehende esta freguezia os logares de Sant'Anna, Paraiso, Eira Velha, Telhadas, Aredes, Devesinha, Egrejas, Peto, Casqueira, Burralhas, Chamusca, Carcavellos, Travessas, Casas Velhas, Portella, Saa, Mate de Mil, Outeiro, Outeiro de Baixo, Lomba, Custeira, Supasso, Ruella, Serigal, Serigal de Cima, Agras, Souto, Passo, Covas, Passos, Fontes.

j Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Regos, Villa Chã, Real, Ribeira, Moinhos, Linhares, Bouça da Lage, e diversos casaes.

k Comprehende esta freguezia os logares de Agrella, Ventuzella, Matta, Requeixo, Devezas, Egreja, e diversos casaes.

l Comprehende esta freguezia os logares de Brito, Assento, Quintas, Cavanellas, Traz-carreira, Carvalho, Ribeirinho, Montinho, Villa Meam, Carreiras, Couto, Lage, Valdante, Cruz, Ribeira, Penedinho, Chouzas, Lameira, Castello, Casas Novas, Outeiro, Sequito, Ponte, Patos, Bouça, Carvalheira, e diversos casaes.

m Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Outeiro, Soutinho, Lameira, Prado, Moinhos, Casas do Senhor, Zenha, Calçada, Monte, Barrocas, Villar, Paço de Villar, S. Romão, Armador, Ribeirinha, Portellas, Portosello, Voca, Cascalheira, Poço Quente, Ponte, Vinha, Souto, Mourisco, Taipa, Cortinha, Formigosa, S. Paulo, Bairro, Quintã, Agrellos, Ribeiro, Portelladinha, Barreira.

n Comprehende esta freguezia os logares de Lameira, Santa Susana, Pedra Longa, Teixugueiras, Fermil, Lagoas, Estalagem, Subcarreira, Montezinhos, Arrechã, Nelmenso, Matto, e a Aldeia das Caldas de Vizella, e diversos casaes e habitações isoladas

o Comprehende esta freguezia os logares de Taipa, Assento, Seara, Carregal, Além, Taipa de Baixo, Taipa de Cima, Piairo, Couto, Canhote, Lameira, Pinhel, Sequeiro, Largatal, Penedo, Sub-Rego, Rabata, Melre, Quintão, Faisca, Souto.

p Comprehende esta freguezia os logares de Cima de Eiriz, Uffe, Monelhe, Themande, Outeiro, Pia, Balteiro, Devesa, Cancella, Sizalde, Thomada, Alminhas, Venda da Serra, Agra Fonte, Souto, Mattos, Falperra, Assento, Residencia.

q Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Curteiras, Varzea, Vinha, Boa Vista, Reboto, Sernande, Teixeira, Devesa, Carramão, Ponte e Souto, Veiga, e diversos casaes.

r Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Casas Novas, Santo Amaro, Pedral.

s Comprehende esta freguezia os logares de Castellões (ou Assento), Varziellas, Outeiro, Villar de Cima, Villar de Baixo, Figueira, Paço, Thurio, Espinho, Veiga, e diversos casaes.

t Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Estrumonde, Villa Meã, Carreira, Costa, Presa, Cancella, Bostello, Bairro, Arco, Torre, Santa Luzia.

u Comprehende esta freguezia os logares de Cartas, Ribas, Assento, Boncelhas, Pacinhos, Tarrios, Souto Novo, Riberas, Souto das Ribas, Carreiras, Campos, Sobreiras, e diversos casaes.

v Comprehende esta freguezia os logares da Costa, Mosteiro, Cantonha, Villar, S. Mamede, S. Roque, Montinho, Alvim, Lagem, Pinheiro, Mattos, Rio, Asenha, Lagares, Gampilães, Pé de Cano, Morgareira, (ou Margaride, Pontos, Berredos, Bessadas, Sob-Costa, e diversas habitações isoladas.

x Comprehende esta freguezia os logares de Cruz da Pedra, Madrôa, Traz-Gaia, Estrada Nova, Casas Terreas, S. Lazaro, Pombaes, Ribeira, Souto dos Mortos, Miradouro, Arrufina, Fabrica, Pisca, Rio de Celho, Salgueiral, Tranquilhos; os casaes de Pombas, Lameiras, Salgueiral, Laços, Robalo, Moncos, Honras, Dardos, Pinheiro, Codeceira, Athonguia, Carrazeda, Assento, Torres, Ponte Rabiços, Porcariça, e diversas quintas com habitações.

y Comprehende esta freguezia os logares de Donim, Assento, Torno, Outeiro, Cima de Villa, Quintã, Requeixo, Forcada, Lamas, Freixieiro, Eirado, Carreira, Ruella, Passo, Carvalhal, Fonte Quente, Pedreira, Deveza, Agrello, Residencia.

z Comprehende esta freguezia os logares da Conceição, Trandes, Ribeirinha, Calçada, Coradeiras, Loje, Lemos, Celho, e diversos logarejos e casaes.

aa Comprehende esta freguezia os logares de Gandarella, Combro, Carvalho, Casa Nova, Covellas, Quintã, Chafariz, Boquinha, Casal do Monte, Agras, Agordigo, Passo Meão, e diversos casaes.

bb Comprehende esta freguezia os logares de Cruz, Casas Novas, Badoncos, Quinta de Cima, Quinta de Baixo, Valle, Ribeiro, Galhufe, Pae Villão, Novello, Miranda, Cerquedo, Picoto, Regneiros, Passo Pequeno, Passo Grande, Valverde, Chãos, Soutos, Venda da Costa, Costa, Portellinhas, Carim, Casal de Estevão, Eirigo, Venda Verde, Sede, Bairro, Logarinho, Monte de Bairro, Assento, Residencia.

cc Comprehende esta freguezia os logares de Gominhães, Egreja, Gateira, Bom Despacho, Cerca, Canadas, e diversos casaes.

dd Comprehende esta fregnezia os logares de Gonça, Assento, Costa, Chá, Villarinho, Passos ou Real, Bacello, Fun'de-villa, Agrello, Fontella, Silva, Portella, Carvalhal, Venda, e diversos casaes.

ee Comprehende esta fregnezia os logares da Egreja ou Assento, Gondar, Tojal, Lamas, Emboladoira, Ponte de Cervas, Sueiro, Outeiro, Moinhos, Gonceiro, Lage, Cedofeita.

ff Comprehende esta freguezia os logares da Egreja ou Assento, Lage, Paço, Cabo, Barroso, Ajude, Vide-Velha, Jogo, Sabugueiro, Silva, Lages, Requião, Boa Vista, Moinhos, e diversos casaes.

gg Comprehende esta freguezia os logares de Guardizella, Penso, Monte, Deveza, Torres, Valles, Santa Luzia, Monte de Baixo, Soutinho da Estrada, Souto d'Alem, Torres de Baixo, Costeira, Cabo, Pereiros, S. Bento, e diversos casaes.

hh Comprehende, alem de diversas ruas e viellas da cidade, os sitios de Trabaços, Porta de Santa Barbara, Bringel, Cerca de Santa Cruz, Paraizo, Seara, Cedofeita, Canto, Roma, Sardoal, Quinta, Olival, Priorado, Postigo da Guia, Ourado do Forno, Lamellas, Laranjaes, Val de Donas, Campo Longo, Leiras, Castanheiro, Fraga, Fonte do Abbade, Moinhos, Cemiterio, Farrapo (vulgo Margarida).

ii Comprehende, alem de diversas ruas e viellas da cidade, os sitios de Torre Velha, Triumpho, Porta da Villa, Entre os Regatos, e as quintas do Preposto, do Gaiteiro, do Bem-lhe-vae, da Feijoeira.

jj Comprehende, além de diversas ruas e viellas da cidade, os sitios de Ponte, Arquinha, Olival, Villa Verde, Capuchas, Campo de Cima, Campo de Baixo, Cancella, Carvalhas, Quintal.

kk Comprehende esta freguezia os logares de Renda, Assento, Boa Vista, Crujeiras, Bom Viver, Fervença, Ba[illegible]eiro, Roferta, Fojo, Cabreira, Vinha, Passo, Casas Novas, Santinho, Temporeira, Retortinho, Retorta, Servissarta, Balloral ou Bai-larda, Bonça, Sebello, Santa Sara, Boucinhas, Souto do Casal, Pinheiral, Freixieiro, Redolho, Quinhões, Sardoal, Deveza, Quinteiros, Eidos, Arieiro, Ferraz, Porta, Castanheira, Outeiro, Ponzadouro, Carreiro, Levada, Casal, Forte Passo, Ribeira, Souto, Leira, Outeirinho, Fonte, Residencia.

ll Comprehende esta fregnezia os logares de Assento, Cruzeiro, Venda Nova, Velledos, Outeiro, Attim, Pombal, Bouças, Carvalhal, Pé do Monte, Carvalhoza, Pregniça, Guilhufe, Outeirinho, Carreira, Boidalvo, Termo, Bairro, Pias, Deveza, Cachada, Pena, Passos, Casas, Quintaes, Lavandeiras, Caniço, Pisão, Redondo, e diversos casaes.

mm Comprehende esta fregnezia os logares de S. Cosme, Covas, Loberas, Cachos, S. Martinho, Lombrezido, Soutos, Abrantes, Quintal, Foutes, Corredoura de Dentro, Engenho, Boa Vista, Assento.

nn Comprehende esta fregnezia os logares da Santa Christina de Longos, Deveza, Outeiro de Oleiros, Entre as Agnas, Pedras, Outeiro da Cheira, Pedraes, Oleiros, Esmorins, Sobrados, Val Pecegueiro, Bonças, Focjo, Loureiro, Bonça de Cabreiros, Ribeirinho, Grijo, S. Martinho, Perleirinhos, Bergadellas, Ruellas, e a casa e cerca no sitio da Lalperra.

oo Comprehende esta freguezia os logares da Egreja, Rua Nova, Lordello, Athainde, Monte, Lobarim, Paço, Pinheiro, Ribeiro, Varziella, Outeiro, S. João de Calvos, Portella, Formiga, Codeçal, Mide, Carreiro, Seara, Paço d'Alem, Gamde, Ponte de Negrellos, e diversos casaes.

pp Comprehende esta freguezia os logares de Santo Amaro, Leça, Boucinha, Bugalhos, Assento, Bufo, Peixoto, e diversos casaes.

qq Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Cruz da Argola, Encados, Arieiro, Fofe de Cima, Passó, Serviães, Ribeira, Covellas, Adeganha, Aldai e Pousada.

rr Comprehende esta freguezia os logares de Egreja, Aneide, Megide e Sapateiro, Azenhas, Aviascos, Barreiro, Silvares, Moinhos, Nogueira, Outeirinho, Pulo, Lamella, Marvilla, Ponte de Negrellos, Arco, Pereiras, Fonte Boa, e diversos casaes.

ss Comprehende esta fregnezia os logares de Nespereira, Arrochella, Alto, Soutinho, Oveiras, Arronso, Martim, Longras, Arco, Outeiro, Tarrio, Covello, Noval, Lamellas, Moreiro, Moinhos, Valinha, Estrada Nova, Ponte, Magdalena, Calçada, Pousadouro, Devezinha, Barreiro, Bairro, Cachada, Outeirinho, Casas Novas, Portas, Sezim, Presa, Cerca, Bellacosa, Bouças, Beira, Pinheiro, Paço, Quintãs, Bonca, Porta, Herdade, Alvarinho, Casal Novo, Casa Nova, Moreiro.

tt Comprehende esta fregnezia os logares de Outeiro, Boavista, Souto, Fun'devilla, e os casaes de Ladoso, Portellinha, Varziella, Reguengo, Agrellos.

uu Comprehende esta freguezia os logares de Bonça, Villar, Estercado, Reguengo, Tapadinho, Mourão, Apertados, Casas Novas, Vinha Velha, Vinha Chã, Monte, Residencia, Moinhos de Galtar, Moinhos de Covas, Moinhos do Carvalhal, e diversos casaes.

vv Comprehende esta freguezia os logares do Salvador do Pinheiro, Penedos Altos, Estremadouro, Linhares, Arrifana, Alens, Areas, Altares, Carreira, Sontellos, Brence.

xx Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Ferreiros, Berreia, Vinha, Barroco, Boavista, Trigaes, Herdade, Taipa, Taipa de Cima, Fafião, Eira, Aldeia, Valinha, Ribeiro da Ponte, Barroca, Cruz, Carvalhos, Pinheirinho, Improuas (?), Cerca da Quinta, e diversos casaes.

yy Comprehende este fregnezia os logares de Carreira, Capella de S. Caetano, Boa Vista, Souto, Peuve, Deveza, Boucinha, Povoa, Vendas, Fonte Cova, Sangemil, e diversos casaes.

zz Comprehende esta fregnezia os logares de Assento ou Egreja, Burgo de Baixo, Valles, Outeiro de Baixo, Corvaceira, Reboreda, Carvalhal, Formal, Ribas, Zenha, Eido Novo, Burgo de Cima, Pedraide, Eira Velha, Reguengo, Motta, Segude, Telhado, Redondello, Souto da Roda, Veiga, Lameiro, Pouzade, Bonça, Beiriz, Casa Nova, Vallinhas, Lage, Ermeiro, Outeiro de Cima, Cima de Villa, Subida, Burrado.

aaa Comprehende esta fregnezia os logares de Safara, Bordoa, Santinça, Varziella, Casas Novas, Matta, Gomirão, Almoinha, Cabo, Pombal, Arruellas, Penella, Calçada, Lavandeira e Pouzada.

bbb Comprehende esta freguezia os logares de Sabrigosa, Villarinho, Quintans, Via Cova, Outeiro, Assento, Casal, Sabarigo, Santa Martha, Casas Novas, Gandra, Villa Nova, e diversos casaes.

ccc Comprehende esta fregnezia os logares de Assento, Olival, Soutinho, Formão, Souto, Quintella, Oleiros, Peça, Lourinha, Barroca, Pole, Ferreiro, Venda, Chozende, Varzea, Monte, Covello, Repiade, Requeixo, Casa Nova, Mezão Frio, Onca, Pedroso, e diversos casaes.

ddd Comprehende esta freguezia os logares de Assento e Outinho.

eee Comprehende esta fregnezia os logares da Egreja, Burgo, Estrada, Cancella, Sobreiros, Correllos, Rechã, Logar de Cima, Eira e Rio, Senhora da Lapa, Casal ferreiro, Carreira, Barreiras, Agro-longo, Eido, Boncinho, Fornos, Casal Novo, Bouça do Cabo, Cancella da Veiga.

fff Comprehende esta freguezia os logares de Pontes, Gaias, Ribeira, Rocha, Alvite, Antigas, Assento, Bacello, Botica, Bouça, Burgão, Cachadinha, Campo, Carreira, Chamusca, Cimo de Villa, Cotoluda, Couto, Convido, Escampados, Fojo, Le-

vadas, Paço, Pedras, Pedreira, Pedregulhaes, Pereiras, Quatro Irmãos, Reguengas, Ribeira d'Além, Rocha de Cima, Sever, Soutinho, Souto, Tarrio, Taburno, Villarinho, e diversos casaes.

ggg Comprehende esta freguezia os logares de Souto, Tojeira, Boucinha, Aldeia, Assento, e diversos casaes.

hhh Comprehende esta freguezia os logares de Villar de Athão, Cachada, Corredoura, Mosteiro, Batoca, Corgo, Campello, Casa Nova, Foral, Carvalhos, Vinhas, Couto, Cruz da Galharda, Sorte de Fora, Bomguedo, Matta, Montinho, Pombal de Cima, Pinhó, Ordem, Marco, Bouça, Fontella, Costeira, Vinha, Cortinhos, Quebrada, Tomada, Pias, Barroco, Regadas, Moinhos, Agra d'Além, Pouzada, Rozende, Segade, Costa de Segade, S. João de Segade, Cachouzende, Mogege, Boa Vista, Assento de Baixo, Cancellas, Pinhô, Deveza, Ribeira, Cima Segade, e diversos casaes.

iii Comprehende esta freguezia os logares de Adro, Coura (ou Cenra), Boa Vista, Varzea Cova, Outeiro Levado, Levandeira, Campinho, e diversos casaes.

jjj Comprehende esta freguezia os logares de Pevidem, Ponte do Campo, Vinha, Reis, Crasto, Ponte da Mansa, Venda, Ribeiro do Bairro, Moura, Barreiro, e diversos casaes.

kkk Comprehende esta freguezia os logares de Ponte, Bouça, Ribeira, Tapada, Louredo, Ermo, e diversos casaes.

lll Comprehende esta freguezia os logares de Mosteiro, Carreiras, Passos, Paço de Cima, Fonte da Sêsta, Cova de Cima, Paço, Chamuzinhos, S. Miguel, Crasto, Vinha de Portella, Eirinhaes, Portellinha, Nisca, Calvos, Tapada, S. Fins, Cerdeiro, Cova de Baixo, Eirinha, Sneiro, e diversos casaes.

mmm Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Arcozello, Arco, Cabo de Villa, Bouças de Arco, Eiris, Cima de Villa, Lage, Deveza, Oleiros, Contada, Bouça, Quintães, Custeiras, Outeiro, Campos, Penedo, Casaes, Xisto, Salgueirinhos, S. Romão, Boucinhas, Ribeiro Novo, Ribeiro Velho, Segoiva, Nogueira, Cruz, Residencia.

nnn Comprehende esta freguezia os logares de Sinaes, Cazella, Costa, Cendello, Torre, Requião, Ardão, Crujeiro, Lage, Gandra, Murça, Soalheiro, Mouril, Destro, Agrellas, Assento, Formigosa.

ooo Comprehende esta freguezia os logares de Ramos, Breia, Soutellinho, Egreja, Fojo, Samócas, Pena, Cruzeiro, Barroco, Fonte, Outeiro, Forno, Torres, Casas Novas, Paços, Boucinho, Boucinha, Outeiros, Carvalho, Jogo, Barreiro, Santos, Loges, Penella. Quinta, Penedinho, Bouça, e diversos casaes.

ppp Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Agras, Casinhas, Fontes, Pencelo, Falcão, S. Pedro, Almuinha, Deveza, Cruz, Covo, Vinha, e diversos casaes.

qqq Comprehende esta freguezia, além do logar de Assento, diversos casaes.

rrr Comprehende esta freguezia os logares de Assento, Souto da Cruz, Paredes, Torre, Monte, Bacello, Porta, Povoa, Arriconha, Boco, Peninhas, Nazido, Deveza.

sss Comprehende esta freguezia os logares de Santo Estevão de Urgezes, Assento, Remedios, Covas, Bocanegra, Aldeias, Arquinho, Caldeirôa, Villa Flôr, Fonte Santa, Paços, Rollas, Pombal, Preza, Paredes, Villa Chã, Carreira, Lages, Monte.

ttt Comprehende esta freguezia os logares de Portella, Monte, Boucinho, Assento, Cachada, Couços, Barreiros, Covilhã, Pombal, Labruja, Rapuçada, Souto, Carreira Nova, Gabim, Lamas, Geliellas, Vinha Velha, Jogo, Aldeia, Picoto, Boa Vista, Cima de Villa, Souto, Quintães, Paço, Residencia, e diversos casaes.

uuu Comprehende esta freguezia os logares de S. Faustino de Vizella, Tomada, Pinheirinho, Safra, Pedreira, Balborreiro, Lamatide, Supaço, e diversos casaes.

vvv Comprehende esta freguezia os logares do Cruzeiro, Barreiro, Monte, Penso, Deveza, Sá, Carral, Villa Nova, Sucarreira, Vinho, Restello, Barroco, Carradella, e diversos casaes.

INDICE DOS CAPITULOS

	PAG.
Introducção	1 a XVI
Melgaço	3
Monsão	41
Valença	77
Paredes de Coura	121
Villa Nova da Cerveira	143
Caminha	163
Vianna do Castello	203
Ponte de Lima	249
Arcos de Valle de Vez	289
Ponte da Barca	353
Villa Verde	385
Amares	419
Terras de Bouro	449
Vieira	481
Povoa de Lanhoso	497
Cabeceiras de Basto	525
Celorico de Basto	549
Fafe	565
Guimarães	585

INDICE DAS GRAVURAS

MELGAÇO

	PAG.
Uma choça em Castro Laboreiro	3
Tamancos de Melgaço	6
Egreja de Fiães	7
Ruinas do mosteiro de Fiães	9
Leito de Castro Laboreiro	16
Melgaço	17
Tamancos de Castro Laboreiro	20
Castello de Castro Laboreiro	25
Ponte de S. Gregorio	32
Brazão	38

MONSÃO

Janella da casa de Deu-la-Deu	41
Rio Gadanha	44
Torre de Lapella	48
Monumento a Deu-la-Deu	49
O homem de Trute	52
Monsão (vista geral)	57
Palacio da Berjoeira	64
Cruzeiro em Monsão	68
A «Santa Coca»	69
Brazão	73

VALENÇA

Paysagem	77
Pelourinho do Couto de Verdoejo	81
Capitel da egreja de S. Fins	85
Valença (vista tirada da margem direita do Minho)	89
Valença (vista tirada da margem esquerda do Minho)	93
Capella da Senhora do Faro	96
Moeda romana	97
Agrupações graniticas na Forna	101
Castello da Forna	105
Cadeira episcopal da egreja de Santo Estevão	109
Marco romano	112
Ponte de S. Pedro da Torre	113
Moedas romanas encontradas em Grove	116
Brazão	117

PAREDES DE COURA

	PAG.
Uma beçada	121
Carro de bois usado no Alto Minho	124
Vista geral	129
Espigueiro ou canico	132
Medas de palha milha	136

VILLA NOVA DA CERVEIRA

Paysagem	143
Pelourinho	145
Vista geral	153
Rapariga espadellando	157
Brazão	160

CAMINHA

O Minho em frente de Caminha	163
Machado prehistorico	168
Caminha (vista geral)	169
Entrada da ponte velha	173
A matriz	177
O S. Christovão	181
Praça municipal	184
Praia d'Ancora	188
Dolmen da Barrosa	189
A Insua	193
Brazão	201

VIANNA

Egreja da Senhora da Agonia	203
Ponte de Affife	205
Jardim publico	209
Praça da Rainha	217
Estatua Callaica	221
A Estação	224
A Ponte	233
Camponeza dos arredores de Vianna	236
Rendas	239 e 240
Brazão	246

PONTE DE LIMA

Aspecto da ponte em 1780	249
Victorino das Donas	256
Mosteiro de Refoyos	261
Ponte de Lima	265
Cruzeiro de Refoyos	272
A «vacca das cordas»	273
...O terrivel habitante das montanhas do Minho	281
Brazão	285

ARCOS DE VALLE DE VEZ

	PAG.
Entrada do Sanctuario da Peneda	289
Chuva de neve na serra do Extremo	297
Pelourinho dos Arcos	300
Sistello	305
Arcos de Valle de Vez (vista geral)	313
Villa Fonche	316
Casotas para o gado no Soajo	320
Paço de Giella	321
Sanctuario da Peneda	325
«... essa formosa e alcantilada paysagem	328
Pelourinho do Soajo	332
Soajo (vista geral)	337
Dolmen do Mezio	341
Margens do Rio Vez	344
Brazão	348

PONTE DA BARCA

Confluencia do Fraguedo com o Lima	353
Cruz offerecida por el-rei D. Manuel	355
Columnata da egreja de Bravães	359
Capitel da egreja de Bravães	359
Castello de Lindoso	361
Pelourinho da Barca	364
Ponte da Barca (vista geral)	369
Queimada na serra da Amarella	373
Brazão	380

VILLA VERDE

Campo do Allivio	385
Vista geral	393
Espadelladouro	396
Espadella	396
Lagarêta	401
Ponte dos Corvos	405
Ponte do Prado	409
Infusa da Prado	414

AMARES

Arco de festa	419
Pelourinho	421
Vista geral	425
Barco do Bico	433
Cadeira abbacial do convento de Santa Maria de Bouro	437
Sanctuario da Abbadia	441

TERRAS DE BOURO

Uma azenha do rio Homem	449
Sequeirós (séde do concelho)	457
Cabras do Gerez	461
Caldas do Gerez	465

	PAG.
Ponte de S. João do Campo	473
Cruzeiro de S. João do Campo	477

VIEIRA

Paysagem	481
Ponte de Mizarella	485
Brancelhe (séde do concelho)	489
Um amortalhado	493

POVOA DE LANHOSO

Maria da Fonte (allegoria)	497
Pelourinho	501
Vista geral	505
Castello	509
Avenida do Pilar	513
Sanctuario da Senhora do Pilar	517
Brazão	521

CABECEIRAS DE BASTO

Allegoria	525
Ceramica romana	529
Refoyos (séde do concelho)	537
Hospedaria do Arco	541

CELORICO DE BASTO

Castello	549
Freixieiro (séde do concelho)	553
Mendigo	557
Tear	561

FAFE

Encosta de Antime	565
Fafe	569
S. Martinho de Silvares	573
Capella de Santo Ovidio	577
Via-sacra de Arões	580

GUIMARÃES

Castello	585
Egreja da Oliveira	593
Casa da Camara	597
Vista geral	601
Praça do Toural	609
Imagem de S. Torquato	612
Egreja de S. Torquato	613
Citania de Briteiros (*Pedra formosa*)	617
Caldas das Taipas (Ponte velha)	625
» » » (Penedo da Moura)	628
» » » (Capella)	632
Vizella (Ponte velha)	637
» (Cascalheira)	645
Ponte de Caneiros	641
Brazão de Guimarães	653

INDICE DOS MAPPAS E CHROMOS

Mappa geologico da provincia do Minho	Na *Introducção*.
Mappa dos rios, montanhas e terrenos incultos	Na *Introducção*.
Mappa xilographico	Na *Introducção*.
Mappa do districto de Vianna	382
1.º Chromo (concelhos dos Arcos, Melgaço e Monsão)	288
2.º Chromo (concelhos de Valença, Coura e Cerveira)	480

10-81-140[illegible]

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2661

A. M. PEREIRA
LISBOA
EDITOR